

J. MARQUESI

Segredo obscuro

SÉRIE
FAMÍLIA VILLAZZA • LIVRO 3

Dea
editora



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © J. MARQUESI
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Edição: Patrícia K. Azevedo

Assistente de Produção: Larissa Araújo

Revisão: Milena Assis

Capa: Mia Klein

Imagem: www.shutterstock.com/717004249

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência. Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

*Dedico a minha família que é
a base de tudo.*

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Parte II](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Obrigada a Deus, sempre!

Ao meu marido e minha filha, por entenderem as horas que passo dedicada a esse sonho que é escrever, obrigada pelo apoio e me perdoem pela falta de tempo.

À minha amiga linda e maravilhosa, paciente e incentivadora, Léia Campos, por ouvir cada palavra (são muitas) que falei diariamente em seus ouvidos sobre esse livro e, mais uma vez, peço desculpas por te ter dado spoiler antes da hora, meu imenso obrigada.

A Ana Cecília Nunes, por ter me autorizado a usar o nome da Família Parker nessa obra. Obrigada, Anni! Conheçam os livros dela no Wattpad, gente!

A Becca Diaz pela revisão no italiano

novamente! Grazie, bella!

Obrigada a todas as blogueiras que abriram as portas para a Família Villazza e que me ajudam e apoiam a apresentá-la aos leitores.

Aos meus amados leitores do Wattpad, que acompanharam essa história, deram-me dicas, criaram memes e apelidos para os personagens, matando-me de rir a cada comentário, obrigada, pessoas!

E a você, leitor, que acompanhou todos os livros dessa série e que está prestes a conhecer a caçula dessa família, meus sinceros agradecimentos. De antemão já lhes aviso: ela é completamente diferente dos outros dois irmãos.

Ansiosos para desvendar os segredos que rodeia essa família tão contagiante?

Boa leitura!

PERIGOSAS NACIONAIS

J. Marquesi

#GratidãoSempre

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Minha cabeça dói, assim como minha face.

Eu tento abrir os olhos, mas tudo o que vejo são trevas. Não escuto nada, sinto frio, fome e sede. Meu cérebro envia estímulos aos meus músculos para que eles se mexam, mas não posso, não consigo movimentar um só membro.

Meu coração dispara, e, aos poucos, flashes do que aconteceu começam a passar pela minha mente. Não! Não pode ser verdade!

Eu quero gritar. No entanto, não consigo. Meu desespero faz com que meu coração retumbe e um suor frio cubra minha pele. Estou paralisada, pois há algo que me prende.

Sinto o medo tomar conta de mim, e lágrimas começam a ser derramadas por meu rosto. Estou confusa, perdida e simplesmente não entendo

PERIGOSAS NACIONAIS

o que aconteceu e como vim parar aqui.

Eu me lembro apenas de que acordei animada, era sábado e eu tinha um compromisso que me enchia de alegria. A manhã foi perfeita, nunca me senti tão feliz!

Preparei a cesta de piquenique, coloquei-a na mala do carro, arrumei os itens de segurança e me despedi da minha família. No carro, durante o percurso que não era longo, eu estava ouvindo música, e nós cantávamos juntas... Oh, meu Deus!

Meu corpo parece que despertar com essa lembrança, e eu tiro forças de dentro de mim e começo a me remexer sem parar. Agora eu sei que estou amarrada com cordas em meus punhos e pés. Sinto a aspereza do material roçar a minha pele enquanto tento me livrar das amarras.

Eu tenho de sair daqui!

Tento gritar mais uma vez por socorro, mas o som que emito é apenas um murmúrio, pois há algo

PERIGOSAS ACHERON

em minha boca. Uma mordada!

Começo a chorar em desespero, preocupada com o que possa acontecer, não comigo, mas com ela. Eu a amo, ela é minha vida!

Não sou muito de rezar e, às vezes, até questiono a existência de Deus, mas não há nada que eu possa fazer além de recorrer a um milagre. Fecho os olhos na escuridão, com força e faço uma oração fervorosa:

Proteja-a! Leve a mim, mas a mantenha protegida! Eu não me importo com o que acontecer comigo, não mesmo. Mas não permita que façam mal a ela, eu não poderia suportar... Deus, eu imploro! Se for possível, eu ofereço minha vida, mas proteja-a... por favor!

Eu repito essa oração tantas e tantas vezes, desesperada.

Quero entender como isso aconteceu, mas tudo o que eu me lembro é de estar parada em um

PERIGOSAS ACHERON

sinal de trânsito, ainda cantando com ela.

Nós fomos sequestradas! Deus!

Repito mais uma vez a oração, mas, dessa vez, sem lágrimas. Não consigo mais chorar. Estou com muita sede e fome. Sinto meu corpo mole, minha mente divaga, perde-se e eu me esforço a voltar a raciocinar. Não quero apagar, não quero dormir.

Concentro-me para me lembrar de mais coisas, mas sinto uma dor muito forte na cabeça, além da fraqueza e da desidratação. Entretanto, obrigo-me a continuar desperta, pois o medo de nunca mais vê-la me consome e, ao mesmo tempo, me mantém.

Abro os olhos e choro mais uma vez. Meu corpo não resistiu, e eu acabei desmaiando. Meus

braços doem, sinto-os formigarem. Não sei há quanto tempo estou aqui, nem por quanto fiquei apagada.

Penso nela de novo, em desespero.

De repente, uma luz invade o breu, e eu fico momentaneamente cega. Sinto dois pares de mãos em mim, levantando-me do chão e me colocando sentada numa cadeira.

Quero abrir os olhos, mas a claridade não deixa. Sinto meus cabelos sendo puxados para trás, e minha face é virada para cima.

— Bem, bem... — escuto uma voz que faz todo o meu corpo se arrepiar. — Vocês pegaram pesado com ela. — Um dedo aperta o lado esquerdo da minha face, que dói muito. — Nem parece mais a mesma...

Abro os olhos apenas para confirmar o que meus ouvidos já descobriram. Sim, é ele!

Quero gritar e perguntar por ela. Porém,
PERIGOSAS ACHERON

ainda estou amordaçada e só emito sons grotescos. Começo a me agitar, tentando me livrar das amarras, e ele apenas ri.

— Você foi um peão esplêndido! — Cruza os braços sobre o peito. — Não... não! Definitivamente, você foi mais do que um peão... — Pega no meu queixo e me faz encará-lo.

Seu rosto lindo, que um dia eu já admirei, exibe uma expressão sarcástica. Por algum tempo, eu suspirei por ele sem admitir que o desejava, porque, para mim, uma relação entre nós seria um desastre.

Todavia, então, algo aconteceu entre nós, e ele me fez sentir a maior dor que eu poderia ter experimentado na vida. Ele me tirou o chão, destruiu tudo o que eu tinha como certo.

— Você foi uma rainha! — Ri. — Gosta disso, não é? Mas não... Você é vira-lata demais para ter esse título. — Solta-me. — Sabe, eu já

PERIGOSAS ACHERON

estava satisfeito com o que fiz a você antes. — Senta-se de frente para mim. — Já tinha tido minha revanche, sei o quanto fiz você sofrer, o quanto de sua crista eu quebrei. — Passa as mãos pelos seus cabelos e ajeita sua gravata. — Mas então parece que tudo se voltou contra mim e eu fui ao chão junto com você.

Ele faz um gesto para um dos homens encapuzados, e minha mordança é retirada. Eu grito por socorro, grito o nome dela, e ele ri.

— Pode gritar até ficar sem voz, porque ninguém vai te escutar. — Gargalha em escancarado deboche. — E a esqueça, você nunca mais irá vê-la!

Grito novamente, sentindo um punho se fechar sobre meu coração. Meu sangue gela quando imagino o que ele quer dizer com isso.

— Por favor... — imploro a ele.

Esse homem à minha frente foi o responsável

pela mudança da minha vida. Ele transformou tudo dentro de mim, fez-me seguir por um caminho que eu nunca pensara em trilhar e me fez ser outra pessoa.

— Por favor... faça o que quiser comigo, mas deixe-a...

— Cale a boca! — Ele se levanta e tira uma arma do bolso do seu terno Armani. Está sorrindo enquanto arma o cão da pistola, e eu fecho os olhos. Esse homem está louco! — Agora é a minha vez de dar o troco!

Ele encosta a arma na minha cabeça.

— Não a machuque, por favor... — imploro ainda.

Ele não me responde, e eu, por alguns momentos, não sinto nada. É como se o tempo tivesse parado. Não sinto mais fome, não sinto mais sede e nem frio. Não há sons à minha volta e nem claridade. A última imagem que vejo é a do rosto

PERIGOSAS NACIONAIS

lindo dela olhando para mim com amor brilhando nos olhos. *Deus, a proteja!*

Ouço o gatilho ser acionado e o disparo da arma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PARTE I

*Todos veem o que pareces, poucos percebem o que és.
O Príncipe. Nicolau Maquiavel, 1532.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo I

Giovanna

Fecho o registro do chuveiro apressadamente e logo vou em busca da toalha. O banheiro está aquecido e cheio do vapor do chuveiro, que embaça o espelho, impedindo-me de ver meu reflexo nele.

Seco-me o mais rapidamente possível e saio do banheiro nua, morrendo de frio, afinal, estamos no começo de junho, e a temperatura em São Paulo caiu muito. A famosa garoa parece que chegou para ficar.

Eu não gosto desse clima, pois sempre fui muito friorenta, a garoa me incomoda, assim como o trânsito dessa cidade, assim como essa cidade inteira, devo admitir.

Abro meu armário e tiro de lá um tailleur Gucci branco de tecido pesado e quente. Sento-me

PERIGOSAS ACHERON

à beirada da cama para passar creme em minhas pernas e, em seguida, visto a calcinha.

O espaço onde fica meu quarto, no mezanino do *loft* em que moro há mais de três anos, é pequeno, e eu tenho de ser muito organizada com as coisas, principalmente pela praticidade de saber onde achá-las, uma vez que passo menos de seis horas dentro deste lugar.

Visto minha roupa e escovo meus cabelos, parando em frente ao espelho apenas para passar um batom e uma máscara de cílios, pois são os dois itens da maquiagem que eu não consigo manipular ao volante. Sim! Eu aproveito o trânsito infernal para me maquiar. Detesto perder tempo, pois minhas horas são todas planejadas e cronometradas para o trabalho.

Desço as escadas, pego minha bolsa e as chaves do carro antes de trancar o apartamento e chamar o elevador. Meus pés batem no chão com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espera de trinta segundos até que ele chegue ao meu andar.

Entro, torcendo para que nenhum outro morador decida sair ao mesmo tempo em que eu, pois, além de detestar perder tempo, eu também odeio pessoas que puxam assunto comigo sem ao menos me conhecer. Não estou aqui para fazer amiguinhos nem interagir com outros moradores. Foda-se a política da boa vizinhança!

Passo pela portaria sem retribuir, como sempre, o cumprimento de bom-dia do porteiro — cujo nome eu nunca guardei — e sigo direto para a garagem do prédio.

Ao me mudar para São Paulo, sabendo de todos os problemas da cidade, principalmente no quesito segurança, eu contratei um motorista, mas, depois de cinco meses aguentando a lenga-lenga do homem, irritei-me e o dispensei. Desde então, eu mesma dirijo meu carro.

PERIGOSAS ACHERON

É prático? Não. Contudo, pelo menos vou sozinha, sigo pela rota que bem entender e dirijo do meu jeito — furando sinais se preciso e acelerando fundo caso necessário — sem me preocupar com ninguém questionando os pontos em que poderia perder em sua carteira.

Desarmo o alarme do meu carro, um SUV Mercedes-Benz GLS blindado, e saio do prédio em direção ao meu escritório, na Agência Ello de publicidade, onde, além de sócia, sou diretora geral de criação.

Eu escolhi morar em Itaim Bibi, porque, além da proximidade com a agência, que fica no Jardim das Acácias, é um ótimo bairro, próximo de tudo o que há de melhor em São Paulo.

O trajeto de aproximadamente nove quilômetros deveria ser feito em menos de vinte minutos, mas é São Paulo, ora! Eu fungo, parando na saída do Túnel Jânio Quadros, como sempre

PERIGOSAS ACHERON

acontece neste horário.

Já sabendo que irei ficar presa no congestionamento, aproveito para terminar minha maquiagem. Ando um pouquinho com o carro — passo pó translúcido —, ando mais um pouquinho — uso um *bronzer* para fazer contornos —, mais um pedacinho — blush — e, finalmente, o trânsito começa a fluir melhor. Quase terminei minha maquiagem do dia, faltou apenas um iluminador abaixo dos olhos, mas esse detalhe pode ser acrescentado assim que eu entrar na garagem do prédio.

Dou uma olhada no retrovisor. Dois enormes olhos azuis me miram de volta, e eu dou uma piscadinha, rindo, voltando a prestar atenção ao trânsito. Passo atrás do Shopping Cidade Jardim e faço uma anotação mental de mandar a Fabi até a Dior para buscar a bolsa nova que encomendei.

Chego à agência no 15º andar de um prédio

PERIGOSAS ACHERON

comercial e, assim que entro na recepção, cumprimento Dora com um aceno de cabeça, abrindo as portas duplas de vidro que levam até o grande salão onde dezenas de estações de trabalho estão dispostas.

Passo pelo corredor no meio e observo que alguns colaboradores já se encontram no recinto, trabalhando. Confiro as horas; ainda não são 7h da manhã. Sorrio, gostando do empenho deles.

Minha sala é na terceira porta ao final do corredor. Abro-a, notando que as persianas que protegem minha privacidade dos demais, uma vez que todas as paredes são de vidro, já se encontram abertas. Sorrio.

— Fabi! — Entro na sala, encontrando minha assistente borrifando água em minhas orquídeas. — Espero boas notícias hoje! — digo animada.

Ela sorri.

— Com certeza teremos, Gio! — Eu permiti

à minha equipe que me chamasse pelo apelido, pois me sinto muito velha sendo chamada de *senhora* — ou mesmo *senhorita* — *Andretti*.

Você deve estar se perguntando: *Andretti? Mas essa não é a Giovanna Villazza?* Sim, sou eu, mas preferi, profissionalmente, não adotar o sobrenome famoso da família do meu pai, por isso, uso o da minha mãe, que, embora seja muito tradicional e nobre na Itália, dificilmente aqui no Brasil as pessoas o ligam ao outro. Então, o nome na porta da sala, no cartão de visitas e nas aprovações finais de cada campanha desenvolvida pela minha equipe é Giovanna M. Andretti.

Sento na minha cadeira de couro branco e ligo o iMac.

— Sabe a que horas sai o resultado da concorrência? — pergunto para Fabi, que ainda está regando as plantas.

— Teremos o resultado antes do almoço, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não se preocupe com isso, pois já acionei a notificação para o e-mail deles. — Assinto. — Assim que chegar, eu replico para você abrir.

Sorrio com a ideia de ser a primeira a ver essa tão esperada notícia. Tamborilo os dedos sobre o tampo de vidro da mesa, animada. Nós desenvolvemos uma campanha perfeita, eu sei disso. Não há como não conseguirmos ganhar essa concorrência.

— Starbucks? — Fabi indaga. Sorrio, pensando no café, e faço um *joinha* para ela, que sai da sala.

Fabi é incrível! Eu sei que faço da vida dela um inferno, pois ela tem de chegar ao escritório antes de mim e só sai junto comigo, ou seja, passa quase 18 horas enfiada neste lugar, mas eu lhe pago o suficiente para isso. Ela é bem jovem e terá tempo de ter vida social mais tarde, quando já tiver estabilidade econômica.

PERIGOSAS ACHERON

Escuto o burburinho vindo do salão aumentar e me levanto para fechar a minha porta e começar a verificar o que minha equipe mandou para mim. É um saco, confesso! Embora eu adore o setor de criação, estou focada demais nos meus objetivos para perder tempo com trabalhos de empresas que não me importam o mínimo, mas são meios para atingir um fim.

Confiro os trabalhos que chegam. Fabi volta com um copão de café para mim.

— O Tom disse que chegará perto de meio-dia, pois tem uma reunião com um cliente. — Eu concordo, tomando café. — Mas ele me pediu para avisar que não esqueceu a reunião.

Elton Simplício é um dos meus sócios e um mago para lidar com os clientes. É um homem lindo, com quase 2m de altura, moreno, cabelo raspado — está ficando careca e tenta disfarçar — e olhos âmbar. Tem um corpo digno de um Adônis, e

PERIGOSAS ACHERON

eu nunca conheci uma só mulher que não se desmanchasse ao vê-lo. Os clientes gostam muito dele, pois tem jogo de cintura, sabe conversar, sabe traduzir o que o cliente quer mesmo antes de recebermos o *briefing*, além de ser um colírio para os olhos.

— Há uma reunião geral com a equipe daqui a alguns minutos — informa Fabi. Olho para ela, tirando meus óculos de descanso que uso para mexer no computador. — Posso confirmar sua presença?

— Com certeza. — Volto a pôr os óculos e a mexer no Illustrator, arrumando alguns detalhes do projeto gráfico enviado pelo diretor de arte, Vicente. — Nunca faltei a uma só reunião...

— Só perguntei porque supus que você iria esperar o resultado...

Suspiro.

— Fabi, você não é paga para ficar supondo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada, meu bem! — Mexo em mais um detalhe, sabendo o quanto Vicente odeia que eu faça isso. — Estarei lá às 10h em ponto. Você consegue providenciar um champanhe?

— Claro. Qual deles?

— Um Möet Chandon. — Ela emite um *ahã*. — Deixe-o no gelo, porque sinto que hoje é o dia! — Faço sinal para ela sair para me deixar trabalhar.

Ajusto um último detalhe perto das 10h da manhã e sorrio satisfeita com o resultado. Vicente reclama, diz que sou mais do que perfeccionista, que vejo defeito até onde não tem, mas eu gosto de ser assim, afinal, quem assina tudo isso sou eu!

Meu telefone celular toca, e vejo o nome da minha mãe aparecer no visor. Bufo e o silêncio, deixando-o tocar à vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não falo com ela há algumas semanas, e já deve estar puta com isso. Vi minha família no casamento do meu irmão Tony, há cinco meses e, depois disso, apenas troquei algumas mensagens com meu outro irmão, Frank, e umas palavrinhas rápidas com minha mãe.

Não tenho tempo a perder com amenidades. Eu tenho um propósito, uma obsessão e faço qualquer coisa, sacrifico tudo para conseguir o que eu quero.

Estico meu corpo, estalo meu pescoço e sorrio, recostando-me a minha cadeira.

Hoje!

Eu irei pisar no primeiro degrau hoje! Nada poderá dar errado, o conceito que entregamos estava perfeito, ninguém poderia ter feito nada melhor, eu mesma trabalhei naquele projeto, deixando de dormir para executá-lo.

Levanto-me de minha cadeira e coloco o

PERIGOSAS ACHERON

blazer do meu tailleur. Sim, é hoje... A imagem *dela* vem à minha memória. Hoje eu, enfim, vou poder fazer jus ao meu juramento.

Hoje!

— Merda! — Atiro um peso de papel no chão e ele se estilhaça.

Eu não posso acreditar que, mais uma vez, eu fracassei! A raiva toma conta do meu corpo, e eu só penso em quebrar alguma coisa, ou socar. Pego minha bolsa e saio do escritório.

No caminho, Fabi tenta falar comigo, mas eu a ignoro. Ela não grita para não chamar a atenção de ninguém, pois sabe o quanto eu odeio indiscrições e mexericos.

— Gio — diz andando rapidamente ao meu lado —, o Tom está esperando para a reunião...

— Foda-se, Fabi!

Ela funga.

— Gio, eu sei que você se empenhou muito, eu vi, mas haverá outras...

Eu paro e a encaro.

— Você não sabe nada do meu empenho — declaro com minha voz baixa para que ninguém ouça. — Não finja que me conhece, porque não é verdade! Diga ao Elton que eu fui para casa, só isso. — Ela assente visivelmente chateada. — Nos vemos amanhã.

Saio do local sem nem ao menos cumprimentar Dora.

Já dentro do carro, eu desabo. Encosto minha testa no volante e choro de raiva, de frustração, de cansaço. Eu estou esgotada física e emocionalmente.

Estou há mais de três anos vivendo nesse ritmo louco, fazendo essa agência crescer em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

números progressivos, tirando-a de uma categoria de médio porte para estar entre as dez maiores agências do Brasil. E para quê? Droga!

Eu não vim atrás de dinheiro, porque não preciso disso. Sou parte de uma das famílias mais ricas e tradicionais da Itália, sou uma das herdeiras de uma rede internacional de hotéis e, além disso, minha avó Andretti deixou uma herança exclusiva para mim e minha outra prima, as únicas *netas* — sexo feminino — da família. Definitivamente, eu não preciso de mais dinheiro!

Não estou atrás de fama, porque, somente por ser uma Villazza, já sou relativamente famosa. Eu poderia, se quisesse, ser a Paris Hilton do Brasil, mas não quero!

Minha família e amigos acham que eu vim atrás de reconhecimento profissional, que vim fazer meu próprio caminho, mas eu também não quero isso!

PERIGOSAS ACHERON

Não! Não quero nada disso!

Tudo o que quero é me aproximar, estar perto e me tornar íntima de uma família paulistana específica. Tudo o que sempre fiz foi para conseguir descobrir alguns segredos, entender algumas mentiras, principalmente, saber o porquê e fazer justiça.

Limpo o meu rosto e engulo as lágrimas. Giovanna Villazza chorava quando se sentia frustrada, mas esta mulher que me tornei, a publicitária fria, Gio Andretti, não.

Ligo o carro e saio rumo à academia onde treino MMA^[1] geralmente aos finais de semana ou quando tenho tempo.

Entro na academia procurando pelo meu treinador, que sorri ao me ver.

— Gio! — ele me cumprimenta. — Que surpresa!

— Preciso lutar um pouco, Oliva. — Ele se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anima. — Vamos treinar?

Vou até o vestiário onde mantenho um armário e pego minhas roupas e equipamentos. Durante duas horas, pego toda a minha frustração e a transformo em energia através de socos, pontapés e exercícios de solo.

Chego a casa dolorida, cansada e pronta para lutar de novo. Não vou desistir! Eu tenho dedicado minha vida a essa empreitada e não vou me render, não até ter todas as respostas.

Abro o cofre atrás do quadro e pego duas pastas de arquivos. Abro a primeira e vejo a sua foto. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Sim, apenas por *ela* eu me permito chorar, permito-me derramar todas as lágrimas que *ela* merece por tudo o que passou.

Deslizo um dedo sobre seu rosto e sinto meu coração acelerar. *Eu não vou desistir! Por você, eu nunca vou desistir.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuo a olhar objeto por objeto dentro da pasta. Isso é trabalho de anos de pesquisa, desde que descobri o que aconteceu. Eu tive sorte, na verdade, porque, quando comecei, era como buscar uma agulha em um palheiro, mas a sorte estava ao meu lado. Aos poucos e depois de muito dinheiro desembolsado, fui descobrindo nomes, endereços e conseguindo provas. Fiz meus contatos, e eles se encarregaram de me enviar cada coisinha, mesmo mínima.

Eu tenho tudo nas mãos, menos uma coisa, a mais importante: a motivação. Eu quero essa resposta. Eu poderia apenas entregar tudo o que tenho e deixar que o escândalo acabasse com a vida deles, mas eu não quero isso; antes, quero entender; depois, fazê-los pagar. E a única forma de conseguir meu intento é me aproximando deles, tornando-me íntima, fazendo-os baixarem a guarda comigo para depois esfregar tudo o que sei em suas

PERIGOSAS ACHERON

fuças.

Fecho a pasta e a devolvo à segurança do cofre. Peço comida num restaurante vegano, pois evito ao máximo comer carne e subo para o banho.

Depois do jantar, ligo a TV num canal em que está passado um noticiário, e a primeira notícia que vejo me abala.

O repórter está entrevistando ao vivo meu irmão mais velho, Frank, e eles conversam sobre a mudança da sede da Rede de hotéis Villazza, que é em Curitiba, para São Paulo.

Putá que pariu, o Frank só pode estar de sacanagem comigo! Eu não quero minha família aqui, nesta cidade, próxima a mim. E saber que ele pretende estabelecer a Rede aqui me deixa louca. Pego meu telefone e ligo para Tony, meu irmão do meio.

— Oi, sumida! — atende-me bem-humorado.
— Tenho uma novidade incrível para te contar!

Eu bufo.

— Já sei! Que merda é essa da Rede se mudar para São Paulo? Vocês ficaram malucos?

Ele gargalha.

— Bem, não era *essa* a novidade, mas já que você tocou no assunto. — Escuto a voz da Marina, esposa dele, ao fundo. — É a Gio! Sim, pode deixar. — Reviro os olhos. — Marina te mandou um abraço.

— *Tá*, ok. — Respiro fundo. — Me conta logo de quem foi essa ideia *idiota* de mudar a sede da empresa de lugar? O *babbo* já sabe?

— Claro que sim! Você sabe que esse tipo de decisão passa pelo conselho. — Merda! Não poderei recorrer ao meu pai para impedir essa loucura. — Bem, mesmo você não fazendo parte dos negócios da família — bufo novamente, porque eles sempre me jogam isso na cara, pois sou a primeira Villazza a debandar —, Frank e eu

decidimos que já é hora de irmos para São Paulo, afinal, é a maior cidade do Brasil e o coração dos negócios na América do Sul...

— Mas papai escolheu Curitiba, Tony!

— Eu sei, Gio. Eu também fico triste em deixar esta cidade que eu amo, mas temos que nos adaptar.

É, pelo jeito, não há mais nada a ser feito.

— Quando vocês pretendem se mudar?

Ele ri.

— Calma! Você é sempre tão afobada! — Ri.

— Roma não foi construída num dia só...

— Porra, Tony! Para de enrolar!

— Quando foi que você ficou com a boca tão suja? — Conversar com ele sempre é um inferno.

— Compramos uma área aí para construirmos o Convention São Paulo. — Nossa, que novidade! Eles sempre disseram que São Paulo já tinha hotéis demais desse estilo. — E o antigo Villazza de

Sampa será transformado na sede. Isso ainda vai levar algum tempo. — Eu me sinto mais tranquila ao ouvir a explicação, pois espero, sinceramente, já estar longe de São Paulo quando isso ocorrer. — Nos reunimos ontem com a Mel Boldani e acertamos os últimos detalhes dos projetos de construção e de reforma.

Traidora! Penso em Melissa Boldani, arquiteta e irmã da minha cunhada, Isabella. Nós duas fomos criadas como irmãs, e ela é minha melhor amiga, mas não abriu a boca para falar dos planos dos meus irmãos.

Tudo bem que não a atendo há algum tempo... Inferno! Estava ocupada demais trabalhando no conceito que iria concorrer para fazer a publicidade da nova campanha da Fundação Ivan Novak.

Respiro fundo tentando esquecer que, mais uma vez, não consegui estreitar relações com

PERIGOSAS ACHERON

ninguém daquela maldita família. Eu já sabia que não seria fácil, pois eles são conhecidos por serem discretos e fechados. Mesmo agora, com Gilberto de Toledo com pretensão política, ainda é muito difícil uma aproximação.

Eu pensei em usar o sobrenome Villazza para tentar encurtar o caminho, mas nós também não temos muita afinidade com eles, conhecendo-os apenas pelos negócios que realizam. Então pensei em conseguir “entrar” através da empresa. Sabia que Cecília de Toledo cuidava pessoalmente das questões sobre a fundação e que, ganhando a conta publicitária, eu teria muito contato com ela. Tudo o que eu sempre quis!

Porém, nesses anos em que estou trabalhando como uma louca naquela maldita agência, nós nunca conseguimos uma só campanha da fundação, nem das instituições ligadas a ela. As grandes agências, muitas delas internacionais, é que

PERIGOSAS ACHERON

conseguem essas contas.

Nós, a partir deste ano, conseguimos estar entre as dez mais bem-sucedidas empresas no ramo, mas ainda temos nove agências, todas situadas na capital paulista, à nossa frente.

O que está faltando? Eu fico remoendo esse pensamento rolando na cama até dormir.

Duas horas depois, acordo nervosa e vou até a mesa de trabalho que mantenho na parte de baixo do *loft*. Olho em todas as gavetas até achar o convite que recebi há duas semanas.

No ano passado, fiz uma campanha para uma instituição beneficente sobre a importância da leitura e esse projeto está concorrendo ao prêmio de *melhor mídia institucional*.

Fico animada, pela primeira vez desde essa manhã, com a possibilidade de esse prêmio vir para a nossa agência. Não será algo inédito, porque já temos alguns em nosso portfólio, mas não nessa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

categoria. Talvez ter aceitado fazer aquela campanha — mesmo contra minha vontade — foi o maior acerto da vida do Lori.

Vou até minha adega e pego uma garrafa de vinho. Se nós ganharmos esse prêmio de visibilidade nacional, chamaremos a atenção de todas as instituições filantrópicas, inclusive a da FIN — a maldita Fundação Ivan Novak.

Consciente de que não posso me exceder na bebida, pois já são 2h da manhã e eu costumo já estar dirigindo às 6h, encho apenas a metade da taça e a ergo, brindando à ideia luminosa que se descortinou em minha mente.

Beijo o convite e cruzo os dedos, pois quem sabe, depois da semana que vem, eu pare, finalmente, de andar em círculos.

— À FIN! — Tomo o vinho com um sorriso nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo II

Giovanna

Fabi deve achar que eu sou bipolar, pois cheguei à agência às 6h30 da manhã com um sorriso tão grande que ela não conseguiu disfarçar a surpresa. Com certeza, a pobre mulher imaginou, ontem, ter de aguentar meu mau humor hoje.

Todavia, depois do que pensei na noite passada, resolvi voltar a me concentrar apenas no trabalho, como eu faço sempre, e deixar as coisas acontecerem. Se eu tiver a sorte de ganhar notoriedade naquela premiação, ótimo! Se não, terei de esperar até a campanha do Festival de Primavera da Casa Cultural Cândida Novak, cuja concorrência a FIN abrirá no mês que vem.

Nós entramos na concorrência para o Festival de Primavera no ano passado pela primeira vez e

PERIGOSAS ACHERON

não conseguimos por pouco. A FIN é a mantenedora da CCCN — a Casa Cultural Cândida Novak, cuja atuação, como o próprio nome já diz, é na área cultural e artística, promovendo cursos para crianças e adolescentes carentes.

Assim como a fundação, que leva o nome do fundador da Novak Engenharia, a casa de cultura homenageia sua fundadora, a falecida senhora Cândida Novak, mãe da atual presidente da fundação, dona Cecília Novak de Toledo.

Eu tenho grandes esperanças de conquistar minha oportunidade através dessa nova concorrência, então não adianta eu infernizar a vida de ninguém. Preciso apenas ser paciente, como tenho sido em todos esses anos.

— Ei, Gio! — Lori entra na minha sala.

Lorival Sandler, meu outro sócio, é um gênio da criação. O homem é um redator incrível e, junto com o Vicente Lanza, compõe a dupla de criação

da agência.

Lori, embora seja meu sócio, nunca abriu mão do que realmente gosta de fazer e, quando eu cheguei através da minha amizade com Elton, ele não se importou que eu me tornasse sua “chefe”, mesmo porque a equipe que formava a agência na época era formada por cinco pessoas, basicamente Elton, Lori, Fernanda, Miguel e Vicente.

Todos eles trabalhavam desordenadamente e, apesar de já estarem com um rol de clientes em amplo crescimento, ainda não tinham condições de se estruturar melhor.

Então, através do meu interesse de fixar residência nesta cidade e de ter algo para trabalhar e me aproximar da Novak, eu investi um bom dinheiro no negócio, tornando-me sócia majoritária, com 50% da agência, e o outros 50% são divididos entre Elton e Lori igualmente.

Mudamos para o endereço em que estamos

PERIGOSAS ACHERON

hoje, um belo prédio comercial num dos bairros de alto padrão da capital, cercado por agências gigantes, a maioria de capital internacional ou misto.

Compramos equipamento de ponta, além de criarmos nosso próprio estúdio de gravação, onde fazemos comerciais simples, pois os mais elaborados são terceirizados.

— Entra aí, Lori! — eu o chamei. — Não estou mordendo hoje.

Ele ri e se aproxima, deixando um rastro do seu delicioso perfume no ar. Como Elton, Lori é muito alto e musculoso, e seu sorriso, a cor negra de sua pele e seu estilo o deixam tão incrível quanto seu parceiro.

Ah, eu esqueci de contar, né? Sim! Eles são casados! Eu olho a grossa aliança de platina no dedo de Lori.

— Gio, o Tom disse que você teve um

PERIGOSAS ACHERON

chilique ontem. — Senta-se preocupado. — Você tem que relaxar um pouco. Eu sei que conseguir uma oportunidade com a FIN é uma coisa incrível, mas, convenhamos, nós temos clientes tão ou mais importantes que eles!

Não para mim! Eu respiro fundo, sabendo que ele não faz ideia da minha motivação para trabalhar e tentar, a cada nova chance, conseguir uma conta da FIN.

— Eu já melhorei, Lori! Eu apenas fiquei muito frustrada, porque sei que nosso trabalho estava impecável... Achei um pouco injusto, mesmo não conhecendo o trabalho da agência que ganhou.

— Eu sei, querida, mas tente se controlar um pouco. — Ele ri. — Nós estamos programando uma festinha lá em casa, você poderia tentar ir dessa vez, tenho certeza de que algum amigo hétero...

— Lori! — Gargalho, pois eles sempre
PERIGOSAS ACHERON

tentam me arranjar “algum amigo hétero”. — A que horas eu vou pensar em namorar? Eu saio de casa antes da 6h da manhã e chego em casa não antes da meia-noite!

— Você precisa diminuir isso, mulher! — Ele bate na mesa. — Por que você não pode ser como qualquer um de nós e chegar aqui às 8h? Coitada da Fabi, deve sair de madrugada de casa!

— É o jeito que eu trabalho, Lori. — Respiro fundo. — Por falar em trabalho, você está tomando meu tempo com coisas não produtivas. — Ele levanta a sobrancelha. — Diga alguma boa notícia, e eu te perdoo!

— Terminei o texto do comercial do banco, e o Vicente está montando a *storyboard* para mostrarmos ao cliente.

Eu sorrio, pois essa conta nos rende visibilidade e lucro.

— Vocês são os caras! — Ele passa a mão

PERIGOSAS ACHERON

em sua cabeça também raspada, só que, diferentemente de Elton, Lori não deixa um só fio nessa cabeça, deixando-a brilhosa. — Tenho certeza de que, daqui a mais uns dois anos, estaremos entre as cinco maiores do Brasil.

— Ai, Gio! — Ele balança a cabeça. — Nós, Tom e eu, nunca sonhamos nem em estar entre as 50 maiores, e olha só onde estamos agora! — Ele aponta para mim. — Esteja feliz com o que você nos ajudou a conquistar, mulher. E lembre-se que, para construir algo...

— É preciso pôr um tijolo de cada vez... — termino rolando os olhos. — Eu já conheço sua filosofia de pedreiro, Lori. — Ele balança a cabeça, repreendendo-me. — Mas você não conhece a filosofia dos Villazzas, não é? — Rio. — Se não der para abraçar o mundo com as pernas, tente com o corpo inteiro!

Ele gargalha, e eu sei que isso é presunçoso,
PERIGOSAS ACHERON

mas sempre ouvi tanto meu pai quanto Frank dizendo isso e, sinceramente, nenhum dos dois é muito modesto.

— Eu nunca entendi por que você decidiu se aventurar conosco se podia estar desfrutando de uma posição muito melhor no negócio da sua família e trabalhando menos, a propósito.

— Você já teve uma meta, Lori? — Ele assente. — Um objetivo? Algo que você sabia que, enquanto não conseguisse, não iria descansar?

— Claro que sim! O Tom! — Nós rimos juntos, porque ele e eu sabemos que Elton se definia hétero até conhecê-lo.

— Então você me entende! Na Rede Villazza, eu já tinha tudo pronto, nada a alcançar, nada a construir... — Ele concorda. — Aqui, não. Aqui eu tenho metas e objetivos e vou atrás deles!

— Tenho pena do homem que se tornar sua meta... — Ele se levanta. — Ele nem irá perceber

PERIGOSAS ACHERON

de onde você surgiu, somente que está em suas mãos.

Ah, Lori, você não tem ideia do quanto eu quero que isso aconteça! Do quanto os quero em minhas mãos... mas não pelo motivo que você pensa!

A semana passou rapidamente com todos os clientes e projetos que tínhamos para fazer e apresentar. No sábado, eu fui à academia e, depois, passei a tarde treinando boxe, principalmente a *trocação*, com meu treinador. Quando cheguei a casa, estava exausta, enchi uma taça de vinho e fiquei na banheira ouvindo música.

Dormi como uma pedra, sem sonhos ou pesadelos. Às vezes, sonho com *ela*, com seu desespero, com seu sofrimento e a ouço implorar

PERIGOSAS NACIONAIS

por justiça. Geralmente, quando isso acontece, eu não consigo voltar a dormir, sentindo-me frustrada pelo pouco que consegui juntar nesses anos.

Acordo bem e noto que faz um belo domingo, sem nuvens e, principalmente, sem a garoa tão famosa da cidade e resolvo caminhar no Ibirapuera.

Mal começo a percorrer a trilha, encontro-me com a Mel Boldani. Faço careta ao vê-la me fuzilando de raiva com seus olhos esverdeados.

— Então está viva, não é? — Aponta o dedo para a minha cara. — Eu pensava em acionar o corpo de bombeiros para invadir seu apartamento, pois pensei que tivesse morrido sem ninguém saber e seu corpo já estivesse fedendo lá dentro!

Eu mostro a língua para ela.

— Que cena ridícula, Mel! — Ela começa a caminhar ao meu lado. — Eu estou ocupada trabalhando!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu trabalho também, sabia? Muito! — Bufo. — Confere quantas ligações eu fiz e quantas mensagens te mandei! — Melissa parece muito chateada. — Eu não entendo por que você quer nos afastar...

— Mel, não, por favor! — Eu já ouvi esse discurso tantas e tantas vezes que já sei cada palavra que ela vai falar.

— Desisto de você, Gio! — Olha para frente e fica muda.

Melissa sempre foi como uma irmã para mim, e ter me afastado dela morando na mesma cidade não foi fácil, mas necessário. Ela me conhece muito bem, conhece a antiga Giovanna Villazza, a *princesa*. A mulher que ela conheceu só tinha dois objetivos na vida: compras e arte. Ela, definitivamente, não existe mais.

Eu nunca gostei muito de trabalhar, embora o fizesse desde muito cedo na empresa da família.

PERIGOSAS ACHERON

Cursei minha faculdade de publicidade e propaganda aqui em São Paulo e, durante o curso, morei com a Mel em seu apartamento na Vila Mariana.

Depois de formada, resolvi trabalhar na Rede, mas só fiquei alguns meses em Curitiba, pois meus pais haviam voltado para a Itália, e eu decidi ir trabalhar com eles.

Em Roma, eu me especializei e comecei o doutorado, que ainda não terminei, e continuei trabalhando na empresa, mas sempre senti que aquilo era mais para passar o tempo do que realmente um trabalho. Ficava pouquíssimas horas dentro do escritório, porque o que mais me dava prazer não estava ali. Não! O que eu gostava ficava nas galerias, nos conservatórios e nos estúdios de dança.

Passava quase o dia inteiro, todos os dias, entre cursos de balé e de desenho — paixões que

PERIGOSAS ACHERON

adquiri com a Margie, a falecida esposa do meu irmão do meio, Tony — e piano, minha obsessão desde a adolescência.

Meus pais diziam que eu tinha alma de artista, que não era nada capitalista — pelo menos não para ganhar dinheiro —, mas era uma consumista desenfreada.

Quando morava com a Mel, eu tive de trocar de quarto com ela, pois o meu não tinha closet, apenas um armário de madeira, e nele não cabia dez por cento das minhas roupas. Depois, quando fui morar em Curitiba, papai me deu um apartamento no Batel, e eu lotei todos os armários com roupas que, ao me mudar para a Itália, deixei para trás, montando um novo guarda-roupa na Europa.

Eu amava fazer compras — ainda amo, confesso —, mas hoje sou comedida. Meu apartamento não tem closet, apenas um grande

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

armário embutido com portas de venezianas brancas, e nele eu tenho somente o essencial.

Claro que continuo acompanhando a moda, como fazia quando morei em Milão, mas já não tenho tempo de ir a desfiles nem a lançamentos. Ainda costumo usar as mesmas grifes que usava quando morava na cidade da moda, pois São Paulo não fica atrás de nenhuma outra cidade nesse quesito.

Balanço a cabeça e olho para Mel, ainda muda e com cara de poucos amigos ao meu lado. Sim, eu mudei muito! Não sou mais a garota esbanjadora que escrevia artigos sobre moda para blogues. Não! Eu mudei! A mulher que retornou a São Paulo nada tem a ver com a garota que morou na Vila Mariana anos atrás. Hoje, eu não vou a festas, não uso as redes sociais para nada, penso apenas no meu trabalho, na minha agência e nos meus objetivos.

PERIGOSAS ACHERON

Namorados? Não, abri mão disso. Quando tenho necessidade ou vontade, concentro-me em outra coisa ou me resolvo sozinha, afinal, estamos no século XXI — viva a liberdade sexual das mulheres!

Eu quero estar focada, por isso, tudo o que me distrai ou que me faz lembrar quem eu era ou esquecer quem eu tenho de ser eu isolo da minha vida e nesse pacote está incluída a minha família.

— Soube essa semana pelo Tony que você está trabalhando naquela loucura que é trazer a sede da Rede para cá — comento depois de um tempo.

— Se você se desse ao trabalho de nos atender, já saberia disso há muito tempo!

Eu bufo, e ela resmunga.

— O que você achou dessa loucura que o Frank está fazendo? A Rede está em Curitiba há quase quarenta anos!

— Incrível você estar tão sensível a isso! —

Ela me encara. — Você foi a única a não querer trabalhar na empresa com seus irmãos.

— Mel! Nós já conversamos sobre isso, e você disse que entendia...

— Isso foi antes de, além de não querer contato profissional com a sua família, você excluir a todos de sua vida. — Eu tento falar, mas ela não permite. — Caramba, Gio! Nós amamos você...

— Eu sei! — Paro de caminhar. — Eu só estou muito ocupada. A agência me consome muito, e eu só tenho tempo para dormir!

— Bem, você não é criança... — Voltamos a caminhar, e ela sorri. — Por falar em criança, Tony te contou?

— Sobre a Rede? Sim, eu te disse que foi ele...

— Não. — Ela para de novo. — Você ainda não sabe?! Oh, Deus, é mais desnaturada do que eu pensava! — Eu realmente não faço ideia do que ela

está falando. — Você vai ser titia! — Eu arregalo os olhos. — Sim! — Ri. — Marina está grávida.

Eu absorvo a notícia aos poucos. Tony, meu irmão cheio de manias, que perdeu Margie e o pequeno Joaquim quase no mesmo instante, será pai de novo? E o mais incrível...

— ...ele não está surtando. — Só depois que Mel gargalha é que percebo que falei em voz alta.

— Não. Eles dois estão muito felizes! Demoraram a casar, mas já voltaram da lua de mel com o herdeiro encomendado.

Caramba! Essa é uma notícia desconcertante. Eu amava a primeira esposa dele, pois ela foi a irmã que eu não tive. Lembro-me da Margie me fazendo trancinhas ou desembolando meus cachos. Recordo-me de vê-la de tutu rosa e ficar apaixonada pelo balé e, principalmente, rememoro vê-la desenhar bonecas e princesas para mim.

Meu irmão e ela namoraram desde o colégio,
PERIGOSAS ACHERON

então ela me viu crescer, aconselhou-me com meus primeiros namorados, inclusive foi para ela que eu contei sobre minha primeira vez, um pouco antes que ela descobrisse o tumor e tudo acabasse daquela forma trágica.

Eu ainda guardo a mensagem que ela me mandou quando descobriu que estava grávida. Eu estava no primeiro ano da faculdade e chorei como uma louca dentro da sala de aula. Meses depois, eu estava em Paris ao lado da minha família, enterrando meu sobrinho e, sete anos após, eu estive no enterro dela.

Saber que Tony irá ser pai me faz pensar naquele pequeno bebê, que hoje estaria com 12 anos de idade, e me faz sentir um aperto no peito que eu não sentia há anos. Faz com que parte da minha carapaça, construída desde que eu mudei, rache um pouco.

— Mel, eu vou embora — aviso já dando a

PERIGOSAS ACHERON

volta.

— Giovanna! — ela me grita, mas eu corro na direção da saída.

Sim, eu estou muito feliz pelo meu irmão. Ele é incrível e merece muito essa nova chance que a vida lhe deu, mas eu não posso deixar que isso me afete, que me faça sentir...

Eu não quero mais sentir!

Saio do parque correndo como se perseguida por demônios. Eu deveria estar acostumada a isso, pois a cada nova descoberta que faço, mais trevas são adicionadas à minha alma.

Eu só quero saber o porquê para seguir em frente!

Capítulo III

Giovanna

— Preparada para a grande noite? — Elton aparece na entrada da minha sala, e eu tiro os óculos de descanso para encará-lo.

— Sim! — Volto a prestar atenção à tela. — Entre, eu só estou finalizando alguns detalhes...

Ele entra rindo na minha sala e se senta na cadeira à minha frente.

— Sempre há detalhes a finalizar em se tratando de seu perfeccionismo louco. — Eu balanço a cabeça discordando, mas não vou discutir, pois preciso continuar concentrada para que nada escape aos meus olhos. Faço mais duas modificações, enquanto ele permanece mudo, e finalmente salvo o arquivo.

— Pronto! — Encaro-o. — Tem minha total

PERIGOSAS ACHERON

atenção agora.

— A verdade é que passei aqui para ver se você estaria surtando, mas eu deveria supor que, em se tratando de Giovanna Villazza, sempre sou surpreendido. — Rolo os olhos, e ele ri. — É sério! Você surta por ter perdido uma concorrência para uma campanha boba, mas parece supertranquila no dia de uma premiação importante.

— Não exagere, Tom! — Alcanço meu copo de água sobre a mesa e tomo um gole. — Soube que é o Lori quem vai me acompanhar na premiação.

— Sim! — Faz uma careta. — Desculpe-me por isso, mas marquei um jantar importante com um cliente.

— É, ele me falou! Mas não tem problema, com você ou com ele, uma coisa é certa, vou causar inveja!

Ele gargalha e diz que todos sabem que eles

PERIGOSAS ACHERON

estão fora do mercado.

— Ainda assim... — Dou de ombros. — Mas, ainda que eu esteja tranquila, sei que, se abocanharmos o prêmio na categoria em que fomos indicados, teremos mais portas abertas para nós.

— Sim! — Seu sorriso é enorme.

Ao contrário do Lori, Tom é muito ambicioso, tanto quanto ele pensa que sou. Ele é um publicitário de carreira, mas sua vocação é fazer negócios, conseguir clientes e contas para a agência e, conseqüentemente, ficar um pouquinho mais rico.

Conseguir esse prêmio, para ele, é mais do que apenas ter reconhecimento de um trabalho bem-feito, é sinônimo de poder e status. Ele me entende e me incentiva a continuar minha rotina louca de trabalho e faz sua parte também, bajulando seus clientes mais importantes, se necessário.

Contudo, ao contrário do que eu deixo

PERIGOSAS ACHERON

transparecer, estou, sim, bastante nervosa pelo resultado da indicação, porque alguma coisa me diz que será um divisor de águas nos meus objetivos e que, depois de tentar chegar perto deles através das concorrências da FIN, talvez agora eu consiga apenas porque terei um belo prêmio, como já aconteceu com outros.

— Você não deveria ir para casa mais cedo a fim de se preparar para a noite? — ele me indaga curioso. — O Lori nem retornou do almoço!

— Eu já estou com tudo programado, não se preocupe!

Ele sorri e se despede, não antes de desejar boa sorte a nós.

Algumas horas depois, eu estou em casa, cabelos soltos e levemente modelados e um vestido sem mangas, estruturado, em dois tons de azul.

Meu interfone toca, e o porteiro anuncia que Lori está me aguardando no hall do prédio. Nós

combinamos de ir juntos, com ele dirigindo, e que, depois da premiação, caso vencêssemos, iríamos nos encontrar com o Tom para comemorar.

Chegamos ao local do evento e encontramos vários colegas de trabalho, bem como muitos profissionais que estudaram conosco. Como eu mesma previ, Lori chama muito a atenção num belo terno feito sob medida e com seu sorriso charmoso.

Somos levados até nossos lugares dentro do teatro e ficamos esperando o início do evento.

— Você já viu quem está concorrendo conosco nessa categoria? — Ele me mostra o prospecto da premiação. — Parece carma!

Eu rio, sabendo muito bem do que ele está falando. Ano passado concorremos não só a prêmios mas também pela conta do Festival de Primavera da CCCN com a M&B — Mathison e Brothers —, uma agência de capital norte-americano que se tornou uma pedra no nosso

PERIGOSAS ACHERON

caminho, derrotando-nos em tudo.

— E os desgraçados ainda estão concorrendo por causa da campanha feita para a CCCN! — Bufo. — Precisamos ganhar essa e mostrar para o pessoal da FIN que eles escolheram errado!

Ele ri e pega na minha mão.

— Será a hora da revanche, *baby*!

Eu estou torcendo para que seja, sim!

A cerimônia que antecede o anúncio dos ganhadores, como sempre, é maçante. Muitos discursos, participações especiais de artistas, e quando, por fim, começam a entrega dos prêmios, eu já estou apertando a mão do Lori de tanta aflição.

— O prêmio para a categoria que anunciaremos agora é especial — uma das artistas, cujo nome não gravei, introduz. — Os profissionais envolvidos na concepção das campanhas ou comerciais têm apenas um objetivo em mente:

PERIGOSAS ACHERON

promover uma instituição, disseminar uma causa, uma ideia ou mesmo prestar algum serviço de utilidade pública.

— Para isso, eles têm de conseguir passar a mensagem, vender a ideia, mas sem realmente comercializar nada. Esse tipo de propaganda é permeado de emoção ou de conhecimento, mexendo com a audiência e fazendo com que aquele áudio, vídeo ou fotografia nunca saia da memória do público atingido — a outra moça, uma cantora, se não me engano, completa. — É por esse motivo que há uma categoria especial para esses profissionais, e nós anunciaremos os concorrentes da noite.

Elas apresentam cada um, mostrando detalhes do trabalho indicado, o nome do profissional responsável e da agência.

— E o vencedor desse ano é... — todos estão em silêncio, e eu posso jurar que escuto as batidas

PERIGOSAS ACHERON

do meu coração — “Pequenas Gotas do Saber!”, da agência Ello!

Abro um sorriso do tamanho do mundo e abraço Lori, que parece estar em transe, talvez sem acreditar que, finalmente, nossa agência ganhou da M&B.

Levanto-me, passando por entre as cadeiras estofadas até chegar ao corredor e vou em direção ao palco.

Meu discurso é breve, basicamente agradecimentos à minha equipe, aos meus sócios e a todos os colaboradores que nos ajudam, dia após dia, a tornar nossa empresa *cem por cento* — friso isso — brasileira a estar entre as dez do Brasil.

Estou tão animada exibindo o troféu em minhas mãos que nem vejo o resto da cerimônia direito, pois só penso em sair daqui e me encontrar com Elton para comemorar. Tenho certeza de que, a partir de hoje, minha sorte vai virar, e eu

PERIGOSAS ACHERON

conseguirei, enfim, avançar no meu objetivo.

Demoramos muito a sair do teatro, pois somos, a todo instante, cumprimentados e elogiados por muitos colegas. Quando finalmente alcançamos o saguão, eu vejo Arthur Médice, diretor geral de arte da M&B, aproximar-se de mim.

— Parabéns! — cumprimenta-me. — Realmente, a campanha de vocês foi incrível, principalmente na repercussão que causou nas redes sociais.

— Obrigada, Arthur! — Eu sorrio, vencedora, mas meu sorriso morre no rosto ao ver uma figura se aproximando. Não pode ser verdade!

— Ei, Arthur! — Ele sorri para nós daquele jeito moleque tão famoso. — Não vai me apresentar aos vencedores?

Seguro minha respiração, porque nunca, nem nos meus sonhos mais positivos, pensei que isso

PERIGOSAS ACHERON

pudesse acontecer dessa forma. Eu nunca imaginei que conheceria um deles assim, ao acaso, mas está acontecendo. Finalmente!

— Claro! — Arthur não parece nada feliz com isso. — Lori Sandler e Giovanna Andretti, da Ello. — Eu tento o meu melhor sorriso. — Este é Bernardo Novak de Toledo, representante da CCCN.

Ele faz um cumprimento com a cabeça, saudando Lori, mas, para mim, dispensa um olhar esfomeado e um sorriso cheio de malícia que me desconcertam.

Eu nunca pensei em me aproximar deles dessa forma, mas a oportunidade que o destino está me dando é boa demais para ser desperdiçada. Controlo todos os sentimentos que estão dentro de mim — e são muitos — e retribuo o olhar interessado, dando até um sorriso ao mesmo tempo coquete e envergonhado.

Os olhos castanhos do Bernardo se iluminam, o que me faz ter certeza de que ele realmente é o sedutor do qual eu ouvi falar. Aproxima-se como quem não quer nada, puxando assunto sobre o prêmio, e eu, claro, dou toda a corda que ele quer.

— Precisamos ir — Lori sussurra ao meu ouvido.

— Vocês vão comemorar em algum lugar? — Bernardo pergunta. — Eu gostaria de convidá-los a ir até a Beat.

Arregalo os olhos e amplio meu sorriso.

Beat Band é uma boate diferente, quase como um clube privado, somente para sócios e convidados. Eu sei que Bernardo é DJ por lá algumas noites, pois, embora faça parte dos negócios de sua família, realmente não está integrado a nenhum deles. Bernardo é, com certeza, a ovelha negra dos Novaks. Bonito, alto, cabelos encaracolados e castanhos caindo-lhe sobre a testa,

o que lhe confere um ar mais jovem do que os 26 anos que tem.

O caçula de Gilberto e Cecília de Toledo é um eterno menino. Gosta de baladas, andar de skate, competir em torneios de surf e andar por aí colecionando mulheres e hobbies, mas nada de trabalho.

Eu fiquei sabendo que a equipe que está coordenando a pré-campanha de Gilberto ao governo do estado de São Paulo está tentando podar um pouco a impulsividade do jovem herdeiro.

— Nós já temos compromisso... — Lori olha para mim, que demonstro interesse em ir com Bernardo, e sorri. — Quer dizer, eu tenho, mas a Gio, se quiser, pode comemorar com você!

Bernardo parece gostar do que ouve.

— Então o que você acha, Giovanna? Quer conhecer a Beat comigo?

Ai, meu Deus! Claro que não!

— Adoraria! — Sorrio, mas depois me lembro de algo. — Ah, eu estou sem carro, pois vim de carona com o Lori...

— Você vem comigo. — Bernardo me dá uma piscadinha. — Prometo me comportar... ou tentar.

Lori gargalha e se despede enquanto eu faço doce por um momento, mas depois sorrio *deslumbrada* para ele.

— Ok, então!

Despedimo-nos de Arthur, que está assistindo a tudo de boca aberta, e seguimos para o carro de Bernardo, um Jeep.

— Uau! — ele exclama assim que se senta ao volante. — Se eu soubesse que uma mulher linda como você fazia parte da Ello, teria insistido mais com os outros diretores da FIN para que a nossa nova campanha fosse para vocês. — Eu forço um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso. — Mas, sem puxar saco, eu dei meu voto para sua agência. Gostei muito do que apresentaram, da proposta e da abordagem moderna, porém...

— Obrigada por isso, Bernardo! É bom saber que alguém gostou e torceu pelo nosso trabalho.

Ele sorri e dá a partida.

Estou extasiada com essa oportunidade, mas, ao mesmo tempo, em pânico por estar aqui com ele. Nunca pensei que estaria tão dividida ao me aproximar, mas estou. Sinto uma mistura de excitação por conseguir avançar nesse jogo e raiva, ressentimento, mágoa por estar aqui *justamente* com ele.

Bernardo para no sinal e pega minha mão. Eu tento um sorriso, mas, provavelmente, apenas faço uma careta, a julgar pela expressão divertida dele. Engulo em seco, pensando que ele esteja imaginando me levar para a cama ou qualquer coisa

do gênero. Droga! Não foi assim que eu planejei!

— Vou ter que agradecer à minha mãe quando eu a vir — ele informa já estacionando o carro próximo à boate. — Quem diria que, ao ir num evento chato como aquele, eu iria terminar a noite ao lado de uma mulher como você?!

— Bernardo... — Finjo-me envergonhada.

— Me chame de Bê, como todos os meus amigos fazem! — Passa a mão no meu rosto, olhando dentro dos meus olhos. — Caramba, eu sinto como se já te conhecesse antes...

Meu corpo inteiro gela quando ouço isso. Eu quero tirar a mão dele de mim, pois meu estômago está embrulhando e meu corpo já o quer repelir.

— Nossa, estou muito curiosa para entrar na Beat! — nem eu mesma reconheço essa animação ou a voz que sai da minha garganta. — Vamos?

Ele sorri, enigmático.

— Estou às ordens, princesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sai do carro, e meu sorriso morre, esperando que ele abra a porta do carona para eu descer. Artes cênicas nunca foram o meu forte, mas já fiz apresentações de balé, e uma bailarina não tem de ser perfeita apenas no corpo e nos passos, mas também na expressão facial.

Respiro fundo, tentando ligar o botão de garota descolada que curte música eletrônica e vira noites em baladas. Eu estou pronta para parecer quem eu não sou se o resultado for tornar o meu caminho em direção ao que eu quero mais fácil. Eu serei tudo o que ele quiser, desde que ele me leve onde eu quero ir!

Bernardo me ajuda a descer do carro, e eu dou um sorriso como se estivesse encantada por ele, que me conduz para a entrada com as mãos nas minhas costas, o que me causa asco, mas sigo em frente.

Finalmente, o primeiro fio foi tecido...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IV

Giovanna

Acordo sonolenta, mas com o humor maravilhoso. Sorrio o tempo todo enquanto me arrumo para o trabalho. Sorrio pela minha vitória sobre o pessoal da M&B — sou muito competitiva, e ganhar me faz bem —, pela noite surpreendente de ontem e também por mim mesma, que fiquei três anos construindo uma forma para me aproximar deles só para descobrir que bastavam apenas sorrisos e flertes sem sentido para Bernardo fazer tudo o que eu sempre quis.

Sim! Aquele encontro providencial com o caçula dos Toledos foi melhor do que todos os prêmios do mundo juntos. A noite foi infernal e uma merda, mas valeu cada segundo de sofrimento que passei naquele local cheio, barulhento e com PERIGOSAS ACHERON

uma turma que nada tinha a ver comigo.

Se eu tivesse sido eu mesma, Bernardo, que se aproximou de mim por causa da minha aparência, rapidamente se afastaria, pois ele e eu não temos absolutamente nada em comum. Eu gosto de música clássica, gosto de locais calmos e de livros. Ele parece viver como se o mundo fosse acabar. Bebeu como um louco, dançou e pulou como um maluco, gritou e brincou como uma criança. Meus pais sempre me disseram que eu nunca fui jovem, nem mesmo quando eu era adolescente.

Sempre tive muita opinião, sempre disse o que pensava, sempre queria ter a razão. Nunca fui de brincadeiras, nunca fui popular — principalmente entre as meninas —, nunca fingi simpatia por ninguém. No entanto, naquela noite, eu brinquei, gritei, dancei e fiz olhos sonhadores enquanto ele me contava sobre um “tubo” completo

PERIGOSAS NACIONAIS

que atravessou no Havaí.

Tentei conversar com as outras mulheres do grupo. Sentia-me uma velha perto delas, que tinham idades entre 18 e 26 anos. Nós tínhamos pouco em comum, então o que nos uniu foram assuntos relativos à faculdade, moda e viagens.

Entretanto, valeu a pena ter ido ontem à noite. Valeu a pena ter de me relacionar com pessoas que eram tão diferentes de mim, coisa que eu normalmente evito, mas que me fez ser integrada ao grupo de amigos do Bernardo. Senti-me vitoriosa pela noite, mesmo tendo de me desviar de cada tentativa que ele fez de me beijar.

Quando o dia já estava quase amanhecendo, “Bê” me deixou à porta do meu prédio. Eu estava desesperada, com medo de que ele resolvesse não me procurar mais — por pensar que eu havia feito jogo duro com ele —, mas então, mais uma vez, a sorte sorriu para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você já ouviu falar sobre o baile anual da FIN? — meu coração disparou quando ele me indagou isso.

Quem nunca ouviu falar do baile anual da Fundação Ivan Novak? Todo ano, a FIN promove um baile em prol de alguma causa filantrópica. Nesse ano, será para a ampliação de uma ala pediátrica de um hospital mantido por uma ONG. Os convites não são vendidos, mas está implícito que, quem for convidado, deverá fazer alguma contribuição.

Eu, claro, nunca fui convidada, mas meu pai foi, quando estava no Brasil. Porém, Frank, desde que assumiu seu lugar, nunca compareceu aos eventos, e, por esse motivo, os Villazzas foram excluídos da lista. Esse baile é uma oportunidade única para eu estar próxima de todos eles juntos.

— Claro que sim! — disse animada. — Dizem que é lindo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostaria de me acompanhar esse ano?

Eu queria estourar um champanhe naquele momento!

— Claro! — Obriguei-me a lhe dar um abraço. — Tem certeza de que quer ir comigo? A gente acabou de se conhecer... — fiz essa pergunta usando meu melhor olhar sonhador.

— Você é perfeita para me acompanhar! — Encostou a testa na minha, e eu preendi meu fôlego.

Bernardo é um homem muito bonito, mas nem passou pela minha cabeça ter algum envolvimento com ele. Todavia... eu não estava ali para retroceder em todos os passos que já dera, então, se ele tentasse me beijar — só de pensar naquela possibilidade, eu sentia a bÍlis subir à minha garganta —, eu deixaria.

Ainda bem que ele não tentou, e eu subi para meu *loft* convidada para o baile da FIN no próximo final de semana.

PERIGOSAS ACHERON

Termino de colocar minha roupa, escovo os cabelos e olho no relógio. São 8h40 da manhã, o trânsito deve estar um inferno, e eu chegarei muito atrasada ao trabalho, mas nada disso tem o poder de tirar o sorriso do meu rosto.

Finalmente, eu estarei perto deles!

— Como eu sou idiota! — falo comigo mesma dentro do carro, parada no trânsito. — Se eu soubesse que me aproximar de Bernardo era tão fácil daquele jeito, já o teria feito há muito tempo!

Eu penso que tenho de me inteirar sobre uns assuntos que Bernardo parece gostar — e sobre os quais eu não sei nada — e me tornar a melhor amiga que ele possa encontrar no mundo. Perfeita, que combine com ele, que o entenda, que torça por ele. Preciso saber de cada um dos seus gostos. Alguns eu já sei pelo material que eu tenho sobre os Novaks, e outros eu quero descobrir. Quero ser inseparável do caçula daquela família e, se para

PERIGOSAS ACHERON

isso eu precisar fingir interesse amoroso por ele, eu o farei.

Eu só necessito pensar num meio de mantê-lo à distância, uma desculpa para não ter de suportar os seus avanços.

— Me diz que você transou com aquele gato a noite toda! — Lori invade minha sala assim que eu chego. — Vai! Não me decepçiona...

Eu rio e peço a ele que feche a porta.

— Você precisa ser mais discreto, Lori! — Olho para a pilha de recados que Fabi deixou sobre minha mesa. — E, não, não transei com ele a noite toda!

Ele faz um beicinho.

— A metade da noite, então?

— Não! — Eu rio. — Eu não transei com ele,

Lori! — Gargalho. — Conheci o homem ontem!

Ele arregala os olhos.

— E daí? Ah, não me diz que você é dessas que têm que ter pelo menos cinco encontros antes de dar... — Eu jogo uma bola de papel nele. — Ai, minha Marilyn Santa, você é!

Acho graça por ele ter invocado sua deusa, Marilyn Monroe, na conversa, coisa que ele só faz quando se sente completamente surpreso ou desesperado.

— Lori! Só não aconteceu... — E nem vai! — Eu não tenho nenhuma regra sobre isso, só não rolou. — Dou de ombros. — Mas nos tornamos amigos.

Ele faz um biquinho fofo e curioso.

— Amigos... — Olha-me desconfiado. — Você amiga de Bernardo de Toledo? Amiga?! Não consigo processar... — Chega bem perto de mim. — O cara é quente, e uma transa com ele deve ser

intensa e satisfatória, mas amizade?

— Nossa, Lori, quanto preconceito! — Ele se assusta com o que falo. — Só porque o garoto é bonitinho você acha que ele só serve para entrar dentro da minha calcinha? — Cruzo os braços e balanço a cabeça. — Que feio!

Antes que ele consiga dizer alguma coisa em sua defesa, Tom entra na sala e lhe pergunta:

— E aí? Ela deu ou não para o garotão?

Eu reviro os olhos.

— São amigos... — Lori diz desanimado. — Será que nossa Gio resolveu mudar de time?

Bato na mesa.

— Saiam da minha sala! — Eles riem. — Sério! Eu cheguei atrasada, estou de ressaca e só não estou cuspiendo fogo porque estou muito feliz com o prêmio da noite passada. Então não estraguem meu dia me enchendo o saco!

Elton se senta à minha frente, e eu bufo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já que é para falar sério... — Ele estende a mão para mim. — Parabéns pelo prêmio! Ficou lindo lá na sala de reuniões!

Relaxo.

— Eu fiquei muito feliz também, e mais tarde nós podíamos reunir as equipes e parabenizar a cada um.

— Sim, é uma boa ideia — Lori concorda.

— Acha que essa sua *amizade* com o Bernardo vai abrir as portas da FIN para nós?

Abro um sorriso gigante e ambicioso.

— Não só da FIN, querido sócio, eu espero que abra as portas da Novak inteira para nós. — Lori arregala os olhos enquanto os de Elton brilham ante a possibilidade de conseguir um cliente tão grande quanto a Novak Engenharia. — Vou acompanhar Bernardo ao baile anual da FIN e, como vocês sabem, *o crème de la crème* de São Paulo estará reunido lá, então...

PERIGOSAS ACHERON

— Você é diabolicamente perfeita, Gio! — Elton quase pula de sua cadeira tamanha sua excitação ante a perspectiva de que eu faça contatos com todos os grandes empresários de Sampa.

— Ai, ai... sabia que havia algo mais do que amizade aí! — Lori me recrimina. — É muito feio usar as pessoas com segundas intenções.

— Feio é roubar, matar e ser corrupto! — Tom argumenta, balançando a cabeça. — Não sei qual seu interesse no Bernardo Novak de Toledo, Gio, mas seja qual for, tem minha total bênção!

Lori se levanta.

— Não sei quem é o pior...

— Não ligue para ele, Gio! — Elton o acompanha para fora da sala.

Pego meu calendário de metal e coloco um ímã de arco-íris em cima da data do baile. Uma semana! Apenas uma semana me separa de tudo o que eu sempre quis. Não será o fim da minha PERIGOSAS ACHERON

jornada, pelo contrário, será apenas mais um fio tecido nessa teia, mas já é mais do que eu conquistei em anos. *Uma semana!*

Eu quero estar linda, deslumbrante nesse evento, por isso mesmo, penso em usar um traje do ateliê da Patrícia Froussard, uma grande estilista em ascensão cujos vestidos já foram desfilados até por estrelas de Hollywood. Eu já sou cliente antiga, pois, quando escrevia matérias sobre moda, recomendei sua marca ainda quando estava começando.

— Fabi! — grito por minha assistente, que aparece afobada. — Preciso que você inclua algumas atividades na minha agenda e não me deixe esquecer.

Ela assente e acessa minha agenda em seu iPad.

— Eu preciso que você ligue para o ateliê da Pat Froussard e marque um horário para ela me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atender, digamos, na segunda-feira. — Ela concorda. — Preciso marcar cabelo, maquiagem e unhas com a equipe do Leon, mas quero serviço a domicílio. — Ela anota em seu tablet, sabendo o quanto eu odeio frequentar salões de beleza. — Isso tudo para o sábado, mas, antes, na sexta, preciso fazer uma visita a Cinthya, pois preciso me depilar... — Ela ri e anota. — Qual o motivo do riso?

— Parece que alguém tem um encontro! —
Ri.

Eu, normalmente, daria um pequeno esporro nela e a mandaria cuidar de sua própria vida, mas, como frisei antes, meu humor está esplêndido, então deixo passar.

— É, Fabi... parece que alguém tem!

PERIGOSAS ACHERON

Tudo o que eu quero é que o final de semana passe depressa, por isso, encho meus dias com atividades. Hoje, sábado, tive meu treinamento na academia de lutas pela manhã bem cedo e agora irei trabalhar. Parto para a agência e, ao chegar, constato que não sou a única que tenho tal rotina.

— Vicente! — Ele sorri e me chama para perto da sua mesa. — Não sabia que também trabalha aos sábados.

Ele ri e me cumprimenta.

— Não, não. Não estou aqui trabalhando, mas apenas me divertindo. — Mostra-me uma animação que está fazendo. — Estou trabalhando há quase um ano nesse projeto e, finalmente, parece que estou perto de terminar.

Eu vejo todos os desenhos em sequência e o trabalho no computador. Fico encantada! Eu sempre soube do talento do Vicente Lanza como desenhista e designer, mas essa história é linda, rica

PERIGOSAS ACHERON

em detalhes e em cores.

— Nossa, Vicente! — Observo cada detalhe à minha frente. — Isso está incrível!

Ele agradece com um sorriso.

— Mara fez uma pequena história de faz de conta, e eu resolvi, junto com o Lori, transformá-la numa animação.

Mara, a esposa do Vicente, é uma bem-conceituada escritora infantil, e Vicente a conheceu quando foi contratado para fazer os desenhos de suas histórias. Eu nunca poderia imaginar que ele estivesse fazendo uma animação.

— Espero que não seja problema eu estar fazendo isso aqui na agência, mas é que os equipamentos daqui...

— Vicente, não há problema algum em você trabalhar na agência em suas horas livres. — Sorrio. — Por mim, está tudo bem!

— Obrigado! — Seus olhos escuros brilham

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de felicidade. — É um presente para ela, sabe? Desde que perdemos o bebê, ela anda desanimada, sem vontade de escrever...

Eu fico calada, apenas ouvindo-o falar daquilo, porque, embora eu tenha ficado consternada com o que aconteceu a eles, não sei como conversar, nem que palavras usar.

Há alguns meses, Mara, que esperava seu primeiro filho, descobriu que o bebê havia morrido no útero e teve de fazer uma cesárea para retirá-lo. Faltavam poucas semanas para ele nascer, e nunca fora constatada nenhuma anormalidade no feto, por isso, aquela notícia havia tirado o chão do casal.

Vicente ficou um tempo sem trabalhar, em casa, ao lado da esposa, mas decidiu voltar quando ela começou a fazer terapia. Eu pensei que ela já havia se recuperado, mas, ao que parece, ainda não está totalmente curada. Realmente, não deve ser fácil perder um filho!

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho certeza de que ela irá gostar, Vicente! Parabéns!

— A gente faz qualquer coisa para ver quem amamos bem, Gio. — Dá de ombros. — Não importa o que seja, nós fazemos.

Eu apenas assinto, antes de me despedir, e sigo para minha sala.

Trabalhei até o começo da noite e iria avançar mais, mas meu telefone tocou, e eu, animada, vi que era Bernardo de Toledo.

Ele me contou que tinha um amigo que estava com uma exposição de fotografias numa galeria nos Jardins e queria que eu fosse com ele, e, é claro, eu aceitei.

Fui para casa e me troquei, colocando um vestido tubinho preto e uma echarpe larga, de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cashmere, bem colorida e vibrante, em vez de casaco. Quando ele me pegou em frente ao meu prédio, notei que havia acertado na roupa mais jovial e descolada.

Incrivelmente, longe dos amigos da boate, ele se mostrou uma companhia muito mais agradável, e nós conseguimos conversar sobre vários assuntos, além de concordarmos em nossa opinião crítica sobre alguns dos trabalhos apresentados na galeria.

Ele quis esticar a noite após o vernissage e seguir para outra boate famosa, mas eu dispensei alegando estar cansada, pois, além de ter trabalhado na agência, eu ainda tinha acordado cedo para treinar artes marciais mistas.

Nem preciso dizer que marquei um goloço com ele ao dizer que treino MMA. Bernardo, que ama esportes, quis saber onde e com quem eu treinava, em qual nível eu estava e qual era a minha modalidade preferida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boxe — respondo sincera. Estamos chegando ao edifício em que moro. — Eu gosto da luta em pé, embora saiba que o solo é importantíssimo também.

— Eu quero muito assistir a um treino seu! — informa já parado em frente ao meu prédio. — Uau, Gio! A cada hora que passo ao seu lado, descubro algo a mais para me encantar... — Aproxima-se. — Eu estou louco por você...

Ponho o dedo indicador sobre o lábio dele, impedindo-o de me beijar.

— Vamos devagar, sim? — Ele franze o cenho. — Eu estou saindo de um relacionamento conturbado que me machucou muito e não sei se estou pronta para me envolver. — Sorrio. — E você, Bê, é muito envolvente.

Ele sorri, safado e convencido.

— Por você, vale a pena esperar, gata! — Beija minha testa, o que me faz prender a

PERIGOSAS ACHERON

respiração para não o empurrar.

A cada toque dele, a cada palavra açucarada, eu sinto meu corpo se rebelar. Sei que estou brincando com fogo, sei que o que estou fazendo não é certo, mas entendo que, para ter as respostas que procuro, tenho de passar por cima de muita coisa, principalmente dos meus princípios, do que é entendido como certo e errado.

Meus sonhos conturbados voltam com tudo nessa noite, fazendo-me acordar assustada, chorando e suada. Tomo um banho gelado e tento colocar minha cabeça no lugar.

Os sonhos apareceram logo depois que eu recebi os primeiros documentos e provas. São sempre os mesmos, sempre com ela me pedindo respostas, pedindo-me para descobrir, pedindo-me

PERIGOSAS ACHERON

para destruir...

Desço para a cozinha e encho uma taça de vinho. Eu preciso aprender a me controlar mais agora que estou tão próxima de conseguir tudo, de cumprir a promessa que fiz.

Tomo toda a garrafa da bebida e desmaio no sofá da sala.

Acordo com o som do interfone e descubro que, além de uma horrível dor de cabeça, tenho também uma terrível dor nas costas. Sofá de designer filho da puta!

— Oi! — atendo mal-humorada.

— Senhora Andretti, o senhor Villazza, que diz ser seu irmão, deseja subir. Posso autorizar?

Meu irmão aqui?! Merda!

— Deixe-o subir, obrigada.

Aguardo um instante e abro a porta antes mesmo da estridente campainha tocar.

— *Cazzo*, Giovanna! — Frank exclama assim que me vê. — O que você andou aprontando na noite passada?

— Oi, *padulo*!

Ele ri do apelido e me dá um abraço forte.

— Oi, *bambina*! — Dou um soquinho no seu ombro e escuto outro xingamento em italiano.

Deixo-o entrar no meu *loft*, e ele analisa tudo ao redor, uma vez que nunca esteve aqui.

— *Piccolo, ma bello*!

Eu perco a paciência.

— O que você veio fazer aqui, Frank?

Ele me encara com seu sorriso torto no rosto.

Meu irmão mais velho, Frank Villazza, é o CEO da divisão da Rede Villazza de Hotéis na América Latina. Ele é um homem lindo, tanto que alguns anos atrás ostentava o título do solteiro mais

cobiçado do Brasil e o apelido de CEO playboy. O que mudou de lá para cá é que, além de ele não ser mais solteiro — se casou com Isabella, a irmã da Melissa Boldani —, também já não é mais o playboy, pois se tornou um homem de família devotado à mulher e aos filhos.

— Estava em São Paulo resolvendo alguns assuntos sobre a mudança da sede para cá... — Levanta as sobrancelhas. — Não posso visitar minha irmã?

Não, merda! Não quero vocês em São Paulo! Não quero vocês perto de mim!

— Claro que pode, só estranhei, afinal, você nunca veio antes.

Ele se senta no sofá e vê a garrafa de vinho vazia em cima da mesinha.

— Hum, somente uma taça, interessante!

— Frank! — Ele me olha. — *Vaffanculo!* — Gargalha. — Se meta na própria vida e me diga o PERIGOSAS ACHERON

que veio fazer aqui!

— Eu soube, pela Mel, que você ganhou um prêmio! — Seu sorriso é sincero e orgulhoso. — Quis vir te dar um abraço!

— Você estava com a Mel? — ele nota minha voz de assombro.

— Gio, Melissa Boldani é minha cunhada e é a arquiteta responsável pelos projetos de reforma do prédio que será nossa sede! — Balança a cabeça. — O que houve no passado já não importa!

Eu assinto, mas, ainda assim, fico incomodada, pois sei que, enquanto ela continuar mantendo contato com Frank, dificilmente irá esquecê-lo. Melissa foi apaixonada pelo meu irmão durante toda a vida, mas como não controlamos o destino — ou o coração — Frank acabou se apaixonando por Isabella Romanza, que mais tarde descobrimos ser irmã, por parte de pai, da Mel.

Eu gosto de Isabella, principalmente por ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o quanto meu irmão está feliz ao seu lado, mas confesso que teria adorado se ele tivesse escolhido a Mel. Ela é incrível, sincera, afetuosa e muito competente em seu trabalho. Todavia, infelizmente, não aconteceu para os dois, não era para ser.

— Sim — digo apenas. — Você deve ter razão.

Frank se acomoda mais no meu sofá.

— Você não oferece nada para suas visitas?
Mamma ficaria horrorizada com seus modos!

Rolo os olhos.

— Vamos tomar café na padaria da esquina
— informo já fazendo menção de subir para meu quarto.

— Na padaria? — Ri. — Giovanna Villazza, não me diga que ainda não aprendeu a fazer café!

— Eu tinha esquecido o quanto você sabe ser insuportável, Frank! — Mostro a língua para ele.
— Eu nem tenho cafeteira!

PERIGOSAS ACHERON

— Sacrilégio! — Finge que desmaia no sofá, e eu rio.

Caramba, como senti falta do meu irmão!

É o dia do baile, e nem preciso dizer que, embora meu final de semana tenha passado rapidamente, principalmente depois da visita de Frank, que se estendeu do café da manhã até o jantar, minha semana passou lentamente.

Na segunda de manhã, depois de confirmar meu horário no Ateliê Froussard, eu tive uma reunião bem acalorada com a equipe de criação sobre os *briefings* de dois novos clientes. No primeiro, depois de conversas entendendo o produto e qual tipo de abordagem faríamos, chegamos a um consenso e definimos os trabalhos, assim como a tarefa de cada um da equipe. Já para

PERIGOSAS ACHERON

o segundo, nada que sugeríamos prestava. Ficamos pelo menos duas horas conversando racionalmente sobre como desenvolver a campanha, mas nada surgiu, até que enlouquecemos e utilizamos a *brainstorm* para chegar a algum resultado e, como milagre, depois de muitas risadas, conseguimos. Marcamos uma outra reunião para o meio da semana para aprimorar a ideia surgida e decidir abordagem, conceitos, etc.

Mal tive tempo de almoçar, comendo apenas uma salada e uma proteína vegetal, e saí em disparada para o ateliê. Pat Froussard e eu nos conhecemos há muitos anos, desde que eu ainda estava na faculdade, e ao longo desse tempo, tornamo-nos amigas.

— Evento especial? — ela me perguntou depois que fui levada a uma sala exclusiva, onde seu pessoal me ofereceu champanhe e caviar — que eu educadamente recusei — enquanto ela me

PERIGOSAS ACHERON

mostrava vestidos de sua nova coleção.

— Sim. — Meu sorriso descrevia o quanto eu estava feliz com aquele evento. — Um baile de caridade.

— O baile da FIN? — Assenti. — Michelle — ela chamou sua assistente —, busque os que ficaram prontos ontem, acho que são esses que a senhorita Villazza está procurando.

Eu já pedi a ela que me chamasse de Giovanna Andretti, mas, quando nos conhecemos, eu gostava de ostentar o sobrenome famoso, então acho que ela nunca se acostumou ou nunca quis mudar.

Quando eu disse a ela, anos atrás, que preferia usar somente o sobrenome materno, ela me questionou, e eu lhe expliquei meus motivos — os oficiais, não os verdadeiros —, e ela me perguntou como, depois de anos escrevendo sobre moda e comportamento, eu poderia pensar que não iriam

lembrar que eu sou, na verdade, Giovanna Villazza.

No entanto, eu já havia previsto aquela situação e lhe lembrei que eu escrevia matérias, mas raramente apareciam fotos minhas nelas. Eu nunca fora uma blogueira ou qualquer outra coisa do ramo, eu apenas escrevia opiniões para alguns blogues de amigas. As poucas pessoas que me conheciam desse meio, como ela, já sabiam que eu gostaria de ser chamada de Giovanna Andretti.

No ramo da publicidade, foi um pouco mais complicado, pois eu fiz a maioria dos meus conhecimentos na faculdade e lá eu era a *princesa* dos Villazzas. Porém, ao contrário do que eu temia, minha escolha de me desvincular do sobrenome poderoso não só foi aceita, como muito bem vista pelos do *métier*^[2].

Quando Michelle retornou com mais duas moças carregando vestidos *black tie*, arfei diante de tamanha beleza. Eu sabia que o ateliê da Pat era o

PERIGOSAS ACHERON

local certo, pois seus modelos eram únicos, e suas criações, exclusivas.

Experimentei três deles, um azul e dois pretos, dentre os quais escolhi um por sua sensualidade sutil e fluidez do tecido na saia. Aproveitei que estava próxima de uma loja Christian Louboutin e comprei sandálias nude e uma *clutch* preta.

Voltei para a agência e trabalhei até às 10h da noite.

Minha rotina em nenhum momento se alterou. Eu consegui me manter calma, focada no trabalho, trabalhando até a exaustão para não deixar a ansiedade me vencer.

Bernardo me ligou três vezes durante esses dias, e nós conversamos bastante. Ele me informou que a FIN estava com editais abertos para verbas em algumas áreas e, por esse motivo, ele não estava com tempo livre para me ver, pois estava ocupado

com seus compromissos chatos.

Na quinta-feira, recebi um buquê de rosas colombianas vermelhas juntamente com o convite impresso em meu nome para o baile da FIN. Confesso que não liguei muito para as flores, idolatrando aquele pequeno pedaço de papel champanhe acetinado que veio dentro de um envelope parecendo uma obra de arte, com corte a laser imitando renda francesa e caligrafia manuscrita. Um luxo total!

Provavelmente, eles enviam os convites de acordo com o tipo de convidado, se casal ou solteiro, homem ou mulher. Soube disso por causa do meu, completamente feminino e romântico.

Eu enviei uma mensagem de agradecimento para o Bernardo, que retornou apenas com aquele *emoji* usando óculos escuros.

Na sexta-feira, eu tirei o dia de folga, surpreendendo a todos e incentivada por meus PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sócios, embora por motivos diferentes. Para Lori, eu ir ao baile com o Bernardo era como uma afirmação de que eu estava aceitando algum relacionamento; para o Tom, porém, era uma oportunidade de fazer *networking*.

Fui até o SPA onde minha depiladora e massagistas trabalham e fiquei o dia todo por lá, entre massagens, depilação de quase todas as áreas do meu corpo e banhos aromáticos. Não fiz mais nenhum procedimento, pois quem cuidaria de meus cabelos, pele e unhas seriam Leon e sua equipe, no sábado.

Leon Frances, o nome profissional de Diego Sanches, é proprietário de um salão muito badalado numa área nobre da cidade. É mais um daqueles que eu conheci ainda no começo do negócio e que, depois de experimentar o serviço, fiz uma crítica positiva, e o seu empreendimento se tornou um sucesso.

PERIGOSAS ACHERON

Desde que voltei a São Paulo, somente Leon tocou nas minhas madeixas, que naturalmente são loiras e cacheadas, mas uso os fios lisos pela praticidade do dia a dia.

Como o dia seguinte seria corrido, fiz meu treinamento de MMA na sexta-feira, assim como resolvi qualquer pendência que poderia me ocupar no sábado.

Aquela noite foi a terceira vez em que Bernardo me ligou naquela semana.

— Eu queria muito poder te ver hoje, mas, como você deve imaginar, o pessoal do trabalho está em pânico com tudo o que tem de ser feito até amanhã.

— Eu pensei que vocês tinham uma empresa contratada para isso — respondi no automático, pois estava vendo alguns artigos interessantes sobre ele na internet.

Nunca consegui achar muitas reportagens

PERIGOSAS ACHERON

sobre os Toledos, geralmente só notas de algum evento máster que eles se deram ao luxo de participar ou eventos próprios. Todavia, depois que conheci Bernardo, percebi que meu foco estava errado em toda a pesquisa que fiz anteriormente, pois, sobre o caçula, eu achei muitas e muitas páginas de informação.

— Nós temos, mas grande parte da organização está por nossa conta. — Bufou. — Minha mãe faz questão de verificar cada detalhe como uma louca. — Riu. — Além disso, precisamos verificar as doações que estão entrando nesses últimos dias.

Eu tinha me esquecido daquele detalhe!

— Nossa, Bê! Eu me esqueci completamente de doar! — informei já abrindo o site do banco.

— Não precisa! Você é minha acompanhante e...

— Não, não! Faço questão. — Rolei os
PERIGOSAS ACHERON

olhos. — É por uma boa causa. — Fiz uma careta. Seria mesmo?

Ele concordou, e eu entrei num chat com meu gerente e pedi a transferência de dez mil reais para a conta que constava no convite. Era uma quantia razoável, menos do que eu doava para o baile de caridade da minha família, mas, ainda assim, razoável.

— Feito! — informei-lhe.

— Obrigado! — ele usou um tom de voz aveludado e sedutor, e eu tremi de repulsa no sofá. — Eu vou pegar você amanhã às 8h30 da noite, pode ser? — Eu apenas emiti um monossílabo concordando, pois estava lendo sobre os campeonatos de surf e de skate de que ele participara. — Sei que vamos chegar em cima da hora, mas eu só vou conseguir me livrar do Álvaro, o produtor do baile, bem no começo da noite...

— Sem problemas, Bê! — Rolei os olhos. —

O importante é que estarei ao seu lado pelo resto da noite! — Pus a língua para fora, achando minha voz melosa, nojenta.

— Eu vou adorar ter você comigo, gata! —
Riu.

Eu ainda fiquei conversando com ele por alguns minutos antes de dizer que precisava trabalhar e, *infelizmente*, precisava desligar. O que, é claro, foi só uma desculpa, porque eu estava colecionando informações na internet. Conhecer seus gostos era fundamental para eu sacramentar aquela amizade e, com isso, estar mais próxima do meu objetivo principal.

A noite veio, e eu mal consegui dormir, tamanha minha ansiedade. Eu ficava na cama imaginando como seria quando os encontrasse, se haveria alguma sensação além de desprezo. Sonhei com esse momento, em estar cara a cara com eles, por cerca de cinco anos e, finalmente, apenas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algumas horas me separavam do grande dia —
hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo V

Giovanna

Olho para a entrada do Jockey Club de São Paulo e admiro a equipe que trabalhou tanto na organização quanto na decoração desse evento.

Bernardo estaciona o carro em uma vaga privativa para membros da FIN. Vejo uma área reservada para a imprensa, com local para fotografia na frente de um enorme *backdrop* com a logomarca do baile, bem como dos parceiros envolvidos e, claro, da Novak.

Caminhamos nessa direção. Eu nem por um momento pensei que sairia em revistas e sites ao lado de Bernardo. A ideia não me agrada, principalmente se alguém da minha família vir, mas eu não tenho um motivo confessável para me livrar disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Começa uma chuva de flashes, o que me faz fechar os olhos por um momento, e logo nos postamos em frente ao painel. Bernardo, charmoso em seu smoking negro, enlaça minha cintura e abre um sorriso sexy. Eu respiro fundo e faço o mesmo, tentando passar uma imagem de mulher sexy e feliz. O martírio dura apenas alguns minutos, pelo que agradeço, pois logo somos encaminhados até a escadaria que leva para o foyer entre os dois salões de festa.

Tudo está perfeito, eu admito, elegantemente decorado com muitas flores, espelhos com molduras trabalhadas em ferro na cor ouro velho e um enorme tapete vermelho.

Suspiro ante a realidade se descortinando à minha frente. Eu estou a poucos passos! Calma, Giovanna, mantenha o foco!

Bernardo está conversando com alguém, por isso, nossa entrada é atrasada. Minha respiração

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começa a ficar mais pesada, eu sinto dificuldade em puxar e soltar o ar, e meu coração parece querer explodir no peito.

Fecho os olhos tentando pensar na minha trajetória até aqui, que não começou hoje pela manhã com a invasão de Leon e sua equipe para me arrumar, não! Começou há quase cinco anos, ainda na Itália, quando meu mundo caiu.

Depois disso, eu quis as respostas, mas pensei ser impossível, até que tive uma pista que chegou a mim ao acaso. Agora eu estou aqui, neste lugar, com essas pessoas. Abro os olhos, olhando tudo à minha volta, e esse luxo todo me machuca, porque esse dinheiro foi o responsável por todo o sofrimento que *ela* passou.

— Tudo bem, gata? — Bernardo está me encarando.

Eu me concentro e abro o meu melhor sorriso para ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Como poderia não estar? Estou ao lado do homem mais bonito da noite!

Ele se sente adulado e sorri, jogando a cabeça para o lado.

— Então somos um casal perfeito, porque você... — olha-me de cima a baixo — está uma deusa!

Eu finjo constrangimento, mas sei que realmente estou linda. Leon caprichou nos meus cabelos, enrolando-os e os prendendo levemente em coque solto, com minha franja longa solta ao lado do rosto. A maquiagem foi leve, mais do que eu gosto de usar, dando um tom bronzeado à minha pele, marcando os olhos e contornando meu rosto.

E o vestido... A Pat me disse que era tendência de inverno e, embora a temperatura ainda não tenha baixado tanto, o clima à noite está propício a usá-lo. Veludo. Preto. Poderia parecer sério demais, tampado demais, mas não. É um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

modelo de mangas longas, com um decote nas costas que avança para os lados da cintura, e a saia, levemente transpassada, mostra a enorme fenda central quando eu caminho, deixando boa parte das minhas coxas à mostra.

Para complementar, estou usando apenas brincos pendentes de diamante e anéis da mesma pedra. Optei por não usar colar, pois a gola do vestido passa reta rente ao meu pescoço, e braceletes teriam de ficar por cima das mangas e me dariam um ar muito retrô.

Estou elegante e sexy, sem muitas transparências, mas com pele à mostra. E eu soube que Bernardo havia aprovado o vestido assim que o viu, pois me rendeu um assovio.

— Vamos entrar? — pergunta-me assim que resolve algum assunto na recepção. — Eu disse que queria vir como convidado, mas o pessoal daqui é foda... — Ri. — Vamos nos esconder lá dentro!

PERIGOSAS ACHERON

Entramos no salão nobre, e eu posso ver o palco montado com estrutura para receber a pequena orquestra, além das mesas dispostas dentro do salão e pelo terraço.

— A mesa da minha família é bem no centro.

— Aponta, mas eu não consigo ver nada tamanho o trânsito de pessoas.

— Muitos convidados presentes, não é?

— Sim, e nesse ano tivemos que reduzir, pois mamãe quis prestigiar o Jockey e fazer aqui. Foi um problema essa coisa de dois salões, principalmente porque o outro é o restaurante, mas deu tudo certo.

— Ficou divino! — elogio com sinceridade.

Enquanto caminhamos desviando de mesas e pessoas, pois o espaço realmente não é grande, vou reconhecendo muitas pessoas aqui, entre artistas famosos, pessoas da alta sociedade paulistana, empresários de sucesso e políticos. A FIN e a PERIGOSAS ACHERON

Novak, claro, têm muito prestígio, por isso essa aglomeração toda.

Quando nos aproximamos da mesa dos Novaks de Toledo, a primeira coisa que vejo são os cabelos brancos de Gilberto de Toledo. Meu coração estremece no peito, e eu acho que meu corpo também, pois Bernardo me dá uma olhada e aperta minha mão que está sobre seu braço.

Gilberto conversa com alguém sentado ao seu lado enquanto vejo Cecília de Toledo, sua esposa, conversando em pé com outra mulher.

— Não precisa ficar nervosa, Gio —
Bernardo me tranquiliza. — Eles vão te adorar!

É tudo o que eu mais quero! É tudo o que eu preciso... que eles gostem de mim, que confiem em mim.

A matriarca da família é a primeira a nos ver, abrindo um enorme sorriso e comentando algo com a sua acompanhante. Quando a outra mulher se vira

PERIGOSAS ACHERON

para nos encarar, eu reconheço Sandra Nogueira, a esposa do deputado federal Rildo Nogueira — que está conversando com Gilberto —, amigos íntimos da família.

— Minha mãe! — ele me explica como se eu não reconhecesse a *Grande Dama da Caridade Paulistana*. — Não se assuste com ela. — Ri. — Ela ainda pensa que sou um bebê.

Tenho vontade de rolar os olhos, mas me contenho, abrindo meu melhor sorriso.

— Bernardo! — ela cumprimenta o filho. — O pessoal da produção estava louco atrás de você! — Olha-me sorrindo. — Mas desculpo seu atraso. — Chega perto de mim, abraça-me e me dá um beijo na face. Eu fico paralisada. — Ele é um garoto muito mal-educado, nem nos apresentou!

— Mãe... — ele a repreende, rindo. — A senhora nem deu tempo para isso! — Sinto seu olhar sobre mim, mas estou petrificada, gelada e

PERIGOSAS ACHERON

tremendo. — Gio, esta mulher linda é a minha mãe, Cecília. — A senhora em questão, com seus cabelos grisalhos presos num coque banana tradicional e olhos cor de esmeraldas, sorri para mim. — Mãe, esta é Giovanna Andretti.

Ela diz algo para mim, mas meu cérebro já está em colapso. Eu consigo ver seu sorriso, seus lábios se mexendo. Sinto a mão do Bernardo na minha, mas não ouço mais nada. O burburinho de pessoas chegando e tomando assento em suas mesas, de gente se cumprimentando, conversando, cessa.

Respiro bem fundo e me obrigo a não destruir tudo logo de primeira. Eu não vou jogar a toalha no primeiro assalto! O rosto dela, eternizado nas fotos que eu tenho guardadas comigo, aparece em minha mente, fazendo-me voltar à sanidade.

— É um prazer, dona Cecília! — lembro do tratamento quase de primeira-dama que ela recebe

PERIGOSAS ACHERON

ao ser chamada por todos de *dona*.

— Ah, o prazer é meu! — Ela chama a atenção de Sandra, ao seu lado. — Agora sabemos o que tem deixado meu filho tão desesperado para sair do escritório antes da hora! — Ri. — Você é linda!

Eu fico completamente sem palavras por causa da espontaneidade dessa mulher. Cecília é reconhecida por ser uma dama, um modelo de esposa, modelo de mãe e de empresária, além de seu bom gosto em todas as áreas possíveis. A mulher é um ícone de elegância e sofisticação e, quando mais nova, ditou a moda entre as socialites paulistanas.

Eu a imaginava contida, reservada, como sua família é com a imprensa, e até esnobe, mas não. Posso dizer que estou realmente surpresa.

— Obrigada. — Não alongo mais o assunto, pois estou ainda com dificuldades para raciocinar e

PERIGOSAS ACHERON

minha sina ainda não acabou, pois preciso poupar energias para enfrentar os outros, que ainda não conheci oficialmente.

Uma moça da produção usando tailleur preto, fone e microfone solicita a atenção de Bernardo para resolver algo relacionado ao buffet, e eu sou deixada nas mãos de dona Cecília.

— Deixe-me apresentá-la a minha querida amiga Sandra Nogueira. — Eu cumprimento a mulher de cabelos vermelhos e olhos escuros. — Sandra trabalha conosco na FIN e é responsável pelo setor financeiro. — Assinto. — Bernardo comentou que você é publicitária.

— Ela é da Ello, Cecy! — a outra senhora não me dá nem chance de responder. Eu sinto seu olhar gélido sobre mim.

— Ah, meu Deus! — dona Cecília parece deslumbrada. — É você a diretora de arte responsável pela campanha “Pequenas Gotas do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Saber”? — Sorrio e confirmo com a cabeça. — Nossa, eu achei aquela campanha cheia de sensibilidade!

— Foi um conceito simples... — Tento parecer modesta.

— Sim! E foi exatamente esse o charme! — Ri para Sandra, que, ao que parece, não compartilha de sua opinião. — Tanto é assim que abocanhou nosso prêmio...

— Quem abocanhou o quê? — Meus olhos se arregalam ao ver Gilberto de Toledo, no alto dos seus quase 2m, abraçar a esposa pelas costas.

— Ai, Gilberto... — Ela põe a mão no coração. — Que mania de chegar sorrateiramente, dando susto nas pessoas!

Ele ri e estende a mão para mim.

— Gilberto de Toledo, seu futuro sogro? — Gilberto brinca. Rildo, ao lado dele, gargalha, e Cecília o repreende, mas também rindo.

PERIGOSAS ACHERON

— É um prazer, senhor Toledo. — *Uau, Giovanna!* Eu fico orgulhosa por ter conseguido dizer uma frase inteira na sua frente. Estendo minha mão lentamente para tocar na dele. — Giovanna Andretti.

Bernardo retorna e enlaça minha cintura, e eu, involuntariamente, me remexo, afastando-me de seu abraço, porém, antes que todos percebam, volto à posição inicial e o deixo repousar sua mão na minha cintura desnuda.

— Espero que eles não estejam te constrangendo muito! — diz no meu ouvido. — Eles são terríveis juntos!

Eu faço que não, mas não tenho tempo para dizer como seu pai se apresentou a mim, pois meu sangue gela pela declaração de Gilberto:

— Giovanna... parece que eu a conheço de algum lugar! — Ele me examina atentamente, seus olhos castanhos fixos no meu rosto.

— Claro que a conhece, é a filha caçula dos Villazzas! — escuto uma voz rouca atrás de mim.

— Ah, sim! — Ele sorri e me olha curioso. — Claro, Andretti é o sobrenome de sua mãe!

— Filha da Silvia? — dona Cecília parece deslumbrada. — Nossa, eu não te vejo desde bem pequena! — Olha para o marido. — Lembra que nos encontramos com eles em Londres? — Volta a me olhar. — Você era tão pequeninha, Giovanna!

Meu sorriso está grudado na cara, mas, mais uma vez, estou em pânico.

— Villazza? — Bernardo me questiona.

— Sim — respondo. — Quando eu deixei o trabalho na Rede e resolvi trabalhar na Ello, achei melhor não usar o sobrenome do meu pai.

Ele me olha confuso, como se não fizesse sentido o que eu disse.

— Ah... — Gilberto parece surpreso e orgulhoso. — Quis fazer seu próprio nome, não é?

Isso é admirável!

— Muito... — de novo a voz irônica atrás de mim. Dessa vez, faço menção de me virar para encarar o engraçadinho, mas nem preciso.

— Nicholas! — Cecília o chama. — Venha conhecer a Giovanna!

Ele entra no meu ângulo de visão. Cabelos penteados para trás, castanhos, porte impecável num smoking preto, com camisa e gravata também dessa cor, o que é incomum. Eu sei que Nicholas Smythe-Fox é um homem lindo, mas vê-lo pessoalmente me deixa sem fôlego.

— É um prazer, Giovanna *Villazza*. — Ele estende a mão para mim.

Não gostei de ele ter revelado quem eu sou tão cedo; não gostei da forma como ele ironizou o que Gilberto disse sobre mim; e agora tampouco aprovo o jeito que ele destacou meu sobrenome.

Encaro-o, séria. Seus olhos azuis estão

PERIGOSAS ACHERON

brilhando de malícia, provocando-me, a boca tentando esconder um riso debochado.

— O prazer é meu, Nicholas. — Aperto a mão dele. Algo muito estranho acontece, e a solto imediatamente.

Ele cumprimenta os outros convidados enquanto eu ainda tenho esta sensação estranha dentro de mim.

— Tudo bem, Gio? — Bernardo me pergunta, levando-me até o assento à mesa. — Você é mesmo cheia de surpresas!

— Eu não gosto de ficar ostentando ser uma Villazza por aí... — Droga! Todo o cuidado que eu tive, ao longo dos anos, de me desvincular da imagem dos outros membros da minha família caiu por terra em menos de meia hora de convivência com essa maldita família! — Você não se sente observado, cobrado, por ser um Novak?

Ele ri.

— Não! Eu adoro ser um Novak de Toledo! Impõe respeito! — Mais uma vez, eu quero rolar os olhos e, quando ele vira de costas, quase faço uma careta, mas, a tempo, vejo que Nicholas me observa. Sorrio para ele, bem falsa.

Homem odioso! Meu pai diz que eu sou uma das únicas pessoas no mundo que consegue sentir antipatia e aversão por alguém sem nem mesmo trocar uma palavra. Com Nicholas Smythe não pode ser diferente, porque tudo o que sei dele, do que fizeram por ele, por causa dele... da culpa que ele teve... eu posso dizer que o que sinto vai além da antipatia. É mágoa, é desprezo.

Uma música orquestrada começa a tocar, e eu ouço o barulho no salão cessar. Um homem de meia-idade muito bem-vestido sobe ao palco e, com voz de locutor, começa a falar sobre o baile:

— ...mas quem dará a todos as boas-vindas oficiais, bem como fará o agradecimento em nome

PERIGOSAS ACHERON

da Fundação Ivan Novak é sua presidente, dona Cecília Novak de Toledo! — Ouço aplausos enquanto ela se levanta de seu lugar, à nossa mesa, e caminha em direção ao palco.

— Obrigada, Cleber — ela fala já ao microfone. — Boa noite a todos! É com orgulho que, mais uma vez, damos abertura ao Baile Anual de Beneficência da FIN, a querida fundação que leva o nome de um dos maiores empreendedores do Brasil, meu pai, Ivan Novak. — Todos aplaudem novamente.

Ela continua seu discurso sobre como ele pensou em ajudar ao próximo, o ano da constituição da Fundação e sobre a entidade beneficiada com todos os recursos arrecadados nessa noite.

Em dado momento do discurso, Bernardo passa o braço pelos meus ombros, e eu sorrio para ele, ficando séria assim que ele se vira para o palco

novamente.

É um sacrifício tê-lo dessa forma, tão perto, tão romântico, tão meloso.

Quando dona Cecília termina e declara aberta a pista de dança, colocamo-nos de pé, aplaudindo muito.

— Onde está o Nick, pai? — Bernardo pergunta ao ver a mãe descer a pequena escada do palco, entrando na pista de dança.

— Ele teve que atender a uma ligação. — Ele olha para onde Nicholas provavelmente foi. — Vai você!

— Eu? — Bernardo faz uma careta.

— Vai logo, Bernardo! Ela já está esperando! Eu, confesso, estou curiosa e confusa.

— Eu preciso ir.... — Ele bufa. — A próxima nós dançamos juntos!

Eu o vejo ir em direção à mãe, em seguida a pegar nos braços e começar a dançar *Strangers in* PERIGOSAS ACHERON

the Night.

— É nossa música favorita... — Gilberto começa a falar enquanto vejo outros casais indo para a pista, inclusive Sandra e Rildo Nogueira. — Eu não posso dançar, pois coloquei uma prótese no joelho direito há alguns meses.

Eu olho para ele, constatando, no percurso, que estamos sozinhos.

— É uma pena... — é só o que consigo falar.

— Então, Giovanna, esse namoro com o Bernardo...

— Somos só amigos por enquanto.

Ele parece gostar da minha resposta e sorri.

— Mas ele parece estar muito animado...

— Ah... o Bê foi! — Nicholas aparece ofegante, parecendo que correu para chegar à mesa.

— Pensei que desse tempo, me desculpe! — fala para o pai.

— Sem problemas! Todo ano, quando é a vez

dele, ele se recusa a ir... dessa vez, não teve jeito!

Nicholas gargalha, o que o deixa ainda mais bonito, e eu desvio os olhos, com raiva de mim mesma por notar isso.

— Mas, infelizmente, Giovanna ficou sem acompanhante para dançar a primeira música. — Meu coração dispara ao ouvir isso. Não é possível que ele... — Você podia acompanhá-la...

— Não se preocupe comigo! — respondo muito rápido, o que faz Gilberto franzir o cenho, e Nicholas dar um sorriso debochado.

— Ah, mas eu faço questão de acompanhá-la, *princesa!*

Putaquepariu! Ele usou meu apelido, o filho da puta! Eu respiro fundo, notando que a música já está pela metade, e fico de pé, aceitando a mão dele. Seguimos mudos para a pista de dança. Eu sinto ódio ferver dentro de mim, pois aquele Gilberto não imagina o mal que ele fez!

Nicholas enlaça minha cintura, passando a mão pela pele exposta pelo decote no meio das minhas costas e me esmaga contra o corpo dele. Novamente, sinto minha pele arrepiar, e uma sensação desce desde minha nuca até a base da minha coluna, alojando-se no meu ventre. Ele me encara sorrindo, e permanecemos assim, parados no meio da pista de dança lotada.

— Não vai pegar? — questiona-me.

Seus olhos são hipnotizantes, de um azul tão celeste, tão brilhante que parece o espelho d'água de um lago plácido e gelado. Seu nariz, reto e perfeito, completa, com a boca carnuda e vermelha, a sensualidade desse rosto.

— O quê? — Eu me sinto um tanto abobada, confesso. Isso não é muito natural para mim, pois estou acostumada a conviver com homens muito bonitos, apesar de que dois deles são meus irmãos e os outros dois, são gays... enfim.

— Minha mão — Ele faz sinal com os olhos, e vejo sua mão esquerda estendida para o lado.

Ai, que mancada! Eu encosto minha mão na dele, e começamos a dançar. Bem, para quem não lembra, eu amo dançar! O balé foi meu sonho infantil, mas depois explorei outras modalidades de dança, acabando, claro, retornando ao balé clássico, para o qual eu realmente tenho vocação. Quer dizer, eu tinha! Eu não danço desde que retornei a São Paulo. Troquei as sapatilhas de ponta pelas luvas de boxe, a maquiagem, pelo protetor bucal, e o tutu, pelos calções.

Nicholas, posso afirmar, é um exímio dançarino, e, embora a música seja apenas instrumental, tocada pela orquestra, eu posso ouvi-lo cantando imitando a voz do Frank Sinatra:

(...) Da quella notte siamo stati insieme. Amanti a prima vista, innamorati per sempre. Tutto è uscito perfetto per gli estranei la sera (...)

Seguro o riso, achando engraçado que ele possa imitar tão perfeitamente a voz desse ícone da música mundial. Então, sem nada combinado, quando o quarteto de metal soa mais alto, ele me rodopia pela pista.

Volto para os braços dele rindo e relaxada como há muito não acontecia. A dança tem esse poder sobre mim, o poder de acalmar meu corpo, de afastar os demônios de minha mente. Fico séria novamente ao pensar nisso. Não! Não posso afastá-los enquanto não terminar o que eu me propus a fazer! Eu preciso me manter dura e focada! Fico tensa, e ele parece perceber, olhando-me interrogativo.

A orquestra, graças a Deus, finaliza a música, e eu me separo o mais rápido possível de Nicholas, porém, antes que eu possa voltar à segurança da mesa, sinto uma mão no meu braço. Não há nenhuma vibração no ar nem no meu corpo, e eu

PERIGOSAS ACHERON

relaxo, sabendo se tratar de Bernardo, pois com ele posso me controlar melhor.

— Quer dançar a próxima comigo, gata? — ele inquire encostando a boca no meu ouvido, e eu sinto meu estômago revirar.

— Eu preciso de água! — desculpo-me, e ele me acompanha de volta.

É estranho o modo como meu corpo reage ao Bernardo e ao Nicholas. O desprezo que sinto por um, sinto o dobro pelo outro, então é completamente inoportuna e contraditória a atração que sinto pelo irmão mais velho.

— Representei bem? — Bernardo indaga ao pai assim que nos sentamos.

— Arrasou, filho! — Gilberto responde sorrindo antes de beijar a esposa.

— Parem com isso! Giovanna, esses dois são assim mesmo. É nojento! — Ri, pois parece que, no fundo, adora a intimidade entre os pais. — Essa

música que dançamos é a música deles, Deus sabe o porquê, pois não revelam nem sob tortura. — Gilberto ri, e Cecília parece visivelmente constrangida. — Todo ano, o baile é aberto com essa canção, e um de nós é obrigado a dançar com ela.

— Que bonito isso! — Sinto a raiva crescer dentro de mim. A vida que eles têm em contraste com a vida *dela*... Eu não gosto nem de pensar!

O jantar é servido, impecável, preparado por um chef que doou seu tempo para contribuir com a causa desse ano. À nossa mesa, todos conversam enquanto eu como lentamente. Há alguns anos, não como carne vermelha ou de frango, e minha alimentação é basicamente de peixes e vegetais, assim tenho de recusar pratos com vitela, costelas de cordeiro e *magrets de canard*^[3].

De vez em quando, levanto os olhos do prato na direção do Nicholas, e, na maioria delas, nossos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhares se cruzam. Mas que merda está acontecendo?! Eu nunca, nunca mesmo pensei em me aproximar dele. Em nenhum momento passou pela minha mente ter qualquer envolvimento com qualquer um dos irmãos, muito menos com o mais velho.

O homem é a descrição em pessoa em relação a sua vida pessoal. Em minhas pesquisas, tudo o que tenho sobre ele é relacionado ao trabalho, seja pela Novak, seja pela FIN. Não há nenhum escândalo, nenhum babado forte com alguma mulher, nada!

Às vezes, imaginei que ele devia ser um gay enrustido, por isso era discreto, mas, a considerar a atração latente que está rolando entre nós — embora eu odeie, tenho de admitir —, não parece ser esse o caso.

Olho para a cadeira vazia ao lado dele e, involuntariamente, ergo uma sobrancelha.

PERIGOSAS ACHERON

Bernardo parece ler meus pensamentos:

— Nick, onde está sua companheira de sempre? — O mais velho não responde, apenas o olha sério. — Cadê a *Robin*? — pergunta quase sussurrando, mas seu irmão entende, pois bufa.

— Não a chame assim, idiota! — Ele parece com raiva. — Ela teve uma emergência e não conseguiu sair a tempo do hospital.

— Puxa! — Bernardo debocha. — Que lástima!

— Sim — Sandra se mete na conversa. — Minha filha é uma médica muito competente e solícita, Bernardo. — Ele olha para a mulher com cara de tédio. — Ela não finge que trabalha!

Ponto para ela! Eu estou cada vez mais interessada no assunto.

Bernardo, depois da indireta, resolve calar a boca e comer. Eu aproveito o momento de silêncio para fazer anotações mentais:

Um: Quem é Robin?

Dois: Quem é a filha do casal Nogueira?

Três: Qual tipo de relação Nick e ela possuem?

Quatro: Quantas plásticas a Sandra fez?!

Essa última pergunta é quase retórica, pois estou abismada com a aparência jovem dessa mulher! Ela tem uma filha médica, *competente e solícita*, mas parece ser da minha idade! Caramba! Quero o nome do cirurgião!

Eu sinto o clima tenso que se estabelece entre os dois irmãos, notando, principalmente pela postura de Nick, que o assunto não o deixa confortável.

Assim que as sobremesas estão sendo servidas, Nicholas e Gilberto se retiram para circular entre os convidados. Sandra e Cecília estão

PERIGOSAS NACIONAIS

conversando sobre assuntos da FIN, e o senhor Nogueira quase parece cochilar na cadeira.

— Vamos para o terraço? Tenho uns amigos por lá, podemos conversar com gente da nossa idade! — Bernardo se levanta, e eu o sigo.

Passamos por entre as mesas, onde ele cumprimenta a maioria das pessoas no percurso, e entramos na enorme varanda com uma bela vista.

Como ele disse, a maioria dos convidados mais jovens estão aqui, inclusive Nick, falando ao ouvido de uma morena muito bonita. Eu desvio os olhos e sigo com Bernardo até a mesa onde avisto, infelizmente, a mesma turma da boate do dia em que nos conhecemos.

Respiro fundo, prevendo horas de conversas nas quais eu não estou interessada, mas para que, dessa vez, estou preparada para ter, pois gastei horas pesquisando sobre os assuntos que eles mais falavam.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, Bê! — uma das moças, Alicinha, é a primeira a nos cumprimentar, mas ela mal olha para mim. — O Nick está aqui pertinho... — Ela aponta. — Por que você não o chama para ficar conosco?

Bernardo gargalha.

— Alicinha, gata, esquece o Nick! — Ele solta a minha mão e a põe no ombro dela. — Ele já disse que não vai rolar entre vocês, além do mais... — olha para o irmão — ele parece já ter encontrado companhia! — Balança a cabeça. — Coitada da Robin!

— Quem é Robin, afinal? — eu resolvo perguntar agora que estamos longe de Nicholas e Sandra.

— Não o deixe ouvi-la falar dela nesses termos, Gio! — Todos na rodinha riem. — Aqui todo mundo é amigo há muitos anos. Frequentamos a escola juntos, crescemos juntos... — Eu os vejo assentir com a cabeça. — Então, desde sempre,

PERIGOSAS ACHERON

chamamos os dois de *Batman e Robin*. A *Robin* é Caroline Nogueira, a melhor amiga do meu irmão.

Melhor amiga?! Interessante! Eu tento puxar pela memória, mas o nome não me traz nenhum rosto à mente. Talvez eu já tenha ouvido falar dela, ou mesmo a tenha visto por aí, mas não consigo associar o nome à pessoa. Caroline Nogueira, médica. Preciso pesquisar!

— Ah, a Carol quer ser mais do que amiga!
— Alícia comenta debochada. — Mas é muito covarde para tentar. — Dá de ombros. — Ela acha que, um dia, ele irá descobrir que está apaixonado e eles viverão felizes para sempre! Aff, detesto mosca morta!

Eu rio junto, mas realmente sem achar graça no assunto. Eu estou pouco interessada se a tal Caroline é ou não apaixonada pelo Nicholas Smythe, muito menos se é recíproco. Tudo o que me importa é que faz com que eu mantenha o nome

PERIGOSAS ACHERON

da mulher em mente é saber se eu poderei obter algumas informações dela.

Eu sei ser bem amiga e amorosa quando quero e, se Caroline for um degrau a mais para eu chegar ao meu objetivo, serei a melhor amiga que ela nunca imaginou ter.

Misturo-me aos outros amigos de Bernardo, e a conversa se estende até às 3h da manhã. Eu já estou visivelmente cansada, mas as pessoas à minha volta — ao todo três casais — não param de falar e de beber.

— Cansada? — Bernardo me pergunta.

— Sim. — Sorrio, desculpando-me. — Minha rotina é um tanto pesada durante a semana, me desculpe.

— Que isso, gata! — Abraça-me mais forte. — Vou adorar levar você para casa quando quiser ir!

Sinto um frio subir pela minha espinha ao

PERIGOSAS ACHERON

apenas imaginar o que ele está insinuando. Claro que eu não irei dormir com ele, não mesmo! Não há a mínima chance de esse rapaz me encostar um só dedo, pois não há atração entre nós, além, é claro, do desprezo imenso que sinto por toda essa sua família. Se eu tiver de ficar a noite inteira aqui, aguentando as tiradas irônicas, preconceituosas e elitistas dessa turma apenas para evitar qualquer possibilidade de estar sozinha com Bernardo, eu ficarei.

Todavia, parece que ainda tenho algum crédito com Deus, pois uma das produtoras do evento aparece nervosa atrás de Bernardo. Os dois conversam por alguns instantes, isolados de nós, e ele me olha com lástima.

— *Baby*, vou ter que resolver umas merdas que essa equipe arrumou. — Dá de ombros. — Se quiser ficar aqui com o pessoal e me esperar, depois te levo para casa; se não, te arrumo uma

PERIGOSAS ACHERON

carona.

Eu me seguro para não abrir um enorme sorriso de alívio.

— Eu realmente tenho de ir. — Disfarço um bocejo forçado. — Eu posso chamar um táxi, não se preocupe.

— Táxi? Nem pensar...

— Táxi para quem? — Nicholas, como sempre, interrompe nossa conversa sem eu nem ao menos ter percebido sua aproximação. Homem dissimulado!

— Gio quer ir embora, e eu tenho de ir resolver uma coisa com o pessoal da produção do evento. — Faz careta. — Eu vou ver se consigo alguém para levá-la...

— Eu levo. — Franzo o cenho e o encaro. — Estou indo buscar Caroline no hospital, não me custa dar uma carona. — Dá de ombros.

— Ah, é perfeito! — Ele sorri e me olha. —

A Carol trabalha no Sírio-Libanês!

Putá que pariu! Só pode ser sacanagem do destino ele estar indo buscar a *amiga* no mesmo bairro onde eu moro!

— Vamos? — ele me pergunta.

Eu assinto e me despeço dos amigos de Bernardo.

Caminhamos, os três, em direção à saída do Jockey e, já próximo ao estacionamento, Bernardo me abraça, e eu lhe dou um beijo no rosto.

Nicholas desarma o alarme do Porsche branco, e eu me acomodo no banco do carona em silêncio.

— Qual rua? — pergunta-me assim que saímos do estacionamento.

Eu indico a rua do meu prédio e fecho os olhos, encostando minha cabeça no banco de couro bege e macio. Nicholas parece entender que eu não quero conversar e liga o som do carro, que toca

sertanejo. Eu, mesmo de olhos fechados, arqueio uma das minhas sobrancelhas ao ouvir a música, pois nunca imaginei que ele gostasse desse estilo. Não só gosta, como não se importa em cantar alto e bom som, além de fazer batuques no volante. Minha cabeça começa a doer de cansaço e por causa dessa cantoria infernal. O homem tem uma bela voz, é verdade, é afinado, tem ritmo e parece ter nascido para cantar sertanejo e country, mas eu tenho quase certeza de que a animação dele é toda para me irritar.

Abro os olhos quando entramos na minha rua, pois preciso indicar o meu prédio para ele.

— Na próxima quadra — informo apontando.

— Sim, *madame!*

Eu o fuzilo com o olhar ao ouvir sua resposta debochada. Babaca!

Ele para o carro, e eu lhe agradeço, seca, e faço menção de sair, mas ele segura meu braço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está rolando entre meu irmão e você?

Abro um sorriso irônico, arqueio a sobancelha e o encaro.

— Qual o motivo da pergunta?

Ele sorri.

— Curiosidade! — finge inocência, o patife.
Ah, sim! Babaca!

— Pergunte ao seu irmão... — Ponho a mão na porta, mas, novamente, ele me interrompe.

— Já o fiz, mas acho que ele *está enganado*.
— Ri. — Disse que estava te pegando, mas não vi um só movimento teu que indicasse isso.

Eu bufo de raiva.

— Somos amigos, Nicholas — respondo a fim de encerrar a conversa.

Ele gargalha, o que me faz ficar intrigada.

— Amigos? Sério? — Olha-me no fundo dos olhos, e eu sinto um arrepio percorrer minha pele.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu dificilmente me engano com as pessoas, Giovanna. Sempre tive orgulho de ser um ótimo observador e, apesar de amar meu irmão, reconheço que o círculo de amizades dele é formado por um bando de idiotas cabeças de vento, e você não se encaixa. Vocês dois são como água e óleo! — Meu coração dispara com a sua sagacidade. — Se tivesse me dito que os dois estavam se pegando, teria mais sentido, pois sei que Bê conquista muitas mulheres com aquele jeito de moleque que tem. — Aperta os olhos, ficando ainda mais sexy. — Mas amizade? Não... Não me convence!

— Talvez você não seja tão bom observador, Nicholas. — Cruzo os braços. — Talvez seja só preconceituoso, achando que, só porque seu irmão tem amigos que gostam de curtir a vida, ele não pode ter amizade com alguém como eu. Mas, afinal, o que você sabe de mim? — Rio, superior.

— Mais do que você supõe, com certeza!

Isso me intriga, e eu fico parada, olhando-o.

— Boa noite. — Aponta para a porta. — Eu já estou atrasado para pegar a Carol.

Abro a porta e saio sem retribuir seu cumprimento. Estou fervendo de ódio e, claro, muito intrigada com o que ele disse. Não quero que ele saiba nada de mim, não quero que ele tenha essa vantagem, principalmente, não quero nem pensar que ele saiba o motivo pelo qual estou me aproximando de sua família.

Minha noite, a noite do primeiro degrau, que eu sonhei e ansiei, está nebulosa por causa desse filho da puta!

Arranco minha roupa assim que entro no apartamento e sigo para o chuveiro, deixando a água desmanchar todo o trabalho artístico que Leon criou em meus cabelos, sentindo a maquiagem derretendo sob a água quente.

Meu corpo está tenso como a corda de uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

guitarra, e eu sinto um misto de apreensão e de tesão. Merda! Não quero sentir tesão por aquele homem! Ele pode estragar tudo! Contudo, a irritação que senti, o deboche em seus olhos, o sorriso superior, tudo me excitou. Nicholas parece ser o tipo de homem dominador que eu nunca gostei, mas que, nesse momento, é tudo o que meu corpo anseia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VI

Giovanna

Hoje é sexta-feira, quase uma semana após o baile. Eu saí mais algumas vezes com o Bernardo durante esse tempo. Jantamos juntos, fomos a um evento de caridade vespertino, e o acompanhei a um evento da FIN em que ele representou a mãe.

A cada encontro, eu sinto que a pressão para um relacionamento íntimo aumenta, mesmo que sutilmente, por parte dele. É um sacrifício para mim estar sorrindo ao seu lado, principalmente depois que notei o quanto ele é agradável para conversar, embora não me atraia no mínimo.

Bernardo de Toledo é um verdadeiro camaleão, essa é a verdade. À primeira vista, o achei mimado e egoísta, depois pensei que ele não tivesse maturidade para ter uma personalidade

PERIGOSAS ACHERON

definida, mas, por fim, entendi que ele se adapta à cada companhia e cada local que convive.

É uma estratégia boa, pois ele consegue transitar dentro de vários tipos de grupos de pessoas, desde seus amigos nonsenses até entre empresários e intelectuais. E, em todos eles, ele acompanha os assuntos, opina e demonstra uma habilidade enorme de persuasão.

Quando comentei com ele num dos encontros sobre essa sua característica de conseguir se inserir em grupos tão diferentes, ele apenas sorriu e disse que puxou ao seu pai, Gilberto, que sempre fora assim e, por isso mesmo, o partido tinha visto nele uma promessa para um grande político.

— Meu pai consegue vender gelo a esquimós, Gio! — Escutei o orgulho em sua voz. — Ele não nasceu rico, sabe? Tem uma história de vida linda, e é nisso que todos os marqueteiros do partido estão focando. Gilberto de Toledo não

PERIGOSAS ACHERON

nasceu com uma colher de ouro na boca, mas cresceu através do trabalho.

— É um marketing poderoso! — eu concordei.

Entretanto, eu sei que há mais nessas histórias! Nunca uma pessoa consegue subir na vida como ele fez sem pisar em algumas pessoas, sem criar algumas inimizades, e eu, claro, já estou pesquisando sobre cada passo de Gilberto até a presidência da Novak.

— Eu gostaria de conhecer essa história! — fingi interesse.

— Ah, mas não vou contar, não! — Abraçou-me e beijou minha testa.

Eu confesso que não sinto mais o nojo que sentia quando ele começou a fazer isso, mas, ainda assim, senti vontade de empurrá-lo para longe.

— Ele adora impressionar com essa história... — Gargalhou. — Se eu contar antes dele, sou

morto!

Eu me animei muito ao ouvi-lo dizer isso, pois significava que eu teria mais oportunidades de conversar com seu pai.

— Poxa, vou ter que ficar curiosa? Eu nem sei quando irei me encontrar com seu pai novamente... — Fiz beicinho e surtiu efeito.

— *Baby*, você irá vê-lo nesse final de semana! — Meu coração disparou no peito. — É meu aniversário, gata! — Piscou para mim. — 27 anos só se faz uma vez... — Eu não resisti a rolar os olhos, e ele riu mais. — Vamos aproveitar que o tempo esquentou de novo e passar esses dias no Guarujá.

Eu nem tinha me lembrado que, nesse fim de semana, seria seu aniversário, mas foi providencial ele tocar nesse assunto. É uma oportunidade única, embora seja um inferno ter de ficar perto dessa família por tanto tempo.

— Ah, eu adoraria, Bê! — Sorri encantada.
— Estava pensando em como eu iria fazer para te entregar seu presente... — Fiz uma expressão marota e constrangida ao mesmo tempo.

— Gata, o presente que eu quero é você...

Na hora eu pensei: *Ai, que merda!* Ele me apertou mais forte e cheirou meu pescoço. Eu tive de rebolar para me livrar dele, então inventei um trabalho que tinha de terminar em casa.

Ao longo dessa semana, eu trabalhei mais relaxada, pois sinto que já estou conseguindo seguir meu caminho e que não é mais preciso me matar na Ello, pois não será pela agência que eu conseguirei acesso à família Toledo. Ainda assim, cumpri com todos os meus compromissos, pois aprendi a me acostumar com a rotina que me impus durante esses anos, bem como a gostar do meu trabalho.

É incrível agora, com tudo encaminhado para eu descobrir o que quero, eu constatar que o que me

PERIGOSAS ACHERON

faz trabalhar, além da vontade de conseguir uma conta da FIN, é também porque eu *gosto* do meu trabalho. Gosto dessa tensão, gosto da criação, gosto de estar ocupada. É bom, como era quando eu passava os dias fazendo cursos em Roma e em Milão. No Grupo Villazza, eu não conseguia sentir prazer em ir trabalhar, mas aqui, na Ello, eu sinto falta quando meu dia não está cem por cento comprometido com o trabalho.

Na minha cabeça, sempre foi certo que, assim que eu conseguisse as respostas que buscava, eu iria embora de São Paulo e deixaria a Ello para o Elton e o Lori. No entanto, agora, notando o quanto eu sinto prazer em trabalhar com eles, eu penso que talvez consiga permanecer na cidade e na agência.

Como eu já disse, hoje é sexta-feira, e o dia amanheceu caótico. Primeiro, peguei um enorme engarrafamento por causa de um acidente, o que me fez chegar ao escritório depois das 8h da manhã.

Depois, fui informada pela Dora que minha assistente ligou dizendo estar muito doente e que estava no hospital. Pedi a uma das meninas da criação que buscasse meu café, e ela trouxe descafeinado, que eu odeio, mas o tomei assim mesmo, pois as tarefas da manhã já estavam atrasadas.

Agora, quando Elton bate à minha porta, eu só faço um gesto para ele entrar e não tiro os olhos da tela do computador.

— Sabe que horas são? — Dou de ombros, pois não me importa, tenho muitas coisas para fazer. — Você já almoçou?

Nego, ainda prestando atenção ao trabalho. De repente, a tela escurece, e eu vejo, estarrecida, que ele desligou meu computador. Puta merda! Olho para ele pronta para gritar cobras e lagartos, mas sinto um cheiro delicioso no ar e o vejo arrumar minha pequena mesa de reuniões com

PERIGOSAS ACHERON

caixinhas de comida.

— Pedi yakisoba de camarão. — Aponta. — Porra, Giovanna, assim você deixa minha equipe nervosa, pois todos estão comentando que você está aí, trabalhando há horas, sem nem ao menos almoçar!

— Que exagero! — Levanto-me, mas me apoio à mesa, sentindo minhas pernas bambas. Elton corre até onde estou, preocupado. — Eu estou bem!

— O cacete! São 6h da tarde, sua louca! — Arregalo os olhos. — E o que você comeu o dia todo?

Eu me lembro apenas de ter tomado meio copo de café descafeinado. Merda!

— Nada, não é? Você não vai se matar dentro da minha agência! — Olho para ele pronta para dizer novamente que é exagero, mas sua expressão é de preocupação real, e eu fico quieta. — Senta lá

e coma aquilo tudo! Pelo menos acho que você ainda come camarão, não é?

Eu assinto e vou até o canto da minha sala onde fica a mesa. Tenho de admitir que só quando sinto o sabor do macarrão com legumes e camarão é que percebo o quão faminta eu estou.

Elton não sai de perto de mim enquanto como, sentado à minha frente com os braços cruzados no peito, como um maldito babá!

— Obrigada! — agradeço, tomando a água de coco que ele trouxe junto.

— Eu nunca me conformei com essa mania sua de não comer carne vermelha, mas daí a deixar de comer?

— Tom! Eu apenas estava concentrada no trabalho, e Fabi não estava aqui para me lembrar dos horários...

— Você não é criança, Giovanna! — repreende-me. — Caramba! — Bufa, e eu percebo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sua frustração não é só comigo e com meu apetite.

— O que está acontecendo, Tom? — Ele me encara. — Sério, obrigada pela comida, mas sei que não é só isso que o mantém nervoso desse jeito, o conheço desde que você era hétero, desembucha!

Ele ri, mas ainda sinto tensão.

— Lori quer adotar uma criança — ele fala como se soltasse junto o ar retido nos pulmões. — Eu não quero ter filhos, Gio, nunca quis, e ele sabe disso!

Ah, merda! Problemas de casal?! Eu deveria ter comido e ficado quieta, mas pensei que fosse alguma coisa com a agência, afinal, ele é o homem dos negócios! O que eu sei sobre filhos, crianças e casamento?

— Precisam conversar. — É só o que eu sei dizer sobre isso. É como minha mãe resolve os problemas lá em casa, conversando.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas ele está irredutível, e eu também. — Tom me olha como se me pedisse socorro. — Uma criança vai mudar nossa rotina, nossa vida, que, por sinal, é ótima como está! Além disso, eu nunca quis ser pai, nem quando saía com mulheres.

— Tom, eu não sei como ajudar! — resolvo ser franca. — Eu não te vejo como um pai também... nem ao Lori, para ser sincera. — Dou de ombros. — Vocês têm uma rotina tão louca quanto a minha, nenhum familiar próximo, vão ter que fazer muitas adaptações para criar uma criança, mas se é o sonho do Lori...

— Eu sei! — Ele bufa. — Ele nunca me disse que era, mas parece que passou a ser... Alguém terá que ceder, eu sei, mas é um assunto muito sério.

— Com isso eu concordo. — Paro de comer. — Não é como mudar de casa ou de carro, nem mesmo como criar um bichinho de estimação. É PERIGOSAS ACHERON

uma decisão para a vida toda!

— E eu tenho medo, sabe? Medo do preconceito da sociedade, medo de não conseguirmos ser bons pais, medo de fazer essa criança sofrer por tabela...

— Tom — eu o interrompo e seguro sua mão —, o que faz uma criança sofrer é ser abandonada, é não ter carinho, é não ser amada. Só se certifiquem de que vocês estão dispostos a amá-la incondicionalmente, então, ainda que haja preconceito e discriminação pela sociedade, ela será feliz.

Ele abre um sorriso enorme, e eu me dou conta do que falei.

— Uau! Vi minha amiga de faculdade de volta! — Sinto meu chão sumir ao ouvi-lo falar isso. — A verdadeira Giovanna Villazza, apaixonada, sensível, companheira... Uau! Ela ainda vive escondida dentro desse corpo quase

vegano!

Eu rio, mas ainda estou apreensiva. Não quero mais ser aquela mulher. Quando decidi ir atrás das respostas que *ela* me pediu, enterrei aquelas características. Hoje tenho, sim, muita coisa da *princesa* Villazza, principalmente as coisas que eram consideradas defeitos, egoísmo, grosseria, dureza... mas as outras, eu pensava que já haviam sido suprimidas de mim.

— Tom, eu sou a mesma, sempre fui! — Embrulho os vasilhames vazios para jogá-los no lixo. — Converse com o Lori, tenho certeza de que vocês chegarão a um entendimento.

— Vou fazer isso, mas obrigada pelas suas palavras, Gio! — Eu aquiesço. — Por favor, se cuide, você é como se fosse da nossa família! — Ele passa a mão nos meus cabelos. — Você sabe que a amamos!

— Epa! Que cena é essa? — Lori invade a

PERIGOSAS ACHERON

sala, e eu rio. — Posso ficar com ciúmes, sabiam?

— Lori, se eu quisesse te trair com uma mulher, não seria com a Gio. — Eu arregalo os olhos indignada. — Sem ofensas, amor, mas convenhamos que você não faz meu tipo! — Aponta para minha pele branca, e eu rolo os olhos.

Lori gargalha, sentindo-se o tal.

— Vamos embora? — ele chama o marido. — Combinei com a Drica de irmos jantar no restaurante dela.

— Ah... — Olha-me desesperado. — Restaurante tailandês! Que delícia! — comenta irônico. — Comer com a mão, lambuzando tudo. — Faz careta.

— Quando você ficou tão fresquinho, Tom? — sacaneio.

— Ele sempre foi, querida! — Lori o abraça. — Fica nessa pose de machão, mas é uma moça!

Eu gargalho e os mando saírem da minha

sala. Ligo o computador de volta e fico aliviada ao ver que meu trabalho tinha salvado automaticamente antes que Tom desligasse o PC. Termino alguns detalhes e, às 10h, fecho a agência para ir para casa.

Ao longo desses dias, eu já arrumei minhas malas para o final de semana no Guarujá com a família Toledo.

Chego a casa sem o transtorno do engarrafamento da manhã, tomo banho, abro uma garrafa de vinho e ligo a televisão no noticiário. Esses dias no litoral serão uma oportunidade maravilhosa para mim, mas isso não está me animando, pois, depois da conversa de hoje com o Tom, notei que não estou tão forte e protegida como achava que estivesse.

Descobrir que alguma sensibilidade ainda reside em mim foi como um banho de água fria que me assustou e agora está me fazendo duvidar da

PERIGOSAS ACHERON

minha capacidade de lidar com tudo o que eu terei de enfrentar quando descobrir todos os detalhes. Eu preciso estar fria e dura para não desmoronar como o fiz há alguns anos.

Olho para o telefone e ligo para o Frank, apesar do horário tardio e de saber que eles têm duas crianças na casa e que, provavelmente, estão dormindo.

— Alô? — Ouço sua voz sonolenta. — Gio?

— Oi, Frank! — Tento deixar minha voz animada, mas não consigo, e ele percebe.

— O que houve, Giovanna? — sua voz parece desperta e preocupada.

— Só estou cansada e queria dizer boa-noite!

— Ah, *bambina!* Pode ligar quando quiser, eu também sinto saudades de você! — Sinto lágrimas escorrerem no meu rosto. — Por que você não vem ficar uns dias aqui conosco? As crianças já nem lembram direito da tia Gio!

Eu quero muito! Estive com meus sobrinhos há meses, no casamento do Tony e da Marina, e eu gostei muito de conhecê-los melhor. Laura e Lucca são crianças incríveis, são gêmeos divertidos e fofos. Porém, eu não posso! Eu preciso, primeiro, cumprir a promessa que fiz para seguir em frente. Depois, quando tudo estiver findado, eu espero ter tempo de recuperar o que estou perdendo.

— Eu já tenho compromisso nesse final de semana, mas, assim que der, vou passar uns dias em Curitiba!

— *Menzogna!* — Eu rio, e ele também. — Mas não se preocupe, se a montanha não vai até Maomé, Maomé vai até a montanha! A Mel entregou os projetos de reforma, e o Julio, os de construção. — Meu coração treme no peito. — Vamos abrir licitação para as construtoras executarem os projetos.

— Mesmo? — Tento parecer feliz, mas na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade, estou apavorada, com medo de que eles venham para cá antes que eu tenha finalizado o que vim fazer.

— Sim! O prazo para a construção é de 18 meses, e o da reforma, de 12!

— Tão rápido?

— Sim, tecnologia verde — informa orgulhoso. — Materiais basicamente de montagem.

Sim, eu conheço essas técnicas, pois os últimos hotéis construídos pela Rede Villazza da América Latina foram feitos assim. São construções mais rápidas e mais limpas, embora não sejam mais baratas.

Conversamos por mais alguns minutos e, depois, vou para minha cama. Rolo de um lado para o outro ansiosa, e somente às 2h da manhã o sono me abraça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VII

Giovanna

— Meu GPS indica que já estou na rua do condomínio, Bê! — aviso, usando o *bluetooth* do kit multimídia do carro enquanto faço uma curva.

— *Baby*, que ótimo! — ele exclama animado.
— Eu já liberei sua entrada, então é só se identificar.

— Ok. — Vejo um enorme portão com portaria. — Ah, já cheguei!

— Te espero na frente da casa.

Desligo o telefone no comando do volante e posiciono o carro na entrada, de frente para várias câmeras que filmam não só a placa do veículo, como todos os lados.

Abaixo o vidro e me identifico para o segurança, que solicita minha habilitação e confere
PERIGOSAS ACHERON

meu nome nela, só liberando minha passagem depois. Entendo a segurança toda no entorno deste condomínio, pois é um dos mais luxuosos do Guarujá, com mansões no valor de dezenas de milhões de reais.

Antes de pegar estrada, às 6h da manhã, eu dei uma pesquisada sobre o local. Descobri, além dos preços de venda de algumas casas, que muitos empresários de grandes empresas, além de alguns artistas — nacionais e internacionais — e jogadores de futebol são proprietários de mansões no condomínio. A família Novak de Toledo não consta nessa lista, o que eu já esperava, mas eu posso apostar que a casa deles é uma das mais caras do luxuoso condomínio.

Vejo Bernardo usando somente uma bermuda florida e sandálias Havaianas em frente à garagem de uma casa que toma toda a esquina do local. Abro um sorriso ao constatar que, provavelmente, ganhei

PERIGOSAS ACHERON

a aposta feita comigo mesma.

A casa, em estilo americano, é uma construção imponente, com entrada pronunciada, de modo que quem descer do carro de frente para a porta principal tenha uma cobertura para não se molhar. Há dois andares com sacadas de ferro fundido e janelas balcões. Um jardim ornamentado com palmeiras, ciprestes e topiarias toma toda a frente e a lateral da casa.

Ele sorri para mim e aciona o controle-remoto de um dos portões da garagem para que eu entre. Assim que estaciono, abre a minha porta para eu sair.

— Bem-vinda ao Guarujá! — Dá-me um abraço e um beijo no rosto. — Uma bebida de boas-vindas! — Noto, pela primeira vez desde que o vi, que ele segura um copo com um drinque.

São 8h da manhã ainda, mas eu não quero bancar a chata assim que chego, então aceito a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bebida oferecida enquanto ele pega minha mala no porta-malas.

— É só isso? — Ele parece surpreso com minha mala média e única.

— Sim! — Tomo um gole da caipirinha. — São só dois dias! — Rio.

— Você precisa ver as malas da Alicinha... — Balança a cabeça. — Nós saímos para uma balada muito boa ontem, mas eu senti sua falta!

Primeiro, eu processo a informação de que a Alicinha está na casa, tão somente para, depois, responder a ele com alguma coisa fofa e mentirosa:

— Eu fiquei tentada a pegar o carro ontem à noite e vir ficar com vocês. Nem pude me concentrar direito no trabalho...

Eu ganho um sorriso, e ele se aproxima de mim, mas, antes que me abrace e tente, mais uma vez, um beijo, a outra porta da garagem é aberta e um Volvo entra.

PERIGOSAS ACHERON

— Meus pais chegaram. — Faz careta. — Acabou a diversão. Você deveria ter vindo ontem!

Eu fico observando o casal Toledo descer do carro com motorista e forço um sorriso quando dona Cecília vem em nossa direção.

— Ah, meu filho! — Abraça o Bernardo. — Bom dia! — Enche-o de beijos. — Bom dia, Giovanna!

— Bom dia, dona Cecília! — Em seguida, Gilberto me cumprimenta. — Bom dia! — respondo a ele, que abraça o filho.

— Chegamos juntas? — dona Cecília me pergunta não sem antes olhar para minha bebida.

— Sim. — Aponto para a mala.

Saímos da garagem e entramos no enorme jardim traseiro completamente gramado, mas com placas de mármore no chão, que leva até as construções ali existentes. No centro, uma enorme piscina com hidromassagem em um pergolado. Ao

fundo, vejo a área gourmet e uma edícula.

A traseira da casa é tão majestosa quanto sua frente, com uma enorme varanda cheia de cadeiras de vime em cor natural com futon nos assentos e mesas redondas com tampo de vidro. Ao final, há redes e balanços pendurados em meio a uma enorme variedade de plantas. A parede da varanda é toda envidraçada, o que me permite ver a cozinha, com armários planejados e eletrodomésticos de inox.

Eu estou acostumada a todo esse luxo, pois sempre frequentei esse tipo de ambiente, mas reconheço o bom gosto em cada detalhe da decoração, tanto da casa quanto da área externa.

Bernardo, arrastando minha mala com uma das mãos e com a outra entrelaçada na minha, leva-me por dentro da casa — com piso todo de mármore branco espelhado e paredes pintadas da mesma cor, pois as cores foram deixadas para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

objetos e móveis — até o quarto que eu irei ocupar durante esses dias.

Eu me sento na cama *queen size*, olhando tudo ao redor.

— É tudo muito bonito!

Ele sorri orgulhoso.

— Meus pais amam essa casa. — Ele leva minha mala até um canto e se senta ao meu lado. — Eu estou adorando ter você aqui. — Afasta meus cabelos para o lado. — No entanto, é um tanto chato ter você dormindo aqui, nesse quarto de hóspedes, sozinha.

Eu balanço a cabeça, rindo.

— Bê, nós já conversamos sobre isso. Tudo o que posso te oferecer, no momento, é amizade.

— Eu aceito sua amizade, mas sou persistente. — Gargalho. — Não vou desistir até te ter.

Ouvimos uma batida à porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi! — ouço a voz da Alicinha. — Interrompo?

— Infelizmente, não. — Bernardo a manda entrar.

— Olá, Giovanna! — Ela me dá um beijo no rosto. — Hum, vocês não vão ficar juntos?

Eu rolo os olhos sem ela ver. Mulher intrometida!

— Somos amigos, Alicinha! — Ela arregala os olhos. — Gio está fazendo jogo duro comigo.

Ela emite um som de desdém e depois se pendura no Bernardo.

— Estou esperando o sol esquentar mais para ir até a piscina — ronrona. — Será que você não quer ir para a hidro comigo enquanto isso?

Ele me olha, e eu concordo.

— Eu vou arrumar minhas coisas para não ficarem amassadas.

Eles se despedem, e eu abro minha mala.

PERIGOSAS ACHERON

Estou satisfeita por estar aqui, dentro da casa deles, mas ter de aguentar Alicinha e companhia é pesado. Entretanto, infelizmente, só se faz omeletes quebrando ovos.

Arrumo minhas roupas no armário e, só quando estou terminando, uma empregada da casa aparece, e eu a dispenso. Entro no banheiro espaçoso, limpo e todo branco e deixo itens de higiene pessoal.

Tomo um banho e troco minha calça jeans e blusa de seda por short de alfaiataria branco e uma blusa de manga curta de malha *navy*. Nos pés, ponho sandálias rasteirinhas de couro nude, e prendo meus cabelos num rabo de cavalo. Como amo maquiagem, aplico um pouco de blush, máscara de cílios e batom, por cima, claro, de um bom protetor solar.

No corredor, encontro-me com mais dois amigos de Bernardo. Fernando e Paola são um

PERIGOSAS ACHERON

casal de namorados e têm, respectivamente, 27 e 18 anos de idade.

— Bom dia! — Paola me cumprimenta com um sorriso, e eu noto sua cara de sono.

— Bom dia! — cumprimento Fernando também e continuo andando rumo às escadarias que levam ao primeiro piso.

A descida das escadas é repleta de quadros, obras de artes e aparadores com esculturas nas paredes. Um dos quadros já na entrada da sala de estar me chama atenção, e eu paro para observá-lo. É de um cavalo sobre uma rocha à beira-mar. A fotografia foi tirada no momento exato em que a onda bateu contra a rocha e os pingos de água salgada salpicaram o pelo do animal, que brilhava contra o sol, tornando tudo dourado em contraste com a cor negra do equino.

— Eu também adoro essa fotografia! — escuto a voz de Gilberto atrás de mim, e meu

PERIGOSAS ACHERON

coração dispara. — Consegue notar a sensação de liberdade que o cavalo traz?

Respiro fundo, tentando controlar os temores do meu corpo, e aquiesço.

— Nick é apaixonado por cavalos desde criança. — Olho com o canto dos olhos na direção dele, que está ao meu lado. — Eu me lembro que, quando nos conhecemos, ele estava montado sobre um pônei e muito irritado por isso. — Ri. — Queria montar um puro-sangue, um cavalo três vezes maior do que ele na época e mil vezes mais forte que uma criança com quase três anos.

— Ousado...

— Sim. Ele sempre foi. — Vira as costas e começa a andar. — No meu escritório, têm outras fotos incríveis que ele fez.

— Foi ele quem tirou essa foto? — pergunto surpreendida.

— Sim, ele é um fotógrafo fora de série. —

Abre a porta do escritório. — Quer ver?

— Claro!

Entro no suntuoso cômodo com móveis de madeira maciça e poltronas de couro, porém, nele, a quantidade de fotografias e desenhos na parede quebra a sobriedade do ambiente, deixando-o mais despojado.

Ele aponta para uma fotografia de uma criança rechonchuda e de cachos castanhos. Eu reconheço Bernardo, rindo, brincando num cavaleiro de madeira.

— A primeira foto que o Nick tirou com um equipamento profissional. — Ele me mostra outra, de um idoso de porte elegante, que eu reconheço como sendo Ivan Novak em frente à sede da empresa em São Paulo. — Essa foi a última do avô, infelizmente.

Eu assinto sem comentar nada, notando que, mesmo sendo fotos simples, de pessoas, Nicholas
PERIGOSAS ACHERON

conseguiu captar com perfeição tanto a inocência do irmão mais novo quanto o orgulho do avô materno.

— As melhores estão aqui. — Ele abre um livro de fotografias. — Fizemos esse livro há cinco anos, quando iniciamos uma construção na África e minha esposa decidiu levar algumas ações da Fundação para lá.

Eu vejo, primeiro, a miséria africana retratada em fotos em preto e branco. Uma mãe amamentando uma criança nua, e mais duas crianças maiores, também nuas, à sua volta. Pessoas remexendo no lixo, pegando água, sentadas no chão, e crianças brincando ao lado de valões. Todas as fotos são emotivas e muito bem tiradas, merecedoras de prêmios.

— São incríveis! — eu elogio com sinceridade.

Gilberto vira mais uma página, e eu vejo, em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cores, uma escola com crianças sentadas aprendendo a ler e escrever. Abro involuntariamente um sorriso. Ao longo da metade para o fim do livro, as fotografias mostram festas coloridas, mutirões de construção de casas e obras sendo feitas naquele local.

— Realizações da FIN?

— Também. — Sorri orgulhoso. — Meu filho não vê somente através das lentes, mas com o coração. Não bastou, para ele, levar educação e médicos para a pequena vila. Nicholas quis deixar um legado maior do que a obra que o governo contratou conosco e desenvolveu os projetos, além de ir atrás, pessoalmente, de parceiros para realizá-los.

O orgulho na sua voz me dá ânsia de vômito, além de fazer retornar todos os tremores do meu corpo. Eu odeio todos eles! Cada um deles!

— Ele ganhou um prêmio por isso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele concorda.

— Sim, mas faria do mesmo jeito se não ganhasse nada. — Dá de ombros. — Esse é o meu filho mais velho.

Filho! Nicholas Smythe-Fox pode chamar Gilberto de Toledo de pai e vice-versa, mas, tão claro quanto o sobrenome do primogênito, eles não são, *realmente*, pai e filho.

Gilberto de Toledo é o segundo marido de Cecília, que já possuía um filho do primeiro casamento, Nicholas. Ela se casou ainda jovem com um inglês de sangue nobre, mas que estava completamente falido. O casamento durou até a morte do homem, que nunca quis trabalhar e viveu à custa do dinheiro do sogro. Depois que ficou viúva e com um filho pequeno para criar, ela se casou com o braço direito de seu pai, Gilberto.

— ...o dom de Bernardo, com certeza, é o surfe! O garoto mais vive dentro do mar do que no

escritório.

Eu tento voltar a prestar atenção ao falatório dele, mas estou tendo dificuldade em me concentrar para conversar. Com alívio, vejo Cecília entrar no escritório.

— Ah, estão aí! Vamos tomar um brunch, pois já está tarde para o café da manhã e ainda é cedo para o almoço.

Sigo com o casal para a área gourmet, passando pelos namorados na piscina e por Bernardo e Alicinha na banheira.

— Não sente ciúmes? — Cecília me indaga, vendo Alicinha se jogando em cima do filho.

— Somos apenas amigos — deixo claro.

— Ah, é uma pena! — Passa o braço em volta do meu ombro. — Eu já contava em tê-la como nora.

Eu forço um sorriso de agradecimento e me sento à mesa para lanchar.

— Vamos para uma balada aqui perto. —
Bernardo senta-se ao meu lado na cama. — É
muito bacana, banda ao vivo, muita curtição.
Reservei o espaço VIP.

Eu fecho os olhos e finjo cansaço e
consternação.

— Ai, Bê, eu estou cansada, me desculpe! —
Ele faz beicinho. — Eu cheguei em casa tarde
ontem, e hoje, às 6h, já estava me preparando para
vir.

— Ah, vamos! Quero passar a virada do meu
aniversário com você!

Eu sorrio.

— Tudo bem, mas só vou ficar um
pouquinho, pode ser? — Ele concorda. — Até
meia-noite!

Ele sorri, faceiro.

— Ganharei um beijinho ao badalar das 12 horas?

— Quem sabe, Cinderela?! — Ele se anima.
— Não estou prometendo!

Saio com eles arrastada, sem vontade nenhuma de ir a lugar algum. A boate é grande, com dois andares, mas está cheia. Eu não me importo, pois a banda que está tocando é realmente muito boa.

Converso com Fernando e Paola, melhores companhias que a entojada da Alicinha, e nem vejo a hora passar.

Bernardo me chama para dançar com ele, e eu me deixo relaxar um instante, lembrando-me de como é bom dançar e de como tudo fica mais leve quando movimento meu corpo.

À meia-noite em ponto, a banda para e anuncia o aniversário de Bernardo de Toledo. Uma
PERIGOSAS ACHERON

série de brindes e aplausos, além do óbvio “parabéns para você” tocado pela banda enchem o lugar.

Bernardo, já alto pela bebida, chega perto de mim, e eu sei o que ele pretende.

— Meu presente de aniversário! — Agarrame.

Eu sinto o pânico tomar conta de mim.

— Bê, eu disse que iria pensar... Vamos com...

Ele me beija, e eu sinto a bÍlis queimando meu estômago, vindo em direção à garganta. Merda!

Empurro-o com toda a força que consegui reunir graças aos treinos de luta, e ele me olha assustado.

— Porra, Giovanna, o que há com você?! — grita.

Meus olhos estão cheios de lágrimas, e eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou trêmula e em pânico. Nunca pensei que isso iria acontecer, mas, se acontecesse, achava que teria frieza suficiente para relevar, mas não.

Viro as costas e saio correndo, ouvindo-o xingar novamente no percurso.

Porca miseria! Maledetto bastardo!

Eu odeio a sensação de asco e terror, de culpa em mim. Merda! Eu tinha de ser mais fria, eu pus tudo a perder com essa reação. Justo agora!

Entro no carro ainda descompensada e piso fundo em direção à casa dos Toledos, pensando em como tudo estava indo às mil maravilhas e como tudo pode ter ido por água abaixo agora.

O dia todo foi muito produtivo. Inicialmente, não gostei de saber que os amigos do Bernardo estavam na casa, mas depois vi que tinha sido providencial, pois me deixou com tempo para conversar com os pais dele enquanto os seus amigos o distraíam. Descobri muitas coisas

PERIGOSAS ACHERON

peçoais sobre Gilberto e Cecilia, bem como sobre toda a família.

Depois do almoço, Bernardo e os outros foram dormir, e eu fiquei na piscina com Cecília, que me contou muito sobre seu pai, Ivan, e sua mãe, Cândida. Ela parece sentir verdadeiro orgulho dos pais e parece triste por ter perdido seu único irmão junto com a mãe, no parto.

Dificilmente, ela tocou em assuntos relacionados à Novak e à FIN, apenas pincelou uma coisa ou outra. Eu, para ser simpática, conversei sobre minha família, sobre meus irmãos e meus parentes italianos, que são muitos e adoram as reuniões promovidas por minha mãe.

Ficamos ali por horas, conversando como velhas amigas. Não sei se ela teria a mesma reação se eu fosse apenas mais uma amiga de seu filho, pois desconfio que, por descobrir que eu sou uma Villazza, ela tenha baixado a guarda.

PERIGOSAS NACIONAIS

À tarde, quando todos estávamos na sala de jogos, fiz dupla com ela contra Gilberto e Bernardo no buraco, jogo que eu quase não sei jogar, mas no qual ela se mostrou expert.

Eu só soube que esperávamos o Nicholas quando ele ligou para avisar que não iria conseguir descer para nos encontrar ali, pois estava cheio de pendências de trabalho. Confesso que fiquei aliviada por não ter de lidar com ele.

Agora, todo o caminho que eu trilhei durante o dia pode ter se desfeito. Dificilmente, Bernardo irá querer continuar saindo comigo depois do que houve na boate.

Estaciono o carro ao lado da guia da calçada e abro o portão da garagem com o controle que Bernardo me entregou antes de sairmos. Foi providencial eu ter ido de carro para poder voltar mais cedo, pois, senão, teria de vir de táxi ou andando.

PERIGOSAS ACHERON

— Droga, Giovanna! — Encosto a cabeça no volante, pensando no que eu poderei fazer para remediar essa situação.

Tudo está escuro na casa, pois os mais velhos foram dormir e não nos esperam tão cedo. Eu estou nervosa e, se for para meu quarto, vou ficar dando voltas e voltas na cama.

Ando em direção à edícula sobre a qual, de dia, descobri que se trata de um salão com vários equipamentos de áudio e vídeo, inclusive um piano. Por sorte, está destrancada, e eu acendo apenas uma luminária, que fornece iluminação suficiente para eu ver as teclas do piano de cauda. Testo a afinação do instrumento, sorrindo ao notá-lo perfeitamente afinado.

Toco algumas músicas clássicas, começando por peças simples e passando para obras complicadas. Há muito que eu não tenho um instrumento tão bom em minhas mãos, mesmo

porque um daqueles não cabe no meu pequeno *loft*.

De acordo com o que toco, sinto a tensão deixando meus ombros, mas também derramo as lágrimas presas em mim. Eu gostaria de estar bem longe nesse momento, na Itália, na minha casa, com meus pais, com minha família. Eu gostaria de não ter me tornado essa pessoa, eu gostaria de não ter de ser falsa e fingir sorrisos e mentir palavras. Sei que o que eu faço é o necessário para conseguir respostas, mas me machuca.

Nunca fui do tipo boazinha e popular, como minha cunhada Marina. Nunca fui do tipo sedutora e teimosa como minha outra cunhada, Isabella. Nem mesmo fui doce e abnegada como a Mel. Todavia, também não era esse monstro que sou hoje. Eu me sinto um monstro por ter de conviver com essas pessoas, por fingir que gosto delas, por deixá-las me tocarem.

Deus! Bernardo me beijou! Eu encosto no

PERIGOSAS ACHERON

piano e choro. Meus dedos começam a tocar aleatoriamente enquanto as lágrimas caem sem parar. Penso na minha mãe, penso em Frank e em tudo o que aconteceu comigo. Eu tenho sorte, eu tenho uma família incrível que sempre me apoiou e me amou, mas que não deve estar me reconhecendo.

Penso na decepção que será, para o meu pai, se souber o que eu estou planejando fazer. Eu não preciso disso, posso muito bem enfrentar os Novaks de Toledo e dizer que eu sei a verdade, que eu sei o que eles fizeram, mas sinto que devo isso a *ela*. Somente deixá-los saber que eu sei é pouco para pagarem por tudo o que a fizeram passar!

Paro de tocar e ando pela sala aconchegante, cheia de poltronas e almofadas, cheia de fotos dessa família. Acendo mais uma luminária e observo cada um dos porta-retratos aqui dispostos. Minha mãe é uma lunática por fotos de família, nosso

PERIGOSAS ACHERON

tormento, pois adora nos exhibir em todos os tipos de poses constrangedoras.

Penso nas nossas casas de praia, na Sardenha e em Angra dos Reis, e em seu mural da vergonha, onde ela expõe nossas fotos nuas quando crianças. Mais uma vez, a saudade e a vontade de jogar tudo para o alto me assaltam.

Pego uma foto do Nick ao lado de um pônei, sorridente, com uma pequena falha na arcada dentária superior relativa à falta de um dente. Ele tinha sardas, e os cabelos eram bem lisinhos. Na foto seguinte, Cecília aparece com uma enorme barriga e com Gilberto beijando-a.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, embora eu odeie derramar cada uma delas. Eu tenho mágoa, raiva, rancor, tudo misturado dentro de mim, pois sei que, cada sorriso que vejo aqui, custou a vida *dela*.

Sento-me ao piano novamente e começo a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tocar uma música do James Blunt. Eu me sinto em ruínas nessa noite e arrependida da escolha que fiz, mas que era inevitável. Eu queria poder ter seguido adiante, mas não pude. Eu resolvi matar a Giovanna Villazza que, embora não fosse doce e nem boazinha, importava-se com as pessoas que amava.

Eu tive de me tornar pior do que era e agora tenho de esconder quem me tornei, fingindo ser uma pessoa normal e feliz. Eu trago mágoa, trago dor, um passado, mas ninguém dessa maldita família pode ver nada disso. Preciso parecer ser quem não sou. Preciso passar por cima do que me foi ensinado como certo, esquecer os princípios que minha família me ensinou.

Hoje, naquela boate, foi Giovanna Villazza, não Gio Andretti, quem empurrou o Bernardo. Foram os princípios dela que me fizeram tomar uma atitude tão drástica por causa de um selinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E agora tudo pode ter se perdido.

Eu começo a cantar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VIII

Nicholas

— Eu tive um dia do cão! — falo para o piloto do helicóptero.

— Pois é, doutor Smythe, a coisa não está boa para ninguém — ele comenta de volta.

Não, não está! A economia no Brasil não anda bem, os governos entraram em colapso e a maioria das obras estão paradas. Eu passei o dia enfiado dentro de uma sala de reuniões, vendo projeções e perspectivas que não me levaram a nenhuma conclusão.

A Novak Engenharia não corre riscos por causa dos investimentos que temos fora do país, mas um diretor previdente visualiza todos os cenários antes que aconteçam.

Um diretor! Puta que pariu, eu já me vejo
PERIGOSAS ACHERON

como um maldito diretor. Eu pensei que nunca seria tão natural me ver na função que exerço hoje. Sempre soube que seria eu a assumir os negócios da família depois que meu pai se aposentasse, mas nunca imaginei que isso aconteceria tão cedo.

Assumi o cargo de CEO da Novak com 29 anos e hoje, aos 32, já nem me lembro mais do prazer de acompanhar uma obra ou de idealizar um projeto. Tudo em que penso são projeções, números, problemas e muito, muito serviço burocrático.

Lidar com políticos, outros empresários e com a cúpula da própria Novak não é fácil. Eu tive de, a cada ano à frente dessa empresa, entender que nem sempre poderia agir conforme meus princípios. Muitas vezes, fechei os olhos para situações que sempre reprovei. Ainda não gosto e espero, como o próprio Gil me preveniu, nunca gostar, mas tive de entender que essa era uma

PERIGOSAS ACHERON

dança antiga e que eu deveria aprender os passos.

Para um homem idealista que odeia mentiras e dissimulações, a presidência da Novak está me ensinando a ser mais pé no chão, pelo menos nos negócios.

Penso que, se minha empresa tivesse atividades diferentes das que tem hoje, que se meus clientes fossem diferentes de quem são, eu não enfrentaria tantos problemas éticos e morais.

No entanto, infelizmente, meus maiores clientes são os governos. E também são eles que me causam as maiores dores de cabeça, pois alguns ainda estão presos ao modelo “me ajuda para eu te ajudar” e aí colocam todos os meus princípios em uma balança.

Eu odeio o corrupto e também o corruptor. Odeio essa “prática de negócios” e, principalmente, tenho aversão a ter de me sujeitar a isso, mesmo sabendo que, de qualquer forma, minha proposta

seria a melhor.

Respiro fundo tentando não pensar muito nisso, mesmo porque essa situação não é tão frequente agora, pois, a cada dia, estamos conseguindo mais clientes da iniciativa privada e saindo um pouco da esfera pública.

— Vamos pousar — Eliandro me avisa.

Eu me arrumo no assento e presto atenção aos comandos, pois estou terminando meu curso para tirar o brevê de piloto e só não o estou auxiliando hoje porque realmente estou exausto.

Pensei em não ir para o Guarujá, mas eu não poderia ficar sem comemorar o aniversário do meu irmão caçula, então avisei a minha mãe que chegaria mais tarde ou no outro dia. Por ela, eu ficaria em São Paulo essa noite e seguiria para o Guarujá de manhã, mas eu pensei bem e decidi que, se dormisse por lá, teria mais tempo na cama e poderia descansar mais. O voo partindo de São

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paulo dura poucos minutos, então seria besteira esperar até o dia seguinte.

Pousamos no heliponto do condomínio, e, logo depois, sigo a pé até minha casa. Confiro as horas; passa alguns minutos da meia-noite, e estou com fome. Deixo minha valise na cozinha e abro a geladeira à procura de algo para comer, no escuro.

Estou prestes a acender a luz quando escuto um carro parar na garagem. Sorrio, pensando ser o Bernardo, mas vejo uma mulher loira passar olhando para a casa e seguir para a edícula.

Giovanna Villazza! Eu não sabia que ela estaria aqui, pois ninguém comentou nada, mas era de se esperar que o Bernardo fosse convidá-la, uma vez que eles foram juntos ao baile da FIN e também se falaram bastante durante toda a semana.

Largo o material do sanduíche em cima do balcão e sigo em direção à construção separada da casa. Tudo continua escuro por lá, embora tenha

PERIGOSAS ACHERON

uma luminosidade fraca sobre o piano de cauda da minha mãe. Ando até a porta lateral, às costas de Giovanna, e abro uma fresta, admirado por ouvi-la tocar Chopin.

Giovanna Villazza toca com a alma, assim como dança também. Eu sorrio ao me lembrar dela vestida com roupa cenográfica, representando o cisne negro de *O Lago Dos Cisnes*, em uma apresentação da companhia de balé na qual ela dançava na Itália. Foi lá onde eu a vi pela primeira vez depois de adulta. Eu estava de férias e viajava com amigos, inclusive com Carol. Foi ela quem insistiu para que assistíssemos ao espetáculo de uma companhia de balé pouco conhecida, mas com críticas muito positivas, segundo ela. Então eu a vi e fiquei impressionado com a expressão, com a dança, senti-me completamente atraído pela bailarina. A princípio, não sabia quem era, mas bastou olhar o programa para eu saber que a mulher

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o tutu negro era a *princesa* que sujara meu casaco favorito dentro da Harold's quando ainda éramos crianças.

Ela para de tocar e começa a chorar. Eu fico tenso e alerta, completamente surpreso com o choro sentido e desesperado que sai de sua garganta. Abro mais a porta e quase entro, mas então a vejo se levantar e ir até o aparador de fotos da minha mãe, onde acende um abajur e analisa, um a um, os porta-retratos ali existentes. Eu penso que ela sente falta da família, mas então vejo seu rosto iluminado pela parca luz do abajur, e ali tem tudo, menos amor e saudade.

Escondo-me de novo, e ela volta a tocar. Reconheço a melodia e franzo a testa ao reconhecer a escolha da música. Dessa vez, Giovanna não quer só tocar com emoção, ela começa a cantar com voz contida, quase sussurrante, por causa da hora e por estar ali, escondida.

PERIGOSAS ACHERON

(...)How I wish I could redeem my soul. Take off the clothes that have become my skin.

See the liar that burns in my need^{[4][5]}*(...)*

Não sei o que está acontecendo com ela, mas não gosto da sensação que esse canto está me trazendo. Desde o começo, quando a vi com meu irmão naquele baile na semana passada, desconfiei de que algo estava errado naquela história.

Eu fui completamente sincero quando disse que ela e Bernardo não tinham nada em comum para serem amigos. Eu, mesmo que indiretamente, acompanhei a carreira dela e sei que essa mulher nunca perdeu tempo com nada além do trabalho. Sei que ela, nesses últimos três anos, quase não saiu com ninguém e para lugar algum; que trabalha tanto quanto eu e que vai para casa somente para dormir; que não tem tempo nem para a família. Como sei disso? Tenho duas amigas dentro da família dela: Mel Boldani e Isabella Villazza.

PERIGOSAS ACHERON

Isabella e eu temos raríssimos contatos, pois Frank ainda sente um ciúme ridículo de mim, mesmo depois que fiz questão de jogar na cara dele que eu o ajudei a recuperar sua amada. Entretanto, com Mel Boldani, meu contato é muito maior, pois há quase dois anos ela passou a fazer alguns serviços para mim.

Não é nada relacionado à Novak e nem ao escritório de arquitetura da família dela, é algo pessoal de minha parte e serviços particulares da parte dela. Porém, em nossos encontros, ela citou sua grande amiga e irmã, Giovanna Villazza. Se bem que citar não foi o que ela fez, pois Mel só reclamou dela. Eu até passei a ter antipatia pela moça de tanto ouvir a Mel dizer que ela tinha mudado muito e que tinha se tornado fria e insensível, abandonando todos por causa da obsessão de criar seu próprio império. Foi uma surpresa para mim saber que a *princesa* havia

PERIGOSAS ACHERON

aberto mão dos luxos e comodidades de sua família e que estava em São Paulo, ralando como qualquer outro mortal por um lugar ao sol. Todavia, depois de acompanhar o que a chegada dela à pequena agência Ello fez, eu passei a admirá-la como mulher de negócios.

Giovanna termina a música e fica um tempo muda, com as mãos sobre o teclado do piano, mas sem fazer nenhum movimento. É chegada a hora de me revelar a ela.

— Esplêndido. — Bato palmas e entro na sala.

Ela, claro, toma um enorme susto e põe a mão no coração. Eu sinto vontade de rir de sua reação, mas ainda posso ver vestígios da maquiagem borrada pelas lágrimas, então me contenho.

— Há quanto tempo você... — Ela parece atordoada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O suficiente para vê-la ir de Chopin a James Blunt perfeitamente. — Seco uma lágrima no seu rosto. — Você toca tão bem quanto dança.

Ela arregala os olhos.

— Eu não danço. — Levanta-se. — Não mais! — Fecha o piano. — Boa noite!

Eu a seguro pelos braços.

— Quem é você, Giovanna Villazza?

Ela me encara, seus olhos azuis avermelhados pelo choro, mas suas íris brilhando de ódio.

— Você sabe quem eu sou! Disse meu nome, não foi? — Faz um movimento para se soltar.

— Sei seu nome, mas quero saber quem é *você*. — Aproximo-me dela. — Eu já conheci a *princesa*, a bailarina, a executiva de sucesso, a amiga do meu irmão, a pianista, e agora? Quem é que está à minha frente nesse momento?

— Eu não te devo nenhuma explicação! —

PERIGOSAS ACHERON

cospe as palavras na minha cara.

— Não. Não deve. — Afasto-me. — Tem razão. Desculpe-me.

Ela respira fundo, parecendo querer se acalmar.

— Boa noite!

— Eu só queria te dizer uma coisa, Giovanna.
— Ela se volta e me encara. — Seja quem você for, o que estiver acontecendo com você, não envolva minha família. — Eu cruzo os braços. — Eu não sei ainda o que a trouxe até aqui, ao nosso convívio, mas algo me diz que não é coisa boa.

Ela ri.

— Você está vendo muitos filmes, Nicholas!
— Assume uma pose debochada, mais a cara dela do que a de choro. — Por qual motivo eu iria me aproximar de vocês? Eu sou uma Villazza, sou tão rica quanto todos vocês juntos, pode ter certeza!

— Eu sei disso! — Caminho até ela. — E é

isso que me intriga. O que você quer conosco? Por que essa amizade com o Bernardo? Não faz sentido.

— Com você faria mais? — Sinto o ar vibrar entre nós e escuto sua voz desafiadora e sexy. — É esse o problema, Nick? A *amizade* tinha que ser com você?

Ah, garota, é preciso dois para dançar um tango! Você não vai desviar minha atenção com isso! Mas eu posso brincar um pouco...

— Não quero amizade com você. — Rio.

— Não? — A expressão debochada some, e ela parece mais ofegante.

— Não. — Aproximo-me, e ela recua e encosta na porta ainda fechada. — Não precisamos ser amigos para fazermos o que eu quero.

Ela me encara, e ficamos assim, mudos, por um tempo. Vejo seu peito subindo e descendo forte, seus seios enchendo o delicioso decote da blusa

negra que ela usa.

Afasto seus cabelos de sua orelha esquerda e digo devagar o que, desde que a vi na Itália, há cinco anos, quero lhe dizer.

— Eu quero te foder em todas as posições possíveis. — Ela geme, e eu fico duro. — Quero te fazer perder a pose de *princesa* e te fazer gritar meu nome quando gozar.

Eu posso ouvir sua respiração, sentir a vibração e o calor de sua pele e sei que, se eu a pegar nesse momento, estaremos fodendo em cima do piano a noite toda.

Afasto-me.

— Mas não hoje! — termino como se não estivesse tão excitado quanto ela. — Boa noite, *princesa!*

Saio pela mesma porta que entrei enquanto ela continua encostada à outra porta, respiração agitada e olhar fuzilante. É claro que, apesar da

PERIGOSAS ACHERON

minha resolução de não agir com impulsividade com ela enquanto eu não descobrir o que, de verdade, ela pretende, sinto-me com uma terrível sensação de insatisfação.

Demoro mais tempo do que o normal no banho, excitado e tenso, ainda sentindo o cheiro da pele dela e ouvindo o som de sua respiração em meus ouvidos, tocando meu próprio corpo como um adolescente na puberdade.

Eu nunca entendi essa atração que sinto por ela. Rio de mim mesmo enquanto me enxugo. Todas as vezes em que nos encontramos, eu senti isso, como se algo me ligasse e me puxasse para ela, como se, de alguma forma, nossas vidas estivessem entrelaçadas.

Eu me lembro pouco de quando a vi pela primeira vez, pois tinha sete anos e estava em Londres com meus pais. Estava com minha mãe, passeando pela famosa loja de departamentos em PERIGOSAS ACHERON

Knightsbridge, quando nos deparamos com os Villazzas.

Eu, inicialmente, fiz contato com Tony, enquanto Frank, que na época tinha 17 anos, andava de um lado para o outro com uma menininha loira e de cabelos cacheados. Estávamos todos de férias, era verão na Europa, e eu estava voltando ao Brasil depois de terminar minha alfabetização no mesmo colégio onde meu pai biológico estudara.

Tony também não teve muita paciência para conversar comigo, afinal, o que um adolescente de 15 anos e um garotinho poderiam conversar? Ele se juntou ao irmão mais velho e quem se aproximou de mim, com seu olhar curioso e sua mão cheia de chocolate, foi Giovanna Villazza, na época, uma garotinha de quatro anos.

Achei-a engraçadinha e pensei que, se um dia minha mãe pensasse em ter outro filho, eu iria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostar que fosse uma menina como ela, pois já tinha um irmão para me fazer companhia, embora ele fosse ainda um bebê.

Brincamos juntos, e ela gargalhava de uma forma tão contagiante que seus irmãos acabaram por brincar conosco também. Então Frank, já alto e magrelo, pegou-a no colo e a jogou para cima, chamando-a de *sole mio*.

A cada vez que eu me lembrava dela, uma imagem de uma criança com cabelos de raios de sol vinha à minha mente. Até eu a encontrar de novo vinte anos depois.

A mulher que estava no palco, definitivamente, não me lembrava mais um solzinho, mas sim um vulcão em erupção. Eu fiquei tão impressionado com a delicadeza de sua dança, com a sedução de seus movimentos que, após o espetáculo, pesquisei um pouco sobre ela, confirmando o que eu havia sentido.

PERIGOSAS ACHERON

Pensei em ir até Giovanna, em procurá-la e me apresentar, mas então aconteceu a obra nos Estados Unidos e, depois, no Canadá, e eu acabei esquecendo e seguindo a vida.

Então, de repente, ela volta a aparecer, como *amiga* do meu irmão caçula. Eu já tinha aceitado que aquela atração que sentira por ela uma vez fora algo corriqueiro, pois acontecera com outras mulheres, mas confesso que, a cada vez que ouvia alguém citar o nome dela, era como se algo disparasse dentro de mim, instigando-me.

Durante alguns anos, nós moramos na mesma cidade e nunca nos encontramos. Eu tenho amizade com a melhor amiga dela e também com a sua cunhada, e nós nunca nos esbarramos. E, agora, do nada, ela reaparece assim? Com o meu irmão? Só pode ser sacanagem!

Enrolo a toalha na cintura e saio para a sacada do quarto, olhando lá embaixo a edícula

PERIGOSAS ACHERON

onde nós estivemos tão próximos. O que me mantém afastado de Giovanna, nesse momento, é não saber o que de fato está acontecendo entre Bernardo e ela. Porque, devo confessar, mesmo não entendendo essa aproximação repentina entre eles, eu a levaria para a cama sem dúvida alguma. Todavia, uma coisa que eu nunca faria na minha vida seria magoar meu irmão, então, enquanto eu não souber em que estágio se encontra *a amizade* entre os dois, eu não a tocarei.

Debruço-me sobre a grade da sacada, balançando a cabeça para parar de pensar nessa maldita mulher! Giovanna Villazza não preenche em nada meu tipo recorrente do sexo feminino. Não! Eu sempre gostei das morenas, com cabelos bem escuros. Mel Boldani, apesar de ser muito bonita com sua cabeleira clara e seus olhos verdes, nunca me atraiu, ao contrário de Isabella Romanza que, por azar, quando eu a conheci, já era

PERIGOSAS ACHERON

apaixonada pelo Frank Villazza.

Contudo, Giovanna mexe comigo de um jeito diferente. Eu não tenho vontade de ser galanteador, bem-humorado e carinhoso com ela. Não, ela não desperta tanta sutileza em mim. A atração que sinto é tão forte que eu tenho ganas de ser duro com ela, de dominá-la e a deixar implorando.

É um sentimento novo com o qual não sei lidar, pois não é típico de mim ser rude ou até mesmo agressivo com alguém, mas com Giovanna, eu sei que me mantenho no limite do controle.

Entro em meu quarto, fecho a porta da sacada e desfaço a cama. Tiro a toalha e me enfió sob os lençóis nu e excitado de novo. Eu preciso resolver essa situação entre mim e Giovanna e, para isso, preciso saber o que Bernardo sente e pretende, pois, da parte dela, eu posso afirmar que tudo o que ela sente pelo meu irmão é amizade, ou nem isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IX

Giovanna

Tive uma noite insone por causa dos acontecimentos de ontem. Estou preocupada ainda, sem saber se eu nadei com tanto empenho apenas para morrer na praia. Não sei qual será a reação de Bernardo hoje e não sei qual será minha reação diante de Nicholas depois dessa madrugada.

Bufo de raiva ao guardar minhas últimas peças de roupa na mala. Eu deveria estar concentrada apenas no meu objetivo, em Bernardo, pois ele é o meio mais fácil de estar próxima dessa família e de tudo o que preciso ainda descobrir.

Bernardo é o homem certo! Eu preciso tentar resolver aquele desastroso beijo roubado na boate e continuar tendo-o como meu elo com os Toledos. No entanto, tudo o que eu consigo pensar é na

PERIGOSAS ACHERON

sensação que meu corpo sentiu ao ter Nicholas tão perto, respirando praticamente em meu ouvido, fazendo minha pele aquecer e meu coração disparar.

Esse homem malditamente mexe com meus sentidos. Ao mesmo tempo em que tenho vontade de bater nele por parecer querer estragar meus planos, sinto vontade de me render e receber todo aquele prazer que seus olhos me prometem.

Atração desgraçada! Eu odeio quando variáveis não calculadas entram na minha vida tão minuciosamente prevista, principalmente, se eu penso que elas vêm para prejudicar meus objetivos, como no caso de Nicholas. Tê-lo me assistindo em plena crise, na edícula, foi a pior coisa que poderia ter acontecido, pois se o homem já é desconfiado por natureza, depois daquela minha crise de choro, ligou um alerta vermelho sobre mim. Sim! E deixou isso bem claro ao me perguntar quem eu

PERIGOSAS ACHERON

era.

Quem eu sou! Tive vontade de cuspir na cara dele o motivo pelo qual eu estou aqui, mas ainda não era a hora; primeiro, eu preciso ter todos os elementos possíveis para poder entender e, quem sabe, para poder fazer justiça a *ela*.

Fecho a mala e respiro fundo, conferindo minha roupa casual, mas pronta para pegar a estrada se preciso. Vou até a porta dupla da sacada e olho para a piscina lá em baixo, ainda vazia.

Hoje será comemorado o aniversário do Bernardo com um almoço e festa na piscina. O sol já despontou e, ao que parece, não será um dia típico de inverno, pois os dias ainda estão ensolarados, mas com tardes e noites de ventos frios.

Encosto a testa na vidraça, tentando não pensar na noite anterior, quando estive aqui, nessa mesma sacada, sentindo o ar gelado da madrugada,

e o vi sair de seu quarto só com uma toalha branca em volta do quadril.

Se antes apenas com o rosto e o jeito dele eu já me sentia atraída, depois de ver o corpo bem-trabalhado — sim, porque ele faz algum esporte, com certeza — eu não consegui dormir, excitada e muito insatisfeita, pois nem mesmo havia um brinquedinho em minha mala para aliviar a tensão, ou o tesão. Droga de homem inoportuno!

Ouçó uma batida à minha porta e tento me recompor, parecendo estar me sentindo completamente diferente do que, na verdade, estou.

— Posso? — Bernardo me pergunta com um sorriso sem graça.

É agora! Não estraga tudo, Giovanna!

— Claro, Bê! — Sorrio.

Ele entra, sem camisa e de bermuda típica de surfista.

— Eu queria conversar com você... — Olha

minha mala. — Não está pensando em ir embora antes da festa, né?

Eu dou de ombros, pois ainda não sei qual papel terei de representar, a arrependida ou a ofendida.

— Ah, Gio, desculpa, vai! — Ele se senta na cama. — Eu pisei na bola ontem, eu sei! Eu sabia que você queria ir devagar, e eu avancei o sinal, me desculpe! Eu não sou esse tipo de cara!

Vejo sinceridade nas suas palavras e raciocínio rápido.

— Bê, eu também peço desculpas pela minha reação. Você me pegou de surpresa! — Eu quero, ao menos, devolver-lhe um pouco de sinceridade e espero que isso não seja um movimento errado nesse jogo. — Eu notei que gosto muito de você. Eu fiquei apavorada que o que aconteceu afetasse nossa amizade.

— É só o que você quer comigo? — Encara-
PERIGOSAS ACHERON

me. — Amizade?

Respiro fundo antes de responder:

— Até o momento, sim.

Ele balança a cabeça como se compreendesse.

— Eu não vou mentir e dizer que isso não me frustra um pouco, mas respeito você, Gio. Se é só amizade que você quer, é só amizade que eu lhe darei.

Sorrio para ele sem forçar.

— Você é incrível, Bê! — Beijo seu rosto. — A cada dia, mais gosto de você, mas como amigo, entende? E ser sua amiga não é *só* ter sua amizade, pois você não imagina o quanto isso é importante para mim.

Não mesmo!

Ele me abraça, e eu, por fim, consigo tirar um peso das minhas costas, pois, mesmo através da amizade, do jogo “limpo” com ele, eu ainda

PERIGOSAS ACHERON

continuo no caminho em que devo estar.

— Vem para a piscina conosco! — Levanta-se para sair. — Vamos aproveitar o dia!

Eu concordo, e ele sai, fechando a porta.

Jogo-me na cama com um sorriso vitorioso, sentindo-me duplamente vencedora. Primeiro, não perdi meu elo com essa família e, segundo, não terei mais de fingir gostar dos avanços dele.

Levanto-me, visto um biquíni — ao invés do maiô que normalmente vestiria em ocasiões assim — pensando na reação de Nicholas ao ver meu corpo. Será que ele irá ficar excitado como eu fiquei na noite passada? Merda! Jogo um caftã por cima do traje de banho e desço.

A primeira pessoa que eu vejo, em um pequeno cômodo entre a sala de jantar e a cozinha, é dona Cecília.

— Bom dia! — cumprimento-a com um sorriso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia!

Ela está de frente a um enorme móvel, um armário pesado de madeira repleto de louças.

— Estou tentando escolher o serviço para a mesa do almoço. — Ri. — Estou com dificuldade, acredita? Sei preparar uma mesa para empresários, jantares formais, gente da minha idade... — Ri de si mesma. — Mas o que seria jovem e descolado para comemorar o aniversário do Bernardo?

— Precisa da minha ajuda? — Antes que ela responda, eu já entro no local. — Sempre ajudei minha mãe a organizar mesas.

— Seria ótimo! — Chama-me para mais perto. — Eu sempre pensei que seria ótimo ter uma filha, sabe? A Carol sempre me ajudou muito, mas acho que não é a mesma coisa.

Eu respiro fundo ao ouvir esse pequeno desabafo, mas forço um sorriso, tentando ganhar as graças dessa mulher.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma relação entre mãe e filha é muito especial, sim. Mas acho que é parecida com a de mãe e filhos homens, porque meus irmãos são muito chegados à mamãe também.

— Sim. Como somos meus filhos e eu, mas você há de concordar que nenhum dos dois tem paciência ou talento para me ajudar a pôr à mesa.

— Creio que sim. — Rio.

Ficamos um tempo em silêncio, avaliando cada peça disposta numa prateleira, como um mostruário. Vejo um prato redondo, com bordas em relevo, mas completamente branco.

— Acho que esse seria ótimo. — Aponto. — É neutro, possuí poucos detalhes e suas linhas, na borda em relevo, o deixam muito sofisticado, mas, ao mesmo tempo, *clean*. — Ela concorda. — Com um *sousplat* de fibras naturais, como sisal... a senhora possui desse tipo? — ela afirma com a cabeça — ...e guardanapos listrados ou estampados,

PERIGOSAS ACHERON

ficaria muito bom para um almoço à beira da praia.

Ela sorri, encantada com a ideia, mas depois fica séria.

— Ah! Esse serviço não está completo! — comenta como se acabasse de se lembrar.

Vejo-a pegar um bloco que, até então, eu não havia notado, e contar as linhas.

— Somos 11 pessoas para o almoço...

11? Faltam três, então.

Ela pega a caixa correspondente à louça que eu recomendei e conta o número de pratos.

— Exatamente 11! — comemora. — Esse conjunto não era meu. — Ela passa a mão pela louça. — Acho que Gilberto ficará feliz ao vê-lo à mesa, pois era de sua falecida mãe, sabe?

Olho a peça em sua mão, estranhando a informação, pois, até onde eu sei, a família de Gilberto de Toledo era simples, de uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul.

— Obrigada pela ajuda! — Ela pega um telefone sem fio e pede a alguém para vir até nós. — Pedi a meus funcionários que venham pegar tudo aqui. — Começamos a sair. — Hoje a casa está cheia deles, pois até os da nossa casa em São Paulo desceram para ajudar na festa. O Bernardo não quis buffet. — Dá de ombros. — Ele queria uma festa simples, apenas um churrasco para os “chegados”! — Eu sorrio junto com ela. — Mas já me informou que você não come carne, não se preocupe. — Dá-me um tapinha na mão.

— Eu como peixes e frutos do mar...

— Sim, ele me disse. Compramos um salmão especial para você, e nosso cozinheiro irá fazê-lo na grelha, você irá gostar.

Eu aquiesço e agradeço.

— A senhora disse que somos 11, mas aqui estamos em oito.

— Sim! Nicholas chegou ontem, aquele

PERIGOSAS ACHERON

danado! Mas os Nogueiras só vêm hoje. — Olha o relógio. — Na verdade, já devem estar aqui, pois Nicholas foi buscá-los no heliponto.

Os Nogueiras, claro!

Continuamos a conversar, e eu me proponho a ajudá-la na arrumação da mesa de 12 cadeiras montada debaixo de uma tenda no jardim, próximo à área gourmet e à piscina.

Os Nogueiras chegam quando nós acabamos de finalizar os últimos detalhes.

— Cecy! — Sandra Nogueira a cumprimenta. — Achei que estivesse me esperando para arrumar a mesa! Mas ficou boa e tão *singela*!

É difícil, para mim, engolir essa mulher cheia de veneno. Quase ofendeu a dona da casa, que também é sua empregadora, disfarçando sua crítica com um sorriso e uma palavra bonitinha.

— A Giovanna me auxiliou — dona Cecília explica como se não houvesse percebido o veneno

PERIGOSAS ACHERON

da outra.

Sandra levanta sua sobrancelha pintada de vermelho como seu cabelo e me olha de cima a baixo.

— Giovanna? Ah, sim, a Villazza! — Sorri para mim. — Como vai, querida?

— Bem, obrigada — digo seca. Não sou obrigada! — Dona Cecília, a senhora precisa de mim para algo mais?

— Não, não, meu bem. — Sorri. — Pode ir se juntar aos jovens da sua idade! Agora eu já tenho companhia...

Ha! Estou com vontade de aplaudir essa mulher, pois, pela cara de Sandra, o alvo foi atingido! Dizer a essa mulher que ela é da sua idade com certeza devolve o veneno a ela. Dona Cecília não é boba, muito menos ingênua. Tenha isso em mente, Gio! Não há nenhum inocente nessa família!

— Gio! — ouço Bernardo me gritar. — Vem para a piscina!

Caminho para onde todos estão reunidos e vejo três “casais”: Bernardo e Alicinha; Fernando e Paola; e Nicholas e Caroline Nogueira.

A doutora Caroline Nogueira é mais bonita pessoalmente do que nas fotos que vi quando pesquisei sobre a amiga de infância do primogênito de Cecília. É bem magra, mas com o corpo delicado e proporcional. Mais baixa que eu, deve ter entre 1,62m e 1,65m. Tem cabelos lisos naturais e castanhos, assim como seus olhos.

— Carol, essa é a minha famosa Giovanna!
— Bernardo me apresenta. — Gio, essa é a doutora Caroline Nogueira, a melhor pediatra de São Paulo.

— Bê! — Ela parece constrangida. — Como vai, Giovanna?

Nós nos cumprimentamos e, enquanto o fazemos, meus olhos cruzam com os de Nicholas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Um arrepio percorre meu corpo ao vê-lo de bermuda de alfaiataria de linho cru e camisa polo azul-marinho.

— Bom dia, Giovanna! — ele me cumprimenta, e eu apenas balanço a cabeça, dando-lhe às costas e conversando com Bernardo.

— Vamos nadar, gata?

Ele pula na água, e eu retiro, devagar, o caftã que visto por cima do meu biquíni azul.

Em minha mente, enquanto eu vou revelando cada parte do meu corpo, Nicholas está a olhar como um predador, como eu o olhei na noite passada, absorvendo cada detalhe, cada curva, cada músculo. Sinto meus mamilos rijos sob o biquíni e sei que não é devido ao frio.

Assim que retiro a peça, caminho até a borda da piscina, não sem antes dar uma olhada de esguelha para onde Nicholas está e... vejo-o de costas para mim, conversando com Caroline.

PERIGOSAS ACHERON

Gargalho sem me conter antes de pular na água. Eu aqui, bancando a Demi Moore, fazendo quase um strip-tease, e ele nem estava olhando! Patético!

— Caipirinhas! — Fernando anuncia na beirada da piscina.

Eu pego uma de limão e provo a bebida, que está maravilhosa e gelada. Estou sentada na borda, com os pés dentro d'água enquanto Bernardo está dentro da piscina, ao meu lado.

Depois daquela nossa conversa no quarto de hóspedes, eu senti que o clima, além de ter melhorado entre nós, está também mais amigável, até de minha parte. Eu continuo não querendo me envolver de nenhuma forma com ele, mas, com o decorrer do nosso convívio, quando pude conhecê-

PERIGOSAS ACHERON

lo melhor, não pude evitar gostar de sua companhia.

Normalmente, eu não procuraria ter amizade com alguém como Bernardo. Geralmente, meus amigos são mais velhos ou da minha idade, e tê-lo conhecido e me aproximado pelos motivos que tenho me deu a oportunidade de ver que é possível, sim, que duas pessoas diferentes sejam amigas, além, é claro, de, mais uma vez, me provar que meus *conceitos* nem sempre estão certos.

Só que gostar dele não é o suficiente para eu deixar de lado o que pretendo, mesmo que ele saia magoado no final. Olho para ele por trás de meus óculos escuros com lentes espelhadas, conversa alegremente ao lado de seus amigos, feliz, seguro em seu lugar no mundo e com sua família.

Se ele soubesse de tudo, faria alguma diferença? Se ele soubesse o que aconteceu, ficaria do meu lado? Daria razão a mim por estar nesse

PERIGOSAS ACHERON

caminho? Desvio os olhos dele e, sem querer, cruzo meu olhar com o de Nicholas. Sei que ele não pode ver através das lentes. No entanto, tenho certeza de que sabe que estamos nos encarando.

Termino minha bebida e entrego o copo a Fernando, que promete mais uma rodada. Alicinha fala sem parar com Paola, monopolizando a moça e, conseqüentemente, excluindo-me do grupo, pois eu não tenho a mínima paciência de conversar com ela.

Ouçó Bernardo gargalhar de algo que ela falou relacionado a *Robin* e procuro Caroline pelo jardim. Ela está sentada ao lado do pai, próximo à área gourmet, conversando com Gilberto de Toledo.

Todos estão bem diferentes do dia em que os conheci, obviamente, pois estávamos em um evento *black tie* e, aqui, é só um churrasco na casa de praia. Entretanto, uma coisa preciso admitir, ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

que não goste: Gilberto de Toledo é um homem muito charmoso! Alto, corpo bem-cuidado e extremamente elegante, seja de smoking ou de bermuda e camisa.

Enquanto ele conversa com a filha de seus amigos, exhibe um sorriso e demonstra ter muito carinho pela moça. Desvio minha atenção para procurar Sandra e Cecília e as vejo supervisionando os últimos detalhes com a equipe que está preparando o almoço.

— Limão? — Fernando me pergunta com uma bandeja cheia de caipirinhas e caipiroskas.

— Não, dessa vez, vou querer a de abacaxi! — informo já pegando o copo.

— Sabe que não é bom ficar misturando as bebidas — Bernardo me alerta sorrindo, também com um drinque na mão. — Aguardente com vodca pode ser uma bomba!

Eu gargalho.

PERIGOSAS ACHERON

— Sou muito resistente ao álcool!

Ele balança a cabeça sem questionar mais. É realmente verdade que eu sou muito resistente ao álcool, embora esteja acostumada a beber vinhos e não destilados. Meus professores de balé, na época em que eu ainda achava que poderia seguir essa carreira, sempre me davam broncas por consumir bebida alcoólica e, agora, com o treino de artes marciais, não é diferente! Sei que é indicado não beber álcool, mas eu não abro mão da minha taça de vinho!

— Vamos fazer um luau na praia mais tarde
— Bê me comunica. — Você poderia ficar e só voltar para Sampa amanhã de manhã.

Não planejei ficar mais uma noite com eles.

— Bê, eu preciso ir hoje. Amanhã, às 7h, já devo estar na agência, pois estamos finalizando algumas campanhas.

— Tudo bem, então! — Dá de ombros. —

Mas você não poder ficar não tem nada a ver com ontem, tem?

— Não, Bê! Nós já conversamos e nos acertamos, não foi? Vamos esquecer isso. — Passo a mão nos seus cachos. — Eu realmente não me preparei para ficar hoje.

Ele assente, e penso se não posso mudar os planos um pouco e ficar. Talvez seja bom me aproximar mais, estar mais tempo com eles, porém, o tal luau deve reunir apenas a galera dele, e eu quero estar próxima do restante da família. Olho para Alicinha, agarrada em seu pescoço, e reviro os olhos. Não, definitivamente, quero ir embora hoje!

— Gente, o almoço vai ser servido! — Caroline nos avisa, e eu ponho o caftã de volta a fim de ir à mesa.

O serviço dispôs a comida em um enorme aparador ao lado da mesa que ajudei Cecília a preparar. Cada um arruma seu prato, escolhendo a

PERIGOSAS ACHERON

carne diretamente com o churrasqueiro e, depois, se senta à mesa. Eu, apenas para não fazer desfeita, pego um pedaço de salmão, pois, sinceramente, não aprecio o peixe feito desse jeito, pois fica muito ressecado, mas, para agradar a Cecília, fingirei que é meu prato favorito.

Antes que todos comecemos a comer, Gilberto se coloca de pé, arrancando sorrisos da esposa e um gemido aflito do filho caçula.

— Eu prometo ser breve! — Todos riem, sabendo que, como ele está na corrida para a pré-candidatura ao governo do estado, seus discursos estão mais longos do que deve ser o normal. — Hoje, meu filho mais novo está completando mais um ano de vida, e eu quero, primeiro, agradecer a Deus pela oportunidade de ser o seu pai e, claro, à minha esposa por ter me dado dois filhos tão diferentes, mas que me enchem de orgulho na mesma proporção. — Estou olhando fixo para o

PERIGOSAS ACHERON

prato, tentando não absorver essas palavras, tentando esquecer o que aconteceu com *ela*, porque, senão, eu acabarei com essa palhaçada! — ...que você tenha muito mais do que sucesso, meu filho, que você seja feliz sendo quem é, independentemente do que isso significar para os outros. Tudo o que sua mãe e eu queremos é que vocês dois sejam felizes. Parabéns, Bernardo!

Todos levantam suas bebidas e o parabenizam também. Eu, ainda tentando me controlar, perco o *timing* e faço o brinde depois de todos, recebendo, de volta, um olhar debochado de Nicholas.

Escroque! Eu ainda estou para conhecer homem que me enerve e me excite como esse.

O almoço está sendo barulhento, pois todos conversam, alguns contam histórias engraçadas sobre Bernardo, e eu me sinto um tanto perdida por ser a única que não tem tantos anos de convivência

e amizade com eles.

— Gio! — Alicinha praticamente grita meu nome. — Pessoal, a Gio está se sentindo excluída da conversa. — Como se ela se importasse comigo... — Não podemos esquecer que o Bê e ela se conhecem há pouquíssimo tempo e...

— Na verdade, ela falou com o meu irmão antes de todos vocês — Nicholas a interrompe, e um silêncio cai sobre todos. — Lembra, mãe, quando nos encontramos com ela em Londres?

Dona Cecília abre um enorme sorriso.

— Claro! — Cutuca Gilberto. — Não lhe falei que tínhamos encontrado os Villazzas em Londres?! O Nicholas lembra!

Ele gargalha.

— Ele não estava conosco, mãe! — Ela franze o cenho. — Estava com Mr. Hasting, resolvendo sobre minha transferência ao Brasil.

— É mesmo! Ah, Giovanna, você era uma
PERIGOSAS ACHERON

criança linda! — Eu fico tensa ao ouvir isso. — Cabelos como os de um anjo, cacheadinhos, e seus olhos, grandes e azuis, se destacavam no rosto pequeno.

— Eu já havia nascido? — Bernardo indaga me olhando, deslumbrado com a informação que, para mim, também é novidade.

— Sim, você estava no carrinho com sua babá! Tinha um pouco mais de um ano! — dona Cecília se derrete ao dizer isso. — Você era um bebê tão lindo, meu filho, tinha umas bochechas...

— É verdade, tia! — Fernando brinca. — Ele ainda conservou essas bochechas até a adolescência. Como era mesmo o apelido? — Bernardo rola os olhos, sorrindo enquanto Fernando parece tentar se lembrar. — Ah, sim, era Kiko!

Bernardo o xinga, mas parece divertir-se com a brincadeira.

Estou completamente petrificada com a informação. Que destino louco é esse? Levanto os olhos da mesa e encaro Nicholas, ainda com expressão chocada no meu rosto. Mas que brincadeira de mau gosto é essa?!

— Você sujou meu casaco favorito de chocolate — ele diz somente para eu ouvir. — Ainda não te perdoei por isso! — Sorri de um jeito que faz meu corpo inteiro reagir, saindo do torpor em que se encontra desde que esse assunto veio à baila.

Ficamos nos olhando por um momento até que o assunto muda e o incluem na conversa.

Nicholas Smythe-Fox se lembra de mim ainda criança? Partes do que ele me disse ontem, na edícula, vêm à minha mente. Ele sabia que eu dançava! Minha respiração fica mais rápida, tentando avaliar o que mais ele sabe. Ele não pode saber sobre *ela*! Eu sempre achei que ele tivesse

uma parcela de culpa, mas saber de tudo? Será possível?

De repente, uma gritaria me traz de volta à realidade, e eu vejo um bolo sendo trazido até a mesa, com velinhas no topo.

Todos se levantam para cantar parabéns, e eu, aproveitando a deixa, pois estão prestando atenção ao aniversariante, viro o meu terceiro *shot* de caipirinha de uma só vez.

Dispenso o bolo e volto, junto com Paola, para o sol, sentando-me numa *chaise* sob um *ombrelone* grande. Ela e eu conversamos um pouco antes de Alicinha arrastá-la para outro canto para fazerem *selfies*.

Estou prestes a subir para o quarto quando vejo Caroline vir em minha direção.

— Posso? — Ela aponta para a cadeira que Paola ocupou.

— Claro! — Eu sorrio com simpatia, afinal

PERIGOSAS ACHERON

ainda não sei o quanto será útil manter amizade com ela.

— Eu estou muito feliz por te conhecer pessoalmente. Bernardo falou muito sobre você nessas semanas.

Eu finjo estar encantada por ter ouvido isso.

— Bê é um amor!

— Sim. — Ela fica muda por um tempo. — Acho que você pode ser a mulher certa para ele, sabe? Alguém pé no chão, diferente dos outros. — Aponta para o grupo com a cabeça.

— Somos só amigos! — deixo claro.

— Hum... Não há possibilidade de algo além disso? — Ela ri. — Desculpe-me pela indiscrição, acabamos de nos conhecer, mas eu realmente penso que vocês fazem um casal lindo!

— Que casal lindo? — Nicholas aparece trazendo em suas mãos duas taças de vinho.

— Bernardo e Giovanna! — Ela pega a taça

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele lhe estende, e a outra, ele simplesmente bebe. Mal-educado! Nem me ofereceu!

— Ah... — Vejo um sorriso cínico em seus lábios. — Não sabia que já eram um casal.

Eu levanto minha sobrancelha, protegida pela lente dos óculos.

— *Ainda* não. — Aponto para o vinho em sua mão. — Essa outra aí não era para mim?

Ele gargalha.

— Não! — Bebe o vinho. — Não acha que já bebeu muitos *shots*? Não queremos nenhum bêbado fazendo show aqui!

— Nick! — Caroline arregala os olhos com o que ele diz e me olha sem graça.

Eu rio e dou de ombros.

— Tem razão! Preciso de algo mais forte do que esse vinho de mulherzinha!

A mulher fica ainda mais vermelha com minha resposta, e ele apenas gargalha de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gio! — Bernardo me chama. Eu peço licença a Caroline e vou até ele, aliviada por sair de perto daquele homem irritante. — Vem tirar umas fotos conosco! — Puxa-me.

Faço algumas poses, embora esteja detestando estar aqui tirando fotos. Nunca fui fã das lentes, seja de uma câmera ou de um celular. Fernando está segurando uma *caipi* de morango e me oferece.

Eu, com um sorriso, aceito e, antes do primeiro gole, olho na direção em que Nicholas está, encontrando seus olhos sobre mim, e levanto um brinde a ele, virando de uma só vez a bebida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo X

Giovanna

O céu está limpo, tomado de estrelas, e ainda estamos no jardim da casa de praia dos Toledos comemorando o aniversário de Bernardo. Já passa das 8h da noite, e eu preciso voltar para São Paulo.

Depois que brindei a Nicholas e virei o drinque mais cedo, achei melhor pegar mais leve na bebida e comecei a me hidratar. Devo ter consumido mais de três litros de água para diluir um pouco todo aquele álcool no meu sangue, porque, muito embora eu tenha dito que sou resistente, aquelas bebidas me deixaram tonta, tanto é que até comi um pedaço de bolo para elevar minha glicose. E esse foi um dos motivos que me mantiveram neste lugar até agora, pois eu estava tentando ficar o mais sóbria possível para pegar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estrada.

— Bê — chamo-o para longe do pessoal, que está dançando. — Eu vou embora.

— Tem certeza? — pergunta preocupado. — Está bem para dirigir? Estamos todos meio bêbados aqui. — Ri.

— Parei de beber ainda de tarde! Estou ok! — Eu o abraço e noto que, pela primeira vez, foi um abraço sincero. — Parabéns! — sussurro ao seu ouvido.

— Ah, Gio! — Abraça-me mais forte. — Obrigado!

Eu me afasto com medo de que tenhamos outra cena como a da noite passada e lhe dou uma piscadinha.

— Vou tomar um banho e já desço para pegar a estrada.

— Irei levá-la até o carro. Obrigado por ter vindo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu lhe dou um tchau e subo rumo ao quarto de hóspedes onde estão minhas coisas.

Tiro o biquíni que molhou e secou no meu corpo tantas e tantas vezes que eu sinto alívio ao me desfazer das peças. Tomo um banho revigorante e escolho uma roupa confortável para dirigir, um vestido leve e sandálias baixas.

Meus cabelos úmidos estão ao natural, levemente anelados, e eu os deixo soltos para que sequem. Confiro tudo no quarto, pego minha bolsa a tiracolo, as chaves do carro e saio para o corredor arrastando minha única mala.

Escuto o som alto da festa lá embaixo, sabendo que, daqui a pouco, todos os jovens irão para a praia e os mais velhos terão a paz de não ouvir essas músicas ensurdecedoras.

Ao final do corredor, já próximo à escada, vejo Nicholas surgir subindo os degraus correndo e parando ao me ver. Eu continuo andando, disposta

a passar perto dele sem me despedir quando escuto-o gritar:

— Você só pode estar louca!

A surpresa me faz parar.

— Como?

— Eu achava que você tinha mais juízo, mais maturidade, mas vejo que me enganei! — Anda a passos largos até onde estou e arranca a alça da mala da minha mão. — Você bebeu o dia todo, não vai pegar a estrada e voltar dirigindo!

Oi? Meu sangue ferve ao ouvir isso. *Quem é você na fila do pão?!* Pelo amor de Deus, o homem está achando que pode me dar ordens?

— Eu vou voltar, sim! — Tento pegar minha mala de volta. — Quem você pensa que é para dizer o que vou ou não fazer? Devolva a porra da minha mala!

Ele sorri desafiador e começa a andar, e eu, estarrecida com a sua atitude, vejo-o abrir uma

PERIGOSAS ACHERON

porta e *jogar* minha mala dentro do cômodo sem a menor cerimônia.

— Não! — Encosta-se à porta e cruza os braços. — Tenha juízo! Bebeu o dia inteiro e ainda quer voltar à noite sozinha e dirigindo?! Só pode ser maluca ou estar bêbada demais!

Eu bufo de raiva e penso nas chaves do carro em minha bolsa.

— Foda-se! — Viro as costas e vou em direção às escadas.

Eu não preciso daquela mala, nem das roupas dentro dela. Tudo o que preciso para voltar para casa está comigo! Se ele quer bancar o troglodita machista achando que pode mandar em mim e...

Meus pensamentos de revolta são interrompidos quando sinto duas mãos agarrarem minha cintura e me erguerem do chão.

— O quê?! — Ele praticamente me joga por cima dos ombros. — Me solta, seu babaca! — Soco

suas costas e esperneio.

— Shiu! — Ele continua andando.

— Me solta! — eu grito mais alto.

Ele para e, em seguida, entramos num cômodo escuro. Sou colocada no chão e parto para cima dele, socando seu peito.

— *Porco, coglione, figlio di puttana!*

Escuto-o gargalhar.

— *Calmati! Andiamo, calmati!*

Eu paro de socá-lo, embora ainda esteja fervendo de raiva.

— Giovanna, me olhe. — Eu me concentro em minha respiração e continuo a olhar para o peito dele. — Giovanna, *guardami!* — Encaro-o. — Não é seguro! Você pode se acidentar, pense na sua família, porra! — Vejo preocupação em seu semblante. — Eu também não ficaria tranquilo se você fosse dirigindo.

Essa última frase tem um efeito

completamente desconhecido sobre mim. Nicholas parece estar preocupado com minha segurança de verdade.

— É tão importante voltar para São Paulo?

Eu assinto. Ele passa a mão pela minha face esquerda. Uau! Meu coração dispara com esse toque. Meu corpo inteiro responde ao carinho que ele faz em minha bochecha, meus mamilos estão rijos, aparecendo sob o tecido fino do vestido, e sinto um calor aquecer meu ventre.

Ele parece sentir o mesmo. Sua preocupação dá lugar ao desejo, e seus dedos vão em direção à minha nuca, fazendo-me ter arrepios dos pés à cabeça.

— Nicholas... — eu começo a falar, pronta para pedir para ele me deixar sair deste quarto, mas minha voz sai sussurrante, e eu fecho os olhos.

Sinto-me ser puxada até ele. Sei que ele vai me beijar e que eu deveria parar essa carícia antes

que aconteça, mas, sinceramente, quero muito ser beijada por ele.

Quando acontece, sinto seus lábios quentes sobre os meus, suaves a princípio, testando, provando. Ele roça sua boca na minha devagar. Sinto sua respiração, seus dedos estão entrelaçados nos meus cabelos, e sua outra mão aperta minha cintura.

— Eu não queria desse jeito, mas não posso esperar mais — declara com os lábios praticamente encostados nos meus. — Diga que também quer, Giovanna.

Merda! Eu não respondo com palavras, simplesmente devolvo o beijo, mas, dessa vez, enfiando a minha língua em sua boca, desesperada, querendo senti-lo por inteiro.

Nicholas, ao perceber minha rendição, gira comigo, colocando-me contra a porta, tirando-me um pouco do chão, prendendo meu corpo ao seu.

Posso sentir o quanto ele está excitado através da bermuda de linho que usa, pelos beijos que me dá, usando sua língua para explorar minha boca e seus dentes para arranhar meus lábios.

Suas mãos, que seguram meu corpo suspenso, começam a se mover, até que ele me firma com uma só delas e, com a outra, procura o final da saia do meu vestido, insinuando-se por baixo e encontrando minha calcinha.

Eu gemo ao sentir seus dedos sobre mim.

— Vou te comer agora, Giovanna — informa antes de morder meu pescoço, excitado e ofegante. — Tudo o que quero é sentir meu pau dentro de você agora! Não dá para esperar.

Afasta-me, pondo-me de costas para ele e me esmagando contra a porta. Sinto sua barba por fazer arranhando meu pescoço enquanto ele morde minha orelha e afasta minha calcinha.

— Caralho! Você está molhada! — geme.

Sinto seus dedos explorarem meus lábios inferiores e entrarem dentro de mim, fazendo com que eu me contorça e gema com vontade. Depois, seguem em direção ao meu clitóris, massageando-o, beliscando a carne sensível, deixando-me ainda mais úmida.

Eu estou excitada com o que está acontecendo, pois é diferente de tudo o que eu já fiz, por não ter sido planejado. De repente, Nicholas tira sua mão do meio das minhas pernas, e escuto o barulho de um zíper ser aberto. Fecho os olhos em antecipação, prevendo o prazer que está por vir quando ele finalmente me penetrar. Não me decepçiono, e a realidade se mostra melhor do que a expectativa, pois, quando ele se enterra dentro de mim de uma só vez, tudo o que consigo fazer é gemer.

— Isso, Giovanna! — Ele começa a, literalmente, socar dentro de mim. — Consegue

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senti-lo todo? — Eu gemo em resposta. — Gosta assim? — Ele segura meus cabelos e os puxa para trás, fazendo com que meu rosto desgrude da porta. — Olhe para mim! — Abro as pálpebras e vejo seus olhos azuis brilhando de tesão. — Quero te foder a noite toda, com as mãos, com a boca, com meu pau... — Geme e aumenta as estocadas. — Porra, não vou cansar de te foder!

Enlaça a minha cintura e empina mais meu quadril, tendo mais acesso, entrando cada vez mais fundo e com mais força. Em todas as minhas experiências anteriores, era eu quem ditava o ritmo a ser seguido. Nunca fui muito passiva, além de não tolerar nenhum tipo de pegada mais forte ou agressiva, mas, com ele, neste momento, toda a rudeza com que se movimenta me deixa no limite da sanidade.

— Nicholas... — gemo sem conseguir me conter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sente isso, não é? — Lambe minha orelha, e sua mão desliza sobre meu vestido, tocando meu clitóris sobre o tecido macio e frio da seda. — Goza, Giovanna! — praticamente me ordena. — Molha meu pau com seu prazer...

Ele aumenta o ritmo, e os movimentos de seus dedos seguem os das estocadas. Não demora muito mais, e eu sinto meu corpo inteiro retesar, não conseguindo me conter, gemendo e gritando como uma louca, tamanha a sensação. Ouço-o urrar e xingar, saindo apressado de dentro de mim.

Ainda estou encostada na porta, tentando recuperar meu fôlego e o que restou da minha razão. O que acaba de acontecer aqui nunca se passou pela minha cabeça, pois eu nunca pensei em me envolver dessa forma com um deles.

PERIGOSAS ACHERON

O sexo com Nicholas, embora tenha sido a experiência mais ímpar que eu tenha vivido, pode pôr tudo a perder. Transar com o primogênito da família pode me afastar de todos, pois eu não sei o que, afinal, ele pretende com essa sedução, pois se só representa um desafio a ser conquistado, uma transa casual, ele pode querer me ver longe dele mesmo e de sua família.

Droga de *pepeka* fogosa! Eu deveria ter resistido!

— Fiz uma bagunça aqui! — Escuto sua voz risonha. — Giovanna?

Fecho os olhos, respiro fundo e me viro para olhá-lo.

Ele está com os cabelos revoltos, a bermuda, junto com uma cueca preta, está embolada a seus pés. Constato que, embora ainda estejamos de roupa, acabamos de fazer um sexo *fodástico* — *desprotegido*, em pé, num lugar em que penso se

PERIGOSAS NACIONAIS

tratar de uma sala íntima, mas, ainda assim, foi incrível.

Nicholas continua a me encarar. Sua expressão é de curiosidade, talvez pelo meu silêncio, então começa a ajeitar suas roupas.

— Tudo bem? — indaga-me abotoando a bermuda.

— Onde estamos? — Olho em volta, querendo falar de qualquer coisa, menos sobre como estou me sentindo, pois nem eu mesma tenho a resposta.

— Cacete! — Ri, parecendo surpreso também. — Estamos na sala da minha mãe! — Arregala os olhos, mas exhibe um sorriso safado. — Aquela é a porta — aponta — do quarto deles.

Eu olho-o apavorada, pensando no pequeno show que demos no local e ficando horrorizada com a simples ideia de que eles possam ter ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

Ai, *Dio*, o que eu gritei quando gozei?

— Tudo bem, eles saíram! — diz para me acalmar, notando o quanto eu fiquei tensa. — Você está bem? — Aproxima-se de mim.

— Sim. O que houve aqui?

É uma pergunta retórica, ou talvez profunda demais para ser respondida, mas o desgraçado ri, fazendo meu sangue ferver de raiva e também de excitação, pois seu rosto se ilumina quando ele sorri.

— Tem certeza de que não sabe? — Puxa-me contra seu corpo. — Sexo. Trepada. Transa. Amor. Você escolhe a definição! — Passa o nariz pelo meu pescoço, cheirando-o, parecendo querer absorver o aroma de minha pele.

Eu contenho um gemido e tento ignorar a palavra *amor*, pois, definitivamente, não tem nada a ver com o que fizemos há pouco.

— Mas, seja como quiser definir — continua

a falar, ainda roçando o nariz em mim —, ainda não acabamos.

Sinto o prazer percorrer meu corpo ao imaginar o que mais poderemos fazer até acabar.

— Não?

— Não. — Pega minha mão. — Vou te levar para São Paulo.

Arregalo os olhos, surpresa mais uma vez.

— Me levar? Pensei que você quisesse que eu ficasse aqui!

— Não. Nós vamos para São Paulo juntos. — Beija meu pescoço. — O helicóptero já deve estar à espera.

Eu me afasto.

— O quê?! — Helicóptero? Ele planejou que aquilo acontecesse? Não é possível!

— Eu estava indo embora quando meu irmão disse que você também estava, só que dirigindo! — repreende-me. — Fiquei possesso ao pensar que,
PERIGOSAS ACHERON

depois de toda aquela bebida, você ainda teria coragem de dirigir até São Paulo.

— Eu não estou bêbada! — reafirmo.

— Ainda assim. Pensei em convidá-la para vir comigo, mas aí aconteceu tudo aquilo. — Dá risada. — Eu não sei o que acontece conosco, nunca conseguimos conversar sem uma provocação!

— Está dizendo que veio até aqui só para me oferecer uma carona? — Parece mentira.

— Sim. Ainda bem que não falei nada com o Bê, senão ele teria vindo atrás...

— O Bê! — Eu me lembro do que conversamos pouco antes de eu subir. — Ai, merda, ele disse que iria me esperar descer!

— Ele já foi para a praia. — Chama minha atenção para o silêncio. — Além do mais, Alicinha e ele estavam atracados lá embaixo. — Essa informação me pega de surpresa. — Presumo que

PERIGOSAS ACHERON

entre vocês dois não tenha rolado nada.

— Claro que não! — exclamo indignada por ele pensar que eu estou pegando os dois ao mesmo tempo.

— Eu sabia que não, Giovanna. Não precisa ficar toda ofendida! — Põe uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha. — Eu tinha dúvidas, mas hoje de manhã acabei ouvindo a conversa de vocês. Eu nunca me meteria nos assuntos do Bernardo, mesmo estando louco para te comer.

Filho da mãe, ouvindo atrás das portas! Contudo, mesmo puta com a sua insinuação e bisbilhotice, eu sorrio ao imaginá-lo escondido, ouvindo nossa conversa.

— Você aceita ir comigo? — Dá-me mais um desses sorrisos que parecem iluminar tudo ao redor. — Se não formos agora, só poderemos sair depois de nos despedirmos dos meus pais.

Eu deveria querer me despedir dos Toledos,
PERIGOSAS ACHERON

afinal, eu vim até aqui apenas para me aproximar deles, mas estou me sentindo tão sem jeito por causa do que fiz em sua sala íntima que aquiesço. Porém, antes de sair, lembro-me dos outros três convidados presentes e de que eles vieram de helicóptero.

— E os Nogueiras?

— Estão com meus pais e só retornam amanhã. — Estende a mão novamente.

— E a Carol?

Ele cruza os braços sobre o peito e me encara divertido.

— Achei que ela estivesse incluída na pergunta sobre os Nogueiras! — Sinto raiva do seu tom de voz irônico. — Ela também só retornará amanhã. Vamos ou não?

Ir com ele será aceitar fazer uma pequena emenda no meu soneto, e isso pode ser tanto um golpe de mestre quanto um desastre. Todavia, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca fui covarde; além de adorar uma aventura, quero tudo aquilo que ele me prometeu: prazer de todas as formas. Resolvo arriscar.

— Vamos!

Pego em sua mão, e logo saímos do quarto, e eu, bem, eu apenas me deixo ser levada por ele.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XI

Giovanna

A viagem de poucos minutos até a capital do estado foi tranquila, e nós seguimos o caminho todo em silêncio. Pousamos no heliponto do prédio onde ele mora, no bairro Vila Nova Conceição e descemos apenas dois lances de escadas antes de passarmos pelas portas corta-fogo, e eu vislumbrar um hall decorado com aparador e obras de arte.

Ele abre a porta dupla da cobertura, e entramos ainda calados.

O apartamento, como eu previ, é enorme, decorado com móveis e objetos bem masculinos em tons de cinza e preto, piso de madeira de lei brilhante e uma parede inteira de janelas com vista para o Parque do Ibirapuera.

— Seja bem-vinda! — diz, beijando-me

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente. — Fique à vontade!

— Uau! Que linda vista! — Realmente estou encantada com o que vejo, embora a visão durante o dia deva ser bem melhor.

— Foi o motivo pelo qual resolvi comprar esse *AP*, além do heliponto.

Sinto uma pequena pontada de inveja ao constatar que ele deve se locomover pelo ar, utilizando a aeronave, evitando engarrafamentos e horas perdidas dentro de um veículo.

Não é novidade ou mesmo ostentação, pois a maioria dos grandes empresários de São Paulo faz o mesmo, afinal, é aqui que está a maior frota de helicópteros do mundo! Então não é fora do normal que ele, em vez de buscar um prédio com muitas vagas de garagem, tenha adquirido um com um heliponto.

— Somos quase vizinhos! — ele comenta depois de acender a luz do corredor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Eu sorrio para ele, pensando em como demorei para chegar até qualquer um deles, e estavam tão perto de mim.

— Gio — eu sinto preocupação em sua voz —, nós fizemos sexo sem preservativo. — Aquiesço. — Eu queria te dizer que tenho meus exames em dia e que não gozei dentro de você.

— Eu percebi. — Rio da situação, pois ainda estou me sentindo constrangida com o que aconteceu. — Não se preocupe com isso também, porque eu estou protegida e limpa.

— Protegida? — Um sorriso se insinua em seu rosto. — Usa contraceptivo?

— Sim. — Estico meu braço e aponto uma marca minúscula. Ele a toca e sente meu implante. — Uso anticoncepcional subcutâneo há quase três anos, então não precisa ficar preocupado...

Ele me beija — ou melhor, me ataca, porque sou tomada de assalto, com fúria e muito desejo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agarro-me a ele, sentindo o calor de sua pele por baixo da camisa, a rigidez de seus músculos, o sabor de sua saliva.

— Vamos para o banho — mal termina de falar, e sou arrastada até uma enorme suíte, onde apenas uma parede de vidro separa o quarto e o banheiro, deixando à mostra a enorme hidromassagem. — Quero te ver nua. — Põe-se às minhas costas e desce devagar o fecho do meu vestido.

Sinto suas mãos em minha pele à medida que me desnudam mais e quando, por fim, estou apenas de calcinha, ele deixa um rastro molhado e quente da minha cervical até meu cóccix com a ponta de sua língua.

— Estou morrendo de vontade de sentir seu gosto na minha boca. — Gemo só ao ouvi-lo falar. — Giovanna, você consegue me deixar louco de tesão. — Ele bufa. — Vem, vamos para o banho!

PERIGOSAS ACHERON

Eu não vou e fico parada exatamente onde estou.

— Eu estou em desvantagem aqui, Nicholas!
— Ponho as mãos na cintura e sei que, com isso, deixo meu corpo inteiro à sua vista. — Quero vê-lo sem essa roupa agora!

— Como queira! — Ele tira a camisa, e eu ofego ao ver seu abdômen trabalhado e seu peitoral dividido.

Ao contrário do que fez comigo, ele parece ter pressa em se livrar da roupa e, quando tira a bermuda, leva junto a cueca, ficando completamente nu à minha frente.

Olho cada detalhe desse corpo coberto por pelos aparados e claros. Nicholas tem o chamado “caminho da felicidade” definido na parte inferior de seu abdômen, quase formando um “V” perfeito. Seu pênis, no momento completamente ereto, não possui curva para nenhum lado, e noto que ele foi

PERIGOSAS ACHERON

circuncidado.

Quando subo o olhar, percebo que o famoso rosto angelical se transformou na face de um demônio da luxúria. Sinto um arrepio de expectativa me percorrer.

— Gosta do que vê? — Há safadeza ao extremo em sua pergunta.

— Muito! — Não tenho medo nem mesmo do desejo que sinto. Nunca fui uma mulher inibida ou puritana na hora do sexo e não seria com ele que começaria a ser.

Ele sorri e estende sua mão para mim. Entramos juntos debaixo do chuveiro, eu ainda de calcinha. Tentei tirá-la antes de entrar, mas ele me *mandou* deixá-la. Nunca gostei muito de receber ordens, meus pais sempre disseram que eu sou indisciplinada, mas ele consegue me fazer seguir seus comandos.

Nicholas começa a me ensaboar com suas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos cheias de sabonete líquido, massageando meu corpo lentamente, ora com força, ora com delicadeza.

Quando, finalmente, chega à calcinha, ele se abaixa e usa os dentes para tirá-la, após isso, sobe pelas minhas pernas lambendo, deslizando sua língua e seus lábios pela minha pele molhada.

Eu fico na expectativa de que ele toque minha parte íntima com a língua, mas o irritante se levanta por completo e recomeça a me ensaboar.

Decido, então, tomar a iniciativa e pego um pouco do sabonete que ele usou em mim, esquecendo todos aqueles músculos maravilhosos e passando-o exatamente onde eu quero.

Ele geme quando agarro seu pau com a mão deslizando de sabonete e começo a masturbá-lo. Nicholas fecha os olhos e levanta o rosto, gemendo entre os dentes, deixando-me ainda mais segura do que estou fazendo.

PERIGOSAS ACHERON

Deixo a água lavar o sabão e me ajoelho devagar, percebendo os olhos fechados dele. Fico cara a cara com seu membro e noto duas pintinhas perfeitas e iguais em cada lado de sua cabeça, fazendo com que se pareça com olhos de uma serpente. Arrepio-me inteira com a ideia.

Não sou sutil ao abocanhá-lo por inteiro, arrancando um gemido alto desse homem. Aumento os movimentos, sugando ao mesmo tempo, até que sinto que ele está à beira do precipício. Paro. Recomeço passando a língua da cabeça à base, chupando levemente suas bolas e retornando ao topo.

— Continua, Giovanna! — Ele me pega pelos cabelos e me faz engoli-lo até o máximo que consigo. — Porra, assim!

Ele quer ditar o ritmo, dar as ordens e me dominar. As sensações que tenho tanto tomando a iniciativa quanto sendo passiva são incríveis, então

PERIGOSAS ACHERON

deixo-o me ensinar como gosta.

Enquanto sinto seu pau afundando cada vez mais rápido dentro da minha boca, uso minha língua para aumentar seu prazer, ouvindo-o gemer mais alto e mais grave a cada vez que deslizo a língua no seu entorno.

— Quero gozar, Giovanna, mas quero que você receba tudo na sua boca!

Eu aperto minhas coxas, sentindo uma espécie de choque em meu clitóris tamanha a excitação que me toma ao ouvir o que ele quer fazer.

— Agora, Giovanna! — Ele geme como uma fera. — Toma! — Joga a cabeça para trás. — Gota por gota!

Sinto jatos quentes em minha boca e seu pênis se contraindo contra meus lábios. Sinceramente, nunca tive de lidar com esse tipo de situação antes, porque, em todos meus

PERIGOSAS ACHERON

relacionamentos anteriores, era eu quem dominava, quem dizia como, onde e quando fazer, e eu nunca, nunca mesmo, deixei um homem gozar na minha boca.

Fico sem saber se devo cuspir ou engolir, completamente perdida sobre isso. Respiro fundo e engulo de uma só vez, sem fazer careta, porque, embora o gosto não seja nada agradável, também não me faz ficar enojada.

Levanto-me e recebo um abraço.

— Obrigado!

Eu rio, surpresa por ganhar um agradecimento depois de um boquete.

— Foi um prazer! — respondo brincalhona.

Ele gargalha.

— O prazer foi todo meu, mas creia-me, vou saber recompensá-la muito bem!

E ele o faz. Minutos depois, estamos em sua cama, com sua boca a passear por todo meu corpo,

explorando cada entrada, cada curva, lambendo e chupando até me fazer gritar seu nome.

Não fizemos mais sexo com penetração nessa noite. Depois que eu gozei tantas vezes que nem sei a quantidade, ele me abraça de conchinha — posição que nunca tentei com ninguém antes —, e nós dormimos o restante das horas antes de o dia amanhecer.

— Bom dia!

Abro apenas um olho, estranhando o quarto, mas gostando da visão de Nicholas somente de cueca boxer branca e carregando uma bandeja.

— Café na cama? — Sento-me. — Assim você corre o risco de nunca mais se livrar de mim! — Pisco para ele. — Bom dia!

— Quem disse que penso em me livrar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você? Pelo menos, não tão cedo! — Ele põe a bandeja sobre meu colo. — Espero que coma essas coisas, pois já notei que você é bem fresquinha na hora de comer.

— Fresquinha?! — finjo-me de ofendida, mas, no fundo, acho graça do jeito “grosso” dele. Quem diria que um homem com essa aparência e refinamento fosse um brutão? — Eu só não como carne vermelha e de frango!

Ele faz uma cara de tédio para mim.

— Modinha! — Agora eu estou indignada. — Aposto que você não deve comer glúten, açúcar, laticínios *e* carne vermelha. *Modinha!*

— Seu ignorante! — Enfio um pedaço da torrada na boca para provar que não tenho nada contra glúten. — Não sou modinha! Eu apenas não aprecio a carne vermelha e evito as outras!

— Não sabe o que perde! Uma picanha suculenta e sangrenta...

PERIGOSAS ACHERON

Eu fico verde só ao ouvi-lo falar em carne sangrando, e ele percebe meu asco.

— Ah, meu Deus! — Gargalha. — É sério mesmo?! — Continua gargalhando. — Você não gosta de verdade!

— Não, não gosto! — Tomo o café, que está muito bom, por sinal. — Você tem alguém para cozinhar?

— Sim, nos dias de semana. — Ele se senta na beirada da cama. — Trabalho aqui algumas vezes, então acho mais prático fazer as refeições em casa. Mas eu cozinho também, se for preciso.

— Cozinha?! — Abro um sorriso. — Eu não faço nem café!

— Gosto de cozinhar, morei muitos anos fora, em vários países diferentes, então aprendi a fazer um pouco de cada coisa. Nem sempre tive uma cozinheira nos países em que vivi.

Eu olho para ele tentando entender quem
PERIGOSAS ACHERON

realmente é Nicholas Smythe-Fox, um homem que nasceu em berço de ouro, descende de nobres britânicos, herdeiro da maior holding da América Latina, mas que parece não se afetar com nada disso.

Ele não tem o jeito dos outros grandes empresários que conheci ao longo da minha vida. Nem mesmo dos meus irmãos! Nicholas é diferente, e eu já consigo notar isso mesmo com tão pouco tempo de convívio.

— Feche a boca e volte a comer! — Toca no meu queixo, e eu tento me recompor e voltar a mostrar minha fachada fria. — Saber cozinhar não é nada demais!

— Para mim é, pode ter certeza! — Ele ri em resposta. — Eu acho que queimo água se a colocar no fogo!

Ele me puxa pela nuca e me dá um beijo incrível e inesperado, e eu imediatamente agarro-o

pelo pescoço e o puxo de volta para a cama comigo.

Escuto o tintilar da louça na bandeja e me lembro do café da manhã no meu colo.

Afasto-o rindo, e Nick não pensa duas vezes, pega o objeto que bloqueou seus avanços e o coloca sobre o criado-mudo ao lado da cama, mas, dessa vez, antes que retomemos de onde paramos, escuto o toque do meu celular.

— Tem que atender? — ele questiona com as mãos em minhas coxas, debaixo da coberta.

— Na verdade, já era para eu estar na agência — digo, pegando o aparelho e constatando que é Lori quem está ligando. — Temos uma reunião todas as segundas, às 7h30 da manhã. — Olho as horas e arregalo os olhos. — São dez para as 8h! — Atendo o telefone. — Lori, oi! Vou me atrasar, mas chego antes de a reunião acabar!

— Bom dia! — Ele ri. — Giovanna Andretti

PERIGOSAS ACHERON

perdendo a hora? Hum... Depois quero os detalhes...

— Tchau, Lori!

A mão safadinha de Nick já não está mais seguindo um delicioso caminho pelas minhas coxas. Eu me levanto.

— Preciso ir! — aviso um pouco frustrada, confesso.

— Eu percebi. — Ele aponta para o banheiro.
— Fique à vontade para se arrumar.

— Obrigada.

Vejo-o sair da suíte e abro minha mala, notando que a única roupa apresentável para o trabalho é o vestido que usei na noite passada. Não é, nem de longe, o que eu costumo usar na agência, mas pelo menos é bonito e de seda, o que lhe confere certa sofisticação, embora tenha um estampado alegre demais.

Pego meus itens pessoais e tomo uma ducha

PERIGOSAS ACHERON

rápida, lamentando não ter mais tempo para uma investigada mais a fundo no apartamento do atual CEO da Novak. Eu espero que haja outra oportunidade.

Lavo meus cabelos de novo, mas, dessa vez, em vez de os deixar soltos para secarem, decido prendê-los em um coque. Pego meu estojo de maquiagem pensando em me maquiar no caminho do trabalho, quando lembro do meu carro ainda no Guarujá. Merda!

Arrasto minha mala para fora da suíte, mas não vejo Nick na área social do apartamento. Entro na cozinha e dou de cara com uma senhora de meia-idade de uniforme e mexendo em utensílios.

— Bom dia! — ela me cumprimenta, olhando-me curiosa.

— Eu estou procurando o Nicholas.

— Ah, o doutor Smythe está lá em cima, na academia. — Ela abre a geladeira para pegar um

grande pedaço de carne. — É só a senhorita subir as escadas na sala de estar e andar até o final do corredor.

Eu sigo as instruções que ela me deu, subindo as escadas que dão para o segundo piso, seguindo até a última porta do corredor, porém, quando vejo Nick somente usando uma bermuda e fazendo ginástica, não posso pensar em nada mais do que: *Madonna Santa!*

Estou completamente hipnotizada pelos movimentos e pelas respostas que cada músculo de seu corpo dá, ficando tenso e inchado. Eu sempre gostei de me exercitar — pois, apesar de o balé parecer delicado demais, só o é para quem está assistindo, porque cada passo, cada movimento exige muito dos músculos do dançarino —, e Nicholas pratica o tipo de malhação extrema, muito em voga nos dias de hoje para uma tonificação eficaz.

Tento lembrar o nome dessa modalidade, mas minha mente não colabora, distraída admirando-o subir e descer, pulando sobre uma plataforma de metal em uma estação fixada na parede.

Quando sua série chega ao fim, ele se vira para pegar a *squeeze* em cima de um balcão e me vê.

— Já está pronta para ir? — depois que me pergunta, joga água em sua boca e pega uma toalha, secando o suor em seu corpo.

Eu ainda estou um tanto fora de órbita olhando essa toalha passar por todos os seus músculos, lembrando-me de tê-los tocado, sentindo-me mais uma vez excitada. Droga, que tipo de feitiço esse homem tem?!

— Eu preciso ir — é só o que consigo responder.

Ele sorri e caminha até onde estou. Meus olhos percorrem todo o seu corpo, inclusive noto

PERIGOSAS ACHERON

uma protuberância por baixo da bermuda de tecido fino e leve que ele usa para malhar. Não é possível!

Ele percebe que eu estou encarando sua virilha e gargalha, enlaçando-me pela cintura sem a menor cerimônia, ainda com sua pele molhada de suor.

— Tentei te dar espaço e ficar longe, pois sei que precisa ir ao trabalho, mas... — dá de ombros, com um sorriso safado no rosto — nem o exercício pesado conseguiu refrear o tesão que sinto por você!

Porca miseria!

Eu sinto um frio no estômago, e minha vagina se contrai ao ouvi-lo dizer o que eu mesma sinto perto dele. Essa atração, esse tesão que sentimos um pelo outro é inoportuno e inconveniente aos meus planos e objetivos, e eu preciso pará-lo já!

— Você está sujando o único vestido que eu

PERIGOSAS ACHERON

tenho aqui para ir ao trabalho! — declaro tentando ser fria e colocar um freio nesse pandemônio hormonal.

Nicholas olha no fundo dos meus olhos, e eu posso jurar que seus olhos sorriem como os da *Monalisa* de Da Vinci.

— Giovanna, seu vestido já está sujo... — Ele passa a mão pela seda nas minhas costas, desliza pelas minhas nádegas, enfiando a mão no meio das minhas pernas, ainda sobre o tecido. — Ontem eu fiz você gozar com a ajuda dele, lembra? — Eu fecho os olhos e ofego. — Ainda consegue sentir a seda fria sobre sua boceta úmida ajudando meus dedos a te levarem?

Ai, merda, é verdade! Minha respiração está acelerada, meu corpo reagindo ao contato do dele, minha pele queimando onde seus lábios encostam no meu pescoço, nos ombros, na orelha. Solto um gemido de rendição e o agarro mais forte.

Escuto uma risada baixa, vitoriosa e, em seguida, sou levantada do chão e levada até o local onde ele estava se exercitando. Nicholas me deita sobre um aparelho de supino declinado, onde eu fico praticamente de ponta-cabeça, com a saia do vestido embolada na cintura.

Escuto-o mexendo no equipamento, ajustando a altura e retirando o acessório usado para travar as pernas.

— Nunca pensei que houvesse mais essa utilidade para esse aparelho. — Sinto suas mãos nas minhas coxas, deslizando até minha cintura. — Tudo o que pensei desde que acordei foi sentir seu gosto novamente, provar e lhe fazer gozar antes de você sair daqui. — Ele retira minha calcinha. — Quero que você sinta a sensação de minha língua em você o dia inteiro e que você saiba que a minha saliva está em seu corpo.

Eu fecho os olhos excitada, contorcendo-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de tesão. Gemo alto quando sinto seus dedos espalhando minha lubrificação, brincando com meu clitóris, entrando e saindo de mim.

— Nicholas!

Eu já estou louca para sair dessa tortura. Não penso em mais nada, tudo perdeu a importância nesse momento, só o que quero é que ele me faça gozar como fez na noite passada.

A primeira lambida que recebo é de sua língua se arrastando de baixo para cima, encontrando meu clitóris já duro e sensível, brincando com ele, fazendo-me segurar nas laterais do banco.

Quando ele começa a sugar intercalando a intensidade, eu fecho os olhos e gemo, remexendo os quadris involuntariamente. Ele se afasta, e de novo seus dedos exploram meu sexo, brincam com meu ânus, voltando a beliscar de leve meu clitóris.

— Nicholas...

PERIGOSAS ACHERON

— Me pede, Giovanna... — Ele também não parece estar muito sob controle. — Me pede, que eu darei!

— Eu quero você... — Ele volta a me sugar com força. — Eu quero...

Eu sinto o gozo se espalhar por todo o meu corpo, trazendo essa sensação única, desesperadora e satisfatória ao mesmo tempo.

Nicholas me puxa para que eu me sente e ajeita meu vestido.

— Vai precisar refazer seu cabelo. — Passa a mão pelos fios soltos. — Ou então vai parecer que foi bem fodida pela manhã.

Eu balanço a cabeça e ajeito os cabelos, colocando-me de pé.

— Pedi ao meu motorista que buscasse seu carro hoje bem cedo, e ele já está à sua disposição.

Eu sinto alívio ao saber que meu veículo já está de volta a São Paulo e que não precisarei

depender de táxis para me locomover.

— Obrigada!

— O prazer foi meu, pode ter certeza! —
Entrega-me minha calcinha.

Descemos juntos, em silêncio, porém, de mãos dadas. Recolho minha mala, deixada na sala principal, e ele me acompanha até a saída, sempre me tocando, dessa vez, com as mãos na minha cintura. Todos esses contatos com ele são estranhos para mim, pois, cada vez em que pensei em Nicholas durante os últimos anos, foi com um misto de ressentimento e raiva.

— Tenha um bom dia de trabalho! — Beija-me antes que eu entre no elevador.

— Igualmente. — É tudo o que eu consigo dizer, ainda muito confusa com todos os acontecimentos.

Dentro do elevador, olho-me no espelho notando meu rosto ainda rosado e minhas pernas

ainda trêmulas pelo gozo. Sim, essa noite com ele foi uma das experiências mais *sexies* da minha vida, mas isso não me tira a sensação de ter cometido um grande erro, de ter trocado os pés pelas mãos.

Nicholas Smythe-Fox nunca esteve nos meus planos, e eu posso ter posto tudo a perder por causa dessa atração.

Merda!

Capítulo XII

Giovanna

Cinco dias! Eu olho o calendário irritada por estar contando, pela milésima vez, esse tempo.

Volto a olhar para a tela do meu computador tentando me concentrar no trabalho e pensando na reunião que terei daqui a alguns minutos, na qual toda a decupagem deve estar autorizada por mim para começarmos a gravação do comercial.

No entanto, a minha maior preocupação no momento não é o trabalho, mesmo porque esse eu controlo bem e tudo costuma sair conforme minha equipe e eu planejamos, mas sim com relação ao meu objetivo principal, pois nada está saindo conforme eu queria.

Nunca pensei em estar intimamente ligada a nenhum dos Novaks de Toledo, seja como amiga

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou como amante. Eu só queria uma ponte que fizesse com que eu recebesse algumas informações que faltam, eu queria saber por que eles fizeram aquilo, se há arrependimento, se alguma vez tentaram consertar o mal feito. Eu só precisava dessas respostas para decidir o que faria.

De forma alguma, eu queria me expor ou, principalmente, a minha família nessa situação toda, mas, com a aproximação de Bernardo e agora de Nicholas, não há como eu não ficar exposta.

Só espero, sinceramente, que isso não faça minha família sofrer, porque, acima de tudo, eu a amo e foi por esse motivo, para deixá-los longe de toda aquela história, que me afastei.

Eu estava tão frustrada por não ter conseguido me aproximar de dona Cecília através da FIN que pensei que seria uma boa ideia usar Bernardo, e poderia ter sido, se não houvesse acontecido aquela maldita noite com Nicholas.

PERIGOSAS ACHERON

Minha amizade com Bernardo foi o que de mais concreto aconteceu na minha tentativa de aproximação com os Toledos, e eu não pensei muito nas consequências de me aproximar dele, apenas aproveitei a oportunidade, pois ele era o caminho certo e suave, alguém que eu conseguiria contornar e manter de acordo com minha conveniência. Entretanto, depois da noite de seu aniversário, há cinco dias, nenhum dos dois tentou contato comigo.

Porcaria! A todo momento, eu penso se Nicholas não conversou com Bernardo, expondo nossa noite juntos. Eu chego até a pensar se o desgraçado do irmão mais velho não fez isso de propósito, com o único fim de acabar com minha amizade com o caçula.

Eu bufo de raiva e pego meu celular, discando um número que raramente uso.

— Gio. — Ouço sua voz rouca devido aos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vários anos como fumante. — O que houve?

— Klaus, eu acho que fiz besteira! — Minha voz soa frustrada.

— Acalme-se e me conte o que houve, guria!

— Bernardo não tem me procurado mais. — Ele xinga. — Eu acho que estraguei tudo!

— O irmão dele tem algo com isso?

Eu franzo a testa, imaginando como ele sabe de Nicholas.

— Eu pesquisei muito sobre Nicholas Smythe, Giovanna. Meus homens e eu temos muita informação sobre ele. Você sabia que ele tem relações dentro de sua família?

— O quê? — Meu coração dispara. — Com quem, Klaus?!

— Ele se encontra constantemente com Melissa Boldani, a cunhada de seu irmão. — Ah, meu Deus! — E soube que sua cunhada, Isabella, se encontrou com ele algumas vezes também.

PERIGOSAS ACHERON

— Como vocês não me informaram nada disso, Klaus?! — Eu não posso acreditar que eles não me contaram sobre algo importante assim.

— Não achamos relevante, pois o *elo* escolhido sempre foi Cecília Novak, através de contato profissional com sua agência. Mas agora vejo que foi um erro. — Ele fica mudo por um instante. — Conte-me o que aconteceu.

Eu paraliso um momento, pois, embora eu seja muito grata e confie muito nele, não me sinto à vontade para contar que dormi com Nicholas.

Klaus e eu temos uma parceria de negócios, embora ele diga que tudo o que faz também é por *ela*. Graças a ele, eu descobri a verdade. Eu lhe devo muito, mas, ainda assim, o que aconteceu entre mim e Nicholas é algo muito íntimo.

— O que interessa saber é que, talvez, eu tenha errado ao me aproximar dessa forma. — Eu suspiro irritada. — Você não acha que seria melhor

eu ser direta e dizer a eles tudo o que sei?

— Não! — ele praticamente grita. — Não! Vamos seguir o que já tínhamos planejado. Eu quero que eles paguem por tudo, Gio! Eu estou há anos esperando, e agora, graças a você, nós podemos conseguir. Lembre-se de tudo o que lhe contei!

Eu respiro fundo e concordo. Ele tem razão, eu não posso desistir de tudo. *Ela* nunca desistiu, então eu também não irei.

Fabi bate à minha porta e faz somente um sinal para mim. Eu desligo o celular e lhe peço para entrar.

— Desculpe interromper, Gio. — Eu apenas sorrio para ela. — Todos estão à sua espera na sala de reuniões.

— Ok. — É só o que respondo, e ela sai apressadamente da sala.

Todos na agência já notaram que eu estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com um humor do cão e estão todos sendo cautelosos ao falar comigo. Melhor assim! Eu não tenho tempo para lidar com nada além do que realmente importa, afinal, essa agência só existe como está hoje porque eu tenho um objetivo maior que ela em mente.

Respiro fundo, tentando me acalmar um pouco, sabendo que estou há dois dias sem dormir, movida a café, treinando todas as noites depois do trabalho, o que surpreendeu até meu *coach*.

Nem depois de um treino pesado e extenuante, eu tenho conseguido relaxar e dormir, pois somente a possibilidade de ter perdido a minha maior chance, de ter de começar tudo do zero faz com que meu cérebro dispare e eu não consiga conciliar o sono.

A possibilidade de desistir passa novamente pela minha mente, mas eu a rechaço antes que ganhe força.

PERIGOSAS ACHERON

Vou até a pequena mesa redonda onde ficam algumas das orquídeas que foram presente da mamãe e toco numa delas. Suas flores amarelas e pequenas pendem como uma cascata, fazendo jus ao nome chuva-de-ouro. Minha mãe, Silvia Andretti Villazza, disse que iriam me dar sorte e fazer meu negócio prosperar.

Eu nunca acreditei na sorte, quem sabe quando criança, mas, depois que cresci, entendi que, se você quer algo, tem de arregaçar as mangas e correr atrás e, quem sabe assim, conseguir seu objetivo.

Quem sabe assim... A vida é cheia de variáveis e não basta somente a boa vontade, a dedicação para alcançar o que se quer. Eu mesma me esforcei, dediquei-me, mas nunca cheguei a ser considerada uma bailarina com futuro brilhante. Era boa, elogiada por vários profissionais do meio, mas nunca tive o brilho e a estrela que poderiam

PERIGOSAS ACHERON

me levar até a fama.

Variáveis... Será Nicholas Smythe-Fox uma variável em meu caminho? Eu só saberei depois de arriscar descobrir o que está acontecendo.

Pego o telefone e mando uma mensagem para o Bernardo, em tom brincalhão, perguntando a ele se me esqueceu. Deixo o telefone em cima da mesa, ao lado da orquídea amarela e sigo para a sala de reuniões da criação, percebendo o olhar assustado de muitas pessoas que trabalham comigo.

— Ah, enfim chegou! — Lori comemora quando me vê entrar. — Então?

— Já autorizei, só não acho que temos capacidade de rodar um material desses aqui...

Lori franze o cenho.

— Iremos usar uma parceira, como está escrito...

Eu bufo de raiva por não ter terminado de ler tudo o que eles me mandaram.

— Sim, ótimo, então! — Lori olha para Vicente, que finge estar lendo algo em cima da mesa. — Vamos passar para o próximo assunto!

Começa então uma falação intensa dentro da sala, mas tudo em que eu consigo pensar é no maldito celular em cima da mesa.

*Ocupado, gata! Mas morrendo de saudades!
Topa fazer um programinha hoje?*

Eu abro um sorriso, aliviada com a resposta que recebo de Bernardo. Já passa das 7h da noite, e eu, depois de ter almoçado junto com a equipe de criação, finalmente consegui fechar todos os assuntos da reunião.

Adoraria! O que tem em mente? Mando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mensagem de volta, e ele me responde em segundos:

Alicinha estreia sua peça hoje. Pensamos em ir assistir e depois comemorar em algum barzinho.

Que merda! Nem sabia que aquela mulher era atriz. Eu faço careta e penso numa desculpa para ir somente à comemoração.

Será a que horas, porque estou muito ocupada aqui na agência e só terei tempo livre mais tarde!

A peça começa às 21h. Você vai?

Ponho a língua para fora feito criança e abro um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Adoraria, mas nesse horário ainda estarei chegando em casa! Aonde vocês vão depois?

Ele demora mais a escrever, e eu começo a ficar preocupada que ele tenha ficado chateado por eu não poder ir até o teatro.

Vamos nos encontrar no Village, na Vila Mariana, conhece?

Não, mas eu acharei fácil! Escrevo o nome do bar no Google, em meu computador. Calculo o tempo médio de uma peça e escrevo:

Claro! Adoro esse barzinho! Estarei lá às 23:30.

Ótimo! Nos vemos mais tarde, gata!

PERIGOSAS ACHERON

Eu, enfim, posso respirar aliviada, pois ao menos Bernardo ainda parece querer minha companhia. Eu tenho de ser cautelosa sobre o que houve entre mim e Nicholas e, para isso, tenho de sondar o que Bernardo soube da noite do dia de seu aniversário.

Vou até minha prancheta, colocando minha mesa de digitalização de lado e pegando o bom e velho papel para desenho. Traço algumas linhas e, sem perceber, desenho um helicóptero idêntico ao que me trouxe de volta a São Paulo no domingo.

Amasso o papel e balanço forte a cabeça, tentando tirar aquela maldita noite da mente. Eu devo manter distância daquele homem, pois meu instinto me diz que ele significa problema, obstáculo ao que vim fazer aqui, e nem ele, nem ninguém pode prejudicar meu intento.

O som do ramal interno ecoa na minha sala.

— Oi, Fabi!

— Há um Nick, do Castellani, querendo falar com você. Eu verifiquei nossos clientes e...

Meu coração dispara no peito ao ouvir o anúncio. *Nick do Castellani!* O filho da puta usou o nome do prédio onde mora para se identificar! *Coglione!*

— Pode passar, Fabi! — Eu assumo uma postura rígida e clareio minha voz: — Pois não, senhor Castellani?

Ele gargalha.

— Senhorita *Andretti*? — sua voz debochada faz os pelos do meu corpo arrepiarem. — Sabe que sua secretária ficou em dúvida quando pedi para falar com Giovanna Villazza? Você realmente não usa seu sobrenome!

— Nem você o seu, pelo visto!

— Não, eu uso. Só pensei que assim poderia ser mais fácil você me atender, sabe? Ressuscitando boas recordações. — Ele diz essa

PERIGOSAS NACIONAIS

última frase num tom de voz baixo e sensual. Eu, involuntariamente, aperto uma coxa contra a outra. Atração desgraçada!

— Sinto muito, mas não consigo me recordar de nada relacionado a você com esse sobrenome — informo, fria. — Só o atendi porque tenho um cliente com esse sobrenome.

— Hum... Talvez eu possa reavivar suas memórias sobre o Castellani. Que tal um jantar hoje? Eu preparo.

Um sorriso maquiavélico se forma em meu rosto. Não tão fácil, meu bem!

— Desculpe, mas já tenho compromisso. — Traço mais uma linha em meu desenho. — Sabe, Nicholas, eu não estou à sua disposição para a hora que achar conveniente. Peço desculpas se estava esperando que eu ficasse ansiosamente esperando uma ligação sua, porém, definitivamente, não sou assim.

PERIGOSAS ACHERON

Escuto uma risada mais contida dessa vez.

— Eu nunca achei que fosse, Giovanna. —
Ficamos um momento em silêncio. — Então tudo o
que me resta é lhe desejar uma boa diversão hoje à
noite!

— Obrigada! Eu terei, com certeza! Adeus,
Nicholas.

— *Arriverdecì*, Giovanna.

Desligo, mas ainda continuo com o telefone
na orelha por alguns minutos, o olhar fixo na
prancheta, mas sem realmente *ver* o papel.

Foi uma coincidência incrível eu ter
procurado Bernardo e, em seguida, Nicholas ter me
procurado. Será coincidência mesmo?

Dou de ombros, pensando que, muito embora
ele seja um deus na cama, eu tenho um caminho a
trilhar e, com certeza, Nicholas não pode estar
incluído nele.

Desligo a luz da mesa e começo a me
PERIGOSAS ACHERON

preparar para ir para casa.

Ajeito meus cabelos e minha roupa antes de entrar no pub rústico e lotado ao qual eles decidiram ir para comemorar a estreia da peça de Alicinha. É quase meia-noite, e eu entro apressada, com medo de que eles tenham ido embora ou para outro lugar, pois peguei um trânsito horrroso saindo da agência e depois demorei muito para me arrumar, uma vez que resolvi lavar os cabelos e depois tive de secá-los.

Felizmente, eles ainda estão aqui. Sorrio ao ver Bernardo se levantar da mesa para vir até onde estou.

— Oi, Gio! — Abraça-me. — Que bom que você veio!

— Desculpe o atraso, mas peguei um trânsito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

infernai! — Vamos caminhando até a mesa. — Olá, pessoal! — Aceno para o grupo de amigos sentados à mesa. Conheço Paola e Fernando, bem como Alicinha e Sofia, mas o restante me é totalmente desconhecido.

Bernardo me apresenta ao casal Lucio e Cláudia e à diretora da peça, Estela. Eu me sento ao lado dele, de frente para Alicinha, que, como sempre, ignora-me e mantém conversa somente com os outros ocupantes da mesa.

— Desculpa ter sumido esses dias, mas estamos a todo vapor lá na FIN por causa do Festival de Primavera da CCCN. — Eu sorrio e assinto. — Minha mãe sempre quer fazer o melhor evento, então nos deixa loucos correndo atrás de tudo.

— Não se preocupe com isso!

— Sua agência vai concorrer para fazer o marketing do festival?

PERIGOSAS ACHERON

Eu me surpreendo com a pergunta, dando-me conta de que, nesse ano, diferentemente do anterior, eu nem sei se iremos ou não concorrer. Conseguir uma conta ligada à FIN já não é mais meu foco principal, e eu não estar inteirada sobre essa questão demonstra isso.

— Eu ainda não conversei sobre isso com meus sócios. — Dou de ombros. — De qualquer forma, nós estamos tentando uma conta da FIN há quase três anos e...

— Minha mãe demonstrou interesse em contratar vocês. — Arregalo os olhos. — Ela gostou muito da campanha que vocês fizeram, a que ganhou o prêmio.

Minha vontade é de dar gargalhadas com essa notícia. Fizemos várias tentativas de ter a FIN no nosso rol de clientes, mas nunca conseguimos, e agora que eu já não preciso mais desse intermédio, a coisa parece que irá se concretizar. Só pode ser PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

piada do destino!

— Nós ficaríamos felizes em firmar essa parceria!

— Nós vamos agendar um dia para conhecer o trabalho de sua agência... — Ele sorri, interrompendo a conversa, e chama Alicinha. — Olha só quem veio!

Eu sigo o olhar deles e vejo Nicholas e Caroline entrando.

Ah, não! Só pode ser uma conspiração contra mim!

Os dois se aproximam de nossa mesa, e eu evito olhá-los, principalmente, o Nicholas. Não que eu esteja envergonhada ou qualquer coisa do tipo, mas porque eu tenho certeza de que aquele sorrisinho debochado está estampado em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa noite! — Ouço sua voz saudando a todos. — Alicinha, parabéns!

A perua praticamente pula em cima dele para agradecer ao cumprimento.

— Eu já vi críticas muito boas na internet, Alicinha — Caroline a cumprimenta.

Eles se sentam juntos, à ponta da mesa, exatamente no mesmo momento em que as bebidas que pedimos chegam. A maioria presente está tomando chope, inclusive Bernardo, mas, como eu nunca apreciei a bebida, além disso estou dirigindo, o garçom me serve água mineral gaseificada com rodela de limão.

— Sem cachaça hoje? — Nicholas pergunta.

Eu rolo os olhos e o encaro pela primeira vez desde que chegou.

— Sim. A bebida me faz fazer coisas estúpidas! — Ele gargalha com a minha resposta, e noto que Carol franze o sobrolho com nossa

interação.

Os dois dividem uma garrafa de vinho e ficam praticamente conversando apenas entre si. Há uma falação generalizada no bar, embora o som de uma banda ao vivo também esteja alto. Assim, para conversar com Bernardo, eu terei de gritar, então me contento em ficar calada, ouvindo as conversas e sorrindo.

De tempos em tempos, dou uma olhada de esguelha para o final da mesa, completamente puta por estar fazendo isso, mas sem poder resistir à tentação.

Nicholas e Caroline parecem se dar muito bem, e eu fico imaginando se ele sabe o quanto essa mulher é apaixonada por ele. Os olhos dela brilham, e seu sorriso é enorme ante qualquer coisa que ele fale. Só falta babar em cima! Eu duvido que ali não role mais do que amizade! Carol é bonita, Nicholas não é santo e, a julgar pelo modo com que

PERIGOSAS ACHERON

fez sexo comigo, é também muito experiente. Então por qual motivo os dois não estão juntos?

Eu bufo de raiva ao pensar que estou perdendo tempo pensando nele e tento me concentrar nas outras pessoas à minha volta.

— Nick! — Bernardo chama o irmão. — Têm dardos lá naquele canto! — Aponta. — Vamos fazer uma aposta?

Eu o encaro, e ele sustenta meu olhar por um instante antes de responder:

— Claro! — Fala algo para Carol — que não consigo ouvir por causa do som — e sai da mesa com Bernardo.

Instantes depois, apenas Paola e eu estamos sentadas à mesa, pois todos foram assistir aos dois irmãos brincando de dardos.

— Eles adoram uma aposta! — Paola puxa assunto. — Qualquer jogo é motivo para apostarem algo. — Ri. — Eu já os vi quase morrerem algumas

PERIGOSAS ACHERON

vezes.

— Sério? — interesse-me.

— Sim. — Chega mais perto, pulando para a cadeira ao meu lado. — Fernando conta que, quando eles eram mais novos, iam em todas as férias para um acampamento no interior, onde todos os tipos de desafios eram feitos. E os dois estavam sempre lá, competindo e apostando.

— Um compete contra o outro o tempo todo? — Isso me parece um tanto doentio.

— Não! — Ri. — Eles dois são um time. Competem pesado contra os outros! — Balança a cabeça. — Bernardo ama esporte, principalmente o surfe. Nicholas vai a todos os campeonatos que o irmão participa, é um torcedor e um fã apaixonado. Mas um adora desafiar o outro! Nick quase morreu no mar uma vez...

Eu sinto meu coração acelerar.

— O que houve?

— O mar estava ressacado, e os dois loucos entraram para pegar ondas. O Nick sabe surfar, mas não tinha experiência suficiente para enfrentá-las, já o Bê...

— Ele ama as ondas gigantes! — concluo por ela, pois vi em minhas pesquisas que ele viajou o mundo atrás das tais ondas.

— Sim. — Ela estremece. — Se não fosse pelo Bê, provavelmente o Nick não estaria aqui.

Olho na direção da farra enquanto os dois protagonizam mais um desafio.

— Agora, pelo menos, eles brincam com coisas mais leves.

— Sim. — Ri. — Mas não se engane, o desafio que eles estão fazendo deve ser impossível! — Levanta-se. — Vamos lá ver! Eu peço ao Kiko para olhar nossa mesa. — Ela aponta para o segurança do bar.

Concordo, pego minha bolsa e caminho até a

PERIGOSAS ACHERON

área do bar onde ficam os jogos — duas mesas profissionais de sinuca, lotadas de gente e bebida, e dois enormes alvos para dardos.

Apenas um deles está em uso, o que os irmãos estão utilizando e, a julgar pela multidão que os cerca, os participantes dos outros jogos estão assistindo à disputa deles.

Paola pergunta para Fernando qual é o desafio.

— Eles têm que acertar a mosca dupla. — Eu franzo o cenho. Não entendo onde está o desafio nisso, pois é o *normal* o jogador apostar a mosca, ou seja, o centro do alvo. Contudo, assim que foco no objeto, entendo o que eles se propuseram a fazer. — Mas eles têm que fazer isso entrando por aquele canudinho ali.

Eles enfiaram um canudinho cortado para ficar do tamanho da ponta do dardo bem na parte vermelha, no centro do alvo, e o desafio é passar o

dardo por dentro dele sem derrubá-lo e o mesmo ficar fincado lá por pelo menos oito segundos.

— Oito segundos? — Paola ri. — Isso é regra do Nick!

— Com certeza! O homem pensa em cavalos até quando joga dardos! — Fernando comenta.

Eu rio. Definitivamente, a imagem que eu tinha desse homem não condiz com sua personalidade. Eu comecei a me surpreender no dia em que ele cantou sertanejo no carro, embora eu achasse que era só para me provocar. Depois, descobri que o homem adora cavalos e, agora, que usa o tempo regulamentar de rodeio!

De repente, ouço um urro de vitória e escuto todos contarem o tempo em voz alta. Assim que os oito segundos se esgotam, Bernardo é jogado para o alto pelos amigos, e Nick gargalha, balançando a cabeça, parecendo não acreditar que o irmão conseguiu a proeza.

— Foi pura sorte! — ele argumenta. — Esse era um desafio impossível! Mas que grande filho da mãe!

— *Tá* me devendo uma, Nickito! — Nicholas põe a mão no rosto, ainda rindo de si mesmo. — A sorte virou! Você me derrotava lá no camping, agora é a minha vez! — Bernardo urra de novo, seguido pelos outros.

Carol se aproxima de Nicholas, também rindo, e o abraça. Fico de longe, olhando a cena, os olhos dele encontram os meus, e uma memória vem à minha mente.

Antes de me beijar dentro da sala íntima de seus pais, ele me olhou daquela forma. Era um olhar de puro desejo, de fome, e o efeito que teve sobre mim naquela ocasião é o mesmo que eu sinto agora.

Bernardo foi levado para o salão do bar, onde está nossa mesa, e eu volto para lá também,

PERIGOSAS ACHERON

acompanhada de Paola e Fernando. Ao chegar, vejo que Bernardo está conversando com o pessoal da banda, que havia parado de tocar e agora está retornando ao pequeno palco.

— Nick! — ele chama o irmão.

Os dois ficam conversando por um momento e, de repente, ouço Nicholas gargalhando e negando algo.

— Eu não acredito! — Fernando exclama divertido.

— O que é? — Paola inquire.

— Ele vai fazer o Nicholas cantar aquela música. — Ele faz um sinal para Alicinha, que vem até nós. — Ele não vai fazer isso, vai?

Ela assente.

— Eu que sugeri! — Gargalha. — Ele adorava fazer graça cantando a música, agora vai ter o troco.

Eu estou muito curiosa sobre qual é a tal
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

música que Nicholas se nega veementemente a cantar, mas não quero perguntar a Alicinha. Afinal, como ele perdeu o desafio, é só uma questão de tempo até eu descobrir.

Nicholas sobe ao palco.

Fernando, Alicinha e mais alguns dos convidados que estão à nossa mesa começam a gritar pelo seu nome.

— Arrasa, Nickito! — Bernardo grita já ao meu lado, abraçando-me pelos ombros. — Prepare-se, gata, para ver o mico do século!

Eu rio, sinceramente divertida com esses dois.

O pessoal da banda e Nicholas conversam enquanto um violão é passado para ele. Eu não tinha a mínima ideia de que ele tocava algum instrumento, mas gosto do quadro que se forma à minha frente. Nicholas, bonito como um deus, alto, musculoso e tocando violão. Tem como resistir?

PERIGOSAS ACHERON

O baterista conta o tempo com a baqueta e, em seguida, ouço a voz de Nicholas ecoar no ambiente.

— *Let's go, girls!*

Gargalho ao ouvir a introdução de *I Feel Like A Woman* da Shania Twain. Olho para o Bernardo, que ri tanto quanto eu, divertindo-se como nunca à custa do irmão.

Confesso que estou me divertindo também. Nicholas leva a brincadeira a sério e, enquanto canta, interage com a plateia. Inclusive já há uma pequena aglomeração de mulheres na frente do palco enquanto ele dança com o violão a tiracolo e faz caras e bocas.

— Ele costumava zoar as meninas com essa música quando a gente ia para a fazenda ou para o camping — Bernardo me explica. — Nick tinha 17 anos, e eu, apenas 12, mas era tão engraçado como está sendo agora.

Sim, eu penso, olhando o diretor executivo da Novak se divertindo, fazendo caras e bocas, dançando e transformando este barzinho num local caótico, cheio de pessoas gritando e rindo. Definitivamente, eu posso esquecer tudo o que aprendi com meu pai e com o Frank sobre a postura de um CEO.

Alguns têm a fama de sisudos, outros, de misteriosos, malvados, grosseiros, playboys, mas Nicholas não se encaixa em nenhuma dessas características pré-concebidas.

Eu rio ao vê-lo fazendo uma coreografia com o resto da banda, sempre gargalhando muito. *Sim*, ainda é muito divertido vê-lo assim, tão diferente do herdeiro discreto, do engenheiro premiado, do homem caridoso. Aqui, neste bar, Nicholas Smythe-Fox é só um homem se divertindo com seus amigos.

— Caramba, a mulherada está enlouquecida!

— Bernardo comenta.

— Não só as mulheres, Bê! — Alicinha complementa, apontando alguns caras dançando com o drinque na mão. — Cadê a *Robin*? Achei que ela seria a primeira da fila!

Eu rolo os olhos para o comentário dela, pois, embora eu reconheça que a médica é completamente louca pelo Nicholas, ela não parece ser do tipo que se joga em cima, como a própria Alicinha faz. Mulherzinha venenosa!

Todavia, confesso que olho em volta à procura de Caroline e a vejo, longe do tumulto, falando ao celular.

A música acaba, e Bernardo puxa um pedido de *bis*. Nicholas olha para o irmão como se fosse matá-lo, mas logo depois se vira para conversar com a banda.

— Eu sabia que ele não ia mais largar aquele violão! — Alicinha comenta. — Nós sempre
PERIGOSAS ACHERON

discutíamos com ele por nunca dar a vez no karaokê!

Bernardo e ela começam a conversar sobre a infância e a adolescência deles e todas as coisas que o mais velho dos amigos fazia, mas eu não consigo prestar atenção a nada do que eles falam, pois me é impossível desviar os olhos de cima de Nicholas.

Eu gostaria de entender mais esta atração que sinto por ele. Na verdade, eu gostaria que ele fosse outra pessoa, ou que *eu* fosse, para que pudéssemos explorar todo esse desejo e ver no que dava. No entanto, infelizmente, isso não é algo sobre o qual eu tenha controle, muito menos que eu possa negar. Quero Nicholas. Independentemente de quem ele é ou de quem eu sou, eu apenas o quero.

— Bê! — Carol chama quando os primeiros acordes do violão tocado por Nick ressoam no ambiente. — Eu preciso ir embora! — Ela olha desanimada para o palco. — Ele vai tocar outra?

— Sim. — Bernardo se aproxima dela, e eu fico atenta à conversa. — Algum problema?

— Infelizmente! — Noto que ela parece muito preocupada. — Um paciente passou mal, e os pais o levaram ao pronto-socorro. É um caso que eu acompanho há algum tempo, e eu gostaria de ir até o hospital, mas vim com o Nick... — Ela aponta para ele. — Você o avisa? Eu vou de táxi...

— Nada disso! — Ele vai até Alicinha, os dois conversam, e ela lhe dá uma chave. — Ele vai comigo! — Estende a chave do Porsche de Nicholas para ela. — Vai no carro dele, amanhã você devolve. — Bernardo ri. — Você é a única pessoa que ele permite que dirija seu precioso carro!

Ela assente sorrindo, e pega a chave.

— Conta o que aconteceu e avisa para ele me ligar, pois, se eu conseguir resolver tudo rápido por lá, ainda venho buscá-lo.

— Pode deixar, Carol! — Eles se abraçam.
— Vá com cuidado!

— Tchau, gente!

Eu me despeço dela, que sai correndo do bar enquanto Nicholas canta um sertanejo animado. Nós retornamos às nossas mesas, onde Paola e Fernando estão sentados com os outros convidados de Alicinha.

— Alguém tem que avisar ao vocalista da banda que vai ter que dar porrada no Nick para ele sair de lá! — Fernando comenta com Bernardo. — Você lembra como ele é fominha, Bê?

— Fui eu quem puxou o *bis* — diz desanimado. — Despertei o monstro!

Entretanto, ao contrário da maledicência dos ocupantes da mesa, após terminar a música, Nicholas devolve o violão sob aplausos e agradece à banda.

— Vai ter revanche, Bernardo! — ele
PERIGOSAS ACHERON

vocifera ao chegar próximo ao irmão, roubando seu chope gelado. — Cadê a Carol?

— Ela teve que ir ao hospital para uma emergência. — Nicholas assente e bebe o drinque. — Foi no seu carro. — Ele quase engasga.

— Porra, Bernardo! Por que você não a levou? — Ele me olha puto. — Ah! Esqueci da sua companhia! — Pega o celular, provavelmente para ligar para ela. — Está dando desligado.

— Relaxa, Nickito! — Bernardo puxa o irmão para perto, e ele acaba esbarrando em mim. Nós nos olhamos. — A Carol é prudente, mal bebeu uma taça de vinho e, além disso, está acostumada com seu carro.

Nicholas não responde, ainda me encarando. Sinto um calafrio no meu corpo ao mesmo tempo em que parece haver um vulcão entre minhas pernas. Porcaria de atração!

— Está certo, Bê! — diz ainda me olhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu só fiquei sem carona para casa.

— Eu te levo! — Alicinha se oferece.

— Você está comemorando, Alicinha! —
Eles se olham. — Eu já preciso ir, pois amanhã
tenho compromisso cedo.

— Amanhã é sábado! — Ela faz beicinho, e
eu sinto vontade de lhe dar uns tapas.

Assusto-me com minha reação. O que está
acontecendo comigo?!

— Eu sei — ele responde seco. — Não se
preocupem, eu vou de táxi! — Olha para mim mais
uma vez, termina de beber a cerveja e deixa a tulipa
vazia em cima da mesa. — Sucesso, Alicinha!
Tchau para todos!

Nicholas segue para a saída, e eu ainda
consigo sentir seus olhos em mim. Uma parte
minha está terrivelmente insatisfeita e úmida. Peço
licença para ir ao banheiro e tento me controlar. Eu
não quero me envolver com Nicholas, pois sei que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é o caminho errado, apesar da atração que sentimos.

Jogo água no rosto e fico olhando para mim mesma, tentando me convencer de que essa atração é passageira, quando sinto meu celular vibrar.

Peguei seu número com sua assistente. Moça muito simpática, porém muito ingênua.

Eu sinto meu coração disparar. Não pode ser! Não respondo.

Não brigue com ela, eu usei de subterfúgios. Preciso de uma carona.

Putá que pariu, é mesmo ele!

Achei que você fosse de táxi, escrevo e, logo em seguida, ele rebate:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Te poupei do táxi uma vez, podia retribuir a gentileza!

Eu gargalho, e uma moça retocando o batom ao meu lado me olha com curiosidade.

*Eu estava indo para o mesmo local que você!
Mas, desta vez, nós estamos em rotas diferentes.*

Fico esperando sua resposta.

Quem disse?

Meu coração dispara, e não respondo, aguardando o próximo passo dele e tentando decidir o que fazer.

Temos uma só rota hoje, meu apartamento!

PERIGOSAS ACHERON

— *Figlio di puttana!* — Recebo outra olhada curiosa da moça ao meu lado, mas a ignoro, sem saber o que responder. — O que eu faço?

— Quer um conselho? — a moça indaga, e eu a olho como se ela fosse um ET. Metendo-se na conversa alheia?! — Essas suas reações só dizem que você está muito a fim do cara! — Dá de ombros. — Eu não perderia essa oportunidade.

— Como você sabe que eu estou falando sobre algo assim? — pergunto curiosa. — Estamos conversando por mensagens e...

— Querida — ela guarda o batom na bolsa —, você entrou aqui toda esbaforida, jogou *água* no seu rosto *maquiado*, ficou se encarando no espelho e depois começou a rir, a morder os lábios e o xingou. Você quer esse cara, mana, para de fazer jogo duro. — Abre a porta do banheiro. — Eu queria poder sentir metade desse desejo pelo meu

PERIGOSAS ACHERON

noivo e, quem sabe assim, parar de fingir que gozo. Aproveite! — Pisca para mim e sai.

Olho para o celular em minha mão, para meu reflexo no espelho e, por último, para a porta que acabou de se fechar. Será que eu sou tão transparente assim em relação ao que sinto quando estou perto dele? *Mas que merda!*

E aí? Tenho carona ou vou precisar ir mesmo de táxi?

Respiro fundo pensando naquela mulher maluca que, além de se meter na vida dos outros, ainda contou parte da sua. *Fingir que goza!* Penso na noite que passei com Nicholas e em quantas vezes ele me levou aos céus. Minha pele se arrepiava só com a lembrança.

Meu carro está na esquina!

Olho para a mensagem escrita, mas não enviada e escuto os alardes do meu cérebro, que grita que estou fazendo besteira.

Há três anos, minha racionalidade comanda meu corpo, e eu tentei suprir todo e qualquer sentimento que carregava, inclusive a atração, o tesão. Tudo isso era necessário para que a *princesa* deixasse de existir dentro de mim e eu conseguisse alcançar meus objetivos. Agora, estando tão perto de alcançá-los, parece que toda essa repressão está a ponto de explodir minhas barreiras e, justamente, com Nicholas.

Envio a mensagem e saio do banheiro.

Capítulo XIII

Nicholas

Vejo sua resposta, e um sorriso se insinua em meu rosto. Vou até a esquina e avisto o carro dela estacionado junto à guia da calçada. Eu não entendo essa atração que sinto por Giovanna, que senti desde que a revi, há alguns anos.

Giovanna Villazza mexe comigo de uma forma que eu não sei explicar. Mesmo eu não querendo ter nenhum contato com ela, mesmo eu não gostando da sua personalidade, ela mexe comigo.

Eu penso na minha decisão de me afastar e esquecer a noite que passamos juntos. Eu estava certo de que continuar mantendo uma relação com ela, ainda que fosse somente física, seria como enfrentar um mar violento, e eu, sinceramente, já

tive minha experiência em águas turbulentas.

Contudo, ao mesmo tempo em que o jeito dela me repele, me atrai também, porque eu nunca fugi de um desafio, e Giovanna representa um bem instigante.

Ainda me lembro bem da noite de domingo, dos sons que ela produziu, do cheiro de sua pele, do gosto de sua excitação. Droga! Fico excitado só em pensar nisso e estive assim durante esses malditos dias em que, de propósito, não a procurei.

Eu não sou do tipo que não liga no dia seguinte, a verdade é que acho homens que agem assim uns grandes babacas. Ainda que eu não queira dar continuidade à intimidade, eu retorno o contato de algum jeito. Não acho legal ficar colecionando corações magoados pela vida. Eu não gostaria, caso tivesse uma irmã ou uma filha, que fizessem o mesmo com elas.

Todavia, com Giovanna, eu simplesmente

PERIGOSAS ACHERON

ignorei esse meu princípio e tentei tirá-la da minha cabeça e do meu corpo. Assim que ela saiu da cobertura no Castellani, depois que eu a provei mais uma vez, decidi que aquilo não poderia continuar. Giovanna só me transmite verdade quando está entregue a mim na hora do sexo, e isso me incomoda, pois eu sou do tipo que detesta gente falsa ou contida, que não se mostra.

Eu nunca poderia imaginar que nossa química seria tão boa e que ela fosse tão quente na cama. No entanto, a *princesa* me surpreendeu, e muito! Ainda assim, não era o suficiente para que eu quisesse prosseguir. Quer dizer, eu achava que não era.

Desde que, sem querer, ouvi parte da conversa entre Bernardo e ela na manhã daquele domingo, eu sabia que a desconfiança que eu tinha sobre a sua aproximação não seria suficiente para me manter afastado. Aquela mulher tinha algo que

PERIGOSAS ACHERON

me atraía para ela.

Quando retornei para casa após buscar os Nogueiras, notei que ela e minha mãe pareciam se dar muito bem e que Giovanna se mostrava solícita, flagrantemente tentando agradar dona Cecília, o que me deixou ainda mais curioso.

Entretanto, a maldita mulher tirou sedutoramente o vestido que usava por cima do biquíni, e eu, mesmo com Carol ao lado, senti meu corpo reagir ao dela. Virei-me de costas antes mesmo que ela completasse a tarefa e tentei conversar sobre qualquer coisa com Caroline.

Depois, o resto da tarde foi uma sucessão de provocações. Ela parecia descontrolada com a bebida, embora os outros também bebessem tanto quanto. Durante o almoço, notei que ela estava desconfortável por estar excluída da conversa, e só bastou uma ironia de Alicinha para eu sair em sua defesa e contar a ela sobre nosso encontro em PERIGOSAS ACHERON

Londres, há anos.

Notei o quanto ficou surpresa, ou melhor, estarrecida com a notícia, e a provoquei um pouco mais.

Porém, foi só quando Bernardo me disse que ela pretendia voltar dirigindo, mesmo depois de ter passado a tarde inteira bebendo, que eu enlouqueci. Sem exagero, eu enlouqueci de verdade!

Subi as escadas bufando de raiva e, quando a vi de vestido, com os cabelos úmidos e levemente cacheados, não contive minha raiva, nem meu tesão.

Eu rio ao lembrar que fizemos sexo na sala da minha mãe! Como dois adolescentes na puberdade, nós nem mesmo vimos onde estávamos, só queríamos satisfazer o desejo e nada mais. Foi rápido, intenso e muito gostoso!

Para mim, essa atração era só frustração de anos atrás, quando a reencontrei na Itália, mas não

PERIGOSAS ACHERON

consegui me aproximar. Era intensa daquela forma porque tinha ficado represada e, no momento em que eu a levasse para a cama, iria passar, perder a graça.

Contudo, não passou! Eu detesto ter de reconhecer isso, não passou. Ainda na manhã de segunda-feira, se o maldito celular dela não tivesse tocado, eu a teria convidado a passar o dia comigo na cama. A interrupção foi providencial para me lembrar de que, embora gostosa e quente, aquela mulher estava escondendo alguma coisa.

Sim, isso não sai da minha cabeça! Giovanna Villazza não é quem parece ser! E essa minha desconfiança se torna mais concreta a cada nova faceta que vejo dela. Algo aconteceu que a fez se tornar a pessoa que a Mel Boldani diz não reconhecer. Algo tornou a *principessa* uma mulher de negócios fria e distante.

Eu aprendi a confiar nos meus instintos,
PERIGOSAS ACHERON

principalmente depois de anos vivendo em países diferentes, lidando com milhares de trabalhadores desconhecidos e com líderes de governo desonestos. Essa história da aproximação de Bernardo e Giovanna deixa meus instintos em alerta, pois não me parece normal e nem mesmo natural.

Ela me acusou de ser preconceituoso, depois, de ter inveja de sua amizade com meu irmão. Ela pode ter razão nesses dois pontos, mas, ainda assim, eu sinto como se houvesse mais nessa história.

Além de tudo o que ela me faz sentir, essa atração e a desconfiança, existe ainda o que as outras pessoas falam dela, sobre seu jeito frio e distante, sobre sua grosseria com os que trabalham com ela, sobre sua ambição desmedida em tornar a Ello a agência mais famosa de São Paulo.

Quando foi embora naquela manhã, eu não

PERIGOSAS ACHERON

consegui mais retornar aos meus exercícios. Antes do banho, passei pela cozinha para comer algo.

— Não vai para a empresa hoje? — Sônia me perguntou.

— Não. — Peguei uma maçã. — Vou trabalhar em casa.

Ela voltou a trabalhar na refeição que preparava enquanto eu comia a fruta sentado à mesa da cozinha, em silêncio.

— Troco seus lençóis? — indagou-me de repente, e eu a encarei curioso. — Troquei-os no sábado, depois que fiz suas malas para ir ao Guarujá. Preciso trocar novamente?

Eu comecei a rir, entendendo o que ela estava insinuando.

— Ela veio até a cozinha? — questionei risonho, notando seu rosto rubro.

— Veio. — Deu de ombros. — Confesso que fiquei surpresa por ser loira! — Gargalhei com o

PERIGOSAS ACHERON

comentário. — Por isso, fiquei na dúvida sobre trocar ou não os seus lençóis.

— Pode trocar. — Levantei-me e resolvi lhe dar uma informação que eu havia acabado de concluir. — Você não a verá mais por aqui.

— Não? Que bom! Não a achei muito simpática. — Cruzei os braços divertido. — Não é como as morenas que vêm aqui. Elas, pelo menos, tentam me agradar para que eu solte algumas informações sobre você. Sabe que aquela morena de fevereiro me manda presentes até hoje?

Eu gargalhei novamente e depois a recriminei, dizendo que ela não deveria aceitar os subornos, mas a danada só me respondeu que não pediu nada e que devolver seria falta de educação. Saí da cozinha e entrei no banho, ainda achando graça no modo como minha funcionária se refere às mulheres com quem durmo.

Sônia trabalha comigo desde que eu voltei a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morar em São Paulo, há três anos. Antes, ela trabalhava com minha mãe, mas, assim que comprei a cobertura, roubei-a do serviço da casa da família, no Cidade Jardim.

Ela desenvolveu essa técnica, dizendo ser mais fácil lembrar datas a nomes. Não que houvesse muito a lembrar, pois não levo toda mulher com quem durmo para meu apartamento, mas algumas, as com quem eu mantenho um caso mais longo, frequentam a cobertura, assim, são catalogadas por Sônia pelo mês em que aparecem aqui.

Lembro que, em outubro do ano passado, eu acabei trazendo mais de uma, embora não ao mesmo tempo, para casa, e depois ela me disse que a morena *da primeira quinzena do mês* havia esquecido um brinco no meu banheiro.

Depois desse dia, eu passei a pensar nas mulheres que frequentam a cobertura como se

PERIGOSAS ACHERON

estivesse montando um calendário. *Já foi a de maio! Quem será a de junho?*

Entretanto, infelizmente, até nisso aquela praga da Giovanna Villazza levou vantagem, pois Sônia não se referiu a ela pelo mês em que estamos, mas sim pela maldita cor de seus cabelos.

Entrei no chuveiro disposto a remover as lembranças daquela noite, e eu realmente achei que tinha tido sucesso, pois, durante os dias subsequentes, não pensei em ligar para ela ou mesmo procurá-la para mais uma noite.

Até ontem!

Meu braço direito na Novak, Rodrigo Braga, entrou em contato comigo para contar que a Rede Villazza iria abrir licitação para construção e reforma de seus hotéis em São Paulo.

Marquei uma reunião com o Rodrigo e, quando ele trouxe as informações completas sobre aquele empreendimento, eu fiquei bem animado,

PERIGOSAS ACHERON

pois o novo Convention São Paulo seria uma obra grande, embora rápida, e eu poderia aplicar todas as novas técnicas de construções limpas que venho desenvolvendo ao longo dos anos.

Porém, então, quando eu li sobre a reforma do atual Villazza SP, fiquei encantado com o trabalho da Mel. Mesmo antes de ver a assinatura dela, eu sabia que era seu trabalho, pois reconhecia cada uma daquelas suas linhas premiadas. Melissa verdadeiramente se superou naquele projeto.

E eu imaginei o porquê! O maldito Frank Villazza!

Ainda que eu saiba que entre eles nunca houve nada e que Melissa ama de verdade sua irmã, que é casada com o italiano, eu também sei que ainda há vestígios do sentimento platônico que Mel sentiu por ele durante toda a vida.

Naquele momento, ao me lembrar de Frank Villazza e de Mel Boldani, eu, invariavelmente, me

PERIGOSAS ACHERON

lembrei de Giovanna, e me aguçou novamente a vontade de tê-la em meus braços, de ver sua entrega, de enxergar a verdadeira mulher.

Fui para casa frustrado querendo exterminar aquela vontade, aquele tesão que sentia apenas ao pensar nela. Pensei em ligar para alguma mulher do calendário de Sônia, mas acabei desistindo da ideia e passei a noite trabalhando em algumas fotografias que havia tirado numa viagem que fiz a Lisboa.

Hoje pela manhã, eu ainda estava excitado e então acabei cedendo à tentação e liguei para a Ello, recebendo, em troca, desprezo e uma frieza que quase me congelaram o sangue, mas que eu sabia que não eram verdadeiros.

Esperei um tempo, inventei uma desculpa e consegui o número do celular dela com a assistente, Fabiana Gonçalves. Porém, antes de ligar direto para o celular dela, Bernardo me convidou para a peça da Alicinha e disse que *todos* os nossos PERIGOSAS ACHERON

amigos iam estar lá.

Eu pensei, então, que provavelmente Giovanna Villazza ia e concordei em aturar Alicinha por uma noite. Na minha programação, eu iria sozinho, mas Carol me ligou contando da peça, e eu acabei convidando-a.

Acabamos desistindo de ir ao teatro e fomos jantar em um restaurante novo, que ela estava louca para conhecer, para, só depois, irmos à comemoração no barzinho. Carol é minha amiga desde que vim estudar no Brasil, com sete anos de idade. Nós nos conhecemos na sala de aula, depois, nossos pais ficaram amigos e nunca mais nos distanciamos.

É estranho contar aos outros caras que sua melhor amiga é uma mulher, mas é a verdade, e eu nunca me importei com isso. Ela sempre foi muito companheira, esteve sempre ao meu lado e, embora eu saiba que ela nutre mais do que amizade por

PERIGOSAS ACHERON

mim, eu nunca consegui me afastar dela.

Caroline Nogueira seria a mulher ideal para eu ter como companheira, pois, além de todos os pontos que eu já citei sobre ela, é ainda muito bonita e o meu tipo de mulher, ou seja, tem cabelos castanhos. Todavia, durante todos os anos em que nos conhecemos, nenhum desejo surgiu, pelo menos de minha parte, pois vejo-a como a irmã que eu não tive, cuido dela dessa forma, preocupo-me, e é só isso.

Eu gostaria muito de que ela superasse essa paixão que sente por mim e encontrasse um cara que a fizesse feliz, mas não a vejo seguir por esse caminho e eu, de verdade, tenho medo de que, se um dia eu me apaixonar por outra mulher, ela se magoe.

Vejo Giovanna Villazza aparecer, e seu jeito decidido e superior mexe com meu corpo, deixando-me duro imediatamente. Ela anda

PERIGOSAS ACHERON

depressa com aquela calça de couro colada em suas pernas, abraçando seus quadris arredondados, destacando sua cintura.

Eu olho para cima e vejo a blusa de linha com pequenos brilhos, um decote em “V” pronunciado, deixando à mostra os seios fartos e pesados que ela ostenta e que, eu sei, são perfeitos para algumas sacanagens.

Respiro fundo e fecho os olhos, tentando me conter.

— Eu não sei quem é o mais louco nessa história... — ela começa a falar assim que se aproxima de mim, mas eu não quero ouvi-la, preciso de outra coisa.

Agarro-a pela cintura e a encosto contra seu carro, amassando o corpo dela com o meu, beijando sua boca com o desespero e a necessidade que eu sinto por ela, que me corresponde da mesma maneira, e percebo que, embora tenha dito que não,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela sentiu minha falta nesses dias também.

Deslizo minhas mãos sob sua blusa e sinto sua pele quente, os músculos do seu abdômen e afasto o sutiã que usa, sentindo aqueles peitos incríveis enchendo minhas palmas. Ela segura mais forte nos meus cabelos, sugando minha língua enquanto eu estimulo os seus mamilos a ficarem duros e excitados.

Retiro as mãos e me afasto, encostando minha testa na dela, respirando forte, excitado como um garanhão.

— Melhor entrarmos no carro, senão vou ter que procurar algum beco escuro para te comer e, com certeza, seremos assaltados!

Ela ri e desarma o alarme.

Eu a puxo para dentro, sem nem ao menos esperar uma reação, para o banco traseiro. Não quero esperar chegar à cobertura, preciso estar dentro dela já.

PERIGOSAS ACHERON

— Nicholas! — Ela parece assustada e excitada também quando eu entro com ela e fecho a porta. Ponho um dedo sobre os seus lábios e beijo seu pescoço enquanto minhas mãos desabotoam a calça de couro. — Isso é loucura! — Ela tenta resistir quando eu retiro sua blusa, deixando-a apenas com um sutiã de renda negra. — Estamos na rua, Nicholas!

Eu não respondo aos seus protestos. É madrugada, o carro é todo escuro e blindado, ou seja, ninguém pode ver ou ouvir o que estamos fazendo aqui dentro. Retiro a peça de renda e toco seus seios brancos com mamilos rosados. Enquanto acaricio um, minha língua brinca com o outro, e os sons dos gemidos dela invadem o interior do veículo. Sugo com força, usando os dentes, a língua, intercalando entre um e outro.

Sinto meu pau latejando e não vejo a hora de poder tirar toda essa roupa que nos atrapalha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desço, com a ajuda dela, as calças pretas de couro, e a visão de seu corpo coberto apenas com uma peça pequena de renda me faz bufar de tesão. Porra! Eu estou parecendo um touro bufando desse jeito!

Abro minhas calças e as abaixo junto com a cueca, segurando-me forte enquanto ela me olha. Enlouqueço quando noto que Giovanna está literalmente lambendo os lábios quando começo a me masturbar.

Nós nos olhamos, e ela sorri para mim.

— Eu ainda me surpreendo com a aparência dele — comenta já com sua mão tocando a cabeça do meu pau. — Ele tem essas pintinhas...

Eu rio. É! Eu sei! Nunca houve, desde quando iniciei minha vida sexual, mulher que não gostasse das minhas pintas. As duas são idênticas, uma de cada lado da fenda na cabeça do meu pau, o que faz com que ele se pareça com uma cobra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero sua boca nele — informo já sem fôlego com as carícias que ela está fazendo. — Agora, Giovanna!

Ela prende o fôlego quando escuta meu tom imperativo. Eu sei que ela, no dia a dia, é uma mulher mandona, segura de si, decidida e forte, mas, comigo, eu percebo que ela se excita quando sou eu a controlar, embora ela tente fazê-lo também.

Quando se abaixa, eu enrosco a mão esquerda em seus cabelos e a faço engoli-lo ao máximo, gemendo alto com a deliciosa sensação que sua boca me dá. Não tenho vontade de ser terno ou de ser paciente e começo, através da minha mão em sua cabeça, a ditar a velocidade do boquete que ela faz. Quando penso estar chegando ao limite, pego-a por baixo de seus braços e a faço se sentar em mim, apenas afastando sua lingerie para o lado antes de me aprofundar dentro dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Puta que pariu, Giovanna! — eu gemo.

Sua vagina está tão molhada que eu sinto minha virilha encharcar quando nossos corpos se encontram. Está quente, molhada e apertada, parecendo o paraíso.

Ela curva seu corpo para trás, cavalgando em mim como uma verdadeira amazona. Eu a seguro pelos seios e me mexo por baixo, aumentando o prazer, sentindo meu pau socando até o fundo dela. Caralho, isso é muito bom!

Lembro-me de que ela me disse que está protegida e, embora eu não consiga confiar cem por cento nela, penso que não mentiria sobre isso. Giro com ela ainda empalada em mim, colocando-a de costas sobre o banco de couro. Ficamos muito apertados, pois nós dois somos altos, mas consigo realizar meu intento, colocando as pernas dela sobre meus ombros e ditando o ritmo que gosto, rápido e profundo.

Ao sentir sua vagina começar a me apertar, sei que tenho de decidir onde vou gozar, se dentro ou fora dela, mas eu realmente não tenho escolha diante do seu gozo molhado, com suas pernas travadas em meu pescoço, ouvindo seus gemidos descontrolados.

Fecho os olhos sentindo a sensação desse orgasmo, indo junto com ela, bufando e tentando controlar os espasmos em meu próprio corpo. Merda! O que acontece comigo quando como essa mulher?!

Lá está ela novamente, deitada na minha cama, no local que eu disse que ela não voltaria a estar. Rio de mim mesmo enquanto escovo os dentes e penso que terei de aguentar Sônia e aquele seu olhar debochado, pois hoje Giovanna Villazza

PERIGOSAS ACHERON

não irá embora assim que acordar.

Eu tenho alguns assuntos de trabalho para fazer, mas que serão rápidos, por isso, pretendo mantê-la aqui comigo, na cama.

Vejo-a se mexendo entre os lençóis e me sento ao seu lado.

— Bom dia! — ela me cumprimenta ao abrir os olhos e se esticando toda. — Que horas são?

Eu retiro uma mecha de seus cabelos que está sobre seus olhos e me preparo para a cena que virá assim que eu responder.

— São 10h da manhã.

Ela se levanta como se houvesse tomado um susto, olhos arregalados olhando para todos os lados, provavelmente procurando suas roupas.

— Merda, Nicholas! — Ela se levanta nua, e eu, é claro, já sinto uma parte minha acordando. — Eu tinha treino às 8h!

Gargalho ao vê-la procurando, até mesmo
PERIGOSAS ACHERON

debaixo da cama, suas roupas, pois sei que ela não achará nenhuma peça sequer.

Giovanna me olha curiosa e, ao ver minha expressão, cruza os braços sobre os seios — pose essa que me faz lembrar de algo importante que deixei passar —, e sua expressão fica sombria.

— Nicholas Smythe! Onde estão minhas roupas?!

— Foram sequestradas! — Eu me aproximo dela. — Há um preço para o resgate.

Deslizo as pontas dos meus dedos sobre sua coluna, deixando-a arrepiada, fazendo com que seus mamilos fiquem rijos. Com a outra mão, acaricio seu rosto, iluminado pelos raios de sol que entram pela janela, deixando-a toda dourada, desde seus cabelos até o pequeno triângulo loiro entre suas pernas.

— Você fica linda pela manhã! — elogio, aproximando-me mais, notando que ela aprecia o

PERIGOSAS ACHERON

carinho que faço, pois sua expressão raivosa já se suavizou. — Nós não conseguimos fazer sexo matinal da outra vez, mas agora — pego-a no colo — não há nada que possa nos impedir.

Ela ri enquanto a levo de volta para a cama.

— Você é louco! Já era dia quando dormimos!

Coloco-a sentada sobre o colchão e retiro a cueca que acabei de colocar.

— Você sabe como é, se ainda não dormimos, não é oficialmente o dia seguinte, então...

Ela ri da minha explicação idiota, e eu fico observando-a, notando a transformação de seu rosto quando sorri, a forma natural e relaxada de sua postura, tão diferente de quando há outras pessoas à sua volta.

— Ontem, quando cheguei no bar e te vi sentada, usando aquela blusa que deixa boa parte de

seu colo à mostra, tudo o que consegui pensar foi que seus seios são perfeitos para uma *espanhola*.

— O quê?! — Ela ri. — Você não pode estar falando sério! Não pensou nisso!

Eu subo na cama, ficando de joelhos, e ela percebe o quão sério eu estou falando. Inclino-me e a beijo.

— Já fez isso antes? — Ela nega. — Eu preciso que você os mantenha bem juntos um do outro. — Ela faz o que mando, e eu rio. — Calma! Primeiro preciso entrar...

Posiciono meu pau entre os seios dela, e, em seguida, Giovanna os junta bem, de forma bem apertada. Eu começo a me movimentar para baixo e para cima, a princípio devagar, pegando velocidade conforme a minha lubrificação vai deixando a área mais escorregadia. Minutos depois, estou fodendo os peitos dela com força e recebendo algumas lambidas safadas na cabeça quando subo demais e

PERIGOSAS ACHERON

encosto em sua boca. Noto que a brincadeira a deixou tão excitada quanto eu, o que me deixa ainda mais animado.

Chega de brincar! Saio desse vale macio e agora molhado, puxando-a e a deitando na cama. Abro suas pernas e sei que ela espera que eu a penetre fundo, mas antes eu quero sentir o quão excitada já está.

Deslizo a língua por sua entrada, notando que ela gostou muito da brincadeira e que está mais do que molhada e quente. Sugo seu clitóris, recebendo um gemido alto em troca.

É assim que eu gosto de tê-la, sem controle, deleitada, entregue a mim. Giro seu corpo sem nenhum cuidado ou delicadeza, fazendo com que fique de costas, com seu lindo traseiro na altura do meu rosto.

— Você é como um parque de diversões, Gio! — Deslizo minha língua entre suas nádegas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu quero muito desfrutar de todas as atrações!

— Nicholas...

Eu brinco com o botão rosado, enfiando minha língua, deixando-o molhado, imaginando meu pau seguindo esse mesmo caminho. Não consigo mais me controlar, pego-a pelos quadris, abrindo-lhe bem as pernas, deixando-a empinada para me receber. Fico em pé na cama, agacho-me levemente e, segurando-a pela cintura, enterro-me completamente dentro dela.

Definitivamente, é o paraíso!

— Desculpe por não ter ligado antes.

Estamos deitados lado a lado na cama depois de mais um orgasmo intenso. Eu olho para ela, com seu rosto lindo, olhos enormes e azuis e sua cabeleira dourada espalhada pelo travesseiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não esperava que me ligasse, Nicholas!

— Mentirosa! — Ela gargalha. — Você tentou esquecer aquela noite também?

Ela fica séria, mas eu consigo ver em seus olhos a resposta. Sim, ela também não queria se envolver comigo. Por quê?

— Eu só achei que seria complicado demais.
— Dá de ombros.

— Por causa do Bê? — Ela assente. — Meu irmão vai entender, Giovanna. Ele se apega e se desapega muito fácil, tenho certeza de que não ficará chateado.

Ela não responde, apenas me olha parecendo estar avaliando o que eu falei.

Sim! Eu disse exatamente isso! Não tenho por que esconder de ninguém que estou tendo um relacionamento com ela e não sou do tipo que sai com uma mulher e a mantém escondida. Não devo nada a ninguém, sou solteiro, saudável, hétero e

PERIGOSAS ACHERON

tenho meus casos como qualquer outra pessoa. Se Giovanna Villazza pensou que vamos ficar *nos pegando* às escondidas, pensou errado!

— Você pretende contar a ele o que está acontecendo entre nós? — Ela não parece assustada, nem com medo, apenas curiosa.

— Não precisamos sair anunciando por aí, mas não vou esconder que estamos nos relacionando. Não tem motivo para isso, não acha? — Ela continua me olhando, séria. — A não ser que você não queira.

Giovanna sorri.

— Por mim também não há problema, Nicholas. — Eu a beijo. — Mas você não acha que estamos indo rápido demais com isso? Quer dizer, não estamos num relacionamento sério, apenas estamos...

— Nos conhecendo, Giovanna. É isso que os casais fazem antes de qualquer tipo de

PERIGOSAS ACHERON

relacionamento mais sério, seja namoro ou casamento. Eles se conhecem e, para isso, precisam mais do que um sexo bom.

Novamente, ela fica séria e me olhando, como se avaliasse cada uma das minhas palavras. Eu, de verdade, não faço ideia do que se passa em sua cabeça. O que estou oferecendo a ela não é nada diferente do que ofereci a algumas mulheres com quem já mantive relacionamento fixo, embora elas não tivessem contato com meus familiares como acontece com Giovanna.

O que eu disse a ela é verdade. Eu quero conhecê-la melhor, ver se essa atração toda que sentimos um pelo outro irá passar ou pode se tornar mais do que é hoje. Eu nunca tive medo de me apaixonar, de estar em uma relação, simplesmente não aconteceu ainda. A tal da *mulher certa* ainda não apareceu.

Não sei se haverá espaço na minha vida para

PERIGOSAS ACHERON

ela, que me parece ser complicada e arredia, mas eu sou do tipo que vou deixando as coisas fluírem naturalmente, e estar próximo a ela pode me fazer entender o que é essa sensação que tenho sobre o que ela não deixa transparecer. Se Giovanna Villazza tem um segredo, ele não ficará no escuro por muito mais tempo!

De repente, sou pego de surpresa. Ela sobe em cima de mim e me beija de uma forma inédita entre nós. Não é um beijo esfomeado, desesperado, mas sim contido, sedutor, lento.

Deixo-me envolver por ela, que parece querer o controle dessa vez. Sinto seus movimentos em meu colo, rebolando, instigando-me, deixando meu pau duro e pronto, encostado em sua entrada molhada.

Ela me dá uma mordidinha no lábio inferior e depois o chupa. Minhas mãos vão para suas nádegas, acompanhando sua dança sobre mim,

PERIGOSAS ACHERON

incentivando-a a continuar mantendo o ritmo.

— Se você continuar rebolando assim, em cima de mim, vamos perder o almoço também.

Ela gargalha, safada, com um olhar de mulher poderosa que sabe usar as armas que tem.

— Minha fome é outra, mas resta saber — ela encosta a boca em minha orelha — você aguenta mais?!

Um desafio? Eu não penso duas vezes e giro meu corpo para cima do dela. Prendo suas pernas com as minhas e suas mãos no alto da cabeça.

— Se eu aguento? — Rio, mantendo-a presa com uma só mão. — Posso fazer isso o dia todo!

Ela morde o lábio e se contorce embaixo de mim, deixando-me ainda mais excitado. Eu não pretendo ser gentil ou amoroso, não depois do desafio lançado. Posiciono-me para entrar, mas sou impedido por batidas à minha porta. Merda! Devíamos ter ido ao apartamento dela!

PERIGOSAS NACIONAIS

Gio está com os olhos arregalados, mas segura a risada.

— Deve ser Sônia, querendo saber se eu morri! — Ela ri, e eu lhe dou uma mordiscada no pescoço. — Não desanime!

Ela sorri e desliza a mão por seu abdômen, passando pelos pelinhos depilados e loiros, descansando dois dedos entre suas coxas. Eu fico parado, olhando-a se tocar, gemendo de tesão ao vê-la dando prazer a si mesma.

— Não vai atender? — inquire debochada. — Estou só me mantendo animada, como você *mandou*.

Filha da mãe! Eu respiro fundo e balanço a cabeça, seguindo em direção à porta. Abro uma fresta e vejo Sônia.

— Oi!

Ela levanta a sobrancelha ao ver meu peito desnudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Já são quase 2h da tarde, e você ainda nem apareceu para o café da manhã. — Tenta espiar dentro do quarto, mas eu fecho mais a porta. Não preciso ter de lidar com minha funcionária vendo Giovanna fazendo *aquilo*! — Além disso, sua mãe e seu irmão estão na sala lhe esperando...

Eu fecho a porta em sua cara com uma rapidez que impressionaria até mesmo o Flash. Olho para a cama, onde Giovanna, ao perceber meu movimento brusco, já está sentada e alerta.

— O que houve?

Eu começo a gargalhar tanto que dobro meu corpo e me apoio nos joelhos.

— Eu tenho visitas! — Ela arregala os olhos e puxa o lençol. — Dona Cecília e o Bê estão na sala me aguardando.

Ela fica paralisada enquanto eu vou em busca de uma bermuda.

— Não vai tomar banho? — ela me

questiona. Eu a olho surpreso. — Acabamos de...
— Aponta para a cama. — Você cheira a sexo!

Eu vou até ela e a beijo, sentindo o quanto ela já mudou, tornando-se tensa e fria.

— Tem razão! Só uma chuveirada, mas, acredite, esse é o melhor perfume que já usei!

Ela sorri, não da mesma forma que antes, mas, ainda assim, é um sorriso.

Não demoro mais do que dois minutos no chuveiro e coloco uma bermuda e camiseta. Giovanna ainda não sabe onde eu escondi seus itens pessoais, então não tem como ela sair do quarto, mas a vejo entrar no chuveiro antes de eu sair.

Tenho a sensação de que não foi só o constrangimento que a fez ficar tensa daquele jeito. Isso me deixa louco, não saber o que acontece com ela, o porquê de ela se tornar tão estranha quando minha família está por perto.

Um relacionamento com ela é como brincar com fogo, mas eu sempre me inspirei na premissa de *Lao Tsé, manter meus amigos próximos e os inimigos, mais próximos ainda*. Se Giovanna Villazza esconde algo que envolve minha família, estar perto dela é minha chance de descobrir. Não que isso seja o que me impulsiona a querê-la, pois essa atração acontece há muito tempo, mas pode me ajudar a desvendar quem é, de verdade, a mulher com quem estou dormindo.

— Mãe! — Cumprimento dona Cecília com um abraço e um beijo, como sempre fiz. — Bê. — Abraço meu irmão. — Algum problema?

Bernardo parece tenso e sério, o que não é normal. Olho para minha mãe e a vejo aflita também.

— Cadê o Gil?

— Seu pai está bem, Nicholas. — Ela me tira um peso dos ombros, e volto a respirar quando nem

mesmo tinha percebido que havia parado de fazê-lo. — A Carol teve um pequeno incidente nessa madrugada...

— A Carol? — eu quase grito e olho para o meu irmão, lembrando que ele havia dado as chaves do meu carro para que ela fosse ao hospital. Merda! Eu sabia que alguém tinha de tê-la levado! — Mãe, o que aconteceu? Como ela está?

— Está tudo bem, Nicholas! — Ela bate em minha mão, acalmando-me. — Viemos porque ninguém conseguia falar com você ao telefone, e... — ela olha em direção à cozinha — Sônia disse que você estava ocupado.

Porra! Penso nos celulares, de Giovanna e meu, que desliguei e enfiei dentro da minha gaveta de gravatas no closet. Por que, diabos, Sônia não foi me chamar?!

— Foi roubo, Nick. — Eu sinto meu coração disparar ao imaginar o que Caroline passou. — Ela

PERIGOSAS ACHERON

está bem, mas o carro foi levado...

— Dane-se o carro, Bernardo! — Eu ando de um lado para o outro, pensando que ela tentou me ligar e eu não estava por perto. Carol sempre esteve comigo quando precisei e, na hora de retribuir, eu a deixei na mão. — Caralho!

— Nick! — minha mãe ralha com meu xingamento, mas o palavrão me ajuda a extravasar.

— Onde ela está? — pergunto de olhos fechados, mais calmo.

— Lá em casa. O pessoal da polícia quer falar contigo, coisas burocráticas sobre o carro, eu acho. — Ela se aproxima. — Viemos buscá-lo porque imaginei que você iria ficar aflito. — Eu balanço a cabeça, concordando e agradecendo. — Se arrume, vou até a cozinha dar uma palavrinha com a Sônia enquanto você se apronta.

Eu a vejo ir em direção à cozinha e fico parado no lugar, ainda assustado com a notícia.

— Cara, nós não devíamos tê-la deixado sair sozinha ontem! — declaro, por fim. — Merda, fico aqui imaginando o que ela deve ter passado...

— Se você não estivesse tão a fim de *outras* coisas, você teria ido atrás dela para que retornasse em segurança.

Eu o olho com o cenho franzido. Mas que merda de outras coisas ele está insinuando? Giovanna?

— Eu estava cumprindo a minha parte da aposta ridícula que você e eu fizemos! — Ele cruza os braços numa pose defensiva e levanta as duas sobrancelhas. — Porra, Bernardo, o que foi?

— Você é um babaca quando quer ser um! — Ele parece se conter para não gritar essas palavras. — O que foi agora? Acabou seu estoque de morenas? Ou é mais gostoso competir e ganhar de mim nesse quesito?

Puta que pariu! Sim, é Giovanna!

— Não tem nada a ver com competição! — Ele ri, e eu fico puto. — Bê, você nem estava no páreo! — Ele se surpreende com o que digo, e eu quero me dar um soco por isso. — Cara, estamos nervosos, eu estou preocupado com a Carol, não é o melhor momento...

— Se tivesse tanta consideração assim pela Carol, em vez de ficar fazendo o carro balançar perto do bar, teria ligado para ela! — Eu o fuzilo com os olhos diante do que ele descreve. Bernardo viu nossa transa no carro? — Até agora essa porra está desligada! — Ele olha na direção do corredor que leva ao meu quarto. — Ela ainda está aqui?!

Respiro fundo para não o mandar *tomar no cu* e se meter em sua própria vida, mas me contenho. Não era assim que eu queria que eles soubessem, mas...

— Sim. — Viro as costas e começo a andar na direção do quarto. — Vou me arrumar e avisar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela que iremos sair.

— Vai levá-la com você?! — dessa vez, ele grita.

— Sim. — Olho sério para ele. — Você e mamãe podem ir na frente!

Escuto-o me xingar mais uma vez, mas não retruco ou volto, sabendo que ele tem motivos para estar puto, assim como eu, mas o que está feito não tem mais volta.

Giovanna Villazza está oficialmente em minha vida!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XIV

Nicholas

Entro no quarto e a encontro vestida com meu roupão, sentada na cama. Giovanna parece tensa, provavelmente, pela visita repentina. Eu vou até meu armário e tiro de lá as coisas dela que estava escondendo.

— Vamos ter que sair. — Ela me olha assustada. — A Carol teve um problema ontem, e eu preciso ir vê-la.

— Tudo bem, eu entendo. — Ela caminha até onde estou e pega suas roupas. — Ela está bem?

Eu assinto, voltando ao armário para trocar de roupa.

— O Bernardo sabe que você está aqui — digo casualmente, vendo o reflexo dela pelo espelho. — Ele pode ter presenciado nosso

PERIGOSAS ACHERON

rompante no carro ontem.

Ela arregala os olhos e olha na minha direção.

— *Dio mio!* — Fecha os olhos visivelmente constrangida. — Ele foi atrás de mim! — Balança a cabeça. — Quando eu saí do banheiro, inventei uma desculpa para poder ir embora, e ele pareceu preocupado, até mesmo se ofereceu para me levar para casa. *Porca miseria!*

Eu acho graça por ela sempre falar em italiano quando fica nervosa ou acuada, como aconteceu quando eu a coloquei em meus ombros no Guarujá.

— Bom, isso adiantou um pouco as coisas, mas, de qualquer forma, foi bom. — Coloco uma camisa. — Pelo menos ninguém vai estranhar muito quando você chegar comigo em casa.

Ela arregala os olhos de novo e, dessa vez, não se contém em ficar conversando de longe.

— Como assim, chegar em casa com você?

— Você vai comigo para a casa da minha família, no Cidade Jardim, pois preciso resolver algumas questões burocráticas sobre o carro e é onde a Carol está. — Ponho minha calça. — Preciso de uma carona, afinal, roubaram meu carro ontem!

— Roubaram? — Ela bufa. — Conversar com você é tão ruim quanto com meu irmão Tony! Não pode dizer o que está acontecendo de uma só vez?

Eu caminho até ela e a abraço, desarmando sua postura irritada. Oh, mulher nervosinha!

— Carol saiu no meu carro ontem. — Ela assente. — Quando estava voltando do hospital, levaram o carro. Ela está bem, assustada, eu creio, mas não lhe aconteceu nada. — Ela encosta a cabeça em meu peito. — Eu não sei mais detalhes.

— Não tem outro carro? — ela não me olha

quando pergunta.

— Sim, eu tenho. — Respiro fundo. — Mas eu gostaria que você fosse comigo.

Ela, finalmente, me encara.

— Nicholas...

Eu a faço se calar com um beijo.

— Programei passar esse dia com você, porém, circunstâncias importantes modificaram meu plano, mas eu ainda gostaria de te ter por perto.

Ela fica muda por um instante, parecendo estar avaliando a questão. Eu vou até minha gaveta onde estão nossos celulares e devolvo o aparelho dela.

— Sem forçar dessa vez. — Sorrio. — Você tem a posse de todos os seus itens. Só fica junto a mim se quiser.

Ela olha o celular e sorri, apenas um leve levantar de lábios, mas seus olhos brilham.

— Eu quero. — Eu seguro seu rosto e beijo seus lábios, sentindo seu sabor, brincando com sua língua safada. — Só preciso me vestir, senão...

Eu gargalho. Sim! Essa atração entre nós pega fogo.

Passamos pelo portão de ferro fundido pintado de bronze, e eu cumprimento os seguranças que ficam junto ao porteiro. Giovanna passou todo o percurso até aqui sem conversar, apenas olhando para fora da janela do carro, parecendo perdida em pensamentos.

Estou dirigindo seu carro, ela mesma quem pediu para que eu o fizesse. O som toca uma música clássica instrumental, e eu reconheço como sendo parte de uma ópera italiana famosa. Tenho vontade de rir ao pensar no dia em que lhe dei

PERIGOSAS ACHERON

carona no baile da FIN e cantei sertanejo durante todo o trajeto.

Giovanna e eu somos realmente muito diferentes. Eu gosto de sertanejo, de country e até de forró. Aprecio demais a música brasileira, música de raiz, antiga, tocada na viola e chorada na sanfona. Amo estar na fazenda, sou louco por cavalos, gosto de sentir o cheiro da terra, de tomar café feito em fogão a lenha e comer comida da roça. Se não fosse pelo meu trabalho, eu ficaria enfiado no haras que comprei, domando meus puros-sangues, reunindo-me com a *peonada*, contando *causo* e tocando uma moda de viola. É do que eu realmente gosto!

Acho que está no meu sangue, por descender de uma família de latifundiários ingleses. Meus ancestrais sempre viveram da terra, embora não a cultivassem, mas eram apreciadores de cavalos e da vida no campo. Meu tataravô pertencia

PERIGOSAS ACHERON

à pequena nobreza rural inglesa, e, até os sete anos, eu morei com a família do meu pai biológico na mesma casa em que viveram mais de oito gerações dos Smythe-Fox, para me alfabetizar na mesma escola do meu pai enquanto minha mãe e Gilberto viviam no Brasil.

Eu gosto de conforto, sei transitar entre as pessoas mais finas do mundo, conheço arte, música e literatura mundial, mas isso tudo não passou de um protocolo para mim, porque, desde criança, eu contava os dias para ir até a fazenda do vovô Novak, no Mato Grosso.

Estaciono o carro na entrada da casa. Giovanna ainda olha para fora da janela, observando cada detalhe do lugar.

— Bem-vinda à minha casa de infância! — Ela me encara. — Meus pais moram aqui desde que se casaram. Já eu, morei a partir dos sete anos. — Ponho uma mão em sua coxa. — Você já os

PERIGOSAS ACHERON

conhece, não precisa ficar nervosa!

Ela assente, mas, ainda assim, não diz nada. Eu a puxo para um abraço e a beijo com carinho.

— Vamos lá.

Descemos do carro, e eu a espero dar a volta e estendo a mão para ela. Giovanna olha a fachada da mansão imponente onde mora minha família, e eu observo tudo com ela: uma casa gigante, salmão, com seis altas pilastras brancas que vão do chão ao teto do primeiro andar. Há muitas janelas pintadas de branco e uma enorme porta pivotante da mesma cor, com moldura de vidro.

Na varanda do térreo, há muitos vasos de mármore com plantas ornamentais, na varanda do segundo piso, há cadeiras e poltronas. A casa é imponente, grande e em estilo antigo, mas ali estão todas as lembranças de uma infância muito bem-vivida, cercada de carinho e atenção.

— Meus pais não moram mais na minha casa de infância — ela comenta. — Mesmo porque passei a infância em Curitiba, e eles hoje moram em Roma. — Há emoção em seu olhar. — Eu gostaria de voltar àquela casa e ter de volta as sensações que tinha enquanto crescia. — Sorri. — Eu era tão confiante, tão segura do meu lugar, tão feliz...

Eu franzo o cenho.

— Já não é mais?

Ela me encara e ri.

— Minha sobrinha, Laura, me fez a mesma pergunta há alguns meses. — Respira fundo. — Não, Nicholas. A gente cresce e percebe que o mundo não é cor-de-rosa como nós pensamos ser.

Eu concordo com ela. Crescer numa família privilegiada nos deixa com a sensação de que o mundo inteiro tem o que temos, mas, quando percebemos a verdade à nossa volta, temos duas

alternativas: ou ficamos impassíveis e continuamos a viver em nosso mundo de privilégios, ou tentamos fazer algo para melhorar as coisas.

— Eu sei do que você está falando! — Ela parece se assustar com o que digo. — Acredite! Eu sei, sim! Já vi tantas mazelas nesse mundo que tive vergonha da minha situação abastada. Aprendi a agradecer não pelo dinheiro e privilégio, mas por ter uma família, por ter amigos, por ter um prato à minha mesa e um teto sobre minha cabeça. — Eu a abraço. — Depois de ver o que eu vi, percebi que tudo o que minha família juntou não teria importância nenhuma se nós não nos amássemos. — Ela se aconchega mais em mim. — Eu tenho muito a agradecer, Giovanna. Sou um homem de sorte!

— Eu também sou, Nicholas. Eu sei que sou e sou grata por isso, mas isso não me faz esquecer o que...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nick! — meu pai me chama do primeiro andar da construção. — Que bom que chegou, entre!

Ela se afasta de mim.

— Chegou a hora, vamos lá ver a Carol! — digo.

A enorme porta principal é aberta, e Marinete nos saúda assim que passamos pela porta. Ela é uma senhora idosa e está na minha família desde que meus pais retornaram dos Estados Unidos, onde moraram por mais de um ano, há quase trinta anos.

— Boa tarde! — Ela sorri para Giovanna e depois se volta para mim. — A senhorita Nogueira está com sua mãe no quarto de hóspedes amarelo.

— Sim, nós vamos até lá. Mari, nós não almoçamos ainda...

— Ah, menino, vou mandar prepararem o almoço de vocês!

PERIGOSAS ACHERON

Eu sorrio, agradecido.

Ela sai em direção à cozinha, e eu continuo a seguir com Giovanna.

— Está nervosa ainda?

Ela sorri, tensa.

Subimos as escadas de mármore que levam ao segundo piso e seguimos em direção ao corredor esquerdo, onde ficam os quartos de hóspedes.

Bato à porta e escuto a voz de minha mãe:

— Entre!

Carol está recostada em enormes travesseiros. Seus cabelos estão presos num coque no alto da cabeça, e uma pesada coberta cobre suas pernas.

— Ei, moça! — cumprimento-a, e ela ri e depois olha para Giovanna. Noto surpresa em sua expressão, mas o sorriso continua em seu rosto. — Soube que viveu perigosamente a noite passada!

— Nick! — minha mãe me repreende e

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimenta minha companhia.

Carol sorri.

— Me desculpe pelo carro! — Sento-me ao seu lado. — Sei que você gostava muito dele...

— Ei, para com isso! — Dou um beijo em sua testa. — O importante é que você está bem!

Ela me abraça forte.

— Eu fiquei apavorada! Eu estava entrando no carro quando eles surgiram do nada! — Sinto seu corpo tremer.

— Me desculpe por não ter ido com você!
— Minha consciência dói por causa disso.

— Tudo bem, Nick. — Ela se afasta e olha para a Giovanna. — Oi!

Giovanna sorri e a cumprimenta de volta, seca.

— Ficamos preocupados com você — declaro, dando um olhar reprovador à minha *princesa* insensível.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou bem. Obrigada por vir, Gio.

Vejo minha mãe falar algo com Giovanna, e as duas saem do quarto, deixando-me a sós com a Carol.

— Eu tentei te ligar do hospital. — Ela suspira. — Eles levaram minha bolsa também.

— Me desculpe mais uma vez por não ter estado com você.

Ela não responde, apenas me olha com seus olhos cor de avelã.

— Giovanna veio com o Bê? — eu sabia que ela perguntaria sobre isso em algum momento.

— Não. — Sempre fui sincero com ela e vou continuar sendo. — Ela veio comigo.

Ela levanta a sobrancelha e se recosta nos travesseiros de novo.

— Minha mãe está vindo de Brasília para cá. — Muda de assunto. — Meu pai está atolado com as votações extras que estão acontecendo

ultimamente, e, justo neste final de semana, ela foi ficar com ele. — Sorri. — Acabei tendo que abusar dos seus pais.

Fico um momento sem saber o que falar, surpreso com a reação dela em relação ao que eu disse. Carol nunca ignorou um caso meu, nunca! Quando eu lhe dizia o que tinha acontecido, ou quando ela me via com alguém, era sempre a primeira a querer detalhes de como aconteceu, se a pessoa era legal, se eu achava que daria certo daquela vez.

— Você nunca abusa de ninguém! — Beijo sua mão. — Descanse. Eu vou resolver os assuntos sobre o carro.

Ela assente e fecha os olhos.

Saio do quarto intrigado com sua reação. Nenhuma pergunta sobre mim e Giovanna, nada. Estranho! Carol sabe o que eu sinto por ela, amizade, amor de irmão, e isso é mais forte do que

qualquer paixão que passe pela minha vida. Ela sabe que eu nunca a deixarei de lado por ninguém, mas também é ciente de que eu não me envolverei com ela, pois, além de não sentir atração, não quero arriscar perder nossa amizade de anos.

Desço e sigo para a cozinha, mas não encontro minha mãe, muito menos Giovanna. Mari entra no recinto e me informa que as duas estão no jardim próximo à piscina e que nosso almoço será servido lá.

Passo pela varanda envidraçada e já posso vê-las sentadas à mesa, sob um *ombrelone*.

— Carol está descansando, por isso a deixei. — Sento-me com elas. — Como ela estava quando chegou?

— Doutor Quintino veio vê-la — minha mãe me informa. — Ela estava assustada e trêmula, mas tudo estava bem.

— Que bom! — Olho para Giovanna. —

Com fome?

— Sim. — Ela sorri para mim pela primeira vez desde que entramos na casa. — Sua mãe estava me contando sobre sua festa de formatura...

— Mãe! — eu a repreendo sorrindo. — Essas coisas vergonhosas nós não contamos por aí! — Pego a mão de Giovanna sobre a mesa. — Ela exagera sempre, Gio!

O olhar de minha mãe está fixo em nossas mãos. Giovanna retira a sua e pede licença para ir ao banheiro, e eu aponto para o da piscina.

Quando ela se afasta, encaro minha progenitora, sabendo que terei de me explicar para dona Cecília.

— O que está acontecendo entre vocês? — Ela parece brava, mas sua voz continua inalterada. Minha mãe sempre impôs respeito *e medo* sem perder a compostura. É um dom! — Bernardo voltou comigo cuspiendo fogo e, mal me deixou em

PERIGOSAS ACHERON

casa, sumiu. E agora... — Ela aponta para a mesa.
— Estou bem confusa!

Eu rio, tentando amenizar a situação.

— Bernardo e ela nunca tiveram nada além
de amizade, mãe.

— Não foi o que a reação dele fez parecer,
Nicholas! — Ela bufa e se aproxima. — O que
aconteceu?

Cruzo os braços sobre o peito e me recosto
à cadeira. Nunca gostei que interferissem na minha
vida, mas, dessa vez, sinto que preciso dar algumas
explicações.

— Nós nos sentimos atraídos e, como meu
irmão e ela não estavam tendo nada, não havia
impedimento nenhum! — Ela levanta sua
sobrancelha. — Mãe, eu não fiz de propósito! A
senhora me conhece!

— Sim, e é por isso que estou tão surpresa!
— Um sorriso aparece em seu rosto. — Ela é *loira*!

Eu gargalho ante a sua observação e observo meu pai vindo em nossa direção.

— A Carolzinha está dormindo? — ele pergunta, sentando-se ao lado de minha mãe.

— Está — respondo. — Eu a deixei descansado e, depois de comer, vou até a delegacia.

— Vou com você. — Meu pai confere as horas em seu Rolex. — Almoçar? Mas já passa das 3h da tarde! Onde você esteve a noite e a manhã toda?

— É melhor perguntar com quem... — Minha mãe aponta para Giovanna, que vem caminhando com o sol a iluminar seus cabelos.

Eu fico um tempo olhando-a sem ouvir mais nada, apenas observando-a caminhar. Ela é linda! Sinto meu corpo reagir à sua imagem, mostrando o quanto a atração que temos é intensa.

— Você... — Gilberto começa a falar, mas não consegue, pois começa a rir. — Eu sabia! Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vi futuro entre Bê e ela, mas observei vocês dois juntos... — Ele dá um tapinha na minha mão. — Bom gosto, filho!

— Gil! — Cecília o repreende.

— Obrigado, pai. — Giovanna se senta ao meu lado. — Estamos nos conhecendo melhor, não é, *princesa*?

Sinto seu corpo ficar tenso, mas sua expressão não demonstra isso, pois põe um enorme sorriso no rosto.

— Claro, *príncipe*!

Meus pais gargalham ante a provocação dela. Sim, eu mereci por provocá-la com seu antigo apelido, mas isso não vai ficar assim. Abraço-a pelos ombros e lhe dou um beijo estalado na boca.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XV

Giovanna

Isso tudo parece loucura, eu penso pela milésima vez, seguindo Cecília pelos enormes cômodos de sua casa rumo ao seu orquidário, agora que Nicholas saiu com Gilberto e me deixou com ela. Eu nunca pensei que conseguiria chegar tão longe em tão pouco tempo! Eu estou no covil do lobo!

Tudo o que aconteceu desde a noite de ontem foi realmente uma loucura. Eu em nenhum momento achei que, ao aceitar passar mais uma noite com Nicholas, estava comprando um passaporte VIP para a vida de sua família.

Não, ao contrário do que eu fiz desde que me mudei para São Paulo, aceitar fazer sexo com Nicholas foi uma coisa que fiz por mim, para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não fui movida pelos meus interesses, ou mesmo pensando que ele fosse um caminho perfeito para eu alcançar meu objetivo. Eu apenas o quis mais do que já desejei um homem em toda a minha vida.

A noite foi incrível, sensual, deliciosa. Nicholas consegue deixar meu corpo aberto a receber suas carícias, sejam quais sejam. Com ele, eu não sinto inibição, eu não sinto nojo de nada e medo nenhum. Eu me entrego em suas mãos e o deixo me levar aonde quiser, o que, geralmente, é o céu.

Há anos, eu não sou eu mesma, sem máscaras, sem fingimento, sem me conter ou conter meus sentimentos. E, durante todas aquelas horas com ele, tudo o que falei e fiz foi verdadeiro.

Nicholas enlouquece meu corpo, perturba meu coração e distrai a minha mente. A atração que sinto por ele não tem explicação ou freio. É incontrolável, inegável e incrível.

PERIGOSAS ACHERON

Todavia, como tudo na minha vida, o idílio acabou no momento em que sua família irrompeu em seu apartamento e me trouxe de volta à realidade. Nicholas ainda continua sendo quem é, filho de quem é.

Quando ele saiu do quarto, eu me sentei, pensando no que ele havia me proposto e no que eu aceitei. *Ser parte de sua vida...* É isso que eu serei se esse relacionamento sexual avançar para algo mais do que isso. *Ser parte de sua vida!* Isso, com certeza, é brincar com a sorte, pois, por mais que ele seja o caminho mais próximo para eu conseguir informações e fazê-los pagar, eu também corro o risco de me machucar no percurso.

Sim! Eu corro esse risco! Nicholas mexe comigo de verdade, e eu não tenho vivência nem controle para brincar com esse tipo de coisa. Eu nunca me deixei envolver com ninguém desse jeito, nem mesmo antes de descobrir a verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus relacionamentos não passaram de mera formalidade. Eu tinha idade para beijar alguém, então beijei. Eu deveria perder a virgindade, então a perdi, e assim por diante. Eu nunca estive apaixonada, eu nunca estive tão atraída, eu nunca me deixei envolver. Gostava de namorar para me sentir bajulada, adorada, endeusada. Eu sempre fui a dominante do relacionamento, fazendo quem estivesse comigo dançar conforme minha música. Contudo, com Nicholas, será como me aventurar no escuro, como pular de um penhasco de olhos vendados. Tudo o que ele me faz sentir é novo e inesperado. Eu gosto de quem eu sou quando estou com ele, gosto de sentir que sou alguém de verdade, não uma mentira criada.

Quando ele me informou que eu iria para a casa de seus pais com ele, eu gelei. Estar aqui dentro foi o que eu sempre imaginei, mas nunca achei que teria coragem.

PERIGOSAS ACHERON

Todos os demônios voltaram quando entramos no carro. Em mim, eu podia sentir a mágoa, a raiva, a dor, a decepção, a sensação de inutilidade. E tudo isso aumentou quando vi a casa, quando ouvi Nicholas me dizer que ali sua infância foi feliz, quando imaginei tudo o que ele viveu enquanto... *Não!* Eu quero expulsar, um a um, esses sentimentos da minha mente.

Eu realmente não posso me queixar de nada e, ao ouvi-lo dizer o quanto ele é grato pelas coisas que sua família lhe proporcionou, carinho e segurança principalmente, percebi o quanto eu sou injusta em minhas acusações. Sei que poderia ter sido diferente, mas não foi, e eu preciso aprender a reconhecer que eu sou uma mulher de sorte! Minha mente teima em ressaltar que não é por causa deles, mas eu me recuso, pelo menos por hoje, a dar-lhe ouvidos. Hoje eu quero ser apenas a companhia do filho mais velho, apenas a mulher que passou a

PERIGOSAS ACHERON

noite em seus braços, que deu e recebeu prazer, que sente um aperto no peito toda vez que ele a olha com seus olhos risonhos.

Foi com essa resolução que entrei na casa, mesmo depois do choque de ter visto Gilberto no primeiro andar.

Pude perceber o quanto essa família aprecia Caroline Nogueira. Eles a tratam como se fosse da família, como se fosse filha deles. O rancor voltou a me incomodar ao notar isso, mas eu tentei, de todas as formas, ignorá-lo.

Nicholas é muito carinhoso com sua amiga, e eu confesso que senti ciúmes ao vê-lo tão terno com ela, tanto que mal a cumprimentei de volta, pois, quando ela o abraçou tão fortemente, senti seu olhar mortal em cima de mim. Opa, opa! Aquele não era um olhar de uma mosca morta!

— Vamos deixar os dois conversarem um pouco? — dona Cecília propôs. — Que tal sentar

PERIGOSAS ACHERON

no jardim e tomar alguma coisa?

Eu assenti, mesmo não querendo deixá-los ali, sozinhos. *Maldito ciúme! Se contenha, Giovanna*, pensei naquele instante.

Dona Cecília foi falando sem parar até o local, mas eu não consegui prestar atenção em nada, pois só conseguia pensar nos dois juntos no quarto, tentando imaginar sobre o que conversavam.

— ...eles dois eram terríveis! — Ela riu ao me indicar uma cadeira. — Sabe que, quando Nick se formou na faculdade, nós todos fomos até Massachusetts para sua graduação? Participamos de todas as solenidades e marcamos de fazer uma pequena viagem até a Inglaterra para visitar seu avô, que na época era vivo. Mas sabe o que o danado fez? — Ela levantou uma sobrancelha. — Voltou para o Brasil com Bernardo a tiracolo e fez uma festa de arromba para seus amigos aqui em PERIGOSAS ACHERON

casa.

Eu sorri, imaginando-o com 22 anos, festeiro e sem juízo. Nicholas estudou no famoso MIT — Massachusetts Institute of Technology^[6] —, nos Estados Unidos, e eu posso imaginar o quanto sentiu falta do Brasil e dos seus amigos.

— A festa durou dias! — Arregalei os olhos. — E, quando retornamos, a casa estava uma bagunça, nosso estoque de bebida, à mingua, e havia moças desnudas em nossa piscina. — Ela apontou para o local. — Bernardo tinha apenas 17 anos! Imagina como eu fiquei apavorada!

Eu nunca poderia imaginar que Nicholas, com aquele jeito responsável, pudesse fazer algo assim. Eu me lembrei do meu irmão mais velho e de sua fase de rebeldia. Aquilo parecia coisa de Frank Villazza!

Quando Nicholas desceu, poucos minutos após o termos deixado com Caroline, eu senti um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enorme alívio. Nós começamos a interagir, e ele segurou minha mão às vistas de sua mãe, eu notei o olhar questionador dela. Covarde, decidi sair pela tangente e deixá-lo lidar com o assunto sozinho. Refugiei-me no banheiro, tentando imaginar o que eles estariam conversando e, quando voltei, vi Gilberto sentado ao lado da esposa. Meu coração retumbou, mas eu me controlei.

Nicholas não quer manter o que está se passando entre nós em segredo, e isso me assusta e me anima ao mesmo tempo. Ele me beijou na frente de seus pais e, com alívio, eu percebi que a relação foi aceita.

Depois que comemos, Gilberto e Nicholas foram à delegacia, e eu fiquei com dona Cecília. Conheci cada cômodo desta enorme mansão, conversei com ela, que é bem parecida com minha mãe em muitos quesitos, principalmente em relação às flores.

PERIGOSAS ACHERON

Ela quase explodiu quando eu disse que minha mãe encheu minha sala, no trabalho, de orquídeas e fez questão de me mostrar seu orquidário, em uma estufa. E aqui estou eu, conversando, sorrindo, tornando-me amiga da mulher que, durante anos, odiei e pela qual ainda sinto um enorme ressentimento.

— Oh, meu Deus! A senhora possui uma feiticeira! — Eu olho a orquídea vibrante, de um cor-de-rosa retumbante.

Ela se aproxima da flor com orgulho.

— Ela é linda, não é? Consegui comprá-la de um colecionador que conseguiu produzir mudas. É uma pena que esteja quase extinta!

— Sim. — Agradeço mentalmente às horas que passei no orquidário com minha mãe. — Mamãe tinha uma, mas, quando voltou para a Itália, deixou-a aqui. — Vejo mais uma raridade à minha frente. — Essas são *fredclarkeara after dark*? —

Ela assente, mostrando várias outras orquídeas negras que possui, todas produzidas por cruzamentos de espécies.

Quando Nicholas retorna horas depois de ter saído, encontra-me ainda no orquidário com sua mãe, tomando chá e conversando sobre flores.

— Desculpe a demora. — Abraça-me, e eu sinto o conforto e a segurança que seus braços me transmitem. — Fizemos todos os procedimentos necessários, e já acionei o seguro.

— Que bom! Eu pedi ao Azevedo para ir buscar Sandra no aeroporto, e eles já devem estar chegando aqui.

— Então acho que é nossa deixa! — ele diz rindo e fazendo careta. — Vamos embora antes que nunca mais a gente consiga sair daqui!

— Nick! — sua mãe o repreende, mas eu a vejo esconder o sorriso.

— Eu passei pelo quarto da Carol, e ela ainda está dormindo. — Ele se levanta da cadeira em que se sentou ao nosso lado. — Ligo mais tarde para saber como ela está.

Eu me ponho de pé, seguida por dona Cecília, e nós três vamos caminhando para fora da enorme estufa de vidro. Quando nos aproximamos da casa, avistamos Bernardo estacionando seu carro. Fico tensa ao imaginar o que ele possa falar. Ainda que eu tenha a consciência de que nunca teria nada com ele, eu, propositalmente, ficava deixando entender que poderia acontecer algo entre nós. Eu o usei, sim, da forma mais egoísta que se usa alguém, mas não me arrependo, apenas sinto muito.

— Oi, boa noite! — ele nos cumprimenta. — Está tudo bem com a Carol?

— Sim. — Nicholas solta minha mão,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrelaçada na sua desde que saímos da estufa, e anda até ele. — Eu queria conversar com você, Bê!

— Agora não, Nick! — diz sério, ainda me olhando. — Agora não!

Nicholas assente, entendendo, como eu, que esse ainda não é o momento para falar sobre o que está acontecendo entre nós três.

— Estamos indo embora. — Ele volta a segurar minha mão. — Mãe, eu ligo!

Despeço-me de dona Cecília. Sem ver Gilberto por perto, deixo um abraço para ele e entro no carro com Nicholas.

— Não foi tão ruim, foi? — ele resolve me perguntar já no meio do caminho.

— Não. — Tento um sorriso. — Eu gostaria de ir para meu apartamento, Nicholas. — Ele respira fundo, mas assente. — Eu gostaria que você ficasse comigo esta noite.

Recebo seu sorriso iluminado.

PERIGOSAS ACHERON

— Preciso só de uma escova de dentes! —
avisa, dando seta para a esquerda a fim de
encontrar uma farmácia.

Eu sorrio, feliz, mas, ao mesmo tempo,
temerosa, pois sei que essa situação entre nós pode
fazer tudo o que eu conquistei até aqui ruir. E eu
não posso faltar com minha palavra, não para com
ela.

Nenhum homem — fora meu irmão Frank e
meus amigos, Tom e Lori — entrou no meu
pequeno *loft*. Eu gosto que ele seja compacto, pois
sempre odiei bagunça e desordem e, em um
ambiente tão restrito como aquele, tudo deveria ter
seu lugar e nada poderia sobrar. Porém, depois de
ter estado na cobertura máster que Nicholas tem no
Castellani, o prédio conhecido como o mais
PERIGOSAS ACHERON

moderno e seguro da cidade, estou um tanto constrangida por meu pequeno lar.

Lar! Eu sinto vontade de rir de mim mesma ao pensar naquele apartamento, o qual só uso para dormir, como um lar. Meu lar era em Curitiba, meu lar era em Nápoles ou em Roma, mas São Paulo? Não, nunca foi meu lar. Aqui é apenas um local que uso para atingir metas e objetivos. Primeiro, foi minha formação, agora, uma vingança movida pela mágoa e pela dor.

Eu tento não pensar no verdadeiro motivo pelo qual resido nesta cidade, o verdadeiro motivo que me aproximou dos Novaks de Toledo e, conseqüentemente, de Nicholas Smythe-Fox.

Ter passado o dia na companhia de dona Cecília e ter visto o quanto ela se parece com minha mãe abalou um pouco minha convicção de que a mulher é tão culpada quanto o marido. Dona Cecília criou Nicholas e Bernardo, e eles são

PERIGOSAS ACHERON

homens incríveis! Ela não teria coragem... Ou teria?

Penso em nossas conversas, tanto no Guarujá quanto na mansão, e a impressão que eu tenho dela é de que, embora seja uma mulher nascida e criada na riqueza, com status de dama da sociedade paulistana, ela é simples, gosta de coisas caras, como as raras orquídeas, mas não as têm para ostentação, mas sim porque ama cultivá-las.

Minha mãe, Silvia Andretti Villazza, também é assim. Envolvida com causas sociais, com hobbies e atividades variadas, nascida em berço de ouro e, posteriormente, casada com um homem de uma das famílias mais ricas da Itália. Eu amo muito minha mãe! E sei que muitas das coisas que observei hoje em dona Cecília são também traços de personalidade de dona Silvia.

Eu estou confusa com isso! Porque todas as informações que recebi ao longo dos anos em que

PERIGOSAS ACHERON

sigio nesse objetivo me fizeram crer que ela ajudou a destruir a vida de *Ana*.

Ana! Sinto meus olhos se encherem d'água ao pensar nela. Seu rosto pequeno e em formato de coração vem à minha mente, eternizado pelas fotografias que guardo comigo. Tão jovem, com toda a vida ainda para ser descoberta... *Ana!*

— Tudo bem, Giovanna? — Nicholas me pergunta tomando minha mão na dele dentro da garagem do meu prédio.

— Tudo. — Sorrio e, sem que ele preveja, abraço-o e o beijo.

Ele retorna o beijo, deslizando a mão que não está ocupada com a sacola da farmácia pela minha cintura. Sinto sua língua invadir minha boca e brincar com a minha. O desejo toma conta do meu corpo e, finalmente, todas aquelas amargas lembranças vão embora, deixando apenas espaço para as sensações que sua boca provoca em mim.

— Deliciosa! — ele exclama ainda com os lábios encostados nos meus. — Quando eu estiver contigo na sua cama, primeiro vou fazê-la gozar dessa maneira. — Suga meus lábios e passa a língua por cima da minha boca. Eu gemo alto, sem me importar se há mais alguém conosco dentro da garagem. — Depois, quando sentir que você está encharcada de tesão, vou brincar um pouco na sua bunda.

Eu arregalo os olhos. O *figlio di puttana* ri da minha reação.

— Calma! Não disse que vou colocar meu pau lá... — Pisca para mim. — Ainda que eu queira muito isso! — Dou uma gargalhada nervosa. — Vou só brincar e explorar um pouco! Vamos nos divertir com as preliminares hoje!

Eu sinto minha vagina se apertar de antecipação.

— Antes, vamos pedir comida! — aviso-o.

— Eu não sei cozinhar e, em minha geladeira, você só encontra frutas e água.

Subimos até o meu andar, o 11º e, assim que abro a porta do *loft*, ele entra olhando cada detalhe.

— Eu sabia que seria assim — declara, e eu fico tentando entender o que quer dizer. — Você é muito organizada, feminina — olha meus móveis — e moderna. É lindo o seu lugar!

Eu agradeço e passo por ele, olhando atentamente para minha mesa de trabalho, conferindo se não deixei nada fora do cofre. Se Nicholas passar a frequentar o *meu lugar*, eu precisarei ter atenção redobrada sobre *aquelas coisas*.

— O que você tem em mente para o jantar? — questiono de frente para a pequena adega climatizada.

— Comer você de qualquer jeito! — Eu rio e mostro a língua para ele. — Pizza?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não como laticínios nem carne processada, então a minha metade será vegana!

Ele rola os olhos e me chama de *modinha* mais uma vez.

— A minha é de calabresa. — Eu faço careta de novo e, dessa vez, é ele quem me mostra a língua. — Pede para capricharem no queijo e na cebola!

— Ai, *Madonna*! Ainda bem que comprou escova de dente!

O som de sua gargalhada preenche todo o espaço do pequeno *loft*.

Comemos a pizza acompanhada de uma taça de vinho produzido artesanalmente na vinícola de Giuseppe Villazza, meu tio Pepino, irmão caçula do meu pai, enquanto eu conto a Nicholas algumas das PERIGOSAS ACHERON

peripécias da minha família.

— ...então todo ano mamãe faz uma reunião familiar simples no Natal, para quase mil pessoas...

— Ele arregala os olhos. — Sim! Eu sei, ninguém tem mil parentes, mas dona Silvia considera todo mundo como sendo da família, até o primo do sobrinho da cozinheira que há anos trabalha conosco! — Ele gargalha. — Isso sem falar das malditas fotografias!

— Fotos nunca são malditas, Giovanna! — ele defende, e eu me lembro do quanto ele ama fotografar.

— Isso é porque você não viu as fotos dela! — Finjo que estremeço. — Meus irmãos e eu odiamos cada uma delas com todo nosso ser! Eu, na adolescência, fiz um plano de roubar uma de suas caixas de fotos. — Explico melhor: — Mamãe não usa álbuns, mas sim caixas e caixas de fotografias devidamente protegidas e catalogadas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente se forem antigas. — Nicholas agora parece assombrado. — Sim! Você acredita que ela vasculhou toda a Itália e, talvez, a Grécia atrás de fotos históricas de seus familiares? Ela tem uma caixa só com fotos das noivas Andrettis e das Villazzas!

— Não conseguiu levar seu plano a cabo? — Ele volta ao assunto que comecei.

— Não, o *padulo* deu para trás!

— *Padulo?* — Ri da gíria. — Deixe-me adivinhar... Frank Villazza!

Eu assinto, e nós gargalhamos juntos.

Mais tarde, depois de um longo banho juntos, nós vamos para a cama, e ele começa a cumprir com o prometido a mim na garagem. Ele arruma meus travesseiros na cabeceira e pede para eu me recostar neles. Eu o faço enquanto vejo-o subir na cama e se deitar de bruços entre minhas pernas abertas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho você tão perfeita... — comenta, passando a mão sobre minha pélvis. — Sua pele clara, sem nenhuma mancha, e esse pelos tão loirinhos. — Eu rio enquanto ele abre mais as minhas pernas e dobra meus joelhos. — E essa parte aqui, em especial? — Cheira-me lentamente. — É *belíssima*! Tão pequena, toda embutida, nenhum ressaltado, nenhuma cor mais escura, só um leve rosado...

— Nicholas... — eu o interrompo, levemente constrangida com o detalhamento de minha parte íntima.

— Parece um botão de rosa. — Eu rolo os olhos, mas logo após gemo ao sentir sua mão me abrindo. — Vários tons rosados e o meio vermelho. — Seus dedos acariciam meus lábios e, por fim, entram em mim.

Eu fecho os olhos, sentindo minha respiração ficar ofegante com as suas carícias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cheirosa, macia e... — lambe lentamente, penetrando-me com sua língua — saborosa!

Eu não consigo dizer nada, sentindo sua língua percorrer minha intimidade em todas as direções possíveis, ora lentamente, ora com rapidez. Nicholas intercala movimentos circulares relaxados e suaves com movimentos de penetração com a língua tensa e pesada.

Quando, por fim, ele abocanha inteiramente o meu sexo, eu me contorço, falando bobagens em italiano, sem saber como reagir ante essa maravilhosa tortura que ele me inflige.

Minutos longos se passam entre lambidas, sucção e exploração, e eu já estou mais do que pronta para um orgasmo. Entretanto, como ele mesmo me avisou, tem mais coisas em mente.

— Eu quero que você se masturbe para mim como estava fazendo hoje de manhã.

Sorrio e deslizo meus dedos até meu clitóris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pare de maneira alguma, Giovanna.
— Sinto-o lambuzar seus dedos com minha excitação. — Mesmo se gozar, não pare.

Sinto-o deslizando o dedo até o meio das minhas nádegas. Mordo o lábio inferior, apreensiva, mas não faço nada para detê-lo, pois quero tudo o que ele quiser me dar.

Sua exploração é sutil, basicamente molhando e estimulando, mas, à medida que meu tesão vai aumentando e ele percebe que o êxtase está próximo, suas carícias ficam mais ousadas, penetrando, mexendo tanto com o dedo quanto com a língua.

Eu estou sentindo o prazer invadir meu corpo de uma forma que nunca aconteceu antes. Meus dedos estão frenéticos sobre meu clitóris, acompanhados pelo entra e sai do dedo de Nicholas em meu traseiro.

Quando, enfim, a liberação chega, eu grito
PERIGOSAS ACHERON

como uma louca, sentindo o prazer jorrar para fora de mim.

— Não pare! — ele manda com uma voz esmagada, parecendo querer urrar junto comigo. — Não pare, Giovanna! Deixe vir tudo!

Ele coloca alguns dedos de sua outra mão dentro da minha vagina, socando como faz com seu pau dentro de mim enquanto o outro dedo continua explorando meu ânus.

É impossível controlar o tesão, e não uso mais os dedos para me tocar, mas sim a palma da mão inteira. Quando novamente o gozo toma conta de mim, eu chego a me sentar no colchão, movida pela deliciosa sensação que Nicholas me traz.

Caio, morta, sobre os travesseiros, e Nicholas se levanta com os dedos na boca.

— Quando você estiver pronta, será meu pau a fazer você sentir isso. — Beija-me com intensidade, já conduzindo seu pênis para dentro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e, em apenas um assalto, ele bate fundo.

Eu o seguro pelos cabelos, puxando-os, mordendo seus lábios enquanto ele aumenta cada vez mais o ritmo e a força com que me toma. Envolvero minhas pernas ao redor de seus quadris e isso faz com que ele me suspenda da cama, colocando-se de pé, ainda enganchado em mim.

Nicholas caminha comigo até minha cômoda e me põe sobre ela, aumentando a distância entre uma estocada e outra, porém, com o dobro de força de antes. Eu, a cada vez que ele entra, sou esmagada contra a parede.

Ele sai de meu interior e se ajoelha, dispensando novamente toda sua habilidade oral em mim. Quando estou novamente sentindo os prenúncios do gozo, ele volta a estocar com força.

Gozamos juntos dessa vez, ele com as mãos apoiadas na parede atrás de mim, e eu com os dentes encravados em seu ombro direito.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso foi... — começo a falar, mas não encontro fôlego para continuar.

— Eu sei... — Ele parece tão cansado quanto eu. — Eu sei, *princesa!*

Dá-me um beijo na testa e me carrega para o banheiro.

Depois do banho, nós nos deitamos e ficamos olhando um para o outro.

— Eu te vi dançar — ele informa baixinho.

Sim, ele afirmou uma vez que eu danço.

— Quando? — pergunto curiosa.

— Há alguns anos, em Roma. — Eu aquiesço, lembrando que ele deve ter visto uma de minhas últimas apresentações. — Você era boa. Por que desistiu?

Eu suspiro, não querendo pensar nos motivos reais.

— Não era boa o suficiente. — Dou de ombros. — Nunca atingiria o nível das grandes
PERIGOSAS ACHERON

bailarinas.

— Ainda assim, se você ama balé como eu acho que o faz, não deveria abrir mão.

Eu olho para seus olhos azuis e me lembro da fotografia na parede da casa de praia.

— E você? Diretor-executivo de uma holding do tamanho da Novak e ainda é fotógrafo! — Sorri. — Conciliação do dever com o que ama fazer?

Ele ri.

— Em parte! Eu sou apaixonado por fotografar, como também por cavalos. — Levanta as sobrancelhas, e suas íris brilham. — O trabalho na Novak é realmente um dever, mas também o faço com paixão, pois é parte de quem eu sou.

Eu passo a mão em seu rosto, e ele se aconchega e fecha os olhos.

— Eu quero você desde que a vi no palco. — Eu me surpreendo com sua confissão. — É louco sentir isso, não é? Tesão por uma pessoa que você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não conhece!

Eu penso no destino e no porquê ele faz esse tipo de coisa. Por que nos fez sentir isso um pelo outro? Não bastava a ligação que nosso passado já nos proporciona?

Eu adormeço e sonho estar dançando novamente e que, na plateia, Nicholas me olha apaixonado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVI

Giovanna

Eu acordo cedo, antes das 6h da manhã, e desço para a sala. Fico olhando para o quadro que esconde o cofre em minha parede. Eu não quero arriscar pegar o material que existe lá dentro, mas preciso pensar.

Sinto que há mais peças faltando nesse quebra-cabeças do que eu tinha suposto. Algumas peças não estão se encaixando como deveriam e, quanto mais eu conheço e convivo com os Novaks de Toledo, mais eu tenho certeza de que não sei de tudo.

Fico aqui parada, olhando para o nada, pensando em como fazer para seguir com meus planos e fazê-los pagar se as dúvidas começam a me assaltar. Não quero fraquejar por causa desse

PERIGOSAS ACHERON

envolvimento com o Nicholas, pois eu prometi a Ana que iria até o fim por ela, mas as coisas estão se mostrando diferentes do que eu pensava que fossem.

Escuto o rangido da escada e sei que Nicholas acordou, por isso espero seus braços me enlaçarem. Quando ele o faz, eu me recosto contra ele, sentindo sua barba roçando em meu pescoço e o calor de sua pele contra a minha.

— Bom dia! — diz ao meu ouvido. — Acordei sem você na cama, senti falta do seu corpo.

— Hum... — Posso sentir sua excitação contra minhas costas. — Animadinho pela manhã, hein?!

— Com você? De manhã, de tarde e de noite!
— Eu rio. — Se formos passar o dia inteiro aqui, à noite você não conseguirá mais sentar.

Eu desfiro um tapa em seu ombro.

— Precisamos fazer algo para que isso não

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteça, então! — Ele faz um som de desânimo. — Se você tivesse trazido roupa, iria te chamar para correr um pouco.

— Não sei se você sabe, *princesa*, mas eu moro de frente para o parque mais famoso da cidade!

Eu viro e o abraço, gostando dessa intimidade, nós dois nus na sala do meu apartamento, trocando carinhos.

— Vamos buscar suas roupas, *príncipe mio!*

Demoramos alguns minutos para chegar até o Castellani e, depois que ele se troca com uma velocidade absurda, vamos correr no Ibirapuera. Entramos pelo portão nove e seguimos em direção à pista de *cooper*. Geralmente, quando venho caminhar, eu faço a trilha de um pouco mais de seis quilômetros, mas Nicholas prefere correr no piso adequado para corrida.

Damos dez voltas, totalizando 15 quilômetros

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corridos. Eu, desde que comecei esse tipo de exercício, nunca o havia feito em parceria, somente a caminhada, quando, às vezes, cruzava com a...

— Ei, Mel! — grita Nicholas, e eu me assusto, pensando se, por acaso, meus pensamentos estão se tornando realidade. — Bom dia!

Mel cumprimenta Nicholas, mas seus olhos não saem de cima de mim, suada e vermelha depois da corrida.

— Mel! — Troco beijinhos com ela, olhando para o Tiger, o nome idiota que ela deu para seu Pug. — Ei, Ti! — Ele abana o seu protótipo de rabo, com aqueles enormes olhos pedindo carinho.

Abaixo-me e coço sua cabeça.

— Nossa! Que surpresa os encontrar aqui! — Ela ainda não consegue parar de me olhar, como se estivesse buscando respostas.

— Viemos correr um pouco, porque a Giovanna perdeu o treino ontem!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mel, como se possível, arregala ainda mais os olhos.

— Perdeu? Hum...

Eu começo a rir de sua expressão, e Nicholas franze o cenho.

— Mel, ele vai achar que somos loucas! Eu aqui, gargalhando como uma hiena, e você com essa cara de paisagem! — Eu o chamo e faço a coisa mais incrível que poderia fazer na vida. — Nós estamos juntos.

Ela abre um enorme sorriso, e ele me abraça.

— Mesmo?! Oh, meu Deus! — Ela, com seu jeito expansivo e sincero de ser, vem participar do nosso abraço, deixando-me completamente constrangida. — Minha melhor amiga e o melhor homem que conheço sobre a face da Terra! Não poderia ser mais perfeito!

Eu rolo os olhos para o sorriso convencido que Nicholas me dá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gio, eu estou te avisando! — Ela aponta o dedo para a minha cara. — Cuide bem do Nick, porque homem igual a esse você nunca mais vai encontrar em três vidas!

— Que exagero, Mel!

— Escuta a sua amiga! — Nicholas me cutuca.

— Se ele é tão bom assim, por que você não o quis para si mesma? — indago de braços cruzados, mas, logo que termino a pergunta, tenho vontade de me matar. Claro que eu sei a resposta: o Frank!

— Ah, eu ainda não estou abrindo creche, não, Giovanna! — ela declara. Nicholas a olha inconformado, e eu gargalho. — Faço quarenta no começo do ano que vem, e esse aí acabou de fazer trinta!

— Tenho 32 anos, Mel, faço 33 em novembro! — ele informa, parecendo bravo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorri para ele, e eu sei que não foi por esse motivo que ela nunca se interessou por ele.

Tiger parece um pouco agitado, e Mel resolve continuar seu caminho, munida de sacos plásticos para resgatar os *presentes* que seu pequeno filhinho deixa para trás.

— Eu não sabia que vocês eram tão amigos assim — comento já fora do parque, na esquina do Castellani.

— Eu te disse que tínhamos amigos em comum. — Olha-me divertido. — Ficou com ciúmes?

— Da Mel? — Rio. — Se ela quisesse, eu te dava de presente para ela.

— Ah, sim... — debocha, e eu paro na calçada, fazendo-o parar junto comigo e o beijo.

— Eu sou muito egoísta, confesso! Detesto dividir meus brinquedos.

Ele dá um tapa na minha bunda.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também nunca gostei de dividir os meus. — Pisca. — Ainda bem que somos dois egoístas, não é?

Seguimos rindo em direção ao apartamento dele, onde ele toma um banho, troca-se e vai comigo de volta ao *loft*.

— Eu preciso pegar minhas correspondências de sexta-feira — aviso-o ao entrar no saguão do prédio. — Minhas correspondências? — peço ao porteiro, que me entrega duas cartas, uma revista e jornais.

Sigo para o elevador e entro junto com um vizinho que mora no andar acima do meu.

— Nem vale a pena pegar isso! — Passo as missivas. — Só propaganda! Não bastam as que vêm pelo e-mail? — Bufo com a quantidade de jornais velhos em minha mão. — Eu não sei o motivo pelo qual ainda assino jornais e revistas, nunca os leio! — Olho para Nicholas, que está de

PERIGOSAS ACHERON

cenho franzido e sério. — O que houve?

Ele balança a cabeça e olha para frente. Chegamos ao nosso andar, ele se despede do homem que segue para o andar superior e, assim que as portas se fecham, segura-me pelo braço.

— Você é assim sempre?

— Assim sempre como? — Não entendo a pergunta, nem compreendo o motivo pelo qual ele parece tão zangado.

— Meu Deus! Você nem percebe? — Ri, balançando a cabeça. — Você é extremamente rude e sem educação com as outras pessoas! Chegou dando ordens ao porteiro, não cumprimentou o homem que seguiu conosco no elevador! Você nem ao menos o olhou, como se ele não fosse nada!

— Não exagere, Nicholas! — Abro a porta para entrar.

— Não estou! — Ele gargalha. — Eles devem te achar a coisa mais nojenta e antipática do

mundo! E sabe o quê? — Eu o encaro. — Eles têm razão!

Bufo de raiva. Eu não sou nojenta, antipática e nem sem educação, eu só não tenho tempo e disposição para interagir com pessoas que apenas passam por mim.

— Giovanna Villazza, tenho certeza de que seus pais não te criaram assim! — Eu sinto meu peito se apertar ao ouvi-lo se referir aos meus pais. — O Tony é um *gentleman*, e o Frank, embora seja um babaca, é educado também.

— Eu sou...

— Qual o nome do seu porteiro? — Eu tento achar a resposta, mas realmente não sei. — Todo mundo sabe o nome do porteiro! Ele é o homem que está lá embaixo todos os dias, que interfona para você, que a ajuda quando você precisa! — Sinto-me constrangida agora. — Caramba! Tudo bem não saber o nome do vizinho, mas um simples PERIGOSAS ACHERON

bom-dia cortês te dói?

— Vai ficar aí fora me passando sermões ou vai entrar? — Decido não demonstrar para ele que suas palavras atingiram o alvo e que eu reconheço que tenho sido uma cadela com os outros.

— Eu deveria ir embora. — Meu coração acelera. — Mas eu acredito que você ainda tem jeito! — Sorri. — Se na próxima vez em que nos encontrarmos com alguém, você não o cumprimentar, eu juro, Giovanna, sua bunda vai ficar vermelha!

Eu arregalo os olhos diante da ameaça, embora tenha ficado excitada com a cena.

— Você não ousaria....

Ele me arrasta para dentro, colocando-me de novo sobre seus ombros e só para quando chega ao meu sofá. Senta-se comigo ainda em seu colo e me põe deitada de barriga para baixo sobre suas pernas.

— Nicholas!

Ele não escuta meu grito de indignação e simplesmente abaixa minha calça de ginástica juntamente com a calcinha e desfere um tapa bem doído em minha nádega.

— Não duvide de que eu o faça — avisa ofegante, massageando a área avermelhada.

Eu estou trêmula, arfante e não consigo articular nenhuma palavra. Meu traseiro arde, estou indignada com a atitude dele, mas, acima de tudo, estou completamente molhada, excitada e inconformada por estar assim. *Mas que merda é essa?!*

Ele me põe de pé e me abraça. Sua cabeça está contra meu ventre, e eu passo os dedos pelos seus cabelos.

— Me desculpe! Eu não tinha o direito, mas...

Eu olho para sua calça jeans e consigo ver que ele está tão excitado quanto eu. Ajoelho-me e

PERIGOSAS ACHERON

sorrio para ele com a mão já abrindo seu zíper e tirando aquele membro perfeitamente reto e duro para recebê-lo em minha boca.

— Não faça mais isso! — eu alerto deitada em seu colo no tapete do chão da sala. — Não sem minha permissão.

Ele ri, acariciando minhas costas.

— Gostou de tomar umas porradinhas, não é, *princesa*?

— Por que você me chama por esse apelido? Ninguém mais o usa!

— Combina com você. — Ele me beija sobre as pálpebras. — Para mim, você é e sempre será uma princesa!

Eu sorrio com o coração retumbando.

— Só espero que seja menos mal-educada

PERIGOSAS ACHERON

daqui para frente! — Pisca para mim com seu sorriso que ilumina os olhos.

— Vou tentar! — Ele faz careta. — *Va bene! Giuro!*

Ganho um beijo especial por isso, na pontinha do nariz.

— Precisamos almoçar! Vamos sair?

— Não. Não quero ter que te dividir com mais ninguém! Vamos pedir algo!

Concordamos e pedimos *gnocche bolognese* para ele e *lasagne di melanzane* para mim. Mais uma vez, degustamos um vinho do tio Pepino — eu preciso renovar meu estoque quando for para a Itália novamente —, e de sobremesa, eu comi uma goiaba, e ele tomou sorvete.

— Eu como doces nos finais de semana, por que você não come?

— Eu comi semana passada, na festa do Bê — lembro-o. — Eu não posso abusar, porque,
PERIGOSAS ACHERON

quando criança, tinha compulsão por doces.

Ele ri.

— Lá em casa, somos todos como formigas!
— Eu fico séria, pois, às vezes, esqueço-me de quem ele é, a que família pertence. — Eu sou o único mais controlado, mas o restante...

Eu forço um sorriso, mas ele percebe.

— O que houve? — Bufa e me encara. — Qual é o seu problema com a minha família, Giovanna?!

Meu coração parece saltar ao ouvir essa pergunta.

— Nenhum! — respondo automaticamente, levando nossa louça suja para a pia.

— Eu sei que há algo! Há algum tempo, venho observando seu jeito. — Sinto seus braços me enlaçarem. — Acho que chegou a hora de você se abrir comigo!

— Não é nada. — Balanço a cabeça e uso a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

única desculpa plausível que tenho à mão. — Eu ainda fico constrangida por causa do Bê.

— Quando eu liguei ontem, foi ele quem atendeu. — Dá de ombros, já esquecendo seus questionamentos. — Eu subestimei o que ele sente por você, parece que vai levar um tempo... mas ele supera!

Eu realmente sinto arrependimento por ter brincado com os sentimentos do Bernardo. Eu aprendi a gostar dele como amigo, como uma pessoa para cima, do bem e não queria deixá-lo dessa forma, mesmo sabendo que, quando eu concluir meus planos, ele ficará bem pior.

— Não quero causar problemas entre vocês!

Ele me abraça mais forte.

— Você não vai! — Beija meu pescoço, e eu já sinto meu corpo derreter por ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVII

Nicholas

Sinto algo frio e pontudo passando pelo meu corpo e me mexo para espantar o que quer que seja, mas *a coisa* continua sobre minha pele, deslizando devagar, fazendo curvas, rabiscando... *rabiscando*?

Abro os olhos e vejo o armário de venezianas brancas do quarto de Giovanna. O que incomodou meu sono cessou, mas já não sinto o corpo quente dela perto do meu. Olho para o lado e a vejo ajoelhada na cama. Estico o braço para tocá-la, mas ela se afasta.

— Não se mexa! — repreende-me. — Já estou quase acabando.

Acabando o quê? Sinto, mais uma vez, a sensação de algo sendo arrastado sobre a minha pele, bem no meio das minhas costas, entre as

PERIGOSAS ACHERON

escápulas.

Mais uma vez, Giovanna me intriga com o suspense do que está aprontando em mim. Tem sido assim desde que nossa história começou, há três semanas.

Eu relaxo para me lembrar desses 21 dias em que estamos juntos. A princípio, foi por sexo, química, mas quanto mais o tempo passa, mais sinto que estamos nos aproximando profundamente um do outro.

Minha *princesa* se mostrou ser, além de ardente na cama, uma ótima companhia e companheira.

Depois do final de semana que passamos juntos, nós nos falamos todos os dias ao telefone e dormimos juntos três vezes durante a semana. Quando chegou mais uma sexta-feira, fomos ao Theatro Municipal assistir a uma apresentação de balé. Giovanna disfarçou, mas eu vi lágrimas em

PERIGOSAS ACHERON

seus olhos.

Depois do balé, nós jantamos em um restaurante de um amigo meu, Pierre, que teve de se desdobrar para fazer algo em sua cozinha francesa para uma mulher com uma alimentação tão restrita quanto Giovanna.

No sábado de manhã, assisti ao seu treino de artes marciais mistas e vi o quanto ela leva jeito para o boxe. Depois disso, fomos até a casa dos meus pais e não encontramos Bernardo, muito embora a Carol estivesse por lá com sua mãe.

Lembro que estávamos todos à mesa, almoçando, quando surgiu o assunto sobre a campanha do meu pai ao governo do estado.

— O Bê me disse que sua campanha será baseada no trabalho, em como se é possível ir longe com a força de um homem trabalhador.

Gilberto sorriu para Giovanna e concordou.

— Meus marqueteiros acham que é um bom

slogan. — Ele sorriu para ela com seu jeito carismático. — Você, que é publicitária, acha que isso vende bem o meu peixe?

— Não sou especializada em marketing de campanha. — Eu não gostei da forma como ela falou com meu pai, mas entendi que ela só estava sendo honesta. — Vão se basear no seu caminho até a presidência da Novak?

— Provavelmente — meu pai foi reticente. — Eu não nasci rico, pelo contrário. Venho de uma cidade rural do Rio Grande do Sul e, graças a uma bolsa de estudos, fiz faculdade aqui em São Paulo. Entrei na Novak como estagiário, depois fui efetivado e, com muito trabalho, sim, eu cheguei aonde cheguei. — Ele respirou fundo. — Isso não é para comover ninguém a votar em mim, mas é para mostrar que, indo à luta, é possível vencer na vida.

— Ter um pouco de sorte também ajuda, não é? — ela rebateu, e Gil franziu o cenho.

— Não é sorte, Giovanna. É trabalho!

— Mas o senhor há de convir que existem muitos trabalhadores que dão o sangue, que batalham todos os dias, mas nem todos chegam à presidência de uma empresa do porte da Novak.

Eu olhei para ela como se não a estivesse reconhecendo, pois, ao que parecia, ela estava insinuando que meu pai crescera por outros motivos.

O clima ficou pesado, e um silêncio se instalou na sala de jantar, mas ela sorriu.

— Senhor Gilberto, vai precisar enfrentar esse tipo de questionamento da mídia. — Ela parecia descontraída. — Posso não entender de marketing político, mas entendo um pouco do que vende jornal: escândalo e fofoca. — Gil sorriu para ela com os olhos brilhando. — Eles vão insinuar muito mais do que eu fiz, eles vão espremer você, revirar seus esqueletos no armário e querer saber

até o nome de sua trisavó!

Ele gargalhou, e eu peguei sua mão, entendendo o que ela fez.

— Eu ainda tenho tempo para montar minha defesa, Gio — meu pai disse. — Mas foi um bom teste!

— Sim, foi. — Ela suspirou. — O que o senhor precisa ter em mente é que, por mais que eles cavem e achem seu ponto fraco, aquele segredo que só o senhor sabe, tem de negar até a morte.

— Gil não tem segredos! — minha mãe lhe informou. — Tenho certeza de que eles só terão motivos para elogiá-lo!

Meu pai não respondeu nada, remexendo em sua comida sem olhar para nenhum de nós enquanto Giovanna seguia conversando com minha mãe.

Eu perdi uns bons minutos observando-o,
PERIGOSAS ACHERON

achando estranha sua reação ante o que Giovanna falara, até que ele se desculpou, dizendo que precisava enviar uma documentação para o partido e saiu da mesa, deixando seu prato praticamente intocado.

Mais tarde, o clima ficou bem mais ameno, pois Gil e Sandra estavam conversando sobre Brasília enquanto minha mãe e Giovanna jogavam uma partida de tênis na quadra oficial, de grama, que há na casa do Cidade Jardim.

Carol, que seria minha oponente, estava sentada ao meu lado, observando o jogo das duas.

— Não achou estranha aquela conversa lá na mesa?

Eu neguei e continuei assistindo a Giovanna, que é canhota, jogar contra dona Cecília.

— Eu, às vezes, sinto que ela é um tanto dissimulada — Carol continuou, e eu a encarei. — Não sei, mas acho que, com certeza, não é mulher

para você.

Eu quase ri ao ouvi-la dizer isso, mas me contive, porque eu sempre escuto suas opiniões sobre as mulheres com quem me relaciono.

— Baseada no que você constatou isso, Carol?

— Eu a vi com o Bê lá no Guarujá, e não me parecia que eles tinham só amizade. Alicinha me contou que eles estavam se beijando na boate na noite em que saíram para comemorar a virada de idade do seu irmão.

Eu retive o fôlego ao ouvir aquilo. Não confio nem um pouco nas fofocas de Alicinha, mas se Carol estava me contando, era porque ela sabia ser verdade.

— O Bernardo confirmou?

Ela assentiu, e eu crispei a mão de raiva ao imaginar que eles tinham ido além da amizade e Giovanna não me dissera.

— Ele estava bem chateado na semana passada quando me contou. Disse que ela, o tempo todo, lhe deu esperança e que pediu para que ele esperasse ela se restaurar de um relacionamento complicado do qual tinha saído.

Relacionamento complicado? Olhei para Giovanna tentando entender por que ela não me dissera nada daquilo.

— Você não acha estranho ela primeiro sair com seu irmão e, de repente, começar a sair com você? — Ela balançou a cabeça. — Eu não deveria nem estar me metendo, mas eu o tenho como meu melhor amigo e fico preocupada.

Eu entendi e sorri para ela, agradecido pela amizade.

— Eu acho que ela não é a mulher ideal para você e, antes que vocês fiquem ainda mais sérios, acho que você deveria se afastar. — Deu de ombros. — Eu ouvi histórias horríveis sobre ela!

Disseram-me que ela é um dragão no trabalho e que não se dá bem nem com os sócios, pois comprou metade da agência, é majoritária e, depois disso, eles só fazem o que ela permite.

Eu estranhei a informação, porque Giovanna já havia me falado sobre Tom e Lori, inclusive nós tínhamos um jantar marcado na casa dos dois.

— Deve ser fofoca, Carol! Não se preocupe com isso!

— Não é não. — Respirou fundo. — Foi o próprio sócio quem disse isso, que ela os obrigou a vender, praticamente.

— Qual deles? — Será que eles falavam mal dela pelas costas?

— Um tal de Lorival. — Deu de ombros. — Foi a namorada dele quem contou para essa minha conhecida.

Namorada? Gargalhei, pensando em quão ingênua Carol era por acreditar nas conversas dos

PERIGOSAS ACHERON

outros.

— O homem é gay, Carol! Casado de papel passado com o outro sócio!

Ela arregalou os olhos e ficou rubra.

— Ai, que feio o que falei! Será que esse pessoal se diverte contando mentiras por aí?! — Ela ficou muito sem graça. — Desculpe-me por ter lhe contado fofoca!

Eu balancei a cabeça, sorrindo, sabendo que ela não fizera por mal.

Tempos depois, ela voltou a conversar sobre Giovanna.

— Vocês estão tão sérios assim? Conhecem já os detalhes da vida um do outro! Não acha que está indo mais rápido que o normal?

— Não. Não acho. — Ela assentiu e olhou para o outro lado. — Carol, eu gosto dela. — Minha amiga ainda não me olhava. — Não sei se vai ser mais que isso, mas posso afirmar que é mais

do que já senti pelas outras que passaram pela minha vida.

— Ainda acho cedo demais para você saber...

— Quem sabe quando um sentimento pode nascer? Existe tempo determinado para isso na ciência? — Ela não respondeu. — Se vai ou não continuar, só tempo dirá.

O jogo na quadra tinha acabado, e nós fomos jogar.

Depois desse dia, eu preferi não comentar com Giovanna sobre minha conversa com Carol, nem mesmo sobre o tal dia da boate e dos beijos que, supostamente, ela e meu irmão trocaram.

Mais uma semana se passou e, na quinta-feira, nós fomos jantar no apartamento do casal de amigos dela. Lori e Tom eram divertidos, e eu constateei pessoalmente que tudo o que falaram para Carol era mentira, porque, de verdade, os dois amavam Giovanna e eram muito gratos a ela pelo

investimento feito na agência.

Outro final de semana chegou, o terceiro que nós passávamos juntos, e eu a convidei para ir comigo até o haras em Boituva, porém, eu tive um compromisso de trabalho de última hora e acabamos passando os dias aqui em São Paulo e, enquanto eu ia para a empresa, ela ficava no meu apartamento com a Sônia, com quem fez amizade e de quem se tornou queridinha.

Minha funcionária puxa tanto o saco dela que começou a praticar a comida vegetariana, ou quase, a fim de cozinhar para minha *namorada*. Sim, Sônia insiste em falar dela como sendo minha namorada. É: “Nicholas, sua namorada vem hoje? Aprendi a fazer panqueca de folhas de uva com tofu”, “Nicholas, sua namorada isso, sua namorada aquilo”.

Eu só rio, achando engraçado o fato de que, na primeira vez em que se encontraram, Sônia não

PERIGOSAS ACHERON

gostou dela nem um pouco.

Quando finalmente o assunto do beijo entre meu irmão e Giovanna surgiu, há dois dias, ela me lembrou da noite em que eu a encontrei chorando na edícula e também de sua conversa com Bernardo na manhã seguinte. Meu irmão, bêbado, beijara-a, e ela ficara chateada, mas eles depois fizeram as pazes.

A cada dia que se passa, eu me sinto mais envolvido com Gio, e ela comigo. A sensação que tive desde o baile da FIN passou, pois minha família se dá muito bem com Giovanna, inclusive ela parece ter profundo apreço por minha mãe.

Volto à realidade quando a sinto soprar minhas costas como se estivesse secando algo.

— Você desenhou em mim? — pergunto.

Ela só emite um som concordando e continua a soprar.

Um sorriso se instala em minha boca, pois sei

PERIGOSAS ACHERON

que Giovanna ama desenhar, inclusive é muito talentosa nisso. Num desses dias em que eu fiquei no *loft* com ela, precisei de uma caneta e mexi em sua mesa de trabalho. Ela apareceu correndo, desesperada e me explicou que, naquela mesa, estavam seus tesouros e que, como ela mesma me avisara, sentia muitos ciúmes de suas coisas.

Eu olhei para os papéis e pastas empilhados ordeiramente sobre o tampo da mesa e não vi nada demais. Então ela me mostrou seus desenhos, sua maleta com *zilhões* de lápis de cor, aquarelas e tintas e, mais tarde, quando eu disse o quanto ela era talentosa, mostrou-me umas gravuras guardadas em canudos e embrulhadas em papel de seda, feitos pela falecida esposa do Tony Villazza.

Eu sabia que o Tony era viúvo, mas não tinha os detalhes da história que Gio me contou em lágrimas. Ao que me parece, Margie não era somente sua cunhada, era como sua própria irmã.

Ela me dá um tapinha nas costas, trazendo-me de volta ao presente.

— Está pronto! — informa animada. — Não é minha especialidade, por isso demorei, mas acho que ficou bom!

Eu me levanto e vou até o espelho onde ela se maquia. Giovanna aparece, vinda do banheiro com outro espelho na mão e se posiciona, de modo que eu possa ver sua *arte* em minhas costas.

— É um cavalo? — inquiri já sorrindo. — Caramba! Ficou lindo!

O cavalo, feito com linhas e designer de uma tribal, é negro, e sua crina parece esvoaçar ao vento.

Eu não tenho tatuagens, pois nunca vi alguma que me inspirasse, mas este desenho com certeza é perfeito para eu eternizar no corpo.

— Daqui a pouco, seu corpo vai começar a absorver a tinta, e o desenho vai borrar inteiro,

PERIGOSAS ACHERON

então aproveite enquanto pode!

— Pegue meu celular, por favor! — Ela estranha, mas faz o que eu peço. — Tire uma foto, porque, assim, mesmo depois de ter borrado, eu vou me lembrar dele.

Ela sorri e tira a foto de minhas costas.

Eu lamento que minha câmera profissional não esteja aqui, porque, quando eu levasse a foto ao tatuador, ele teria muito mais detalhes para se basear, mas eu espero que a que ela tirou com o celular dê para ele reproduzir.

Eu a beijo, agradecendo o presente, e a levo para a cama mais uma vez.

Capítulo XVIII

Giovanna

Essa situação está fora de controle!

Eu nunca imaginei que me sentiria assim ao lado de Nicholas, nunca poderia imaginar que, em tão pouco tempo, iria aprender a gostar dos momentos em que estamos juntos mesmo sem o sexo.

Isso não foi planejado, mas, sim, está acontecendo, e eu fico cada vez mais nervosa ao sentir isso. Não era para acontecer dessa forma! Nicholas tinha que ser apenas uma forma de eu conseguir chegar até a Novak, de conseguir provas e de fazê-los pagar por todo o mal que fizeram.

Porém, em nenhum momento dessas três semanas em que estamos juntos, eu pensei na vingança, nem mesmo quando Klaus entrou em PERIGOSAS ACHERON

contato com novos documentos sobre *eles*.

A cada vez em que estamos juntos, eu consigo sentir a felicidade e a segurança que sentia antes de tudo mudar em minha vida. Nicholas me faz bem, essa é a verdade! Ele se mostrou um homem tão especial, tão diferente de todos que eu já conheci, até mesmo dos meus irmãos. É um homem de negócios, embora sinto que não gosta de ser, mas é divertido, humano e muito, muito companheiro.

E, além de todas essas qualidades, ele é um verdadeiro perito na cama. Conhece meu corpo como se fosse um livro, sabe ler minhas reações, sabe onde e como tocar, sente o momento exato em que me enlouquece e gosta disso.

Quando estamos juntos, é difícil ter sua boca longe de mim, seja dos meus lábios ou de qualquer outra parte do meu corpo. Embora seja um homem certinho demais, politicamente correto, envolvido

PERIGOSAS ACHERON

com causas sociais, ele é um verdadeiro bandido na cama.

Sorrio ao pensar na contradição disso. Quem o conhece no cotidiano, nunca pode supor que ele, na intimidade, seja tão desavergonhado, tão bruto, tão perverso.

Com ele, nesses dias, eu tenho experimentado coisas que nunca sonhei que pudessem ser feitas. Nicholas é carinhoso comigo, mas não na cama. Depois do dia em que ele me chamou de mal-educada, deu-me uns tapinhas no bumbum e percebeu que eu gostei, um monstro foi criado. Não no sentido literal, mas um monstro que me ensinou a explorar mais do meu corpo, mais do seu próprio corpo e ter um prazer tão intenso a ponto de deixar de respirar.

E, não, ele não precisa de chicotes, cordas, mordanças e algemas. É apenas o jeito como ele conduz nossa relação, apenas seu tom de voz, seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toque e a maneira como me pega. Eu estou completamente deslumbrada!

Quem poderia dizer que Nicholas Smythe-Fox, com aquela cara de anjo e sua fama de bom moço, fosse desse jeito na hora do sexo?! Uma grata surpresa, e é toda minha!

Eu comecei a perceber que as coisas estavam saindo do meu controle já no primeiro final de semana que passamos como casal, na casa de seus pais. Eu odiei cada momento em que o vi conversando com Caroline Nogueira, a *mosca morta* que, eu tenho certeza, só se *finge* de morta.

Antes do almoço, tive de escutar várias alfinetadas da moça, principalmente quando ela contou *casualmente* a predileção de Nicholas por mulheres de cabelos escuros. Inclusive, a dissimulada insinuou que houve mais do que simples amizade entre minha cunhada Isabella e o Nick.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo me fez ferver por dentro, pois sei que Nicholas tem uma enorme implicância com meu irmão mais velho e vice-versa. Então aquela pulguinha ficou atrás de minha orelha, fiquei me perguntando o quanto Nick se envolveu com a Bella do Frank e se ele só estava comigo para, de alguma forma, provocar meu irmão.

Durante o almoço, acabei quase cometendo uma gafe ao questionar Gilberto sobre seu passado. Eu simplesmente não podia engolir aquele papel de bom homem que ele fazia. O trabalhador que vencera na vida através de muito esforço, pois sim! Ele teve sorte! Porém, não uma sorte qualquer, mas sim uma chamada Cecília Novak. Um homem que, entrando como estagiário numa empresa, depois de efetivado como funcionário, chega ao cargo de diretor em menos de dez anos? Onde mais isso foi visto acontecer? Claro, ele se casou com a única herdeira!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu senti meu sangue ferver ao ouvi-lo falar muito tranquilamente de sua terra natal, como se ele não tivesse feito o que fez por lá. Ou o homem é um ótimo ator, ou, como eu sempre suspeitei, não tem consciência.

Consegui emendar a situação a tempo, mas, durante o momento em que fiquei conversando com dona Cecília, senti que ele parecia distante, remexendo em sua comida e não demorou muito a se retirar da mesa.

Passados aqueles dias, Nicholas dormiu no *loft* comigo algumas vezes durante a semana, ele me surpreendeu quando me levou ao Municipal, e vimos uma belíssima apresentação de balé.

Eu evitei, durante os anos em que estive aqui nesta cidade, pensar em ir até o teatro. Ver as bailarinas no palco desperta muita sensibilidade em mim, e tudo o que eu não preciso é ser sensível, porque, senão, irei desmoronar novamente.

PERIGOSAS ACHERON

E foi isso que aconteceu. Eu tentei evitar as lágrimas, mas elas queimavam meus olhos, e havia um nó em minha garganta. Eu sinto falta de dançar! A atividade física da luta é incrível, principalmente para o meu corpo, mas não me proporciona o prazer que a dança me dava. Eu comecei a praticar o MMA apenas para extravasar a energia contida que não me deixava dormir. Era o exercício ou um ansiolítico pesado.

Depois do balé, fomos ao restaurante de Pierre Gautami, na cobertura de um prédio bem no meio da Paulista. A vista era impressionante, e a comida, divina! Não aguentamos chegar a casa e acabamos fazendo amor dentro do carro de novo.

Droga! Eu não consigo mais pensar em outra definição para o que está rolando entre nós do que *amor*. Como isso é possível? Como é possível eu estar me apaixonando por um homem pelo qual ainda sinto mágoa? Como é possível eu ter me

PERIGOSAS ACHERON

apegado a Cecília e sentir, quando estou com ela, como me sinto perto de minha própria mãe?

E o Bernardo... Deus! Eu aprendi a amar o Bê!

Eu tento desviar meus pensamentos disso, sabendo que, quando eu tiver que seguir em frente com o plano, não sentirei mais o gosto da revanche como antes. Não, esse plano se voltou contra mim! Eu não posso desistir de tudo agora, não quando finalmente tenho provas em mãos capazes de destruir a Novak.

Olho para o quadro que esconde meu cofre e sinto minha consciência doer com o que fiz na semana passada.

Nicholas e eu fizemos planos de ir até o famoso haras que ele comprou em Boituva, a alguns quilômetros da capital, para o qual Mel Boldani fez os projetos da casa e dos locais de trabalho, como baias, sala veterinária, galpões de

PERIGOSAS ACHERON

suprimentos, entre outros.

No entanto, ocorreu uma emergência na Novak Saneamento, uma das subsidiárias da holding, e Nicholas teve de ir várias vezes durante o final de semana até a empresa.

Quando ele sugeriu que eu ficasse na cobertura, eu resisti, mas, depois, sabendo da oportunidade que teria de estar lá sozinha, embora Sônia residisse no local, pensei que era bom demais para deixar passar.

E foi assim que eu consegui o que, durante anos, sonhei em ter nas mãos. Eu fecho os olhos, lembrando-me daquele dia.

— Sônia tem treinado essas receitas que você gosta — ele me disse enquanto esperávamos o helicóptero pousar. — Seria legal se você, mesmo não gostando de tudo, a incentivasse, porque ela ficou a semana toda colhendo receitas vegetarianas.

Eu sorri com a preocupação dele com sua

PERIGOSAS ACHERON

funcionária, sabendo que ele é assim com todos à sua volta.

— Pode deixar. — Vimos a aeronave se aproximando, e eu aproveitei para beijá-lo mais uma vez. — Não demore muito!

— Vou tentar! — Fez careta. — Vamos consertar a merda que o pessoal do Saneamento fez!

Eu gargalhei enquanto ele entrava no elevador. Nicholas sempre consegue fazer piada com tudo, inclusive em momentos como aquele, quando os engenheiros responsáveis pela construção de uma enorme ETE — estação de tratamento de esgoto, no sul do país — conseguiram errar na execução de um dos projetos. Eles literalmente fizeram *merda*!

Eu desci para o apartamento e encontrei Sônia na cozinha fazendo uma receita de macarronada verde. Eu fiquei por lá, com ela,

PERIGOSAS ACHERON

ajudando-a no que eu podia, como lavar e descascar legumes, e ela, depois, até me ensinou a passar um café.

Quando, por fim, ela foi para a pia a fim de lavar a louça do almoço, eu usei a desculpa da sesta para poder ir para o quarto de Nicholas e ficar lá. Antes de começar a procurar por documentos, eu mandei uma mensagem para ele, que me respondeu que ainda iria demorar.

Eu olhei em cada canto daquele quarto. Em cada gaveta, prateleira, fenda. Olhei dentro de caixas, no meio de suas fotografias e não achei nada. Mudei de cômodo e, no escritório, a busca foi tão vã quanto a do quarto.

Contudo, depois de ter desistido de achar algo, eu percebi um envelope enfiado entre dois livros na estante da biblioteca. Porém, quando fui pegá-lo, escutei a voz de Nicholas e, rapidamente, tirei um livro bem longe do local onde estava o

objeto escondido e me sentei numa poltrona, fingindo ler.

— Oi! Estou de volta! — ele cumprimentou, parado à porta da biblioteca.

— Ei! Que bom! — Abracei-o. — Nem vi o tempo passar! — Apontei para o livro.

— Estou morto, o pessoal lá fez muita burrice! Eu quase pedi para conferirem a autenticidade do diploma daqueles filhos da puta! — Ele estava realmente muito nervoso.

— Vem comigo! — Puxei-o para fora do cômodo. — Eu sei exatamente do que você precisa.

Fomos para o quarto, e eu enchi a banheira de hidromassagem enquanto ele se despia. Entrei e o chamei para se sentar entre minhas pernas. Nicholas se recostou no meu peito, e eu, enquanto o banhava, ia fazendo massagem em seus ombros.

Depois do banho, fizemos um sexo extraordinário e adormecemos. Eu acordei de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

madrugada, depois de um sono confuso, e segui até o local onde o envelope estava. Peguei-o com cuidado e mal pude acreditar em meus olhos quando vi do que se tratava.

Propina! Sim, uma planilha detalhada com nomes e pagamentos feitos na época em que Gilberto era o diretor da Novak. Aquele documento, se caísse nas mãos de Alberto Moraes, o juiz que estava fazendo uma verdadeira caça aos corruptos no país, seria a ruína daquela família.

Eu fotografei um a um os documentos, enviei-os a um servidor seguro e depois excluí as fotos do meu celular. Retornei para a cama sem fazer muito barulho, mas ele acabou acordando.

— Perdeu o sono? — indagou-me sonolento, seus cabelos levemente embaraçados e os olhos azuis apertados.

— Não estava me sentindo bem, então fui até a cozinha tomar água.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele passou o braço pela minha cintura, abraçando-me forte.

Eu dormi chorando em silêncio ao seu lado, sabendo que, quando aquelas provas fossem entregues, eu o perderia para sempre.

Na segunda-feira, eu imprimi as fotos, guardei-as dentro do cofre e mandei uma mensagem para Klaus.

Consegui provas para a ruína da Novak. Precisamos nos ver.

Ele me retornou quase instantaneamente, mas eu disse que preferia conversar pessoalmente com ele, que estava na região Sul, e nós marcamos o encontro para dali a duas semanas.

No dia seguinte, encontrei-me com Nicholas, e acabamos tendo nossa primeira discussão, pois, ao que parecia, Alicinha contara a ele sobre o PERIGOSAS ACHERON

episódio da boate na madrugada do aniversário do Bernardo, e eu tive de esclarecer o que ocorreu e o lembrei de quando ele me viu chorando na edícula.

Levanto-me do sofá e vou até minha mesa de trabalho, onde começo a desenhar. No meio do desenho de um cavalo, tenho uma ideia e, aproveitando que Nicholas ainda está dormindo, pego meu material de pintura e subo para o meu quarto.

Nicholas dorme de bruços, todo espalhado no colchão, posição perfeita para eu fazer o que quero. Separo tinta à base d'água e começo a desenhar em suas costas.

Minutos depois, ele acorda e tenta abraçar minhas pernas.

Eu rio, repreendendo-o, pedindo que se mantenha quieto, e ele, ao que parece, volta a dormir.

Concentro-me para fazer o sombreamento,
PERIGOSAS ACHERON

bem como o efeito da crina esvoaçada e, por fim, finalizo o desenho e começo a soprá-lo.

— Você desenhou em mim? — ele me questiona.

Eu abro um sorriso e concordo, continuando a soprá-lo. Olho, orgulhosa, para o desenho, pensando na reação dele. É um cavalo, embora seja feito no estilo tribal. Nicholas não possui nenhuma tatuagem, e eu achei que o cavalo ficaria bem nele, pois, verdadeiramente, acho que é o animal que ele mais ama no mundo.

O desenho não vai durar muito, mas eu nunca mais vou esquecer desse dia, sabendo que, de alguma forma, eu o marquei, deixei meus traços nele e vou me lembrar da sensação que tive a cada pincelada. Acho que esse desenho é uma forma não dita de lhe falar o quanto ele se tornou importante para mim. Nicholas sabe o quanto eu aprecio pintar, o que os desenhos significam para mim, pois

PERIGOSAS ACHERON

eles eram minha ligação com a Margie.

Eu dou um tapinha em suas costas.

— Está pronto! — digo animada. — Não é minha especialidade, por isso demorei, mas acho que ficou bom!

Ele se levanta e segue até minha penteadeira. Eu vou ao banheiro buscar outro espelho para que ele possa ver melhor o desenho e não tenha de se virar olhando para trás. Ele fica de costas para mim, e me posiciono de modo que o reflexo do espelho que eu seguro apareça para ele no do móvel.

— É um cavalo? — Ele tem um enorme sorriso, e seus olhos brilham. Meu coração dispara, e sinto uma emoção que nunca senti antes. — Caramba! Ficou lindo!

— Daqui a pouco seu corpo vai começar a absorver a tinta, e o desenho vai borrar inteiro, então aproveite enquanto pode! — Acho melhor avisá-lo, pois vai que ele fique com medo de isso

nunca sair. Não sei o motivo pelo qual ele nunca tatuou seu corpo, mas eu quero deixar claro para ele que esse desenho não é permanente, assim como a nossa relação, infelizmente.

— Pegue meu celular, por favor! — Eu estranho o pedido, mas faço o que me pede, deixando o espelho no chão, encostado na parede. — Tire uma foto, porque, assim, mesmo depois de ter borrado, eu vou me lembrar dele.

Meu coração se enche de alegria por ele ter gostado de verdade do desenho. Eu tiro não uma, mas várias fotos em seu celular e, em troca, ele me beija, agradecendo pelo presente e me carrega em seu colo para a cama.

— Já está com tudo pronto? — Lori enfia a cabeça para dentro de minha sala, perguntando-me

isso do corredor.

— Meu Deus, homem, entre e feche a porta!
— Eu gargalho, já imaginando que todos os nossos funcionários devem estar sabendo que eu estou *namorando*.

Sim! Eu estou namorando Nicholas Smythe-Fox oficialmente desde ontem, depois que *tatuei* um cavalo em suas costas. Eu ainda acho loucura ter aceitado esse namoro, pois, em uma semana, eu entregaria as fotos que causariam o maior escândalo jamais visto na Novak e em sua família.

— Eu quero ver o que você colocou nessa mala! — Ele rodeia minha bagagem. — Não está lhe parecendo muito pequena para um fim de semana?

Eu reviro os olhos. Lori é o exagero em pessoa! Tom sempre reclama que tem de pagar taxa extra por excesso de peso quando eles viajam.

— Tem tudo o que eu preciso aí dentro, Lori!

— respondo, afastando suas mãos do fecho da mala. — Não vai bisbilhotar, não!

— Estraga-prazeres! — Ele sorri divertido. — Eu espero que você tenha colocado alguns jeans bem apertados, camisas xadrez e botas! Mas nada muito comportado...

— Lori, é apenas um haras a uma hora de viagem daqui! Não vou para o Texas, muito menos participar de um rodeio!

— Com um *touro* daqueles? — Ele se abana. — Duvido que eu não aguentaria mais de oito segundos montado nele.

— Lori! — Eu gargalho com sua comparação.

Desde que eles foram apresentados em um jantar provido pelos meus sócios, em seu apartamento, Lori está deslumbrado com o Nicholas. Primeiro, o achou muito bonito, mas do tipo mauricinho. Depois, quando o conheceu

PERIGOSAS ACHERON

melhor e viu a mudança que ele operou em mim, deixando-me mais relaxada, fazendo-me trabalhar menos e ser mais atenciosa com os outros — o que me fez perceber que realmente, com minha correria e com minha obsessão por conseguir uma ligação com a FIN, eu era uma mal-educada —, endeusou-o e se tornou seu maior fã.

— Aproveite essa pequena pausa e curta muito a companhia dele, Gio. Depois dos anos em que você trabalhou como uma louca aqui nessa agência, você mais do que merecia ser recompensada com um homem que te ama.

Meu coração dá um salto.

— Ei, Lori, vamos com calma! — Eu rio nervosa. — Estamos juntos há menos de um mês. Ainda estamos nos conhecendo...

— Pela Santa Marilyn, Giovanna! — Ele pega minha mão. — Querida, quando vocês dois estão juntos, eu posso ver os corações flutuando em

PERIGOSAS ACHERON

volta.

— Lori... — Eu não consigo negar, não para ele. — Eu estou apavorada, Lori! — Desabo. — Eu não sei o que fazer!

Ele me abraça.

— Oh, meu bem. Não fique assim! — Passa a mão em meus cabelos. — Tenho certeza de que aquele homem sente o mesmo por você.

Sim! Eu acho que sim, e é esse o problema! Apaixonar-me por Nicholas foi um erro de cálculo, mas deixá-lo se apaixonar por mim foi pura maldade de minha parte, embora não o tenha feito intencionalmente. Apenas aconteceu. Contra todas as probabilidades, aconteceu.

Fabi bate à porta, e eu enxugo as minhas lágrimas, afastando-me de Lori.

— Gio, há alguém procurando por você lá na recepção. — Ela olha seu iPad. — Nicholas Smythe.

Lori abre um sorriso do tamanho do universo, e eu me surpreendo, pois combinamos de nos encontrar depois do meu expediente, e ainda faltam muitas horas para meu dia de trabalho terminar.

— Deixe-o entrar, Fabi — é Lori quem fala.
— E não babe em cima do homem, pois ele é propriedade da Gio!

Fabi fica vermelha e sai da sala.

— Sabia que ele viria? — Eu nego com a cabeça, e ele se senta em uma das cadeiras da minha sala. — Hum, vou assistir a essa surpresa de camarote para depois contar tudo ao Tom.

Eu reviro os olhos e estou prestes a chamá-lo de fofoqueiro quando vejo Nicholas vir andando pelo corredor do salão, passando por entre as estações de trabalho.

Como se fosse possível, ele está ainda mais bonito que o normal, usando jeans e uma malha de lã cinza agarrada aos seus músculos. Lori se põe de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pé para olhá-lo também e assovia baixinho.

— Olha só a reação que ele causa! — Aponta para umas meninas que ficam no fundo da sala, de pé, literalmente se esticando para vê-lo. — Minha Santa Marilyn!

Eu dou um soquinho nele, que desata a rir.

— É aqui — Fabi lhe indica minha porta, mas, por causa das paredes de vidro, ele já me olha com um sorriso no olhar.

— Obrigado! — Ele sorri para Fabi, que abaixa os olhos constrangida e depois me olha. Maldito Lori!

— Senhor Sandler! — Nicholas cumprimenta Lori. — Que prazer em revê-lo!

— É Lori para os amigos — ele diz, apertando a mão de Nicholas de volta. — E, creia-me, o prazer é todo meu! — Nick fica constrangido. — Deixou minhas funcionárias mais felizes hoje!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lori... — eu começo a repreendê-lo, mas o danado gargalha e se despede, deixando-nos a sós.

— Oi! — ele me cumprimenta de longe com um sorriso iluminador.

— Aconteceu algo? Tínhamos combinado de...

Nicholas me beija aqui, com todas essas persianas abertas e com todos do salão nos vendo.

— Eu senti saudade! É horrível estar de folga enquanto você está presa aqui.

— Nick! — Eu sorrio, derretida e nem me lembrando mais dos olhares curiosos. — Estou no meio do expediente!

— Vamos embora! — ele me pede, cheirando meu pescoço. — Ou serei obrigado a te colocar em cima da mesa e causar um escândalo em seu trabalho. — Eu rio da ameaça dele, mas, quando ele me pega pela cintura e me arrasta até perto da minha mesa, meu coração dispara.

PERIGOSAS ACHERON

— Nicholas! — Tenho vontade de rir, mas continuo séria. — Para com isso, Nicholas! — Ele faz pouco caso e começa a me erguer do chão. — Tudo bem! — quase grito. — Vamos de uma vez!

Ele se afasta e me dá um sorriso diabólico e vencedor.

— Sabe que agora fiquei com vontade de te comer aqui? — Ele toca na mesa. — O que acha de virmos quando não tiver ninguém?

Eu rio, balançando a cabeça em negativa, mas a cena já se formou em minha mente. Eu em cima do tampo de vidro enquanto ele sai e entra dentro de mim. Minha pele se arrepia só de imaginar.

Ele caminha até minha mala e pega a alça, arrastando-a.

— É só isso?

Eu aquiesço, e ele estende a outra mão para mim. Eu pego minha bolsa e entrelaço minha mão

na dele, saindo da agência bem no meio do dia, rumo a um final de semana longe de tudo e de todos, apenas em sua companhia.

A princípio, eu pensei que, como Boituva é relativamente perto de São Paulo, nós iríamos de carro, mas Nicholas me informa que o helicóptero nos espera no heliponto da Novak.

A viagem, que seria de um pouco mais de uma hora de carro, é feita em minutos e, quando avisto do alto o local para onde ele me trouxe, fico perplexa.

No começo, eu tinha imaginado uma área pequena com uma casinha e um estábulo. Depois, quando ele me falou que a Mel tinha feito os projetos, eu imaginei uma área pequena, mas com uma bela casa e baias como as do Jockey, porém,

PERIGOSAS ACHERON

não podia estar mais enganada!

O haras é um empreendimento, e não uma simples casa no campo. A área enorme possui uma estrutura profissional. Vejo os piquetes de treinamento, assim como os inúmeros telhados de construções, e só bem longe de tudo, no topo de uma colina com um enorme lago em frente, eu vejo a casa, linda, típica de fazenda, com suas varandas em todo o entorno da construção.

Quando desembarcamos, uma pick-up nos espera para nos levar até a casa.

— Nicholas, isso aqui é enorme!

Ele sorri orgulhoso.

— Sim, é o meu negócio, separado da Novak.
— Ele parece realmente feliz com isso. — É o meu sonho de criança, Giovanna, e quase ninguém sabe que me pertence, nem mesmo minha família. — Eu arregalo os olhos. — Você é a primeira pessoa, além da Mel, que projetou tudo, para quem eu
PERIGOSAS ACHERON

mostro esse lugar.

Eu o beijo, e ele me abraça forte.

Chegamos à casa, uma senhora baixinha e de cabelos brancos está à nossa espera diante da porta. Nicholas a cumprimenta com um abraço e me apresenta a ela.

— Célia, essa é a minha namorada, Giovanna. — Ela me dá um beijo no rosto, e eu retribuo. — Onde estão Gabriel e Johanna?

— Eles ainda não voltaram da escola, mas, daqui a pouco, vão começar a te perturbar a mente. — Ela ri. — Joaquim está na veterinária com a Nélia.

Eu fico curiosa sobre quem são essas pessoas, mas não pergunto, seguindo os dois para dentro da casa, que, por sinal, não é nada como eu estava imaginando. É rústica, de piso de tábuas corridas, móveis de madeira de lei, tapetes de couro e pelo de vaca no chão, mas é ampla, arejada e muito

PERIGOSAS ACHERON

aconchegante. Deve ter pelo menos três salas com mobiliários diferentes, e uma enorme cozinha que mistura o moderno e o antigo, pois, apesar de seus eletrodomésticos de última geração, o que mais me chama atenção é o fogão a lenha.

Subimos para o segundo piso e constato, abismada, que só há três quartos, mas que esses são enormes como apartamentos. Apenas um está mobiliado, o principal, que conta com uma sala, um closet e um banheiro com uma *jacuzzi* de casal, com vista para o lago.

A cama, *king size*, de madeira escura e colcha de retalhos por cima é quem domina o ambiente, estando sobre um pequeno ressalto no piso. Célia afasta as cortinas de modo a clarear o aposento, e eu vejo, admirada, uma pequena varanda privada com uma rede e muitas plantas.

— A casa ainda está sendo mobiliada, mas espero que tenha gostado. É bem diferente dos
PERIGOSAS ACHERON

nossos...

— É perfeita! — eu digo com sinceridade. —
Ela parece um lar!

Ele sorri.

— Está sendo concebida para ser, Giovanna.
— Aproxima-se de mim. — Minha intenção é fixar
residência aqui e ir para São Paulo apenas para
trabalhar.

Sim! Isso aqui tem a cara dele.

— Quando você pretende se mudar para cá?

— Ainda não tenho data prevista, mas penso
que logo. — Ele me abraça. — Acho que, sozinho,
isso aqui não irá parecer o lar que eu quero. Eu
penso em vir para cá acompanhado da minha
esposa.

Meu coração tomba ao ouvi-lo dizer isso. Eu
tento não me imaginar vivendo aqui com ele,
construindo uma família, um lar, mas não consigo,
pois tudo o que vejo somos nós dois velhinhos,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentados de mãos dadas naquela varanda, olhando para a vasta extensão de terra, sabendo que esse é o nosso lugar.

— Com fome? — ele me pergunta depois de um longo momento em silêncio, e eu confirmo.

Descemos para a cozinha, e, dessa vez, eu encontro uma enorme mesa arrumada e cheia de iguarias. Pego uma xícara e me sirvo de café enquanto Nicholas ataca, com gosto, uma broa de milho verde.

— Vai conseguir resistir? — Ele me mostra as geleias e compotas de frutas. — Célia faz tudo isso no fogão a lenha. Você não imagina a delícia que é isso aqui! — Ele lambuza uma geleia em cima de sua broa.

Eu pego uma torrada e passo geleia de laranja em cima dela. Chego a suspirar ao sentir o sabor e a textura da iguaria e faço um sinal de positivo para ele, lambendo os lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Joaquim me disse que, essa noite, vai colocar um boi no rolete — Célia informa. Eu arregalo os olhos. — A *peãozada* está louca, preparando tudo para o churrasco.

Nicholas tenta segurar o riso ao notar minha expressão apavorada.

— Giovanna não come carne, Célia. Acredita nisso? — Ele gargalha, e a surpreendida, dessa vez, é a senhora que trabalha para ele. — Como é que eu posso imaginar viver com alguém que não gosta de churrasco? Devo estar louco...

Eu não consigo mais ouvir nada do que ele fala. *Viver comigo?* Ele está fazendo planos de viver comigo? As imagens que eu lutei tanto para tirar da mente há pouco voltam com tudo. Nós dois aqui, nesse lugar, criando nossos filhos.

Merda, Giovanna, você sabe que não vai acontecer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XIX

Nicholas

Caramba! Ela ficou vermelha desse jeito porque eu disse que quero viver com ela aqui?! Eu fico olhando para seu rosto, tentando entender essa reação. Seria constrangimento por eu ter exposto nossa relação desse jeito na frente de Célia?

Eu me aproximo dela com uma torrada cheia de geleia de amora, minha preferida, e a abraço pela cintura.

— Tudo bem? — Ela me encara. — Você ficou estranha...

Ela sorri.

— Não... eu só estou um pouco... — Respira fundo. — Acho que foi o açúcar. — Ela aponta para a geleia de laranja. — Eu passo muito tempo sem consumir açúcar e devo ter tido um pico de

glicemia... — Abaixa os olhos, e eu sei que ela está mentindo.

Afasto-me e decido deixar o assunto para outra hora, pois estou sem vir ao haras há mais de dois meses e quero muito mostrar cada cantinho dele para Giovanna.

— Célia, sabe se o quadriciclo está disponível? — Ela confirma. — Vamos? — pergunto a Gio.

— Aonde? — Giovanna parece mais relaxada e já exhibe um sorriso de animação.

— Quero te mostrar o lugar.

— De quadriciclo? — Ela ri, e eu assinto. — Deve ser mais emocionante do que carrinho de golfe, com certeza! — Ela pega minha mão.

Saímos pela cozinha, passando pela área de lazer, que conta com uma piscina, sauna, chuveiros e banheiros. A área *gourmet* ainda não foi concluída, mas Mel caprichou nos projetos, e eu sei

PERIGOSAS ACHERON

que ficará tão bonita quanto o restante do haras.

Entro na garagem onde a pick-up que nos pegou no heliponto está estacionada e tiro a capa de couro que protege o quadriciclo. Giovanna parece animada para andar no veículo, e eu me faço um lembrete de deixá-la conduzir da próxima vez, porque agora eu quero guiá-la pelos locais que me encham de orgulho.

Subimos no veículo, e ela agarra minha cintura. Eu saio da garagem já vendo, ao longe, que as atividades do haras estão acontecendo rotineiramente, como deve ser, mesmo com minha chegada.

Este lugar era um sonho! O *meu* sonho particular. Foram anos de pesquisas fora do país, visitando haras famosos, pesquisando um local que fosse de fácil acesso, com relevo e clima ideais para a criação das raças que eu queria.

Quando eu estava com o material completo,
PERIGOSAS ACHERON

entrei em contato com vários arquitetos especialistas na área e não consegui gostar de nenhum dos modelos que eles me apresentaram. Eu queria um ambiente funcional de negócio? Sim. No entanto, acima de tudo, eu queria que também fosse um lar.

Foi então que procurei Mel Boldani, que eu já conhecia através de seu pai, Julio Boldani, e de quem eu estava ouvindo falar muito bem por aí. Confesso que não foi fácil convencê-la a trabalhar comigo, pois Mel pode ser uma mulher muito calma e fina no tratamento pessoal, mas, nos negócios, ela é uma fera.

Primeiro, ela disse que não tinha experiência para tal empreendimento. Depois, alegou que o escritório estava cheio de projetos e que não teria tempo para cuidar do meu, mas, por fim, foi convencida pelo desafio.

Combinamos que faríamos tudo na surdina e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, quando o haras estivesse *de portei­ras abertas*, ou seja, quando eu efetivamente entrasse no negócio, é que iríamos revelar de quem era o projeto. Assim, ela e eu fizemos um trato de só alardear o empreendimento quando este estivesse concluído.

E foi a melhor coisa que nós fizemos, pois ela tem usado toda sua competência e experiência, embora tenha tido de visitar haras nos Estados Unidos e na Inglaterra para entender a dinâmica da criação para projetar um local que seria único.

Eu tenho certeza de que, depois de concluído, Mel irá receber milhares de propostas como a que eu fiz a ela.

— É grande demais, não acha? — Giovanna comenta em meu ouvido. — Estamos há mais de cinco minutos nessa coisa e não vi nada!

Eu rio, achando engraçado que ela esteja ansiosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisa ser! — eu quase grito para que ela me ouça por causa do barulho do motor. — Nós temos um plantel grande aqui! São 40 matrizes e quatro garanhões, fora as safras desses dois anos!

Ela não percebe, pois, como eu imagino, Giovanna não está acostumada com áreas rurais, mas nós já passamos por muitas áreas importantes, como piquetes e duas pequenas represas ligadas à maior da propriedade.

Avisto o pavilhão das baías, finalmente, e sinto que ela está se esticando às minhas costas para olhar para o local. Paro em frente à entrada e espero que ela desça para fazer o mesmo.

— Agora, sim! — Ela sorri. — Cavalos!

Eu não resisto e a abraço, dando um selinho em seus lábios risonhos.

— *Madame*. — Indico a porta de entrada e espero que ela comece a entrar.

Ouçó seu suspiro de apreciação assim que

PERIGOSAS ACHERON

avista o pavilhão por dentro. Eu amo como ficaram minhas baias, ao estilo inglês, construídas dentro de uma enorme construção. São cinquenta ao todo, e há previsão para a construção de outro pavilhão um pouco menor, que abrigará mais vinte baias.

O corredor é todo com piso granitado, o pé direito é alto, tem telhado colonial, com vigas de madeira expostas, assim como a fachada de cada baia, de réguas de cedro avermelhadas e lustrosas que fazem um meio-muro, complementadas com grades de ferro pintadas de preto. As portas de cada baia são de grades, facilitando, dessa forma, que ela espie cada cavalo.

— Gostou?

Ela assente.

Uma égua tordilha põe sua cara para fora da baia, e Giovanna se aproxima.

— Se eu fosse você, não faria isso! — avisa-a. — Essa lady aí é uma PSI, ou seja, Puro Sangue

PERIGOSAS ACHERON

Inglês, e essa raça é muito temperamental.

— Ela é linda. — Giovanna estende a mão para a égua, que relincha e mostra os dentes. Ela ri assustada. — Mas não fica bonita sorrindo!

Eu gargalho com seu bom humor, e nós continuamos a andar pelas baías, algumas ainda vazias.

— Aqui só ficam as éguas que ainda não entraram em reprodução ou as que já foram separadas de seu produto — eu explico, e ela assente. — Há um local menor, onde ficam as matrizes prenhes ou com cria. Além, é claro, de uma área reservada para os garanhões.

Ela rola os olhos, e eu rio de sua expressão. Levo-a para as áreas anexas às baías, como a selaria, a sala veterinária, com farmácia e laboratório de embriões, e o escritório. Mostro-lhe o depósito de ração e feno e o depósito de serragem, produto em que se constituem as camas

das baías.

Numa outra construção, há a esterqueira, distante o suficiente das baías para que animais como moscas e roedores não se aproximem dos cavalos, causando-lhes doenças.

— Cansada? — questiono passada a primeira hora em que estamos neste tour.

— Não, mas um pouco perdida! — Ri de si mesma. — Minha família possui propriedades rurais na Itália, mas nada parecido com isso. Tio Pepino tem uma vinícola na Toscana, e meu tio materno, Alessandro, possui uma fazenda onde cultiva olivas, na Sicília.

— Eu ficaria perdido lá como você diz estar aqui. Não entendo nada de cultivo, a não ser de *Tifton*, o capim que plantamos nas capinzeiras e nos pastos.

— Achei que isso nascia naturalmente! — Ela parece assustada. — Plantar capim?

— Sim. Foi um trabalhão, mas o capim existente aqui não era muito adequado para a nutrição das raças que tenho, por isso, o substituímos. Esse que usamos agora é bom tanto fresco quanto para fenação.

Joaquim vem andando com seu leve claudicar em nossa direção.

— Ora, ora... — Ele tira o chapéu. — Eu aqui pensando que ia ver só a sua cara feia, e você me traz esse presente! — Ele pega a mão de Giovanna e a beija. — Prazer, minha dama!

Eu gargalho, notando que ela ficou ruborizada com o cumprimento dele e lhe dou um tapa em sua mão direita, roubando-lhe seu chapéu de estimação.

— Tira a mão do que é meu que eu lhe devolvo seu estimado chapéu! — Joaquim ri e pisca para Giovanna, desculpando-se por ter de se afastar, porém, alegando que seu chapéu é mais

precioso.

Nós nos cumprimentamos com um abraço camarada depois que lhe devolvo o adereço, e eu, oficialmente, apresento-o à Giovanna. Joaquim Teixeira é o meu braço direito, o homem a quem eu peço conselhos e em quem eu confio. Nós nos conhecemos há muitos anos, desde que eu era pequeno e ele trabalhava na fazenda do meu avô materno, no Mato Grosso. O homem entende tudo de montaria para condução de gado, uma vez que praticamente viveu sobre uma sela praticando a atividade.

Quando retornei ao Brasil, fiz-lhe a proposta de ser meu administrador, e ele, alegando não ter estudo, negou-se. Entretanto, eu sou muito persistente e negocieei com ele, inclusive mandando-o para a propriedade de minha família paterna por um ano, para aprender a lidar com as raças de cavalos com que iríamos trabalhar. Eu

PERIGOSAS ACHERON

precisava do tino e da experiência, do dom de Joaquim na lida com os animais, e isso nenhuma faculdade ensina.

É claro que preciso, e temos, os profissionais graduados em cada área, desde o agrônomo para o cultivo dos pastos até o veterinário especializado em reprodução assistida. Para o treinamento dos cavalos que serão usados para a prática esportiva, eu trouxe um casal da Inglaterra, Peter e Amalia, considerado entre os melhores nos treinamentos do Quarto de Milha e do Puro Sangue Inglês.

— Onde estão os ingleses? — eu pergunto a Joaquim, usando o apelido que os dois ganharam da *peãozada*.

— A inglesa está no nadador com aquela QM que lesionou o casco. — Eu assinto, pois fiquei sabendo do ocorrido por telefone. — E o inglês está com o veterinário na baia das prenhes, pois acham que a hora de uma das matrizes está chegando, mas

eu já avisei que hoje é mudança de lua!

Eu rio, sabendo que, se ele avisou que há mudança de lua, o potro irá nascer hoje!

— E o resto do pessoal?

Ele lista cada um dos funcionários por nome, indicando onde estão no momento e ressalta que, por causa do churrasco mais tarde, há três peões desviados de suas funções, preparando o rolete.

— Ah, dona Giovanna... A senhorita vai comer o melhor churrasco do mundo! Não tem nada melhor do que ver um boi inteiro sendo rolado de um lado para o outro em cima do braseiro.

Giovanna fica pálida, e eu caio na gargalhada, deixando Joaquim com a pulga atrás da orelha.

— Você sabe que aqui não é um lugar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chique, não é? — eu comento encostado na porta do banheiro. — Não precisa se maquiar toda, nem colocar salto...

Ela abre a porta, e eu fico sem ação. Ah, não, porra! Ela não vai se sentar no meio de quase cinquenta homens vestida desse jeito! Olho-a da cabeça aos pés para ter certeza de que não estou vendo errado, mas não, a danada realmente está vestida para matar um do coração.

Ela está de botas de cano curto, sem salto. Até aí, tudo ok, pois, se colocasse saltos, poderia ficar enfincada no gramado ou mesmo pisar em estrume. No entanto, definitivamente, ela não vai sair com essa calça de couro colada em suas pernas e nos seus quadris, deixando, para quem quiser ver, a forma arredondada e firme de sua bunda.

— Vai vestir um casaco? — indago ainda tentando controlar minha vontade de mandá-la trocar essa roupa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! — Sorri, faceira. — A tal da fogueira para o coitado do boi vai me manter aquecida.

Eu a encaro de cenho franzido, olhando a blusa em xadrez vermelho e preto amarrada com um nó em sua cintura, deixando parte de seu abdômen à mostra e não deixando nada a imaginar de seus peitos, tamanho o decote.

Eu me aproximo dela, fecho dois botões a mais e desfaço o nó da blusa.

— Use um casaco! — Vou até o closet e pego um sobretudo meu. — Pronto! Agora está perfeita.

Giovanna me olha indignada.

— Esse seu casaco me engoliu, você percebe? — Ela me mostra as mangas sobrando. — Além disso — retira-o —, não estou com frio e — desabotoa a blusa e a amarra de novo — eu gosto da minha roupa do jeito que está, country!

PERIGOSAS ACHERON

— Nem fodendo você sai daqui assim! — eu rosno, e ela morde o lábio inferior, levantando a sobrancelha. Meu pau reage na hora. — Porra, Giovanna! — Agarro-a, levando-a em direção à cama.

Ela, num salto, pula no meu colo, enlaçando minha cintura com suas pernas enquanto nos beijamos como loucos.

Nós ainda não estreamos minha cama daqui, e eu, sinceramente, pensei em fazer isso só mais tarde, mas não consigo resistir a ela e a esse seu olhar de desejo.

Giovanna demorou uma eternidade no banheiro, tomando banho e se arrumando, e é certo que o pessoal deve estar todo reunido perto do galpão de refeição, onde eles montaram o rolete. Não temos tempo, por isso mesmo, não há possibilidade de ser meticuloso nessa transa.

Abro o fecho de sua calça quando a coloco

PERIGOSAS ACHERON

sobre o colchão e a arranco com botas e tudo, jogando-as para trás. Giovanna ri do meu desespero e se arrasta para a cabeceira da cama, longe de mim. Eu a seguro pelos pés e a trago para perto novamente.

— Não vai fugir, não! — Puxo sua calcinha com um só movimento, rompendo a seda. Ela me olha indignada por eu ter danificado a peça, porém, seu olhar raivoso dura até quando eu me abaixo para saboreá-la e deixá-la pronta para mim.

Eu adoro o seu gosto e senti-la se remexer toda quando chupo seu clitóris com força. Não demora muito, e eu a sinto úmida o suficiente para uma investida.

Abro meu jeans e puxo meu pau para fora sem nem mesmo abaixar a cueca. Beijo seu pescoço e passo a língua pelo vale de seus seios, visíveis pelo decote da blusa.

— Você não vai sair daqui assim,
PERIGOSAS ACHERON

princesa.

Ela ri e morde meu lábio inferior.

— Vamos ver!

Eu me levanto e a giro sobre o colchão, deixando-a de bruços com suas pernas para fora e os pés apoiados no ressalto de madeira onde fica a cama.

Enfio dois dedos dentro dela, lambuzando-os com sua lubrificação e, em seguida, a passo na ponta do meu membro. Eu fecho os olhos, tamanho o tesão que sinto, tentando controlar meu corpo para não ser rude de forma que possa machucá-la.

Entro nela devagar, centímetro por centímetro, sentindo seu corpo abraçando o meu, envolvendo-o com seu interior quente, úmido e macio. Ela tenciona levantar o tronco, e eu a coloco de volta na posição em que a coloquei, apoiando minha mão em sua cabeça, pressionando-a contra o colchão de molas.

Lentamente, começo a me mover, saboreando as sensações, enlouquecendo um pouco mais a cada momento, mas me mantendo controlado. Deslizo minha mão livre por baixo de seus quadris, indo em busca do ponto intumescido e sensível, e quando o acho rijo, começo a massageá-lo em círculos, como ela gosta.

Ouço seus gemidos aumentarem.

— Nicholas... — Geme mais. — Me fode!

Eu não resisto ao seu pedido entre gemidos e aumento o ritmo, entrando e saindo com rapidez, intensamente, profundamente. Escuto uns sons estranhos, mas descubro que sou eu bufando como um garanhão.

Enrosco minha mão nos seus cabelos, e a outra, que estava estimulando seu clitóris, agora lhe dá leves tapas em sua nádega direita. Perco o controle de vez e coloco Gio de quatro sobre a cama, subindo no colchão, ficando de joelhos atrás

dela e a segurando pelos quadris. Os movimentos são tão intensos que, às vezes, meu pau escapole de dentro dela, mas por causa do modo que ela está encharcada, retorna sem eu nem ao menos lhe pôr a mão.

— Nick... — Ela tomba o tronco de volta no colchão, deixando apenas a linda visão de seu traseiro empinado em minha direção. — Continua...

Eu rio e lhe dou um tapa mais forte na nádega, pois sei o quanto ela gosta de um pouco de agressividade quando está muito excitada. Gosta mesmo, tanto de receber quanto de dar, porque, muitas vezes, eu já levei muitos tapas na cara e mordidas.

— Isso! Continua... — ela grita. — Continua... Eu vou gozar agora, Nicholas! — E geme em desespero.

Ouvir seu gemido é a gota d'água que faltava para eu explodir, porém, antes de me deixar ir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro dela, eu tenho uma ideia melhor. Saio no último segundo e vejo meu gozo esguichando em cima de um certo tecido xadrez.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XX

Giovanna

Estou segurando uma taça de vinho quente e comendo um espetinho de legumes e camarões preparado pela Célia, ouvindo moda de viola e sentindo um cheiro horroroso de churrasco, mas estou amando cada segundo disso tudo.

Já passa da meia-noite, e a animação desse pessoal não vai embora, e nem a do Nicholas, que já dançou, comeu, bebeu, cantou e ainda parece ter fôlego para mais.

Eu o vejo dançando *arrocha* com Johanna, filha de Peter e Amalia, de nove anos de idade. A menina parece deslumbrada com a atenção de Nicholas, o que não a difere muito de mim, que, a cada dia que passo ao lado desse homem, fico mais e mais apaixonada.

Balanço a cabeça, culpando o vinho por ser tão sincera quanto ao que sinto. Nicholas, mesmo sendo um troglodita — como foi um pouco antes de chegarmos aqui, ao implicar com minha roupa —, é o homem mais incrível que eu conheci na vida. Mel tinha razão!

Eu fiquei encantada ao vê-lo passeando pelo haras hoje, mostrando-me cada lugar, contando-me seus planos de expansão, sobre seus cavalos e o que ele pretende fazer com eles. Ele realmente ama aqueles animais!

Por falar em amar, Nicholas é também um homem muito diversificado, com múltiplos talentos. Depois que nós conversamos com Joaquim, ele me levou para cavalgar.

Terminamos de visitar suas terras montados em cavalos, o dele, um PSI negro, limpo e imponente, e o meu, uma égua anglo-árabe dócil e de trote macio e cadenciado. Em certa parte do

PERIGOSAS ACHERON

caminho, percebi que Storm, nome do cavalo dele, estava seriamente interessado na Hyacinth Sajid, minha montaria, porém, Nicholas explicou que ela ainda não estava pronta para ser usada para reprodução, pois fora separada para teste.

Ele me contou que Storm é produto de um cavalo que pertencera a seu pai biológico e que viera, juntamente com a égua que eu usava, da propriedade de sua família na Inglaterra. Os potros nascidos no Círculo N, nome do seu haras, ainda não estão prontos para serem domados, pois todos têm menos de dois anos de idade.

Eu questionei, então, se todas as matrizes tinham vindo da Inglaterra, e ele me informou que somente as PSI e as anglo-árabes haviam vindo e que as Quarto de Milha vieram do Texas, nos Estados Unidos.

Enquanto conversávamos, ele ia fotografando cada paisagem que via, ou *me* fotografava. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostei disso, embora deteste tirar fotos, pois sei que, para ele, são mais do que retratos, são recordações que ele eterniza.

Sentamo-nos, mais tarde, embaixo de uma enorme árvore e, enquanto os cavalos descansavam, ficamos abraçados um ao outro vendo o pôr do sol.

Quando retornamos à casa, ele sumiu no estúdio onde faz as revelações das fotos, e fiquei deitada na rede da varanda da suíte principal. Tomamos banho juntos mais tarde, mas ele saiu antes de mim, porque eu estava um tanto dolorida da montaria e queria ficar mais tempo debaixo da água quente.

Então ele enlouqueceu por causa da minha roupa. Acabamos transando, e eu fui obrigada a trocar a camisa, vestindo uma blusa de tricô comprida e pesada, porque o engraçadinho gozou na que eu usava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois desse episódio, que ainda terá troco, nós saímos correndo para pegar o início do churrasco.

Escuto uma gritaria sem fim dos homens à minha volta e deixo as lembranças desse dia incrível de lado para prestar atenção ao que Nicholas está aprontando dessa vez.

Ele, com o violão apoiado sobre uma de suas pernas, está cantando uma música que eu não conheço e me olha sorrindo.

...Mudei meu status, já tô namorando
Antes de você me aceitar, já te assumi pro Brasil...

Mais uma vez, os homens fazem uma algazarra, mas eu só posso ouvi-lo cantar e ver a expressão do seu rosto.

Por que te amo, eu não sei

PERIGOSAS ACHERON

Mas quero te amar cada vez mais

O que na vida ninguém fez

Você fez em menos de um mês... [\[7\]](#)

Minhas mãos começam a suar, e meu coração galopa mais rápido que um puro-sangue, mas, ao invés de eu estar correndo tanto quanto um, estou parada, sorriso no rosto e lágrimas nos olhos, sabendo que não há letra mais perfeita que essa.

Quando ele termina seu pequeno espetáculo, vem caminhando em minha direção, pega-me pela cintura, curva-me em direção ao chão e me beija numa perfeita cena de cinema.

A gritaria é generalizada agora e só é interrompida quando Joaquim vê o veterinário e o *inglês* saírem correndo da festa.

— Eu avisei! — diz sorrindo. — É a lua crescente!

Eu olho para ele sem entender, mas sinto
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nicholas me puxando pela mão, fazendo-me quase correr atrás dele.

— O que houve? — pergunto nervosa.

— Hoje você vai assistir a uma das cenas mais raras do mundo! — informa animado. — Nascimento de potros gemelares!

Vamos de mãos dadas correndo pelo caminho até onde está o veterinário já assistindo, parecendo preocupado, ao parto da égua.

— Thomas! — Nick o chama e se afasta para conversar com ele enquanto eu fico de olho no animal no chão. Pouco depois, torna a se aproximar de mim. — A nossa outra veterinária está vindo também. — Ele suspira. — Me sinto ansioso e preocupado, porque esta situação só aconteceu por culpa minha. — Eu o olho intrigada. — Quando foi detectado que essa PSI estava com dois embriões, Thomas recomendou que eliminássemos um, caso não acontecesse naturalmente.

PERIGOSAS ACHERON

Eu arregalo os olhos, assustada com o que ele acaba de falar.

— Por quê?! — Olho para a égua deitada na baia, com Thomas andando à sua volta.

— Equinos não foram feitos para gerarem mais de um embrião por prenhez. — Dá de ombro. — Geralmente, quando ocorre, o organismo do animal acaba absorvendo um deles ou acontece o aborto dos dois. Nós esperamos ocorrer um dos dois casos, mas a gestação continuou gemelar. Nossa outra veterinária iria tentar a eliminação química de um, mas o risco de perder os dois, bem como de causar algum problema no sistema reprodutor da égua, era enorme.

— Foi aí que você decidiu continuar? — pergunto segurando sua mão, sabendo o quanto ele ama esses animais.

— Sim. — Bufa. — Agora é lutar para que nasçam bem e que sobrevivam, pois normalmente

PERIGOSAS ACHERON

um deles morre.

Eu o abraço e fico tão apreensiva quanto ele, vendo a preocupação e, talvez, a culpa em seus olhos. A outra veterinária, uma senhora de meia-idade, chega e conversa com Thomas.

O tempo parece não passar e, de quando em quando, Nick vai até os profissionais conversar sobre o andamento do parto. Pergunto se não é o caso de uma intervenção cirúrgica, mas ele me garante que estão dentro do tempo normal, por isso irão esperar.

Quando o primeiro potrinho nasce, todo pretinho e sem nenhuma mancha, eu vejo como a égua cuida dele, limpando-o para, em seguida, seu ventre começar a contrair novamente, dando à luz a outro potro de mesma pelagem, porém, com machas brancas nas patas.

Nicholas parece um pai de primeira viagem, e eu acho graça em vê-lo andando de um lado para o

PERIGOSAS ACHERON

outro, conferindo o estado dos potros e da égua.

— Eles estão bem? — eu questiono quando ele volta.

— Ainda não sabemos, precisamos esperar que se levantem. — Os veterinários estão lidando, cada um, com um potro, cuidando do cordão umbilical e massageando seus corpos.

Quase uma hora após o nascimento, vemos com alegria o potrinho mais velho se colocar de pé depois de várias tentativas, e não demora muito mais para seu irmão fazer o mesmo.

— Primeiro problema já foi vencido! — Thomas comemora, gritando para Nicholas.

Eu o sinto muito emocionado ao meu lado, tanto que noto suas mãos tremerem. Olho-o e o vejo me encarando sem sorrir, apenas com o olhar fixo no meu.

— Parabéns! — cumprimento com uma piscadinha. Ele finalmente sorri e passa uma mão

PERIGOSAS ACHERON

sobre meu rosto.

— Não foi sem sentido. — Eu franzo a testa sem entender o que ele quer dizer com isso. — A música. — Seguro o ar. — Eu não sei como aconteceu, mas é verdade, Giovanna. — Ele olha para a baía, verificando os pequenos cavalos andando desajeitados em volta da mãe. — Eu amo você. — Suspira e ri. — Sei que não é o momento e local mais romântico para dizer isso, mas...

Eu me lembro de respirar e solto, devagar, o ar dos meus pulmões. Oh, Deus! Ouvi-lo dizer essas palavras parece um sonho, é tudo o que eu poderia esperar de um maravilhoso sonho. *No entanto*, ao mesmo tempo, é como se um pesadelo se insinuasse à espreita.

Nicholas volta a me olhar.

— Sei que estamos juntos há pouco tempo e que, para você, possa ainda não ter sido da maneira como está sendo para mim, mas eu não sou um

PERIGOSAS ACHERON

homem que esconde o que sente. — Eu concordo. — Eu quero você! Você é uma confusão ambulante... — Ri quando eu faço careta. — Mas eu quero você na minha vida porque eu nunca senti isso — aponta para seu coração — por ninguém.

Eu quero poder pular em seu pescoço, dizer a ele que sinto o mesmo, que quero estar em sua vida para sempre, mas *não posso*! A escolha entre o que sinto por ele e a promessa que fiz a Ana é dura demais para mim.

Thomas chama nossa atenção, e, quando olhamos de volta para a baia, um dos cavalinhos está mamando. Eu sorrio feliz ao saber que, a cada novo avanço, melhoram as chances de eles sobreviverem.

— Eu preciso falar algumas coisas com eles. — Ele aponta para os dois veterinários e sai, deixando-me com uma terrível sensação de vazio no peito por não ter dito nada quando ele se

declarou.

Eu o amo, tenho certeza, na mesma medida. Simplesmente, não posso entender o destino, o porquê de nossas vidas se cruzarem dessa forma, como se tivesse planejado desde o começo que isso acontecesse. Nicholas não faz ideia do quanto nossas vidas já são entrelaçadas, mas eu sei e, embora tenha tentado me lembrar a todo momento de seu significado na minha história, eu não consegui me distanciar emocionalmente dele.

Ele retorna para perto de mim.

— Podemos ir — avisa-me. — Agora é só esperar o destino decidir se eles irão sobreviver ou qual dos dois irá morrer. — Dá de ombros. — Infelizmente, nem sempre a vida parece justa, mas ela é sempre sábia.

Essas palavras ecoam em minha mente durante todo o percurso até a sede e, depois, quando, já na cama, ele não demonstra nenhum

PERIGOSAS ACHERON

apetite sexual. E seguem comigo durante toda a noite a cada vez que eu me remexo na cama ao seu lado.

...não parece justa, mas é sábia! Será que eu devo aceitar o que a vida me trouxe e esquecer o que eu acredito estar fazendo por *justiça*?

Quando verifico as horas, notando que já passa das 4h da manhã, eu me levanto e começo a andar pela casa. Olho, a princípio, para as duas suítes vazias, imaginando que ele as construiu para seus filhos, *nossos* filhos.

Depois, ando pelo térreo, pensando em como tudo isso ficará quando ele terminar toda a infraestrutura do haras e começar a executar o que falta dos projetos da casa. Mel fez um trabalho belíssimo, com certeza, e depois que todas as outras áreas que compõe a sede ficarem prontas, este local será um sonho.

Um sonho! Eu esqueci o que era sonhar há

PERIGOSAS ACHERON

alguns anos. Eu só tinha pesadelos ou acordava sem me lembrar do que se passara pela minha mente durante o sono. Porém, agora, depois de Nicholas, eu tenho muitos sonhos e nem sempre preciso estar dormindo para tê-los.

Entro em seu estúdio, onde ele trabalha e revela suas fotos. Na primeira parte, há uma área que lembra muito meu próprio trabalho, com computadores de última geração, impressoras de vários tamanhos e outros materiais gráficos. Contudo, descubro que, embora ele use câmera digital, também conserva as antigas máquinas de filmes, com revelação manual dos negativos.

Entro na pequena sala de revelação e acendo a luz vermelha, pois há várias fotos penduradas numa espécie de varal. Olho para cada uma delas, relembrando as cenas do nosso dia juntos aqui. Eu pego uma foto nossa, abraçados em cima de uma elevação onde se pode ver os telhados dos

PERIGOSAS ACHERON

pavilhões construídos.

Nicholas sorri para a foto enquanto eu sorrio para ele, completamente deslumbrada. Sinto uma enorme opressão no peito, como se o sentimento e as palavras que eu não expus a ele quisessem explodir dentro de mim.

— Giovanna? — ele me chama à porta do estúdio, e eu saio da câmara escura. — O que houve?

Eu não posso mais me conter e começo a chorar segurando a foto, lembrando que, se eu disser a ele o que sinto, conseqüentemente, estarei abrindo mão de tudo o que fiz durante os últimos anos. Eu estarei abrindo mão *dela* e quebrando minha palavra com Klaus.

No momento em que eu disser a ele que o amo, eu terei de destruir todas as provas que busquei durante esses anos e fazer com que tudo o que eu descobri seja enterrado. Eu terei de matá-la

PERIGOSAS NACIONAIS

para sempre!

— Gio? — Ele me segura pelos ombros. —
O que há? Me diga para que eu possa...

— Eu amo você! — disparo sem olhá-lo, mas
depois o encaro sentindo todo o peso dessas
palavras. — Eu te amo de verdade,
desesperadamente. — Ele sorri, mas ainda parece
preocupado com as minhas lágrimas. — Eu nunca
imaginei que estaria me sentindo assim...

— Infeliz?

— Não. — Seco minhas lágrimas com a
outra mão. — Completa. Inteira. Real.

Ele me abraça com força, beijando o topo de
minha cabeça.

— Eu também fiquei apavorado quando
descobri, por isso te entendo.

— Quando foi? — pergunto baixinho.

— Há 25cinco anos — sussurra.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu quero você na minha vida a partir de hoje — ele me fala, deitado às minhas costas, com suas mãos sobre meu abdômen nu.

— Eu achei que já estivesse! — comento sorrindo, adorando a sensação de segurança ao estar em seus braços.

Já está claro, e um céu sem nuvens anuncia mais um dia lindo se iniciando. Depois que me declarei a ele no estúdio, nós fizemos amor por lá mesmo, em cima da mesa de corte, e acabamos suados e ofegantes no assoalho de madeira.

Nicholas me pegou no colo e subiu comigo para o quarto, onde tomamos banho e nos deitamos juntos na cama, de conchinha.

— Eu estou dizendo que quero que você vá viver comigo no Castellani. — Eu me viro para encará-lo, mas, antes que eu comece a dizer que é PERIGOSAS ACHERON

cedo, ele me silencia com um beijo. — Não é cedo. Eu quero vivenciar essa história com você e, de verdade, não quero isso duas vezes na semana! Eu quero dormir e acordar com você, quero suportar seu mau-humor pela manhã e lhe aninhar à noite, depois que nós dois voltarmos do trabalho. — Sorrio ao imaginar a cena. — Eu disse a sério sobre querer viver minha vida com você, para sempre, se possível.

— É tudo o que eu mais quero! Eu só preciso de um tempo para ajeitar as coisas e me adaptar às mudanças que ocorrerão.

Ele assente.

Hoje o dia — sábado — no haras foi intenso, primeiro por causa das preocupações com os potros, que logo passou quando os vimos

PERIGOSAS ACHERON

acompanhados da égua dentro de um cercado ao ar livre.

Nicholas ficou algum tempo conversando com os veterinários enquanto eu acompanhava Johanna, a menina filha dos adestradores, em seu treino de salto com um Quarto de Milha. Ela, apesar de ter apenas nove anos de idade, é uma exímia saltadora.

Quando o almoço chegou, ajudei Célia a preparar uma salada com produtos colhidos por mim mesma na horta orgânica do haras. Eu comentei com ela que há menos de um mês eu nunca tinha nem preparado um café sozinha.

Eu nunca tive vontade de cozinhar ou de saber fazer qualquer outra atividade que considerasse doméstica, mas estou tentada a, pelo menos, aprender o básico para surpreender Nicholas.

Passei o dia inteiro sorrindo, sentindo-me

PERIGOSAS ACHERON

feliz e livre. Sim! Eu me sinto livre! Nada mais de demônios me perseguindo, nada mais de segredos e vingança. Tudo o que eu quero a partir de agora é ser feliz ao lado de Nick.

Eu não posso esquecer ou perdoar o que fizeram a Ana, mas eu espero que ela entenda que eu fiz uma escolha difícil, mas a única possível para mim. Porque, se eu seguisse com o plano, sacrificando o que Nicholas e eu sentimos um pelo outro, nunca mais seria feliz.

Sinto-me egoísta às vezes, ao pensar que preferi minha felicidade a vingá-la, mas acho que ela iria preferir me ver feliz como estou, embora eu fique para sempre ligada às pessoas que lhe fizeram mal.

O que mais me preocupa é que, desistindo do planejado, eu terei de manter segredo para o resto da minha vida, porém, não sei até quando eu poderei levá-lo, pois bastam algumas pesquisas

mais detalhadas sobre mim para descobrirem minha ligação com Ana.

Ao entardecer, Nicholas e Joaquim decidiram montar em dois garanhões, Storm e Prince, apostando corrida na pista de piso especial que ficara pronta havia poucas semanas, enquanto eu, sentada na cerca, observei-os contra o sol de inverno que avermelhava o céu.

Em minha mente, tudo o que eu pensava era no meu encontro com Klaus e na reação dele ante ao que eu lhe falaria. Eu não posso entregar os documentos que achei na cobertura do Castellani. Não posso prejudicar Nicholas, mesmo querendo muito mostrar as falcatrúas de Gilberto de Toledo.

Klaus tem tanto interesse nessa família quanto eu. Na verdade, eu sinto que ele tem verdadeiro ódio a todos eles. Ele se culpa pelo que aconteceu a Ana, por não ter estado perto dela para protegê-la e para aliviar sua consciência. Ele queria

PERIGOSAS ACHERON

fazê-los pagar, como não pudera fazer na época.

À noite, aninhada nos braços de Nicholas, eu sonhei com Klaus e com sua fúria, chamando-me de ingrata e de assassina, dizendo que Ana morreu para me proteger.

Acordei assustada, mas, felizmente, Nicholas ainda continuava dormindo, e fiquei pensando no dia de hoje. Enrolo-me agora em uma manta e saio para a varada do quarto, olhando para a escuridão da noite, sentindo minhas lágrimas descerem. Eu não quero desistir dela! Eu não quero desistir da verdade! Porém, eu tenho de admitir a mim mesma que ela causaria mais dor do que alívio. Dor essa que eu já conheço desde que encontrei Klaus e descobri todos os detalhes sobre Ana.

Lembro-me da cidade interiorana e da pequena propriedade rural onde nos conhecemos. Cheguei em busca de informações sobre Ana, e ele me fez conhecer a dor e o segredo que eu

PERIGOSAS ACHERON

carregava. Ele me deu os nomes, as fotografias e, principalmente, uniu cada peça do quebra-cabeça.

Eu o tirei de lá, comprando-lhe um apartamento em Porto Alegre, montando toda a estrutura necessária para que ele conseguisse mais detalhes e provas. E não posso me queixar do que ele conseguiu! Em poucos anos de pesquisa, ele me forneceu todos os elementos que eu precisava, além de me fazer sentir a mesma revolta que ele sentia pelos Novaks de Toledo.

Eu achava que só faltava uma única peça naquela história e era exatamente a explicação. Eu queria saber por que fizeram aquilo com ela e *quem* era o principal culpado. Todavia, à medida que eu ia conhecendo Bernardo, Nicholas e Cecília, outras peças já encaixadas em meu jogo se desprenderam, pois eu passei a não acreditar que os três seriam capazes de tanta crueldade.

Tudo o que me restou foi Gilberto de Toledo.

Eu respiro fundo, pensando naquele homem que parece ser correto e bom pai. Sinto mais lágrimas rolarem, pois sei que, apesar de amar Nicholas, eu nunca deixarei de sentir rancor por aquele homem que ele considera como um pai.

Gilberto de Toledo e eu estamos unidos por aquele segredo, embora ele não saiba disso. Eu creio que Cecília não tenha conhecimento do que seu maravilhoso marido fez, então, só me resta torcer para que eles continuem ignorando tudo isso, porque, se algum dia essa história vir à luz, eu ficarei tão exposta quanto ele.

Nicholas me comunicou ontem que vamos embora para São Paulo logo após o café da manhã, pois ele quer ir até a mansão de seus pais para resolver algumas questões. Já é domingo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantamo-nos cedo e vamos ver os potrinhos, cujos nomes me foi dada a honra de escolher, e eu, sem nenhuma imaginação ou experiência para pôr nomes em cavalos, escolho para eles os nomes dos únicos gêmeos que me vêm à cabeça: Rômulo e Remo.

Nicholas gargalha ante minha escolha, e Joaquim argumenta que esses são péssimos nomes para cavalos que poderão estar numa competição, porque, geralmente, não se usam nomes de pessoas.

Olho os potrinhos; o mais velho deles é completamente negro, enquanto o outro tem manchinhas brancas nas patas. Eu entendo, então, que os nomes deles devem seguir não só sua pelagem, mas também sua personalidade.

— Esse — aponto para o manchadinho — é Eclipsim, e o outro é Arcanum. — Nicholas exhibe um sorriso satisfeito. — Ou, se preferir em inglês para combinar com a raça, Eclipse e Misterious.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, eu gostei em latim! — Nicholas informa, e Joaquim também aprova balançando a cabeça.

Assim que nomeamos os bebês, tomamos café da manhã e, em seguida, nos despedimos de todos os funcionários do haras, pois Nicholas faz questão de falar com cada um deles.

Voamos de volta para a capital, descendo no heliponto do Castellani, onde tomamos um banho e nos trocamos para o almoço na casa da família Novak de Toledo.

Quando chegamos ao Cidade Jardim, encontro Cecília nervosa, e Nicholas desaparece assim que pisamos no local, deixando-me a sós com sua mãe. Imediatamente, fico tensa, imaginando o que pode ter acontecido.

— Algum problema? — pergunto a dona Cecília, que me chama para ir à estufa.

— Não, não... — diz tentando disfarçar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nervosismo, mas eu consigo captar que ela me esconde algo. — Eu queria passar um tempo aqui com você, conversando sobre as plantas e flores, como fizemos daquela vez. — Eu assinto. — O almoço sofreu um pequeno atraso... — ela percebe que está falando demais e tenta disfarçar: — Olha só aquela orquídea nova que recebi.

Eu a sigo até o local indicado, mas, dentro de mim, meu coração está apertado, pois sei que algo não está normal neste lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXI

Nicholas

Subo os degraus de dois em dois, ansioso e, ao mesmo tempo, temeroso da reação dele ao que vou lhe contar. Todavia, a decisão foi tomada, principalmente depois desse maravilhoso final de semana que passamos juntos no haras.

Sim! Eu tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa, embora faça menos de um mês que estamos juntos. Sorrio ao lembrar quando, de manhã, liguei para minha mãe e lhe comuniquei a minha decisão, pensando que ela, talvez, tentasse me dissuadir dizendo ser loucura. Porém, não! Dona Cecília pareceu estar feliz e, quando eu citei o tempo que Giovanna e eu estamos juntos, ela me lembrou de que se casou com Gilberto após três meses de namoro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sempre achei que aquela pressa dela em se casar com ele em parte fora por minha causa, pois eu era um menino pequeno sem um pai, embora tivesse meus avós, porém, tanto os maternos quanto os paternos eram muito fechados e ocupados. Gilberto foi o pai que eu conheci, é o pai que eu amo, mas, conforme minha mãe salientou com todas as letras, eles se casaram porque estavam apaixonados.

Três meses de namoro, e os dois estão juntos e felizes há quase trinta anos. Sinto-me mais tranquilo quanto a isso. Eu sei que ainda preciso aparar algumas arestas com Giovanna, com minha família e com a família dela. Gargalho quando penso na reação do Frank Villazza. Provavelmente, vai achar que foi de propósito!

Bato à porta do quarto do meu irmão caçula, que deve estar dormindo, pois chegou a casa com o dia amanhecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi! — escuto-o saudar com voz sonolenta.

— Bê, é o Nick. — Eu respiro fundo. — Preciso conversar com você.

Segundos depois, ele abre a porta usando só cueca e com a cara inchada. Eu entro em seu quarto, olhando para as pranchas de surf na parede e os skates em um canto, como se fossem decoração.

— Desculpe ter te acordado, mas é que preciso mesmo conversar contigo!

— Algo com a mamãe... — Ele arregala os olhos. — Não! Eu a vi quando cheguei... — Respira fundo. — Gio?

Eu assinto, e ele se senta.

— Vocês saíram juntos da cidade, não foi? Eu soube pela Carol.

Bufo pela indiscrição da minha amiga.

— Sim. — Sento-me ao seu lado. — Você

PERIGOSAS ACHERON

sabe que estamos juntos, não é? — Ele faz que sim.
— Eu queria dizer que...

— Eu pensei que estava apaixonado, sabe?
— ele dispara, e eu tenho vontade de me dar um
soco por não ter percebido isso. — Achei que ela
fosse a mulher certa para mim, porque... não sei,
Nick, mas parece que algo me une a ela, é estranho!

— Eu não fiz de propósito, Bernardo. —
Ele sorri. — Eu a vi há alguns anos na Itália e,
desde lá, tinha vontade de conhecê-la.

— Mesmo? — Olha-me curioso. — Por que
não foi atrás dela na ocasião?

— Não sei. — Dou de ombros. — Não
rolou, eu comecei a trabalhar na América do Norte,
e o tempo passou.

— Não se preocupe comigo, Nickito. — Ele
me abraça. — Ela só queria minha amizade!

— Eu a amo, Bê. — Ele se afasta e me
encara. — Parece louco, mas é o que eu sinto.

— É... recíproco? — Sorrio e confirmo. —
Uau! Tão rápido!

— Eu vou pedi-la em casamento. — Mais uma vez, ele arregala os olhos. — Mas antes queria conversar com você para dizer o que sinto por ela e...

— Saber se para mim está tudo bem? — Eu assinto. — Nick, você é meu irmão mais velho, eu quero só que você seja feliz, mano!

Eu o abraço apertado, como quando éramos crianças.

— Isso do pedido vai ser hoje?

— Na hora do almoço. — Mostro a ele o anel que pertenceu à minha avó paterna. — Mamãe me entregou o anel que Charles Smythe-Fox deu a ela. — Ele olha para a joia com sua enorme safira no centro e cravejada de diamantes em todo o aro.

— Uau! Nunca o tinha visto antes!

— Para mim, é muito rebuscado, mas acho

que combina com Giovanna.

— O que posso te dizer, Nickito? —
Bernardo me dá um tapinha nas costas. — Boa
sorte, mano!

Eu saio do seu quarto mais aliviado,
sabendo que, pelo menos, a aresta com minha
família está aparada. Agora resta conversar com os
Villazzas, mas isso somente depois de eu falar com
Giovanna.

Encontro as duas, minha mãe e ela, na
estufa, mexendo em algumas plantas com o
jardineiro. Abraço Gio pelas costas e aspiro o
cheiro de seus cabelos.

— Oi, sumido!

— Eu estava conversando com o Bernardo.
— Minha mãe me olha preocupada, e eu sorrio,

vendo a preocupação deixar seu semblante. — O almoço já deve estar pronto, e acabei de me encontrar com meu pai chegando do clube.

— Ah, que bom! Não sei por que ele insiste em ir para o clube, se não pode jogar ainda! — Revira os olhos. — Homens!

Eu sorrio com ela, porém, ainda sinto Giovanna tensa.

— Tudo bem? — Ela assente, e eu noto seu sorriso forçado. — Giovanna? — Ela me olha. — Tudo bem?

— Eu... — Ela respira fundo. — Estou com a sensação de que algo incomum está acontecendo... Isso me faz ficar nervosa.

Eu sorrio diante de sua sinceridade e a abraço.

— Não fique! Está tudo como deve ser.

Entramos na casa e vamos para o meu quarto de solteiro. Ela olha cada uma das coisas

que estão aqui, pois minha mãe nunca desarrumou o lugar, nem mesmo refez a decoração. Morei aqui dos sete anos até entrar na faculdade, nos Estados Unidos, depois que me graduei, voltei para casa, onde fiquei por dois anos antes de correr o mundo. Dona Cecília queria que eu voltasse para casa há três anos, mas eu fiz questão de minha individualidade.

Gio toca meus troféus de matemática, bem como os poucos de hipismo que tenho. Eu nunca fui um bom competidor, principalmente na prova de saltos, pois sempre fui muito grande e isso deixa o cavalo pesado.

Ela remexe em meus álbuns de fotos, e sei que vai ter um momento em que vai questionar sobre uma delas...

— Essa aqui não é minha cunhada? —
Chegou o momento!

— Sim, mas, na época, ela era Isabella
PERIGOSAS ACHERON

Romanza ainda. — Eu me aproximo, vendo a foto dela cercada por pessoas vestidas de smoking em um vestido vermelho que era um arraso. Eu trabalhei essa foto, tirada com meu celular, e deixei somente o estonteante vestido com cor e o resto em branco e preto. — Foi há pouco mais de três anos, em Genebra.

Ela assente.

— Ela estava lá com meu irmão e, mesmo assim, você a fotografou?

— Ela estava linda! — Ela me olha com cenho franzido e cara de brava e vira a página, encontrando agora outra foto dela com seus dois filhos. — Essa eu tirei quando nos encontramos aqui em São Paulo. Foi consentida!

— Eu percebi! Ela está fazendo pose! — Encara-me com seus olhos azuis brilhantes. — O que houve entre vocês dois?

— Nada! — Rio. — Amizade. Eu gosto da
PERIGOSAS ACHERON

Isabella e sou louco por Laura e Lucca, embora quase não os veja. — Sorrio e a abraço. — Será que ser ciumento é um traço de família?

— Amizade? — Ela volta à foto tirada em Genebra. — Essa aqui não foi consentida!

— Não. Eu não vou mentir para você, Giovanna, não sou assim. — Ela fica tensa. — Quando a conheci, fiquei bastante interessado e, se o interesse fosse recíproco, eu teria ficado com ela mesmo existindo seu irmão. — Ela arregala os olhos novamente. — Mas não foi. Isabella já estava completamente apaixonada pelo Frank, e eu nunca tive chance.

— Ainda se interessa por ela?

— Deus, não! — Gargalho. — Desde o dia em que vi o quanto ela o amava! Eu inventei uma desculpa e a levei para almoçar, mas, no restaurante, apareceu a Mel, que conversou com ela e desfez um mal-entendido. — Ela parece curiosa.

— Isabella pensou que seu irmão e a Mel tiveram algo em Lima, quando foram ver o novo hotel Villazza. — Giovanna assente, parecendo conhecer a história. — Naquele dia, eu vi o quanto ela o amava e soube que Frank a amava também, então tirei meu cavalo do páreo.

— Você e eu... — ela olha no fundo dos meus olhos — não tem nada relacionado a sua competição com Frank pela Isabella, não é?

— Claro que não! — Eu a abraço. — Nunca duvide disso, do que eu sinto por você. Isabella Villazza é uma amiga, assim como Mel Boldani e Caroline Nogueira.

— Você tem muitas *amigas*! — Rio, notando seu ciúme. — E Caroline quer mais que amizade com você!

Eu bufo.

— Caroline sabe o que eu sinto por ela. Eu sempre deixei claro que a vejo como uma irmã!

Não se preocupe com isso, além do mais, tenho certeza de que vocês duas serão amigas também.

Minha mãe aparece à porta anunciando que o almoço já está pronto e que todos já estão lá embaixo nos esperando.

Descemos juntos, de mãos dadas e, quando entramos na sala de jantar, sinto vontade de praguejar. *Eu vou matar minha mãe*, penso ao olhar os Nogueiras à mesa.

— Sandra, Rildo, como vão? — cumprimento-os. — Carol! — Abraço minha amiga.

— Fomos convidados a almoçar aqui hoje! — Sandra comenta. — Mas percebo que não é uma reunião apenas para os familiares. — Ela olha para Giovanna.

Eu relevo seu veneno, já conhecendo bem o jeito dela e o quanto ele constrange Carol.

Sentamo-nos e, assim que o vinho é servido,
PERIGOSAS ACHERON

eu me levanto.

— Eu gostaria da atenção de vocês! — Todos, menos mamãe e Bernardo, surpreendem-se, pois não sou dado a fazer discursos. Carol me olha pálida enquanto Giovanna parece tensa. — Eu gostaria de fazer um pedido, aqui, diante da minha família. — Minha mãe sorri com lágrimas nos olhos. Pego as mãos de Giovanna. — Eu sei que devo fazer isso com seus pais, mas prometo que, na primeira oportunidade, vamos para a Itália! — Vejo seus olhos brilharem. — Você sabe o que significa para mim ter você ao meu lado. Você sabe que é a única mulher que amo. — Uma lágrima escorre pelo seu rosto, mas seu sorriso é contagiante. — Ontem lhe disse que queria você na minha vida para sempre. — Coloco um joelho no chão, e ela ri nervosa. — Eu amo você e quero que seja minha para sempre, oficialmente. — Mostro-lhe o anel. — Você, Giovanna Villazza, aceita se casar comigo?

Giovanna não consegue parar de chorar, mas seu sorriso ainda está em seu rosto. O tempo que ela leva para responder parece uma eternidade, mas, assim que o faz, sinto meu coração disparar.

— Sim, Nicholas Smythe-Fox, eu aceito!

Eu me levanto e coloco o anel em seu dedo.

Escuto minha mãe falando algo e, em seguida, um champanhe é estourado. Todavia, eu só posso olhar para Giovanna, só posso amá-la e, para mim, neste momento, somente ela existe.

— Eu te amo! — ela sussurra para mim, e eu a beijo. Nada no mundo pode ser mais perfeito do que este momento.

— Ah, meu filho! — Minha mãe vem me abraçar, seguida de Gil e Bernardo. — Eu estou tão feliz por você!

Abraço um a um, e eles seguem para abraçar Giovanna, dando-lhe boas-vindas à família. Sandra e Rildo são mais formais, porém, eu

PERIGOSAS ACHERON

esperava uma saudação contente de Carol, mas não é o que acontece.

— Não acha que está sendo precipitado? — ela me pergunta sem nem mesmo me cumprimentar. — Nick, você nem a conhece direito!

Eu sei que ela está preocupada comigo, mas, ainda assim, fico incomodado com sua intromissão.

— Eu nunca tive tanta certeza, Carol! — Abraço-a. — Fique feliz por mim! Eu tenho certeza de que você irá encontrar alguém que a ame como você merece!

— Eu queria que você me amasse como eu amo você! — ela murmura ao meu ouvido, e eu fecho os olhos, sabendo que este momento de felicidade que eu vivo não é tão feliz para ela.

— Eu sinto muito, Carol. Mas você sempre soube o que sinto por você...

— Eu sei, Nick! — Ela se afasta e sorri triste. — Eu só não estou feliz por você porque acho que *ela* não é a mulher certa. Só isso!

Ela pega seu telefone celular e o balança para mim.

— Diga a todos que tive uma emergência. — Eu franzo o cenho. — Me desculpe, mas não posso ficar...

Ela sai sem se despedir de mais ninguém na sala e sem cumprimentar Giovanna também.

— Onde a Caroline vai? — ouço Sandra questionando.

Eu respiro fundo, lamentando, mas entendendo a sua reação ante a minha decisão de pedir Giovanna em casamento. Eu sempre tive receio de que, quando isso acontecesse, ela ainda nutrisse esperanças em nós.

Giovanna se aproxima e pega minha mão. Eu encaro a mulher que, aparentemente, não

PERIGOSAS ACHERON

combina em nada comigo, mas que se tornou a dona dos meus pensamentos e do meu coração.

— Vamos almoçar! — minha mãe chama todos de volta à mesa.

Sandra não está mais na sala; provavelmente, saiu em busca de Caroline. Entretanto, Rildo e meu pai continuam a conversar sem parar sobre política.

Depois da sobremesa, uma deliciosa torta trufada de chocolate belga com creme de avelã, Marinete serve seu famoso café, e o assunto se desvia da política para a Novak.

— Temos tudo o que precisamos neste país para nos reerguer dessa crise! — Rildo comenta. — Estamos trabalhando com empenho no Congresso para aprovar as leis que poderão ajudar na retomada da economia...

— Acha mesmo que essas leis serão o suficiente, Rildo? — minha mãe indaga. — A meu

PERIGOSAS ACHERON

ver, o problema do país está mais no nível ético e moral do que, propriamente, na falta de legislação.

Ele fica um tanto sem graça com a pergunta, e eu sorrio, orgulhoso da minha mãe e da coragem que ela tem de dizer o que pensa mesmo na frente de um político do gabarito de Rildo Nogueira.

— É por isso que precisamos de pessoas novas na política, dona Cecília — ele responde. — E quem melhor do que Gilberto?

Meu pai ri sem graça.

Eu concordo com Rildo. Papai muitas vezes teve de aceitar seguir pelos caminhos contrários aos da ética, porém nunca deixou de ressaltar o quanto aquilo o enojava. Nos últimos anos em que estive à frente da Novak, deixou de fazer muitas obras *lucrativas* por causa de seus princípios éticos.

Eu me lembro da documentação que eu tenho do período mais crítico de imoralidade de um governo corrupto que pensava que todos que

PERIGOSAS ACHERON

tratassem com eles deveriam seguir nessa mesma linha. Gilberto resistiu e se manteve dançando conforme a música deles por algum tempo, mas quando o mandato desse governante acabou e o seu sucessor entrou, Gil imediatamente mudou sua postura, deixando de se rebaixar aos seus esquemas.

Ele me entregou todas as provas quando eu assumi a diretoria executiva da Novak, parecendo envergonhado e arrependido. Confesso ter ficado decepcionado com ele, até, depois de uma auditoria geral na empresa, descobrir que aquele tipo de *negócio* ocorria desde antes do meu nascimento. Não constantemente, mas de tempos em tempos, aparecia um político com mais sede de dinheiro do que de poder, ou mesmo algum que garantia seu poder através do dinheiro e da compra de aliados.

Isso só me mostrou que, no Brasil, não existem inocentes. Nem no setor político, nem no

PERIGOSAS ACHERON

empresarial, essa é a verdade.

— ...a Rede tem sentido toda essa crise? —
Rildo está inquirindo Giovanna.

— Eu não posso falar pela Rede aqui no Brasil — ela comenta. — Eu estou fora da empresa há algum tempo, e todo dividendo que recebo por ser uma das acionistas é da Rede Internacional, e não da subsidiária da América Latina. Mas creio que deva ter havido algum declínio, sim...

— Ainda mais depois daquele escândalo do Baden! — Sandra concluiu, citando a situação para constrangê-la.

Olho para minha noiva pensando que ela teria aquele olhar mortal e superior, mas tenho uma surpresa ao vê-la ruborizada e desconfortável com o assunto.

— Não podemos condenar a Rede Villazza pelas ações daquele cretino do Hans Baden — Gilberto a defende. — Vocês sabem que aquele
PERIGOSAS ACHERON

homem nunca valeu o ar que respira!

Um clima pesado se instala à mesa. Minha mãe concorda, por gestos, com a declaração de meu pai enquanto Rildo e Sandra parecem constrangidos também.

Eu sei bem o porquê! Hans Baden começou sua carreira na Novak, considerado um gênio em sua área, esperto, astuto, inteligente e galanteador. Tinha tudo para se tornar um alto executivo e não só minha família o apoiou mas também os Nogueiras.

Eu tento desviar meus pensamentos dessa história, pois sei que Gilberto se arrepende do acordo que fez com o crápula, já que poderia ter acabado com sua carreira bem antes que ele fizesse tanto estrago lá no Sul.

— Hoje não é o dia de falarmos de coisas desagradáveis! — Pego a mão de Giovanna. — Eu agradeço a todos pelas felicitações, mas minha

PERIGOSAS ACHERON

noiva e eu vamos nos retirar agora. — Dou um sorriso malicioso e uma piscadinha para meu pai. — Vamos comemorar a sós.

— Nicholas! — minha mãe me repreende, mas vejo um sorriso despontando em seus lábios.

Nós nos despedimos de todos e saímos desta casa juntos, oficialmente como um casal e, em breve, nossa próxima comemoração será para eu transformar Giovanna Villazza em Giovanna Smythe-Fox.

Capítulo XXII

Giovanna

Noiva! Eu estou noiva de Nicholas Smythe-Fox!

Eu toco a lápide à minha frente sentindo toda a tristeza que senti desde a primeira vez em que estive aqui. Eu vim até esta cidade, até este cemitério pela última vez em minha vida. Vim me despedir dela e dizer que, embora eu não tenha ido até o fim, eu a amo e sou muito grata por tudo o que ela fez para me proteger.

— Eu só espero que você entenda e possa me perdoar por não seguir conforme o planejado. — Ajoelho-me perto de sua lápide. — Mas eu não poderia seguir em frente depois de tê-lo machucado, porque expor Gilberto de Toledo iria feri-lo...

— Gio... — Escuto a voz de Klaus às minhas costas.

Respiro fundo, sabendo que terei de enfrentar toda sua revolta quando eu disser que desisti do plano. Limpo minhas lágrimas e me ponho de pé, olhando-o de frente.

— Oi, Klaus! — Noto seus olhos claros avermelhados e percebo também que perdeu peso, muito peso.

Eu nunca ignorei o problema que ele tem com a bebida, mas pensava que as coisas não estavam tão mal como parecem estar. Sua pele está sem viço, seus dedos, amarelos, bem como seu bigode, por causa do cigarro.

— Por que nosso encontro tinha que ser aqui, Giovanna? — Ele olha para os lados. — Sabe que eu odeio as lembranças que esta cidade me traz...

— Eu sei, Klaus. — Eu caminho até um banco de cimento nos arredores do cemitério. —

Foi aqui onde tudo começou. — Respiro fundo e digo de uma só vez: — E é aqui onde tudo irá terminar.

Ele franze o cenho, mas depois relaxa.

— As provas que você conseguiu sobre corrupção na Novak são tão boas assim? Elas podem destruir Gilberto para sempre?

— Eu não tenho mais as provas, Klaus. — Ele arregala os olhos. — Eu as destruí.

— Você fez o quê?! — Os olhos dele parecem querer se ejetar para fora das órbitas. — Você está louca, Giovanna?! — ele grita, e eu me coloco de pé.

— Não, Klaus. — Eu retiro um envelope com dinheiro do meu sobretudo. — Eu lhe trouxe um bônus. — Ele o pega com raiva. — A partir de hoje, Ana Bohem descansa em paz, assim como Maria Gilda Bohem, entendido?

— Como você... — Ele anda de um lado para

o outro. — Ele a deixou para a morte, Giovanna! Ela tinha 17 anos! Era uma menina! Ele a usou, descartou, nunca teve um só dia de preocupação com ela!

Eu fecho os olhos sabendo que tudo isso que ele me conta é verdade, mas estou decidida a deixar essa história morrer junto com a vingança que planejamos.

— Giovanna... — Ele me pega pelos cotovelos. — Você prometeu a ela que o faria pagar. Pense em tudo o que ela passou, em todo o sofrimento que ele lhe impôs por causa daquela empresa! Tudo o que ele sempre quis foi aquela maldita empresa!

— Minha decisão está tomada, Klaus. — Eu me solto dele e começo a caminhar para fora deste lugar. — Acabou! Eu vou continuar com seus pagamentos mensais, não se preocupe, não vou te desamparar. Mas esqueça Gilberto, Ana e Maria

PERIGOSAS ACHERON

Gilda, é só o que lhe peço. Deixe todos eles aqui, nesta cidade, neste cemitério.

Ele anda apressado atrás de mim, mas não diz nada. Eu avisto o carro que aluguei no aeroporto e me despeço dele.

— Adeus, Klaus. — Eu o abraço. — Se cuida! Se precisar entrar em contato comigo...

— Foi ele, não foi? — Seus olhos estão olhando dentro dos meus com uma intensidade que me assusta. — Foi Nicholas Smythe-Fox que a fez desistir de tudo, não foi?

Eu nego apenas com a cabeça, mas meu coração está em disparada.

— Você se apaixonou mesmo sabendo que ele recebeu tudo o que foi negado a Maria Gilda? — Fecho os olhos querendo que essas palavras não entrem em mim. — Que, talvez, por causa dele, a história aconteceu daquela forma? — Eu nego, pois Nicholas nunca teve culpa alguma do que
PERIGOSAS ACHERON

aconteceu. — Que Gilberto cuidou *dele* como um filho?

Abro o carro e entro, ligando o motor sem olhar para fora, onde Klaus e suas palavras atormentadoras estão. Acelero querendo sair daqui o mais rápido possível.

Dirijo quase quatro horas até chegar a Chapecó, onde terei de esperar até o dia seguinte o meu voo para Curitiba. Chego ao hotel, arrancando minha roupa e entrando no banho.

Deixo a água quente escorrer pelos meus cabelos, tentando parar de tremer e chorar. Está acabado! Depois de cinco anos, está finalmente acabado! Eu sei que nunca vou esquecer ou perdoar o que Gilberto lhe fez, mas ele também nunca saberá o que houve com Maria Gilda. Como, em nome de Deus, eu conseguirei conviver com ele?

Eu penso em Nicholas, em São Paulo, acreditando que eu estou em Curitiba conversando

PERIGOSAS ACHERON

com Antonio e com Frank sobre nosso noivado.

Ele queria ir comigo, mas eu não permiti, pois tinha de vir aqui antes de ir até os meus irmãos. Eu precisava pôr um fim naquela história, naquele segredo, antes de pensar em anunciar nosso noivado, antes de envolver minha família.

Eu disse a ele que estava acostumada a ir para casa de avião comercial e dispensei o jatinho que ele providenciara para me levar. Desse modo, voei até Curitiba, depois para Chapecó, onde aluguei um carro e segui viagem até Campo Novo, no Rio Grande do Sul.

Escuto meu celular tocando, mas ignoro-o, sabendo se tratar de Nicholas e, nesse momento, eu não tenho condições psicológicas para falar com ele sem demonstrar o quão abalada estou.

Tudo aconteceu muito rápido! O envolvimento, o relacionamento, o amor e o pedido de casamento. Tudo isso é como um sonho, um

PERIGOSAS ACHERON

conto de fadas, porém, eu figuro nele ao mesmo tempo como princesa e bruxa má.

Na verdade, sinto-me mais como a Malévola, sedenta de vingança, mas que desiste de tudo por amor. Eu rio com a comparação, lembrando-me do filme que assisti há alguns meses.

Eu só espero que o amor seja capaz de quebrar todo o feitiço e a maldição da minha história também.

— Bom dia! — eu cumprimento Alice assim que a encontro na antessala da diretoria executiva da Rede Villazza, em Curitiba.

Ela parece assustada ao me ver, e eu entendo isso, pois há muito tempo não vou até o prédio onde funciona a Rede da América Latina. A última vez que a vi, muito rapidamente, foi no casamento

do Tony e da Marina aqui no Salão Royal do Convention Curitiba.

— Senhorita Villazza....

— Oi, Alice! — Eu sorrio para ela, que franze o cenho, talvez estranhando meu bom humor ou simpatia. É, parece mesmo que não tenho uma boa fama por aqui! — Meu irmão pode me atender por uns minutos?

Ela me pede um minuto e liga para o Frank.

— ...sim, eu tenho certeza de que é ela mesma! — Escuto-a dizer baixinho para, em seguida, olhar-me detalhadamente. — Sim, parece que está tudo ok com ela, sim!

Eu tenho vontade de gargalhar com a conversa deles, mas sou impedida pelas portas duplas da sala de meu irmão sendo abertas e por Frank aparecendo um tanto afobado na antessala.

— Gio?! — Ele me abraça, e eu não tenho tempo nem de abrir um sorriso, pois ele me aperta

tanto que me sufoca.

— *Padulo...* eu... não... consigo... — Ele afrouxa o abraço, e eu respiro melhor. — Obrigada!

— Gio, *ma che sorpresa! Andiamo!*

Entramos na sala dele, repleta de fotografias de sua família — e até alguns rabiscos de criança —, completamente diferente do que era antes de ele se casar.

— Vai ficar conosco quantos dias? — me pergunta assim que nos sentamos, um de frente para o outro, nos sofás de couro em um canto da sala. — O Tony sabia que viria? Aconteceu alguma coisa urgente? Você está com algum problema?

Eu começo a gargalhar, pois sabia que ele não iria parar de fazer perguntas como um louco. Ponho a mão em seu braço, olhando no fundo dos seus olhos castanhos.

— Eu só vim até aqui para matar um pouco a saudade que estava de vocês!

Ele levanta uma sobrancelha.

— Assim? Do nada? — Cruza os braços, encostando-se à poltrona com seu sorriso torto no rosto. — Giovanna Villazza, eu te conheço como a palma da minha mão. O que, de verdade, te trouxe até aqui?

Droga! Esse homem realmente me conhece muito bem! Frank e eu, apesar da diferença de idade, sempre fomos muito unidos, e a forte ligação que eu tenho com ele nunca tive com mais ninguém. Ele sempre foi mais do que um irmão mais velho para mim. Ele foi meu companheiro de aventuras, meu conselheiro — principalmente para não me deixar cair na lábia de homens como ele. Eu não tenho uma só lembrança boa que não esteja presente. Eu sempre amei Frank profundamente e, mesmo depois de tudo o que me aconteceu nesses últimos anos, nunca deixei de amá-lo e de sentir sua falta.

Ele é sufocante, intrometido, ciumento, mas eu nunca senti com ninguém a segurança que sinto com ele. Quer dizer, eu nunca tinha sentido. Nick chegou à minha vida, embora não para substituir o que sinto pelo meu irmão, porque são sentimentos diferentes, mas para somar mais um tipo de afeto que me deixa segura e protegida.

— Eu estou apaixonada, Frank!

Ele arregala os olhos, mas não comenta nada.

— *Eu estou apaixonada, Frank!* — repito a frase com ênfase em cada palavra, pois penso que ele possa não ter entendido. — *Padulo?*

Ele balança a cabeça, como se tentasse sair de um pesadelo.

— *Chi è il dannato?*

Eu não me contenho e gargalho de novo, achando inacreditável que ele ainda sinta tantos ciúmes de mim, afinal, já tenho quase 30 anos e muita independência.

Deus! Ele vai pirar quando eu disser quem é!
Decido, primeiro, contar como aconteceu.

— Eu não estava pensando ou planejando...

— Ninguém nunca está! Quem é o *maledetto*? — interrompe-me sem paciência.

Eu respiro fundo, não querendo cair no jogo dele, mesmo porque suas imprecações ainda estão leves, sinal de que não está tão nervoso quanto quer fazer parecer.

— Frank! — Ele me encara. — Posso contar a história, ou você prefere ficar sabendo pelo Tony? Porque, se continuar surtando desse jeito, vou conversar com ele!

Ele balança a cabeça, mas se acalma.

— Obrigada!

Ele me dá um sorriso torto debochado.

— Você só está alongando minha raiva, mas, quando eu descobrir quem eu preciso matar...

— Para já com essa merda, Frank! — grito,
PERIGOSAS ACHERON

irritada com sua insistência e receosa sobre sua reação quando descobrir que vou me casar com Nicholas. — Eu estou feliz! — Ele me encara sério e surpreso. — Eu estou feliz! Sabe por que, *padulo*? Porque ele me ama também!

— *Madonna Santa!*

— Sim, é incrível, não é? — Eu rio. — Eu vim aqui para conversar com vocês sobre isso. Para dizer que eu senti a falta de todos tão profundamente... — eu choro — ...mas que acabou... acabou esse tempo que eu precisava para estar só. Eu amo você, *padulo*! Amo o Tony, o *babbo* e a *mamma*... Amo até minhas cunhadas, embora eu não tenha dado muitas chances para elas me amarem também, não é? — Ele sorri também emocionado. — Eu quero ser a tia Gio para Laura e Lucca e também para o bebê do Tony. Eu quero ser uma Villazza!

— Você sempre foi, Gio! — Ele me puxa

para seu colo, como fazia quando eu era pequena. — Sempre foi, sempre será nossa *princesa*! — Eu sorrio, mesmo ainda derramando lágrimas. — Conte-me sobre esse santo que te fez enxergar tudo isso!

Ai, Dio Santo! Quando ele souber...

— Frank, ele é incrível! Eu não gostava muito dele quando nos conhecemos, mas sabe? — Meu sorriso se expande. — Eu acho que ele já tinha uma queda por mim há muito tempo!

— Seria louco se não tivesse... — Ele belisca a ponta do meu nariz, e isso me traz recordações felizes da infância. — Eu o conheço?

— Sim — respondo rápido e continuo a descrever Nicholas: — Ele é tão sincero, tão simpático e tem um coração... — Frank fica sério e levanta a sobrancelha, porém eu acho impossível que ele tenha descoberto só com essas características. — Sem contar que é lindo de um

jeito... — Ele rola os olhos. — Seu rosto parece o de um anjo, mas é só...

— *Cazzo, Giovanna!* — Ele me encara. — Não me diga que é quem eu estou pensando! — Tira-me de seu colo com a sutileza de um elefante e começa a andar. — *Porco coglione!* Eu vou matá-lo! O que ele quer afinal, cercando todas as mulheres da minha família?!

— Frank! — Eu me levanto. — Frank! — chamo-o de novo, e ele me encara. — Ele me pediu em casamento. — Ele arregala os olhos. — E eu aceitei. Eu vou me casar com Nicholas Smythe-Fox.

— *Dio! Le disgrazie non vengono mai sole!*

— Frank! — Seguro suas mãos. — Nós nos amamos de verdade, *padulo!* Nicholas é... — eu tento achar as palavras — ele é como um sonho! É tudo o que eu poderia sonhar em um homem! — Ele balança a cabeça, ainda resistindo a aceitar a

PERIGOSAS ACHERON

ideia. — Quanto tempo você precisou para saber que Isabella era a mulher da sua vida?

Ele ri.

— Sem contar o tempo em que fiquei me enganando? — Eu rio também, sabendo o quanto ele era cabeça-dura e orgulhoso. — Desde que a vi pela primeira vez, notei que era diferente.

— Eu senti a mesma coisa por ele, Frank. Deus sabe que eu não queria me envolver ou me apaixonar por ele, mas não pude impedir de acontecer.

— Eu sei, Gio. — Abraça-me. — Eu só fico com medo desse *stronzo* te magoar. — Ele me aperta com força. — Se ele fizer isso, eu juro que vou...

— Frank! — Rio. — Estamos felizes! Eu sabia que sua reação seria tão... intensa. — Ele ri de si mesmo. — Eu sei que ele conheceu Isabella e também que é amigo da Mel e que vocês dois têm

uma rusga...

— Não tenho rusga nenhuma com aquele *franguinho*!

Dou um tapinha nele.

— Aquele *franguinho* será seu cunhado! — Ele xinga mais uma vez em italiano. — E, como eu amo vocês dois, gostaria muito que parassem de ficar demarcando território e se dessem bem.

— Não prometo! — Soco seu ombro, sabendo que ele odeia esses soquinhos. — Tudo bem! Por você, *sole mio*, eu faço tudo!

Eu fico em seus braços, feliz como não me sentia há anos, sentindo que todo o medo, toda a dor, toda a solidão dos últimos anos está ficando para trás.

— E o Tony? — indago sobre meu irmão do meio.

— Viajando com a Marina de novo! — Ele finge que isso o aborrece, mas sei que deve estar PERIGOSAS ACHERON

feliz com a felicidade de Tony. — Eles foram até Nova Iorque, pois, há alguns anos, Tony tem sondado entrar no mercador norte-americano.

— Sério? — Eu estranho.

— Sim. Acho que ele precisa de asas para voar sozinho e, se realmente acontecer o negócio por lá, papai vai entregar a diretoria executiva para ele, tanto a dos Estados Unidos quanto a do Canadá.

Uau! Como as coisas estão mudando! Meus irmãos sempre trabalharam juntos, e imaginar Tony e Frank separados, cada um cuidando de sua divisão, é estranho demais para mim.

— Sobre esse casamento... — ele continua.

— Ah! Vai demorar um pouco ainda! — Eu me lembro que a discussão sobre a data ainda não foi encerrada, pois para Nicholas ontem é muito tempo, mas eu quero esperar mais alguns meses e fazer tudo devagar. — Estou tentando convencê-lo

a deixar a cerimônia por conta da dona Silvia Villazza...

— *Pobre inamoratto*, ainda não sabe que, se aceitar deixar *mamma* fazer sua festa de casamento, irá esperar meses!

— Você fugiu com Isabella e a frustrou! Depois, Tony e Marina decidiram por uma cerimônia entre amigos aqui no Brasil. — Dá de ombros. — Eu não sei se tenho escolha, pois, se não realizar esse sonho dela...

— Você tem razão! *Mamma* ficará muito chateada se não fizer seu *evento* para um de nós, e como só sobrou você... — Ele ri, debochado.

— Eu mereço, por ter estado tão distante todos esses anos! Além do mais, não há nada neste mundo que eu não faça pela *mamma*!

— E nem nós por você, Gio!

Frank me chama para ficar com sua família em sua casa até o dia seguinte, e eu aceito. O tempo

que passo com meus sobrinhos e com minha cunhada é incrível, mas, por algum motivo, sinto um aperto em meu coração ao pensar que estou sentindo felicidade demais, e ela nunca dura muito!

Acabei de desembarcar!

Eu mando mensagem para Nicholas enquanto espero minha mala aparecer na esteira do desembarque doméstico do aeroporto de Congonhas. Só consegui voo para a tarde, por isso passei a manhã inteira brincando com meus sobrinhos, almocei com a família de Frank, e depois Clayton, seu motorista, levou-me até o Afonso Penna.

Saio da sala de desembarque conferindo meu celular, notando que Nick visualizou a mensagem e

PERIGOSAS ACHERON

mandou um sinal de positivo. Afasto-me um pouco do tumulto, pois várias aeronaves pousaram no mesmo horário — assim há pessoas vindas de vários lugares do país aqui comigo —, e paro para lhe mandar outra mensagem.

Espero um instante vendo-o ficar online, visualizar o recado, mas, dessa vez, ele não responde nada. Dou de ombros e recomeço a andar, imaginando que ele deva estar em alguma reunião e, por isso, não pode me responder.

Contudo, quando eu avisto um homem alto, musculoso, com um sorriso iluminado, usando óculos escuros e terno, estanco no lugar, completamente surpresa com sua presença aqui no aeroporto.

Sorrio de volta e apresso os passos, notando que algumas mulheres estão paradas olhando-o e algumas, ao passarem por ele, olham para seu traseiro e comentam algo. FRANZO O CENHO COM A

PERIGOSAS ACHERON

audácia delas ao olharem para aquele bumbum gostoso, e ele apenas sorri.

No entanto, quando me aproximo, percebo que sua mão direita está escondida atrás do corpo, então ele me dá um beijinho e me mostra um balão em formato de coração amarrado em seu pulso.

Eu gargalho ao ver o objeto, atraindo ainda mais a atenção das pessoas à nossa volta. Nicholas sempre consegue me surpreender!

— Como sei que você não gosta muito de buquês, pois prefere as flores plantadas, achei o balão uma forma bem romântica de dizer que senti sua falta!

Ai, meu Deus! Se eu já não estivesse apaixonada por esse homem, cairia de quatro aqui mesmo nesse momento!

Ele desenrola a fita de seu pulso, fazendo o balão subir, e me entrega a argola que mantinha na mão. Eu seguro o objeto, rindo como criança ao vê-

PERIGOSAS ACHERON

lo no ar.

— Bem-vinda de volta!

— Obrigada! — Eu o beijo, mas, dessa vez, com um pouco mais de ousadia. — Eu amo você!

Ele sorri, entrelaçando meus dedos nos seus.

— Eu também te amo! — Olha em volta. — E creio que todos por aqui sabem disso! — Dá-me uma piscadinha safada.

Eu rio olhando o balão que, enquanto saímos do aeroporto, vai nos seguindo do alto, mostrando a todos um enorme coração vermelho com as palavras *eu te amo* escritas em letras douradas. É brega, eu sei! Porém, eu nunca me senti tão feliz em toda a minha vida!

Nicholas veio me buscar no aeroporto direto da Novak, pois, ao que parece, ele está cheio de PERIGOSAS ACHERON

trabalho acumulado. Eu descubro isso ao ver o Volvo Sedan preto que nos espera no estacionamento.

— Augusto vai nos levar ao seu apartamento, mas eu terei que seguir com ele para a Novak, pois interrompi uma reunião para vir te buscar. — Eu sorrio com o gesto, e ele me beija antes de entrarmos no banco traseiro do carro. — Como foi em Curitiba?

Eu respiro fundo pensando que, ao contrário do que ele pensa, eu só dormi uma noite na cidade e, por isso — além da viagem do meu irmão —, não consegui conversar com Tony sobre nós.

— Frank surtou, mas depois entendeu. — Ele sorri debochado. — Não consegui falar com o Tony.

— E sobre nossa viagem para a Itália? — Tento disfarçar minha reação ao ser lembrada disso, mas, pelo visto, não consigo. — Você não

disse a eles que eu vou pedir sua mão ao seu pai?

Ai, merda, não! Eu esqueci esse detalhe!

— Tony não estava, pois foi para Nova Iorque com Marina. Só consegui conversar com o Frank, mas não disse nada sobre irmos à Itália para falar com meus pais. — Faço careta. — Acabei esquecendo!

Ele ri e me abraça apertado.

— Isso se resolve com uma *ligação*, viu? — ele ressalta a palavra, pois, desde o começo, foi contra minha ida a Curitiba para contar aos meus irmãos pessoalmente sobre nós. Ele alegou que um simples telefonema resolveria. E era verdade, mas eu tinha outras coisas a resolver no Sul. — Não há necessidade de ir para Curitiba de novo, a não ser que eu possa ir junto e já fazer amizade com meus futuros cunhados. — Mostra a língua ao dizer isso.

Sei que vou enfrentar uma vida de provocações entre Nicholas e Frank. Eu só espero

PERIGOSAS ACHERON

que pelo menos Tony seja menos infantil que esses dois.

— Minha mãe marcou um jantar hoje à noite.
— Eu o olho curiosa. — Não é sobre nós! — Não disfarço minha cara de alívio. — É uma reunião que ela sempre faz quando abre vagas para voluntariado na CCCN. — Ele me encara, e eu sei que não é só isso. — Eu acho que você poderia ajudar esse ano, o que acha?

Arregalo meus olhos ante a pergunta sem saber o que dizer sobre isso. *Voluntariado?! Eu nunca fiz nada parecido, embora tenha uma mãe engajada em ações sociais. Entretanto, se eu quero fazer parte da vida dele, eu terei de começar a conhecer mais sobre seu lado filantrópico.*

— Como funciona? — pergunto, pois realmente nunca ouvi falar que a CCCN abria esse tipo de vaga.

— É só para o Festival de Primavera — ele
PERIGOSAS ACHERON

explica. — Geralmente, doamos nosso tempo ensinando algo, assim ajudamos os professores a dar conta de todas as crianças, e eles podem se dedicar mais aos ensaios. Esse ano, eu não vou me voluntariar, porque já fiquei sabendo que as vagas para aulas extras de violão já estão todas preenchidas.

Eu penso em ajudar com aulas de piano, mas realmente nunca ensinei nada a ninguém na vida e não sei se consigo dar conta, mas não me custará nada averiguar.

— Eu vou ver como funciona, conversar com dona Cecília e ver no que posso me encaixar.

Ele sorri satisfeito, e, logo após, o carro para à porta do meu prédio. Nicholas sai, dá a volta e abre a porta para eu sair.

— Eu venho buscá-la às 19h, pode ser?

Eu aquiesço, pois não vou à agência hoje.

Ele desliza as mãos pela minha cintura e me

aperta contra ele, beijando minha boca como faz quando me beija intimamente. Um delicioso arrepio sobe pela minha coluna.

— Se eu pudesse, mandava essa reunião pelos ares e passava o dia inteiro te fodendo. — Uau! Nicholas parece realmente louco de tesão, e eu posso sentir sua ereção na minha barriga. — Estou morrendo de saudade!

— Eu também. — Aperto-me mais contra ele e solto um gemido baixinho. — Tem como você vir me *pegar* mais cedo?

Ele ri com o duplo sentido da palavra, mas nega. Eu faço beicinho e ganho mais um beijo molhado e sensual.

— Às 19h! Esteja pronta.

Vejo-o entrar no carro e entro no prédio.

— Boa tarde! — cumprimento o porteiro, senhor Júlio, e ele chama o elevador para mim.

Olho para o espelho e vejo ali uma mulher

PERIGOSAS NACIONAIS

que não mais reconheço. Olhos brilhantes, sorriso, até minha pele parece estar mais viçosa. Fecho os olhos e agradeço a oportunidade de sentir tanta felicidade.

Decido tomar um banho e descansar um pouco antes do jantar dessa noite. A todo momento, eu fico olhando o anel reluzindo no meu dedo, louca para ligar para minha mãe e contar a novidade, mas Nicholas e eu queremos contar juntos à minha família.

Quando me deito de roupão lembranças do dia anterior vêm à minha mente, principalmente do desespero nos olhos de Klaus. Eu sei que ele quer muito a queda dos Novaks de Toledo por tudo o que *acha* que eles fizeram, mas eu realmente penso que o único responsável é Gilberto.

Não consigo dormir, então decido separar minha roupa e começar a me arrumar.

PERIGOSAS ACHERON

A casa dos Toledos está diferente de todas as vezes em que vim até aqui, decorada com flores, luzes e cristais e com o pessoal da produção da FIN trabalhando.

Nicholas entrega as chaves de seu mais novo brinquedo — outro Porsche, dessa vez, negro — para o manobrista, e nós entramos de mãos dadas. Ele está vestido com um terno azul-marinho, e eu visto uma calça pantalone de cintura alta e tecido fino e fluído, que parece uma saia quando não estou andando, e uma blusa *cropped* de renda preta e magas compridas, deixando uma pequena faixa de pele à mostra no meu abdômen.

Dona Cecília nos recepciona na sala de estar lotada de pessoas.

— Que bom que vieram! — Ela me beija. — Como foi em Curitiba?

— Bem, obrigada!

— Posso deixar minha noiva com a senhora um pouco? — Nicholas inquire, apontando para alguém. — Eu preciso conversar com o Hammes. Com licença.

Ele vai em direção ao dono de uma loja de departamentos famosa da capital paulista.

— O Nicholas me contou sobre a abertura de voluntariado para o festival. Como funciona?

— Ah! Seria ótimo se conseguisse nos ajudar. — Os olhos dela brilham. — Eu iria adorar ver minha futura nora envolvida nos trabalhos da *Casa*. Vem comigo, vou te apresentar aos diretores e professores de lá.

Dona Cecília cumpre o que promete, e eu passo a próxima hora conhecendo e conversando com pessoas da CCCN. Descubro, por exemplo, que eles não têm mais vaga para aulas extras de piano, mesmo porque a turma que estuda o PERIGOSAS ACHERON

instrumento é pequena.

Porém, em compensação, a professora de balé quase implora minha ajuda, e eu acabo me comprometendo com ela, até ouvir as lamúrias da professora de canto, que tem muitas alunas e irá precisar dividir suas turmas e fazer três corais diferentes.

Concluindo, eu me torno voluntária para ensaiar, às segundas-feiras, a coreografia de *O Quebra-Nozes* com uma turma de crianças de cinco a sete anos e para ensaiar com um coral, às quintas-feiras, de 15 alunas entre 14 e 16 anos.

Todos os convidados já foram embora, e estamos agora apenas eu, Nicholas e seus familiares na sala de estar da casa dos Toledos. Nick está encantado com meu voluntariado, mas eu

PERIGOSAS ACHERON

faço questão de ressaltar que estou fazendo isso por vontade própria e não por causa dele. E é verdade! Eu quis ajudar depois de ouvir aqueles profissionais que dedicam tempo para cuidar da educação cultural de crianças que nunca teriam condições de ter acesso àquelas coisas. Será ótimo poder voltar a dançar aos poucos, com passos simples de meia-ponta com aquelas crianças.

— Você realmente gostou da ideia de voltar a usar sapatilhas, não foi? — Nicholas me provoca assim que o último convidado vai embora. — Mãe, a Giovanna está usando o festival como desculpa, mas, na verdade, o que ela quer é voltar a dançar!

Eu rio, sabendo que não deixa de ser um dos meus motivos.

— Você nem faz ideia da alegria da Graça quando ela se dispôs a ajudar! — ela comenta, sentada numa poltrona com os pés em cima das pernas de Gilberto, que lhe faz uma massagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi realmente muito bacana de sua parte, Giovanna! — esse comenta. — Vai entrar para a família com honras!

Nicholas me abraça pelas costas e deposita um beijo em meu pescoço.

— Senti falta da Carol aqui hoje — Gilberto volta a falar. — Ela nunca perdeu um ano sequer!

Nicholas se remexe desconfortável, e eu o sinto ficar tenso.

— Acho que ela resolveu dar um tempo de nós um pouco — Bernardo afirma encarando o irmão. — Acho que ela finalmente perdeu as esperanças...

— Bernardo! — dona Cecília o repreende.

— Acho que já está na hora de irmos! — Nicholas se solta de mim.

— Por que vocês não domem aqui? — Sua mãe mostra o avançado das horas. — Vou ficar mais tranquila.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me consulta com um olhar, e eu assinto.

— Então nós já vamos subir! — Ele deposita um beijo na testa de sua mãe e abraça Gilberto. — Boa noite! — Faz um sinal para o irmão.

— Boa noite! — cumprimento a todos.

Será estranho passar esta noite aqui, sob o mesmo teto do homem responsável por mudar muito minha vida, mas eu preciso me acostumar a tê-lo por perto se quiser mesmo ser parte da vida de Nicholas.

Entramos em seu antigo quarto com papel de parede xadrez e fotografias espalhadas para todos os lados.

— Eu adoro olhar suas fotos! — Pego uma em que ele aparece ainda bebê ao lado de um homem alto, moreno e de olhos claros. — Seu pai?

— Sim. — Eu olho em sua direção, mas ele está tirando a roupa, de costas para mim. — Eu não o conheci muito.

Eu sei disso. Seu pai biológico, Charles, morreu em um acidente de carro quando Nicholas tinha menos de dois anos de idade.

— Essa foi a última foto que tiramos juntos. — Ele caminha apenas de cueca até onde estou. — Esse aqui — mostra-me um retrato de um senhor muito bem-vestido — era meu avô paterno, Andrew.

— Vocês se parecem muito! — Noto que o senhor possuía os mesmos olhos risonhos de Nicholas. — São homens muito bonitos.

Ele beija meu pescoço.

— Ainda bem que não parecemos o meu bisavô! — Ele empurra as orelhas para frente, assim como a arcada dentária superior e fica vesgo. Eu gargalho. — Meu avô escondeu o retrato dele em Woodland.

— Woodland?

— Propriedades inglesas antigas possuem

nomes! — Dá de ombros. — Esse é o nome da casa dos meus ancestrais britânicos. — Ele me puxa contra seu corpo. — Vamos para a cama.

Eu sorrio, imaginando que ele queira *me* inaugurar nesse colchão.

Enquanto ele está no banheiro, eu retiro minha roupa, ficando apenas com minha sedutora lingerie. Desfaço a cama, imaginando que, daqui a alguns meses, essa será nossa rotina diária.

— Deixei uma escova de dentes nova em cima da bancada da... — Nicholas para de falar, e eu posso imaginar o porquê. Ele apareceu no momento exato em que eu puxava a outra ponta do edredom, estando quase de quatro sobre a cama.

Sinto suas mãos em minhas nádegas, acariciando, provocando.

— Quem precisa ter pressa para escovar os dentes, afinal?

Eu gargalho quando sou jogada contra o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colchão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXIII

Giovanna

— Meu. Deus. Do. Céu!!! — Lori corre para a porta do meu escritório e berra do lado de fora da minha sala. — Tom!!!

Eu faço careta ante tamanho escândalo que ele faz, mas não consigo mantê-la por muito tempo, sorrindo como boba para meu amigo.

— O quê?! — Elton chega ofegante a minha sala. — Qual é o problema?! — Ele nos olha e, percebendo nossas caras de felicidade, franze o cenho. — Pelo amor de Deus! Vocês querem me explicar o porquê dessa gritaria?!

Eu estendo minha mão direita para ele, ouvindo, mais uma vez, o suspiro de deslumbre do Lori. Tom arregala os olhos, puxa minha mão para perto de seu rosto, analisando o anel em meu dedo

anelar.

— Oh! É o que estou pensando? — Olha para seu companheiro. — Isso aqui deve valer milhares de dólares!

Eu rolo os olhos e puxo minha mão de volta, gargalhando.

— Mercenário insensível! — Lori ralha com ele.

— Foi só para não perder o costume. — Pisca para mim, abraçando-me apertado em seguida. — Fico muito feliz por vocês, Gio!

— Ai, ainda bem que não seguiu meu conselho e pegou o surfistinha... Já pensou, Tom? Ela ter dormido com os dois irmãos?!

— Lori! — exclamo constrangida.

— Tem gente que gosta! — Tom profere, e Lori dá um tapa no seu pescoço. — Ah, qual é, Lori? Tem um monte de romance assim por aí...

— Insensível! — Lori passa o braço pelo

meu ombro. — Gio pescou o segundo solteiro mais bonito e gostoso de São Paulo!

— Segundo? — pergunto rindo, já imaginando a resposta.

— Claro! Adivinhe quem era o primeiro?
— Tom pisca para o marido, e eu rolo os olhos com a arrogância dele.

— Vou chamar a Fabi! — Lori sai da sala atrás de minha assistente.

Tom se aproxima de mim.

— Tem mesmo certeza disso? — Eu assinto. — Então deixe-o ciente de que eu posso ser casado com outro homem, mas isso não me faz um fraco, ainda sou muito macho e, se ele pisar na bola contigo, virará eunuco!

Eu gargalho, sentindo meus olhos encherem d'água, emocionada com a proteção e o apreço que ele sente por mim. Abraço-o.

— Obrigada por ser esse amigo incrível,
PERIGOSAS ACHERON

Tom! Mesmo eu não merecendo, você sempre esteve ao meu lado.

— Isso é amizade, Giovanna. Não deixamos de amar um amigo porque ele mudou ou se tornou distante. Eu amo você e sempre pude contar contigo, não seria diferente de minha parte.

— Voltamos! — Lori entra com Fabi, que parece curiosa, mas animada e está segurando um balde com um champanhe no gelo. — Olha que providencial! Fabi disse que essa maravilha está aqui há mais de um mês! Não é perfeita para nossa comemoração?

Eu olho a bebida lembrando-me de que pedi a ela que a comprasse para a comemoração sobre a concorrência da FIN que perdemos. Sorrio ante essa situação, pois, embora tudo tenha mudado, esse champanhe será estourado numa ocasião muito mais merecedora.

— À noiva! — Lori brinda.

— À futura senhora Nicholas Smythe-Fox!

— Tom ressalta.

— Ao amor! — digo antes de encostar minha taça nas deles.

Sim! Ao amor! Porque somente esse sentimento foi maior que toda a amargura e ressentimento que eu carregava dentro de mim. Agora me sinto livre e feliz.

— Fabi — chamo minha assistente —, pegue uma taça e venha brindar conosco!

Ela sorri e, imediatamente, pega sua bebida.

— À felicidade! — é seu brinde.

Eu sorrio para ela, pensando em como sempre fui sortuda na vida. Tenho uma família ímpar, amigos maravilhosos, uma assistente que sempre me aguentou nos piores momentos sem reclamar e, agora, tenho o homem mais incrível do mundo.

Eu penso em Ana, sentindo a certeza de que

ela, vendo minha felicidade, estaria feliz também. Brindo em silêncio a ela, agradecendo por tudo o que fez por mim, reconhecendo que eu só estou aqui porque ela me amou antes de todos.

— Então, como foi? — Nicholas me pergunta assim que entro no carro em frente à CCCN.

— Estou impressionada com a qualidade da Graça! A moça é uma bailarina incrível, e as crianças já conhecem os termos, os passos e as técnicas. — Ele me encara com os olhos brilhando e um sorriso enorme. — O que foi?

— Eu estou adorando ver o quanto você está empolgada e feliz. — Beija-me. — Isso me deixa muito orgulhoso da mulher que amo.

Sou eu quem tem o maior sorriso no rosto

PERIGOSAS ACHERON

agora. Realmente, estou me sentindo empolgada e feliz. Estar naquela sala cheia de espelhos, barras e assoalho de madeira me transportou de volta à uma época em que eu era completa, quando me sentia segura e amada. E a sensação do passado só me fez reforçar que hoje eu sou essa pessoa novamente.

Eu amei cada minuto que passei observando a professora Graça Belisário ensinar os passos da coreografia às suas alunas e a mim também, que, a partir da próxima semana, assumirei o posto de professora de balé daquelas meninas.

Hoje era só para eu observar, mas confesso que não resisti e dancei junto com elas. Adorei a experiência de voltar a alongar meu corpo, a fazer os exercícios de aquecimento e soltar, aos poucos, meus músculos. Foi incrível voltar a usar sapatilhas!

Eu não tenho intenção de abandonar os treinos de luta, mesmo porque agora ganhei um

PERIGOSAS ACHERON

companheiro, pois Nicholas decidiu treinar comigo, e o Oliva aceitou dar sua aula para dois. Entretanto, eu decidi voltar a dançar, talvez aqui mesmo na CCCN, ajudando com as aulas de balé.

— Verei você dançar novamente? — Eu nego. — Por quê?

— Somente as crianças irão se apresentar, Nicholas! — Ele assente, sorrindo. — Mas, se quiser, um pouco antes da apresentação, eu posso mostrar a você como ficou a coreografia!

— Hum... gostei ainda mais dessa ideia de um show exclusivo para mim! — Ele dá a partida no veículo, e seguimos para a cobertura do Castellani, meu lar durante esta semana.

Eu gosto muito de estar com ele lá, mais do que quando estamos no *loft*. Meu apartamento guarda lembranças muito doloridas as quais eu prefiro me manter longe por enquanto.

— Eu estou pensando em irmos ao haras na

PERIGOSAS ACHERON

sexta-feira, o que acha? — Eu sorrio concordando. — Joaquim me contou que os potrinhos estão bem, embora os estejam alimentando, às vezes, com mamadeira.

— Não é perigoso para eles não tomarem o leite de sua mãe?

— Sim, mas eles estão revezando, Giovanna. Uma égua produz leite suficiente para apenas um potro.

Eu adorarei voltar ao haras, o local em que nos declaramos, onde eu consegui visualizar nossa família, nossos filhos. Sorrio sonhadora.

— Mel Boldani estará por lá também, embora esteja atolada no escritório por causa de uma empresa americana que irá se instalar aqui e contratou os serviços dela. — Olha-me. — Ela contou alguma coisa no almoço de vocês?

Eu assinto, lembrando que, no sábado passado, almoçamos juntas e eu lhe contei sobre o PERIGOSAS ACHERON

noivado. Assim como Lori, ela quase fez um escândalo ao ver meu anel. Ficamos um bom tempo no restaurante colocando os assuntos em dia, e ela me contou da minha mais nova concorrente em São Paulo, a Parker, uma empresa de publicidade americana que irá se instalar na cidade após a reforma do prédio que adquiriu.

Tio Julio, o pai da Melissa e dono do escritório de arquitetura, tratou dos pormenores da reforma diretamente com o diretor-executivo, Nathan Parker, e depois entregou o trabalho nas mãos competentes de sua filha.

— Realmente, a Mel tem muito apreço por você! — comento, e ele levanta uma sobrancelha. — Pelo que eu entendi, a reforma do prédio da Parker será quase como derrubar o prédio existente e construir um novo, e ela está às voltas com o projeto, totalmente sem tempo para mais nada, mas, ainda assim, está acompanhando a obra do haras.

— Por falar em projeto... — Paramos no sinal, e eu o sinto um pouco relutante em me contar o que pretende. — Nós entramos na licitação para a construção e reforma dos prédios da Rede Villazza e do Convention SP.

Arregalo os olhos com a informação nova.

— Quando?

— Há algumas semanas. Quem está tratando de tudo é o meu diretor de operações, Rodrigo Braga.

— O Digão? — Ele olha para mim com o cenho franzido. — Frank e ele foram expulsos juntos do Colégio Militar quando crianças. Eu cresci ouvido histórias sobre os dois!

Nicholas gargalha, dizendo que o mundo é mesmo pequeno. Eu suspiro. Tenho de concordar com ele, pois só *eu sei* o quão pequeno ele é!

Nick muda a rota que costumamos usar para ir para seu apartamento, e eu percebo que estamos

PERIGOSAS ACHERON

indo em direção à casa de sua família.

— Não vamos para casa? — questiono, e ele me dá um sorriso satisfeito, que vem ocorrendo sempre que eu me refiro à sua cobertura como minha casa.

— Não. Minha mãe ligou um pouco antes de eu ir te pegar avisando que meu pai passou mal, e eu gostaria de ir vê-lo. — Ele me dá uma olhada. — Tudo bem para você? Eu deveria ter perguntado antes, você deve estar cansada. Se quiser, eu...

— Tudo bem, Nicholas — respondo automaticamente, pois meu coração acelerou, e eu senti um gelo na barriga com o que ele disse sobre Gilberto. — O que aconteceu?

Ele faz uma manobra concentrado e só depois responde:

— Ela acha que foi a pressão. — Dá de ombros. — O doutor Quintino, médico pessoal da minha família, foi chamado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu aquiesço, não querendo mais entrar em detalhes. Nunca soube que Gilberto de Toledo tem outro problema de saúde além da prótese no joelho.

Ao chegarmos à casa, Nicholas sobe direto ao quarto do pai, que está com o médico, e eu fico fazendo companhia à dona Cecília.

— Está vindo dos ensaios? — Eu confirmo, e ela me serve uma xícara de chá. — O que achou das meninas da CCCN?

— São fantásticas! — Sorrio com sinceridade. — Mas confesso que fiquei bem surpresa por só terem professoras do sexo feminino.

— Escolha da minha mãe quando fundou a casa, e eu nunca mexi nisso! Gostamos que seja um universo feminino, embora tenhamos alunos homens. Hoje, a maioria de nossas professoras foram nossas alunas, e esse ciclo vem se renovando de tempos em tempos.

PERIGOSAS ACHERON

— É um trabalho belo e de qualidade!

Ela agradece, e eu olho em direção à porta da cozinha, onde estamos à espera de notícias sobre Gilberto. Eu não consigo entender essa apreensão que sinto. Eu sinto rancor, talvez ódio por aquele homem, mas estou preocupada com seu estado de saúde. A convivência com essa família vai me deixar louca!

— Vai ficar tudo bem, minha querida! — Eu me assusto com a mão de dona Cecília sobre a minha. — Ele anda um tanto relaxado com a saúde, e, concomitantemente, as prévias do partido o tem levado a ter crises de ansiedade.

— Foi o que aconteceu?

— Penso que sim. — Toma um gole do seu chá de menta. — Ele estava no escritório, e eu ouvi o som de vidro se quebrando. Quando entrei, um copo de uísque — *que ele não deveria estar bebendo* — estava esmagado contra o tampo da

PERIGOSAS ACHERON

mesa, e sua mão estava por cima. — Eu arregalo os olhos pensando que ele tenha se cortado. — Gilberto disse que se levantou e ficou tonto e se apoiou na mesa com a mão que segurava o copo.

Eu franzo a testa tentando visualizar a cena e pensando que, se foi o caso, por que ele não soltou o copo antes de se apoiar? Parece-me uma desculpa e das bem ruins. Alguma coisa mais séria aconteceu!

Nicholas aparece acompanhado de Bernardo, e eu me levanto para saber notícias.

— Ele está bem! — diz, beijando minha testa. — A pressão dele está muito elevada, e doutor Quintino lhe deu um sedativo e o está monitorando. O que está acontecendo para deixá-lo tão nervoso, mãe?

— Prévias! — Ri. — O partido finalmente vai decidir quem será o candidato ao governo, e, embora seu pai tenha o apoio da grande maioria,

PERIGOSAS ACHERON

ele está nervoso.

— Eu não sei para que ele quis se meter nessa roubada! — Bê comenta. — Andava estressado com o trabalho na empresa, e Nick assumiu! Vocês dois tinham que estar viajando e descansando um pouco!

Dona Cecília o agarra e lhe dá um beijo.

— Nick só assumiu porque seu pai tinha vontade de seguir carreira política, você sabe! Se não fosse por isso, seu irmão ainda estaria aí, desgarrado pelo mundo!

Nicholas concorda.

Destino! Eu penso que tudo seria diferente se Gilberto tivesse continuado à frente da Novak. Eu não teria conhecido e me apaixonado pelo Nicholas e seguiria meu plano de afundar a empresa e, junto, os Novaks de Toledo. Ergo os olhos para o homem que foi capaz de me fazer desistir de tudo.

Nicholas devolve o olhar e sorri. Nesse olhar, nesse sorriso, eu vejo o quanto minha escolha foi a melhor. Não por ele ser esse homem lindo de parar o coração, mas porque sinto que ele sempre foi o *certo* para mim. É isso! Nicholas estava destinado a ser meu, e eu, dele.

— Marquei a viagem! — Eu abro um dos olhos e encaro meu bem-humorado e falante noivo. Fecho-o novamente, tentando entender como ele consegue se manter com esse humor e disposição depois de varar a madrugada fazendo amor comigo. — Está ouvindo, Giovanna?!

Sinto-o entrar de novo debaixo das cobertas e me aconchego a ele, sentindo o cheiro de sua loção pós-barba e do sabonete que usa. Está frio, mas, mesmo estando só de cueca, esse homem se

PERIGOSAS ACHERON

mantém mais quente do que eu debaixo desse edredom pesado.

Eu sempre fui friorenta, desde criança. Meus pais diziam que meus pés eram como blocos de gelo e nem mesmo as meias conseguiam esquentá-los. Lembro-me de dormir com o aquecedor ao máximo quando morava em Curitiba e, depois, na casa dos meus pais em Roma, gostava de dormir na biblioteca, de frente para a lareira.

Eu sempre reclamei da calefação daquela casa, dizendo que, por ser central, nunca estava quente como eu gostava, porque meus pais reclamavam do calor.

— Esse frio me impede de levantar cedo...
— informo, me abraçando a ele. — Já era para estar começando a esquentar, não é? Caramba, já estamos em meados de setembro! Cadê a bendita primavera?

Ele gargalha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que eu saiba, ela só aparece depois do dia 21! — Eu soco o peito dele, não gostando do deboche. — Você é a pessoa mais fraca que eu conheço para o frio! E olha que você vem do Sul, mas passou o inverno inteiro reclamando!

— Menos no haras! — Eu ressalto. — Por que não temos lareira aqui também? — Ouço-o rir. — Eu prefiro o calor das chamas do que desse sistema falho de aquecimento!

— Para de reclamar! — Beija-me, e eu gemo com suas mãos aquecendo meu corpo. — Precisamos ir trabalhar. — Eu nego e torno a gemer, puxando-o de volta para o beijo. — Gio... — Enfio minha língua em sua boca. — Giovanna, você tem dado mal exemplo aos seus funcionários! — Afasta-me. — Ontem, na comemoração, Tom disse que, depois que você me conheceu, passou a chegar tarde no escritório.

— Ele estava te elogiando por isso! — Faço
PERIGOSAS ACHERON

beicinho. — Antes, eu costumava ser a primeira a chegar! — Ele sorri.

— Eu sei, mas precisamos mesmo ir. — Mostra-me seu relógio. — Eu tenho uma reunião daqui a meia hora, e o Eliandro vai pousar a qualquer momento.

— Que inveja que eu sinto quando você esfrega na minha cara que vai ao trabalho voando! — Levanto-me. — Estou seriamente pensando em me mudar de prédio e me instalar em um com heliponto só para te obrigar a me dar carona.

Ele me joga um travesseiro e se levanta, indo em direção ao seu armário. Eu sinto água na boca ao vê-lo andar com aquela cueca branca em seu corpo malhado e grande. Nicholas tem uma bunda tão redondinha... Eu gemo de frustração, querendo mais uma sessão de sexo antes do trabalho.

Desvio meus pensamentos e olho para a

PERIGOSAS ACHERON

tatuagem que ele tem nas costas, lembrando-me do dia em que ele me mostrou o trabalho pronto, em que o tatuador reproduziu o desenho que fiz. A emoção que eu senti ao ver que ele tatuou para sempre em sua pele algo que eu desenhei foi tão grande que eu até chorei.

Em retribuição, desenhei uma câmera fotográfica e uma sapatilha de balé juntas, com a alça da máquina e a fita do calçado entrelaçadas e pedi que tatuassem no meu pulso. O desenho de nossos hobbies ficou pequeno e feminino, e Nicholas também se emocionou quando lhe mostrei.

Nós estamos juntos há quase três meses entre o namoro e o noivado relâmpagos, e eu nem posso acreditar no quão sortuda sou por Nicholas ter entrado na minha vida. A cada dia que passa, eu aprendo um pouco mais com ele, admiro-o mais, apaixono-me mais. Ele não para nunca de me

PERIGOSAS ACHERON

surpreender, sempre mostrando mais um pedaço do homem incrível que é.

Nos últimos meses, eu tenho dividido meu tempo — antes preenchido somente com o trabalho na agência — entre a Ello, as aulas de balé e o coral na CCCN, os treinamentos de luta duas vezes na semana com Nicholas e o haras em alguns finais de semana. Nunca me senti tão realizada como agora, ocupando meu tempo com essas coisas, na companhia do homem que eu amo.

— Ah... você me distraiu, e eu nem consegui dar a notícia completa! — Eu o encaro, já vestido com um terno cinza e gravata azul-marinho. — Eu reservei o avião da empresa para que possamos, *finalmente*, falar com seus pais e tentar convencer sua mãe a agilizar os pormenores da cerimônia, porque esperar até dezembro está fora de cogitação!

Eu reviro os olhos, pensando que parece

PERIGOSAS ACHERON

que estamos nos mantendo separados e castos durante esse tempo. É claro que não estamos! Eu, praticamente, moro na cobertura do Castellani, indo para meu *loft* em raras ocasiões, geralmente quando Nicholas está em viagem.

— ...eu entendi que você estava muito atarefada com os ensaios para o festival da CCCN, mas acabando esse compromisso no mês que vem, nós iremos oficializar essa união!

— Boa sorte! — debocho, sabendo que ele não conhece a obstinação de dona Silvia Villazza.

— Você sabe que seu irmão me aconselhou a imitar o idiota do Frank e me casar com você em segredo, não é?

Sim! O Tony lhe deu esse conselho, contando sobre os eventos de minha mãe e dos detalhes infinitos que ela sempre arranja. Encontramo-nos com ele aqui em São Paulo, resolvendo assuntos relacionados à obra do PERIGOSAS ACHERON

Convention SP que a Novak irá executar.

Frank não estava presente e, visto o modo como Nicholas falou dele, vocês podem supor que os dois ainda não acertaram os ponteiros! As coisas parecem só piorar, pois Frank não queria que a Novak fizesse a obra da Rede, alegando que pareceria que eles privilegiaram a empresa por causa do nosso relacionamento, mas Nicholas se recusou a retirar sua oferta, a melhor apresentada, e os dois tiveram uma discussão horrível.

Eu fiquei puta com a história e fui cobrar, de um e do outro, uma postura mais profissional, mas tanto Nicholas quanto Frank pareciam duas crianças birrentas. Ao final, Nicholas abriu mão da reforma do prédio do antigo hotel Villazza, que sediará a empresa, ficando somente com a obra maior, a construção do Convention.

Já Tony e Nick parecem amigos de infância, trocando mensagens e telefonemas, conversando

PERIGOSAS ACHERON

sobre futebol, embora um seja *Coxa*, e o outro, *Timão*^[8] e, claro, sobre negócios.

Eu tive oportunidade de conversar com minha cunhada Isabella sobre Nicholas, e ela me afirmou que Frank nunca teve motivos para ciúmes, pois os dois sempre foram só amigos, mas ela sempre achou que a competição dos dois era outra.

Eu fiquei intrigada com essa informação e perguntei ao meu noivo o motivo de não simpatizar com meu irmão, e ele me respondeu que nunca gostou do jeito dele, de sua fama de playboy e da forma como ele usava seu status e seu dinheiro sem pensar nos outros. Fiz o mesmo com meu irmão, e ele me respondeu que não gostava do jeito sonso do Nicholas, que meu noivo gostava de pagar de bom moço, que era um hipócrita, demagogo e outros xingamentos em italiano do seu vasto repertório.

Enfim eu concluí que um tem inveja e/ou ciúme do outro. Claro que os dois homens que mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amo na vida não concordaram com minha visão, mas eu não mudei de ideia e tenho certeza de que é isso!

— Então viajamos depois do festival? —
Ele confirma. — Eu vou conversar com minha mãe e ver se ela consegue planejar algo para até o final de outubro.

Nicholas sorri.

Levanto-me para trocar de roupa, sabendo que dona Silvia fará o casamento em dezembro. Minha mãe nunca mudará de ideia!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXIV

Giovanna

Meu celular toca insistentemente alguns dias depois, mas estou tão atarefada, correndo para finalizar uma campanha com minha equipe, que não consigo atender.

Minutos mais tarde, Fabi entra na minha sala com uma caixa de presente.

— O que é isso? — pergunto curiosa.

— Não sei. — Dá de ombros. — Tem um aviso dizendo que é para abrir só após falar com ele...

Eu rio, pegando a caixa com o bilhete de Nicholas.

— Obrigada, Fabi!

Assim que ela sai, eu retorno a ligação que perdi e que era dele.

— Recebeu meu presente? — indaga assim que atende.

— Sim! Como mandou isso?

Nicholas teve de ir para o Nordeste, a uma das subsidiárias da Novak, e está por lá há dois dias.

— Eu comprei e pedi para enviarem para você, mas não abra na agência, somente quando chegar em casa.

Eu rio, já imaginando se tratar de perversão!

— Vou dormir no *loft* hoje, pois vou precisar arrumar umas coisas por lá...

— Tudo bem, mas só abra quando eu ligar!

— Combinado! — Coloco a caixa de lado. — Como vai tudo por aí?

Conversamos por mais alguns minutos e, depois que desligamos, fico encarando a caixa.

Bem, não só eu estou intrigada com o objeto mas também tenho de aturar Lori sacudindo-o,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando adivinhar do que se trata.

— Certeza que é um vibrador! — ele diz, e eu rio.

— Ele sabe que eu já possuo alguns desses, Lori!

— Diaba! — Eu lhe mostro a língua, e ele continua a balançar a caixa. — Será uma joia?

Eu franzo o cenho tentando imaginar uma joia numa caixa como essa.

— Não essa joia, bobinha! — Ele gargalha, e eu continuo sem entender. — Ai, minha Santa Marilyn, uma joia anal!

Eu encaro a caixa, boquiaberta.

— Você já viu uma, não é? — Eu confirmo. — Pode ser... Aposto que você não tem isso no seu acervo.

Não! Não tenho! Será que Nicholas comprou algo assim para mim? Eu sinto meu ventre esquentar só ao imaginar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu fiquei na agência até às 20h e dirigi, ansiosa, até o *loft*. A primeira coisa que fiz ao chegar, foi avisar a Nicholas, porém ele não visualizou a mensagem. Resolvi tomar um banho e entrar no clima. Enchi a banheira, espalhei velas perfumadas em volta dela e abri uma garrafa de champanhe.

Nicholas ainda não viu a mensagem, e eu, agora já com metade da bebida consumida, ligo para ele, mas o telefone só dá na caixa postal. Excitada e frustrada por estar esperando-o me responder há quase duas horas, decido lhe dar um pequeno troco, uma provocação.

Claro que não vou abrir a caixa, pois eu prometi, mas posso ser perversa e deixá-lo na mão quando me ligar, além de louco com o *meu*

PERIGOSAS ACHERON

presente para ele.

Preparo a banheira com sais e espuma de banho. Rindo, grudo meu celular em um bastão de *selfie*, verifico o cenário com as velas e o champanhe e testo a iluminação do local no vídeo.

Retiro minha roupa, prendendo os cabelos no alto da cabeça e entro na água morna e cheirosa. Eu realmente adoro banho de imersão, então curto uns momentos só para mim, sentindo as bolhas estourando, os sais se dissolvendo, o cheiro da espuma e dos óleos perfumados. Passo as mãos pelo meu corpo, constatando estar muito excitada.

Não resisto a me tocar, pensando na forma como Nicholas faz isso, na sensação de seus lábios e língua neste ponto onde agora está minha mão. Tomo um gole do champanhe e pego o celular. *Show time!*

Faço uma pose bem safadinha, colocando minhas pernas abertas apoiadas nas bordas da

PERIGOSAS ACHERON

banheira e mantendo minha mão trabalhando no meu clitóris. Sei que, por causa da espuma, ele não vai conseguir ver muita coisa, mas é exatamente o que eu quero. Quero que, quando veja o vídeo, saiba o que eu estou fazendo, mas não veja explicitamente.

Depois de gravar alguns minutos, aproximo meu celular, conferindo como ficou e, entre risadas, escrevo na legenda *você me deixou na mão... mas ainda bem que ela também dá conta!* e envio o vídeo.

Claro que meu clima para masturbação acabou, pois fico tomando conta do celular, vendo o momento em que o vídeo foi entregue, esperando a confirmação de sua visualização. Tomo mais champanhe nesse tempinho, mas quase engasgo quando ele fica online. Filho da mãe!

— Vamos lá! Responde, senão vou enlouquecer aqui! — Bebo mais um pouquinho, e a
PERIGOSAS ACHERON

mensagem de que ele está digitando aparece no *app*. — Caramba! Que demora! — digo depois de uns minutos e, de repente, o aviso de digitação some, mas nenhuma mensagem chega.

Eu bufo e dou de ombros, colocando o celular de lado, imaginando que Nicholas deve estar muito ocupado para responder à minha provocação ou para cumprir com o combinado de me ligar para eu poder abrir o presente.

Desço para a sala, já de roupão, em busca de alguma fruta, pois, embora tenha aprendido a fazer café, não tenho uma cafeteira e não como desde o almoço.

Porém, antes de chegar à cozinha, meus olhos vão para o quadro que esconde meu cofre. Eu respiro fundo, pois estou aqui somente com o propósito de reunir todos aqueles documentos que tenho comigo e levá-los para um banco, pois, embora eu não tenha coragem de mostrá-los ao

PERIGOSAS ACHERON

Nicholas, eu nunca teria coragem de destruí-los.

Eu não me refiro aos documentos da Novak, pois esses eu já deletei dos servidores onde os guardei, e as impressões, eu pretendo queimá-las nesse momento.

Pego o envelope com as provas sobre o esquema de propina que ocorreu na gestão de Gilberto e o coloco dentro de uma lata de lixo de inox. Jogo álcool por cima e, em seguida, ponho fogo, bem longe dos *sprinklers*, observando os papéis queimarem aos poucos.

Depois disso, volto ao cofre e tiro as duas pastas pretas sentindo meu coração apertado.

Ignoro a que guarda todas as pesquisas que fiz sobre os Novaks de Toledo e vou direto para a pasta sobre Ana. Sento-me ao ver sua foto entre Klaus e Gilberto. Todos tão jovens, sorridentes, e eu foco em Gilberto, notando o quanto Bernardo se parece com o pai. O mesmo porte, o sorriso

charmoso, os cabelos encaracolados e castanhos e as sobrancelhas grossas.

Os três são de uma cidade rural no oeste do Rio Grande do Sul e, na foto, comemoram a notícia de que o amigo de infância, Gilberto, que ganhara uma bolsa de estudos em São Paulo, conseguira seu primeiro emprego.

A foto seguinte mostra Ana, já com 17 anos, ao lado de Gilberto em uma festa. Eu sinto minhas mãos se fecharem de raiva, pois sei o que aquele monstro, que na época tinha 27 anos, fez naquela noite.

Eu espalho todas as fotografias, que não são muitas, cronologicamente em cima da mesa. Pego a última foto que tenho de Ana, já bem abatida e magra, com seu rosto jovem ostentando olheiras, mas com um sorriso enorme ao segurar uma garotinha. Por favor, me perdoe! Por favor!

Eu nem noto o momento em que começo a

PERIGOSAS ACHERON

chorar, mas sinto as lágrimas caindo enquanto olho para as imagens e leio os documentos. Tudo isso ainda me machuca muito, e eu tenho vontade de gritar a verdade para os Toledos, mas não posso mais, pois, quando abri mão do plano por estar apaixonada por Nicholas, abri mão também daquela história, pois ele nunca me perdoaria por tê-la escondido.

A campainha toca, e eu tomo um susto, limpando minhas lágrimas imediatamente. Vou até a porta e quase morro ao ver Nicholas do outro lado pelo olho mágico. *Ai, Madonna Santa!*

— Giovanna! — ele grita e soca a porta.

Eu olho o material que espalhei sobre a mesa, muitos papéis e fotos que mostram claramente que um dos homens em algumas das fotografias é o pai dele. Pensa rápido, Gio! Ele sabe que você está aí dentro!

— Já vou abrir! Não estou vestida! — grito

de volta.

Ouç-o xingar enquanto recolho toscamente todo o material e o jogo dentro da pasta.

— Giovanna!

Merda! Ele vai acordar o prédio inteiro! Eu jogo tudo dentro do cofre e coloco o quadro por cima, saindo correndo para abrir a porta.

— Nicholas, como foi que...

Ele não me deixa terminar a frase, simplesmente me segura contra seu corpo e me beija como se estivesse morrendo. Seu beijo não é gentil, nem sedutor, é duro, usando seus dentes e sugando minha língua com força.

Ele vai andando na direção do meu sofá sem parar o beijo um só instante. Sinto o roupão cair ao chão, e, em seguida, suas mãos estão nos meus seios.

— Você tem noção do que senti quando abri aquele vídeo? — me pergunta. — Pedi para esperar

PERIGOSAS ACHERON

que eu te ligasse, pois não era só o conteúdo da caixa que estava proibida de ser tocado, era também o seu corpo! — Eu sorrio safada e provocante. — Estava se divertindo bastante na banheira? — Eu confirmo, vendo-o abrir sua calça e tirá-la, chutando-a para longe com a cueca. Nem preciso dizer que seu pênis está completamente em riste. Sinto minha boca salivar ao vê-lo. — Agora é a minha vez de ter diversão.

Ele retira o paletó, a gravata e desbotoa a camisa.

— Vire-se de costas! — Eu faço o que ele manda, e sua gravata é passada sobre meus olhos. — Você só vai ouvir por enquanto.

Meu coração dispara e minha respiração fica pesada.

— Eu vou me tocar... — geme no meu ouvido — Vou me divertir... olhando para seu corpo, me deliciando em suas curvas... — geme

mais forte — e você não vai ver.

Eu sibilo ao ouvir os sons de suas mãos sobre seu membro, rápidas e constantes.

— Onde você colocou a caixa? — indaga ofegante.

— Em cima do balcão da cozinha...

Escuto-o andando no assoalho de madeira do apartamento.

— Ande para frente... — Eu me movo. — Agora se incline... Isso. Consegue sentir o encosto do sofá? — Eu toco no local indicado e assinto. — Ótimo! Apoie as mãos, incline seu corpo o máximo que puder e abra bem as pernas. Isso, Giovanna!

Eu não faço ideia do que ele pretende com o conteúdo daquela caixa, e esse suspense consegue me deixar ainda mais excitada, tanto que senti que minhas coxas já estavam meladas quando as separei. Será que é realmente a tal *joia*?

— Caralho, Giovanna! — Sua voz está mais

perto. — Eu posso vê-la brilhar de tão molhada. — Ri, safado. — Sabe, você pode até dar prazer a si mesma, pode até substituir meu pau por algum outro brinquedinho, mas não pode ter isso sem mim...

Ele me abocanha por baixo, seu nariz encostando em minha pélvis enquanto suga meu clitóris com desespero. Eu não consigo me manter parada e começo a rebolar em sua boca.

— Quieta, potranca! — Ele dá um tapa no meu quadril.

Sinto sua língua penetrar fundo dentro de mim enquanto suas mãos mantêm meus lábios inferiores bem separados. Nicholas literalmente me fode com a língua. Eu sinto arrepios subirem pelo meu corpo.

Ele se levanta, deslizando os dedos sobre minha coluna.

— Nada pode substituir isso! — Ele me puxa

pelo pescoço, aprumando meu corpo. — Eu enlouqueço quando vejo você se tocar... — Leva minha mão até meu clitóris de novo. — Eu amo o jeito como você dá prazer a si mesma, e meu presente tem a ver com isso...

Eu sinto algo gelado encostar na minha pele, arrastando-se pela minha coluna e pescoço, deslizando até minha boca.

— Abra a boca para senti-lo.

Faço o que ele manda, e um objeto metálico, cônico é introduzido entre meus lábios. Eu o chupo um pouco, passando minha língua para ter certeza do formato e confirmo: é realmente um *plug* anal.

Ele retira o objeto da minha boca e desce pelo meu corpo, passando a língua pela minha coluna até chegar entre minhas nádegas. Ele lambe com vontade, penetrando sua língua e deixando o local bem molhado com sua saliva.

— Não pare de se tocar... — Ele introduz

vagarosamente o objeto em mim. — Não pare, Giovanna!

Enquanto ele me incentiva a continuar com a brincadeira que comecei na banheira, geme e, quando finalmente sinto todo o *plug*, que não é grande, volta a se deitar por baixo de mim e a usar a língua para me ajudar no orgasmo.

Porém, quando estou prestes a atingir o ápice, ele para, retira minha mão e se levanta.

— Fica de joelhos como você fez no chuveiro na nossa primeira noite.

Eu estou pronta a retrucar dizendo que faltava pouco, mas sorrio e obedeço.

Nicholas me segura pelo coque e me faz chupá-lo com força e rapidez. Seguimos num ritmo louco, intercalando fodidas profundas com rasas e rápidas em minha boca.

Eu sinto o *plug* dentro de mim o tempo todo e, nessa posição, ele parece que entra mais

PERIGOSAS ACHERON

profundamente.

— Vem comigo! — Nicholas me levanta pelos braços e depois me pega no colo, ainda com meus olhos vendados. — Eu amo você, Giovanna!

Eu sorrio, sentindo o mesmo por ele em todos os momentos.

Sinto a frieza dos meus lençóis contra minhas costas e o movimento do colchão. Nicholas abre minhas pernas ao máximo, rindo da minha elasticidade no percurso.

Sinto-o por cima de mim, mas, em vez de sentir seu pênis entre minhas coxas, ele afunda o rosto no lugar. O prazer que me acomete é tão grande que me levanto um pouco só para descobrir seu membro na direção de minha boca.

Uau! — penso, abocanhando-o também. Um legítimo 69 com direito a *plug* anal! É uma delícia, descubro, dar e receber prazer dessa forma. Consigo ouvir sua respiração ofegante contra mim

PERIGOSAS ACHERON

enquanto sua língua não para de me penetrar e lambe e, ao mesmo tempo, ele soca seu pênis dentro da minha boca.

O objeto dentro de mim parece aumentar o meu tesão, e eu não resisto muito mais, é impossível tentar conter e gemo ensandecida. Nicholas segura minhas pernas contra o colchão e não para seus movimentos com a língua, arrancando-me um orgasmo atrás do outro.

Quando ele se dá por satisfeito, eu me sinto moída, com meus músculos tremendo e meu coração galopando.

— Tudo bem?

— Não! — Ele ri da minha resposta. — Não estou bem... Eu não... Foi incrível! Esse negócio que você colocou em mim... — Não consigo continuar a falar, porque ele simplesmente muda de posição, retira a minha venda e desliza para dentro de mim, mexendo-se devagar, mas profundamente, PERIGOSAS ACHERON

moendo sua pélvis contra meu clitóris já sensível. Eu posso sentir que seu movimento agita também o brinquedo, e o prazer que sinto é intenso e instantâneo.

— Ainda não estou satisfeito! — Eu arregalo os olhos com sua declaração. — Você não estava tão excitada que não conseguiu esperar minha surpresa? Então agora vai gozar quantas vezes conseguir... Até me deixar completamente satisfeito.

E se balança em cima de mim, entrando e saindo com rapidez e precisão, remexendo-se em alguns momentos, rugindo e bufando, enquanto eu vou me encaminhando a mais alguns orgasmos.

Oh, Dio! Despertei um monstro!

— Por que você não me ligou? — questiono

PERIGOSAS ACHERON

deitada com ele na cama.

— Eu não ia te ligar. A ideia era te fazer uma surpresa! — Beija-me. — Mas minha *principessa* perversa não consegue esperar, não é?

— Você mentiu para mim ao dizer que ainda ia ficar mais uns dias em Natal.

— Eu não disse isso! — defende-se. — Você supôs, e eu *omiti* a verdade. É diferente!

Eu rolo os olhos, e ele me abraça.

— Não gostou da surpresa? — Sorrio satisfeita. — Eu estava louco longe de você! — Beija meu pescoço.

— O Lori acertou o conteúdo da caixa... — Nicholas se levanta um pouco e me encara assustado. Eu gargalho. — Não mandei você enviá-la para a agência! Fabi comentou com ele, e o muito curioso não se conteve! — Nicholas xinga. — Ah, para com isso! Ele é meu amigo, além do mais, é ótimo adivinhando coisas! Só que ele disse

PERIGOSAS NACIONAIS

que era uma joia, mas esse que você me deu não tem nenhuma pedra em cima... — Faço beicinho.

Ele gargalha.

— Se o problema é ser joia, mando fazer um em ouro com um diamante na ponta, quer? — Eu dou um tapa em seu ombro, e ele ri. — Esse é bem simples, de iniciante, mas depois podemos ousar mais. — Ele se deita novamente e me abraça. — Sabe, uma vez vi um que tinha um belo rabo de cavalo...

— Nem sonhe com isso! — retruco indignada.

Ele gargalha e me beija.

— Ah, vamos lá! Você gostou! — Desliza sua mão para baixo, e eu a retiro imediatamente.

— Nicholas! Já é madrugada, e eu nem devia ter usado tanto minha *bonequinha* desse jeito. — Ele ri do apelido. — Amanhã nós duas temos consulta!

PERIGOSAS ACHERON

Ele assente, sabendo que tenho consulta na ginecologista para exames e preventivo, além, é claro, de conversar sobre a renovação do meu implante, pois o meu está no fim do período de uso, e ele pediu que eu usasse um com uma duração menor, de um ano, já planejando filhos.

— Eu te amo, *princesa*! — diz sonolento, aconchegando-se mais em mim.

— Eu também, Nick! — Ele sorri por eu usar seu apelido. — Eu te amo muito!

Estar com ele é uma dádiva, e eu quero todos os dias dizer como me sinto, fazê-lo se sentir tão amado quanto eu sinto que ele me ama. Nicholas foi o melhor presente que eu podia querer na vida.

Eu realmente sou uma mulher de sorte!

Capítulo XXV

Nicholas

Acordo com sede e, assim que abro os olhos, percebo que não estou em casa, mas sim no *loft* de Giovanna. Eu não sei o motivo pelo qual ela ainda insiste em conservar este imóvel, talvez porque ainda não nos casamos. Confiro as horas no relógio da cabeceira e me levanto.

São 7h da manhã de um sábado, e eu só estaria retornando hoje de minha viagem, mas não conseguia mais permanecer longe de minha noiva. Terminei meus compromissos mais cedo e fretei um voo para São Paulo. Este sentimento louco que sinto por ela é intenso demais, diferente de qualquer outra coisa que eu já tenha sentido na vida.

Eu preciso dela, meu corpo necessita do seu,
PERIGOSAS ACHERON

meus lábios querem os dela a todo momento. O sexo é fenomenal, e nossa convivência é deliciosa. Provocamos um ao outro, conversamos sobre todos os assuntos, discutimos sobre nossos pontos de vista, mas, em todos os momentos, eu a amo.

Giovanna atravessou minha vida em vários momentos, e eu me lembro de cada um deles, pois sempre a notei. Ela é minha alma gêmea, se algo assim existir, por isso essa atração tão forte entre nós. Não foi por acaso que ela entrou na minha vida e nem que eu entrei na dela.

Desço em direção à cozinha, enchendo um copo de água enquanto ela dorme embolada em suas cobertas, nua, mas com meias nos pés. Eu rio ao me lembrar de como nós discutimos sobre como iremos dormir, porque eu, mesmo no inverno, sinto muito calor, e ela parece não ter sangue circulando nas extremidades, mãos e pés gelados.

Quando o frio começou a valer, Giovanna

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apareceu com um pijama que parecia uma mortalha. O negócio era de flanela, coisa da vovó, e eu a provoquei tanto que ela desistiu da vestimenta. Eu gosto de tê-la nua, de sentir sua pele e de passar a mão pelo seu corpo. Sugerir que continuasse a usar suas camisolas, mas ela passou a dormir sem nada, quer dizer, sem quase nada, porque as meias estão em seus pés todas as noites.

Eu nem posso acreditar que estamos juntos já noivos e falando em casamento para breve. Se há alguns meses me perguntassem se eu tinha pretensão de me casar, eu iria negar e dizer que tão cedo aquilo não iria acontecer, porque eu só me casaria com uma mulher que amasse e aquela ainda não havia aparecido.

Eu me sento em uma banquetta à bancada da cozinha, pensando em como minha vida mudou e como aconteceram coisas que eu não tinha previsto, como Carol, por exemplo.

PERIGOSAS ACHERON

Caroline sempre foi minha melhor amiga, mas se distanciou de mim depois que me envolvi com Giovanna. Eu entendi a necessidade que ela tinha de se manter longe, mas, depois, quando ela começou a atacar Giovanna a cada vez que nos encontrávamos, isso começou a me incomodar.

Eu nunca imaginei que ela agiria daquela forma, porque sempre soube que entre nós não ia acontecer nada além da amizade. No entanto, suas atitudes começaram a me mostrar que, talvez, eu não a conheça tão bem quanto imaginava.

Primeiro, foram as fofocas sobre o beijo na boate, principalmente, mas depois foram algumas indiretas para Giovanna. Eu descobri que ela estava instigando o Bernardo contra nós quando, em uma discussão, meu irmão me jogou na cara coisas que só ela sabia sobre mim.

E a gota d'água que me levou a conversar com ela sobre o assunto foi ela ter ido falar mal da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha noiva para o meu pai. Gilberto me procurou para conversar e me pediu para reconsiderar o casamento, citando coisas sobre Giovanna, a tal fofoca sobre como ela era uma bruxa com seus sócios e o beijo em Bernardo na boate.

Eu fiquei tão puto com a Carol que, no dia em que conversamos, perdi a cabeça e pedi a ela que me esquecesse, que não se metesse em minha vida. Depois, arrependido por ter sido grosseiro, pedi desculpas, e ela me pediu perdão, dizendo que estava desesperada porque sempre me amara e que, daquela vez, viu que iria me perder. Eu tentei dizer a ela que isso nunca iria acontecer, porque eu sempre iria ser seu amigo, mas aí ela me beijou.

Sim! Ela me beijou! Pegou-me completamente de surpresa, mas eu a afastei e deixei claro que eu nunca tinha pensado nela naqueles termos. Depois desse dia, ela sumiu de novo, e eu não voltei a procurá-la.

PERIGOSAS ACHERON

Não vou mentir e dizer que não sinto falta dela, mas penso ter errado durante todos os anos em que fomos amigos e eu sabia o que ela sentia por mim. Eu tinha de ter me afastado dela há muito tempo, a incentivado a esquecer aquela ilusão, deixando-a seguir em frente.

Entretanto, depois do que aconteceu durante o tempo em que estudei nos Estados Unidos, eu pensei que, estando perto, poderia protegê-la. Eu sinto meu sangue ferver ao pensar naquele crápula do Hans Baden!

Aquele homem começou a carreira na Novak depois de se formar com honras na universidade. Ele cresceu rápido na empresa e, em pouco tempo, já era um dos executivos mais chegados ao meu pai.

Foi natural que ele conhecesse a Carol, pois ela, naquela época, fazia faculdade de medicina e prestava atendimento em algumas ações da FIN.

Eles se conheceram, começaram a sair juntos, mas ela não quis continuar a relação, e ele simplesmente não soube ouvir um não.

Quando fiquei sabendo do ocorrido pela própria Carol, voltei ao Brasil disposto a matar o cretino, mas ele já havia sido demitido através de um acordo. Eu fiquei possesso que esse cara, além de não ter sido denunciado, ainda tenha saído com seu currículo incólume.

Então, mesmo contra a vontade do meu pai, deixei algumas insinuações sobre o caráter dele aqui e ali entre amigos empresários, e todas as portas de São Paulo se fecharam. Por isso, o crápula foi trabalhar no Sul com Frank Villazza.

Eu não preciso nem dizer que, depois das notícias veiculadas sobre o CEO playboy na mídia, eu coloquei os dois no mesmo balaio e fechei a tampa. Se Frank Villazza era tão amigo de um homem daqueles a ponto de permitir que aquele

PERIGOSAS ACHERON

perverso tirasse férias com sua família era porque ambos eram feitos do mesmo material podre.

Mais tarde, quando aconteceu o escândalo das denúncias sobre assédio sexual nos hotéis da Rede Villazza, eu comemorei e fui completamente descrente da alegada ignorância de Frank Villazza, mas acabou acontecendo de eu reconhecer que Baden enganara-o, como enganara ao meu pai.

Ainda não consigo acreditar na sorte daquele homem ao se livrar de todos os processos, mas nosso país não é conhecido como o das melhores leis penais.

Na época do escândalo, Carol ficou muito tensa, e eu passei a acompanhar de perto os julgamentos. Assim, quando me encontrei com Isabella Romanza, não me interessei somente pela beleza da advogada, mas também pelas informações sobre o homem.

Todavia, meu contato com ela veio tarde

demais, pois o canalha tinha conseguido se esquivar de um caso de estupro e ficara solto como se nada houvesse acontecido.

Meu celular toca, tirando-me dessas recordações, e eu saio correndo para atender ao maldito aparelho antes que ele acorde Giovanna, o que, felizmente, não acontece.

— Oi, Bê! — atendo meu irmão.

— Nick, você ainda está em Natal? — A voz dele parece trêmula, e eu fico alerta e preocupado.

— Não, já estou em São Paulo. O que houve?

— Eu estou indo para o Albert Einstein com meu pai. — Ouço soluços. — Acho que ele enfartou, Nick.

Meu coração acelera, e eu fico gelado com a notícia.

— A mamãe está com você? Deixe-me falar com...

— Não! — Bernardo chora como um bebê.

— A mãe não quis vir comigo! Nicholas... aconteceu uma tragédia!

Eu me sento sem conseguir respirar, tremendo ao imaginar o que possa ter acontecido com minha mãe.

— Bê, você está dirigindo? — Tento manter a calma.

— Não, a Carol está. — Eu franzo o cenho. — Eu liguei para ela quando ele passou mal, e ela prestou os primeiros socorros. Ele podia estar morto!

— Cadê a mamãe, Bê?

— Em casa. — Ele soluça. — Ela disse que ele já está morto para ela!

Eu me levanto ao ouvir isso. O que diabos está acontecendo?!

— Você ainda não leu os jornais de hoje, não foi? — Escuto Carol lhe falando algo, mas não entendo. — Chegamos, preciso entrar. Eu te

PERIGOSAS ACHERON

mantenho informado e, por favor, vá ver como a mãe está.

Eu me despeço sem entender o que está acontecendo. Interfono para o porteiro de Giovanna e peço a ele que traga os jornais que ela nunca se lembra de pegar.

Quando ele me entrega os periódicos, a primeira página do mais importante deles já me deixa no chão, pois nela está escrito: *Pré-candidato ao Governo do Estado e seu Segredo Obscuro*.

Abro o folhetim e o que vejo me faz ficar estarecido. Leio todas as informações, bem como confiro as fotos e documentos sem entender o que são e apavorado com o que mostram ser.

— Nicholas? — Ouço Giovanna descer as escadas, mas não posso lhe olhar, pois estou completamente estarecido com o que leio. — Algo errado? — Ela me toca, e eu a encaro. — Nicholas?

— Ele escondeu isso por todos esses anos!

Meu Deus!

Ela me olha assombrada.

— Do que você está falando? — Ela tenta olhar o jornal, mas eu o seguro tão forte que ela não consegue virá-lo.

— Meu pai — informo sentindo lágrimas descenderem no meu rosto. — Aqui diz que ele abusou de uma garota há trinta anos e que depois abandonou-a à morte com um bebê, sua filha.

Giovanna fica tão pálida que eu me preocupo com ela. *Sim! Se Gilberto realmente fez isso, ele é um monstro!* Eu me levanto, reagindo, sabendo que essa história, embora terrível, ainda não foi confirmada. Enquanto isso, ele está entre a vida e a morte em um hospital, e minha mãe, sozinha em casa.

— Deus! Parece um pesadelo! — Eu me movo para abraçá-la, mas ela está tão apática que não reage. Sinto seu corpo frio e trêmulo. —

Giovanna? — Ela não me olha. — Ei! Isso pode ser apenas fofoca. Nós precisamos ir até a casa... — Ela nega. — Minha mãe está sozinha lá, só com a Marinete, porque o Bê foi acompanhar meu pai ao hospital.

— O que houve com ele? — Ela me encara apavorada.

— Teve um infarto. — Giovanna se senta no sofá e apoia a cabeça nas mãos. — Vai dar tudo certo, tenho certeza! Mas precisamos ir... Onde é que coloquei minhas chaves?

Eu a vejo pegar o jornal que deixei cair. Giovanna chora ao ler a notícia, ao ver as fotos de Gilberto com a tal moça que dizem ser irmã de um amigo de infância dele. Eu tento lembrar o local onde coloquei minha carteira, mas não consigo e vou colocando minha roupa, que ainda está jogada no chão.

— Como eles conseguiram isso? — ela

PERIGOSAS ACHERON

murmura. Eu a olho e noto que não está falando comigo e que ainda lê o jornal.

Lembro-me da conversa que ela teve com meu pai, sobre a imprensa ser inquisitiva e jogar duro, sobre eles remexerem no passado dele e descobrirem seus segredos. Parecia até que ela estava adivinhando.

Acabo de me vestir, mas Giovanna continua sentada, jornal na mão e olhar longe.

— Meu amor, eu sei que é horrível, mas nós precisamos ir... — Eu vejo minha chave jogada ao lado de uma lixeira com uns papéis queimados dentro. Recolho-as, não sem antes ver, em um pedaço não queimado, a *logo* da Novak. Estranho ter um documento de trabalho no *loft* de Giovanna, mas, como não tenho tempo, ignoro-o. — Giovanna? — Ela não me olha. — Merda, cadê minha carteira?

Eu começo a vasculhar sua mesa de trabalho,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo sabendo o quanto ela odeia que eu faça isso. Retiro suas caixas de pincéis e lápis, olho embaixo dos papéis, mesmo sabendo que é improvável que ela esteja aqui. É mais possível que esteja no chão.

Agacho-me e a encontro junto a uma foto antiga. Recolho os dois objetos, mas, quando vejo quem está na foto, meu sangue gela.

— Mas que? — Não consigo nem terminar de articular a pergunta, pois sinto como se uma luz clareasse todas as sombras em meu cérebro.

Naquela fotografia antiga e original estão a mulher de quem supostamente Gilberto abusou e um bebê de cerca de um ano de idade com uma coroa de cachinhos loiros e enormes olhos azuis.

Eu desvio os olhos da foto e encontro os de Giovanna, arregalados, apavorados, os mesmos olhos da foto.

— Nicholas...

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que significa isso? — Eu viro a fotografia para ela, ainda não entendendo o que vi, pois nada parece fazer sentido. Ela não me responde, e eu vejo seus lábios tremendo. — Porra, Giovanna, o que esta foto está fazendo aqui?

Eu olho para a mesa procurando por mais, mas ela reage e arranca a fotografia da minha mão.

— De onde...

Ela olha a imagem, e lágrimas escorrem sem freio de seus olhos.

— Eu não pensei que...

Eu enlouqueço e saio jogando tudo o que está em cima da mesa no chão, procurando mais alguma coisa que nem sei o que é. Aquela foto, aquela criança, nada faz sentido para mim.

Olho sua estante, mas não há gavetas nela. Passo a mão no quadro que está um pouco torto, coisa que ela detesta, pois tem mania de perfeição e o retiro da parede, encontrando um cofre.

PERIGOSAS ACHERON

— Nicholas... não!

Eu confirmo que ele está aberto, provavelmente por ela ter tentado fechá-lo às pressas. Retiro duas pastas de dentro, mas com muitos documentos soltos por cima e fotos, mais fotos como aquela, inclusive a que está estampada no jornal de hoje.

Minha respiração é ruidosa ao mexer nessas coisas. Fotos antigas da mulher, de Gilberto e de um outro homem. Fotos da mulher grávida e com o mesmo bebê da primeira foto que achei. Todas as fotos têm data impressa no canto, como era o costume da época. Inclusive, a foto que parece ser de um aniversário de um ano fará 29 anos em dezembro. O bebê da foto completará 30 anos...

— Nicholas, eu posso...

— Não! — grito com ela. — Não quero ouvir nada ainda!

Pego o que parece ser uma cópia de certidão

PERIGOSAS ACHERON

de nascimento. Nela consta o nome de Maria Gilda Bohén. Respiro fundo, pois sei que Maria Gilda é o nome da mãe de Gilberto, porém, o nome dele não consta na certidão, apenas o nome da mãe da criança, Ana Maria Bohén.

Meus olhos seguem direto para a data de nascimento, e a confirmação do que meus olhos viram naquela maldita foto me faz gemer de dor.

— Como é possível?! — Encaro-a, e ela apenas chora. — Eu não entendo!

Giovanna ainda não tem reação, e eu continuo a mexer nos papéis. Vejo uma certidão de óbito e documentos de uma instituição de caridade, um abrigo ou algo assim. Pego a outra pasta.

— Não, Nicholas, por favor... — Ela segura minhas mãos, tentando me impedir de ver o que está dentro. — Não sem antes me ouvir, por favor!

Eu a empurro para longe e o que vejo ao abrir a pasta me deixa sem chão. Minhas pernas tremem,

PERIGOSAS ACHERON

e eu me sento no assoalho com o maldito material nas mãos. Conforme vou passando as páginas, sinto a bÍlis subir à minha boca.

Aqui, nessa simples pasta preta, tem uma reunião de informações sobre minha família, de anos. Reportagens, matérias e qualquer notinha que tenha sido publicada. Materiais antigos, mas também recentes, principalmente sobre mim, Bernardo e até Caroline.

— Que loucura é essa? — Eu a olho sem saber quem é a pessoa à minha frente, a mulher por quem me apaixonei. — Quem é você?!

Ela põe a mão em seu rosto.

— Eu nunca achei que isso fosse acontecer...

Eu me levanto do chão, lembrando-me dos papéis queimados na lixeira. Quando ela percebe o que pretendo fazer, tenta me impedir.

— Sai da minha frente, Giovanna! — O nome dela é amargo em minha boca, suas lágrimas

gelam meu coração.

— Por favor, me deixe explicar...

— Não! — Eu puxo a lata, que bate nela, fazendo-a cair.

Pego os documentos queimados tentando descobrir o que são, e, na última folha, vejo um nome de um político e entendo exatamente de que papéis se tratam e onde eles estavam.

— Mexeu nas minhas coisas? — Eu começo a rir como um louco. — Você tem um dossiê sobre minha família, sobre mim. Você tentou queimar documentos que eu mantenho escondidos dentro do meu apartamento, coisa de que tenho nojo, de que não me orgulho, mas que podem acabar com a nossa reputação, além de levar Gil, ou eu mesmo, para a cadeia! — Eu bufo de raiva com a constatação de todos os passos dela. — Você queria nos arruinar! Você nos cercou... Deus!

— Nicholas, eu amo...

— Não! — grito. — Nunca mais diga isso! — Eu pego essa pasta nojenta sobre nós e a atiro em sua direção. — Eu não consigo entender os seus motivos! Por mais que eles pareçam ser claros, eu não entendo! Tudo o que você queria era um meio de nos atingir. — Ando de um lado para o outro. — Primeiro, tentou com sua agência, não foi? Depois, com o Bernardo, e por fim... — Gargalho, não acreditando no papel de bobo que desempenhei durante todo esse tempo. — Eu abri seus caminhos, não foi? O idiota apaixonado não só te colocou para dentro da casa, como dentro da família, com acesso à empresa...

— Eu nunca quis atingir vocês! — Ela se levanta. — Eu só queria que ele pagasse pelo que fez.

— E o que ele fez a você, Giovanna? Não é possível... Você é Giovanna Villazza, filha de um casal italiano, herdeira daquela porra toda! O que

PERIGOSAS ACHERON

você tem a ver com essa história? — Desespero-me. — Eu vi, mas não consigo entender.

— A história do jornal, Nicholas...

— Que você colocou lá!

— Não! Não fui eu! Por que eu faria isso? —

Eu gargalho ante a sua pergunta e aponto para tudo o que ela escondeu em um *cofre!* — Não fui eu, mas a história é verdadeira. Eu fiquei sabendo há mais ou menos cinco anos...

— Não me interessa a história!

— Claro! — Ela cruza os braços. — A quem interessa uma moça caipira que foi seduzida e abandonada com uma criança? A quem interessa o sofrimento dela, a fome que ela passou? O que importa a você se ela teve que se prostituir para manter um teto sobre a sua cabeça e dar abrigo à sua filha? — Ela se aproxima de mim parecendo um anjo vingador, com seu olhar brilhando de ressentimento. — O que interessa que, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você ganhava um pai, essa criança nunca teve a proteção dele? Ele as descartou à própria sorte enquanto dava o golpe do baú em uma viúva com um filho pequeno querendo um pai!

Essas palavras cheias de ressentimento me atingem no peito como um dardo inflamado. Oh, Deus, não pode ser verdade!

— Não, Nicholas, realmente essa história não importa a você. Não foi você quem passou fome e frio, que sofreu com a violência da rua, que perdeu a única pessoa que amava e que conhecia. Não foi você que foi parar em um abrigo porque nem o maldito nome do pai tinha! — ela termina de falar gritando e chorando ao mesmo tempo.

Ainda não entendo como essa história toda aconteceu, mas não há dúvidas.

— Você é ela... — murmuro tão baixo que penso que ela não me ouviu, mas sua resposta confirma que eu realmente disse isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim! — Giovanna parece em desespero.
— Eu sou a criança que ele abandonou à morte para criar você!

Eu recuo, sentindo dor em meu peito e dificuldade de respirar.

— Mas, mesmo sabendo disso — ela continua —, mesmo querendo lhe odiar, eu me apaixonei por você...

Eu nego com a cabeça, não acreditando nesse sentimento. Não depois de toda a mágoa que ouvi em sua voz, não depois de saber que ela me...

— Você me usou para conseguir destruir minha família! — acuso-a, e ela não retruca. — Eu era só um meio de você concretizar sua vingança! Como você pode falar em amor?

— Porque é verdade! — Giovanna parece destruída, mas ela não me comove mais, pois é a rainha da dissimulação e da mentira. — Eu desisti de tudo — aponta para os documentos — porque eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amo você e nunca faria mal a...

— Chega! — Eu jogo os papéis no chão. — Chega! Você já conseguiu o que queria, parabéns! Minha família está destruída, meu pai... — eu respiro fundo antes de lhe jogar na cara essas palavras — *seu pai* está entre a vida e a morte no hospital, e eu preciso ver como está a minha mãe.

— Nicholas, por favor...

— Acabou, Giovanna ou Maria Gilda ou quem quer que você seja! Acabou! Você conseguiu! — Eu rio em meio ao desespero. — Acabou sua jornada, não precisa mais de mim.

— Eu não...

Eu pego minha carteira em cima da mesa de trabalho completamente bagunçada e a coloco no bolso, indo em direção à porta.

Giovanna tenta me parar e entra na minha frente.

— Me escuta, por favor. Acredita em mim...

PERIGOSAS ACHERON

Eu a afasto, abro a porta e saio deste *loft* e também da vida dela para sempre.

Dirijo até a casa dos meus pais ainda sem acreditar no que está acontecendo. No momento, minha preocupação é com minha mãe, porque eu sei o motivo de sua frieza ante o que aconteceu com Gil. *Traição*.

Eu posso imaginar o que ela está sentindo, o que sentiu ao ler aquele jornal e ficar sabendo que ele escondeu dela aquela monstruosidade que fez. Eu não sei ao certo quando eles começaram a namorar, mas penso que as datas coincidem. Quando Giovanna... Droga! Quando Maria Gilda nasceu, eles já estavam casados.

Pulo para fora do carro assim que estaciono em frente à entrada principal, e logo Marinete vem

PERIGOSAS ACHERON

se encontrar comigo.

— Ai, menino, como está seu pai?

Bernardo me mandou uma mensagem, que li enquanto dirigia, em que me dizia que ele estava passando por um cateterismo. Informo isso a ela, que diz estar rezando por ele.

— E minha mãe?

— Ela está trancada no quarto. Não atende ninguém, Sandra já esteve aqui, e ela nem respondeu.

Meu coração dispara, e eu subo correndo as escadas.

— Mãe! — soco a porta e grito por ela. — Mãe, por favor... — Desespero-me.

Sinto a presença de Marinete atrás de mim.

— Não tem chave reserva? — Ela nega. — Mãe, por favor, só responde que está bem... — A porta se abre, e a vejo, olhos inchados de chorar, mas bem. Graças a Deus! — Mãe...

— Entre, Nicholas. — Ela olha para Marinete. — Mari, você pode nos trazer um chá? Obrigada.

Eu entro em seu quarto, que sempre foi tão organizado e arrumado, e encontro sua coleção de bibelôs de cristal completamente quebrada, bem como suas molduras com fotos dos dois.

Sinto meu coração terminar de ruir, mas preciso estar forte para apoiá-la.

— Eu li o jornal...

— Eu imaginei que sim. — Ela ri, triste. — Bem, antes que você diga que não é verdade, que é fofoca, invenção...

— Eu sei que é verdade, mãe. — É só o que eu pretendo lhe dizer hoje. Ela não precisa ter de lidar com aquilo também. — Mas não sei se aconteceu...

— Aconteceu. — Ela me aponta uma cadeira. — Eu nunca imaginei nem por um momento que

ele tivesse se casado comigo por interesse. Eu *sei* que ele não se casou comigo por interesse. Mas ter escondido de mim que tinha engravidado uma menina... — Eu seguro em sua mão. — Ele disse que a história foi aumentada ou que não está completa, eu não entendi muito bem. Mas o fato é que a moça engravidou mesmo dele e houve essa criança... — Eu sinto que ela está tendo dificuldade para falar. — Ele alega que deu todo o suporte para mãe e filha, mas que perdeu contato quando nós nos mudamos para os Estados Unidos.

Marinete chega com o chá e tenta disfarçar o assombro ao ver o estado do quarto de minha mãe.

— Ele alegou que o dinheiro que reservou para elas estava sendo movimentado, então ele supôs que estava tudo bem. — Ela desaba, e eu a seguro. — Deus, Nicholas, quem é esse homem que abandona uma criança por mais de um ano, deixando-lhe apenas dinheiro? Ele não é assim! —

Eu concordo com ela, pois Gilberto sempre foi um pai presente e carinhoso. As palavras de Giovanna ressoam em minha mente, e eu tento não pensar nelas. — Ele alegou que tinha medo de que eu descobrisse e o deixasse, que achasse que ele me traiu... — Ri. — Mesmo que ela tenha sido concebida antes, só o fato de ele me esconder isso... Nicholas, eu a teria criado! Deus sabe o quanto eu queria ter uma filha!

Tento não pensar em Giovanna sendo criada como minha irmã, eu não preciso lidar com isso também. Fico imaginando apenas como será a reação do Bernardo quando souber. Eles, sim, são irmãos.

— E o que aconteceu com elas? — Eu quero muito entender toda essa história. — Ele contou?

— Sim. Disse que, quando voltamos, não as encontrou. Elas moravam em Santa Catarina, eu não entendi bem isso, mas elas não estavam mais

lá. — Dá de ombros. — Segundo ele, contratou um detetive que demorou mais de um ano para achar o túmulo.

Ela limpa uma lágrima e toma um pouco do chá.

— Ele pensou que o bebê também tivesse morrido, mas não acharam nenhum registro, foi então que ele começou a procurar pela filha, que nunca encontrou. — Olha-me triste. — Provavelmente, foi adotada. — Meu coração dispara ao pensar nos Villazzas. — É esse o motivo da febre e da depressão dele no dia primeiro de dezembro, é a data em que ela nasceu.

Eu sei! Embora ela tenha ganhado um nome e um sobrenome diferentes, sua data e local de nascimento continuam as mesmas. Eu tento imaginar qual seria a reação de Gilberto caso nós chegássemos a comemorar o aniversário dela.

— Ele nunca soube nada dela. A moça vai

PERIGOSAS ACHERON

fazer trinta anos, e ele não sabe se está viva ou morta. — Ela limpa as lágrimas novamente. — Eu só tento imaginar como ele conseguiu viver com isso...

— Ele está fazendo cateterismo, mãe. — Ela geme e fecha os olhos. — Eu sei que é uma história... incrível, mas Gilberto foi o único pai que eu tive. E foi um ótimo pai. Ele é o pai do Bernardo, mãe, é o homem que a senhora ama. — Ela chora. — Vamos até lá?

Ela me abraça.

— Eu não quero perdê-lo, Nick! — Sinto seu corpo tremendo com os soluços do choro. — Eu estou chocada com essa história, magoada pelas mentiras dele, mas eu não quero perdê-lo...

— Então se acalme, e vamos para lá. Bê também precisa de nós.

— E Giovanna? — Meu coração dói ao ouvir esse nome. — Ela já sabe?

— O importante agora é estar ao lado do Gil e do Bê. — Ela assente. — Vamos nos preocupar com uma coisa de cada vez.

Sim! Eu preciso me manter ocupado, ajudando minha família nesse momento, porque, enquanto eu estiver lidando com essa situação, não vou prestar atenção ao meu peito, que sangra sem parar.

Capítulo XXVI

Frank Villazza

— *Dio, come ti amo! Non è possibile avere tra le braccia tanta felicità.* — Entro no elevador e aperto o 12º andar. — *Baciare le tue labbra che odorano di vento! Noi due innamorati come nessuno al mondo.* — As portas do elevador se abrem, e eu ando pelo corredor, já avistando Alice e Charles conversando. — *Dio, come ti amo! Mi vien da piangere in tutta la mia vita non ho provato mai...* [\[9\]](#) — Alice gargalha enquanto Charles faz cara de paisagem para minha cantoria matinal. — *Boun giorno!* — cumprimento bem-humorado, pegando meu café *espresso* que Charles preparou para mim.

— Bom dia! — Alice pega sua agenda e me segue sala adentro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu escritório pouco mudou nesses últimos anos, mas a mudança ocorrida foi muito importante para mim. Olho com um sorriso de satisfação as fotografias em cima do aparador onde, antes, ficavam as bebidas.

Isabella, minha esposa, sempre gostou de ter porta-retratos com fotos de momentos especiais e sempre se cercou disso. Eu, particularmente, nunca fui fã, mas, depois que me casei com ela e vieram nossos filhos, eu quis, sim, ter suas imagens perto de mim durante minha jornada de trabalho.

As fotos aqui contam uma história, a de um homem rico, porém não apenas de dinheiro ou bens, mas sim de amor. Eu sou esse homem! Agradeço por tudo que tenho, pelo trabalho, por ter conseguido cumprir com minha obrigação com a família, mas, acima de tudo, agradeço por ter aprendido a amar, porque isso, sim, fez-me ser um homem completo.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de me sentar em minha cadeira feita sob encomenda, eu olho, uma a uma, as fotografias de minha família. Primeiro, a dos meus pais, Andreas e Silvia Villazza, em seguida, uma foto minha com meus dois irmãos, Tony e Giovanna, e aí vem uma foto *belissima* da minha *Bella*.

Sinto meu peito se agitar ao ver o olhar de gata da minha esposa e seu sorriso. Isabella é única para mim, e o amor que sinto por ela é tão forte que foi possível dividi-lo com mais duas pessoas. Olho para a foto seguinte, onde ela aparece de mãos dadas com Lucca, e Laura está em meus ombros. *I miei figli!*

Meus filhos são minha vida, minha razão de viver, meu orgulho, e eu não me canso de ser grato por ter recebido esse presente de minha esposa.

Olho para minha *pimentinha*, Laura, que é orgulhosa, mandona, marrenta, mas é uma manteiga derretida, e seu grande ponto fraco é o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmão. Lucca é um menino quieto, inteligente, carinhoso e que sabe muito bem conduzir sua irmã, pois já aprendeu que basta um olhar magoado para Laura fazer o que ele quiser. Minhas crianças estão crescendo!

Sento-me, tomando o último gole do meu café, pronto para começar meu dia.

— Pode começar, Alice! Mas antes... — Eu abro minha pasta e tiro de lá uma folha. — Presente para Ângela! — Meu sorriso torto estampa meu rosto.

— Senhor Villazza, eu já disse que esse menino puxou o senhor! — Ela pega o papel, rindo ao ver o desenho de um coração.

Tudo o que Lucca desenha na escola ele me manda entregar para Ângela, minha afilhada e filha de Alice, de cinco anos. Eu, claro, acho uma graça ele já ser tão galanteador e entrego, orgulhoso, o *recadinho* dele para minha assistente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos ao trabalho agora, porque acho que ainda temos alguns anos antes de nos preocuparmos com isso...

Ela ri e começa a me informar sobre meus compromissos do dia. Assim que ela sai, preparo-me para a primeira das muitas reuniões do dia de hoje. A Rede está uma loucura desde que anunciamos que iremos nos mudar para São Paulo. Nossa intenção, com relação aos funcionários, é que eles nos sigam, mas, como esperávamos, uma parte prefere ser demitida e permanecer em Curitiba, o que eu lamento. Uns, nós conseguimos recolocar no Convention Curitiba — como Bárbara Pontes e Eduardo Canto, um casal amigo de minha cunhada —, mas outros estão pondo fim à relação com a Rede Villazza da América Latina.

A nova sede da Rede irá ficar pronta em 18 meses, pois decidimos fazer as duas obras — a de reforma do prédio onde será a nossa sede e a da PERIGOSAS ACHERON

construção do novo Convention SP — ao mesmo tempo. Para isso, encerramos as atividades do Hotel Villazza em São Paulo e demos férias coletivas para nossos funcionários de lá.

Tudo isso é dispendioso e trabalhoso, mas, como sempre diz meu pai, *Il fine giustifica i mezzi*. Quando finalmente as obras estiverem prontas, faremos as duas inaugurações ao mesmo tempo e teremos o maior e mais moderno hotel da nossa rede no Brasil.

Além disso, as salas desocupadas pela Rede aqui em Curitiba serão transformadas em mais suítes, aumentando a capacidade operacional do Convention Curitiba.

Eu olho a documentação à minha frente. São todos os dados e levantamentos feitos pela nossa equipe técnica sobre a empresa que apresentou a segunda melhor proposta para a reforma do prédio, a Dedalus Construções.

Na verdade, nossas duas concorrências foram vencidas pela Novak, porém, depois de muita discussão com Rodrigo Braga e com o próprio Nicholas Smythe, eles retiraram a proposta para a reforma do prédio onde funcionará a sede, que era a localização do antigo Villazza São Paulo. E é por esse motivo que eu tenho uma reunião com Nereu Takis, o CEO da empresa de engenharia que irá cuidar desse projeto.

Eu giro com a cadeira e olho a fotografia onde aparece minha irmã caçula, Giovanna. Eu sei que muito da minha implicância com Nicholas foi por causa de Isabella, mas agora é por puro ciúme da minha irmã. Eu tenho uma ligação tão forte com ela que sou assim, sempre tentando evitar que ela sofra, sempre querendo protegê-la. Tentei de verdade entender sua vontade de crescer sozinha, de ter sua carreira independente de nós, mas confesso que isso me partiu o coração. No

PERIGOSAS ACHERON

momento em que ela me disse que queria se desligar da Rede e se desvencilhar do sobrenome Villazza, eu senti o chão tremer. Era como se ela soubesse...

— Senhor Villazza? — Eu olho para Alice, parada à minha porta. — Eles já estão aguardando o senhor na sala de reuniões.

— Eu já vou, Alice. — Ponho-me de pé. — Eu só preciso...

Meu celular toca e, coincidentemente, vejo a foto de Giovanna na tela.

— Ei, *bambina!* — digo animado. — Eu estou entrando em uma...

— Frank... — Escuto sua voz de choro e solto os papéis que seguro.

— Giovanna, o que houve? — Meu coração está disparado, e eu penso em todos os tipos de atrocidades possíveis.

— Frank, me desculpa estar ligando... — Ela

PERIGOSAS ACHERON

soluça, e eu tremo. — Mas eu preciso de você, *padulo!* — E chora copiosamente.

— Giovanna, onde você está? — Eu começo a andar de um lado para o outro, e Alice assiste a tudo de olhos arregalados. — O que aconteceu? Você está bem?

— Eu estou no meu apartamento... — Ela chora mais uma vez. — Eu só... preciso de você!

Eu fico em desespero por um tempo, imaginando o que teria acontecido com ela, porque algo está mal, pois Giovanna não me ligaria atormentada desse jeito... Nicholas, o *franguinho* desgraçado! Eu bufo de raiva antes de perguntar:

— O que aquele idiota fez, Giovanna? — Recomeço a andar. — Eu juro que vou matá-lo se ele fez...

— Acabou, Frank — ela anuncia isso como se dizendo a si mesma. Porra! — Acabou!

Porca miseria! Eu sei bem o que ela está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passando! Eu fico louco só de imaginar que ela sente dor parecida com a que passei quando perdi Isabella.

— Giovanna, fique calma! — Eu tento ser racional e não xingar aquele *stronzo, figlio di puttana* com todo meu repertório de xingamentos em vários idiomas. — Você consegue vir para cá? — Lembro-me de que, quando me aconteceu, eu não conseguia nem sair do chão onde me sentei. — Esquece! Eu vou te buscar! — Olho para Alice. — Vou pedir ao piloto que prepare o jatinho e, assim que terminar essa reunião, vou encontrar você. *Sole mio*, você não está sozinha! Nós somos sua família...

— Eu sei de tudo, Frank — Por um momento não entendo o que ela quer dizer com isso. — Eu sei sobre o lar beneditino. — Eu paraliso no lugar sentindo meu corpo inteiro tremer. — Eu sei sobre Maria Gilda Bohen.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tremo tanto que me agacho no chão, e Alice vem correndo em minha direção. *Dio santo, lei sa!*^[10] Como ela soube? Eu escuto seu choro contido e procuro me acalmar.

— Giovanna, eu estou indo agora te encontrar. — Olho para Alice, que se espanta. — Se acalme, que eu vou até aí te encontrar, ouviu? — Ela chora apenas. — Gio, eu estou indo!

Desligo o telefone, levanto-me e ando até o notebook na minha mesa.

— Alice, cancele a reunião! — Ela assente sem questionar, e eu ligo para o meu piloto. — Junker... Alice! — Ela interrompe sua saída da sala. — Veja voos comerciais; se houver um saindo a tempo de eu chegar ao aeroporto, veja se tem vaga e reserve.

Ela assente e sai correndo.

— Junker, temos como partir em menos de uma hora? — Ele me pergunta o destino. — São
PERIGOSAS ACHERON

Paulo. — Informa-me que precisa ver com o aeroporto do Bacacheri, pois o internacional é mais demorado. — Quanto tempo você precisa para saber e aprovar o plano de voo? — Ele me diz que, no mínimo, meia hora, e eu blasfemo, mas concordo.

— Frank! — Alice retorna para minha sala, chamando-me pelo nome, coisa que raramente faz. — Tem um voo para São Paulo saindo daqui a cinquenta minutos, é o único que tem vaga!

— Compre. — Eu ligo para o celular da minha esposa, mas me lembro de que ela tem audiência esta manhã. Ligo para casa. — Oi, Rose, as crianças estão bem? Eu não vou almoçar em casa, mas não consigo falar com minha esposa. Se ela aparecer aí antes de ver minha mensagem, avise-a de que precisei ir a São Paulo, mas volto hoje. — Entra uma chamada em espera. — Obrigado, Rose. Oi, Junker! — Ele me informa que

PERIGOSAS ACHERON

o aeroporto também está movimentado e que precisará de mais de uma hora para autorização de voo. — Ok, vou de comercial.

Pego minha pasta e ligo para Clayton.

— Clayton, está na garagem? Ótimo! Pode ligar o carro, preciso que você voe até o Afonso Penna. — Passo pela Alice e me lembro do meu irmão. — Não diga nada sobre a ligação que recebi ao Tony. — Ela assente. — Se ele perguntar sobre mim, manda me ligar.

Entro no elevador lembrando que há uma hora eu estava cantando dentro dele, feliz. Olho-me no espelho. Agora sinto que meu mundo está prestes a ruir. Giovanna sabe sobre a adoção, e meu medo é de que ela me odeie para sempre por ter escondido dela, por ter feito que todos escondessem dela.

Na garagem, Clayton já está com o motor do carro ligado, e eu entro com pressa, lamentando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não ter vindo de moto, pois com certeza chegaria mais rápido ao aeroporto. Pego os jornais que, nesta manhã, ignorei, pois não queria estragar meu bom humor logo cedo com a crise econômica do país.

Penso em levar alguns comigo para distrair minha mente durante o voo e descarto os brasileiros, levando apenas o Financial Times.

Chego ao aeroporto no tempo recorde de meia hora e faço o check-in, passando direto para o embarque, visto que não tenho bagagem a despachar. O avião é pequeno e está lotado e, graças à boa sorte, eu me sento ao lado de um executivo que carrega um livro grosso, ou seja, ninguém para puxar conversa.

— Junker — ligo para o meu piloto de novo.
— Deixe tudo preparado para me buscar, só me passe o local que encontrarei você lá. — Assim que desligo, Alice me liga.

PERIGOSAS ACHERON

— Frank, reservei um carro com motorista para você. Ele estará com seu nome numa placa assim que você desembarcar. — Eu agradeço e ouço o aviso para desligar aparelhos e afivelar o cinto.

Fecho os olhos, tentando me acalmar. Eu sei que estou indo o mais rápido que posso, mas esse tempo que está me separando de Giovanna está me matando.

Eu relembro a conversa, ela me dizendo que acabou seu relacionamento com Nicholas e, em seguida, me contando que sabia de tudo. Eu não sei, mas algo me diz que há um elo entre as duas situações. Eu fecho o punho ao pensar que ele possa tê-la rejeitado por descobrir que ela não tem o sangue da minha família. Bastardo!

O avião levanta voo, e eu tento ler um pouco do jornal, porém, minha mente insiste em retornar àquele dia, ao dia em que eu vi um sol sorrir para

PERIGOSAS ACHERON

mim.

Minha mãe sempre quis ter muitos filhos, mas, depois do nascimento de Tony, ela teve uma sequência de três abortos, sendo o último quando eu estava com quase dez anos de idade. O médico a desaconselhou a continuar tentando, e meu pai, com medo de a perder, decidiu fazer vasectomia, e ela concordou.

Depois disso, eles se cadastraram para a adoção de um bebê. Ela queria que fosse brasileiro e recém-nascido, não importando o sexo ou a cor. Acontece que, como é pacífico, todos querem um recém-nascido na hora de adotar, por isso a fila era enorme.

Eles esperaram durante meses, então meu pai teve de ir morar na Itália, pois meu avô falecera, e nós ficamos no Brasil. Nessa época, minha mãe desistiu de ter outro filho, pois estava praticamente sozinha aqui, e eu não a ajudava, sempre metido em

PERIGOSAS ACHERON

confusões.

Todavia, quando eu acabei de completar 14 anos, minha mãe recebeu a notícia de que aparecera um recém-nascido e que ela seria a próxima da fila. Ficamos enlouquecidos com a notícia, porque queríamos muito outro irmão.

A criança estava em um abrigo cristão numa cidade do interior do Paraná, na divisa com o Mato Grosso do Sul. Nós fomos até lá, pois minha mãe fez questão de nos levar com ela para nos mostrar a realidade do mundo.

Confesso que, para um adolescente revoltado, mimado e sem juízo, estar naquele local foi um choque. Vi crianças de todas as idades, inclusive adolescentes como meu irmão e eu. E, enquanto dona Silvia Villazza conversava com as freiras e as assistentes sociais, eu perambulei pelo local, vendo os locais comuns, como salas de aulas e refeitório.

Contudo, na volta para a sala da direção, eu

PERIGOSAS ACHERON

ouvi um choro sentido. Abri uma fresta da porta e vi, iluminada pelos raios de sol, uma cabeleira loira cheia de cachos. O choro não parava, e eu me aproximei do berço, onde dois enormes olhos azuis cheios de lágrimas me encararam.

Instantaneamente, eu enfiei um dedo por entre as grades, e ela o segurou com sua mãozinha rechonchuda. Eu, um moleque marrento e magrelo que gostava de andar por aí com a turminha da maconha, dando cavalinho de pau nos carros, ajoelhei-me ao seu lado e senti que aquele aperto forte em meu dedo tocava meu coração.

Ela parou de chorar, como se minha presença a acalmasse e a mantivesse em segurança. Não sei ao certo por quanto tempo ficamos ali, ela segurando meu dedo, e eu ajoelhado no chão ao lado do berço. Só sei que minha mãe apareceu apavorada atrás de mim e, quando me viu, eu estava em prantos. Eu não conseguia ouvir o que

PERIGOSAS ACHERON

ela me falava, não conseguia desviar meus olhos daquela pequeninha, tudo o que eu falei foi:

— Mãe, é ela! — Ela parou de falar. — *Mamma, è questa bambina!*

— Francesco, nós viemos pelo menino recém-nascido...

— *No. So che è lei. Mia sorella, il sole mio.*

Eu não sei se foi o que eu disse ou a emoção que senti, mas ela se virou para a assistente social e perguntou sobre aquele bebê. Seu nome era Maria Gilda Bohem, tinha 18 meses e estava ali havia quatro, desde que sua mãe falecera e não fora encontrado nenhum outro parente. A assistente avisou que, no caso dela, para ser liberada para adoção, demoraria mais tempo, mas minha mãe já havia se decidido.

Foram necessários mais quatro meses e toda a intervenção possível em todas as esferas para que ela fosse adotada. Meu pai retornou da Itália duas

PERIGOSAS ACHERON

semanas antes da data da assinatura de sua adoção para, enfim, levar Giovanna Maria Andretti Villazza para casa.

Nós ficamos um mês na Itália com ela e, quando retornamos ao Brasil, já sem meu pai, Giovanna tinha o quarto de uma *princesa* e era tratada como uma. Minha mãe cuidava dela como se fosse de cristal, e eu babava o que podia... bem, até aparecer a Felícia.

Felícia tinha 18 anos, era universitária, e minha mãe resolveu ajudá-la dando-lhe um emprego de meio período como babá de Giovanna. A garota era mais velha, fumava escondido comigo e era gostosa, então foi natural que rolasse algo entre nós, mas, infelizmente, minha mãe nos pegou no flagra transando e fumando maconha.

Isso foi a gota d'água para dona Silvia, que, imediatamente, pegou a nós três e foi para Roma morar com meu pai. Fiquei anos longe de

PERIGOSAS ACHERON

Giovanna, pois acabei indo para um colégio na Suíça, e eles voltaram ao Brasil.

Depois, quando fui estudar nos Estados Unidos, falava com ela ao telefone e, nas férias de julho, ela ia se encontrar comigo e nós visitávamos os parques e, nas de dezembro, íamos todos para a casa da *nonna* Andretti, em Nápoles.

Minha ligação com Giovanna, mesmo distante, sempre foi forte. Eu sei que, de algum modo, foi ela quem me escolheu como irmão, e não o contrário. Eu nunca soube nada sobre a vida dela naquele pouco mais de um ano em que viveu com sua mãe biológica. Tudo o que sabemos era que a moça morreu com alguma doença pulmonar, que era mãe solteira e tinha 19 anos.

Giovanna não é natural da cidade na qual foi adotada, mas sim de outra cidade pequena no sul de Santa Catarina, mas, por lá, procuramos saber sobre a sua família, porém, ninguém os conhecia.

Minha mãe achou melhor mudar o nome, ficando apenas com o Maria. Quando ela foi alfabetizada, decidiram lhe contar a verdade. No entanto, eu fui categoricamente contra, alegando que ela era muito novinha para lidar com aquilo. Na adolescência, a alegação era que ela já tinha um gênio do cão e que iria piorar se soubesse e, quando se tornou adulta, já era tarde demais. Como ela parecia nunca descobrir, deixamos a história enterrada.

Eu não entendo como ela soube. Na época de sua adoção, minha família não chamava tanta atenção, pois o negócio ainda era muito local, ainda só no Sul com alguns hotéis. Não havia esse assédio da imprensa, nem computadores com internet, e os poucos que ficaram sabendo da adoção foram os diretores da Rede. A maioria já está aposentada e sempre guardou absoluta discrição sobre o assunto.

Ouçó, com alívio, o aviso para afivelar os cintos para a aterrissagem. Eu estou próximo, pronto para contar a ela o que precisar saber, pronto para implorar que nos perdoe, pronto para mantê-la em segurança como tenho feito desde o dia em que nos conhecemos.

Capítulo XXVII

Giovanna

Eu estou encolhida em um canto ao lado da minha mesa de trabalho completamente revirada, segurando os joelhos. Não choro mais, apenas olho fixamente para um ponto qualquer da minha sala.

Meu corpo balança para trás e para frente, e eu sei que isso é desespero, porque já estive assim antes, quando descobri, ou melhor, quando me contaram a verdade sobre quem eu sou.

Lembro-me de tudo o que aconteceu nesta manhã e fecho os olhos com força, querendo banir esses momentos tão dolorosos da minha vida. Gilberto pode já estar morto, e Nicholas me odeia.

O homem que eu amo me odeia! Eu olho para o anel ainda em meu dedo e sinto as lágrimas voltarem a correr.

Ouço o som do interfone e corro para atendê-lo na esperança de que seja Nicholas de volta. Porém, é Frank! Eu desabo a chorar, pois não deveria ter ligado para ele e dito que eu sabia a verdade. Meu irmão deve estar apavorado!

Libero sua entrada e fico esperando-o à porta, como fiz da última vez em que esteve aqui comigo. Assim que ele sai do elevador, eu desabo de novo, e ele corre para mim, abraçando-me com força.

— Giovanna... — Frank também chora, e eu me agarro a ele enquanto me leva para dentro. — Me perdoe, Giovanna... É culpa minha...

Eu ponho a mão sobre sua boca, negando com a cabeça, sabendo que tudo o que ele fez foi para me proteger.

— Não, Frank, eu sou grata pelo que vocês fizeram por mim, ainda que nunca me contassem a verdade. — Tento um sorriso. — Eu tive sorte de vocês terem entrado em minha vida, *padulo*.

Ele também ri ao me ouvir chamá-lo pelo apelido.

— Como foi que você...

— Me contaram. — Dou de ombros. — Há pouco mais de cinco anos e, embora eu tenha ficado sem chão, eu entendi tudo o que vocês fizeram e continuei quieta, porque não queria magoá-los nem os perder. — Eu respiro fundo. — Era como se, mantendo o segredo, eu continuasse a ser ainda a *princesa Villazza*.

— Você sempre foi e sempre será, independentemente do sangue que corre em suas veias. — Ele levanta minha cabeça para olhá-lo. — Você é minha irmã, é filha dos meus pais, é quem nós mais amamos no mundo. Nada, nada vai mudar isso!

Eu sinto como se uma faca me atingisse o peito, pois sei que ele ficará completamente atônito ao conhecer a história toda. Eu decidi terminar de

PERIGOSAS ACHERON

vez com esse mistério, acabar com esse *segredo obscuro*. Olho para o jornal no chão.

— Não leu o jornal hoje? — Frank parece confuso com minha pergunta. — Vem, vamos nos sentar.

— O que há no jornal?

Eu sorrio enquanto mais algumas lágrimas escorrem.

— A verdade sobre mim. — Frank arregala os olhos atônito. — A verdade sobre quem eu sou. O motivo pelo qual estou aqui, nesta cidade.

Eu me sento, mas ele caminha até o papel amassado no chão, não sem notar a completa desordem do lugar.

— Antes, eu quero saber o que houve. — Eu fecho os olhos. — Se você já sabe sobre sua adoção há tantos anos, o que aconteceu aqui? Ele a rejeitou quando você lhe contou a verdade, foi isso?

Eu nego com a cabeça ainda sem olhá-lo.

— Eu não lhe contei a verdade. — Respiro fundo para me controlar. — A verdade foi até ele.

— *Figlio di puttana!* E te rejeitou quando soube?

Eu rio, constatando que Nicholas nunca seria capaz de fazer isso com quem quer que fosse. Ele não é do tipo que julga as pessoas pelo que elas têm ou o sobrenome que carregam. *Esse* nunca foi o problema.

— Não, Frank. — É hora de colocar os pingos nos *is*. — Ele só fez o que qualquer outra pessoa faria ao ser enganada. — Encaro meu irmão, que ainda está parado em pé com a bola de jornal na mão. — Eu o usei, e ele me odeia por isso.

— Usou? — Eu aponto o jornal. — Eu não entendo...

— Gilberto de Toledo teve um infarto hoje de manhã. — Ele arregala os olhos mais uma vez. — Não sei se está vivo ou morto... — Solução. — E a
PERIGOSAS ACHERON

culpa é minha.

Frank imediatamente desamassa o jornal, e eu não posso olhá-lo enquanto ele descobre sobre minha história, sobre como fui concebida e de quem eu sou filha.

— *Madonna Santa!* — Escuto-o e tampo meu rosto com as mãos enquanto choro. — *Non è vero! Dio Santo...* Giovanna?

Eu assinto, e ele xinga. Em seguida, sinto seus braços me envolverem mais uma vez antes de tudo ficar escuro.

Acordo em um quarto de hospital. Já está escuro, e Frank cochila em uma poltrona ao meu lado, ainda usando o terno que estava usando hoje de manhã. Eu olho para o monitor que mede minha pressão e meus batimentos cardíacos sem entender

PERIGOSAS ACHERON

o que houve.

Eu me mexo na cama, e ele acorda.

— Ei! Tudo bem, não precisa ficar assustada... — Passa a mão nos meus cabelos.

— O que houve, Frank?

— Você desmaiou. — Ri com seu sorriso debochado. — Agora vai poder parar de ficar se gabando que é durona e nunca desmaiou antes!

Eu rio, lembrando que eu apaguei há cinco anos quando soube.

— Chegou aqui muito agitada. Eu contei a um médico que você tinha passado por uma emoção muito forte, e lhe deram um sedativo.

— Que horas são? — Ainda estou um pouco tonta e perdida.

— Não se preocupe com isso! — Beija minha testa. — Descanse.

— Mas e você?

O mundo escurece de novo e, quando acordo,

PERIGOSAS NACIONAIS

já é dia.

— Olá, Bela Adormecida! — Escuto a voz da Mel.

Olho para o lado e a vejo sentada na cadeira onde Frank estava ontem.

— Cadê o...

— Foi comprar outra roupa! O pobre parecia que tinha sido passado num rolo-compressor! — Senta-se ao meu lado na cama. — Ele me fez garantir que não tiraria o olho de cima de você. Como se eu fosse fazer isso...

— Obrigada, Mel. — Sento-me, incomodada com o cateter de soro em meu braço. — Eu estou um pouco perdida no tempo. Que horas são?

— São 11h30. Daqui a pouco irão lhe trazer o almoço. — Cutuca-me. — Você faz de tudo para não ter que cozinhar, hein!?

Eu sorrio e balanço a cabeça com a tentativa dela de descontrair o clima.

PERIGOSAS ACHERON

— Você tem notícias do... pai do Nick?

Mel fica séria e olha para a porta em busca de socorro. Eu olho para lá e vejo Frank de jeans e camisa de lã.

— Bom dia, *bambina!* — Ele sorri. — Obrigado pela ajuda, Mel!

— Giovanna é minha irmã caçula também. — Beija-me na bochecha.

— Frank, eu quero saber notícias...

— Ele está bem, Giovanna — avisa sério. — Eu estive há pouco no hospital onde ele está, e me informaram que ele passou por um procedimento e está estável.

— Falou com o Nick?

Eu o vejo respirar fundo e olhar para a Mel.

— Não, Giovanna, ele não estava lá. Falei com dona Cecília Novak.

Eu fecho os olhos, agradecendo por ele ainda estar vivo e pedindo que tudo se resolva, que Nick

possa me perdoar.

— Quando eu vou poder ir embora?

— Daqui a pouco. Junker está com o avião preparado para nos levar a...

— Eu não vou, Frank. — Ele me encara. — Eu não vou sair de São Paulo.

— Giovanna...

— Não, Frank! Chega de fugir, de segredos e mentiras. — Sinto lágrimas caindo. — Eu não vou sair de São Paulo.

— Gio, seu irmão...

— Não! É minha decisão, eu não vou!

— Escute aqui, *bambina*. Você me chamou aqui porque sabe que precisa do meu apoio, do apoio da nossa família, e eu não vou deixar você aqui sozinha.

Eu olho para a Mel.

— Você também já sabe? — Ela assente. — Você já sabia disso, Mel?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Pega minha mão. — Me perdoe por isso, Gio, mas, quando você chegou, eu já tinha 10 anos e depois ouvi uma história aqui e outra ali, mas nunca lhe contei porque entendia que os tios não queriam. — Eu concordo com ela. — Eu só não sabia sobre o pai do Nick...

— Ele não é pai do Nick! — digo infantilmente.

— Eu sei, ainda bem... — Ela balança a cabeça assim que profere essas palavras. — Me desculpe, é que eu fiquei um tanto surpresa com toda essa história.

— E olha que vocês nem sabem de tudo! — falo mais para mim mesma.

— Acho que sei, Giovanna — Frank comenta. — Eu estive no seu apartamento hoje de manhã e vi aquelas pastas... — Eu fecho os olhos constrangida. — O que, em nome de Deus, você pensava em fazer?

PERIGOSAS ACHERON

— Frank... — Mel o repreende.

— Não, Mel. Tudo bem. — Encaro meu irmão. — Eu não vim para cá para trabalhar ou fazer minha carreira. Eu vim para cá atrás da verdade e de justiça pelo que eles fizeram a ela. Há cinco anos e pouco, eu descobri que sou adotada, e há pouco mais de três, descobri toda a verdade por trás disso e planejei me vingar.

— Oh, meu Deus! — Escuto Mel exclamar visivelmente horrorizada. — O jornal ontem de manhã... Foi você?

Eu nego.

— Mas sei quem foi, e é minha culpa. Eu me apaixonei de verdade pelo Nick e não quis seguir com o planejado, que era expor algumas irregularidades da Novak. — Frank me olha como se não me conhecesse. — Mas ele não entendeu...

— Ele?

— Klaus Schneider, o outro homem na foto.

O filho do padrasto de Ana Bohen.

Frank se senta, e Mel não fecha a boca.

— Quando foi que você arquitetou tudo isso, Giovanna?

— Quando encontrei Klaus no Rio Grande do Sul, na terra natal de Ana Bohen. Foi ele quem me contou sobre Gilberto de Toledo e me entregou todos aqueles documentos. — Eu respiro fundo. — Foi ele quem mandou aquilo para o jornal.

— Oh, meu Deus! — Mel está visivelmente apavorada.

— Você entende a loucura que é isso tudo, Gio? — Frank parece não acreditar no que acabou de ouvir. — Você consegue entender a magnitude de tudo o que aconteceu?

Eu assinto.

— Aquele jornal quase matou um homem que, embora parece ter cometido um ato execrável, não teve nenhuma chance de ser ouvido. — Olha-

PERIGOSAS NACIONAIS

me profundamente. — De contar sua versão da história...

— Está tudo lá, Frank. Não há nada que ele possa dizer que...

— Ele é seu pai, Gio — Mel emite as duras palavras que nunca pronunciei.

— Não, Mel. — Frank se levanta e pega minha mão. — O pai de Giovanna é Andreas Villazza. Giovanna tem razão. — Ele encara a cunhada. — Se ele quisesse ter sido pai dela, não estaríamos aqui. — Olha-me sorrindo. — Não vou negar que sinto certa gratidão pela irresponsabilidade dele, pois assim eu ganhei a irmã mais amada do mundo. — Ele limpa meu rosto. — Mas, ainda assim, é uma história complicada.

— Sim. — É só o que digo.

— Vamos comigo para Curitiba pelo menos nesse final de semana.

PERIGOSAS ACHERON

Eu fecho os olhos ao pensar que, nesse momento, eu estaria almoçando no haras com Célia e Joaquim sentados à mesa conosco.

— Eu vou. Obrigada por ser meu irmão, Frank.

Ele sorri.

— Não foi por acaso que escolhemos um ao outro.

Capítulo XXVIII

Nicholas

Estamos há horas sentados na sala de espera do hospital, aguardando o final do cateterismo para sabermos o real estado do meu pai. *Meu pai*. Penso em tudo o que aconteceu desde a história nojenta que saiu no jornal até a descoberta de que, na verdade, ele é pai de Giovanna.

A médica entra na sala, e ficamos todos de pé. Bê está abraçado a minha mãe, e eu estou ao lado de Carol.

— Dona Cecília — a doutora Denise Oliveira cumprimenta minha mãe. — Precisamos fazer uma angioplastia para a colocação de um *stent*, e foi um sucesso, não se preocupe. — Eu sinto alívio ao ouvi-la. — Precisamos agora esperar os efeitos dos medicamentos e ver como ele irá reagir, mas,

PERIGOSAS ACHERON

cl clinicamente falando, está tudo bem.

— Graças a Deus! — Ela se abraça mais forte ao Bernardo, e eu sinto a mão de Carol apertar a minha.

A médica ainda conversa com minha mãe, mas tudo o que eu sinto, agora que a tensão passou, é dor. Minha respiração se torna difícil, e eu começo a tremer.

— Nick? — Carol sente.

Eu olho para ela, sentindo cada pedaço do meu coração se partindo. Não! Não é exagero, eu sinto mesmo! Ponho a mão no peito e fecho os olhos.

— Eu preciso sair daqui, Carol.

Ela assente.

— Bê! — ela o chama. — Nick não está se sentindo bem, acho que precisa descansar. Você tem como ficar com sua mãe? Eu prometo que volto...

— Pode ir, Carol! Nada no mundo me tiraria daqui, e eu sei que mamãe também não quer ir. — Ele me olha. — Tudo bem, Nick?

Eu confirmo. Saímos do hospital em silêncio, mas, quando chego perto do carro, desabo. Abaixo a cabeça e vomito, deixando Carol atônita e preocupada.

— Nick, não é melhor voltar para o hospital?

Eu nego, e ela se afasta um pouco, retornando com uma garrafa d'água. Eu estou sentado no meio-fio do estacionamento, cabeça apoiada nas mãos e lágrimas vertendo sem parar.

— Nick... — Ouço sua voz de choro e, em seguida, ela me abraça. — Ele vai ficar bem, eu tenho certeza! Tudo vai ficar bem!

Eu nego.

— Não, Carol. Nada mais vai ficar bem. — Encaro-a. — O jornal...

— Vamos provar que é tudo mentira e...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é! — Ela arregala os olhos. — Não é. Ele teve mesmo uma filha e a abandonou.

— Nick, você tem certeza disso?

— Foi ela quem armou isso tudo. — Ainda não consigo entender como ela pôde. — Era tudo parte de um plano... uma vingança. — Rio amargo. — E caímos como insetos em sua teia!

— Vocês sabem quem é ela? — Ela parece surpresa. — Nick, vocês sabiam disso?

— Não. — Eu me levanto. — Vamos sair daqui, Carol.

Ela pega as chaves do meu carro e toma a direção.

— Vamos para o Castellani?

— Não! — Não quero ir para aquele apartamento enquanto ainda houver coisas de Giovanna por lá. — Podemos ir para o seu?

Ela sorri e concorda.

PERIGOSAS ACHERON

— Fiz um chá para você. — Ela me entrega a xícara assim que acordo.

Chegamos ao apartamento dela, e eu só tomei um banho e me deitei em sua cama. Carol me deu um relaxante, e eu consegui dormir a noite toda sem sonhos ou pesadelos.

— O Bê ligou e me disse que Gil passou bem a noite, está acordado e reagindo bem aos medicamentos. — Eu sorrio antes de beber o líquido quente. — Nick... — Ela parece constrangida. — Onde está a Giovanna?

Ouvi-la citar esse nome traz de volta as recordações do dia anterior, mas hoje, além da dor, eu sinto raiva. Ela me usou, a mim e ao Bê, para se aproximar da minha família, de Gilberto, para nos destruir.

— Eu não sei. — Carol sempre foi minha

PERIGOSAS ACHERON

amiga, embora, por causa do meu relacionamento com Giovanna, nós tenhamos ficado distantes. Eu preciso pedir perdão a ela, porque estava certa o tempo todo! — Você tinha razão, Carol. — Ela franze o cenho. — Eu não a conhecia!

— Vocês... terminaram?

Eu confirmo.

Ela não diz nada, apenas me olha confusa. Eu ainda não estou pronto para contar a Carol toda a sordidez do que ela nos fez, não enquanto não conversar com minha família.

— Você está bem, Nick? Foi muita coisa ao mesmo tempo...

— Eu vou ficar! Obrigado por sempre estar ao meu lado. — Pego sua mão. — Me perdoe pela nossa última conversa, eu nunca deveria ter deixado de te ouvir.

Ela me abraça, e eu fecho os olhos, gostando de ter alguém que cuide de mim, mas, ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

tempo, com dor na consciência, pois sinto que a estou usando, usando seus sentimentos por mim para me sentir forte e querido.

Depois do chá, decido ir ao hospital render meu irmão e obrigar minha mãe a ir para casa descansar um pouco, porém nenhum dos dois teimosos aceita sair daqui.

Carol tem de nos deixar, embora sua mãe esteja no hospital, por causa de seus pacientes, pois tem consultas agendadas há meses e não pode desmarcá-las.

Eu ainda não entrei para ver Gilberto, que está com Bernardo nesse momento. Apesar de o risco ter passado, a médica pediu que ele fosse mantido sedado devido à grande emoção que sofreu, assim, apenas um de cada vez fica com ele.

Bernardo foi o primeiro a perceber a ausência de Giovanna desde o dia anterior, mas eu pedi a ele que conversássemos depois. Eu não queria pensar nela, queria apenas me preocupar com minha família e em como iria contar-lhes que ela é a filha de Gilberto.

Porém, minha resolução de não pensar em Giovanna cai por terra assim que vejo Frank entrar na sala de espera.

— Boa tarde — ele nos cumprimenta e fala com minha mãe. — Nicholas, podemos conversar um instante?

Eu assinto, mesmo não querendo ir, e o faço para que minha mãe não escute a conversa, a qual imagino qual é o tema principal.

Caminhamos lado a lado até a cantina. Frank parece tenso, e eu o ignoro, andando o mais longe possível dele. Sentamo-nos a uma mesa afastada, onde ele pede um café expresso, e eu dispenso o

PERIGOSAS ACHERON

garçom.

— Minha irmã me chamou. — Eu cruzo os braços sobre o peito imaginando se ele irá defendê-la. Será que o filho da puta sabia o que ela pretendia conosco? — Eu a encontrei em meio a um apartamento completamente revirado, e ela me contou tudo.

— Mesmo? — pergunto com um pequeno sorriso irônico. — Quer dizer então que não é partícipe nessa farsa?

Eu o vejo ficar puto, tanto que cerra os punhos. Brigar talvez seja tudo o que eu precise para aliviar um pouco a tensão e, se ele partir para cima, revidarei com bom gosto.

— Não seja absurdo! Como você acha que iríamos supor que Gilberto de Toledo fosse o pai biológico dela? *Madonna Santa!*

— Frank, diz de uma vez o que te trouxe aqui, porque eu tenho mais para me preocupar!

— Giovanna está no hospital. — Sinto meu coração disparar, mas continuo impassível. — Desmaiou e teve uma crise de ansiedade.

— E? — Tento cortar o assunto o mais rápido possível.

— Eu entendo sua revolta por ela ter escondido que sabia ser a filha de Gilberto, assim também como você deve entender que ela fez o que fez porque estava confusa e curiosa sobre toda a história...

Eu começo a rir, percebendo que *ela* também não contou a verdade ao próprio irmão. Giovanna é uma mentirosa e manipuladora incrível!

— Confusa? Sua irmã estava confusa? — Eu me aproximo dele para falar bem baixinho: — Ela veio para cá para nos destruir, Frank! Ela tem nossas vidas esquadrihadas durante anos naquele maldito apartamento. Ela acompanhou nossos passos, planejou se aproximar de nós. Usou sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amizade com meu irmão. Ela *me* usou! — Ponho-me de pé. — E, pelo visto, está te usando também. Siga meu conselho. Quer conhecer sua irmã? Vá ao *loft* e veja com seus próprios olhos o que ela foi capaz de fazer!

Eu saio da cantina sem olhar para trás, andando puto por ela ter tido a petulância de mandar seu irmão mais velho atrás de mim. Se ela acha que vai me convencer que estava *confusa e curiosa* sobre Gilberto, ela pode tirar o cavalo da chuva!

Nem minha mãe e nem Sandra estão na sala de espera, apenas Bernardo permanece por lá, sentado, quieto, olhando para a televisão.

— Bê, minha mãe entrou?

— Sim. Sandra foi receber Rildo no aeroporto, e ela foi ficar com papai. — Ele respira fundo. — Acredita naquela história? Papai nunca seria...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade, Bê. — Ele finalmente me encara com olhos assustados. — Ele mesmo assumiu tudo antes do ataque e, além disso... — eu preciso me sentar para lhe contar o que, a seus ouvidos, parecerá loucura — eu ouvi tudo da filha dele.

— Filha?! Como?! — Bê se levanta, andando de um lado para o outro. — Ela apareceu? Foi ela quem mandou publicar aquilo?

— Senta, Bernardo.

— Não, porra! Se você sabe dessa história, me conta!

Eu nego.

— Senta! — Ele o faz, mas suas pernas estão tremendo. — Ela planejou tudo. Descobriu que Gilberto era seu pai, que ele a abandonou, e veio atrás de nós. — Ele franze o cenho, provavelmente imaginando quem seria. — Ela queria vingança, queria nos destruir...

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê?

— Nos culpa por ele tê-la deixado. Nos culpa pela morte de sua mãe biológica... nos odeia porque ele a substituiu por nós dois.

Bernardo balança a cabeça descrente.

— Como você a achou, Nick?

Eu rio, triste e amargo.

— Ela nos achou, Bê! — Eu confiro a porta para ter certeza de que minha mãe não voltou. — Giovanna Villazza é a tal filha.

Bernardo não tem reação, apenas fica parado, boca aberta, olhando para mim sem realmente me enxergar.

— Você está louco, Nick! — Ele nega. — Gio é filha caçula...

— Ela foi adotada, Bê! Você viu a foto da criança? — Ele confirma. — Ela tem essas fotos no *loft*, além de pastas com nossas vidas. Pesquisas e mais pesquisas sobre mim, sobre você e sobre

nossos pais.

— Não pode ser... — Ele se levanta de novo.
— Droga! Eu a beijei... *Oh, meu Deus!* Ela sabia o tempo todo que eu era seu irmão e... — Ele me encara, e eu vejo que ele enxerga a verdade. — Ela me usou! Foi isso, não foi? Ela parecia corresponder ao meu interesse, quis firmar amizade para se aproximar do meu pai!

Eu não respondo, deixando-o concluir por ele mesmo.

— Nick! — Vejo pena em seus olhos e tenho vontade de xingar. — Porra, ela usou você também! E, como você não é filho do meu pai, ela... — Ele faz careta. — Puta que pariu!

Ele esfrega as mãos no rosto, inconformado com a notícia.

— Ela quase o matou! Ela quase matou meu pai... *nosso* pai! — Ele não está se referindo a mim, pois está de olhos fechados, falando consigo

mesmo. — Como ela teve coragem de mandar publicar tudo aquilo? Por que ela não contou tudo a nós diretamente?

— Ela disse que não foi ela quem entregou aquela história para o jornal, mas as fotos originais estavam em seu apartamento, bem como a sua antiga certidão de nascimento, antes de se tornar uma Villazza.

Bernardo fica mudo um instante, limpa seu rosto molhado com as mãos e me olha.

— Você vai dizer a eles quem é ela? — Eu assinto. — Acha que ele vai aguentar essa notícia? Papai acabou de sofrer um infarto, Nick.

— Eu vou contar aqui, um pouco antes de ele deixar o hospital. Ele precisa saber, pois não sabemos o que ela ainda pretende. — Eu decido não falar a ninguém sobre os documentos da Novak e da intenção dela de nos prejudicar. — Vou pedir à doutora Oliveira que o monitore, porém não posso

esconder dele!

Ele concorda com minha decisão e me surpreende, puxando-me pela mão, levantando-me para um abraço apertado.

— Eu sinto muito por a ter aproximado de nós, de você — murmura.

— Não foi sua culpa, Bê. — Respiro fundo.
— Ela é mentirosa e ardilosa, iria conseguir um jeito. Mas não se preocupe comigo, ela não vai mais despertar em mim nenhum tipo de sentimento.
— Nós nos olhamos. — Giovanna Villazza, a mulher que eu pedi em casamento, não existe!

Capítulo XXIX

Giovanna

— O que foi que ela fez?! — Ouço a voz de Tony, mesmo estando bem longe do escritório, onde meus irmãos conversam.

Marina, minha cunhada grávida de cinco meses, está ao meu lado, tomando chá e fingindo que não está ouvindo a discussão entre seu marido e seu cunhado. *Discussão sobre mim*. Eu me sinto constrangida, pois nós nunca fomos muito ligadas, e agora ela me olha com simpatia, intercalando sorrisos e goles da bebida.

Eu estou em Curitiba há uma semana e, nesse período, fiquei hospedada com Frank e Isabella e raramente saí da casa. É claro que já tinha visto Tony, que nesse ínterim já tinha voltado dos Estados Unidos, mas Frank e eu estávamos

PERIGOSAS ACHERON

protelando lhe contar a verdade com medo de sua reação. Antonio sempre foi muito certinho, cheio de manias, e eu tinha medo de que ele surtasse quando soubesse a minha história.

— Quer um biscoito? — Marina me oferece cookies de aveia e passas. Eu nego. — Sabe, ficar sem comer não ajuda! — ela insiste, e eu pego. — Sei que nós não somos muito próximas, mas você é minha família também... — Ela põe a mão sobre a barriga. — E eu quero muito que você seja feliz.

Eu sorrio.

— Obrigada, Marina. — Mordo o biscoito. — Eu nunca tive nada contra você. — Ela arregala os olhos, pois nunca conversamos tão abertamente. — Pelo contrário! Acho que você foi a melhor pessoa que meu irmão poderia ter encontrado depois da... — Ela balança a cabeça, concordando. — Eu só não conseguia me aproximar muito porque sentia...

— Como se a estivesse traindo? Substituindo? — Eu assinto, e ela pega minha mão. — Sabe, Gio, nós duas temos a mesma idade e, como você sabe, perdi minha mãe ainda muito jovem. Sua mãe, Silvia Villazza, me trata como uma filha, e eu a amo como se fosse minha mãe, mas isso não quer dizer que eu substituí a minha verdadeira.

— Sim. — Penso em Ana, de quem eu não me lembro, mas sei de tudo o que fez para cuidar de mim e me manter segura. — Hoje eu sei que não é preciso substituir. Margie sempre vai ter uma importância enorme na minha vida, Marina. Não por ter sido esposa do Tony, mas por ter sido como minha irmã mais velha, minha amiga e confidente. — Ela assente. — Eu reconhecer isso não quer dizer que não te aceito como sendo da família. Te aceito, sim, e sou muito agradecida pela felicidade que sinto no Tony, e é por causa de vocês. —

PERIGOSAS ACHERON

Aponto para sua barriga, e ela sorri.

— Eu não faço ideia do que aconteceu em São Paulo, Gio. Mas eu lamento que Nicholas e você estejam separados, pois dava para sentir o quanto vocês se amavam. O Tony tinha certeza de que Nicholas te amava, por isso ele o aceitou tão bem como cunhado.

Eu sinto uma lágrima solitária rolar em meu rosto.

— Eu creio que o que aconteceu mudou isso.
— Ela franze o cenho. — Mudou o amor que ele sentia por mim.

— Crê mesmo nisso? — Assinto. — Se era amor, ainda não acabou.

Eu tento ignorar o sopro de esperança que sinto, mas meu coração dispara.

Ouçó o som de passos apressados e de repente sou agarrada e apertada contra o peito de Tony. As lágrimas que eu estava contendo se

PERIGOSAS ACHERON

derramam sem pausa.

— Nos perdoe! — ele pede. — Você merecia saber a verdade por um de nós. Se tivéssemos lhe contado, talvez isso não tivesse acontecido.

— Não, Tony. Não se sinta culpado. O que eu fiz é responsabilidade minha...

Ele segura meu rosto, encarando-me com seus olhos verdes marejados.

— Você é e sempre será nossa irmã, Gio. — Olha para Frank, que assente. — Sempre. Nós estaremos ao seu lado para o que precisar, nunca se esqueça disso.

Eu sorrio e, dessa vez, quem o aperta contra o peito sou eu.

Eu passei duas semanas inteiras em modo automático, comendo e bebendo apenas para me

PERIGOSAS ACHERON

manter em pé, dormindo somente nas horas em que o cansaço me vencia, chorando sem parar.

Por mim, ao final da primeira semana, eu teria voltado para São Paulo para procurar Nicholas, mas Frank me aconselhou a lhe dar um tempo para pensar, para esperar as coisas se acalmarem e só voltar a conversar de cabeça fria. Foi nesse final de semana que Tony soube de tudo.

Então fiquei mais outra semana lá, com eles. Isabella me recebeu muito bem, embora eu a sinta um pouco mais distante de mim, provavelmente por causa de Nicholas, pois eles são amigos. Ela tentou conversar comigo e se dispôs até a intermediar uma conversa entre nós, dizendo que ele fizera o mesmo por ela uma vez, mas eu não quis. Nosso término não foi por um mal-entendido, como foi o dela com meu irmão, mas sim porque eu o usei para conseguir as provas que precisava para acabar com sua família. Eu o fiz, admito! Entretanto, o que ele

PERIGOSAS ACHERON

não sabe é que eu desisti de tudo porque me apaixonei por ele. Eu não sei se isso irá fazer diferença, mas eu preciso dizer a ele.

Os dias em Curitiba, ao lado da minha família, dos meus sobrinhos, funcionaram como um bálsamo para mim, pois consegui me acalmar e pensar sobre tudo o que aconteceu e raciocinar o que faria dali em diante, afinal, eu não tinha só o meu relacionamento com Nicholas em São Paulo.

Eu preciso resolver o que irei fazer com a Ello, com Gilberto de Toledo e, principalmente, com Klaus. Eu liguei para ele algumas vezes, mas o número estava indisponível, e talvez eu tenha de ir até Porto Alegre para fazê-lo entender que não dá para continuar e que ele teve sua forra, pois há poucos dias anunciaram a saída de Gilberto da disputa para as eleições para governador do estado. Ele foi destruído! Não a Novak, mas ele, e eu sinto que isso já é mais do que suficiente. Contudo, sei

PERIGOSAS ACHERON

que Klaus quer que ele perca tudo.

Paro meu carro em frente ao grande portão de ferro fundido e espero que ele seja aberto. Respiro fundo, sabendo que terei de enfrentar o homem que mais desprezei na minha vida, que terei de escutar o que ele me contar e, talvez, ouvir hostilizações de dona Cecília e Bernardo.

Minha passagem é liberada, e eu entro na propriedade, lembrando a primeira vez em que vim até aqui com Nicholas e ele me disse o quanto amava sua casa de infância.

Paro, ainda sem coragem de seguir adiante. *Ainda dá tempo de voltar atrás, Giovanna!* Eu sacudo a cabeça e desço do veículo.

Há dois dias, depois de ter lido sobre a desistência de Gilberto da política, eu recebi uma mensagem de dona Cecília Novak solicitando que eu fosse até sua casa, pois ele gostaria de falar comigo.

Fiquei apavorada, sem saber o que responder, pensando que Nicholas contara tudo e que eles me odiavam. *Todos eles!* Porém, respondi que iria e aqui estou eu. Não vou fraquejar agora!

— Bom dia, Marinete! — cumprimento a governanta da casa.

— Eles a estão aguardando no escritório. — Ela aponta e depois segue atrás de mim.

Entro no corredor que leva ao local e estanco, vendo Nicholas andando em minha direção. Meu coração salta, vendo-o depois de tantos dias longe, sentindo imensamente sua falta.

— Nicholas...

— Não. — Ele levanta a mão e para longe de mim. — Eu não sabia que você viria hoje e, quando soube, fui terminantemente contra sua presença nesta casa. — Eu sinto meus olhos se encherem de lágrimas. — Porém, a casa é deles e não minha. Por favor, finja que não me viu. — Continua a andar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu queria conversar com...

— Não. — Encara-me de perto. — A única coisa que eu tenho para falar com você é para não os machucar ainda mais. Ah, suas coisas, que estavam na cobertura, estão com a Marinete. — Respira fundo. — Nós não temos nada a falar um para o outro. Vamos só esquecer que nos conhecemos um dia!

— Por favor, me perdoe! — imploro, mas ele continua seu caminho para fora de minha vista.

Eu fico parada no meio do corredor, chorando, olhando para onde ele foi, despedaçada. Marinete aparece discretamente e me pergunta se vou continuar até o escritório, e eu limpo meu rosto e concordo.

Quando entro, vejo Gilberto sentado numa poltrona, cheio de almofadas à sua volta. Ao seu lado, está Cecília e em pé, próximo à janela, está o Bernardo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia — saúdo-os olhando para o chão, ainda sem coragem de encarar Gilberto.

— Bom dia, Giovanna — ele me cumprimenta de volta, e eu o olho.

Tenho vontade de chorar, de gritar e espedaçar como uma garota mimada, mas fico aqui, parada.

— Sente-se. — Dona Cecília aponta para uma poltrona de frente para eles. — Gilberto pediu para que ficássemos, mas se você quiser, nós podemos sair.

— Não. — Sento-me. — Por mim, tudo bem.

O clima é tenso e constrangedor. Eu olho de esguelha para Bernardo, que me encara com o rosto fechado e os braços cruzados no peito.

— Eu fiz questão de chamá-la aqui porque queria vê-la — Gilberto começa, mas sua voz treme, e eu percebo que está emocionado. Sua esposa toca seu braço, e ele respira fundo e faz

sinal de que está bem. — Eu sei que parece loucura, afinal já nos conhecemos, mas eu queria ver você pela primeira vez como Maria Gilda.

Isso me desperta, e eu me armo.

— Maria Gilda não existe, senhor Toledo. Ela foi enterrada junto com Ana Bohen.

Ele assente, e eu posso ver lágrimas brilharem em seu rosto.

— Eu sei que não foi você quem mandou publicar o artigo. — Isso me surpreende, pois sempre pensei que eles achassem que fui eu quem o fez. — Eu recebi mensagens de chantagem alguns meses antes. — Arregalo os olhos. — Paguei a primeira, mas as outras, não. Eu sabia que nunca teria fim e, sinceramente, estava cansado de esconder meu passado.

— O senhor sabe quem...

— Sim. Provavelmente o mesmo homem que lhe contou tudo. Seu nome é Klaus Schneider, e ele

PERIGOSAS ACHERON

era meu melhor amigo.

— Eu conheço a história, senhor Toledo. Não há necessidade de...

— Pelo amor de Deus! — Escuto Bernardo. — Eu não vou ficar aqui ouvindo-a com essa voz de desprezo! — Caminha até mim. — Você, seja quem for, não presta! — Recebo suas palavras como se fossem um soco. — Teve coragem de me usar, e o pior, teve coragem de usar meu irmão! Você é uma grande...

— Bernardo! — Gilberto praticamente grita com ele, fazendo-o se calar. — Você queria a verdade, então, se quiser saber, terá que ficar. — Ele bufa e anda pela sala. — Não, Giovanna. Você não conhece a história, pelo menos não toda.

Eu fico pálida com sua confiança e sua força, mesmo ainda estando se recuperando de um ataque cardíaco.

— Como eu disse, Klaus e eu éramos amigos.

Nossos pais trabalhavam juntos na mesma fazenda, e nós morávamos na mesma vila, éramos vizinhos. Quando eu fiz 14 anos, fui levado para trabalhar em Porto Alegre pelo dono da propriedade em que meu pai trabalhava, junto com minhas duas irmãs mais velhas. Foi lá que aprendi a ler e escrever, que frequentei o curso noturno e que consegui, através dos contatos da minha patroa, uma bolsa para cursar administração em São Paulo.

— Eu não...

— Por favor, deixe-me terminar. — Eu assinto. — Quando voltei para casa antes de vir estudar aqui, o pai de Klaus havia se casado de novo, com Eva, que também era viúva e já tinha uma filha, Ana, que na época ainda era criança. Eu ia uma vez ao ano visitar meus pais no Sul e sempre estava junto com Klaus e sua irmã. Comecei o estágio na Novak e, logo após a formatura, fui efetivado. Na época, eu tinha 24 anos

e fui comemorar com minha mãe o meu primeiro emprego, pois meu pai já havia falecido. — Gilberto respira fundo. — Aquela foto onde aparecemos os três juntos foi nessa época. Ana tinha 14 anos, e não foi ali que você foi concebida, como o jornal escreveu, mas sim três anos depois, quando voltei para enterrar minha mãe. Depois, saí para beber com Klaus e, bêbado, dormi com ela. E, não, Giovanna, não foi contra sua vontade! — Eu arqueio uma sobrancelha de dúvida, pois é muito fácil dizer isso, pois ela está morta e não pode contradizê-lo. — Desde os 14 anos, Ana se dizia apaixonada por mim e me escrevia constantemente. — Ele me entrega uma caixa. — São suas cartas.

Eu sinto o coração tremer no peito ao pegar isso. Eu tenho a letra dela no verso de algumas fotos e, quando vejo a escrita no papel amarelado, sei que foi ela quem escreveu.

— Eu não estava com Cecília na época, na

PERIGOSAS ACHERON

verdade, eu já gostava dela, mas não tinha coragem de me aproximar porque ela tinha se tornado viúva havia pouco tempo. Até que em um dia nos vimos fora do escritório. — Ele a olha e sorri. — E foi ali que começamos a namorar. Eu não sabia que Ana estava grávida e só soube quando ela já estava com quatro meses. Sua carta está aí. — Aponta a caixa. — Cecília e eu já estávamos de casamento marcado, pois nosso namoro e noivado foram muitos curtos.

Eu encaro Cecília, que está com os olhos brilhando com lágrimas e encarando o marido.

— Eu me casei com ela e arranjei tudo para que Ana tivesse o bebê da melhor forma possível. Fui até Santa Catarina, onde eles estavam morando por causa do trabalho de Klaus, pois, nessa época, seus avós maternos também já haviam falecido. Eu providenciei uma casa, roupas, móveis, enfim... tudo para a chegada do bebê. — Ele olha para

Cecília. — Nunca contei isso a você porque tinha medo de te perder. — Ela assente e toca sua mão. — Eu nunca mais toquei em Ana depois do dia do enterro da minha mãe, eu juro! — Volta a me olhar. — Quando você nasceu, eu estava nos Estados Unidos, pois tínhamos pegado uma obra grande por lá e talvez montássemos um escritório, caso se estendesse. Eu a vi pela primeira vez com três meses de nascida, e você era completamente igual à minha mãe. — Ri. — Ainda é, por isso, quando te vi no baile, achei que te conhecesse. Seus olhos, seu sorriso, é tudo igual ao de mamãe. Ana a havia registrado com o nome dela por isso, mas meu nome não constou no registro porque não éramos casados e porque eu não estava no dia do registro, mas eu confesso que deixei assim — recrimina-se. — Um pouco antes de você fazer um ano, Klaus foi trabalhar em outra cidade catarinense, já próximo ao Paraná, pediu dinheiro para comprar uma casa, e

PERIGOSAS ACHERON

eu vendi meu carro, dei-lhe parte do dinheiro para a compra da casa e, o restante, deposei em uma poupança para você.

— Não! — eu refuto indignada. — Ele me disse que você nunca mandou nenhum tipo de ajuda e que ele ficou desempregado e que, por isso, se ausentou do país, em busca de emprego, e foi aí que tudo aconteceu, que ela ficou doente...

— Pois mandei. — Entrega-me um documento de uma casa em Santa Catarina e uma caderneta, o comprovante da poupança aberta. — A escritura é falsa. — Eu arregalo os olhos. — Cecília e eu nos mudamos para os Estados Unidos e ficamos lá por mais de um ano. Eu acompanhava, através de um advogado, a movimentação na caderneta e, como eu tinha o documento da casa comprovando que ela existia, fiquei tranquilo por lá. Mas, quando voltei, descobri que não só a casa nunca foi comprada, mas Klaus havia saído do país

levando o dinheiro que eu havia depositado para vocês.

— Não! — Eu me levanto, pronta para ir embora. — Não foi nada disso que ele me contou... Ele não faria... — Eu começo a chorar.

— Vocês não tinham ido com ele, e eu procurei durante meses, com a ajuda de um detetive, a pista sobre onde vocês estavam. Quando localizaram o túmulo de Ana, eu pensei que você houvesse morrido com ela, mas não havia registro. Procurei por você por alguns meses, então disseram que provavelmente você teria sido adotada, e eu... Não havia nada que eu pudesse fazer! Os arquivos de adoção, na época, eram completamente sigilosos, além do mais, meu nome não constava em seu documento...

— Então você me esqueceu! — exclamo magoada, porque, muito embora algumas coisas da história que eu conhecia pudessem ser mentiras,

PERIGOSAS ACHERON

isso não era.

— Ele nunca o fez, Giovanna — é Cecília quem responde por ele. — Lembrou todos os seus aniversários, chorava, tinha febre, e eu nunca soube o porquê. Achava que era algo relacionado à morte de sua mãe, mas não era... Era você.

Ouvir isso me desconcerta. Eu estou confusa e surpresa. Olho para Bernardo, que parece tão confuso quanto eu.

— Ele a usou, Giovanna. Usou para conseguir dinheiro, para se aproximar de nós.

Não! Não faz sentido! Eu tenho dinheiro, e ele poderia me pedir!

— Eu recebi suas chantagens e, na última, ele disse que sabia onde você estava e que iria te matar se eu não desse o dinheiro. — Bufa. — Eu passei mal naquele dia. — Eu me lembro desse dia, pois vim vê-lo com Nicholas. — Marquei um encontro com ele, mas o desgraçado não apareceu, e eu achei

que estivesse blefando. Não dei o dinheiro e ainda o ameacei com a polícia. Então ele mandou tudo ao jornal. — Dá de ombros.

— Eu não sei o que dizer... — Fecho os olhos e fico em silêncio por um instante.

Gilberto se levanta.

— Eu só quero que me perdoe! Eu só quero que, embora não sinta que eu seja seu pai, acredite que nunca a esqueci e que você sempre será minha filha.

— Não... Eu não posso. — Coloco a caixa em uma mesinha ao lado. — Eu não posso!

Viro as costas e saio o mais rápido que posso da sala, mas dona Cecília ainda consegue me parar no final do corredor.

— Não feche a porta ainda... Eu não vou dizer que o que você fez não me magoou, pois feriu meus filhos. Mas eu entendo você e agora sei que foi enganada e usada por uma pessoa sem

escrúpulos. Dê uma chance a Gil, pense nisso. —
Dá-me um beijo na testa e volta para junto de sua
família.

Eu vou em direção ao carro, querendo ir para
casa e pensar, mas Bernardo aparece em meu
caminho.

— Eu queria poder dizer que te odeio,
Giovanna, pelo jeito que me usou e me fez
acreditar que estava apaixonada. Eu beijei você,
fantasiei com você! Como pôde? — Eu abro a boca
para me desculpar, mas ele não deixa. — Eu não
odeio você, sinto pena, porque passou anos
alimentando ódio pelo homem errado; porque foi
usada como nos usou; porque perdeu para sempre o
único homem que ama, não é? Sua vingança parece
amarga demais, pois eu só vejo um prejudicado
nessa história: você! — Aproxima-se. — Eu não
quero teu mal, pelo contrário, por isso te perdoo
pelo que fez. Você é minha irmã, afinal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu choro, mas aceito o abraço dele.

— Eu aprendi a amar você como um irmão, Bê. Por mais que eu não quisesse, eu aprendi. Obrigada!

— Dê uma chance a ele, Gio — pede-me o mesmo que sua mãe me pediu há pouco. — Dê uma chance a si mesma.

Eu balanço a cabeça, prometendo que vou pensar. E eu faço exatamente isso, passando mais uma noite em claro, pensando em tudo o que Gilberto me contou.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXX

Dois meses depois.

Giovanna

— Oi! Tenho uma notícia ruim... — Analice, a professora de canto da CCCN, diz com uma cara assustada. — Nossa solista está com faringite e totalmente sem voz.

— Vamos ter que cancelar a apresentação? — Eu olho para as meninas, todas adolescentes e ansiosas para nossa estreia, que já é a próxima.

— Eu estou esperando uma decisão da diretora, que foi conversar com dona Cecília. Elas vão ficar tão chateadas, e a família toda está aqui para assistir. Imagina só, estão esperando desde outubro por essa apresentação. — Balança a cabeça pesarosa.

Mesmo depois que tudo foi descoberto, que meu relacionamento com Nicholas acabou, eu continuei com o voluntariado na Casa Cultural, e essa decisão foi a melhor que tomei, porque, muito embora eu ainda continuasse a trabalhar todos os dias e tivesse o apoio e o ânimo de Tom e Lori para me animar, o que me impedia de desmoronar eram os ensaios, tanto os do coral, que eu acompanhava com o piano, quanto os do balé.

Tenho passado os finais de semana em Curitiba, não todos, mas a maioria deles, estando próxima de meus irmãos, curtindo meus sobrinhos e aguardando o nascimento de Henrique, o filho de Tony e Marina, previsto para fevereiro.

Eu faço questão de estar lá com eles, uma vez que não estive presente quando Laura e Lucca nasceram, e quero fazer diferente dessa vez. Minha família e eu voltamos a estar bem próximos e, na próxima semana, eu irei para Roma a fim de ajudar

PERIGOSAS ACHERON

mamma com os preparativos das festas de final de ano.

Já estamos em dezembro, e eu nem posso acreditar que, pelos meus planos e os de Nicholas, nós já estaríamos casados no Natal. Sinto meu coração palpitar, principalmente por lembrar que ele evitou qualquer contato comigo durante todo esse tempo. Ele inclusive completou 33 anos em novembro, e eu nem pude parabenizá-lo. É como se nossa história nunca tivesse ocorrido, como se tudo não tivesse passado de um sonho para mim.

Eu fiz aniversário no primeiro dia deste mês e recebi uma linda surpresa de Bernardo. Eu nem posso acreditar que ele tenha me perdoado e que está sendo mais um irmão maravilhoso para mim. Ele tem sido meu apoio aqui em São Paulo! Há dias em que eu fico tão depressiva que ele dorme no *loft* comigo. Faz-me companhia, ouve-me e, nos finais de semana em que eu fico na cidade, ou estou com

PERIGOSAS ACHERON

ele, ou com a Mel Boldani.

Minha relação com Gilberto ainda não é consolidada, pois eu mal o vejo e falo pouco com ele ou sobre ele. Por mais que eu acredite no que ele contou sobre Klaus, não muda o fato de que ele foi totalmente displicente comigo. Eu poderia ter caído em famílias horríveis, poderia ter morrido, poderia ter ficado por anos abandonada em um abrigo, e ele desistiu de me procurar, simplesmente assim.

Já em relação a Cecília Novak, eu voltei a sentir nela uma mãe. Ela é atenciosa comigo, carinhosa e preocupada. Nós duas nos vimos muito durante esses meses em que o festival teve de ser adiado por causa da saúde e do escândalo de Gilberto e conversávamos sobre tudo, quer dizer, sobre *quase* tudo.

Nicholas é um tabu, tanto para Bernardo quanto para Cecília. Nenhum dos dois me fala nada

PERIGOSAS ACHERON

sobre ele e, durante uma crise de choro minha, Bernardo me explicou que o irmão os proibira de conversar sobre ele comigo e de falar qualquer coisa sobre mim para ele.

Ele me odeia, e eu entendo seus motivos. Tentei conversar, procurá-lo, mas nunca pude me abrir com ele. Nicholas disse para todos que o assunto Giovanna Villazza estava encerrado em sua vida.

Lori me diz que sou muito passiva, que, se fosse ele, já teria corrido atrás e se arrastado aos pés dele, mas eu conheço o Nicholas e sei que, se ele não conseguir me perdoar, nunca conseguirá me amar. Ele sempre deixou claro para mim que não gosta de mentiras, que tenta ser o mais sincero possível, que não é o tipo de homem que esconde o que sente.

Eu me conformei, essa é a verdade. Conformei-me porque não acho que eu o mereça ou

PERIGOSAS ACHERON

que seja a mulher capaz de fazê-lo feliz. Amo-o muito e acho que, por um bom tempo, vou continuar amando-o, mas eu entendi que não posso obrigá-lo a sentir o mesmo, não depois de tudo o que ele descobriu.

— Ah, Giovanna! — Ruth chega correndo ao nosso lado. — Eu falei com dona Cecília Novak, e ela me pediu para perguntar se você pode fazer o solo.

— Eu?! — Olho-a apavorada, pois só estou aqui para acompanhar a música ao piano. — Mas...

— Ah, como não pensei nisso!? — Analice sorri animada. — Claro, Gio, foi você quem lhes ensinou a música, a pronúncia certa do italiano. Você é perfeita!

— Mas teria que ser uma aluna...

— Elas cantam a maioria da música! — Ela pega a letra. — O solo é só nessas partes aqui, não é? — Mostra-me a marcação na letra, e eu

concordo. — É a única forma de não cancelarmos a apresentação das meninas.

Eu bufo e concordo. Vou até as garotas e informo a mudança a elas. Minutos depois, somos chamadas ao palco. Por causa da mudança de data, dona Cecília teve de achar um novo local para o festival e conseguiu um verdadeiro milagre ao arranjar a Sala São Paulo.

O lugar está lindo! As primeiras cadeiras foram reservadas para patrocinadores e o pessoal da FIN e CCCN, mas o grande público presente é composto pelos familiares dos alunos da Casa. Há ainda uma área reservada para a imprensa e para o pessoal de comunicação da FIN, que faz a cobertura e depois monta um material sobre o festival e uma exposição na própria CCCN.

As 14 meninas se posicionam no palco enquanto um técnico de som coloca um microfone auricular transparente em mim e ajusta o som para

PERIGOSAS ACHERON

deixá-lo adequado à minha voz.

Eu entro no palco escuro e sem cortinas nervosa, pois já subi neles várias vezes para dançar ou tocar, mas para cantar, será minha estreia. Faço o sinal para o começo, e uma luz difusa se acende no palco, fraca, não focalizada em ninguém.

Começo os primeiros acordes de *La Solitudine* ao piano e ouço os aplausos da audiência. Essa música foi escolhida de cara quando eu fui à primeira reunião na CCCN. Os motivos são óbvios: o italiano é minha segunda língua, e a letra da canção fala do amor na adolescência, esse primeiro sentimento tão forte que impede a moça da história de se concentrar nos estudos e de só pensar no rapaz que foi embora.

Eu me preparo para cantar e sei que a luz que deveria estar focalizada em mim, fraca, desde o começo, vai acender assim que minha voz ecoar.

(...) Marco se n'è andato e non ritorna più

Il treno delle 7:30 senza lui
È un cuore di metallo senza l'anima
Nel freddo del mattino grigio di città (...)

A luz em cima de mim é diferente da usada no ensaio, pois está forte e me incomoda um pouco, pois reflete nas teclas do piano. Eu fecho os olhos para cantar, porque minhas mãos já estão treinadas o suficiente para eu tocar sem ver.

As meninas cantam o refrão, e, depois, duas delas fazem um belo dueto na segunda estrofe, em perfeita harmonia, uma soprano e uma contralto. Eu sorrio orgulhosa delas, animada por ver talentos tão jovens.

Dou uma olhada de relance para a plateia no exato momento em que uma luz ilumina os convidados antes de o refrão ser cantado novamente. E, como se fosse um ímã, meu olhar é levado diretamente para Nicholas, sentado na

PERIGOSAS ACHERON

primeira fila, em frente ao piano.

Desvio os olhos imediatamente, pois terei de voltar a cantar e, a julgar pelas batidas frenéticas do meu coração, vê-lo me deixou mais nervosa.

Respiro fundo, com cuidado por causa do microfone extremamente sensível a qualquer som que emito e me concentro para entrar na *ponte*.

(...)Non è possibile dividere così, la vita di noi due.

Ti prego:

aspetta per me, amore mio. Mantieni la nostra

illusione [\[11\]](#)(...)

E só quando termino e as meninas voltam a executar o refrão, percebo que estou com as mãos tremendo e com meus olhos cheios de lágrimas, porque saber que ele está aqui, ouvindo essas palavras, é como se eu estivesse lhe dizendo o quanto estou sofrendo sem ele.

Isso me desarma, e eu não consigo mais cantar, deixando-as sozinhas no último refrão, sentindo lágrimas rolarem pelo meu rosto. Eu não tenho coragem de jogar sequer uma olhada à plateia, pois tenho medo de vê-lo novamente e desmoronar de vez.

Quando, finalmente, a música termina, eu preciso reunir toda a minha coragem e me colocar de pé no centro do palco para receber, junto com as alunas, os aplausos.

A plateia é completamente iluminada. Eu vejo muitos rostos conhecidos aplaudindo de pé, mas Nicholas não está mais sentado onde estava; seu lugar, ao lado de Caroline Nogueira, está vago.

Saio daqui direto para o banheiro, onde tento manter o equilíbrio entre minhas emoções, pois ainda tenho de supervisionar a apresentação de balé, que será um ato de *O Quebra-Nozes*.

Vou andando pelos bastidores, recebendo

PERIGOSAS ACHERON

congratulações, à procura das alunas de balé. Antes, porém, de entrar na sala onde elas estão se aquecendo, dona Cecília Novak me detém.

— Foi lindo e emocionante! — elogia. — Eu gostaria de poder fazer algo para ajudá-la, mas, infelizmente, ele não nos permite dizer nada sobre...

— Eu sei, dona Cecília. — Sorrio triste. — Agradeço à senhora por isso.

— Nick está muito magoado ainda. Estava muito apaixonado — ri —, nunca o tinha visto assim. Mas eu creio que, com o tempo...

— Giovanna! — Graça Belisário me chama, e eu me desculpo com dona Cecília, fugindo do assunto que me deixa tão descompensada.

Fico tão ocupada ajudando nos exercícios, relembrando passagens, ajeitando figurinos e amaciando sapatilhas que, quando chega a hora da apresentação, uma das últimas da noite, percebo

PERIGOSAS NACIONAIS

que não pensei no que aconteceu no palco em nenhum momento.

As cinco bailarinas, linda e fofas, que fazem a apresentação são perfeitas, e eu, como aconteceu da outra vez, subo ao palco com Graça para receber os aplausos junto com elas.

Percebo que Caroline continua por lá, embora não me encare, mas a poltrona ocupada por Nicholas ainda está vazia. Ele foi embora!

Espero as apresentações finais, ajudo a guardar figurinos e cenários e, depois de recolher minhas coisas, despeço-me das meninas sem ir com elas para a comemoração que farão.

Demoro cerca de 40 minutos para chegar a casa e sigo direto para o chuveiro, meu lugar favorito no mundo para chorar. Sento-me, deixando a água lavar meus cabelos enquanto apoio minha cabeça nos joelhos, abraçando-os.

Eu perdi peso nesses dois meses e meio desde
PERIGOSAS ACHERON

o rompimento com Nicholas, como era de se esperar, afinal, não tenho ido aos treinos de MMA e me alimento mal, vivendo praticamente de café e frutas. Eu penso no que irá me manter ocupada daqui para frente, uma vez que a apresentação do festival da CCCN foi hoje, e eu não tenho mais compromisso de ir até lá para ensaiar.

Enquanto eu estiver na Itália, tenho certeza de que minha *mamma* não irá me deixar suspirar e sofrer por Nicholas em nenhum instante, pois ela é do tipo de mulher que não suporta melodramas. Quando lhe contei que Nicholas terminou comigo, ela me mandou colocar um sorriso no rosto e ir à luta de novo, mas, sentindo o quanto eu estava abalada por tê-lo perdido, pediu-me para voltar para casa e ficar com ela, alegando *quel che l'occhio non vede, cuore non sente*.

Penso que ela tem razão e que, se realmente minha história com Nicholas acabou, o melhor é

PERIGOSAS ACHERON

me afastar de tudo que mantém o que sinto por ele intacto no coração e, o pior, que mantém a esperança de um dia tê-lo de volta.

Minha viagem para Roma está marcada para depois de amanhã, e eu tenho de me manter bem para chegar lá e ainda explicar toda a história sobre meu parentesco com Gilberto de Toledo, pois meus pais ainda não sabem do ocorrido, uma vez que pedi aos meus irmãos que me deixassem conversar com eles pessoalmente.

Saio do banheiro usando apenas meu roupão de seda preta, pois o calor está forte, e eu me acostumei a dormir nua. Passo uma emulsão hidratante na pele e seco meus cabelos para dormir.

Como sempre, não tenho fome e nem sono. Abro uma garrafa de vinho e tomo três taças assistindo a um canal de notícias internacionais, quando escuto minha campainha.

Meu coração dispara, mas depois me acalmo,
PERIGOSAS ACHERON

sabendo que Mel e Bernardo sobem sem que o porteiro os anuncie. Estranho que um deles apareça sem avisar e a essa hora, mas vou até a porta e a abro.

Eu não posso acreditar no que vejo, e a surpresa me paralisa. Nicholas está parado do lado de fora do apartamento, apoiando suas mãos uma de cada lado da porta, com olhos fechados e cabeça baixa.

— Nicholas? — eu reajo ante a sua inércia.

Ele balança a cabeça, negando ou tentando coordenar seus pensamentos, mas abre os olhos e me encara.

Esse olhar me transmite tantas coisas: dúvidas, mágoa, rancor, mas o que mais me chama atenção e acende uma chama de esperança em mim é ver desejo. Sim! Ele ainda me deseja!

— Eu não deveria... — Ele começa a falar, e eu percebo que está alcoolizado. — Merda! Por que

PERIGOSAS ACHERON

você faz isso? Por que você ainda mexe comigo desse jeito? — Eu me assusto com sua reação, com sua voz desesperada. — Eu não quero mais... — Endireita o corpo, e eu penso que irá embora. — Eu não quero... — Encara-me. — Mas não consigo não te querer.

Eu sou puxada contra seu corpo de uma forma dura, bruta, sem nenhum carinho ou mesmo cuidado. Nicholas esmaga minha boca contra a dele num beijo desesperado, sôfrego e totalmente sensual.

Sou arrastada para dentro do *loft* e nem sei como ele fecha a porta, só escuto o som da madeira batendo. Suas mãos passam pelo meu roupão, deslizando a seda contra o meu corpo, estimulando-me, excitando-me como só ele sabe fazer.

Eu não consigo acreditar no que está acontecendo, que ele esteja aqui comigo, tocando-me, fazendo-me derreter em seus braços

novamente. Agarro-me a ele como se fosse um sonho, como se eu fosse acordar e não mais encontrá-lo aqui.

Contudo, não, é real! Sinto a seda do roupão deslizando até o chão, e os lábios de Nicholas deixam os meus para explorar minha pele. Suas mãos estão em minhas nádegas, apertando-as, deixando meu corpo colado ao seu. Sinto seu perfume, a rigidez de seus músculos e mal acredito que ele esteja de volta.

Sorrio como boba quando ele desliza a língua pelo meu pescoço e vai descendo até alcançar meus seios. É tudo tão perfeito como eu me lembrava! Nicholas me inclina e vai se abaixando também, deitando-se comigo no tapete da sala.

— Eu não consigo deixar de me lembrar do seu cheiro, do seu gosto, e meus ouvidos às vezes escutam os seus gemidos... — Eu gemo quando ele enfia a mão entre minhas coxas, tocando-me como

eu gosto. — Eu acordo no meio da noite — seus olhos estão fixos nos meus — excitado e dolorido, e você não está.

Toma minha boca de novo enquanto seus dedos exploram minha intimidade, massageando e penetrando, causando um verdadeiro frisson na minha pele.

Quando eu menos espero, ele desliza para baixo, e sua língua faz o mesmo que seus dedos estavam fazendo. Eu me contorço, segurando o tapete, sentindo o tesão e o prazer desse contato aumentados pela saudade.

Nicholas não tem pressa e me saboreia devagar, mas constantemente. Lambe, chupa, penetra e me leva às alturas com suas carícias.

— Nicholas... — Gemo quando ele começa a acelerar os movimentos, usando também dois dedos dentro de mim. — Por favor! Assim... Nicholas!

Ele não para e segue intensamente, segurando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas coxas, impedindo-me de fechar as pernas, deixando tudo ao seu dispor.

Sinto meu orgasmo vindo de uma forma tão diferente das outras vezes, arrepiando os meus pelos, dando pequenos choques no meu ventre, fazendo meu interior latejar e, quando o prazer me toma por completo, meus músculos se contraem e, de dentro de mim, jorra calor.

Escuto sua risada safada e sorrio com saudade. Vejo-o tirando suas roupas, completamente apaixonada pelo corpo dele, que eu sempre achei lindo. Nicholas se deita por cima de mim, suportando seu peso nas mãos apoiadas no chão, e me beija profundamente, fazendo-me sentir o gosto do meu próprio gozo.

Ele ainda está me beijando quando entra em mim com movimentos calculados e contidos. Passo as mãos pelas suas costas suadas e sinto sua pele arrepiar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu senti falta disso... — murmura com sua boca ainda encostada na minha. Ele tem os olhos fechados e parece estar saboreando cada estocada, cada sensação que nosso ato lhe desperta. — Eu não vou durar muito. — Sorri, e eu o acompanho, entendendo o que quer dizer.

Nicholas sai de cima de mim e se deita no chão de lado, colocando-me na mesma posição, de costas para ele. Eu ergo uma perna, e ele volta a me penetrar, usando uma das mãos para segurar minha coxa no alto e a outra por baixo de mim, brincando com meu clitóris.

Quando ele aumenta a velocidade do seu pau dentro de mim, seus dedos também lhe seguem o ritmo, levando-me à loucura, fazendo-me gemer. Seu rosto está enfiado no vão entre meu pescoço e meu ombro, e eu ergo meus braços e o seguro pelos cabelos.

A sua mão que estava em minha perna sobe,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virando meu rosto de lado, e ele me beija, excitado, mordendo meus lábios, gemendo, e eu sinto que em breve irá gozar.

— Nicholas, eu não...

Ele aumenta os movimentos e morde meu ombro e, novamente, o prazer me inunda, tomando conta do meu corpo inteiro, deixando-me fora do chão e completamente entregue a ele.

Ouç-o gemer mais forte contra meu pescoço e sei que ele também gozou.

Ficamos parados um tempo, e eu sinto o coração dele disparado contra minhas costas. Uma de suas mãos está acariciando meu abdômen, e a outra, repousa sobre meu quadril.

Eu sinto lágrimas rolarem enquanto tento recuperar o fôlego depois dessa transa.

— Eu amo você — confesso baixinho com um sorriso, mesmo em meio às lágrimas. — Amo muito você.

PERIGOSAS ACHERON

Nicholas se afasta de mim, e eu sinto um frio subir pela minha coluna. Deito-me de costas e o vejo se levantar, procurando suas roupas.

— Foi um erro eu ter vindo aqui. — Eu me sento ao ouvir essas palavras, sentindo meu coração parar de bater. — Merda! — Ele para o que está fazendo, de costas para mim, e põe as mãos sobre a cabeça. — Me desculpe por isso, mas eu não deveria ter vindo e muito menos te tocado.

— Eu não entendo, Nicholas.

Ele me encara, vestindo sua calça.

— Foi só uma recaída, Giovanna. Sexo. — Minha respiração fica suspensa. — Eu a vi, senti tesão por você de novo, e foi isso. Eu não tinha o direito de te usar dessa forma, mas o fiz. Não muda nada, nunca vai mudar.

— Muda tudo! Eu sei que você ainda me...

— Deseja? Sim, não nego. Mas não quero você na minha vida nunca mais. — Fecho os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

absorvendo a dor que essas palavras me causam. — Não há espaço para alguém como você na minha vida. Eu relevei sua grosseria com as pessoas, sua falta de consideração, seu jeito frio, mas suas mentiras? Não dá.

— Nicholas, por favor...

— Não faça isso! — Veste a camisa. — Não há nada que você me diga que mude o fato de você ter mentido e me usado para uma vingança. Você abusou da minha confiança, abusou da confiança da Sônia e mentiu.

— Eu amo você, acredite!

— Não dá! — Balança a cabeça. — Esse é o problema que mentirosos enfrentam pelo resto de suas vidas: falta de credibilidade. Você estava apunhalando minhas costas enquanto me dizia essas mesmas palavras. — Ele pega as chaves do carro no chão. — A diferença é que agora eu sei do que você é capaz e não vou lhe dar as costas mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você veio aqui? — Seco meu rosto. — Para me humilhar?

— Não. Eu nunca faria isso. Foi só um erro. Eu te vi naquele palco, e isso mexeu comigo, mas não se preocupe, não acontecerá mais.

Vira as costas indo em direção à porta.

— Nicholas! — Eu me levanto e o sigo. — Não faça assim! Me escute, por favor! Eu sei que você nunca me machucaria de propósito, então me dê essa chance de conversar.

— Eu nunca machucaria ninguém de propósito, Giovanna, mas acontece que já fiz muitos estragos essa noite. — Põe a mão na maçaneta e me olha. — Esqueça o que aconteceu! Eu não quero machucar mais ninguém...

— O que aconteceu entre nós não me machuca; apenas saber que não significou nada para você o faz.

— Eu estou falando da Carol, Giovanna. Nós

PERIGOSAS ACHERON

estamos juntos. — Sinto o chão tremer debaixo dos meus pés. — E eu não vou esconder isso dela, mas não quero voltar a machucá-la. Por isso, esqueça.

Eu não consigo dizer nada, só fico aqui, parada, olhando-o sair e ouvindo aquelas palavras: *Nós estamos juntos. Esqueça.*

Eu choro e grito ao constatar que não há mais nenhuma esperança. Eu sinto dor por entender que o perdi, mas também sinto raiva por ele ter seguido em frente, por ele ter vindo até aqui só para jogar a última pá de terra em cima de mim.

Eu me sinto usada, suja e tento, em vão, entender como ele foi capaz de vir até aqui, fazer amor... Não, fazer *sexo* comigo e depois cuspir essas palavras em mim como se eu não significasse nada para ele.

Is finito! Acabou. Eu seco minhas lágrimas com raiva de mim mesma, desconhecendo a pessoa que me tornei, fraca, desanimada, triste. Não vou

PERIGOSAS ACHERON

sofrer mais por Nicholas, chega!

Aperto com força o cinto do meu roupão, como se ele fosse um quimono de luta.

— É hora de dar a volta por cima, Gio. É hora de romper com toda essa história.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PARTE II

*Novos começos vêm muitas vezes disfarçados de finais dolorosos.
– Lao Tsé, 604 a.c /531 a.c.*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parte II

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo I

Nicholas

Meu telefone celular toca, e eu peço licença para atendê-lo. Estou fazendo a lista de presentes de casamento com minha futura esposa há duas horas dentro de uma loja de artigos de decoração e, sinceramente, minha paciência está no limite, então aproveito a ligação como desculpa para ficar um tempo longe.

Não me entendam mal! Não é que eu não goste de acompanhar Carol nesses compromissos pré-nupciais — no começo até estava achando bem divertido participar de tudo —, mas, agora, faltando sete semanas para o casamento, eu me sinto esgotado.

Já fomos a diversas lojas e empresas e resolvemos tanta coisa acerca da nossa casa que eu,

PERIGOSAS ACHERON

sinceramente, não aguento mais ver uma só peça de decoração ou de mobiliário.

Há um ano, quando a pedi em casamento, essa saga de comprar uma casa e deixá-la nos padrões que ela queria virou uma loucura. Caroline é muito organizada e tenaz, sempre sabe o que quer, como quer, e eu apenas sou aquele que a observa e opino quando necessário.

A princípio, tinha pensado em fazermos uma cerimônia simples, mas logo foi descartada, pois ela sonhava com o casamento do ano. Os primeiros problemas causados pela suntuosidade foram vaga em igreja, local para a recepção e contratação de empresa para gerir todo esse evento.

Depois de muita negociação — e dinheiro extra —, ela conseguiu vaga na igreja, alugar o salão nobre de um luxuoso hotel de rede internacional e encomendar seu vestido com um designer americano famoso. A empresa para a

PERIGOSAS ACHERON

cerimônia foi algo mais trabalhoso, porque a única nos padrões exigidos por Carol que estava livre para realizar o evento não gostou do espaço escolhido para a festa e, assim, começou uma luta sem fim para que o projeto de recepção ficasse a contento da noiva e passível de ser realizado pelo pessoal da empresa.

Foram meses vendo-a estressada, sem tempo para nada e com olheiras profundas. Foi por esse motivo que me dispus a dividir com ela o trabalho e a acompanhá-la na preparação das listas de presentes e na decoração da casa.

— Oi, Joaquim — atendo ao telefone.

— Nick, estamos com um problema aqui. Um QM começou a mancar ontem, e a Nélia encontrou um problema nas articulações da pata esquerda...

— Joaquim, resolva isso com o administrador — eu o corto, e ele bufa. — É para isso que ele está

PERIGOSAS ACHERON

aí.

— Eu sei, Nick. Só pensei que, como você não vem aqui há tanto tempo, poderia...

— Eu estou ocupado aqui em São Paulo, mas confio plenamente na sua capacidade, bem como na do Roberto. É só isso? A Célia e os meninos estão bem?

— Sim, todos bem, mas sentindo sua falta aqui. — Ouço frustração na sua voz. — Pensamos sempre que, depois que tudo estivesse pronto, você viria para ficar.

Eu ignoro a pontada que sinto no peito.

— Não. — Olho para o final do corredor do shopping de luxo no qual me encontro. — Vou tentar conseguir um tempo para ir até aí, ok? — Sorrio ao ver um rosto conhecido se aproximando. — Agora preciso ir! Abraços.

Desligo o celular e vou ao encontro de Isabella Villazza, que está acompanhada de seus
PERIGOSAS ACHERON

dois filhos, Laura e Lucca.

— Ei! — cumprimento-a, e ela sorri de volta.
— Que surpresa encontrá-la aqui hoje. — Abaixo-me para falar com as crianças: — Oi!

Laura é a cópia exata da mãe, e eu tenho certeza de que ficará ainda mais bonita quando crescer. Já Lucca, embora possua os olhos claros de Isabella, é todo o Frank Villazza, até mesmo no jeito ativo de me olhar desconfiado e, provavelmente, questionando por que eu falo com sua mãe.

— Nick, que bom vê-lo! — Ela me dá um beijo no rosto. — A última vez foi na inauguração do Convention SP, não foi? — Eu assinto. — Já faz quase dois anos! Por onde tem andado?

— Ocupado com a Novak. Agora que meu pai reassumiu a diretoria, fiquei um tempo acompanhando um projeto especial na África, mas já estou de volta!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela aponta para minha cabeça, e eu rio, passando a mão nos fios curtos e espetados do meu cabelo.

— Mudei um pouco... — Ri. — Na verdade, isso aqui foi uma aposta malsucedida com meu irmão. — Dou de ombros. — Tive que passar a zero, mas já está crescendo de novo.

— Ficou bom! — Ela ri. — Soube do seu casamento...

Eu me sinto constrangido por falar do assunto com ela, principalmente por não a ter na lista de convidados, mas como Isabella tocou no assunto, não há como ignorar.

— Pois é, está chegando. — Sorrio sem graça. — Acho que já estava na hora de dar esse passo, afinal, já fiz 36 anos e é hora de pensar em herdeiros. — Aponto para seus filhos, que correm em direção a uma senhora que carrega um carrinho de compras, provavelmente a babá.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu torço pela sua felicidade, você sabe. —
Sorri sincera, e eu agradeço. — Eu preciso ir agora,
porque estamos com visitas, pois a família veio
para o aniversário de Tony e... — Isabella se
interrompe e fica sem graça. — Bem, tenho que ir!

Eu me despeço, fingindo não ter sentido que
ela não completou a frase por se tratar de Giovanna
Villazza, pois sei que o aniversário dela é daqui a
alguns dias. Vejo-a se juntar a seus filhos e todos
irem rumo à saída.

Encontrar Isabella aqui depois de uma
ligação como aquela do Joaquim é como ressuscitar
lembranças que eu não gosto de ter. Giovanna
Villazza entrou na minha vida como um furacão e,
como tal fenômeno, quando foi embora, só deixou
estragos.

Eu não a vejo desde a fatídica noite do
festival de primavera da CCCN, há três anos. Eu
não fazia ideia de que ela ainda iria se apresentar

PERIGOSAS ACHERON

como voluntária, pois, desde que eu tinha descoberto suas mentiras, afastara-me de tudo que me lembrava o quão idiota eu fora. Então, vê-la naquele palco, cantando aquela música, transmitindo aquela emoção, foi o suficiente para eu explodir. Saí antes do final de sua apresentação, dizendo a Carol que iria ao banheiro, mas a verdade é que parei no hotel mais próximo e fui direto para o bar afundar todos os meus sentimentos em algumas doses de uísque.

Eu não conseguia deixar de sentir desejo por ela, de sofrer por ela, e isso estava me deixando louco, porque ela me enganara, me usara, mas, ainda assim, eu a queria.

Fui parar no prédio dela quase no automático e, sem pensar, subi até seu andar. Como o porteiro já me conhecia de quando eu frequentava o local, nem precisei ser anunciado.

Então ela abriu a porta, cabelos presos, um

PERIGOSAS ACHERON

roupão de seda, e aquele cheiro do hidratante que ela usava me envolveu, lembrando-me de quando íamos dormir e ela deslizava o creme por todo o seu corpo. Por mais que minha mente me mandasse ser racional e ir embora dali, eu fiquei, fiz sexo com ela no tapete da sala e, depois, como o idiota que sou, senti meu coração se estilhaçar ao ouvi-la dizer que me amava. Mentiras, sempre mentiras!

Afastei-me com a consciência pesada, porque sabia que, por mais que quisesse acreditar naquelas palavras, nunca iria esquecer ou perdoar o jogo no qual ela me envolvera. Então ela repetiu que me amava, eu olhei em seus olhos brilhando de lágrimas e disse a ela que estava com Carol.

Não era mentira, pois estávamos conversando sobre a possibilidade, mas ainda não tínhamos nada. Somente depois daquela recaída com Giovanna é que me decidi e pedi Carol em namoro, porque ela, sim, era a mulher certa para mim,

PERIGOSAS ACHERON

alguém em quem eu podia confiar, que me amava de verdade e, quem sabe, alguém que eu poderia vir a amar.

E aconteceu! Eu amo a Carol! Não como eu ameí Giovanna Villazza, com aquela loucura e desespero, mas de uma forma mais madura, serena, e é por isso que vou me casar com ela. Não existe mulher que me complete tão bem quanto Caroline Nogueira, nunca existirá.

No entanto, Giovanna Villazza deixou suas marcas, pois eu nunca mais consegui ver o haras como um lar novamente. O negócio continuou, e vai muito bem. Mel Boldani, antes de se casar, terminou todos os projetos e, quando tudo ficou pronto, eu pensei que conseguiria seguir com meus planos, mas não pude. Eu não via Caroline ali, ao meu lado. Aquele lugar não combinava com ela, não era o ideal para uma médica morar e, além de tudo, os planos que fiz com Giovanna estavam

PERIGOSAS ACHERON

presentes ainda por lá, como um fantasma, assombrando-me à noite com sonhos misturados a lembranças, com fotos dos dias que passamos ali e também através dos potros gêmeos, que desafiaram todas as probabilidades e cresceram saudáveis.

Eclipsim e Arcanum se tornaram belos cavalos. Já estão sendo domados e, em breve, estarão prontos para seguir seus destinos, seja no Círculo N ou em qualquer outro haras do mundo. Sinceramente, eu ainda não sei o que fazer com eles.

— Nick? — Olho para a Carol, à porta da loja, chamando-me. — Eu finalizei aqui. Você quer conferir os itens?

Sorrio para ela, negando.

— Confio no seu bom gosto!

Ela sorri feliz e conversa com a vendedora antes de vir até onde estou.

— Algum assunto importante? — Aponta

para o celular.

— Do haras, mas nada que requeira muita atenção. — Ela assente. — Vamos?

Sáímos do shopping e, durante o percurso até o Castellani, ela me dá detalhes sobre os itens que elencou na lista, mas eu não consigo ouvi-la, pois tudo no que consigo pensar é no encontro com Isabella e na sua maldita cunhada.

— Você está fazendo merda! — falo comigo mesmo dentro do carro, parado próximo à entrada do edifício Villazza, local onde funcionam os escritórios da Rede e onde residem Isabella e Frank Villazza na cobertura.

Saber que Giovanna estava de volta ao Brasil depois de tantos anos me deixou agitado e curioso. Eu não consegui dormir direito e desencavei das

PERIGOSAS ACHERON

caixas de arquivos no escritório uma foto — a única — que guardava dela.

No exato momento em que peguei a maldita fotografia, Rodrigo Braga entrou na minha sala, e eu aproveitei para lhe contar sobre meu encontro com a esposa de seu amigo Frank no dia anterior e a vontade louca de saber como Giovanna estava depois de tanto tempo.

— Por quê? — ele me perguntou. — Tem certeza de que é só curiosidade?

Sorri e não respondi, pois, sinceramente, não sabia o que estava me impulsionando a querer ver alguém que eu, até então, dizia que odiava e não citava nem o nome.

— Acha que é por causa de seu casamento iminente? — ele me indagou. — Você colocou um anel no dedo dela também e agora, prestes a se casar, sente vontade de revê-la. Não acha que isso pode significar algo?

— Que eu esteja com medo de dar esse passo com a Carol?

— Ou que sua história com a Gio ainda não esteja resolvida...

— Não. — Guardei a foto no local. — Nós deixamos tudo às claras quando nosso relacionamento acabou. Eu só estou curioso mesmo, mas isso passa! — Dei de ombros. — O que o trouxe aqui?

Conversamos sobre o trabalho, mas, quando ele foi embora, eu voltei a pegar a foto. Uma mulher loira, alta, vestindo calça e camisa jeans sorria para mim, sentada sobre uma cerca branca. O sol do final do dia tinha avermelhado o céu, e seus cabelos brilhavam como ouro.

Eu não sei por que ainda conservo a imagem, mas ela foi a única que não destruí. Porém, deixei-a longe das minhas vistas durante todos esses anos. Desde que eu soube, através de Gilberto, que

PERIGOSAS ACHERON

Giovanna havia doado sua parte na agência para Elton e Lori e que tinha ido embora de São Paulo, eu não pegava aquela foto. Mais tarde, Bernardo me informou que ela tinha ido morar de vez na Itália e que cortara o contato com eles. Meu irmão pareceu triste, assim como meu pai, que estava tentando recuperar o tempo com ela e participar de sua vida. Tudo o que eu senti foi alívio por não ter de lidar com a possibilidade de a encontrar por aí.

A partir daquele momento, minha rotina voltou ao normal e meu relacionamento com a Carol deslanchou. Meu pai resolveu voltar a trabalhar, e eu, com muito gosto, devolvi-lhe sua cadeira de diretor e voltei a fazer o que mais gostava, lidar diretamente com as obras e projetos de engenharia da empresa. Viajei a trabalho algumas vezes, ficando semanas ou meses fora, mas sempre mantendo contato com Carol e, quando dava, levava-a comigo. Confesso que, com o passar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do tempo, as lembranças sobre Giovanna Villazza foram ficando distantes, e eu pensei que tivesse superado qualquer tipo de sentimento, seja desejo ou ódio, por ela.

Então aconteceu a inauguração do Convention SP, e eu tive minha primeira briga séria com a Caroline, por causa dos Villazzas. Ficamos um tempo longe um do outro, estremecidos e, quando voltamos a ficar bem, eu a pedi em casamento.

Sei que foi a decisão certa e que, se está ocorrendo algo estranho comigo agora, é só porque estou nervoso ante a proximidade do enlace e não porque eu tenha coisas mal resolvidas com Giovanna.

Rio de mim mesmo e do papel patético que estou fazendo, parado aqui como um *stalker*, tomando conta de um prédio em que eu nem mesmo sei se ela está.

PERIGOSAS ACHERON

Tenciono dar a partida no carro e olho para o retrovisor central. É nesse momento que a vejo.

Giovanna vem andando pela calçada e conversando com um homem. Ela fala animadamente enquanto ele gargalha. O tipo carrega um saco com pães, e Giovanna morde o que parece ser um sonho.

Doce?!, questiono ao vê-la comendo, pois me lembro bem que ela os evitava como a morte. Ela parece diferente do que eu me lembrava, com curvas mais acentuadas que a deixam ainda mais sensual, e seus cabelos estão curtos, pouco abaixo das orelhas.

De repente, o homem para e a segura pelo ombro, rindo, limpando um pouco de açúcar perto de seus lábios. Eu fico vidrado ao olhar a cena e, dentro de mim, passam inúmeros tipos de sentimentos, porém, o mais forte e o que mais tento controlar é, com certeza, o ciúme.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorri de algo que ele diz e lhe dá um tapinha, voltando a andar animada, dando mordidas em seu sonho. Eles se aproximam de onde meu carro está parado, e eu foco no homem que a segue. Não o conheço, provavelmente é de fora do Brasil, um namorado ou marido. Balanço a cabeça pensando que deve ser um dos dois, porque, definitivamente, o sujeito é louco por ela, e eu posso ver, pela sua cara de bobo, o quanto a deseja.

Sinto um incômodo e rio comigo mesmo, pois em momento algum pensei que, assim como eu, ela tivesse seguido em frente com sua vida e encontrado alguém. A última notícia que tive dela, superficialmente, foi que tinha ido trabalhar com Tony nos Estados Unidos.

Fecho os olhos absorvendo essas novas informações, tentando entender o que se passa comigo, pois eu nunca duvidei de que a havia esquecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, escuto um gritinho e volto a olhar para o casal, que está próximo à entrada do prédio. O homem tem Giovanna segura em seu colo e a está carregando para dentro do prédio em meio a risadas. Quando eles desaparecem dentro da construção, eu finalmente faço o que deveria ter feito desde o momento em que parei aqui: ligar o carro e ir embora.

A vida seguiu seu curso tanto para mim quanto para ela, e eu deveria estar me sentindo bem por tudo estar em seu devido lugar, mas não estou.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo II

Nicholas

— Aos noivos! — Rildo levanta um brinde, e todos o acompanham.

Eu beijo Carol, sorrindo, sentindo-me bem por tê-la ao meu lado, por ela ser essa mulher incrível e companheira. Bebo um gole do champanhe ouvindo mais e mais saudações de nossos amigos e familiares presentes em nossa festa de noivado oficial.

Nós, apesar de estarmos planejando o casamento há mais de um ano, ainda não tínhamos ficado noivos, mas eu decidi que era hora de resolver esse impasse, comprei um belo anel de diamante para ela e marquei o jantar.

Eu percebi o quanto Carol ficou feliz com minha iniciativa, pois não esperava que eu o

PERIGOSAS ACHERON

fizesse. Creio que o único problema talvez tenha sido eu ter mantido surpresa sobre o anel, pois, quando ela viu a joia, pude notar surpresa e decepção em seu olhar, embora tenha tentado disfarçar com um sorriso.

Talvez ela tivesse esperado receber o mesmo anel que dei a Giovanna anos atrás, pois é uma joia de família antiga e muito valiosa. Porém, embora tencionasse isso, não consegui fazê-lo, pois, cada vez que eu tocava o maldito anel, lembrava-me da última mulher que o usara.

No dia em que descobri a verdade sobre quem era Giovanna e o que ela pretendia, ela ainda usava o anel e, só depois de algum tempo, ela o devolveu, deixando-o com minha mãe. Desde então, ele tem estado no cofre no banco, e o tirei apenas para dá-lo a Carol, mas não consegui.

— Eu sei que está todo mundo em clima de Natal e Ano Novo, afinal dezembro começa

PERIGOSAS ACHERON

amanhã, mas tudo o que eu quero é que esse mês passe bem depressa para que logo chegue o dia com o qual sonho desde que conheci o Nick — Carol declara, arrancando aplausos de todos.

Eu sorrio adulado e a beijo, bebendo mais um gole de champanhe antes de dizer alguma coisa:

— Eu também estou ansioso! — Faço careta e afrouxo a gravata, fingindo me sentir enforcado.

Todos riem, e ela me dá um tapinha.

Depois da sucessão de discursos e congratulações, o jantar é servido, porém, no meio deste, Marinete diz algo ao ouvido da minha mãe, e eu noto surpresa e preocupação em seu olhar. Em seguida, ela se desculpa e segue sua funcionária.

— O que está acontecendo? — Carol inquire baixinho.

— Não sei. — Olho para meu irmão, que também parece questionar ao meu pai, mas esse dá de ombros. — Vamos esperar para saber o que é

quando ela voltar.

Carol assente e continua a conversar com alguns amigos de seus pais que estão presentes, mas eu fico a olhar fixamente para a porta por onde minha mãe saiu.

Nem mesmo ao final do jantar mamãe reaparece, e seu prato é recolhido intocado. Os convidados são conduzidos de volta à sala de estar, mas o sumiço de dona Cecília me preocupa, pois não é de seu feitio abandonar convidados e sumir de repente, então eu ainda permaneço na sala de jantar junto com Bernardo e Gil.

— Você sabe o que se passa? — Bê me pergunta. — Cadê a mamãe? Ela nem jantou...

— Ah, vocês ainda estão aí! — Como se evocada pela pergunta de meu irmão, ela aparece parecendo apressada e nervosa. — Bernardo, eu preciso que você acompanhe seu pai até o escritório.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe, o que está acontecendo? — indago antes mesmo que Bernardo consiga fazê-lo.

— Recebemos uma visita com uma notícia para seu pai, e eu preciso que você esteja lá com ele, Bernardo — ela ignora minha pergunta, olhando para meu irmão.

Bernardo arregala os olhos e sai correndo. Eu franzo o cenho e impeço minha mãe de sair de perto de mim, pegando-a pelo cotovelo quando faz menção de me deixar só.

— Mãe...

— Nicholas, estamos com a casa cheia de convidados, então eu preciso que você me ajude, sim?

Eu noto seu nervosismo e sua voz tremida, o que me deixa ainda mais preocupado.

— Mãe, pelo amor de Deus, o que houve? Quem está aqui?

— Nicholas...

PERIGOSAS ACHERON

— Cecy querida! — Sandra a interrompe, vindo em nossa direção. — Joyce quer saber o nome do chef que preparou o jantar de hoje, e eu não consigo me lembrar, apenas do nome do restaurante... — Ela enfim parece perceber nossas expressões. — Algum problema?

— Não! — Minha mãe sorri. — Nós já estamos indo para lá, não é, Nicholas?

— Eu já vou! — respondo ao vê-las se encaminhando para a sala.

Assim que se distanciam, saio pela outra porta e sigo direto para o escritório. Eu sei que algo grave está acontecendo e que minha mãe está me poupando por ser o dia do meu noivado, mas eu não conseguirei ficar tranquilo sem saber qual é a notícia que a deixou tão abalada.

Ao chegar em frente à porta fechada do escritório, eu não bato, simplesmente coloco a mão na maçaneta e a abro devagar, receoso. Todavia, é

PERIGOSAS ACHERON

o que basta para eu ter certeza de que a tal notícia não é boa.

— Oh, meu Deus! Amanhã é aniversário dela! — Escuto a voz de meu pai em desespero.

— Vocês já acionaram a polícia? — é Bernardo quem questiona.

Eu abro a porta de uma só vez, surpreendendo a todos, notando uma senhora elegante de cabelos grisalhos bem curtos e olhos verdes. Sua fisionomia não me é estranha, mas eu não consigo me lembrar de onde nos conhecemos.

— Nick! — Bernardo para de andar de um lado para o outro, e sua expressão é de assombro ao me ver aqui.

— Então você é o Nicholas! — Ela possui um forte sotaque italiano.

Eu a olho surpreso por ela saber meu nome.

— Desculpe-me, mas a senhora é?

— Silvia Villazza — é meu pai quem

PERIGOSAS NACIONAIS

responde, e eu me surpreendo com sua presença nesta casa. — É a mãe de Giovanna — ele menciona o nome da filha e chora, recebendo consolo de Bernardo. Meu coração dispara sentindo que algo de muito grave aconteceu e que, por esse motivo, essa mulher veio procurar meu pai.

— O que está havendo? — inquiri diretamente a ela, porém, não me responde, olhando-me intensamente enquanto lágrimas solitárias deslizam sobre sua face.

— Temos que fazer alguma coisa! — meu pai grita, mãos no rosto, desesperado. — Temos que fazer alguma coisa!

— Bê. — Meu irmão me encara, pálido. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

— Minha filha desapareceu essa manhã, Nicholas — Silvia me informa de uma só vez. — Ela sumiu!

PERIGOSAS ACHERON

Seguro o fôlego ao sentir verdadeiro pavor percorrer meu corpo. *Como assim sumiu?!*, mas, antes que eu consiga perguntar algo, ela continua:

— Chegamos ao Brasil há uma semana. Minha família resolveu se reunir aqui com Frank antes de irmos todos para a Itália comemorar as festas de final de ano e, hoje de manhã, ela saiu e não voltou. — Eu franzo o cenho, achando pouco tempo para estarem tão alarmados. — Nossos carros possuem sistema de rastreamento, e localizaram o carro que ela usava numa área longe da cidade, num local de... — ela respira fundo, e eu a vejo tremer — desova.

Todo o sangue se esvai do meu rosto, deixando-me pálido e assustado com as possibilidades que assolam minha mente. *Não!* Eu não consigo nem imaginar que algo ruim possa lhe ter acontecido.

— Há pouco mais de uma hora, recebemos

PERIGOSAS ACHERON

uma ligação informando o sequestro.

Meu coração salta, imaginando-a sob domínio de criminosos, sendo ameaçada. Como isso foi acontecer?

— Eu sinto muito! — É o que consigo dizer ao ver os rostos de meu pai e de meu irmão em completa agonia. — Conte conosco para ajudar no que for preciso e...

— Frank já acionou a polícia, bem como nosso pessoal de segurança. — Eu assinto. — Estamos esperando novo contato, mas eu quis vir até aqui comunicar-lhes, pois, afinal, vocês também fazem parte da família de Giovanna.

Fico surpreso com essa aceitação por parte dela, pois, durante todos esses anos em que Giovanna esteve morando fora, nunca houve uma aproximação real dela com Gilberto, e ela mal falava com Bernardo. A consideração de dona Silvia com meu pai ao vir pessoalmente dar a

PERIGOSAS ACHERON

notícia me surpreende e comove.

Durante o tempo em que estive com Giovanna, ela falou muito de sua mãe, da sua força e do seu empenho ao próximo. Nós nunca nos conhecemos, mas eu conversei com ela ao telefone algumas vezes e vi algumas fotos dela.

Eu penso em seu sofrimento e na força que está demonstrando aqui, contando-nos o que houve com olhos marejados, mas sem desmoronar.

— Dona Silvia, estamos à disposição se precisarem de nós — torno a lhe dizer. — Eu sinto muito que isso tenha acontecido. — Ela assente, e vejo uma lágrima rolar em sua face. Eu caminho até meu pai e pego em sua mão. — Eu tenho certeza de que vão achá-la em segurança, pai. Vai dar tudo certo! — Olho para o meu irmão. — Eu preciso voltar para a sala e adiantar o fim da festa.

Ele assente, e eu me levanto para me despedir de dona Silvia.

— Não vá! — ela me pede de repente.

— Eu estou com convidados, mas, diante das circunstâncias, devo me desculpar com eles e lhes pedir para irem...

— Eu preciso lhe dizer algo sobre Giovanna.
— Ela parece mais vulnerável, o que me assusta. Vejo mais lágrimas caírem de seu rosto. — Eu não vejo como manter isso em segredo, não diante do ocorrido...

— Desculpe-me, dona Silvia, mas eu não estou entendendo o que a senhora quer dizer com isso. Apesar de não querer o mal de Giovanna, eu não tenho mais nenhuma ligação...

— Ela não estava sozinha, Nicholas — chora copiosamente ao informar isso, deixando-me paralisado e fazendo com que meu pai se levante.
— Ela não estava sozinha no carro, mas eles só se referiram a ela.

— Silvia, do que você está falando? —

Gilberto se aproxima e a toca no ombro.

— Giovanna estava com minha neta no carro!

— Laura? — Eu penso na pequena miniatura de Isabella Villazza e sinto meu sangue gelar.

— Não! — Ela me encara, e vejo tristeza em seus olhos. — Giovanna estava com a filha dela, Mia.

Essa informação não surpreende só a mim, pois vejo Gilberto e Bernardo de olhos arregalados.

— Ela tem uma filha?! — meu pai questiona estarrecido. — Por que nunca nos disse nada?!

— Mia é praticamente um bebê, ela é muito ativa, inteligente e...

Eu não consigo ordenar meus pensamentos sobre Giovanna sendo mãe. A imagem do homem que a acompanhava alguns dias atrás volta à minha mente.

— ...mas eles não falaram sobre ela, e isso

está me deixando aflita — continua falando e me olhando fixamente. — Foi principalmente por isso que vim. Eu precisava conversar com você.

Minha respiração acelera, e sinto um arrepio cruzar meu corpo dos pés à cabeça.

— Por quê? — pergunto com medo de ouvir a confirmação do que se passa em minha cabeça.

— Porque ela é sua filha também. — Eu sinto o chão tremer e fecho os olhos para me certificar de que estou em algum tipo de pesadelo. — Eu não queria que você soubesse nessas circunstâncias...

— Do que a senhora está falando? — a voz de Bernardo demonstra seu nervosismo.

— Ela nunca admitiu a ninguém mais da família, mas, no dia em que minha neta nasceu, Giovanna me contou sobre a noite do Festival de Primavera e o que aconteceu.

Minhas pernas estão bambas, e eu abro os olhos, vendo-a chorar à minha frente, dizendo que

Giovanna tem uma filha minha.

Uma filha minha! A conscientização de que Giovanna me escondeu isso e de que eu possa nunca ver essa criança me deixa apavorado.

— Por que ela nunca me disse?! — Eu começo a andar de um lado para o outro em verdadeiro desespero. — Deus! Como ela pôde ter escondido isso de mim?!

— Nick. — Bernardo me segura. — Isso não é importante agora. — Eu concordo com ele, mesmo sentindo a dor de ter sido machucado por ela mais uma vez. — Precisamos achá-las!

Olho para Silvia Villazza, que está conversando baixinho com Gilberto e, antes que eu diga qualquer coisa de que me arrependa mais tarde, saio do escritório apressado, esbarrando em minha mãe no caminho, rumo à saída.

Abro meu carro e, assim que dou a partida, ligo para Dani.

— Nick?

— Oi, Dani, preciso dos seus serviços. Onde podemos nos encontrar?

— Eu estou um pouco entocado porque andei fazendo umas besteiras. — Ri. — Mas é urgente? — Confirmo. — Estou na casa da minha avó, você ainda lembra onde fica?

— Chego aí em meia hora!

Desligo e piso fundo no acelerador, saindo de minha festa de noivado sem nem ao menos me despedir de minha noiva. A sensação de desespero que me toma é enorme, misturada com a raiva por Giovanna ter escondido de mim durante três anos que tínhamos uma filha.

Mia!

Faço um cálculo rápido e concluo que ela deve ter dois anos e três meses se nasceu no tempo certo. Tão pequena! Tento não me desesperar ainda mais ao imaginá-la num lugar estranho com

pessoas estranhas.

Tudo o que peço é que essas pessoas ao menos cuidem dela e não a maltratem de jeito algum. Penso também em Giovanna e no que lhe deve estar acontecendo nesse momento, no desespero que deve estar sentindo por si mesma e pela filha.

Deus! Que as duas fiquem bem!

Capítulo III

Giovanna

O dia está lindo, amanhecendo com o prenúncio de muito sol e calor. Abro a janela do meu apartamento no Edifício Villazza em São Paulo e sinto a brisa da manhã ainda fresca vindo das árvores ao redor.

Quando meu irmão decidiu transformar as instalações antigas do hotel Villazza na sede da Rede, ele aproveitou os últimos andares para fazer uma área reservada à família. Assim, ele construiu três apartamentos nos dois últimos andares do prédio. Tony e eu somos vizinhos no penúltimo andar, e Frank mora com sua família na cobertura.

Tony residiu no apartamento durante alguns meses antes de assumir a divisão da Rede na América do Norte, mas eu nunca tinha estado

PERIGOSAS ACHERON

dentro do meu até semana passada, quando retornei ao Brasil depois de três anos morando fora.

Confesso que não queria ter retornado, ainda mais para São Paulo, pois essa cidade me traz lembranças agridoces que eu tentei evitar ao longo desses anos. Contudo, resolvemos vir comemorar o meu aniversário, que será amanhã, e o de Tony, alguns dias depois do meu, com o Frank, porque meu irmão mais velho não teria tempo para ir nos visitar em Nova Iorque. Depois, seguiremos para a Itália para passar as festas com meu pai, que ficou por lá.

Eu moro em Nova Iorque há um ano, desde que assumi o desafio de promover os hotéis da Rede nos Estados Unidos, pois, embora sejamos uma Rede famosa, não tínhamos tradição no mercado americano. Eu estou adorando voltar a trabalhar depois de ter estado dois anos inteiros afastada de tudo. Dediquei esse tempo para cuidar

PERIGOSAS ACHERON

do maior presente que a vida poderia ter me dado: Mia.

Saio do meu quarto e sigo para o dela, vendendo-a ainda dormir em sua cama. Foi Isabella quem decorou o local, e o fez muito bem, pois a suíte da minha filha é igual a de uma princesa. Abaixo-me ao seu lado e passo minha mão sobre seus cabelos lisos e castanhos, cortados à altura das orelhas e com uma franjinha.

Ela desperta ao meu toque, abrindo seus olhos azuis e me encarando sonolenta.

— *Buongiorno!* Bom dia! — cumprimento-a nas duas línguas, pois, desde que começou a falar, eu tento sempre alternar o italiano e o português.

Mia nasceu em um dia bonito de setembro na casa da minha família em Nápoles. Eu estava um pouco nervosa por ter decidido ter um parto humanizado e em casa, mas tudo ocorreu tão naturalmente que em poucas horas eu tinha minha

PERIGOSAS ACHERON

filha saudável e linda no colo.

— Pronta para passarmos o dia brincando?

Ela sorri, e meu coração se derrete ao ver o quanto seu sorriso é idêntico ao do pai. Esse é um dos motivos de eu nunca ter voltado ao Brasil: Nicholas. Eu demorei a descobrir que estava grávida, pois não apresentei nenhum dos sintomas comuns durante uma gestação.

Desde que eu retirara o implante do contraceptivo que usava, eu tinha minha menstruação muito irregular, por isso não me preocupei quando ela falhou por dois meses consecutivos. No entanto, no terceiro mês, eu comecei a desconfiar de que algo diferente estava acontecendo com meu corpo, pois comecei a ganhar peso e sentia muita sensibilidade nos seios, principalmente nos mamilos.

Quando a confirmação veio, pensei em ligar para Nicholas, mas decidi lhe dizer pessoalmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Embarquei em um avião rumo a São Paulo sem avisar a ninguém e fui direto ao Castellani. Porém, quem me atendeu foi Caroline, e ela fez questão de me esfregar sua felicidade na cara.

Nicholas estava viajando, pelo menos foi o que ela disse, e os dois já estavam morando juntos. Ela me falou coisas horrorosas e ofensivas, inclusive conhecia toda a história sobre meu nascimento e sobre o que acontecera depois do festival da CCCN, dizendo que Nick dissera ter ficado com nojo de mim após o episódio.

Isso me doeu, mas, ainda assim, eu queria lhe contar sobre o bebê — apenas a ele. Entretanto, ela me pediu para deixá-lo em paz, porque tudo o que eu lhe causava era dor e ressentimento. Afirmou que ele nunca iria me perdoar por tudo o que acontecera e que, se eu fosse me rebaixar procurando-o, só o deixaria ainda com mais nojo de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava sensível e emotiva e percebi que era tarde demais. Caroline tinha razão, ele nunca iria me perdoar por tê-lo usado da forma como eu o fizera, e já se havia passado mais tempo que ele me odiava do que me amara. Contar a ele sobre aquela criança seria como condená-lo a ter um vínculo comigo pelo resto da vida e, conhecendo-o como eu o conhecia, eu tinha certeza de que ele, mesmo me desprezando, iria querer ficar ao meu lado.

Aquilo não era justo. Eu já o havia machucado demais e nunca pretendia fazer nada para obrigá-lo a ficar comigo. Se ele estava feliz com Caroline, era melhor nunca saber das consequências daquela noite em que, bêbado, fora me procurar.

Eu me virei para ir embora. Porém, a tensão do dia, a viagem longa ou a junção de tudo me levaram ao chão, e eu acordei no hospital completamente sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei um tempo em observação e tomando soro porque tive um sangramento e, somente depois de uma ultrassonografia que confirmou que estava tudo bem com o bebê, fui liberada pela médica. Perguntei-lhe quem me trouxera, e ela me informou que um homem uniformizado havia chegado comigo em um táxi. Provavelmente, tinha sido o porteiro do Castellani.

Estava preocupada com a possibilidade de que Caroline soubesse da minha gravidez, mas eu nunca tive qualquer indício disso, pois Nicholas não desconfiou de nada durante todos esses anos.

Escuto uma batida à porta e olho para Guido.

— *Buongiorno!* — Mia senta-se na cama, estendendo os bracinhos para ele, que a joga para cima. — Eu já falei com a tia Silvia e irei acompanhá-la ao MASP hoje. Você tem certeza de que não quer ir conosco?

— Não, obrigada! Minha princesa e eu

PERIGOSAS ACHERON

vamos sair juntas hoje para um passeio de meninas. — Mia bate palmas. — Hoje tem uma programação infantil no Villa-Lobos^[12], e nós vamos aproveitar um pouco o dia por lá.

Ele sorri e caminha com minha filha para a cozinha.

Guido Andretti é filho de Tia Marieta, irmã mais nova de minha mãe, e está acompanhando mamãe nessa viagem, pois meu pai não pôde vir com ela. Ele é apenas dois anos mais velho que eu, e nós dois sempre tivemos uma relação de amor e ódio. Quando adolescentes, demos uns “amassos”, mas não passou disso, porque eu não sentia nada por ele.

Ele é alto como Frank, mas, ao contrário do meu irmão que faz mais a linha magro definido, Guido é um monstro de músculos. Ele é uma pedra em meu sapato às vezes, mas se dá tão bem com Mia que eu suporto suas chatices.

Ele é padrinho de minha filha junto com a Mel Boldani. E os dois mimam tanto a menina que eu tenho medo de que a estraguem para sempre.

Depois que Mel se casou, eu mal a vejo, pois ela rara vez foi com o marido para a Itália. Mesmo agora, conosco morando nos Estados Unidos, é raro nos encontrarmos, somente quando ela vai visitar a família do marido. Todavia, apesar da distância, ela fala praticamente todos os dias com a Mia por vídeo. Eu sempre achei que Mel desconfiasse que Nick era o pai de minha filha, mas ela nunca me questionou nada.

A desculpa que inventei para quase todos foi que eu tinha saído com um homem que conhecera em Milão e que, desse relacionamento desprotegido, viera Mia. Era uma desculpa estranha, mas pareceu convencer meus familiares, pois, quando anunciei a gravidez, Nicholas e eu já estávamos há quase seis meses separados, e eles

PERIGOSAS ACHERON

nunca souberam da recaída que tivemos. Quer dizer, menos minha mãe e Frank.

Para minha mãe, eu mesma contei quando Mia nasceu. Já o Frank deduziu, pressionou-me, e eu acabei confirmando. Ele me conhecia muito bem e sabia que eu tinha intenção de continuar em São Paulo mesmo sem o Nicholas. Então, quando eu decidi voltar a morar na Itália e de repente apareci grávida, ele juntou os fatos e concluiu o que acontecera. Mesmo admitindo, fiz os dois me prometerem que nunca contariam aquilo a ninguém e, sob protestos, eles juraram. Quem mais protestou foi Frank, pois me disse que, se Isabella escondesse um fato daquele dele, isso, sim, seria algo imperdoável.

Contudo, como eu sabia que entre mim e Nicholas não havia chance nenhuma de reconciliação, ainda mais depois daquele tempo todo, eu não liguei para o que meu irmão me falou.

Depois do café da manhã, arrumo a cesta de piquenique enquanto Mia está no apartamento de Tony, brincando com meu sobrinho Henrique, alguns meses mais velho que ela.

— Você tem certeza de que não quer ir conosco, Marina?

Minha cunhada nega, inclinando-se para trás.

— Não, obrigada. Hoje eu acordei com muita dor nas costas. — Eu entendo e toco sua barriga de cinco meses de gravidez. — Essa garotinha é muito pesada!

Sorrio ao pensar na delícia que será quando a pequena Luíza nascer. Meus pais estão maravilhados porque nós demoramos muito a lhes dar netos e eles pensavam que nunca iriam ter um nos braços, mas, de repente, veio um seguido do outro.

— Você não quer que eu leve o Henrique?

— Não, Gio, obrigada, ele ainda está gripado,

e eu acho que não deve ficar correndo por aí por causa da bronquite. — Dá de ombros. — Quem poderia imaginar que ele iria puxar seu irmão até nisso?!

Rio, olhando meu sobrinho que tem a pele, os cabelos e olhos da mãe, mas já se mostra tão certinho e organizado quanto o pai.

— Então nós já vamos. Mia! — chamo minha filha e me volto para Marina. — Até mais tarde, nós devemos ficar por lá no máximo até às 15h, tempo de sobra para a reunião mais tarde!

— Bom passeio e divirtam-se!

Saímos do prédio, e eu uso um dos carros do Frank. Coloco a cesta de piquenique no banco de trás e em seguida ponho Mia sentada na cadeirinha com cinto de segurança.

Assim que ligo o motor, aciono o aparelho de som, e uma música infantil enche o carro. Mia começa a cantar. Eu rio de sua cantoria de palavras

erradas, mas começo a cantar com ela.

— Tenho certeza de que hoje será um dia muito especial, Mia!

— Sim, *mamma!* Eu quero *gelatto!*

Eu prometo apenas um a ela, pois trouxe muitas frutas na cesta e, embora eu prefira que ela não coma muitos doces, sei que faz parte do que é ser criança. Até eu mesma me permito comer de tudo, pois, desde a gravidez, relaxei um pouco na minha alimentação, embora ainda não coma carne vermelha.

Paro em um sinal de trânsito e vejo uma movimentação estranha pelo retrovisor. FRANZO o cenho ao ver duas motos andando lado a lado e avançando para meu carro. Assim que eles passam ao nosso lado, quebram o vidro da janela do motorista e apontam uma arma para mim.

Escuto Mia gritando de medo e tento olhar para ela, mas uma dor enorme me assola quando

um deles desfere uma coronhada em meu rosto, e eu apago.

Minha cabeça dói, assim como minha face.

Eu tento abrir os olhos, mas tudo o que vejo são trevas. Não escuto nada, sinto frio, fome e sede. Meu cérebro envia estímulos aos meus músculos para que eles se mexam, mas não posso, não consigo movimentar um só membro.

Meu coração dispara, e, aos poucos, flashes do que aconteceu começam a passar pela minha mente. Não! Não pode ser verdade!

Eu quero gritar. No entanto, não consigo. Meu desespero faz com que meu coração retumbe e um suor frio cubra minha pele. Estou paralisada, pois há algo que me prende.

Sinto o medo tomar conta de mim, e lágrimas

PERIGOSAS NACIONAIS

começam a ser derramadas por meu rosto. Estou confusa, perdida e simplesmente não entendo o que aconteceu e como vim parar aqui.

Eu me lembro apenas de que acordei animada, era sábado e eu tinha um compromisso que me enchia de alegria. A manhã foi perfeita, nunca me senti tão feliz!

Preparei a cesta de piquenique, coloquei-a na mala do carro, arrumei os itens de segurança e me despedi da minha família. No carro, durante o percurso, que não era longo, eu estava ouvindo música, e nós cantávamos juntas... Oh, meu Deus!

Meu corpo parece que despertar com essa lembrança, e eu tiro forças de dentro de mim e começo a me remexer sem parar. Agora eu sei que estou amarrada com cordas em meus punhos e pés. Sinto a aspereza do material roçar a minha pele enquanto tento me livrar das amarras.

Eu tenho de sair daqui!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento gritar mais uma vez por socorro, mas o som que emito é apenas um murmúrio, pois há algo em minha boca. Uma mordada!

Começo a chorar em desespero preocupada com o que possa acontecer não comigo, mas com ela. Eu a amo, ela é minha vida!

Não sou muito de rezar e, às vezes, até questiono a existência de Deus, mas não há nada que eu possa fazer além de recorrer a um milagre. Fecho os olhos na escuridão, com força e faço uma oração fervorosa:

Proteja-a! Leve a mim, mas a mantenha protegida! Eu não me importo com o que acontecer comigo, não mesmo. Mas não permita que façam mal a ela, eu não poderia suportar... Deus, eu imploro! Se for possível, eu ofereço minha vida, mas proteja-a... por favor!

Eu repito essa oração tantas e tantas vezes, desesperada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero entender como isso aconteceu, mas tudo o que eu me lembro é de estar parada em um sinal de trânsito, ainda cantando com ela.

Nós fomos sequestradas! Deus!

Repito mais uma vez a oração, mas, dessa vez, sem lágrimas. Não consigo mais chorar. Estou com muita sede e fome. Sinto meu corpo mole, minha mente divaga, perde-se, e eu me esforço a voltar a raciocinar. Não quero apagar, não quero dormir.

Concentro-me para me lembrar de mais coisas, mas sinto uma dor muito forte na cabeça, além da fraqueza e da desidratação. Entretanto, obrigo-me a continuar desperta, pois o medo de nunca mais vê-la me consome e, ao mesmo tempo, me mantém.

PERIGOSAS ACHERON

Abro os olhos e choro mais uma vez. Meu corpo não resistiu, e eu acabei desmaiando. Meus braços doem, sinto-os formigarem. Não sei há quanto tempo estou aqui, nem por quanto fiquei apagada.

Penso nela de novo, em desespero.

De repente, uma luz invade o breu, e eu fico momentaneamente cega. Sinto dois pares de mãos em mim, levantando-me do chão e me colocando sentada numa cadeira.

Quero abrir os olhos, mas a claridade não deixa. Sinto meus cabelos sendo puxados para trás, e minha face é virada para cima.

— Bem, bem... — escuto uma voz que faz todo o meu corpo se arrepiar. — Vocês pegaram pesado com ela. — Um dedo aperta o lado esquerdo da minha face, que dói muito. — Nem parece mais a mesma...

Abro os olhos apenas para confirmar o que
PERIGOSAS ACHERON

meus ouvidos já descobriram. Sim, é ele!

Quero gritar e perguntar por ela. Porém, ainda estou amordaçada e só emito sons grotescos. Começo a me agitar, tentando me livrar das amarras, e ele apenas ri.

— Você foi um peão esplêndido! — Cruza os braços sobre o peito. — Não... não! Definitivamente, você foi mais do que um peão... — Pega no meu queixo e me faz encará-lo.

Seu rosto lindo, que um dia eu já admirei, exibe uma expressão sarcástica. Por algum tempo eu suspirei por ele, sem admitir que o desejava, porque, para mim, uma relação entre nós seria um desastre.

Todavia, então, algo aconteceu entre nós, e ele me fez sentir a maior dor que eu poderia ter experimentado na vida. Ele me tirou o chão, destruiu tudo o que eu tinha como certo.

— Você foi uma rainha! — Ri. — Gosta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso, não é? Mas não... Você é vira-lata demais para ter esse título. — Solta-me. — Sabe, eu já estava satisfeito com o que fiz a você antes. — Senta-se de frente para mim. — Já tinha tido minha revanche, sei o quanto fiz você sofrer, o quanto de sua crista eu quebrei. — Passa as mãos pelos seus cabelos e ajeita sua gravata. — Mas então parece que tudo se voltou contra mim e eu fui ao chão junto com você.

Ele faz um gesto para um dos homens encapuzados, e minha mordaca é retirada. Eu grito por socorro, grito o nome dela, e ele ri.

— Pode gritar até ficar sem voz, porque ninguém vai te escutar. — Gargalha em escancarado deboche. — E a esqueça, você nunca mais irá vê-la!

Grito novamente, sentindo um punho se fechar sobre meu coração. Meu sangue gela quando imagino o que ele quer dizer com isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor... — imploro a ele.

Esse homem à minha frente foi o responsável pela mudança da minha vida. Ele transformou tudo dentro de mim, fez-me seguir por um caminho que eu nunca pensara em trilhar e me fez ser outra pessoa.

— Por favor... faça o que quiser comigo, mas deixe-a...

— Cale a boca! — Ele se levanta e tira uma arma do bolso do seu terno Armani. Está sorrindo enquanto arma o cão da pistola, e eu fecho os olhos. Esse homem está louco! — Agora é a minha vez de dar o troco!

Ele encosta a arma na minha cabeça.

— Não a machuque, por favor... — imploro ainda.

Ele não me responde, e eu, por alguns momentos, não sinto nada. É como se o tempo tivesse parado. Não sinto mais fome, não sinto mais

PERIGOSAS NACIONAIS

sede e nem frio. Não há sons à minha volta e nem claridade. A última imagem que vejo é a do rosto lindo dela olhando para mim com amor brilhando nos olhos. *Deus, a proteja!*

Ouço o gatilho ser acionado e o disparo da arma.

Logo depois, sua gargalhada enche o cômodo vazio, ecoando em minha mente, e eu, trêmula, volto a abrir os olhos e encará-lo.

— Ainda não, Giovanna. — Ri do meu desespero. — Ainda não. Eu só preciso terminar o que você não conseguiu. Mas eu já te aviso, Mia será minha galinha dos ovos de ouro, e você será apenas minha vingança contra seus irmãos. Ela vai sobreviver, não se preocupe, pois eu sei quem é o pai dela, e ele fará de tudo, pagará qualquer coisa para tê-la de volta. Mas você? Você não serve para mais nada! Eu vou adorar quando enviar partes de você para cada um de seus irmãos.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto um arrepio pelo corpo, pois sei que ele está me contando a verdade. Mia é tudo o que ele precisa para ganhar dinheiro, pois as duas famílias — caso alguém conte aos Novaks sobre ela — pagarão qualquer valor por ela, ainda mais se ele realmente me matar.

— Eu não entendo... Por quê? — pergunto tentando me manter sã.

— Logo, logo você saberá, eu prometo.

Outro homem entra na sala, e eu, imediatamente, o reconheço. Oh, Deus, eles estão juntos nisso?!

— Ela está bem, Lucinda está cuidando dela — ele informa ao outro.

Eu sinto meu coração aliviado ao ouvir essas palavras, pois sei que, por minha filha ser o meio que ele tem para conseguir dinheiro, ele não fará nada para machucá-la.

— Klaus... — eu o chamo. — Klaus...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ri e balança a cabeça. Todos os quatro saem do local, apagando a luz e me deixando totalmente no escuro.

*Pelo menos, eu sei que ela está bem.
Obrigada, Deus!*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IV

Frank

— *Ho la donna più bella del mondo accanto a me!* — Beijo seu pescoço nu. — Você é a mulher mais linda do mundo, Bella.

Ela ri e fecha os olhos quando eu cheiro seu pescoço perfumado. Sinto meu corpo reagindo ao dela, pois, mesmo depois de anos juntos e dois filhos, eu continuo querendo-a como a quis quando nos conhecemos.

— Frank, sua família está chegando e sua mãe é nossa hóspede, se contenha! — ralha comigo, porém, geme quando eu passo a língua pela sua nuca.

Isabella cortou os cabelos, mesmo sob meus protestos, e agora eles não passam dos ombros. Continua linda e sedutora com sua cabeleira negra

PERIGOSAS NACIONAIS

contrastando com sua pele branca e seus olhos azuis, mas eu sinto falta de ter seu cabelo enroscado em meu pulso quando fazemos amor.

— Eu sei, não vou fazer nada agora. — Sorrio torto para ela, que me olha pelo espelho. — Estou só esquentando as coisas, te deixando com vontade...

— Frank... — Ela se vira. — Se você ficar me olhando com esses olhos de lobo mau, eu não vou conseguir prestar atenção em mais nada, e é a primeira vez que reunimos todos juntos aqui em casa!

— Falta o papai, mas eu entendo bem por que ele não pode deixar as coisas por lá. — Eu mal consigo ter tempo para minha família, que é prioridade, à frente de uma divisão, imagino como ele fica atarefado tendo que tomar conta de todo o Grupo. — Mas fico triste por não o ver nesse final de ano, já que não vamos para Nápoles.

PERIGOSAS ACHERON

Ela assente.

— Eu sei, mas nós prometemos à mamãe que ficaríamos aqui nesse Natal. Esse ano, a Mel vai para Nova Iorque e meus pais ficarão sozinhos sem nós.

— Eu não estou reclamando disso, Bella. Será um prazer ficar com dona Hilda e com o Julio, mas vou sentir falta do *babbo*.

Ela me dá um sorriso e um beijo.

— Eu adoro você ser assim, tão apegado aos seus, tão preocupado com a família. Isso me faz te admirar muito e, conseqüentemente, te amar ainda mais!

Depois de ouvir isso, qual homem conseguiria não a agarrar e a beijar com toda a intensidade do mundo? Com certeza, eu não! Isabella devolve o beijo com o mesmo tesão que sinto por ela, abraçando-me com força, mesmo nas pontas dos pés.

Uma batida à nossa porta nos separa, e eu olho para ela cheio de desejo insatisfeito. Bella se afasta e calça as sandálias, sentando-se no *puff* de couro no meio do closet enquanto eu saio do armário para atender à porta.

— Frank! — Tony parece preocupado, mas, como eu conheço bem meu irmão, sei que preocupação é seu sobrenome. — A Giovanna saiu com a Mia pela manhã e ainda não voltou!

Franzo o cenho.

— Deve estar só atrasada, Tony. Daqui a pouco a Gio estará aqui, não se preocupe. — Ele balança a cabeça negando. — Por que a preocupação, Tony?

— Ela disse a Marina que estaria de volta às 15h, ou seja, já está três horas atrasada! É muita coisa!

Eu rio, pois Tony é a pontualidade inglesa em pessoa, já minha irmã caçula sempre foi um pouco

PERIGOSAS ACHERON

avoadada com os horários.

— Relaxa, daqui a pouco ela estará aqui, acha que vai perder os preparativos para sua própria festa? — Passo meus braços pelos seus ombros, e caminhamos em direção à sala. — O Henrique melhorou? Isabella me disse que na noite passada ele quase não dormiu.

— É a maldita bronquite! Nós estamos fazendo o tratamento, mas demora um pouco para controlar de vez a doença. — Balança a cabeça.

Vejo Marina com sua barriguinha saliente sentada ao lado de minha mãe enquanto Henrique brinca com Lucca e Laura. Essa é uma cena que me enche de orgulho! Ver minha família reunida, feliz.

Meu celular toca, e ignoro a ligação ao ver que vem de um número restrito. Isabella entra na sala, e eu pisco para ela, já segurando uma taça de seu vinho favorito.

Ela caminha até mim, e escuto o telefone de

PERIGOSAS ACHERON

Tony tocar, e ele atender.

— *Madonna Santa!* — Ele me encara pálido do outro lado da sala.

Sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem, e meu sorriso morre na hora. Raramente, Tony usa expressões italianas, isso é mais uma mania minha, mas ele não apenas usou, mas gritou alto e bom som.

— O que houve? — Minha mãe se levanta, e Guido vem correndo de algum lugar com expressão de assombro.

— O que vocês querem? — Tony indaga baixinho dessa vez, mas seu tom é de desespero. — O que vocês... — Tira o telefone do ouvido e fecha os olhos.

— Antonio? — Marina lhe toca no ombro, e ele desaba, chorando como uma criança.

— Eu sabia que havia acontecido algo... — Meu coração salta. *Giovanna!* — Eles a têm, Frank.

Ela foi sequestrada!

Guido ampara minha mãe, que solta um gritinho de espanto, enquanto eu permaneço em choque, tentando assimilar a notícia.

— E minha neta, Tony? O que disseram sobre Mia?

Pego o telefone e disco o número de Constantino, responsável pela nossa segurança.

— Nada. Ele só me disse que estava com Giovanna e desligou... — Tony se senta, tremendo.
— Não disseram mais nada!

Ele abraça minha mãe enquanto eu ouço o sinal de chamada em espera no celular de Constantino.

— Marina! — chamo minha cunhada. — Você poderia ligar para Quênia? Eu não consigo falar com Constantino.

Ela assente e pega seu celular para ligar para sua amiga e comadre, madrinha de Henrique. Em
PERIGOSAS ACHERON

poucos segundos, eu a vejo falar ao telefone e, em seguida, Constantino retorna para o meu celular.

— Frank, me desculpe, eu estava em uma ligação internacional...

— Eu preciso de você aqui, agora! — Isabella me olha assustada pelo tom da minha voz e pela raiva contida nela. — Temos uma emergência, venha!

Desligo o celular e começo a andar de um lado para o outro no apartamento.

— Precisamos chamar a polícia — Isabella comenta.

— Não! — Tony diz. — Eles disseram para não alertar ninguém...

— O caralho que não vou! — eu grito, e Isabella arregala os olhos, fazendo sinal para as crianças que estão por perto. — Marina... — Ela me entende e vai em busca dos meninos na sala contígua, levando-os para a brinquedoteca ao lado

PERIGOSAS NACIONAIS

dos quartos dos meus filhos.

— Frank, pode ser perigoso se alertarmos...

Eu concordo com meu irmão, pois não sabemos com quem estamos lidando. Giovanna é conhecida em São Paulo, assim como nós todos, e é de conhecimento geral que ela pertence a uma família rica.

Depois de algum tempo, as portas do elevador se abrem no hall de entrada, e eu vejo Cristina, minha governanta, recebendo Constantino e Quênia.

— Boa noite! — eles nos cumprimentam, mas logo percebem que há algo errado. — Frank, o que houve? — Constantino questiona.

Eu olho com satisfação a mala em que ele carrega seus equipamentos.

— Sequestraram Giovanna e minha sobrinha. — Quênia tampa a boca com a mão. — Entraram em contato agora pelo telefone do Tony.

PERIGOSAS ACHERON

Constantino estende a mão para meu irmão lhe entregar o aparelho.

— Eu vou rastrear o carro também.

Eu assinto.

Isabella e Quênia saem da sala, provavelmente para ficar com Marina e as crianças. Minha mãe, embora meu primo esteja insistindo para que ela saia da sala, decide ficar conosco.

Constantino abre seu laptop e conecta o telefone de Tony a ele, mas balança a cabeça.

— Vou tentar rastrear se ligarem novamente, porque não consegui com meu programa, eles foram rápidos! — Eu bufo de raiva. — Mas já localizei o carro dela. — Olha-nos. — Está no extremo leste da capital. É um local de desova.

Escuto Tony xingar em italiano.

— Mande alguém para lá agora — é minha mãe quem dá essa ordem, e Constantino a cumpre, ligando para seu pessoal e passando o endereço do PERIGOSAS ACHERON

rastreamento.

— E quanto ao implante? — pergunto.

— Frank, você sabe que ainda está em teste!

— Bufa. — Mas vou tentar.

Ele digita uns códigos em seu sistema, e eu acompanho passo a passo. Há quase um ano, a divisão que cuida da segurança de nossa família, bem como dos hotéis da Rede, desenvolveu um pequeno chip que utiliza qualquer tipo de radiofrequência para emitir sinais.

Todos da nossa família, bem como os CEOs da Rede Villazza espalhados ao redor do mundo, implantaram o equipamento há seis meses. No entanto, como Constantino mesmo frisou, ainda está em teste, pois apresentou algumas falhas que estão sendo solucionadas.

— Nada, Frank. Nenhum sinal na frequência do de Giovanna — lamenta. — O recurso do rastreador do celular também não retornou positivo,

PERIGOSAS NACIONAIS

ou seja, devem tê-lo destruído, pois é a única forma de não ser rastreável.

— Não há mais nada que possamos fazer?

Ele nega, e eu xingo.

— O local onde ela está, provavelmente, não tem nenhum aparelho celular próximo ou mesmo uma torre de telefonia ou televisão, eu sinto muito. Eles devem saber dos nossos recursos e tomaram as precauções devidas.

— Vamos chamar a polícia — minha mãe declara, pondo-se em pé. — Faça a ligação, Frank.

— Eu assinto, mesmo estando temeroso. Entretanto, não há mais nada a ser feito além disso.

— Guido, me acompanhe até meu quarto.

Os dois saem, e eu ligo para a polícia, sendo encaminhado para a DAS — Divisão Antissequestro da Polícia Civil de São Paulo. Converso com um inspetor, mas logo sou passado para o delegado responsável.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou precisar ir até lá — informo ao Tony, mas ele pede para ir, uma vez que foi ele quem falou com o sequestrador. — Tudo bem, mas vá com seguranças e no carro blindado.

Sento-me ao lado de Constantino, que continua olhando a tela do computador à procura de sinais.

— Nós vamos achá-las, Frank, eu tenho certeza! — fala sem tirar a atenção do computador.

Eu fecho os olhos, sentindo uma lágrima descer em minha face e, em seguida, sinto as mãos de Isabella sobre meus ombros. Encosto-me a ela, que desliza as mãos pelos meus cabelos em uma tentativa de me confortar.

— Se algo acontecer a elas, eu nunca vou me perdoar por tê-las chamado para virem ficar conosco esses dias... — Minha voz falha. — Eu nunca vou me perdoar!

— Não pense assim, meu amor, nós vamos

PERIGOSAS ACHERON

achá-las! Eu tenho certeza de que...

— Senhor Villazza? — Recomponho-me e encaro Cristina, que parece pálida. — Eu tentei impedi-la, mas...

Franzo o cenho, mas logo vejo Guido aparecer nervoso e ofegante.

— Tia Silvia me passou a perna, Frank. — Eu me levanto assustado. — Ela saiu sem que eu visse, pois me pediu para buscar um livro para que ela se distraísse...

— *Cazzo!* — Disco o número dela, que me atende ao segundo toque. — *Mamma, tu sei pazza?! Dove vai?!*

— Eu preciso fazer uma coisa que já deveria ter feito há muito tempo, Frank. Eu estou bem e não vou longe! — Desliga.

— *Porca miseria!* — Atiro meu telefone em cima de uma poltrona, pensando que, de repente, o mundo se voltou louco e está tentando me

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecer.

— Frank... — Isabella me detém e me entrega uma dose de uísque. — Acalme-se! Não precisamos ter de lidar com você também. Nossos filhos estão assustados, e Marina está grávida e tensa, mantenha a calma!

Eu respiro fundo e concordo com ela, beijando-lhe a fronte. Não faço ideia de onde minha mãe tenha ido, mas eu só peço que nada de mal...

— Constantino, rastreie o...

— Estou com todos no rastreamento, Frank. Ela está indo ao bairro Cidade Jardim.

Madonna Santa! Ela foi atrás *dele*! Eu me sento tremendo, sabendo que o que ela está fazendo é o certo, mas, ao mesmo tempo, temendo que ele saiba de tudo e nunca conheça sua filha.

Dio, per favore, aiutateci^[13]!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo V

Nicholas

Paro o carro em frente ao sobrado antigo na parte central da cidade. Respiro fundo algumas vezes tentando entender que guinada é essa que minha vida está dando. Mais uma vez, Giovanna conseguiu tirar meu chão!

Eu me lembro da última vez em que estivemos juntos e a forma como eu a machuquei, assim como ela havia feito comigo. Mesmo sem intenção, eu a usei como ela me usou, eu a feri como ela me feriu. Não foi proposital, mas sei que foi isso que fiz, porém o maior prejudicado nessa história fui eu, pois tivemos uma filha e ela a escondeu de mim.

Toco a campainha e, em seguida, Danilo Trajano me atende. Ele não mudou muito, apenas

PERIGOSAS ACHERON

está um pouco mais forte, e a casa continua a mesma de vinte anos atrás, quando nós dois estudávamos juntos.

— Nick! — Ele me abraça, batendo forte em minhas costas. — Mano, eu nem acreditei quando ouvi sua voz! Quanto tempo!

— Pois é, Dani! — Assim que entro, ele fecha as cinco fechaduras da porta. — Já faz alguns anos...

Ele ri e me estende uma *longneck*.

— Eu estava na China, depois fui para os Emirados Árabes. — Faz careta. — Quando retornei a São Paulo, soube que você estava fora do país. — Eu assinto. — Mas, me diga, em que posso ajudar?

— Eu preciso do seu serviço não oficial.

Ele arregala os olhos, pois creio que nunca me imaginou pedindo-lhe isso.

— Uau! Vem comigo, então! — Caminha

para os fundos da casa e, antes de chegarmos à cozinha, enrola a passadeira e abre uma espécie de alçapão no chão. — Meus equipamentos estão escondidos no porão.

— Onde está sua avó? — pergunto ao descer as escadas de madeira.

— Está no piso de cima com a enfermeira. — Acende uma luz e parte de seus equipamentos aparece. — Ela teve uma isquemia cerebral e não sai mais da cama.

— Eu sinto muito, Dani.

Ele dá de ombros, mas vejo seu olhar triste. Eu vim brincar nessa casa durante todo o colegial e o ensino médio. A avó de Danilo, dona Nilza Trajano, era professora do colégio onde estudávamos, uma incrível e inteligente professora de matemática. Dani perdeu a mãe ainda bebê e nunca soube quem era seu pai. O garoto franzino e inteligente, com habilidades matemáticas de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gênio e um verdadeiro dom para lidar com computadores, passou em primeiro lugar para o curso de Engenharia da Computação no Instituto Técnico da Aeronáutica e se formou com honras.

Danilo ingressou no serviço de inteligência da aeronáutica, mudou-se para Brasília e ficou por lá durante cinco anos, até que desistiu de tudo porque nunca se deu muito bem com regras e sempre reclamou da rigidez da Força Aérea. Desde então, ele tem dado consultorias, montado sistemas para empresas e desenvolvido softwares, mas o maior volume de dinheiro que recebe vem dos seus serviços “não oficiais” como hacker.

— Pronto — ele avisa assim que acende mais três lâmpadas de LED, fazendo-me enxergar, além dos equipamentos montados e funcionando, um número enorme de engradados de madeira, provavelmente mais materiais de trabalho. — Me fale do que precisa.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo, sabendo que, a partir do momento em que o envolver nesta história, eu estarei infringindo leis e sendo cúmplice de todos os passos que ele der. Todavia, nada disso me importa neste momento, pois tudo o que eu preciso é achá-las.

— Eu estou procurando por duas pessoas sequestradas. — Minha voz treme ao dizer isso.

Ele arregala os olhos e toma um gole grande de sua cerveja, lembrando-me da minha intocada em minha mão.

— Alguém da sua família?

— Sim. — Tomo um gole da cerveja para desfazer o nó em minha garganta. — Minha filha. — Danilo parece tão assustado quanto eu fiquei quando soube. — É uma longa história, Dani — evito o assunto.

— Imagino que sim. — Seu computador liga, e ele começa a digitar comandos. — Quem é a PERIGOSAS ACHERON

outra pessoa?

— Giovanna Villazza. — Ele me olha de esguelha e sorri, assentindo. — Você vai precisar de fotos?

Danilo nega.

— Não se preocupe com isso! Daqui a dez minutos vou ter à mão milhares de fotos e até o histórico médico delas. — Eu respiro fundo, incomodado com a situação, mas continuo firme. — As pessoas confiam muito na rede, Nick, até as que dizem que não gostam de internet! — Ri. — Hoje em dia, tudo é online, desde um prontuário médico em um posto de saúde do interior a um de um hospital de ponta numa capital como a nossa. A rede tem tudo, basta saber procurar.

— É desconcertante...

— Você sempre foi muito certinho, Nick. — Bate na cadeira ao seu lado, indicando-a para me sentar. — Sabe se a família já acionou a polícia e se

os sequestradores entraram em contato?

— Sim.

— Hum, vamos ver, então. — Ele abre mais dois notebooks ao lado do seu desktop. — Ela pertence aos Villazzas dos hotéis, não é? — Eu assinto nervoso, querendo notícias. — Eles têm um sistema cascudo por lá, mas nada que eu não possa invadir.

Vejo-o digitando sem parar em uma tela preta de um dos notebooks enquanto o computador maior está fazendo uma pesquisa geral, com a palavra *search* brilhando o tempo todo.

— Eles sabem que você veio até mim? — Eu nego. — O sistema deles está bem amarrado, mas, pelo que eu já consegui ver, não rastrearam nada. Vou tentar por aqui. — Ele digita um número de telefone e invade a operadora de telefonia móvel.

Foi por isso que eu o procurei. Sei que os Villazzas têm sua própria equipe de segurança e

PERIGOSAS ACHERON

que possuem um diretor de segurança tão bom quanto Danilo, mas eles agem dentro da legalidade, ou seja, nunca invadiriam um sistema como Dani faz agora. Eu quero achá-las o mais rápido possível e, se para isso eu precisar quebrar algumas leis e regras, eu o farei.

— Quem a pegou ou pertence a alguma facção entendida de tecnologia, ou conhece os sistemas de rastreamento dos Villazzas e da polícia. Os manos são bons!

— Acha que será difícil conseguir algo rápido? — Ele nega. — Eu preciso achá-las, Dani. — Ele me olha, notando o desespero na minha voz. — Eu preciso das duas aqui, sãs e salvas, comigo.

— Vou fazer o meu melhor, Nick! — Eu agradeço e começo a lhe falar sobre o pagamento. — Não, *meu*, você é meu parceiro!

— Dani, é o seu trabalho, e eu sei que vai demandar muitas horas aí, além do risco que está

PERIGOSAS ACHERON

correndo...

— Nick, eu amo fazer isso aqui e, para você, nessas circunstâncias, posso correr o risco que for! Eu ainda lembro que tenho essa cara de galã porque você batia nos garotos para me defender, mano! — Eu rio ao me lembrar das brigas do colégio. — Você lutava por mim, agora me deixe fazer o mesmo por você!

Eu lhe dou um sorriso no exato momento em que a pesquisa aponta seu fim e uma sucessão de documentos é baixada. Danilo abre alguns deles, inclusive documentos em outros idiomas.

Contudo, nada me deixa mais vidrado do que a primeira foto que ele abre. Meus olhos se enchem de lágrimas, e meu coração fica descompassado ao olhar Giovanna rindo com uma garotinha de cabelos castanhos e olhos azuis agarrada em suas costas.

Minha filha! Eu vejo um sorriso que chega

PERIGOSAS ACHERON

até os olhos, fazendo-os ficarem levemente puxados, como os meus. Não resisto e toco a tela, passando um dedo sobre seu rosto, emocionado por vê-la pela primeira vez.

— Mia Andretti Villazza... — escuto Dani lendo seu nome com um tom curioso.

— Eu soube dela hoje, Dani. — Ele xinga. — Eu só soube dela porque tudo isso aconteceu... — Sinto-me tremer. — Eu preciso achá-la e tê-la comigo, porque, até este momento, eu nunca tinha visto seu rosto!

— Eu prometo fazer o possível para trazer as duas de volta para você. — Eu o olho agradecido. — Eu prometo, Nick. — Estende sua mão para mim, e eu a aperto com força.

— Eu não poderia confiar em mais ninguém para isso!

Levanto-me, tentando controlar a emoção que sinto dentro de mim, sabendo que esta noite será

PERIGOSAS ACHERON

longa e que eu ainda preciso resolver algumas coisas.

Despeço-me de Dani e vou em direção às escadas.

— Nick! — Volto-me para olhá-lo, e ele me estende algo. — Acho que você deve ficar com isso.

Eu sorrio, pegando a fotografia recém-impressa.

— Obrigado.

Saio do porão ouvindo o teclar rápido e incansável de Danilo e sinto confiança de que ele poderá achá-las mais rápido que qualquer outro.

Já dentro do carro, confiro meu celular e retorno as ligações de Carol.

— Nick! Pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Você sumiu no meio da nossa festa e me deixou...

— Carol — interrompo-a —, aconteceu uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

emergência, e eu tive que sair para resolver, mas não se preocupe, assim que tiver solucionado, eu prometo que irei conversar com você.

— É algo com *ela*, não é? — Sua voz demonstra desespero. — É isso, Nick? Ela voltou, e você já correu para...

— Não, Carol. — Bufo. — Eu só preciso de mais algumas horas para resolver tudo o que vim fazer e já te encontro.

— Mas...

— Por favor, Carol — peço, fechando os olhos, sentindo-me cansado e temeroso. — É importante.

— Está bem. — Embora ela diga isso, sua entonação demonstra que não está nada bem. — Eu te espero no Castellani.

Eu desligo e dirijo em direção ao prédio onde funciona a Rede Villazza América Latina e onde moram Frank e Isabella Villazza.

PERIGOSAS ACHERON

A portaria de entrada dos apartamentos fica do lado oposto à entrada principal do prédio comercial. Eu aperto o interfone e logo sou atendido pelo porteiro, mas não deixo de notar os seguranças do lado de dentro da porta de vidro.

— Sou Nicholas Smythe, eu preciso falar com Frank Villazza.

O porteiro me pede um minuto e depois libera minha entrada.

À porta, sou revistado por alguns seguranças enquanto um deles analisa minha carteira de motorista. Entro no elevador e aperto o botão da cobertura, controlando minha respiração e o nervosismo diante dessa situação.

O elevador se abre no hall de entrada do apartamento, e Frank está me aguardando com braços cruzados no peito e postura desafiadora.

— Nick Smythe! — cumprimenta-me sarcástico, mas, quando me aproximo, vejo seus
PERIGOSAS ACHERON

olhos vermelhos e cansados. — Eu nem pude acreditar quando me anunciaram sua presença.

— Não era óbvio que eu viria, Frank? — Ele levanta uma sobrancelha. — Eu poderia ter vindo antes, há três anos.

Noto-o ficar sem jeito, e isso só me confirma que ele sempre soube que eu sou o pai de Mia. *Filho da puta!* A vontade que tenho é de lhe socar a cara até que o seu famoso sorriso fique torto e deformado para sempre.

— Mas estou aqui agora e gostaria de acompanhar todo o trâmite com vocês. — Ele parece surpreso. — Ela é minha filha, Frank.

Ele assente.

— Os policiais estiveram aqui com Tony, e agora somente o Constantino está tentando rastrear algo. — Ele me pede para acompanhá-lo. — Minha mãe voltou de sua casa, e eu achei melhor ter uma enfermeira com ela, pois estava muito emocionada

e preocupada. Ela está medicada. — Eu assinto, notando a aparelhagem de Constantino parecida com a de Danilo. — Constantino, esse é o Nicholas. — Ele me cumprimenta com a cabeça sem tirar os olhos da tela do notebook. — Ele tem monitorado todo o tipo de rastreamento que temos. Encontrou o carro, que está queimado, e tenta agora localizar Giovanna através de um chip — ele me mostra seu ombro — que implantamos há algum tempo.

Fico atento a essa informação, pois será útil ao Danilo. No entanto, deixo de prestar atenção à fala de Frank quando avisto o mesmo homem que estava com Giovanna na semana passada falando ao celular em italiano e andando de um lado para o outro.

— Guido! — Frank o chama, e ele faz um sinal para esperar um pouco, mas logo desliga o telefone. — *Babbo?*

— *Sì. Lui sospetta che qualcosa non va* — Frank pragueja. — Ele me disse que os protocolos de segurança foram ativados aqui no Brasil e quer saber o que está acontecendo.

— *Cazzo!* Mamãe não lhe disse nada, pois está preocupada com sua reação sozinho lá em Roma. Ele tem quase oitenta anos, Guido!

Guido parece me notar nesse momento, parado no meio da sala, observando a conversa dos dois. O homem é tão alto quanto eu, forte como um touro bravo, com os cabelos avermelhados e olhos castanhos.

— *Questo è il maledetto?* — Eu rio quando ele faz essa pergunta a Frank.

— *Sì, sono io.* — Ele arregala os olhos, obviamente constrangido. — *Non stupitevi, io parlo italiano molto bene. Procedere.*

Frank gargalha, e eu o fuzilo com os olhos.

— Guido, este é Nicholas Smythe, o pai da
PERIGOSAS ACHERON

Mia. — As pupilas dos olhos do homem brilham de raiva encarando-me, e eu retribuo o olhar. — Nicholas, este é Guido Andretti, meu primo.

Primo?! Eu levanto as sobrancelhas ao constatar que ele está aqui porque faz parte da família, não por ter algum tipo de relacionamento amoroso com Giovanna.

Não que eles não possam ter, uma vez que há vários primos por aí que namoram e se casam, mas... Eu balanço a cabeça, puto, ao pensar que estou perdendo tempo analisando o tipo de relacionamento que Giovanna e ele têm. Eu não preciso saber disso!

— Desgraçado! — Constantino xinga, e nós três olhamos de forma assustada para ele. — Há um hacker tentando invadir nosso sistema. — Eu penso em Danilo. — O filho da puta acha que consegue entrar e... desgraçado! — ele quase grita, e eu tenho vontade de rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve? — Frank corre para perto dele.

— Sumiu! — O homem arregala os olhos. — O desgraçado sumiu!

— Não deve ser nada! Ele deve ter visto que não conseguiria e desistiu... — comento para tentar desviar sua atenção.

— Não... Eu sei que ele está por aqui. — Digita freneticamente. — É... — Olha-me. — Parece que desistiu mesmo!

Eu sei como Danilo trabalha, pois é um dos raros hackers que não gosta de deixar rastro e nem assinatura. Ele invade, faz o que tem de fazer e some.

Não gosto de deixar todos ainda mais nervosos com essa situação, mas também não quero envolvê-los com o que Dani e eu estamos fazendo, pois, se algo der errado, somente nós dois vamos responder, sem envolver os Villazzas.

PERIGOSAS ACHERON

— Frank? — Isabella o chama vestida com um penhoar. — Alguma... Nick?

Antes que eu a cumprimente, Frank marcha até ela e a arrasta para fora da sala.

Eu confiro as horas no meu relógio, pois o dia já começa a clarear lá fora, e eu terei de dar notícias a Gil e ao Bernardo. Sento-me no sofá da sala de Frank disposto a ficar aqui o tempo que for necessário até ter notícias delas.

Capítulo VI

Nicholas

A cobertura do edifício Villazza está um verdadeiro pandemônio. Assim que amanheceu, vários policiais chegaram para conversar com a família e entrevistaram um a um, inclusive a mim. Além disso, há um clima triste e pesado por hoje ser o aniversário de Giovanna e ela estar sob posse de bandidos.

Já se passaram mais de 12 horas que os sequestradores entraram em contato com Tony e, desde então, nenhuma ligação mais foi feita. Nesse tempo, eu fiquei aqui na sala de Frank, acompanhando a luta de Constantino para conseguir pistas e me comunicando com Dani por um aplicativo seguro.

Meu amigo está acessando cada câmera de

PERIGOSAS ACHERON

segurança dentro da rota que Giovanna tomou a caminho do parque Villa-Lobos. Assim que Dani conseguiu acessar a rota pelo GPS do carro dela, começou a invadir os sistemas da prefeitura, do governo e até de edifícios e estabelecimentos comerciais que transmitem as imagens online.

Sinto meu celular vibrar e confiro mais uma mensagem dele, sentindo os pelos do meu corpo arrepiarem.

Nick, foram duas motos. Elas estavam paradas no sinal, e eles atacaram de repente. Um deles tomou a direção do veículo. Estou acompanhando.

Eu preciso respirar! Levanto-me de supetão e vou até a varanda da cobertura. Seguro no muro gradeado — provavelmente por causa das crianças — e puxo o ar profundamente. Porém, não consigo

impedir que as lágrimas rolem ao imaginar o que elas passaram.

— Nick? — Sinto Isabella pôr uma das mãos em meu ombro. — Nós vamos achá-las, tenha fé. — Eu assinto. — Eu sinto muito que você não tenha sabido antes... — Eu a encaro. — Eu não tinha certeza. Gio nunca admitiu que o bebê era seu, e como vocês já estavam há algum tempo separados...

— Tudo bem, Isabella. — Eu tento sorrir para tranquilizá-la. — Não estou preocupado com isso agora.

Ela assente.

— Se precisar conversar, eu estou aqui, viu? — Sorri para mim. — Você sabe que tenho muito apreço...

— Bella? — Frank a chama.

Ela rola os olhos, e eu sorrio novamente.

— Vocês dois poderiam tentar se entender

pelo menos neste momento, não é? — Ela se vira para o marido. — Oi, Frank.

— As crianças estão lá embaixo com a Marina. Você não acha que deveria estar lá com elas?

— Há três babás com elas, Frank. — Respira fundo. — Nick, se precisar, é só chamar. — Eu agradeço, e ela vai ao encontro dele.

Giovanna nunca admitiu que eu era o pai de Mia. Eu tento entender por que ela me excluiu da vida de minha filha. Por que me negou esse direito? Por que nunca me procurou?

Entretanto, o que eu disse a Isabella é sincero, neste momento, tudo o que eu quero é achá-las, então minha preocupação sobre essas respostas está completamente sobrepujada pela necessidade de tê-las a salvo.

Meu telefone vibra mais uma vez, e eu me preparo para a notícia de Dani, porém, não é uma

PERIGOSAS ACHERON

mensagem, e sim uma ligação de um número restrito. Estranho, mas atendo.

— Pronto!

— *Estamos com sua filha.* — Meus pelos se arrepiam. — *Se quiser tê-la de volta, siga nossas instruções...*

A ligação cai, e eu solto o fôlego, olhos vidrados e coração retumbando. Eles sabem que Mia é minha filha!

Ligo imediatamente para Dani e conto o que houve, e ele diz que vai tentar rastrear meu celular. Eu entro na sala à procura de Frank, mas não o vejo. Sinto meu corpo gelado, e a voz mecânica, de computador, ainda ecoa em meus ouvidos.

Tony está com Constantino enquanto os dois policiais estão conversando com Guido.

— Tony! — Ele me encara. — Acabei de receber uma ligação. — A sala fica em silêncio. — Quem quer que seja, sabe quem eu sou e que Mia é PERIGOSAS ACHERON

minha filha.

Tony xinga, e Constantino franze a testa.

— Já consideramos Klaus Schneider? —
inquiri.

— Quem é Klaus Schneider? — um dos
policiais, cujo nome não lembro, pergunta-me.

Nesse exato momento, Frank entra na sala e
percebe o clima tenso.

— O que houve?

— Nick recebeu uma ligação e diz que eles
sabem sobre a paternidade de Mia! — Tony
balança a cabeça. — Nem eu sabia até hoje!

— Klaus? — Frank me encara, chegando à
mesma conclusão que eu. — O homem estava
sumido... Constantino?!

— Sim, Frank. Nós não o localizamos em
lugar algum quando o procuramos há três anos.
Mas é o mais provável.

O policial repete a pergunta sobre Klaus, e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Frank lhe explica quem é o homem. Eu digito uma mensagem para Dani, informando o nome do nosso suspeito. Em seguida, ligo para casa.

— Mamãe!

— Nick! — Ela parece ofegante. — Nick, que loucura é essa? — Não, minha mãe está chorando mais uma vez por causa de Giovanna. Crispo a mão. — Eu tenho uma neta, Nicholas? E ela está em perigo?

— Sim, mãe. Mas se acalme, por favor. Nós vamos achá-las e trazê-las de volta e então, vamos conhecê-la.

Ela soluça ao telefone.

— Seu pai está nervoso, Nick. Já ligou para meio mundo, chamou até um detetive aqui...

— Deixe-me falar com ele, mãe. — O telefone é passado para Gilberto. — Pai, eu já tomei medidas extras, não se preocupe.

— Seu amigo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Ele sempre soube dos serviços do Dani. — Eu recebi uma ligação. Eles não falaram de Mia no primeiro telefonema porque querem que eu pague. — Gil blasfema. — Eles sabem que eu sou o pai dela.

— Como, Nick? Nem nós sabíamos!

— Klaus Schneider. — Mais xingamentos. — Pai, se você sabe qualquer coisa sobre esse homem que possa nos ajudar...

— Nick, eu não o vejo há décadas! Todas as vezes em que ele me chantageou, foi o próprio Klaus quem entrou em contato comigo. Eu não sei nada da vida que ele levou nesses últimos anos. — Ele respira fundo. — Mas, Nick, eu não creio que seja ele.

— Por que não?

— Está tudo muito bem elaborado, não acha? Acho que Klaus não teria inteligência ou mesmo recursos financeiros para executar esse plano.

PERIGOSAS ACHERON

Com isso, sou obrigado a concordar com meu pai. Todavia, quem poderia ser senão ele? Quem poderia saber do meu relacionamento com Giovanna, bem como sobre a paternidade de Mia?

— Ainda não há novidades?

— Não, pai. Assim que houver, entro em contato novamente.

— A Carol está aqui, Nick. — Eu fecho os olhos. — Chegou há pouco dizendo que você ainda não tinha ido se encontrar com ela no Castellani.

— Vocês disseram a ela?

— Não sobre Mia. Tudo o que ela sabe é que Giovanna sumiu. — Ri um pouco. — Acho que não conversar com ela é pior, Nick. A moça está uma pilha por você estar envolvido em algo relacionado à minha filha.

— Assim que as coisas começarem a caminhar aqui, eu vou até aí. Obrigado por estarem fazendo companhia a ela.

— Ache minha filha e minha neta, Nick —
sua voz está embargada.

— Eu vou, pai. Eu juro que vou.

Já se completaram mais de 24 horas que Giovanna e Mia foram levadas, e não há sinal de nenhuma delas. Frank e eu não conseguimos almoçar, ficando na sala de estar o tempo todo aguardando alguma notícia da polícia ou de Constantino — e, no meu caso, de Daniel.

Os mandados para as câmeras de segurança serem acessadas saíram há algumas horas, mas eu nem me importei muito com eles, pois já estávamos monitorando cada uma delas desde o começo da manhã.

Meu celular vibra.

N, eu consegui segui-los. O rastreamento do GPS do carro mostra que eles seguiram para a Marginal Tietê, e eu consegui acessar uma câmera de um galpão próximo de onde o carro parou. Eles pegaram a Rodovia Ayrton Senna com elas. Estou tentando ver a placa do carro.

Vou até onde os investigadores estão e olho o grande mapa de São Paulo aberto em cima da mesa. Todos ainda trabalhávamos com a hipótese de elas estarem dentro da capital, mas, ao que parece, os bandidos são bem ousados e, ao invés de se entocarem por aqui, resolveram ir para longe.

Acompanho a rodovia com o dedo, vendo todas as cidades que ela corta ou dá acesso. São muitas! Vou até o Constantino.

— O GPS mostrou que o carro ficou parado por alguns minutos numa transversal da Marginal Tietê. Será que não foi nesse momento que

PERIGOSAS ACHERON

trocaram de carro?

— Provavelmente — Constantino concorda.
— Se eles pegaram a Presidente Dutra, podem estar no Rio de Janeiro a essa hora.

— Não creio que se arriscariam a ir tão longe. — Sento-me ao seu lado. — Constantino, eu tenho alguém trabalhando comigo.

Ele ri.

— O hacker que tem invadido meu sistema o dia todo? — Eu confirmo. — O que ele achou?

— Trocaram de carro e seguiram para a Ayrton Senna. — Ele balança a cabeça e mexe em seu computador. — Ele é bom, Nicholas. E eu o invejo nesse momento por poder fazer mais do que eu.

— O que ele tem feito é ilegal, por isso mantive silêncio.

— Eu sei, e tem minha total discrição também. — Ele olha para os policiais. —

Esquadrinhei todas as antenas ao longo da rodovia e... — Abre um sorriso. — *Collocato!* Perdi o sinal dela entre Jacaré e Santa Branca.

Eu fecho os olhos em agradecimento.

Constantino chama os policiais e lhe mostra seu rastreamento e, imediatamente, o comunicado é passado aos agentes em busca. Navego pelo mapa de meu celular vendo algumas propriedades rurais e um vale próximo ao que parece ser uma represa. Mando um *print* da área para Dani e, em seguida, recebo uma mensagem de volta.

Não há câmeras online nesse local. Provavelmente, não há sinal de celular e nem internet. O local perfeito! A última imagem que consegui foi de quando saíram da estrada principal.

O telefone de Frank toca, e Constantino pede

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele deixe tocar e depois faz sinal para que ele atenda.

— Alô. — Ele confirma com a cabeça, e todos ficam em silêncio. — Não, estamos apenas nós. Eu não... Tudo bem. — Afasta o telefone e olha para seu funcionário. — Pare o rastreamento. — Constantino se nega, mas Frank grita, e eu faço sinal para ele parar, pois sei que Dani tem os celulares de todos aqui grampeados. — Pronto. Quando? Sim, é possível. Eu gostaria de falar com...

Frank se irrita e atira o telefone longe.

— *Il figlio di puttana* desligou! Como ele sabia de você? — Constantino dá de ombros. — Ele sabia exatamente que estávamos aqui com seu equipamento monitorando tudo! Vão negociar o resgate em breve... Por que não falam quanto querem de uma vez?! — Bufa. — Conseguimos algo nesse tempo?

PERIGOSAS ACHERON

Constantino nega, mas me olha, e eu mando uma mensagem para Dani enquanto Frank enlouquece. Antes que a resposta chegue, o celular jogado em cima do tapete apita, e um dos policiais o pega.

— Merda! — Ele mostra o celular para o Frank, e eu saio correndo para ver o que é. É uma foto de Giovanna amarrada e vendada no chão de cimento de um lugar escuro.

Frank e Tony se desesperam, e eu sinto meu corpo inteiro tremendo de raiva e de medo.

Recebo uma mensagem de Dani me informando que rastreou a ligação e que partiu de um número de celular cujo proprietário não está cadastrado, provavelmente um chip comprado recentemente, e o sinal veio da capital, do meio da Paulista.

Eu vou até o banheiro e jogo água em meu rosto, pois estou há mais de trinta horas sem

PERIGOSAS ACHERON

dormir. Já anoiteceu, e meu desespero só aumenta. Eu preciso achá-las o mais rápido possível!

Pego a foto que Dani imprimiu para mim. Giovanna e Mia estão juntas nela, felizes, e eu quero vê-las assim de novo. Passo os dedos no rosto pequeno de minha filha e, sem resistir mais, faço o mesmo no de Giovanna. Lembro-me da Carol e decido ir para casa por no máximo uma hora e resolver os assuntos pendentes à minha espera.

Chego à casa dos meus pais na hora do jantar e, como estão todos reunidos na sala, subo direto para o meu quarto e tomo um banho. Quando desço, vejo Carol sentada ao lado de minha mãe, e Bernardo está no outro sofá assistindo ao noticiário.

— A imprensa ainda não falou nada sobre o
PERIGOSAS ACHERON

que aconteceu com Giovanna — ele comenta com elas, ainda sem me ver. — Não sei se isso me alivia ou me deixa agoniado.

— A família achou que assim era melhor — informo ao entrar, e todos me olham assustados. — Boa noite.

— Nick! — Bernardo corre ao meu encontro. — Alguma notícia? Já as acharam?

— Ainda não, mas estamos perto. — Cumprimento minha mãe e beijo Carol. — Desculpe por ontem, mas é que...

— Eu não entendo o motivo pelo qual você está acompanhando isso tudo, Nick. Se fosse o Bê, eu entenderia, mas você?

— Vamos conversar no escritório, Carol.

— Não! Acho que todos aqui queremos saber o que você...

— Todos já sabem, Carol. — Eu respiro fundo. — Havia uma criança com Giovanna. — Ela

PERIGOSAS ACHERON

arregala os olhos, e eu compreendo seu espanto, uma vez que Carol é pediatra e se preocupa muito com o bem-estar de seus pequenos pacientes. — O nome dela é Mia, tem pouco mais de dois anos. — Carol não tem expressão. — Ela é minha filha, Caroline.

Ela nega com a cabeça, mas não diz nada.

— Eu não tenho dúvidas, Carol. Eu vi uma foto dela hoje. — Sorrio ao pensar na menininha nas costas de Giovanna. — Ela se parece comigo, principalmente o sorriso. — Minha mãe tem lágrimas nos olhos, mas Carol continua sem se mover, sem expressão e quase sem respirar. — Foi por isso que me envolveram.

Encara-me, séria.

— É só por esse motivo, Nick? Pela criança? — Eu não posso mentir para ela, mas, ao perceber minha expressão, ela não me deixa responder. — Ela escondeu isso durante todos esses anos, não

foi?

Eu assinto.

— Uau! Giovanna Villazza deve odiá-lo muito, não é? — diz baixinho. — Primeiro, aquele plano de destruir vocês usando seus sentimentos para prejudicar a Novak, agora, esconde que teve uma filha sua!

Ouvir essas palavras me fere, porque isso tem sido como um espinho em mim durante todo esse tempo. Giovanna me usou para se aproximar da minha família e levar a cabo seu plano de vingança e, depois disso, ainda me negou o direito de conhecer, de saber da existência de Mia. Todavia, independentemente disso, tudo o que quero agora é tirá-la daquele local onde se encontra amarrada, poder conversar com ela e ser o pai que minha filha não teve durante esses anos.

— Isso não importa agora, Carol — é minha mãe quem afirma. — Nick, você precisa comer

PERIGOSAS ACHERON

algo. — Levanta-se e pega minha mão.

— Mãe, eu não sei se consigo...

— Tem que conseguir! — Ela praticamente me arrasta para a copa. — Precisa pensar em estar forte quando as localizarem!

Eu concordo.

— Onde está Gil?

Ela respira fundo.

— Foi até o apartamento de Frank Villazza. — Eu ergo as sobrancelhas. — Eu não pude mais segurá-lo aqui. Você veio, e ele foi... — Dá de ombros e, em seguida, conversa com Mari sobre minha comida.

Eu como apenas o suficiente para estar bem, pois não tenho nenhum apetite, permaneço nervoso, conferindo o celular a cada minuto. O cansaço faz com que meus olhos ardam e minha cabeça doa, mas eu me recuso a dormir um pouco.

Subo para o meu quarto e vejo Carol

PERIGOSAS NACIONAIS

dormindo na minha cama. Faço o mínimo de barulho possível para não a acordar, mas, quando estou saindo, meu celular toca.

— Oi, Dani — saúdo baixinho, fechando a porta.

— Localizei o desgraçado, Nick! — Eu estanco no meio do corredor, ouvindo as risadas de vitória de Danilo. — O filho da puta não é tão esperto quanto imagina! O burro ligou para o Frank da rua com mais câmeras de São Paulo! — Gargalha. — Só precisei da localização, do horário e de invadir alguns sistemas de gravação de vídeo e *voilà!* Eu te mandei a fuça do desgraçado!

Eu desligo e olho a foto, sentindo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem ao reconhecer o homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VII

Giovanna

Eles voltaram a me amarrar, amordaçar e vendar. Entraram de repente na sala, deram-me água e fizeram o serviço, jogando-me no chão logo após e retirando a cadeira na qual eu estava sentada.

Ouvi o som de uma câmera tirando fotos e imaginei que eles já estivessem pedindo o resgate. Eu quis perguntar sobre minha filha, se eles a estavam tratando bem e como ela estava, visto que é praticamente um bebê e deve estar muito assustada. Não me deram a chance de perguntar, e é por isso que eu sinto mais e mais lágrimas encharcando a venda sobre meus olhos.

Eu penso em como deve estar minha família, minha mãe principalmente, e se ela e Frank já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procuraram Nick e lhe contaram sobre Mia. Os dois são os únicos que sabem a verdade e, devido ao que aconteceu, com certeza, pediriam ajuda a ele.

Eu, sinceramente, espero que tenham sido eles a contar para Nick que ele tem uma filha, e não aquele filho da puta! Como eu fui burra e ingênua! Nunca desconfiei nem por um momento que ele pudesse estar por trás de tudo o que eu fiz, por trás de Klaus.

Contudo, agora tudo faz sentido, pois, depois que ele me contou sobre a adoção, cuspiendo em minha cara que eu não tinha o sangue dos Villazzas, que era uma vira-lata de quem eles tiveram pena e levaram para casa, certamente ele foi mais fundo na história e conseguiu localizar Klaus. Não foi sorte ou acaso eu ter descoberto sobre Ana e Gilberto, foi ele!

Ouçó o som da porta sendo aberta e de uma cadeira sendo arrastada.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, bem... Maria Gilda Bohem! — Sua voz ecoa dentro do recinto e me faz ter calafrios. — Acabamos de completar 24 horas juntos, e sua família já está bem desesperada. Eles vão adorar a foto que tirei de você! — Sinto sua presença perto de mim. — Sabe que eu estou pensando em mandar algo mais para eles? — Pega em minha orelha. — Quem sabe uma orelha com seu brinco nela? — Ele retira a joia. — Vai deixá-los bem assustados, não vai?

Eu me contorço ao sentir suas mãos deslizando sobre meu corpo, sentindo repulsa e ódio.

— Ah, não seja tão puritana agora! — Ri. — Eu me lembro bem do seu corpo se contorcendo contra o meu, excitado e quente. — Sinto náuseas ao lembrar que aquele homem já me tocou. — É uma pena que eu não tenha mais nenhum tesão em você, porque, senão, poderia lhe dar essa alegria.

— Ri. — Eu sei que há muito tempo você não transa, não rolou com o italiano, não foi?

Meu coração dispara ao me dar conta de que ele esteve me observando durante todo esse tempo, que sabia de Enzo, o único relacionamento que tive depois de Nicholas.

Enzo e eu nos conhecemos em Roma. Ele trabalha na Rede como assessor de imprensa e é um homem muito bonito. Fizemos amizade, mas, com a convivência, acabamos nos aproximando mais, até que eu decidi que era hora de esquecer o Nicholas e seguir em frente.

Começamos a nos encontrar para almoçar, e só depois que ele conheceu Mia e que vi que parecia gostar de crianças e ter paciência com elas é que resolvi aprofundar a relação.

Namoramos por três meses, até eu aceitar ir trabalhar com Tony em Nova Iorque. A distância nos impediu de levar o relacionamento adiante e,

PERIGOSAS ACHERON

como minha prioridade sempre foi minha filha, eu não tive mais tempo — ou disposição — de iniciar mais nenhum envolvimento.

Minha venda é retirada, mas ainda assim não consigo enxergá-lo direito, pois a luz dentro deste ambiente é muito parca.

— Me confesse algo, Giovanna! — Ri. — Quem foi o melhor? Nick ou eu? — Ele põe a mão sobre minha boca com a mordaca. — De minha parte, posso dizer que você não foi nem de longe a melhor transa que já tive. Muito cheia de não me toques, mandona e fria. Mas, como eu tinha um interesse maior que meu próprio prazer, quis continuar com você mesmo depois daquela noite ruim.

Consigo ver seus olhos claros vidrados em cima de mim.

— Mas você, muito vadia, decidiu me ignorar e desprezar com aquele seu ar de princesa.

— Gargalha. — Foi uma delícia contar que você não era uma Villazza! Tão bom quanto ver Gilberto quase morrer e Nick ficar tão perdido quanto um cachorro de rua. — Ele fica sério. — Foi uma jogada de mestre eu ter ido investigar sobre você! Quem diria que eu conseguiria matar dois coelhos com uma paulada só?

Ele se levanta e acende a luz. Meus olhos doem, mas eu encaro seus olhos azuis gelados, seu rosto branco e seus cabelos loiros, embora bem mais grisalhos do que quando nos conhecemos.

— Imagine! Eu queria somente achar uma história bem cabeluda para expor sua família perfeita e certinha e acabei descobrindo que você era o segredinho sujo do Gilberto de Toledo, outro filho da puta que tentou me prejudicar!

Ele retira minha mordaca e derrama água sobre minha boca.

— Está com fome, *princesa*? — Eu lambo

PERIGOSAS ACHERON

a água que escorre pelo meu queixo e molha minha roupa. — Eu tenho uma iguaria para você! Pensou que eu fosse esquecer seu aniversário?

Finalmente, vejo um prato descartável ao seu lado, no chão. Meu estômago embrulha ao ver carne crua, que, ao que parece, é fígado de boi. Estou sem comer desde que eles me pegaram, e a visão desse prato me faz ter ânsia de vômito.

— Parabéns! — exclama em deboche enquanto empurra a carne para mais perto de mim. — Ficarà à sua disposição, mas não demore muito, pois você pode ter que disputá-la com ratos e baratas.

— Eu odeio você! — rosno ao sentir a bília subir à minha garganta.

Ele gargalha e segura meu queixo para olhar em meus olhos.

— Não mais do que eu odeio a todos da sua família. — Aperta a mão. — Não mais do que eu
PERIGOSAS ACHERON

odeio seu pai e seu querido Nicholas. Eles tentaram me destruir...

— Você é louco! — Cuspo em sua cara, e ele revida com um tapa.

— Eu? — Ri. — Louco é aquele seu irmão cheio de manias, sofrido pela esposa em coma, mas que, por causa do dinheiro que tem, conseguiu até uma mulher gostosa para casar. E o Frank? Por que todos me julgavam, me condenavam e a ele não? Dinheiro!

— Não... Mesmo que eles não tivessem dinheiro, você continuaria não chegando aos seus pés!

— Veremos! — Ele apaga a luz e caminha para a saída.

— Hans... — eu o chamo. — Eu quero saber da minha filha. Ela é só um bebê inocente...

— Ninguém de sua família é inocente, Giovanna. — Eu tremo ao ouvir suas palavras. —

Mas não se preocupe, pois Mia é meu trunfo. Com ela, vou conseguir tudo o que quero: dinheiro e o sangue do Nicholas.

— Não, Hans... Não faça isso! — grito, mas escuto a porta batendo.

Acho que desmaiei novamente, pois, quando acordo, o prato com a carne crua não está mais perto de mim e a luz do cativeiro está acesa. Levanto-me devagar, pois estou com as mãos e pernas amarradas, e vejo Klaus em um canto, tomando cachaça direto da garrafa e me olhando.

— Klaus. — Choro ao pensar que já o considerei um amigo. — Klaus, minha filha...

— Ela está bem! — ele fala enrolado. — Quer beber algo? — Mostra-me sua garrafa. Eu nego. — Sua menina se parece com você quando

PERIGOSAS ACHERON

era bebê, quando ainda era Maria Gilda. Só os cabelos dela que são um pouco mais escuros.

Eu sorrio ao pensar em minha filha.

— Isso tudo que está acontecendo é culpa sua, Giovanna! — Ele toma um gole da cachaça. — Se você tivesse seguido com o plano de destruir a Novak, nada disso estaria acontecendo.

— Foi você quem mandou publicar aquele artigo, não foi?

— Foi, mas confesso que fiz merda! — Ri. — O Baden ficou tão puto que achei que fosse me matar. Mas, porra, Gilberto ia continuar na vida de luxo enquanto eu ficava aqui, na merda?! Não era justo ele ser rico e, ainda por cima, se tornar governador! Quando ele não pagou, mandei os documentos para o jornal.

— O Hans não planejou mandar?

— Não! O Baden sempre quis destruir a Novak e sabia que você poderia fazê-lo movida

pela vontade de vingança.

Fecho os olhos sentindo-me realmente o peão que eles apenas usaram.

— Por que, Klaus? — Ele me olha sério. — Se você queria dinheiro, eu tinha mais do que o Hans... — Uma ideia se passa em minha cabeça. — Eu tenho mais do que ele! Posso te pagar...

Ele gargalha e se desencosta da parede.

— Eu gosto muito de grana, Giovanna! Mas o assunto entre nós supera tudo isso. — Ele se agacha e me olha fixo nos olhos. — Eu gostava dela, sabia? — Eu não estou entendendo do que ele está falando. — Da sua mãe, Ana Bohen. — Arregalo os olhos. — Eu gostava dela, mas a achava doce demais para um tipo como eu, mais velho, xucro e apenas um peão de lida. Eu achava que ela era um anjo. — Ri. — Até descobrir que não passava de uma puta! — A raiva brilha em seus olhos. — E o pior, a puta *dele!* — Klaus se refere a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gilberto com tanto desprezo e rancor que fico apavorada.

— Ele não a estuprou como você me fez acreditar...

— Não! Claro que não! — Ri sarcástico. — Ela, como todas as outras moças da região, se jogava aos pés dele sempre que ele aparecia. O filho de roceiros que venceu na vida! Alfabetizado aos dez anos de idade, mas que conseguiu entrar na faculdade e arranjar emprego numa grande empresa de São Paulo! O Gil era quase uma lenda... aquele filho da puta! — Eu sinto cuspidas baterem em meu rosto, e seu bafo de cachaça chega às minhas narinas. — Ana se encantou por ele e se jogou em sua cama na primeira oportunidade achando que ele iria levá-la para a cidade grande com ele. Mas aí ele se arrependeu... e ela ficou para trás! E o pior, grávida!

Suas palavras me ferem.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando ela descobriu, já com a barriga a aparecer, entrou em contato com ele e quis se matar quando descobriu que o rufião já estava de casamento marcado com a herdeira da família Novak. Foi aí que eu vi minha oportunidade!

— Você nos tirou tudo o que ele nos deu. — Eu já havia pensado nesse assunto tantas e tantas vezes, imaginando como tudo teria sido diferente caso ele não tivesse feito o que fez. — Você nos deixou sem nada! E ainda tem coragem de dizer que gostava de Ana!?

— Gostava, sim! — grita. — Mas ela não queria nada comigo! Tudo o que fazia era cuidar daquele bebê chorão. Eu quis ficar com ela, mas a vadia me rejeitou, então dei um jeito nela! — Arregalo os olhos diante do que ele confessa. — Não! — Ri. — Não a matei! Só usei seu corpo até me saciar tantas e tantas vezes que, quando acabei, ela não conseguia se mover!

Eu posso sentir em mim a dor desse ato execrável que ele me revela, e lágrimas de pesar, por Ana, escorrem por meu rosto. É inimaginável mensurar o que ela passou ao ser abusada por ele! Eu sinto ganas de matá-lo com minhas próprias mãos por isso, mas só soluço ao pensar que eu achava que ele a amava como irmã. Ele fingira muito bem, até quando, a meu pedido, há uns anos, entrou com o processo para o traslado dos ossos de Ana do cemitério onde se encontrava, numa cidade pequena no sul do estado de Santa Catarina, para a cidade natal dela, Campo Novo, no Rio Grande do Sul.

— Depois disso, fui embora e, quando retornei, você já tinha sumido, e ela estava morta. Soube que ela vagou pelas ruas por um tempo com você no colo, mas depois conseguiu abrigo, mas já estava doente. — Eu tenho vontade de tapar meus ouvidos, mas estou com as mãos amarradas. — Foi PERIGOSAS ACHERON

com o casal que a contratou como empregada que eu consegui aquelas últimas fotos de vocês duas juntas. Dois meses depois que foi contratada por eles, ela piorou e morreu.

— Eles não quiseram ficar comigo? — É muito doído escutar tudo isso e saber que, durante muitos anos, eu odiei o homem errado.

— Eram idosos e não tinham paciência para cuidar de um bebê, foi por isso que te mandaram para o lar. — Ele fecha os olhos como se estivesse lembrando de algo. — Eu fui até lá, mas não consegui nenhuma informação sobre você.

— Chega! — eu imploro. — Chega de me contar essas coisas! — Desespero-me. — Eu pago o que for preciso, Klaus! Te faço um homem rico, mas, por favor, só quero que leve minha filha até minha família...

Ele se levanta.

— Eu sinto muito, Gio. — Dá de ombros. —

Eu não sei onde Baden escondeu sua filha... — Meu corpo inteiro gela. — Ela não está aqui conosco!

Eu começo a me contorcer e a gritar, e ele, que estava com a mão na maçaneta da porta, volta para me conter.

Porém, antes mesmo que consiga chegar até mim, escuto barulhos de tiros, e ele se joga no chão, arrastando-se para me alcançar.

— Merda! A polícia deve ter nos descoberto!

Eu sinto medo e alívio, pensando somente se Mia está em segurança. Não me importo com o que irá me acontecer, mas ela tem de estar bem, é tudo o que eu quero.

Grito o mais alto que posso para chamar-lhes a atenção, mas então sinto a mão de Klaus sobre minha boca.

— Cala a boca! Estamos no porão, idiota, eles não vão ouvi-la. — Ele passa o outro braço em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta do meu pescoço, apertando com força.

Tento me desvencilhar dele, mas, quanto mais me contorço, mais ele me aperta. Respirar se torna cada vez mais difícil, e eu já não consigo focar em mais nada embora meus olhos continuem abertos. Sinto a sensação de leveza, como se estivesse flutuando em uma nuvem.

Ainda tenho um resto de consciência quando o sinto me colocar de pé e começar a me arrastar com ele, para depois parar abruptamente. Consigo, por fim, inspirar um pouco de ar e, antes de tudo escurecer, vejo um homem uniformizado com uma arma na mão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VIII

Nicholas

Hans Baden!, é o nome que martela minha mente enquanto vou subindo dentro do elevador até a cobertura de Frank. *Hans Baden!* Eu nunca, em nenhum momento, desconfiei que esse homem estivesse envolvido. Nunca!

No entanto, não há dúvidas! O vídeo que Dani me mandou mostra claramente quem é o homem falando ao telefone e, em seguida, entrando em um edifício-garagem, jogando o celular no lixo antes de entrar.

As portas do elevador se abrem, e eu noto o clima tenso e agitado de todos aqui, pois Frank anda de um lado para o outro falando ao telefone enquanto Tony conversa, nervoso, com um policial. Avisto meu pai falando com Silvia Villazza e uma

PERIGOSAS ACHERON

moça miúda e muito branca.

Gilberto é o único a notar minha presença.

— Nick! — Ele praticamente corre até onde estou. — A polícia conseguiu localizá-las, Nick!

Por um momento, não acredito no que ele me fala, sentindo meus ouvidos zunirem e minhas pernas bambas.

— Eles seguiram a pista que Constantino passou aos policiais depois que rastreou o chip dela. — Na verdade, se não fosse Dani dando as coordenadas para Constantino, esse não teria conseguido essa pista. — Encontraram uma fazenda afastada no meio do vale e próximo ao Paraíba do Sul. Interrogaram algumas pessoas do entorno e descobriram que ela estava fechada há anos, mas, na semana passada, começaram a perceber movimento de carros.

— Eles têm certeza de que é lá que elas estão? — Sinto-me esperançoso e, por um

PERIGOSAS ACHERON

momento, esqueço-me até do assunto que vim tratar com os irmãos Villazzas.

— O lugar não passa de uma choupana, Nick.
— Ele baixa o tom de voz e se aproxima. — Constantino o esquadrinhou via satélite, e está tudo em ruínas, só há um pedaço de telhado de pé.

— O lugar perfeito! — Eu fecho os olhos e faço uma prece pedindo para que não seja o local errado. — Eu quero o endereço! Eu vou até...

— Pode esquecer, *franguinho*! — Frank ladra do outro lado da sala. — Estamos aqui travando guerra com a polícia, pois queremos o mesmo que você: acompanhar tudo! Porém, eles acham que vamos atrapalhar.

— Senhor Smythe — um dos policiais me chama —, temos tudo sob controle, não se preocupe. Uma equipe já cercou a área, e temos até um negociador no local.

Eu aquiesço, fingindo que compreendi, mas
PERIGOSAS ACHERON

basta que o policial vire as costas para eu mandar uma mensagem ao Dani, solicitando o endereço.

O assunto Hans Baden é importante, mas, devido às últimas informações, ele pode esperar. Aproximo-me de Constantino e não pergunto sobre o local que ele achou sem autorização dos policiais, mas ele sorri para mim, cúmplice.

— Você tem certeza de que fará isso?

— Não estou fazendo nada! — desconverso.

— Seu colaborador acabou de acessar meu sistema de novo, e eu imagino do que ele estava atrás. — Eu respiro fundo. — Já nem estou tentando bloqueá-lo.

Eu rio.

— Eu preciso de sua ajuda. — Ele levanta a sobrancelha. — Eu preciso sair daqui sem que percebam, porque, senão, vão tentar me interceptar. — Ele assente. — Preciso que você os distraia.

— Tony tentou ir atrás quando lhes mostrei o

local, mas logo foi contido pelos policiais. Me dê uns minutos!

— Há outra coisa que preciso lhe mostrar. —
Pego meu celular e lhe mostro o vídeo. — Meu colaborador conseguiu rastrear a ligação para o celular do Frank.

Ele xinga ao reconhecer o homem da gravação.

— Frank! — Ele nem me dá tempo de perguntar sobre mostrar ou não o vídeo, apenas transfere a imagem para seu computador e me devolve o celular. — Essa vai ser sua deixa! — diz antes que Frank chegue. — Eu consegui algo.

Eu me afasto e o deixo tomar as rédeas da situação.

— O que é?

— Consegui recuperar o rastreamento da ligação que fizeram para seu celular. — Ele mexe na tela de modo que Frank consiga ver. — É o

Hans Baden!

— *Madonna Santa!* — Frank se senta ao lado de Constantino pálido e com os olhos vidrados. — Você tem certeza?

Tony, ao ver a expressão do irmão, aproxima-se, assim como Silvia e a moça que a acompanha.

— Oh, meu Deus! — Ela põe a mão na boca. — Esse é o Baden?

— Sim, Quênia — Constantino confirma. — É ele!

Os dois policiais na sala, notando a movimentação, vão para junto do grupo, e eu me afasto rápido, entrando no elevador e torcendo para que ninguém acione os seguranças e policiais na portaria do prédio.

Consigo chegar ao carro e confiro a mensagem de Danilo com o endereço. Eu sei que vou demorar para chegar até lá, mas sei também

PERIGOSAS ACHERON

que a polícia não fará nada precipitadamente, pois há duas reféns no local.

Abro o porta-luvas do meu carro somente para confirmar que o estojo com minha Glock está no mesmo local em que a coloquei antes de vir até aqui. Pego a estrada rumo ao Vale do Paraíba, entre as cidades de Jacareí e Santa Branca, onde, nesse momento, a polícia arma o cerco para resgatar Giovanna e minha filha.

Acelero o carro ao máximo, não me importando com radares à minha frente, pois tenho pressa de chegar. Quando saio da rodovia principal, guiado pelo GPS, sinto falta de ter ido em um carro tracionado, pois o Porsche, além de não ter tração, é extremamente baixo.

Paro o carro bem distante do local indicado pelo GPS, pego minha arma e faço o restante do percurso a pé. Decido fazer assim para que o som do motor não chame a atenção nem da polícia, nem

PERIGOSAS ACHERON

dos sequestradores.

Entretanto, antes mesmo de eu chegar à porteira, um policial me aborda.

— Senhor Smythe! Fomos alertados de que o senhor apareceria. Tobias Castro, sou o negociador.
— Ele estende a mão.

— Nicholas. — Sinto-me frustrado, mas, pelo menos, já estou aqui. — Eu não vou embora!

Ele ri.

— Eu sei que não, e não vamos escoltá-lo, mesmo porque precisamos de todo o efetivo aqui.
— Eu concordo. — Só preciso de sua palavra de que não tentará interferir no nosso trabalho, pois, ao contrário do que é veiculado por aí, somos, sim, treinados e capazes de fazer esse resgate sem vítimas!

Embora ele me passe confiança com sua postura e a maneira segura com que fala, isso não é suficiente para que eu deixe de temer o que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecerá daqui por diante.

Ele faz sinal para alguém e, logo em seguida, eles me dão um casaco da mesma cor que estão usando e um colete à prova de balas.

— Precisamos não chamar a atenção, e a melhor maneira é não tendo alguém vestindo cor diferente da nossa, mas isso não significa que você irá participar, entendido?

Eu assinto, embora não descarte a possibilidade de encher a cara de Hans Baden de tiros, como devia ter feito há anos.

Sigo até onde eles estão observando a construção caindo aos pedaços e ouço-o conversando sobre o local.

— Há apenas um carro, com placa da capital — diz um dos policiais.

— Não sabemos quantos estão lá dentro, nem quão armados. Precisaremos ser rápidos.

— Vamos estourar?

PERIGOSAS ACHERON

Eu fico tenso durante a discussão quando eles ponderam sobre todos os aspectos do sequestro.

— Tudo isso — Castro aponta para o local — só confirma minhas suspeitas. Há um deles que arquitetou tudo, o cabeça, porém, ainda que seja esperto e minucioso, não me parece profissional.

— Não é — meto-me no assunto. — Eu não sei se ele tem apoio de algum profissional, mas penso que não. Isso tudo é por vingança. — Castro franze o cenho para mim. — Conseguimos rastrear uma ligação, e o responsável pelo sequestro é um ex-funcionário da Novak e da Rede Villazza.

Castro caminha até onde estou.

— Sabem disso desde quando? — Ele não parece nada feliz.

— Soube um pouco antes de vir até aqui. O nome dele é Hans Baden, é um executivo da área de pessoal, muito inteligente, astuto, mas não é profissional.

Ele balança a cabeça e volta a conversar com seu pessoal.

Anoitece, e ainda estamos todos de tocaia. Estamos há mais de três horas na mesma posição, com homens espalhados, escondidos e à espera de uma ordem, até que um dos sequestradores sai, um pouco trôpego, e deixa a porta aberta.

— É agora! — O comandante da operação pega o rádio. — Vamos estourar!

Tudo acontece muito rápido, a imobilização do homem bêbado e, em seguida, a entrada de um policial, com mais dois lhe dando cobertura na construção, então há uma troca de tiros.

Quando todos os envolvidos saem de suas posições para ajudar os outros, eu me misturo no meio deles e corro como um louco para dentro,
PERIGOSAS ACHERON

encontrando apenas uma casa caindo aos pedaços e completamente vazia.

O homem bêbado está algemado e sendo interrogado ali mesmo enquanto um corpo baleado jaz no chão do que parece ser uma cozinha improvisada. Abro as outras duas portas, mas encontro apenas um local com colchões e cobertas por trás de uma delas e, na outra, um banheiro.

Começo a me desesperar, pensando que entramos no local errado, mas então vejo o homem preso apontar para o chão e noto um alçapão, como o da casa de Danilo. Não penso duas vezes e o abro, mesmo sob os protestos de Castro e dos outros policiais.

Entro em um porão escuro, úmido e vazio. Pego minha arma e sigo andando em direção a um feixe de luz que sai debaixo de uma porta. Ouço gemidos e escancaro a porta para encontrar Giovanna completamente amarrada sendo segurada

por um homem.

Por um instante, ela parece não me reconhecer, mas, depois, vejo seus olhos se arregalarem.

— Fique longe! — O homem tem uma garrafa quebrada encostada no pescoço dela. — Eu estou falando sério!

Eu paro de andar quando o vejo apertar a garrafa contra a pele dela.

— Tudo bem! — aquiesço, colocando a arma no chão, pois ouço os passos dos policiais atrás de mim. — Não a machuque, vamos conversar!

— Eu não quero conversar! — grita. — Eu vou sair, e ninguém vai se mover, porque, senão, eu vou fazê-la sangrar até morrer!

Ele caminha para trás, mas Giovanna tem os pés e as mãos amarrados, o que dificulta os passos dele.

— Klaus... — Giovanna tenta interceder.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais uma vez, eu estou surpreso, pois, depois que descobri sobre Baden, pensei que Klaus não tivesse nada a ver com a história.

— Cala a boca! — Ele a aperta mais contra si, arrastando-a para trás, onde eu vejo uma porta.

Giovanna me olha de jeito estranho, como se estivesse me mandando uma mensagem. Depois disso, a vejo fechar os olhos e se mover rápido, mordendo o braço do homem com toda a força.

Ele grita e, nesse momento, os policiais entram, Giovanna cai no chão e um tiro é disparado, acertando-o no braço.

Corro até onde ela está, mas, antes que eu consiga tocá-la, sou contido pelos policiais.

— Mia... — questiono, mas ninguém me responde. — Onde está minha filha?!

Um dos policiais faz sinal negativo com a cabeça, e eu penso logo no pior. Um arrepio gelado passa pelo meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não está aqui! — é Giovanna quem informa. — Ele a levou para outro lugar! — Ela levanta a cabeça para me olhar, e vejo sangue em seu pescoço. — Me perdoe!

Ela desaba antes mesmo de os policiais conseguirem tirar as amarras que a prendem. Eu corro até ela, segurando sua cabeça, tentando parar o sangramento.

— Não faça isso, Giovanna! Fique comigo, abra os olhos! — Eu retiro o casaco e o pressiono contra a ferida. — Giovanna, eu preciso de você para achar nossa filha, por favor!

Sou puxado para longe enquanto um paramédico a atende. Eu nem tinha percebido que havia socorristas no local, mas, considerando todas as probabilidades, era o mais óbvio.

Tudo o que se segue depois não passa de um borrão. Retiram-na do porão, e eu a sigo de perto, entro na ambulância com ela e com o paramédico, e

PERIGOSAS ACHERON

lá também há mais um profissional à espera. Seguimos a toda velocidade enquanto os primeiros-socorros são prestados.

— O corte não foi profundo — o socorrista me avisa. — Não se preocupe, sua esposa vai ficar bem. Ela está desidratada e fraca, além de toda a tensão que viveu.

Meus olhos estão fixos em seu rosto pálido e cheios de hematomas, o que mostra que eles bateram nela. Eu estou apavorado com a falta de Mia naquele lugar, ainda mais vendo todos os indícios de violência que Giovanna sofreu.

Durante a viagem até a capital, os paramédicos limparam o ferimento e a colocaram no soro, além de terem realizado todos os exames possíveis dentro daquela unidade móvel.

— Chegamos!

Eu desço da ambulância com eles e confiro que estamos em um hospital público. Mando mensagem para meu pai informando sobre onde estamos, mas omito que somente encontramos Giovanna e que Mia ainda está sob posse de Baden.

Eles a levam para uma sala reservada no pronto-socorro, e sou impedido de entrar. Aproveito para ligar para Danilo.

— Nick! E aí? Acharam-nas?

— Giovanna está aqui comigo no hospital. Estamos bem, mas ela sofreu um corte e desmaiou.

— Respiro fundo. — Mia não estava lá, Dani. — Eu choro. — Minha filha não estava lá!

— Calma, Nick! Eu prometo que vamos achá-la. — Escuto sons de teclas. — Ela deve estar com Baden! Eu já estou olhando câmara por câmara do estacionamento em que ele entrou, mas ainda não consegui localizar em qual carro o filho

da puta entrou.

Eu digo a placa do veículo que estava no sítio onde encontramos Giovanna para que ele averigue quem é o proprietário. Sento-me numa cadeira da recepção aguardando por notícias de Giovanna. Não sei quanto tempo se passa, minutos ou horas, pois tudo o que eu consigo pensar é em onde minha filha pode estar. Não podemos perder tempo ao procurá-la, e eu sei que a polícia deve estar interrogando os presos sobre o paradeiro dela, mas eu me sinto um inútil por não estar fazendo nada. Baden, quando souber do que aconteceu, irá sumir com Mia, eu tenho certeza!

— Nick! — Ponho-me de pé ao ver meu pai seguido de Frank e Tony.

Eu me abraço a ele enquanto Frank vai até o balcão da recepção.

— Elas estão lá dentro? — Tony me questiona. — Me diz que estão bem!

— Giovanna sofreu um corte no pescoço, mas os paramédicos que fizeram o primeiro atendimento garantiram que foi superficial. — Eu encaro meu pai, sentindo meus olhos úmidos mais uma vez. — Mia não estava lá.

Tony fica pálido, e meu pai não esboça nenhuma reação, apenas fica mudo.

— A polícia prendeu Klaus e um outro homem...

— Klaus?! — Gilberto grita. — Eu vou matar aquele filho da puta!

Frank retorna para o local onde estamos.

— Ela está em observação — informa. — E Mia? Eles disseram que ela não deu entrada... — Vejo sua expressão mudar de alívio para pânico. — Onde está minha sobrinha?!

Tony balança a cabeça.

— Ela não estava com Giovanna, Frank. — Tony toca seu ombro. — Ela deve estar com PERIGOSAS ACHERON

Baden.

Ele solta impropérios em vários idiomas, andando de um lado para o outro nesta recepção lotada.

O médico que atendeu Giovanna na ambulância aparece, e eu vou ao encontro dele.

— Ela está bem! — Sorri. — Você pode entrar para ver sua esposa.

Eu assinto e começo a ir na direção da porta, mas escuto a voz de Frank:

— Ele não é nada dela! — Passa por mim. — Tony e eu vamos entrar!

— O caralho que vão! — eu revido, mas Gil toca meu ombro.

— Deixe-os entrar. Acho que não é o momento de você confrontá-la. — Abro minha boca para negar, mas ele mais uma vez me interrompe: — Lembre-se de tudo o que ela passou e que deve estar desesperada por causa da filha.

Respiro fundo, ainda fuzilando Frank com os olhos, louco para socar aquela sua cara comprida.

— Nick — Tony me chama —, acho melhor vocês conversarem em outro momento.

Eu assinto, e ele sorri para mim. Sinto-me completamente descartável aqui, afinal, admito, infelizmente que o que Frank disse é verdade. Eu não sou nada de Giovanna. Nós dois temos uma ligação, Mia, e é nela que eu tenho de estar concentrado agora.

— Pai, eu vou até a delegacia para saber o que eles já descobriram sobre o paradeiro de Mia.

Ele assente e diz que ficará por aqui até conseguir falar com Giovanna.

Saio em direção à delegacia temeroso pela vida da minha filha — cuja voz nunca escutei, e o rosto só conheci por uma fotografia — e sentindo a dor que as palavras de Frank me causaram ao dizer que eu não sou nada de Giovanna.

Ao vê-la naquele lugar, tão indefesa, tão frágil, correndo risco nas mãos daquele louco, tudo o que senti foi que não queria perdê-la mais uma vez, não queria perdê-la para sempre. Depois de vê-la sangrando e desmaiada, eu constatei que, embora pensasse que o que eu sentia por ela havia morrido, algo ainda estava aqui, vivo e intacto.

Capítulo IX

Nicholas

Fiquei a madrugada toda na delegacia, porém, nem Fausto, nem Klaus quiseram falar durante o interrogatório. Os dois filhos da puta reivindicaram seu direito ao silêncio.

Eu liguei para Danilo tantas e tantas vezes que perdi a noção do tempo e, quando saí da delegacia, já estava claro. Entrei no carro disposto a ir para meu apartamento, tomar um banho e voltar para a rua, mas acabei estacionando em frente ao edifício Villazza.

O porteiro já nem me anuncia mais, apenas abre a portaria. Ainda assim, sou revistado pelos seguranças, e só em seguida o elevador é liberado para mim.

Vou até a cobertura e encontro dona Silvia

PERIGOSAS ACHERON

sentada no sofá tomando conta do trabalho de Constantino.

— Bom dia! — Eu, sinceramente, já perdi as contas de há quantas horas estou acordado.

— Nicholas! — Ela se levanta e me abraça.
— Obrigada! Eu soube que foi você quem a achou.
— Eu nego, mas ela sorri para mim. — Giovanna já está em casa. — Eu franzo o cenho. — Quer ir vê-la?

— Eu não sei se...

Ela não me deixa terminar, pegando em minha mão e indo em direção ao elevador de novo. Descemos apenas um andar e, diferentemente da cobertura, o elevador se abre num corredor normal, e eu vejo duas portas grandes de madeira. Dona Silvia abre uma delas, e eu entro em um apartamento grande, moderno e com mobiliário novo. Acompanho-a para a área íntima do imóvel, não sem perceber alguns desenhos de Giovanna

PERIGOSAS ACHERON

emoldurados.

— Ela chegou bem cedo, então não sei se ainda está acordada. — Ela bate à porta e abre uma fresta. — Ah, ela já dormiu, Nick! Quer entrar mesmo assim?

Meu coração palpita ao pensar em vê-la dormindo em sua cama. Recuso.

— Eu volto outra hora! — Sorrio sem graça. Ouço passos apressados e olho para o primo grandalhão.

— Tia! — Ele me encara com a sobrancelha levantada. — O Frank está à sua procura. — Suspira. — O Tio Andreas já sabe sobre o que aconteceu...

Escuto dona Silvia xingar tão pesado quanto seu filho mais velho e abro um sorriso, achando engraçado.

— Eu preciso subir — diz-me. — Guido, quem está aqui com a Gio?

— A Marina. — Ele olha em volta. — Ela deve ter ido a algum lugar, mas estava aqui com ela.

— Nick, você se importaria de ficar aqui até minha nora voltar? — Eu me surpreendo com o pedido. — Não precisa fazer nada, só ficar atento, pois o médico está preocupado que ela fique descontrolada quando o efeito do tranquilizante acabar.

Eu posso entender isso, pois eu não passei por metade do que ela passou e, às vezes, me pego tão desesperado que não sei como agir.

— Tudo bem, dona Silvia. Eu vou ficar na sala, esperando.

Ela me agradece e pega no braço do sobrinho, que não parece nada feliz ao me ver ficar por aqui.

Desabo no sofá da sala, fechando os olhos por um instante, cansado, mas sabendo ser

PERIGOSAS ACHERON

impossível conseguir relaxar a ponto de dormir, pois, enquanto não encontrar minha filha, isso não acontecerá.

Olho para um porta-retratos na mesinha ao lado do sofá onde estou e vejo uma foto linda, de pernas — as pernas de Giovanna — cujos pés estão com sapatilhas de balé e um bebê vestido de tutu ao lado, segurando nelas.

Sorrio ao ver Mia pequena, com um ano ou um pouco mais. Provavelmente, ela ainda não sabia andar nessa época, mas a foto ficou linda exatamente por isso, por mostrar Giovanna se equilibrando na ponta dos pés enquanto a filha se equilibrava na mãe. Esse é o tipo de fotografia que eu gostaria de ter tirado! Uma foto das duas assim, passando essa mensagem e essa emoção.

Começo a andar pela sala inquieto e vou até o quarto de Giovanna apenas para me certificar de que ainda está dormindo. Depois de ver o seu

PERIGOSAS ACHERON

contorno sob as cobertas, tenciono voltar à sala, mas vejo no corredor uma porta com o desenho de uma bailarina e não resisto. Abro-a devagar, preparando-me para entrar no quarto de minha filha pela primeira vez. Não me decepçiono com o que vejo: um quarto nas cores cor-de-rosa e creme, com papel de parede floral e móveis provençais brancos. Há um sofá repleto de bonecas e, no chão, sobre o tapete, há um cavalo de balanço. Sorrio ao pensar em Mia sobre um pônei, no haras, comigo.

Tanta coisa me foi roubada ao longo desses três anos! Tantas memórias, momentos e, principalmente, tanto amor. Eu perdi os meses de gravidez de Giovanna, ver sua barriga crescendo lentamente. Perdi o parto, a emoção de acompanhar o nascer de um filho. E, o mais importante, perdi os primeiros anos de minha filha.

Abro o armário e vejo suas roupas — na maioria, vestidos — penduradas. Pego um

PERIGOSAS ACHERON

vestidinho florido cor-de-rosa e amarelo e o cheiro, sentindo pela primeira vez o perfume de Mia.

Meus olhos estão marejados, e fico muito tempo assim, a sentir seu aroma, rogando para que em breve seja ela aqui, em meus braços.

— Nicholas...

Abro os olhos para ver Giovanna com um curativo no pescoço e muitos hematomas no rosto parada na entrada do quarto. Ela olha para o vestidinho em minhas mãos e desaba, chorando tanto que chega até a se curvar.

Vou até ela e a abraço, sentindo os espasmos de dor que esse choro lhe traz.

— Eu quero minha filha de volta! — ela exclama enquanto eu afago seus cabelos. — Me perdoe por não ter contado antes...

— Não é o momento para falarmos disso. — Embora eu queira gritar com ela e pedir mil explicações, sei o que sente, pois dividimos a

PERIGOSAS ACHERON

agonia de não saber onde está nossa filha. — Eu acredito que em breve ela estará aqui.

Giovanna concorda e me encara.

Eu não sei se é por eu estar cansado, preocupado ou por tudo que nos aconteceu nas últimas horas, mas me pego lhe acariciando a face enquanto ela fecha os olhos e sente esse carinho.

— O nome dela é Mia. — Eu sorrio, demonstrando já saber disso. — Nasceu em setembro, dia 9, e tem dois anos e três meses.

— Eu sei. Eu fiz as contas.

Ela sorri sem graça.

— Eu nem tive tempo de colocar todos os itens pessoais dela aqui. — Caminha até um gatinho de pelúcia. — Este aqui é um dos favoritos dela, mas o outro estava no carro no dia... — Soluça. — Eu espero que ela o tenha... *Dio! La mia piccola!* — Giovanna se senta no sofá e fecha os olhos. Quando os abre novamente, pergunta-me

algo estranho: — Tem um celular com você?

Eu franzo o cenho e lhe dou meu aparelho. Ela mexe nele durante alguns minutos e depois me devolve, e eu vejo um aplicativo de fotos cheio de fotografias de minha filha. Sento-me ao seu lado.

— Essa aí — aponta para a primeira — foi de quando ela nasceu.

Eu vejo Andreas Villazza segurando um bebê todo embrulhado numa manta. Sorrio e passo para a seguinte, vendo fotos de todos da família com ela. Uma a uma vou vendo, através das fotos, seu crescimento. Giovanna dando de mamar, dando banho, depois sua primeira papinha e muitos outros momentos que perdi.

— Tem fotos de sua gravidez? — Ela se surpreende e assente, indo até um álbum seu.

Eu me arrependo de ter pedido para ver assim que a primeira foto aparece. Giovanna, como se fosse possível, ficou ainda mais bonita grávida.

Não engordou muito, mas sua barriga ficou grande e redonda.

Ela ainda estava com os cabelos compridos e tinha belíssimas fotos, algumas tiradas por profissionais, e outras, por ela mesma em frente ao espelho.

— Foi difícil? A gravidez, o parto?

— Não. — Sorri. — Foi tudo perfeito! Eu optei por parto natural, e Mia nasceu em casa, em Nápoles, no mesmo imóvel em que meu pai e meus irmãos nasceram.

Eu penso em Woodland, a propriedade em que todos os Smythe-Fox nasceram, no interior da Inglaterra. Mia deveria ter nascido lá também! Não deixo minha mente enveredar por esse caminho, pois tenho coisas muito mais importantes para me preocupar agora.

— Foi o Baden, Nick...

— Eu sei. — Pego sua mão. — Eu sei que ele

está por trás do sequestro.

— Não apenas isso. — Ela chora. — Ele estava por trás de tudo desde o começo!

— Do que você está falando?

— Foi ele quem me contou sobre minha adoção. — Eu me surpreendo. — Nós tivemos um... — Ela parece constrangida. — Ele e eu tivemos um envolvimento, mas eu não quis prosseguir, então ele me contou por vingança. Jogou na minha cara, de repente. No começo, não acreditei, mas depois descobri que ele estava certo.

— Meu Deus, Giovanna! Por que você nunca disse...

— Logo depois, houve aquele escândalo envolvendo-o e, bem, eu achei que ele não tinha mais como fazer nada e tentei esquecer a história. Mas então surgiu uma pista. Na verdade, me mandaram uma carta, e eu encontrei Klaus. — Balança a cabeça e ri de si mesma. — Baden o PERIGOSAS ACHERON

encontrou primeiro, e os dois planejaram tudo. Por algum motivo, ele queria destruir sua família, e me usaram para fazê-lo.

Eu crispo minhas mãos de raiva.

— Ele estuprou a Carol, Gio. — Ela arregala os olhos surpresa. — Deveria ter sido denunciado, mas, para evitar escândalos, apenas o demitiram, mas eu usei meu conhecimento com os empresários daqui e fechei as portas para ele. — Suspiro. — Em seguida, ele entrou para a Rede Villazza.

O destino! Que destino é esse? Primeiro, o parentesco de Giovanna com Gilberto e, por fim, Hans Baden como o elo entre nossas famílias, manipulando tudo para que a verdade aparecesse.

Eu pego na mão dela, em silêncio, e depois a olho. Giovanna está de cabeça baixa, olhando fixamente para minha mão, vendo a aliança grossa de ouro ali há apenas alguns dias.

— Eu vou me casar em breve. — Ela levanta

PERIGOSAS NACIONAIS

o olhar, e nos encaramos. Sinto um aperto tão grande no peito e uma enorme vontade de abraçá-la, então solto sua mão e me levanto.

— Eu soube — afirma sem expressão. — Espero, de verdade, que seja feliz, Nicholas.

Respiro fundo, odiando discutir esse assunto com ela, detestando que ela me deseje felicidade com outra pessoa. Balanço a cabeça, notando o ridículo papel que faço, pois sinto-me constrangido e culpado por ter seguido com minha vida.

Um clima tenso se instala no quarto. Eu fico de pé, olhando para a pequena cama de Mia enquanto Giovanna continua no sofá, sozinha.

Decido que é hora de ir para minha casa, pois já estive aqui tempo demais e isso tudo não está me fazendo bem. Depois de todos os sentimentos que tenho vivido durante esses dias, eu não tenho condições físicas e mentais de analisar o que estou sentindo neste momento.

PERIGOSAS ACHERON

Giovanna se levanta, passando por mim em direção à saída do quarto.

— Eu interrompi seu momento aqui, me desculpe. Eu vou procurar por Marina. — Para na entrada e me dá um sorriso triste. — Fique à vontade!

Ela fecha a porta, e eu sinto um enorme peso sobre meus ombros e o cansaço me abate com força total. Pego o celular e revejo as fotos de Mia, bem como as de Giovanna, não sem antes notar que Mel Boldani aparece em muitas delas, sozinha e com o marido.

Estivemos juntos várias vezes ao longo desses anos, e ela nunca comentou nada sobre minha filha. Talvez não soubesse que Mia era minha e estava apenas fazendo aquilo que pedi a todos: não tocar no nome de Giovanna.

Volto a me sentar no sofá repleto de bichinhos e bonecas tentando entender como é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possível sentir essa vontade de tocar e de estar próximo a Giovanna depois de tantos anos. Aqui, mesmo em meio a todos os problemas e preocupações acerca do destino de minha filha, eu não só a quis consolar, mas também receber consolo, beijá-la e apertá-la junto a mim.

Eu não posso me permitir sentir nada disso, afinal, sou um homem comprometido e leal com Carol, que não merece ser tratada dessa forma. Eu vou me casar em breve e, depois de resolvida como ficará a questão do meu convívio com minha filha, Giovanna voltará a seguir com sua vida, como já estava fazendo.

Pego um pequeno urso e o aperto contra o peito, sentindo meu corpo relaxar, minhas pálpebras ficarem pesadas e minha consciência flutuar aos poucos.

PERIGOSAS ACHERON

Acordo com o som estridente do meu celular tocando e me aprumo no sofá, jogando por tabela o bicho de pelúcia no chão.

— Dani! — Estou um pouco desorientado, mas sei que, se ele está me ligando, é porque tem alguma pista importante. — Pode falar!

Giovanna abre a porta do quarto, já vestida com um vestido azul-escuro em vez do roupão felpudo.

— Nick! — Danilo parece eufórico. — Pegamos ele, Nick! — Gargalha, e eu me levanto, chamando a atenção de Giovanna, que vem para perto de mim. — Ele estacionou o carro em um local onde as câmeras não filmam, mas o idiota esqueceu que teria que trafegar por dentro do estacionamento. Demorou, mas eu consegui vê-lo dentro do carro. — Ri de novo enquanto eu sinto o coração disparado. — O veículo pertence a uma

PERIGOSAS ACHERON

mulher...

— Uma mulher?

Giovanna franze o cenho, e seus olhos ficam agitados, como se estivesse se lembrando de algo.

— Ele disse um nome... — sussurra. — Lucia... não! *Cazzo!* — Desespera-se e fecha os olhos. — Luciana...

— Eu levantei a ficha dela, Nick, mas não sei se está envolvida. Tudo o que sei é que o carro não tem denúncia de furto. — Giovanna continua tentando lembrar o nome. — Seu nome é Lucinda Sampaio.

— Lucinda? — eu pergunto a ela, que confirma. — Dani, quem é ela?

— Ela era gerente de TI numa empresa de telefonia móvel e mudou-se para São Paulo há seis meses, mas antes estava morando na Argentina.

— Achou alguma ligação dela com o Baden?

— Não, apenas descobri que os dois moraram

em Buenos Aires na mesma época.

— Klaus disse que Mia estava com ela! —
Giovanna chora. — Oh, Deus, por que não me lembrei disso antes? Quando perguntei a ele, ontem, me disse que não sabia onde Hans a tinha escondido, mas eu me lembro de que disse esse nome: Lucinda!

— Me dá o endereço dela, Dani! — Não tenho mais dúvidas de que é essa mulher que está com minha filha.

— Não, Nick! — Giovanna parece assustada.

— Nick, não é melhor deixar a polícia... —
Dani reforça seu pedido.

— Não dá tempo! Quero o endereço! —
Ignoro os dois pensando somente em trazer minha filha de volta.

Dani suspira resignado e me manda uma mensagem com o local, e eu desligo o telefone.

— Nick, não faz isso... — Giovanna me
PERIGOSAS ACHERON

segura, lágrimas em seus olhos. — Por favor! É tudo o que ele quer, Nick...

— Eu não tenho escolha, Giovanna. — Afasto-a de mim. — Eu quero nossa filha de volta.

Ela me implora baixinho para que eu fique, mas saio correndo do apartamento, rogando a Deus que, quando eu voltar, Mia esteja comigo.

Confiro o endereço, e meu GPS marca que levará em média meia hora até chegar ao local. Piso fundo no acelerador, costurando entre os carros sem me importar com nada, apenas querendo chegar lá e recuperar Mia.

Dani manda uma mensagem, que aparece no painel do carro, e eu leio, irritado, que ele acionou a polícia através de uma denúncia anônima. Praguejo, mesmo tendo consciência de que ele fez isso tentando me proteger.

— Ligar para Frank Villazza. — O comando do carro faz a ligação.

— Nick, que loucura é esse que você pretende? — Bem, pelo menos ele já está sabendo! — Os policiais aqui ficaram loucos ao saber que você está indo até o local onde supostamente estão mantendo Mia. Porra, Nick, de novo querendo bancar o herói? Minha irmã está desesperada...

— A polícia já foi mandada para lá, Frank. Ao que parece, a mesma pessoa que me ligou, fez o mesmo com a polícia...

— Eu sei, *cazzo*! Não é necessária sua presença lá mais uma...

— É minha filha, Frank!

Desligo o telefone e faço a última curva antes de o prédio simples entrar no meu campo de visão. Estaciono em qualquer lugar e saio em disparada, constatando se tratar de um desses prédios sem porteiro, cujo portão somente os moradores conseguem abrir.

Ando de um lado para o outro durante um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo até que uma senhora sai, e eu aproveito a porta aberta para entrar e subir os lances de escada até o quarto andar, onde está localizado o apartamento da tal Lucinda.

Bato à porta, e ela a abre de primeira.

— Hans, eu já estava ficando... — Arregala os olhos quando me vê e tenta fechar a porta, mas eu a impeço. — Quem é você?!

— Vim pela criança. Onde ela está?!

— Não sei do que você está falando...

Eu vejo um bichinho de pelúcia sobre o sofá e, quando vou avançar em direção a ele, ela joga um objeto em minha direção e sai correndo. Tenciono ir atrás dela, mas ouço um barulho no corredor e dou de cara com Baden.

— Ora, ora... — Sorri dissimulado.

Há muitos anos não nos encontramos, mas ele ainda continua o mesmo. Loiro, alto, olhos azuis e frios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabou, Baden! Todos já sabem sobre você, não tem mais para onde ir!

Ele arqueia uma sobrancelha.

— É mesmo? — Entra e fecha a porta calmamente, como se não se preocupasse com minha presença.

Não o deixo dar mais um só passo, avanço para ele com os punhos erguidos e lhe dou um soco que o faz se chocar contra a parede. Baden se endireita levando a mão ao canto de sua boca, de onde um fio de sangue escorre.

— Tem razão, acabou para você, Nicholas!

Tira uma arma de dentro do casaco e a aponta para o meu peito.

— Só vai piorar as coisas assim, Baden. — Tento manter a calma, lembrando-me da minha própria arma, que, na correria, deixei dentro do meu veículo. — A polícia já está vindo...

— Droga, Hans! — a mulher volta gritando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A polícia está em todo lugar! Temos que sair daqui agora!

Eu não me movo, embora esteja tentado a lhe olhar para saber se minha filha está com ela.

— Leve a menina! — ele grita.

— Sinto muito, Hans! Você está sozinho nessa... — Ouço seus passos correndo.

— Não piores as coisas... — peço.

Os olhos dele dançam erráticos pelo ambiente, o que demonstra que não está tão seguro quanto quis demonstrar no início. Aproveitando isso, lanço-me sobre ele e tento tomar a sua arma. Engalfinhados, damos alguns passos pela sala, até que a pistola cai a alguns metros de nós.

Não deixo Baden ir até a arma; começo a esmurrá-lo antes mesmo de ele tentar. Baden se defende de alguns de meus golpes, embora não consiga me atingir, pois sou mais forte que ele. Caímos no chão, eu por cima dele, tentando

PERIGOSAS ACHERON

espancá-lo até que perca a consciência. Entretanto, Baden consegue atingir um soco na têmpora que me faz ficar tonto. Ele me empurra e consegue se livrar de mim, correndo até onde seu revólver caiu.

Já livre da tontura, levanto-me. Ele dispara, e eu sinto uma dor transpassando meu ombro, caio no chão sem forças, não antes de vê-lo sair correndo.

Mia!

Ignoro a dor e corro atrás dele, mas, ao chegar à cozinha, não vejo ninguém. Entro na área de serviço e sinto meu corpo arrepiar, vendo o buraco de ventilação da tubulação de gás aberto.

Caberia um adulto ali dentro, mas, dificilmente, com uma criança.

Volto em desespero para o corredor que leva aos quartos e encontro Mia chorando, em pé, segurando nas grades de um berço de camping.

Sorrio mesmo em meio a dor.

— Parado! Polícia!

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fecho os olhos, sentindo o alívio de saber que ela estará a salvo. Tudo escurece, e a última coisa que sinto é meu corpo batendo contra o assoalho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo X

Giovanna

Meu coração está agoniado, e eu temo pela segurança de Nicholas, assim como pela vida de minha filha. Eu ainda não posso acreditar que ele tenha ido ao encontro do Hans exatamente como aquele desgraçado queria.

Sinto-me culpada por isso tudo estar acontecendo, por esse tormento que se tornou novamente a minha vida. Hans me levou ao chão quando me contou sobre a adoção, mas nada se compara ao que está me fazendo viver agora.

Isabella está comigo, no quarto, esperando que os calmantes receitados pelo médico para mim façam efeito, mas eu não consigo relaxar. Não temos notícia de Nicholas desde que ele ligou para o meu irmão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Soluço, e Isabella me abraça mais forte.

— Eles vão voltar juntos, são e salvos — comenta afagando meus cabelos. — Tente dormir, Gio.

— Eu não posso...

Frank irrompe no quarto, e eu me sento. Meu coração dispara ao ver sua expressão. Um enorme sorriso está em seu rosto. Em seguida, Tony entra com Mia nos braços.

Levanto-me rápido, chorando como uma louca e a pego no colo, apertando-a contra mim como se pudesse colocá-la novamente em segurança em meu ventre.

— *Mamma...*— Escuto sua voz assustada e chorosa.

— Mia, você está de volta! Eu nunca mais vou ficar longe de você! — Olho seu rosto, conferindo se está tudo bem e, ao que parece, ela não sofreu nenhum dano físico.

PERIGOSAS ACHERON

— A pediatra dos meninos a olhou, Gio —
Frank avisa, passando a mão em seus cabelos. —
Ela está ótima!

Sorrio e a aperto novamente em meus braços.

— *Mamma ti ama, piccola!*

— Os policiais que colheram seu depoimento
no hospital queriam lhe falar, mas pedi que
voltassem mais tarde — Tony me informa. —
Precisamos agradecer pelo empenho que
mostraram.

Eu não consigo absorver nenhuma
informação que eles me dão, apenas aperto e beijo
minha filha, agradecendo pela oportunidade de tê-la
nos braços. O sentimento que tenho é parecido com
o que tive quando ela nasceu. *Um milagre!* É
emocionante e, dessa vez, eu poderei compartilhá-
lo com Nicholas.

Olho em volta, vendo cada um que está aqui
dentro deste cômodo. Marina e Isabella estão
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando de felicidade enquanto Guido e minha mãe sorriem, alegres. Olho para meus dois irmãos e franzo o cenho imaginando o motivo pelo qual Nicholas não está aqui.

— Frank, onde está o Nicholas?

Ele troca olhares com Tony, e eu sinto meu corpo gelar. *Não!*

Minha mãe tenta pegar Mia de meu colo, mas eu resisto a entregá-la.

— Por favor, filha.

Eu estremeço e a deixo pegar Mia no colo. Em seguida, vejo, uma a uma, as pessoas deixarem o cômodo, ficando comigo apenas Frank e Tony.

— O que aconteceu? — pergunto baixinho, sem coragem de realmente fazer a pergunta.

— Ele foi baleado, Gio — É Tony quem toma a iniciativa de falar enquanto Frank segura minha mão. — O tiro pegou no ombro, e a bala atravessou. Ele perdeu muito sangue...

PERIGOSAS ACHERON

Eu fico pálida.

— *Cazzo*, Tony! — Frank o repreende. — Ele está bem, Giovanna! Está no hospital em observação, mas está bem! — Olha feio para Tony, que ergue as sobrancelhas, questionando o que falou de errado. — *Stronzo!*

Finalmente, volto a respirar, mas, ainda assim, apreensiva.

— Se ele não tivesse ido, talvez eles conseguissem fugir levando Mia com eles. — Frank ri. — O *franguinho* tem colhões!

— Prenderam o Hans?

Ele nega, e estremeço mais uma vez.

— É sobre isso que viemos conversar. — Eu me sento, e Frank se senta ao meu lado. — Queremos que vá para casa, na Itália. Achamos mais seguro para vocês...

— E o Nicholas?

Frank parece surpreso.

— O que tem ele?

— *Coglione!* Ela quer saber se o Nicholas vai com elas! — Tony sorri para mim.

— Claro que não, Gio! Ele tem a vida dele aqui, está para se casar em algumas semanas... — Tony o xinga de novo. — É a verdade, *stronzo!*

Suspiro, sabendo que, por mais que Tony tente evitar que eu encare a verdade, ela está aqui, brilhante. Realmente, Nicholas tem a vida dele aqui em São Paulo, assim como eu tenho a minha em Nova Iorque. Eu não posso simplesmente querer que ele largue todos os seus planos aqui e vá conosco para a Itália.

Todavia, por outro lado, eu também não posso, agora que ele sabe de tudo, privá-lo de conviver com Mia, pelo menos de conhecê-la.

— Por enquanto, eu prefiro ficar aqui...

— Gio!

— Não, Frank. Eu não posso distanciar os

dois agora e nem pedir a ele que me acompanhe para fora do país. — Resfólego. — Não tenho direito de querer nenhuma dessas coisas. Ele é pai dela e nunca pôde estar próximo.

— É só até a polícia conseguir...

— Nós estamos seguras aqui, Frank. — Tony nega. — Sim, estamos!

— Você não pode querer ficar aqui, presa dentro desse apartamento até conseguirem achar o desgraçado do Baden! Pode ser rápido, mas também pode levar muito tempo, Gio!

Fecho os olhos, vendo a lógica do que Tony me descreve. Não posso ficar aqui, prisioneira, indefinidamente ou até o casamento de Nicholas. Meu coração se aperta ao pensar nisso, pensar que faltam apenas algumas semanas, que, logo depois das festas de fim de ano, ele estará casado com Caroline.

Ainda que me doa, eu devo a ele esse tempo

com Mia. Cinco semanas é tempo suficiente para que eles estabeleçam amizade e confiança e para que minha filha entenda o que ele significa para ela. Depois, ele se casa, e nós retornaremos para casa, nos Estados Unidos, ou então para a casa de meus pais, na Itália, e os dois se verão em datas marcadas.

Estremeço só em pensar em Mia convivendo com Caroline, mas não há nada que eu possa fazer, afinal, ele é o pai dela e tem direito a tê-la consigo também.

— Vocês poderiam ir para Angra! — Tony sugere.

— Péssima ideia, Tony! O Baden frequentou aquela casa e conhece a ilha muito bem! — Meu irmão concorda com Frank. — O melhor é ir de uma vez para a Itália, Gio.

— Eu vou decidir isso quando puder conversar com Nick. — Ponho-me de pé. — Agora

eu gostaria de ficar com minha filha. — Sorrio. — Quero lhe dar banho, vê-la comer, brincar com ela e depois dormir agarradinha a Mia.

Eles assentem, e eu saio do quarto em busca da minha filha.

Depois que disse aos meus irmãos que não pretendo deixar o país, fui ao encontro de Mia, que brincava com seus primos na brinquedoteca. Fiquei longos momentos ali, assistindo a ela se divertir, ouvindo sua gargalhada infantil e grata por saber que ela dificilmente se lembraria do que passara nesses dias.

Antes do jantar, fiz questão de dar um banho nela, brincando na banheira com seus brinquedos de borracha. Eu sempre gostei de executar essas atividades, talvez por eu ter ficado um tempo sem

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar, apenas cuidando dela, mas, mesmo depois que assumi o marketing dos hotéis nos Estados Unidos, sempre fiz questão de estar em casa na hora do banho e do jantar.

Mia estava um pouco sem apetite, o que não era o seu natural, mas eu já sabia que isso poderia acontecer, pois Isabella conversou comigo sobre o que a pediatra lhe disse. Não parecia, mas minha pequena estava assustada, sim!

Quando a coloquei na cama, ela agarrou meu pescoço com tanta força que me fez chorar em silêncio.

— *Non andare via, mamma.*

— Nunca! — respondi com a voz embargada.
— Eu vou ficar aqui, *principessa*, não se preocupe.

Ela ainda ficou agarrada comigo até adormecer e seus braços relaxarem o aperto em volta do meu pescoço. Contudo, ainda assim, eu continuei deitada ao seu lado, e ainda estou, sem

PERIGOSAS ACHERON

sono, sem me mover, apenas ouvindo sua respirationzinha e com a mão sobre seu peito, sentindo seu coração bater. Não consigo conciliar o sono. Em minha mente, se passam todas as coisas que vivi até agora desde o dia em que Hans jogou na minha cara que eu não tinha o sangue dos Villazzas até quando vi Mia entrar no colo do Tony.

Penso em tudo o que sofri por causa daquele homem asqueroso, em todas as escolhas ruins que fiz, desde não contar aos meus pais sobre o que ele me disse até esconder de Nicholas que ele era o pai da minha filha. Eu tinha de ter contado, independentemente do que Caroline pensasse ou não.

Uma fresta de luz entra no quarto, denunciando que a porta foi aberta. Penso ser Guido ou minha mãe, pois ambos estão dormindo aqui no meu apartamento, mas fico surpresa ao ver

PERIGOSAS ACHERON

Nick.

— Ei, não precisa se levantar! — murmura, mas eu desobedeço, sentando-me na cama. — Eu quis vir aqui assim que recebi alta, mas estava tão cansado que apaguei. — Sorri. — Ela está bem?

— Está, sim, graças a você! — Sinto lágrimas molharem meu rosto. — Eu nunca vou poder agradecer o que você...

— Não fiz nada, Gio. — Sorrio ao ouvir meu apelido. — Mia é minha filha, e eu daria a vida por ela!

Sinto o peito inchar ao ouvir essas palavras.

Ele se abaixa e toca seus cabelos.

— Ela é ainda mais bonita pessoalmente, sabia? — Parece encantado, sem desviar os olhos dela. — E se parece com você, mas tem os meus olhos.

Eu assinto, concordando com cada palavra sua.

— Os cabelos dela são castanho-claros. —
Pega uma mecha. — Eu fiquei na dúvida, pelas
fotos, se seriam castanhos ou loiros. É uma linda
cor, como se fossem feitos de mel.

Não consigo desviar minha atenção dele,
deleitando-me com cada expressão em seu rosto,
vendo-o completamente apaixonado pela filha, pela
nossa filha.

— Eu não pude pegá-la nos braços ainda. —
Olha-me. — Eu tentei, mas perdi sangue e estava
tão exausto que só por saber que ela estava segura
com a polícia, desabei.

— Você está bem? — Olho para seu braço
esquerdo apoiado em uma tipoia. Ele também tem
um inchaço na têmpora esquerda, mas nada que tire
a beleza e harmonia de seu rosto.

— Sim. — Toca o ombro. — O projétil
atravessou e não acertou nenhum órgão vital. — Ri.
— O filho da mãe estava apressado e não mirou

direito, pois sua intenção era acertar meu peito.

Fecho os olhos não querendo imaginar se Hans acertasse e eu perdesse Nicholas... Bem, eu não o tenho para perdê-lo, mas agradeço aos céus por ele estar vivo e bem.

— Eu preciso conversar com você sobre Mia — comento. Nicholas me olha. — Mas eu posso esperar sua recuperação...

— Vamos conversar agora! — Ele se levanta, e eu o sigo para fora do quarto.

No corredor, vejo Guido com os braços cruzados no peito.

— Ele insistiu em subir...

— Tudo bem, Guido. Pode ir dormir.

Ele se despede.

Seguimos até a sala, mas Nicholas me diz que está com sede, e eu o levo até a cozinha. Sento-me à mesa, observando-o beber água, tentando achar um meio de começar o assunto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha família acha que devo ir para Roma até acharem o Hans. — Ele para de beber e me encara. — Eu disse que queria conversar com você primeiro. — Ele assente e se senta. — Eu sei que você deve ter compromissos por aqui por causa do seu casamento, inclusive...

— Eu quero conhecer minha filha, Giovanna.
Eu sorrio feliz.

— Eu sei, e foi por isso que pensei em ficar em São Paulo pelo menos até o próximo mês. Tony e Frank são contra, pois, enquanto não acharem Baden, pensam que estamos expostas...

— Eles têm razão. — Bufo. — O melhor seria você ir para um local seguro, mas que não precisasse ficar presa... — Olha-me intensamente. — Vamos para o haras!

Eu arregalo os olhos sentindo meu coração disparado enquanto as recordações sobre aquele lugar preenchem minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

— É o local perfeito! — continua. — É bem guardado por causa dos cavalos, todo cercado, com segurança, câmeras e, ao mesmo tempo, Mia poderá brincar ao ar livre, e eu posso estar com vocês.

Eu posso estar com vocês! Essas palavras calam fundo em mim, mas me lembro de que eu, por minha filha ser ainda quase um bebê, apenas faço parte do pacote, porém, daqui a algum tempo, serei completamente dispensável, e quem irá curtir os momentos como uma família será Caroline.

— Eu não sei, Nicholas. — Tenho medo de, quando tiver de voltar à normalidade, sofrer, como aconteceu há três anos. — E Caroline? O que ela achará de ficar conosco por lá?

Ele fica sem jeito, principalmente quando me responde:

— Eu não pretendo dizer a ninguém onde estamos. — Arregalo os olhos. — Não que eu não

confie, mas para evitar que fiquem indo até lá, colocando nossa segurança e discrição em risco. Se Baden quiser ainda continuar com seus planos, não vamos facilitar.

— O que você pretende fazer?

— Ficar a maior parte dos dias no haras até ele ser achado e preso. Vir para São Paulo pilotando quando precisarem de mim e voltar do mesmo jeito. Sem carros, sem condições de ser seguido. O haras é um empreendimento rentável e, como a Mel se casou e ficou um tempo fora da ativa, nós nunca fizemos a inauguração pretendida. E... — olha-me fixamente — eu nunca fixei residência no haras. Na verdade, estive lá apenas um par de vezes nos últimos três anos.

Isso tudo me surpreende, pois eu tenho vívido na memória cada um dos planos que ele fez para aquele lugar. Saber que, depois que rompemos, ele deixou de ir ao haras me assusta, faz-me sentir

PERIGOSAS ACHERON

quão profunda foi a mágoa que ele guardou de mim.

— Pouca gente o conhece ou sabe que ele me pertence, pois tenho um administrador que faz tudo e me representa em todos os negócios. Deixem pensar que vocês saíram do país, mas fiquem comigo lá.

— Nicholas, eu acho que não...

Ele pega minha mão por cima da mesa.

— Me dê essa oportunidade de conhecer nossa filha, Giovanna.

Eu não acho boa ideia. Primeiro, porque creio que Caroline não irá aceitar que ele fique por lá conosco, e ela irá desconfiar caso Nicholas suma de repente. E o mais importante: o risco de eu sair de lá em cacos novamente.

Não há possibilidade de estar perto dele e não sentir o que sempre senti ao seu lado. Eu nunca o esqueci, nunca consegui fazer aquele amor morrer

dentro de mim, mesmo tentando seguir em frente e conhecer novas pessoas.

Se eu aceitar, por Mia, tenho de manter minha cabeça no lugar e resguardar meu coração, porque Nicholas não me quer mais, ele ama Caroline e vai se casar com ela em poucas semanas.

Mantendo isso em mente, eu sorrio para ele e concordo em ir para o haras.

Capítulo XI

Giovanna

Demoramos mais alguns dias para nos mudarmos para o haras, e eu confesso que tive esperança, durante esse tempo, de que Baden pudesse ser preso e, assim, evitar que eu faça essa loucura que é ficar sozinha com Nicholas.

No entanto, não há pistas dele! O homem e a tal Lucinda sumiram da face da Terra. O amigo de Nicholas, Danilo, bem como Constantino, estão à sua procura independentemente do trabalho de investigação da polícia.

No dia seguinte ao retorno de Mia, eu comuniquei aos meus irmãos que Nicholas nos ofereceu um lugar para ficar e, embora os dois tenham protestado e negado, mantive minha palavra de que iria acompanhá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabella e Marina ficaram felizes com a ideia e me aconselharam a lutar por ele, mas eu lhes expliquei que ele estava fazendo isso apenas por Mia, não por mim. Seu relacionamento com a Carol perdura há anos, ele a pediu em casamento, sinal de que os dois realmente se amam.

O que nós dois tivemos foi intenso e avassalador, mas durou apenas alguns meses. Nicholas está diferente, assim como eu também estou. Talvez isso que eu sinta por ele ainda permaneça por ter sido interrompido contra minha vontade e não por ser amor de verdade. Pelo menos, foi o que eu tentei me convencer a cada dia que ele esteve em meu apartamento, conversando com Mia e trocando olhares comigo.

Eu me lembro de sua emoção ao, finalmente, conhecê-la de verdade. Ele chegou devagar, com uma boneca linda, e conversou com ela sem que eu dissesse nada.

PERIGOSAS ACHERON

Mia é uma criança muito expansiva, mas, por causa do que vivenciara, encolheu-se toda com medo dele.

— Mia. — Ela me olhou, e eu sorri. — *Questo è il tuo papà!*

Ela arregalou os olhinhos, assustada e encantada.

— *Come zio Tony?*

Eu gargalhei, e Nicholas franziu o cenho sem entender o que ela quisera dizer com aquilo.

A referência de pai que Mia tinha provinha do relacionamento entre Tony e Henrique. Eu fui muito egoísta, não só com Nicholas, mas também com Mia, pois todos os seus primos tinham um pai, menos ela. Eu pensei que, por ela ser pequena, não percebia ou notava essa diferença, mas, pelo visto, enganei-me.

— Sim, um papai como o de Henrique. — Meus olhos se embaçaram com as lágrimas.

Nicholas também não estava muito diferente de mim, visivelmente emocionado, ainda segurando a linda bonequinha de cabelos cor de mel.

Mia ficou parada por um tempo ainda, analisando a informação, olhando-o fixamente. Então, de repente, caminhou até ele com seus cabelinhos balançando em volta do pescoço e estendeu a mãozinha como fazia quando conhecia um amiguinho novo.

— Oi! Sou Mia!

Eu ri, e as lágrimas desceram, assistindo-lhe tocar com sua mão enorme aquela tão pequenina.

— Eu sou Nick, mas pode me chamar de papai! — Ela riu, como se as palavras dele fossem engraçadas. — Eu trouxe essa princesa aqui para você cuidar. — Entregou-lhe a boneca.

Mia tocou os cabelos da boneca e depois os seus próprios, rindo da semelhança.

— *Princesa!* — exclamou, abraçando o

PERIGOSAS ACHERON

presente.

Nossos olhos se encontraram, e eu tremi ao ouvi-lo dizer:

— Sim, *princesa!*

Depois disso, a cada dia em que ele nos visitou, eu sentia que minha filha ficava mais e mais encantada com o Nicholas. Os dois brincavam juntos no chão do quarto entre bonequinhas e cavalos — que ele fez questão de que ela tivesse —, representando contos de fadas e batalhas com dragões.

Eu nunca, em todos aqueles anos em que imaginei como ele seria como pai, poderia ter pensado que seria assim, tão perfeito. Ele ficava com ela durante horas e depois ainda fazia questão de colocá-la na cama e se despedir com um beijo de boa-noite. Nós nos despedíamos formalmente, sem nos tocar, apenas um boa-noite ou um “até amanhã”.

No quinto dia após o resgate de Mia e o último que eu iria passar em São Paulo, recebemos a visita de Bernardo, dona Cecília e Gilberto. Eu não os via há anos e fiquei desconfortável com todos eles em minha casa de uma só vez.

Dona Cecília me cumprimentou educada, porém distante, parecendo visivelmente magoada comigo. Bernardo foi mais carinhoso, abraçou-me e perguntou como eu estava. Entretanto, minha maior surpresa foi Gilberto. Ele me apertou forte, chorando, dizendo palavras tão bonitas que eu — depois de tudo o que passei e de todas as mentiras que só alimentaram meu ódio contra ele — o abracei de volta, sentindo, pela primeira vez, que a mágoa que ainda restava em mim verdadeiramente não existia mais.

Todavia, se meu reencontro com ele foi emocionante, o encontro dele com Mia foi de doer o coração. Primeiro, porque ele ficou tão sem

PERIGOSAS ACHERON

reação ao vê-la que eu pensei que estivesse tendo outro ataque cardíaco, segundo, porque, quando por fim reagiu, estava tremendo e chorando.

Tive de levá-lo para a cozinha e lhe servir um copo d'água enquanto dona Cecília e Bernardo ficavam com minha filha e minha mãe.

— Parece que voltei no tempo... — afirmou depois de mais calmo. — Vê-la foi como te ver de novo e então pensar no quanto da sua vida eu perdi. Me perdoe!

— Já perdooi, Gil. — Sorri com sinceridade.

— Você irá deixar o Nick fazer parte da vida dela, não é? — Eu assenti. — Que bom, Giovanna! Eu também gostaria dessa oportunidade. Não fui seu pai, mas gostaria de ser o avô dela.

A emoção que senti foi indescritível ao ouvi-lo dizer isso e sentir que era real, que ele queria mesmo fazer parte de nossas vidas.

Os três ficaram conosco até o findar do dia e,
PERIGOSAS ACHERON

pouco antes de nos despedirmos, dona Cecília, finalmente, conversou comigo.

— Ela é linda! Nicholas está completamente apaixonado por ela. — Eu concordei. — Todos estamos, essa é a verdade! — Apontou para Gil com ela nos ombros. — Por favor, Giovanna, eu suplico, não os machuque mais! Eu sei que Gilberto errou muito contigo e com Ana no passado, mas ele quer realmente estar próximo de vocês e estive como um louco durante os dias em que estive cativa.

— Eu soube...

— Nicholas se arriscou muito para ter vocês duas sãs e salvas. Então, por favor, deixe-o se aproximar de Mia e fazer parte da família dela. — Encarou-me. — Nicholas irá se casar em breve, e eu acho que a Carol também precisa conhecer a Mia, fazer amizade com ela. — Meu coração se contorceu ao ouvir isso. — Eu temo que você não

PERIGOSAS NACIONAIS

os permita acompanhar o crescimento...

— Eu não tenho intenção nenhuma de proibir o convívio ou afastar minha filha do pai dela, dona Cecília.

— Já o fez, não é? — Senti que mereci o ataque. — Independentemente do que aconteceu entre vocês dois, ele tinha o direito de saber, Giovanna. E é disso que tenho medo, pois sei que Carol e você nunca se entenderam, mas ela será parte da família de Mia também.

Respirei fundo para não dizer a ela que Caroline era uma dissimulada, cobra criada, mas como não adiantaria de nada, pois todos naquela família adoravam-na, permaneci em silêncio e apenas assenti.

Nicholas não foi nos visitar naquele dia, apenas me mandou uma mensagem dizendo estar resolvendo umas coisas antes de nossa ida para o haras.

PERIGOSAS ACHERON

O dia mal amanheceu, e ele já nos esperava no heliponto do nosso prédio. Despedi-me de todos da minha família ainda insegura sobre o que estava fazendo e embarquei com Mia.

Nicholas, por causa do ferimento que ainda não tinha cicatrizado, não podia pilotar, e eu reconheci o piloto, Eliandro, o mesmo de anos atrás quando ainda estávamos juntos.

A viagem foi rápida, mas Mia aproveitou cada momento, aventureira e corajosa como ela só, pulando animada e me mostrando paisagens.

Paro de pensar no que aconteceu nos últimos dias quando desembarcamos no haras. As mudanças ocorridas por aqui me surpreendem positivamente. Eu nunca duvidei de que, depois de concluído, isso aqui seria tão lindo, mas devo confessar que a realidade superou a expectativa.

Suspiro olhando cada local, lembrando-me dos momentos que vivemos aqui há mais de três

PERIGOSAS ACHERON

anos.

Estamos seguindo para a casa no topo da colina dentro de uma caminhonete cabine dupla dirigida por Roberto Reis, o administrador do Círculo N.

Mia segue encantada com o local, com o rostinho colado no vidro da janela do carro.

— *Canis!* — ela exclama ao ver dois enormes labradores brincando na frente da casa.

Eu rio, sabendo que minha filha é igual à Felícia dos desenhos animados, não pode ver um bichinho e já quer logo abraçar, apertar e beijar.

— Mia, eles são bonzinhos! — Roberto fala assim que descemos do veículo. — Kalel! Diana! — ele os chama para perto, e minha filha, interessada nos cachorros, pega em sua mão para ficar próxima aos cães.

Encaro Nicholas com expressão debochada por causa dos nomes de super-heróis.

— Não tive participação nisso! — Ri, dando de ombros. — Foram Gabriel e Johanna quem os nomearam!

Eu me lembro dos dois irmãos, principalmente da menina, que montava muito bem.

— Eles ainda estão aqui?

— Todos ainda estão aqui. — Ele estende a mão em minha direção, e eu fico paralisada por um segundo. — Vamos entrar!

Ele percebe que estou hesitante em tocá-lo e abaixa a mão, assim como o sorriso em seu rosto se desfaz. Arrependo-me de não ter tido coragem de entrelaçar minha mão na dele, como fizemos aqui, neste mesmo lugar, há tantos anos, mas sei que fiz o certo, afinal, preciso me proteger.

O lugar é o mesmo, o homem é o mesmo, meus sentimentos estão iguais aos de antes, e os sonhos que começaram a preencher a minha mente

aqui parecem ter virado realidade. Olho para Mia, coçando a cabeça do cachorro de pelagem chocolate enquanto o outro, de pelos dourados, pula em Nicholas.

Entretanto, isso tudo é só uma ilusão! Esse não é nosso lar, e nós não somos uma família. Respiro fundo tentando me controlar e olho para a paisagem, o lago enorme e os piquetes que não parecem ter fim.

Eu cometi um erro ao vir aqui! Mas não posso voltar atrás, por Mia, penso enquanto engulo minhas lágrimas e escuto o som das risadas da minha filha.

— Mamãe! — Mia me grita animada.

Eu ponho um sorriso no rosto e os sigo para dentro da casa, encontrando Célia à porta com um sorriso enorme no rosto.

— Nick! — Ela parece feliz ao vê-lo, e eu me lembro de que ele me disse que não vinha muito

aqui. — Oh, meu Deus! Quem é essa fofura?

Ela brinca com Mia, que está empoleirada nos ombros de Nicholas.

— Essa é Mia, minha filha, Célia. — Ela não disfarça o espanto. — Você se lembra de Giovanna? — Aponta para mim, e eu aceno para ela. Mais uma vez, ela peca ao tentar conter sua expressão de assombro. — Onde estão Joaquim e os meninos?

Ela demora a responder, intercalando olhares entre mim e minha filha.

— Joaquim foi até a cidade, ainda às voltas com a égua machucada. — Ele assente. — Os meninos viajaram há dois dias com os pais, pensei que soubesse.

— Sei, sim, apenas me esqueci de que eles vão passar as festas em casa, na Inglaterra.

Entramos, e eu vejo que pouca coisa mudou dentro da casa. Seus móveis rústicos de madeira e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

couro e o piso de tábuas corridas ainda estão aqui, brilhantes como novos, exatamente como eu me lembrava.

Nos outros cômodos, alguns móveis estão cobertos, mostrando que a casa não estava sendo habitada, pois Célia e Joaquim, assim como os outros funcionários, têm suas próprias residências dentro da propriedade.

— Os móveis chegaram? — Nicholas pergunta ao Roberto.

— Chegaram e já estão prontos para serem usados!

— Que bom! — Olha-me. — Vamos comer alguma coisa antes de explorar o local?

Mia se agita, e eu concordo.

A cena da mesa na cozinha repleta de iguarias lembra-me de quando ele disse que queria viver comigo, e os sonhos de ter uma família e um lar com ele me assolam.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tudo bem? — Nicholas me questiona, colocando Mia sentada em uma cadeira, animada pelo enorme pedaço de bolo que Célia lhe serve.

— Sim! — Sento-me ao lado de minha filha. Ele me serve café puro e me oferece uma torrada.

— Vou comer o bolo! — Remexo nos cabelinhos de Mia. — Está bom?

Ela balança a cabeça com a boquinha cheia da iguaria de Célia.

— Com geleia ou sem? — Nick inquire. Aponto para a de laranja, cujo gosto maravilhoso ainda me lembro. Ele passa uma camada generosa por cima da fatia, e eu reviro os olhos na primeira mordida. — Agora come doces!

Sorrio.

— Durante a gravidez, essa garotinha aqui me fez parecer uma formiga! — Olho para Mia deleitando-se com o lanche. — Eu tinha tanta

vontade de comer doce que chegava a sonhar com chocolates gigantes.

Ele ri.

— Carnes? — Nego. — Era bom demais para ser verdade!

— Mia também não gosta muito, vou logo lhe avisando! — Ele arregala os olhos. — Faz cara feia e cospe!

— Não! — Põe a mão no peito. — Mia, papai vai lhe ensinar a maravilha que é comer um churrasco!

Ela nem lhe dá atenção, atacando um novo pedaço de bolo, agora com geleia por cima, como o meu.

— Ei, mocinha, vá devagar! Muito doce faz doer a barriguinha.

Ela concorda, mas continua a comer. Eu abro um sorriso e olho para Nicholas, que me encara de jeito tão diferente que lhe pergunto qual é o

PERIGOSAS ACHERON

problema.

— Nenhum! Eu só acho lindo o modo como vocês duas interagem. Eu nunca imaginei que você se tornaria esse tipo de mãe, tão carinhosa e dedicada.

Fico sem graça com sua observação, mas sentindo orgulho por ser assim. Eu sou louca pela minha filha e não escondo isso de ninguém.

Depois do lanche, seguimos para as áreas produtivas do haras. O enorme pavilhão que abrigava as baias agora tem a companhia de mais dois, um maior e um menor.

A movimentação de equinos é tão grande que Mia suspira e se estica para tocar cada cavalo que passa por nós.

— Isso aqui cresceu muito! — observo.

— Sim, hoje é um negócio consolidado. Fornecemos produtos, matrizes e sêmen para o Brasil inteiro.

Vamos até uma arena de adestramento onde um peão amansa um cavalo negro com patas brancas. Meu coração dispara ao pensar que pode ser um dos potrinhos gêmeos, mas acho improvável, pois Nicholas me explicou que a chance de eles chegarem à vida adulta era muito remota.

— Eclipsim — diz baixinho, confirmando minhas suspeitas. Eu me penduro na cerca, sentindo a emoção de revê-lo saudável e lindo. — Arcanum deve estar do outro lado. — Aponta. — Os dois são brigões.

Oh, Deus, os dois sobreviveram! Eu sinto a felicidade de saber que o milagre que presenciamos naquela noite tão especial na qual ele se declarou para mim ainda sobrevive.

O cavalo para e relincha, e eu escuto as gargalhadas de Mia.

— Você quer montar num desses, Mia? —

Olho apavorada para Nicholas. — Papai tem um especial para você!

— Nicholas...

— É um pônei, Gio. — Sorri, colocando Mia nos seus ombros. — Vamos cavalgando até a casa dele?

— Sim! — Ela pula, segurando em sua cabeça cheia de cabelos curtos.

Os dois saem, Nicholas trotando como um cavalo maluco, e Mia gargalhando como uma criança feliz.

Você está encrencada, Giovanna!

Acendo o abajur e estico a colcha em cima de Mia, que dorme tranquila em uma cama novinha num quarto montado exclusivamente para ela, com brinquedos e bonecas, além de um cavalo de PERIGOSAS ACHERON

madeira tão fofo que ela não quis sair de cima dele durante todo o entardecer.

Olho para a cama de babá pensando em dormir aqui, não no quarto que ele mobiliou para me receber, entre este e o seu. Será muito mais seguro para mim, no sentido de evitar tentações, se eu permanecer no quarto com Mia.

Ligo a babá eletrônica, pois tenho medo de que ela acorde e estranhe o local, assustando-se, e desço para a sala de televisão, onde Nicholas está assistindo a um jogo beneficente.

Passo em frente ao estúdio de fotografias, onde fica a sala de revelação e tento entrar, mas a porta está trancada. Sigo em direção à cozinha, onde Célia termina o preparo do jantar.

— Ela dormiu? — Eu confirmo. — Ela tem um apetite ótimo, não é? Devorou todo o purê de abóbora com feijão!

— Mia come muito bem! — Eu pego um

PERIGOSAS ACHERON

copo e encho com água. — Joaquim ainda não voltou?

— Ah, sim! Foi em casa trocar de roupa, mas virá para o jantar.

Eu troco mais algumas palavras com ela e depois saio em direção à varanda, escolhendo uma das portas que saem nela. Porém, passo por um objeto coberto com uma capa, cujo formato chama minha atenção.

Puxo sua cobertura e confiro ser um belíssimo Steinway & Sons, uma das melhores e mais famosas marcas de piano do mundo. Passo a mão sobre ele, curiosa por esse instrumento estar aqui, pois Nicholas toca violão, e eu não me lembro de tê-lo visto aqui antes.

— Se eu fosse a senhorita, cobria isso de novo! — Ouço a voz de Joaquim e me viro para vê-lo com seu chapéu de estimação na cabeça. — Bem-vinda de volta! — Eu sorrio ante a calorosa

saudação e agradeço. — Meu patrão fica um tanto furioso quando mexemos no piano.

— Mesmo? — Sinto-me curiosa sobre isso.

— Acho que se arrependeu de tê-lo comprado, pois, assim que o viu aqui, quis colocar fogo nele! — Eu rio diante da cena. — Isso foi logo depois que vocês brigaram.

Eu deixo de sorrir e olho para o instrumento com o coração disparado.

— Acho que ele iria lhe fazer uma surpresa, mas...

Eu jogo a capa por cima do piano novamente querendo banir a dor que sinto ao pensar que Nicholas comprou esse piano para mim, para eu tocar quando nos mudássemos para cá.

— Fiquei surpreso quando cheguei e soube o motivo de tanta arrumação na casa e da compra de móveis novos. Ele nunca mais quis voltar aqui, sabe? — Aproxima-se e fala mais baixo: — Veio

duas ou três vezes, mas, assim que contratou o Beto, nunca mais voltou.

Eu balanço a cabeça entendendo o que ele quis dizer. Eu também sei da importância que esse lugar tem para Nicholas, o sonho dele de morar aqui. Saber que ele desistiu de tudo depois que rompemos me parte o coração.

Nós dois caminhamos juntos e em silêncio em direção à cozinha. Nicholas está aqui, encostado em um balcão, conversando com Célia e tomando uma bebida num copinho.

— Opa, que cheguei na hora da *marvada*! — Joaquim grita animado, e Nick lhe serve um copinho de pinga. — Bem-vindo de volta, patrão!

Nicholas dá um tapa em seu chapéu, que vai ao chão, e os dois se abraçam.

Célia balança a cabeça, repreendendo os dois, pega o objeto caído e o devolve ao marido, cumprimentando-o com um beijo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O jantar está pronto! — anuncia. —
Parem com a bebedeira e vão comer!

Escuto Joaquim reclamando com ela enquanto Nicholas vem até mim com um trago na mão.

— Aceita? Não é nenhum vinho importado, e é forte como um coice de...

Eu pego o copinho de sua mão e o viro de uma só vez. A bebida desce queimando como fogo, mas eu sorrio, levantando uma sobrancelha desafiadora.

— Já te disse que sou forte para bebida! — assim que falo isso, lembro-me do aniversário do Bernardo no Guarujá e de como terminou nossa provocação por causa da minha bebedeira. Ele também parece se lembrar, olhando-me intensamente com um sorriso malvado no rosto.

Ai, Giovanna, onde você foi se meter?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XII

Nicholas

Mais uma vez, minha vida está de cabeça para baixo! Estava tudo nos seus eixos, caminhando normal e satisfatoriamente. Eu tinha voltado a trabalhar com o que gosto, acompanhando projetos, tinha ao meu lado uma mulher que eu conhecia desde a infância e que era companheira, divertida e muito compreensiva e estava pronto para me casar sem a impulsividade e o desespero da primeira vez em que pensei em fazê-lo. Então, como num passe de mágica, tudo foi ao chão.

Depois que encontrei Mia naquele apartamento, perdi os sentidos e fui parar no hospital. Acordei em desespero, querendo saber se minha filha estava bem. Só quando Caroline e

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe chegaram é que eu sosseguei um pouco, pois Gilberto já lhes havia informado que Mia estava em segurança.

O tiro que Baden disparara contra mim pegara no ombro e o atravessara. O procedimento no hospital foi simples e, em algumas horas, depois de todos os exames necessários, eu fui liberado.

Prestei meu depoimento ainda no hospital, explicando para a polícia como tudo acontecera. Depois, quis ir direito para o apartamento de Giovanna para ver Mia, mas Carol insistiu que eu deveria descansar. Cheguei ao Castellani, tomei um chá, um banho e dormi instantaneamente, acordando de madrugada.

Caroline ainda dormia quando eu saí para ver minha filha, embora soubesse que não era o horário ideal para vê-la, pois estaria dormindo, mas precisava ir até ela, ver com meus próprios olhos que estava bem. Dirigi como um louco até chegar

ao prédio da família Villazza.

O porteiro abriu a porta principal do prédio assim que eu me identifiquei, mas, quando interfonou para o apartamento de Giovanna, quem atendeu foi o tal de Guido, e eu tive de dar alguns gritos com ele para que me deixasse subir.

Encontrei Giovanna deitada com Mia, e a cena das duas juntas me impactou de uma forma tão forte que eu fiquei sem ação por alguns momentos.

Mia é uma criança linda, e eu me sinto orgulhoso de que ela seja minha filha. Absorvi cada detalhe sobre ela, desde seu nariz pequenininho, seus cabelos finos e claros e os olhos tão parecidos com os meus. Ela é uma mistura nossa, de Giovanna e de mim, e eu me sinto um homem completo sabendo que ela existe.

Depois que cheguei ao apartamento dela, fiquei pensando em como nós iríamos fazer para

PERIGOSAS ACHERON

que eu tivesse tempo de conhecer minha filha melhor, de conversar com ela e lhe dizer que eu sou seu pai. Pensar que elas moravam em outro país me deixava preocupado, porque eu não queria ficar longe dela nunca mais.

Quando, mais tarde, Giovanna me disse que seus irmãos sugeriram que ela fosse para a Itália, pensei em abandonar tudo aqui em São Paulo e ir junto com elas, mas, depois, pus a cabeça no lugar, lembrando que faltavam poucas semanas para o meu casamento com Caroline, e eu não poderia simplesmente abandoná-la aqui.

Então Giovanna me disse que ficaria no Brasil até o mês que vem, para que eu pudesse estabelecer um laço com minha filha, e eu tive a ideia de trazê-las para o haras.

Ponho a mão na cabeça pensando se eu fiz o certo, se estar aqui com Giovanna e Mia não está me fazendo sentir o que sentiria se nós fôssemos

PERIGOSAS ACHERON

uma família de verdade. Eu não sei o quanto disso pode me afetar, pois, quando chegar a hora de elas irem embora e eu me casar com a Carol, eu poderei sentir uma saudade enorme das duas.

Caminho até a cozinha e encontro Célia preparando o jantar. Inspiro profundamente o cheiro de sua comida misturado ao da lenha do fogão tentando entender como eu consegui ficar tanto tempo longe de tudo isso aqui.

— Já está quase pronto! — Ela me bate com um pano de prato quando eu levanto a tampa de uma das panelas. — Saia daí!

Rio, sentindo-me feliz como há muito não acontece.

— Estou com saudade da sua *gororoba*!

Célia faz careta, mas sorri, pois sabe o quanto eu gosto de seu tempero.

Vejo o pequeno tonel de pinga do outro lado da cozinha e sigo até lá, contente por Joaquim

PERIGOSAS ACHERON

nunca deixar faltar aguardente ali. Pego um dos copinhos ao seu lado e o encho, tomando o primeiro trago satisfeito.

É disso tudo aqui que gosto! Cheiro de mato, ouvir os grilos cricrilando lá fora, uma comida caseira feita no fogão a lenha e uma bebida envelhecida e forte, bem brasileira!

Suspiro de prazer, fechando os olhos, sabendo que minha filha está aqui, segura e confortável, dormindo no quarto que pedi para montarem para ela. Sorrio ao me lembrar de sua carinha de encantamento ao ver o lugar cheio de bichinhos e bonecas. Eu quero que ela sinta que aqui é seu lar, pois toda vez que estiver comigo, é aqui que vamos estar.

Tento evitar pensar que ela irá embora e que Giovanna e eu ainda precisaremos decidir como iremos dividir o tempo de Mia entre nós. É uma situação que não me agrada, sinceramente, pois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha filha irá crescer sem a referência de um lar único, a casa de seus pais. Todavia, infelizmente, ela não será nem a primeira e muito menos a última criança a passar por isso.

Célia me recrimina com o olhar por eu estar bebendo um trago em sua cozinha, mas eu levanto o copo e ofereço um brinde a ela.

Se eu pudesse, nunca mais iria sair daqui! Sinto-me em casa com eles ao meu redor. Contudo, eu não imagino trazer Carol aqui... Na verdade, depois do que houve ontem, está sendo difícil pensar em nosso casamento, porque vi uma faceta de Caroline que me deixou um pouco tenso, mas a qual resolvi relevar porque sei o quanto esse retorno de Giovanna a deixou insegura.

Sirvo-me de outra dose enquanto me lembro de nossa discussão. Ela havia acabado de chegar de um plantão, nervosa e cansada e acabou explodindo quando me viu arrumando minhas malas.

PERIGOSAS ACHERON

— Para onde você vai? — perguntou-me, parada na entrada do closet.

Eu ainda não tinha tido a oportunidade de conversar com ela, pois quase não nos tínhamos visto durante essa semana. Eu visitara minha filha todos os dias e ainda estivera com Danilo à procura de pistas de Baden. Chegava a casa apenas para dormir, e ela trabalhara muito também, então mal trocamos duas palavras.

— Vou ficar uns dias fora. — Fechei a mala. — Uma semana, para ser exato.

— Tem a ver com a Novak ou... — Senti sua voz tremer.

— Eu preciso proteger minha filha, Carol. — Ela bufou. — Eu sei que a situação é incômoda para você, mas tente entender tudo o que aconteceu...

— Por que *ela* simplesmente não volta para a Itália? — questionou-me, sentando-se na cama de PERIGOSAS ACHERON

casal com a mão no rosto. Senti-me culpado por estar lhe causando transtorno, mas eu já havia me decidido. — Por que precisa de você para protegê-la? — Apontou para meu braço na tipoia. — Você quase morreu!

— Giovanna pensou em ir para a Itália, mas eu pedi que ficasse. — Caroline me olhou como se eu tivesse cometido um crime. — Eu preciso conviver com a minha filha, Carol!

Ela riu, histérica.

— Não é só o que você tem feito, Nick? Eu passei quatro dias inteiros sozinha aqui sem notícias suas enquanto você visitava sua filha! Como você acha que eu me sinto ao saber que você passa o dia todo enfiado na casa *dela*?

— Faço isso por Mia...

— Ah, por favor! — Levantou-se. — Aquela mulher está usando essa criança para se reaproximar, e você está caindo como um pato

novamente! Acorda, Nick!

Eu respirei fundo, tentando me conter e não perder a cabeça.

— Eu conversei com ela e com nossas famílias, e todos concordamos que é uma boa ideia tirá-las de São Paulo enquanto Baden não for preso.

— Sua mãe nunca aceitaria isso, Nick! Ela está com medo daquela mulher voltar a fazer você de bobo...

— Carol, eu sei que é complicado e, sinceramente, se eu estivesse no seu lugar, pensaria duas vezes antes de me casar...

Ela gargalhou.

— Está me sugerindo desistir? Deixar o caminho mais fácil para ela?

Fechei os olhos e bufei.

— Não foi isso que eu quis dizer, porra! — Perdi a cabeça. — Só queria dizer que imagino que não esteja sendo fácil para você isso tudo, mas eu

preciso desse tempo com Mia, é importante para mim.

— Você nem sabe se essa criança é realmente sua, Nick! Sua mãe também acha que um exame de DNA é o mais indicado nesses casos!

Eu fiquei puto ao ouvir isso, principalmente porque sabia o quanto minha mãe estava feliz com aquela neta.

— Ela foi visitá-la, Carol. Estão todos lá nesse momento, inclusive eu já deveria estar lá também! — Virei-me de costas e fui até o banheiro para molhar meu rosto, tentando me acalmar.

Contudo, a discussão ainda não havia acabado! Vi Caroline pelo reflexo no espelho.

— Eu ainda não a conheci, e você esteve indo lá todos esses dias, mas nunca me chamou para o acompanhar. Você não acha que, se ela é realmente sua filha, deveria também formar algum laço comigo?

Respirei fundo e soltei o ar ruidosamente.

— Ela é minha filha, e assim que eu conseguir que ela mesma entenda o meu papel em sua vida, a trarei para que te conheça.

— Por que não fazer um exame só para confirmar? Aquela mulher já mentiu tanto para vocês todos que mais uma...

— Carol, chega!

— Seja racional, Nick! Uma única vez sem proteção e ela engravida? Poxa, eu fiquei meses sem tomar remédio!

— Nós usávamos camisinha, Carol. — Eu me virei para encará-la. — Não quero mais falar sobre esse assunto...

— Tivemos dois acidentes com elas, você se lembra? Dois! E nem por isso engravidei!

Franzi a testa e cruzei os braços sobre o peito.

— Eu pensei que você tinha tomado a pílula do dia seguinte! — Notei que ela ficou nervosa e

sem graça. — Você me disse que tinha tomado!

A sua expressão me confirmou que ela mentiu, que não tomou pílula alguma. Eu puxei pela memória, pois isso acontecera no primeiro ano do nosso namoro, e me lembrei que as duas camisinhas romperam em sequência, dentro da mesma semana.

Não podia ser!

— Carol, você estava tentando engravidar sem que eu soubesse?

Ela arregalou os olhos.

— Claro que não! Foi um acidente!

— Duas vezes? — Ri. — Como não percebi isso antes? — Gargalhei como louco. — Você fez mesmo isso?

Ela não me respondeu, pois voltou marchando para o quarto, indignada com minha pergunta. Porém, eu não precisava de mais nenhuma resposta, porque estava claro como água

que ela tentara me dar o golpe da barriga.

Fiquei um longo tempo dentro do banheiro analisando tudo o que estava acontecendo, as coisas que havia acabado de descobrir. Carol sabia que eu sempre abominara mentiras e dissimulações, e fora tudo o que ela fizera naquela época.

— Nick — escutei sua voz —, me perdoe por toda essa discussão. — Eu assenti, mas ainda tinha meu cérebro processando todas as novas informações. — Eu estou cansada e tensa. — Sorriu e me abraçou. — Para onde você vai com elas?

— Vamos para um lugar seguro. — Foi só o que eu disse, e ela me encarou.

— Não confia em mim para dizer?

Afastei-me, guardando meus itens de higiene dentro de um nécessaire.

— Não é isso, mas pensamos que é melhor...
— Ela levantou a sobrancelha. — Eu virei sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

que puder, Carol, e nossa agenda de compromissos do casamento ainda está de pé.

Ela sorriu e concordou.

— Eu vou tomar um banho e descansar um pouco. — Tocou minhas costas. — Estou com saudades de você! Vem para o banho comigo?

— Eu preciso resolver algumas coisas ainda, além disso, meus pais e meu irmão me aguardam lá com Mia.

Ela não ficou satisfeita com minha resposta, então eu a beijei e saí do banheiro.

Eu não tinha nada para resolver, eu só iria fazer minha visita diária a Mia, mas, depois do que acontecera, daquela conversa, eu precisava estar um tempo sozinho para pensar naquilo tudo.

Acabei indo para a Novak e fiquei entocado em meu escritório com duas fotos em cima da mesa, a de Giovanna no haras e a de Carol comigo em Madri.

PERIGOSAS ACHERON

As coisas estão confusas dentro de mim, principalmente porque eu sempre achei que Carol fosse completamente diferente de Giovanna e ontem descobri que, quando lhe é conveniente, ela mente e dissimula.

Até uma semana atrás, eu tinha certeza daquele casamento, de estar fazendo a coisa certa e de que ela era a mulher com quem eu iria passar o resto da minha vida. Carol, minha amiga de infância, minha confidente, uma mulher em quem eu confiava totalmente.

No entanto, tudo começou a se embolar quando Giovanna voltou, mesmo antes de eu ter descoberto sobre Mia. Só de saber que ela estava de volta a São Paulo mexeu comigo, tirou-me dos trilhos. Agora, sabendo que há uma filha a nos unir, tudo fica ainda mais forte. Entretanto, não é o principal! O verdadeiro motivo dessa minha confusão é o desejo que sinto quando Gio está perto

de mim. Desejo não só sexual, embora esse seja o mais constante, mas também o de vê-la feliz, sorrir, de abraçá-la. Naquele dia, no hospital, eu tive desejo de socar o Frank e lhe dizer que eu era, sim, alguém na vida de Giovanna.

Avaliei minha decisão sobre o haras no dia em que conversei sobre ele com Giovanna, percebendo que teria de ter uma força hercúlea para me manter afastado dela em todos os sentidos. Rio comigo mesmo ao lembrar que pensei isso, pois não estava sendo preciso nenhum esforço para eu me manter longe, porque ela própria estava me evitando. Mal nos tocamos desde o dia em que a convidei a vir comigo para cá. Nossas despedidas, durante os dias que visitei Mia, foram frias e formais. Giovanna não ficava por perto nem mesmo quando Mia e eu brincávamos. Ela aparecia vez ou outra para nos ver. Sorria, conversava, mas não participava das brincadeiras. Tentei relevar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizendo que ela queria que eu curtisse ao máximo aqueles momentos sem sua intervenção, mas isso me incomodou.

Quando chegamos ao haras hoje pela manhã, ela evitou me tocar novamente, recusando pegar em minha mão quando a chamei. Talvez a preocupação da Carol seja vã, pois, ao que parece, Giovanna Villazza não sente mais nada por mim. Ela superou e seguiu em frente enquanto eu pareço um cachorro correndo atrás do próprio rabo.

Como se evocada pelos meus pensamentos, vejo-a entrar na cozinha ao lado de Joaquim. O velho peão não esconde a satisfação e alegria ao me ver aqui de volta, e eu também não me faço de rogado.

Então eu ofereço uma bebida a Giovanna, e ela, além de me desafiar, ainda me faz lembrar do dia em que fizemos sexo pela primeira vez, na casa de praia.

PERIGOSAS ACHERON

Meu corpo se acende na hora, e ela também parece ficar desconfortável, talvez até excitada.

— Vamos comer! — Célia nos tira desse clima, e eu afasto uma cadeira da pesada mesa de madeira da cozinha, onde sempre costumamos fazer as refeições, para Giovanna se sentar. Aspiro seu perfume quando ela passa ao meu lado e se senta. Dou a volta e me sento de frente para ela, notando que evita me encarar.

— Mia dormiu bem? — puxo assunto.

Ela sorri, ficando ainda mais bonita.

— Sim. — Mostra-me o aparelho que comprei. — Por enquanto, está tudo bem e ela dorme quietinha.

— Eu espero que ela goste daqui. — Olho para Joaquim. — Ainda temos aquele pônei de treinamento?

— Claro! Já quer colocar sua menina em cima dele?

— Não é perigoso? — Giovanna pergunta.

— Não, ele é mansinho! Mia acordará a Betina!

Continuamos a conversar enquanto Célia nos serve a comida — um delicioso ensopado para nós, e uma moqueca de peixe para Giovanna.

Ficamos à mesa muito depois de o jantar terminar, tomando café e cachaça. Joaquim fez questão de me contar todos os pormenores do haras durante o tempo em que estive fora enquanto Giovanna foi ajudar a guardar a louça.

— Eu preciso saber onde estão as coisas para eu fazer as refeições de Mia — ouço-a dizer a Célia e não resisto a questionar:

— Você cozinha?!

Ela se vira para mim, levemente surpresa

PERIGOSAS ACHERON

com minha intromissão, mas visivelmente divertida e orgulhosa.

— Sim, Nicholas. Não chego nem aos pés da Célia, mas aprendi a fazer umas refeições rápidas e, principalmente, preparar a comida da minha filha.

Sorrio para ela, percebendo que a maternidade a mudou, e essa mudança conseguiu deixá-la ainda mais irresistível. Apesar de amar Giovanna, eu nunca tinha sido cego aos seus defeitos. Ela era fria e, às vezes, rude com as pessoas e não parecia muito se importar com os sentimentos dos outros. Eu a achava esnobe, metida e muito insensível. Depois, durante nossa convivência, passei a perceber que isso era apenas uma casca e que a verdadeira Giovanna era uma mulher carinhosa e fogosa.

Neste momento, eu a vejo como *perfeita*! Não, não é por ela ter aprendido a cozinhar o básico e a fazer o lanche de minha filha, mas porque sinto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela mudou por causa de Mia. Eu *vi* essa mudança durante os dias em que estive frequentando seu apartamento.

— Acho melhor nós irmos, Joaquim — Célia diz, tirando o copo de cachaça da mão dele. — Amanhã todos iremos levantar cedo. — Sorri para Giovanna e para mim. — Boa noite!

— Eu também já vou! — Ela me olha constrangida. — Acho melhor dormir no quarto de Mia, pois ela pode acordar durante a madrugada. — Célia concorda com ela. — Boa noite a todos!

Vejo-a sair da cozinha e, em seguida, ouço o barulho dos seus sapatos nos degraus da escada de madeira.

— Você está encrencado, meu patrão! — Joaquim debocha, colocando seu chapéu na cabeça. — Boa sorte!

Eu levanto meu copo para ele e viro a bebida de uma só vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XIII

Nicholas

Os dias aqui no haras têm sido mágicos! Eu nunca poderia imaginar que uma criança traria tantas alegrias a este lugar, enchendo-o de risadas, transformando-o em um lar de verdade.

Mia se solta mais a cada dia, esquecendo o trauma que sofreu ao ser separada de Giovanna, ficando naqueles dias com pessoas estranhas. A pequena princesa desenvolveu uma rotina aqui, acordando bem cedo, atacando o café da manhã de Célia — Mia tem um apetite voraz —, depois disso, indo para as baias para ver os cavalos, passear de pônei e ir para a piscina. Depois do almoço, ela cochila e renova suas energias para passar a tarde brincando conosco. Depois do jantar — o dela é servido às 18h em ponto, e eu passei a auxiliá-la a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comer — eu a levo para a cama.

Nossos dias passam correndo, mas é durante as noites que residem todos os problemas. Eu fico deitado naquela cama enorme na minha suíte lembrando que a única mulher que esteve comigo nela está dormindo numa cama de casal, sozinha, a poucos passos de mim.

Eu passo a andar em círculos dentro do quarto, com dificuldade de conciliar o sono, pensando nela, pensando no passado e no quanto eu ainda gostaria de tê-la. Meu desejo por ela não mudou em nada!

Eu deveria estar me contendo, tentando manter uma convivência amistosa e sem malícia com Giovanna, mas não tenho tido êxito nessa empreitada. Eu a toco propositalmente em todas as oportunidades que tenho, esbarro nela, fico olhando-a como se não houvesse nada mais belo ou mais interessante e a provoco.

PERIGOSAS ACHERON

Sei que é errado e que isso não ajudará em nada em nossa convivência, mas não resisto. Porém, a recíproca não é verdadeira, ela não faz o mesmo que eu, o que tem me deixado inseguro e com medo de que, para ela, o que sentíamos um pelo outro — e que eu ainda sinto — tenha acabado.

Eu nunca estive tão confuso em toda a minha vida, essa é a verdade! Ao mesmo tempo em que quero jogar tudo para os ares, pegá-la pela cintura e fazer amor com ela até compensar todos os anos que passamos separados, eu também penso em me afastar, em voltar para São Paulo por uns dias e repensar minhas atitudes.

Eu quero Giovanna com uma intensidade ainda maior do que quando estávamos juntos. A verdade é que eu estou completamente encantado com a mulher que ela se tornou, a mãe da minha filha, tão carinhosa, tão atenciosa e dedicada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Escuto as duas conversando, Mia, com sua linguagem infantil, e Giovanna, com a voz doce e interessada nos assuntos dela. Escuto as risadas de ambas quando estão no banho, ou mesmo suas vozes cantando alguma canção infantil que eu não conheço.

Na segunda noite aqui, eu lhe assisti contar uma história para Mia antes de essa dormir e fiquei muito mexido quando, depois que minha filha dormiu, Giovanna beijou seus cabelos e disse que a amava.

Aquelas três palavras saindo de sua boca me abalaram tanto que eu saí para caminhar durante a madrugada, tentando acalmar meu corpo, meu coração e também minha consciência, pois eu me lembrei de todas as vezes em que ela me disse a mesma coisa e eu desacreditei, ignorei ou desprezei.

A última vez em que a ouvi dizer isso foi na
PERIGOSAS ACHERON

noite em que Mia foi concebida e na qual eu, como um idiota, machuquei-a e ainda joguei em sua cara meu relacionamento com a Carol, que nem existia na época.

Carol... Esse é outro assunto que me faz perder o sono. Eu nunca a amei da forma como aconteceu com Giovanna. Nosso relacionamento era sereno, sem grandes mistérios ou complicações. Eu aprendi a desejá-la como mulher, coisa que sempre pensara que não pudesse fazer, e a gostar de estar com ela na cama. Entretanto, o que me fez permanecer esses anos ao seu lado e me imaginar com ela por toda a vida foi, principalmente, a nossa amizade.

Com ela, ao meu ver, eu não teria muitas surpresas, pois nos conhecíamos desde a infância, sabíamos o que um podia esperar do outro. Eu estava convicto de que dar aquele passo com ela era a coisa mais acertada que eu faria na vida, mas,

PERIGOSAS ACHERON

desde que Giovanna voltou e me lembrou o que é estar apaixonado, desejar uma pessoa a ponto de contar as horas que se passa longe, eu já não tenho mais certeza disso.

Não sei se continuar com os planos de casamento é o justo tanto para Carol quanto para mim. Ela nunca irá ter em mim um homem que procura desculpas para tocá-la; que é capaz de parar de pensar por um longo tempo só por a estar admirando; um homem que sonha com ela em seus braços a cada noite. Não, ela não terá isso comigo, e não é justo que eu fique com ela pensando e querendo outra pessoa.

Não é justo para mim também! Eu não posso mais me enganar. Enquanto eu ainda pensava estar ferido pela forma e os motivos que levaram Giovanna a se envolver comigo, eu achava que podia, que iria superá-la e esquecê-la, mas não aconteceu. O sentimento ficou encolhido,

PERIGOSAS ACHERON

escondido, mas nunca morreu. É sábio então continuar a enganar a Carol? Ou mesmo continuar me enganando? Não, não é!

Eu me levanto do sofá de couro no qual estou sentado na sala de televisão. Confiro as horas para ver que já passa das 3h da manhã e eu ainda estou sem sono, com tantas coisas passando em minha mente que me é impossível relaxar.

Pensar em terminar uma relação faltando menos de um mês para o casamento é muita maldade, principalmente com a noiva. Eu não tenho intenção nenhuma de magoar a Carol, porque ela sempre esteve ao meu lado, sempre me apoiou em tudo e sempre foi a mulher incrível que eu sei que ela é, mas eu devo continuar mesmo sabendo que tem tudo para o dano ser maior depois?

Minha noiva não é nem um pouco burra e me conhece muito bem. Ela vai sacar que tudo mudou e então irá tentar manter tudo como era antes e,

PERIGOSAS ACHERON

quando por fim entender que não vai dar, irá começar a sofrer e a me fazer sofrer no percurso.

Saio da sala e vou em direção à cozinha a fim de pegar outra cerveja e tentar ficar bêbado o bastante para conseguir dormir. No cômodo, em cima da mesa, vejo o chapéu de Mia e sorrio ao recolhê-lo para o colocar em seu lugar, pendurado perto da porta, ao lado do meu.

Lembro-me que, no dia seguinte à nossa chegada, eu a coloquei sobre um pônei, mas ela chorou tanto que desisti de ensiná-la a montar. Então Giovanna subiu numa égua e me pediu que a colocasse à sua frente. As duas andaram a meio trote pela arena de treinamento, e eu tirei uma foto daquele momento.

Depois disso, eu passei a colocá-la na sela comigo, e Mia foi perdendo o medo e se soltando. Hoje, ela andou em seu próprio pônei enquanto eu caminhava ao seu lado e Joaquim conduzia o

PERIGOSAS ACHERON

animal.

Giovanna estava sentada na cerca, coisa que adora fazer quando está nos assistindo, e eu lhe olhava com um sorriso bobo e orgulhoso da minha pequena amazona. Ela retribuiu o sorriso e jogou um beijo para a filha, mas eu aproveitei a oportunidade para fingir que o interceptava no ar, coleí-o em minha boca e depois mandei-o de volta.

Ela ficou séria, mas eu percebi pelo seu olhar que a ideia de me beijar não lhe era desagradável, muito pelo contrário, e ela acabou sorrindo de volta. Fiquei animado com sua reação e mais animado ainda quando, depois de todos esses dias, ouvi Mia me chamar de pai pela primeira vez. Foi quando encerramos o passeio no pônei, e ela simplesmente esticou os bracinhos em minha direção e gritou: *papai!* Eu a abracei forte e vi que Giovanna limpava uma lágrima enquanto sorria.

Nada poderia ter sido mais perfeito que

PERIGOSAS ACHERON

aquele momento! Aproximei-me dela com Mia em meu colo e passei o braço pelos seus ombros, abraçando-a bem junto a mim, caminhando os três para casa como uma família. Quando chegamos, Mia quis ir direto para a piscina, e eu chamei Giovanna para ir junto, pois ela sempre inventava uma desculpa e não ia conosco.

Nós subimos para pôr as roupas de banho e, depois que fiquei pronto, passei pela porta do quarto de Giovanna, imaginando se ela estava pondo um biquíni ou maiô, e segui para o quarto de Mia.

Entrei sem bater, e Gio soltou um pequeno grito, pois estava ainda de calcinha e sutiã, embora Mia já estivesse pronta. Eu me virei de costas mais para disfarçar o estado em que fiquei do que propriamente para manter o recato dela. Ouvi-a rir e entrar correndo no banheiro.

Soltei um palavrão baixinho quando ela saiu

do banheiro de biquíni, mostrando curvas mais arredondadas que antes, principalmente em seus seios e quadris. Eu a olhei sem pudor, de cima a baixo, imaginando se a mudança ocorrera por causa da gravidez ou se fora por ela ter parado de treinar MMA, como já havia me contado.

Eu sempre a achei linda, mas confesso que agora ela está gostosa para cacete! O estilo *fitness* sumiu, e ela ficou mais feminina sem tantos músculos definidos, embora ainda ostente uma barriga negativa de dar inveja a qualquer uma.

O lazer na piscina acabou se tornando uma tortura, pois, a todo instante, eu tinha de tentar manter meu corpo frio, pois bastava um olhar mais detalhado para ela e meu pau logo respondia ficando duro.

Almoçamos à beira da piscina em clima de descontração e amizade, mas, assim que eu fiquei sozinho em meu quarto, fui para o chuveiro e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aliviei toda aquela tensão. Masturbei-me como um louco, mas bastou reencontrá-la saindo do quarto de Mia para a excitação voltar a me comandar.

Dei uma desculpa qualquer e passei o restante da tarde com os peões, lidando com os cavalos mais xucros na tentativa de gastar toda aquela energia com outra atividade, embora ainda estivesse com o braço apoiado na tipoia.

Cheguei a tempo de colocar minha filha na cama, e ela me pediu para ler uma história, colocando um livro em minha mão. Mais tarde, quando desci para jantar, Célia me informou que Giovanna já havia comido com Mia e que se recolhera cedo.

Eu jantei em modo automático e nem vi quando o casal se despediu de mim, indo para sua casa. Bebi por um tempo sentado à mesa da cozinha até tentar ir distrair minha cabeça com um programa de televisão.

PERIGOSAS ACHERON

Conversei com Caroline ao telefone, ouvindo suas novidades sobre o casamento, parecendo tão animada que eu me senti um filho da puta por estar desejando Giovanna enquanto minha noiva sonhava com o dia do enlace.

Pego a cerveja na geladeira, mas escuto um som que me faz empertigar na hora. Fico uns minutos parado, achando que imaginei, mas então uma música clássica ressoa baixinho.

Giovanna! Ela deve ter descoberto o piano e agora o está tocando.

Essa situação contribui para me deixar ainda mais agitado, pois nunca ninguém mexeu naquele instrumento. O piano foi uma surpresa que prepararei para ela, pois estava tão animada tocando-o na CCCN que eu pensei que ela devia ter um em nossa casa. Encomendei-o, mas, quando ele chegou, nós já estávamos separados. Eu pensei em me desfazer dele, queimá-lo, doá-lo, mas ele

PERIGOSAS ACHERON

acabou ficando aqui, coberto e esperando. Eu rio de mim mesmo ao pensar que ele estava *aguardando-a*.

Caminho em direção ao som, lembrando-me da primeira vez em que a vi tocar, lá no Guarujá. Parece que foi em outra vida, mas eu ainda reconheço o talento dela, embora o instrumento esteja com uma leve desafinação.

Ela faz a introdução de uma música que eu conheço, embora não me recorde o nome. O som melódico e bonito me faz fechar os olhos e sorrir, então a escuto cantar baixinho e me lembro que se trata de uma música do Flávio Venturini chamada *Noites com Sol*.

Fico ouvindo-a cantar, sua voz afinada saindo sussurrada e emocionada. Eu não me lembro da letra da música, pois minha mãe é quem é a fã desse cantor, e eu, o pouco que sabia, aprendi por tabela de tanto que ela ouvia ou cantarolava.

*...vem que eu estou tão só
Vamos fazer amor
Vem me trazer o sol
Vem me livrar do abandono
Meu coração não tem dono
Vem me aquecer no seu colo
Deixa o sol entrar!*

Se já estava difícil para eu manter o foco em outra coisa senão a vontade que tenho de tê-la novamente em meus braços, depois de ouvi-la cantando isso com a voz embargada de emoção, vestida com um baby-doll de seda negra no meio da madrugada, tornou-se impossível.

Ela para de cantar e respira fundo, encostando a cabeça no piano.

— Eu sei que você está aí! — fala baixinho, e eu rio, saindo do escuro. — Isso está se tornando mais do mesmo, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanta a cabeça e me encara.

— Algumas coisas não mudaram entre nós, Giovanna.

— Sim, esse seu hábito de chegar de mansinho e ficar escondido me ouvindo tocar com certeza é uma dessas coisas!

Eu gargalho e me sento ao seu lado no banco.

— Assim como a vontade que tive na ocasião...

Ela morde o lábio inferior e balança a cabeça negativamente, mas não se move além disso.

Eu passo minha mão pela extensão de seu braço, do punho ao ombro, e faço um carinho em seu pescoço, abaixo da sua orelha esquerda. Ela fecha os olhos e geme baixinho, o que me faz prosseguir em direção à sua nuca e segurá-la com força.

Ela abre os olhos, e eu vejo o mesmo desejo que sinto brilhando em seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Nicholas, nós não...

Encosto minha boca na dela devagar, roçando meus lábios nos seus, respirando seu hálito, sentindo sua pele se arrepiar. Passo a ponta da minha língua neles, molhando-os, deliciando-me com sua maciez, assim como eu gostaria de estar fazendo em seu sexo.

Não me contenho e aperto-a mais forte contra mim, levando minha língua ao encontro da sua, beijando-a como há muito tenho vontade de fazer. É uma loucura, mas perfeita como um sonho. Sentir seus beijos novamente, o calor de sua pele, o cheiro do seu perfume, tudo isso é como um sonho para mim.

Giovanna enlaça os braços em volta do meu pescoço e passa uma das mãos pela minha cabeça, mexendo com os meus cabelos curtos e espetados.

Eu, infelizmente, conto com somente uma das mãos para tocá-la, pois a outra ainda está na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tipoia, mas uso a ponta dos dedos para traçar círculos em sua nuca, sentindo os arrepios causado por isso.

Desgrudo minha boca da dela e a deslizo pelo seu pescoço, aproveitando a praticidade de seu cabelo mais curto. Mordo o lóbulo de sua orelha e gemo gostoso ao pé de seu ouvido.

— Isso é melhor do que eu me lembrava — sussurro ao seu ouvido. — Eu quero você, Giovanna, e eu quero que você me queira também.

Retiro minha mão de sua nuca e entro com ela por baixo de seu baby-doll de seda, tocando-lhe a pele, seguindo em direção aos seios que eu sempre adorei.

— Nicholas, não... — pede em tom de súplica. — Não!

Eu paro e a encaro. Ela está enlouquecida, ofegante, e eu sei que me quer, mas eu não vou avançar se ela não me der permissão para isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós vamos complicar tudo se fizermos isso!

Eu concordo com ela, mas meu desejo é tão grande que eu quero que isso tudo, complicação, juízo, compromisso, tudo se foda!

— Eu quero você. — É o que eu digo, apenas.

— Eu também, mas não acho que isso baste. — Levanta-se. — Você está de casamento marcado, lembra? Além disso, nós ainda não conversamos sobre nada!

Eu respiro fundo tentando me concentrar em outra coisa que não seja sentá-la sobre o piano e fodê-la a noite toda.

— Você tem razão! — Bufo e me levanto. — Há muitas arestas entre nós ainda. — Ela concorda. — Há Mia.

— Sim, há Mia, e é nela que devemos pensar agora. — Eu concordo com ela, porém ainda sinto

o desejo queimar em meu corpo. — Boa noite, Nicholas.

Não respondo, sabendo que terei um resto de noite infernal e uma dor na consciência pela manhã.

Capítulo XIV

Giovanna

Mia me dá tchau de cima de seu pônei, e eu retribuo com um beijo soprado. Dessa vez, Nicholas não viu e, por isso mesmo, não o interceptou no ar, mas, em todas as outras vezes, ele o fez.

Não consigo entender o que está se passando entre nós, pois, ao mesmo tempo em que ele parece estar me seduzindo, provocando, escuto-o conversar com Caroline ao telefone, perguntando sobre os planos do casamento.

Eu estou muito confusa com isso tudo e creio que ele também. Porém, não vou negar que, a cada vez que ele me toca, que me dá um sorriso sexy ou uma piscadinha, sinto-me derreter. Meu bobo coração tem adorado ser adulado por Nicholas

dessa forma, e ninguém mais no mundo consegue me fazer sentir tão especial quanto ele.

Não gosto dessa situação de estar desesperadamente louca por um homem prestes a se casar e também creio não ser do feitio dele ser desleal, mas a atração que sentimos um pelo outro é tão forte quanto foi no passado, e estar aqui, neste lugar, desperta em nós todos os sentimentos e emoções que vivemos juntos.

Eu rolo na cama, lembrando-me dos beijos dele durante a madrugada.

Eu não conseguia dormir, sentindo-me excitada e ansiosa depois de ter notado o quanto apenas me ver de biquíni o havia afetado. Nicholas passou a manhã inteira tentando disfarçar o seu estado, mas eu vi algumas vezes um volume a mais no seu calção de banho.

Saber que eu ainda causo esse efeito nele me deixou nas nuvens, mas também me manteve

PERIGOSAS NACIONAIS

insone e insatisfeita, então saí da cama e desci para a sala, descobrindo o piano e exercitando um pouco minhas mãos e minha memória.

Eu notei Nicholas chegar, mas continuei a tocar e a cantar. Já no final da música, não consegui prosseguir e revelei que sabia que ele estava me espiando.

Ele se aproximou, disse-me coisas bem diretas sobre como estava se sentindo, tocou-me e beijou minha boca como só ele sabe fazer. Senti meu corpo aquecer e minha intimidade ficar úmida e pulsante. Tudo o que eu queria era senti-lo de novo junto a mim, com sua boca e suas mãos no meu corpo.

Entretanto, eu precisava ser racional e, com muito esforço, afastei-me dele. Eu não pretendo ser a sua despedida de solteiro, mesmo porque, se isso acontecer, meu coração já um tanto avariado irá se partir de vez.

PERIGOSAS ACHERON

Além de tudo isso, há a coisa mais importante, que ele lembrou bem: Mia!

Ter um caso com Nicholas é tudo o que eu não preciso neste momento tão especial, em que os dois ainda estão se conhecendo e ao qual eu sirvo de ponte para a formação do elo entre ambos. Não posso arriscar uma convivência pacífica e amistosa por causa de um prazer roubado.

Ah... mas está sendo tão difícil! Nicholas continua um homem lindo, e ontem vi que a tatuagem do desenho que fiz ainda permanece em suas costas, a minha marca, a marca do amor que sinto por ele. Fiquei desconcertada, emocionada e com esperanças de que isso significasse alguma coisa.

Sei que remover uma tatuagem é difícil, mas ele poderia ter a coberto com outra, ou mesmo ter feito as sessões de remoção a laser. Todavia, ele não o fez; por algum motivo, mesmo magoado

como estava, ele deixou a tatuagem intacta.

Toco o local onde a minha está, a câmera e as sapatilhas, e sorrio lembrando a quantidade absurda de fotos que ele tirou nesses dias em que estamos aqui. Não só fotos de Mia, diga-se de passagem, mas muitas minhas também.

Escuto a porta do meu quarto ser aberta e levanto minha cabeça com o coração disparado, pensando ser ele quem está me procurando, mas é Mia, com os olhos sonolentos e seu gatinho de pelúcia na mão. Eu afasto as cobertas e a pego no colo, colocando-a ao meu lado na cama.

— Sentiu falta da mamãe?

Ela confirma, ainda sonolenta, aconchegando-se contra meu corpo.

Faço carinho nessa pessoa tão pequena, mas que representa tanta importância e amor em minha vida.

Já é noite, e estou prestes a tomar um banho para jantar. O dia transcorreu como qualquer outro aqui, com muitas atividades ao ar livre, banho de piscina e um almoço caprichado feito pela Célia. Após isso, Mia, agitada com todas as coisas novas que está vivenciando, demorou a conseguir cochilar depois do almoço, e Nicholas resolveu lhe ensinar a montar um quebra-cabeça. Pensei que ele viria com um simples, de 20 ou 30 peças, mas o exagerado abriu a caixa de um com quase 1000 pecinhas minúsculas e um desenho complicado de ser reproduzido.

Comecei a dar gargalhadas, e ele me olhou curioso.

— Ela monta aqueles pequenos, de peças enormes. — Cruzei os braços sobre o peito. — Não acha esse aí muito complicado para uma criança de

PERIGOSAS ACHERON

dois anos?

— Eu sempre fui um gênio montando quebra-cabeças. — Revirei os olhos. — Tenho certeza de que Mia é tão inteligente quanto eu, afinal é minha filha!

Eu fiquei séria por um momento, com uma incômoda sensação passando por mim.

— E se não for tão esperta quanto você era? Isso significa o quê? — Ele franziu o cenho. — Você tem alguma dúvida de que ela seja sua?

Nicholas arregalou os olhos e se colocou bem próximo a mim para dizer:

— Eu tenho certeza de que ela é minha, Gio. Nunca passou uma dúvida sequer pela minha cabeça. — Eu ergui a sobrancelha. — Eu querer saber se ela tem algumas características minhas não significa que eu a esteja testando.

Eu concordei, mas continuei sentindo-me incomodada.

— Se você quiser, podemos fazer um exame...

— Não, Giovanna! — respondeu-me sério.
— Eu não preciso de nenhum exame, eu vejo, eu sinto, Mia é minha!

A sua convicção me fez abrir um sorriso, pois gostei de saber que ele confia em mim. Antes, quando tivemos aquele último encontro, ele me disse que mentirosos careciam de credibilidade, e eu fiquei feliz por ele voltar a acreditar em mim.

— Mas você tem razão numa coisa. —
Balançou a cabeça. — É realmente um jogo muito complicado este. — Sorriu para mim daquele jeito que faz quando está aprontando algo. — A não ser que você nos ajude.

Meu coração disparou com o pedido, pois eu nunca participei de nenhuma brincadeira dos dois, sempre o deixando com espaço para aprofundar a relação com minha filha, por isso aceitei, e nós três

PERIGOSAS ACHERON

ficamos horas naquele jogo, se bem que Mia se distraiu muitas vezes com outros brinquedos enquanto ele e eu ficamos tentando montar o quebra-cabeça.

— Teremos que deixar para terminar amanhã, pois preciso aprontar o jantar dela. — Levantei-me.

— Amanhã eu terei que ir a São Paulo — Nicholas disse sem me olhar. — O Eliandro vem me buscar ao amanhecer.

Eu apenas fiz um sinal de que tinha entendido e saí do cômodo, indo me encontrar com Célia na cozinha. Quando retornei, ele já havia dado banho em Mia, que estava com uma camisola cor-de-rosa, a sua favorita, e com os cabelos penteados, pronta para jantar e dormir.

Ela comeu bem, mas demorou a pegar no sono, cansada por não ter cochilado de dia, um pouco chorosa e sem paciência. Contudo, assim que

PERIGOSAS ACHERON

adormeceu, liguei a babá eletrônica. Agora estou tomando banho para jantar com o casal de caseiros e Nicholas, como todos os dias.

Quando desço, qual não é minha surpresa ao encontrar Nicholas sozinho na cozinha, vestindo calça jeans e um avental — somente um avental cobrindo esse dorso perfeito — e cortando alguns legumes?

— Ei, onde estão todos?

Ele se vira, e rio de sua expressão de gato que comeu o rato.

— Dei uma noite de folga aos dois. — Sinto meu corpo inteiro arrepiar. — O jantar é por minha conta, e eu espero que você goste do que estou preparando. — Sorri e coloca vinho em uma taça.

Eu pego a bebida que me oferece, vendo-o trabalhar rápido e preciso, cortando os vegetais e mexendo em uma panela.

— Yakisoba?

Ele confirma e junta os legumes ao macarrão.

— Eu não sabia o que preparar, pois minha especialidade são as carnes. — Gargalha. — Você é uma pessoa muito difícil de agradar.

Bebo um gole do vinho, que, por sinal, é de excelente qualidade.

— Está tentando me agradar, então?

Dessa vez, ele não responde à minha provocação, mas caminha até onde estou e me puxa pela cintura.

— Não há nada mais que eu queira, Giovanna. — Meus olhos estão congelados nos seus. — Não deveria, mas não consigo deixar de querer agradar você de todas as formas possíveis.

— Nicholas... — Tento me afastar mesmo adorando o contato entre nós. — Já conversamos ontem.

— Não, Giovanna. Nós não conversamos, e esse é um problema que vamos solucionar hoje. —

Volta para perto das panelas. — Vá para a sala de televisão e assista a algo enquanto termino de preparar tudo.

— Não quer ajuda?

Ele ri.

— Não, *princesa*. Hoje eu faço tudo, pode deixar!

Eu faço o que ele sugere e, durante o caminho, sua voz me chamando daquele apelido ecoa em meus ouvidos sem parar, fazendo meu coração palpitar e meu corpo ansiar pelo dele.

Há uma guerra travada dentro de mim, pois, ao mesmo tempo em que eu o quero com toda a força do meu ser, acho que levar esse desejo adiante é uma loucura. Eu não sei o que ele pretende agindo dessa forma, mas em minha mente só vejo imagens de nós dois juntos mais uma vez.

Fico sentada na sala, com a TV desligada, pensando em todos os prós e contras de levar à

PERIGOSAS ACHERON

frente essa situação com Nicholas. Ele quer conversar, e é nisso que tenho de me concentrar, na conversa.

Penso sobre Caroline, sobre o dia em que fui atrás de Nicholas para lhe contar sobre o bebê e acabou numa discussão entre nós duas. Não posso dizer, com certeza, que ela soube sobre o bebê na época, mesmo porque não foi ela quem me socorreu, mas sim um dos porteiros do Castellani.

Eu não quero jogar com suas regras, fazendo intriga pelas suas costas como ela fez comigo e com Nicholas quando começamos a namorar, mas penso que, se ele me perguntar se eu nunca pensei em contar sobre Mia, eu devo dizer a ele o que aconteceu.

— *La cena è in tavola, principessa!*

Eu me levanto, achando graça de seu sotaque italiano e dos seus gestos galantes. Sigo em direção à cozinha, local onde geralmente nós fazemos

PERIGOSAS ACHERON

nossas refeições, mas ele me vira, levando-me em direção a uma das salas.

Vejo a mesa de centro, de madeira maciça, arrumada com jogos americanos de esteiras de bambu, dois *bowls* e *hashis*, além da *wok* com conteúdo fumegante.

— Hum... o cheiro está divino!

Sento-me em uma almofada, e ele toma seu assento de frente para mim, do outro lado da mesinha. Dou uma espiada no conteúdo da panela e vejo o macarrão acompanhado de vegetais e lindos camarões.

— Vinho ou saquê? — pergunta-me.

— Quando foi que você arranhou tudo isso? — pergunto desconfiada, pois ele não nos deixou em nenhum momento do dia.

— Tive um cúmplice! — Rio e penso em Joaquim. — Qual das duas bebidas?

Escolho continuar com o vinho, prometendo

PERIGOSAS ACHERON

tomar uma dose de saquê ao final da refeição. Ele me serve, enchendo meu *bowl* até a borda, e eu aspiro o perfume maravilhoso de sua comida. Quando nós estávamos juntos, ele nunca me mostrou seu talento culinário, pois sempre estávamos comendo fora ou a comida de Sônia.

Pego os *hashis* pretos com desenhos de flor de cerejeira e experimento a iguaria, revirando os olhos de prazer ao sentir o delicioso sabor.

— Aprovado?

Encaro seu sorriso, ainda mastigando, e faço um sim com a cabeça.

Comemos alguns momentos em total silêncio, até que ele puxa assunto.

— Como está sendo a implantação da Rede Villazza em Nova Iorque?

— Bem. — Sorrio animada. — Tony tem trabalhado como um louco, coitado, mas as coisas estão evoluindo. — Dou de ombros. — Vencemos

nosso primeiro ano por lá e já implantamos o segundo hotel, na Filadélfia.

— Eu li alguma coisa sobre isso. — Ficamos um tempo mudos, e ele me oferece o saquê, mas eu nego. — O que ele está achando da função de CEO?

Eu rio, lembrando-me de como Tony reclamou no começo, sentindo falta das viagens e de estar na ativa, como fazia quando era diretor de operações.

— Tony tem uma grande vantagem, Nicholas: a organização excessiva. Meu irmão não deixa passar nada, tem olhos de lince e é extremamente controlador. É perfeito! — Ele concorda. — E quanto a você? Gil retomou a diretoria executiva, mas um dia você terá que a reassumir, já que Bê já se estabeleceu como surfista profissional.

Ele bufa.

— Sim, eu sei, mas acho que — Deus permita que demore! — quando eu tiver que retornar, já terei amadurecido mais para lidar com as situações que uma empresa do tamanho da nossa e naquele ramo de atividades traz.

— Sim. — Eu me sinto desconfortável por lembrar sobre os documentos da propina que achei.

Provavelmente, Nicholas lembra sobre o mesmo assunto, trazendo de volta um clima tenso e pesado, recordando nossa briga e tudo o que se seguiu.

— Eu não estava com a Carol quando Mia foi feita — ele dispara de repente, e eu o encaro, assustada com o assunto e surpresa com a informação. Paro de mastigar. — Nós começamos a namorar um pouco depois, mas, na ocasião, ainda éramos só amigos. — Ele parece constrangido. — Eu lhe disse aquilo... não sei... talvez como defesa, por medo ou tão somente para te machucar, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me sentia machucado por toda aquela história.

Eu não consigo me mover, completamente
estarecida com o que ele admite.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XV

Giovanna

— Eu fui um idiota, Giovanna! Um moleque! Me envergonho muito pela maneira como a tratei. — Nicholas pega minha mão. — Eu suplico que me perdoe por aquilo. — Eu não consigo ter nenhuma reação. — O que me magoou não foi ter descoberto sua história, nem você ser filha do Gilberto, mas pensar que você só estava comigo para conseguir sua vingança, que eu era só o meio para...

— Eu não estava com você por isso, Nicholas — por fim, revelo. — Eu só fiquei com você porque sentia atração e depois me apaixonei, nunca foi pela vingança.

— E os documentos?

— Admito que traí sua confiança quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surgiu aquela oportunidade. Eu ainda estava confusa, com muita raiva do Gilberto, mas bastou pensar melhor e eu desisti de tudo porque te amava. — Ele continua parado me olhando. — É a verdade!

— Eu acredito em você. — Essas simples palavras me emocionam. — Hoje eu sei quem estava por trás de tudo, quem alimentou em você o ódio pela minha família, mas, independentemente disso, hoje eu sei a verdade porque eu sentia isso! Eu sentia seu amor em todos os momentos em que estávamos juntos. — Balança a cabeça, recriminando-se. — Eu sou um idiota, Giovanna!

Sorrio ante a admissão desse fato. Sim! Ele foi um idiota, porque eu nunca amei um homem como eu o amava, como ainda o amo!

— Tudo isso já passou, Nicholas. — Ele nega. — Eu não vou mentir ao dizer que sua atitude não me machucou, porque o fez.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, muito! — Aperta minha mão. — Foi por isso que você decidiu não me contar sobre Mia?

Ai, Deus! É agora! Eu nego, mas continuo calada.

Nicholas se levanta e se senta ao meu lado, pegando minhas mãos. Hoje, ele ficou o dia inteiro sem a tipoia, embora, assim como meu corte no pescoço, o seu ferimento ainda não tenha cicatrizado totalmente.

— Me fale, Gio. Eu a machuquei tanto a ponto de você não querer que eu fizesse parte da vida dela? — Eu nego. — Você ainda sente essa mágoa?

— E você, Nicholas? Ainda sente...

Ele me beija intensamente, agarrando meu corpo contra o dele, ansioso, frenético. Eu avanço para ele, sentando-me em seu colo, saboreando as carícias que sua língua faz em minha boca.

Ele suga minha língua, lambe meus lábios e

PERIGOSAS ACHERON

os morde, tudo isso sem deixar de tocar meu corpo.

— Se me disser que não devo, eu paro...

Não o deixo continuar a falar e retomo o beijo, jogando ao vento minha resolução de ficar longe dele, querendo sentir, pelo menos mais uma vez, seu corpo contra o meu.

Já são muitas noites em claro, quase uma semana inteira para ser precisa, rolando na cama, imaginando-me junto a ele novamente, imaginado como seria sentir suas mãos sobre minha pele, acariciando meus seios, como faz agora.

Gemo quando ele aperta meus mamilos e se remexe embaixo de mim, fazendo-me sentir sua excitação dura contra meus quadris. Nicholas aproveita que nossas bocas se afastaram e muda de posição, colocando-me deitada sobre as almofadas no chão.

— Meu corpo reconhece o seu — declara e desliza a língua sobre minha garganta. — Ele

PERIGOSAS ACHERON

implora pelo seu todas as noites.

Desce as alças de minha blusa, expondo meus seios, já que estou sem sutiã.

— Minha língua quer sentir seu gosto a todo momento, Giovanna. O sabor de sua pele, de seus beijos e de sua excitação. — Ele começa sugando meus seios, intercalando mordidas e lambidas no percurso.

Eu gemo e arqueio as costas, olhos fechados, sentindo minha calcinha ficando cada vez mais molhada e minha mente mais entorpecida. A saudade é tão grande que tudo o que está acontecendo é mais intenso do que o normal. Minha pele está mais sensível ao seu toque, aos seus beijos. Sua língua parece mais quente e mais molhada, levando-me à loucura.

De repente, ele se põe de pé, ainda me olhando alucinado, cheio de desejo. Arranca a camiseta que está usando e retira a calça jeans de

PERIGOSAS ACHERON

uma só vez, expondo uma cueca boxer azul-marinho com um enorme volume na frente.

Eu me ponho de joelhos, reverenciando esse corpo maravilhoso que ele tem, tocando suas pernas, suas coxas e enfiando meus dedos no cócs de sua cueca.

— Giovanna... — ele geme.

Eu sorrio e a abaixo, mordendo meus lábios ao ver novamente seu pênis perfeito, com as duas pintinhas a me olhar. Seguro-o forte, notando uma gota já escorrendo de sua ponta, e a espalho com o dedo antes de começar a fazer movimento rápidos e fortes, para baixo e para cima.

Escuto seus gemidos, meu corpo responde se arrepiando, e meu sexo, pulsando. Toco-o com a ponta da minha língua, devagar, de leve, apenas uma carícia. Minhas mãos continuam a explorá-lo enquanto deslizo a língua por toda sua extensão, brincando em sua virilha de pelos aparados,

seguindo com minha boca em direção às suas bolas. Chupo-as, uma de cada vez, e subo pelo outro lado da virilha, fazendo o caminho inverso em seu membro e abocanhando-o ao chegar ao topo.

Nicholas segura em meus cabelos, ajudando meus movimentos enquanto sinto-o bater forte dentro de minha boca. Seus gemidos são incríveis, e sinto tanto tesão que tento engoli-lo algumas vezes.

— Porra, Giovanna! — Ele me levanta enlouquecido e me põe sobre o sofá de couro. — Eu preciso te comer agora!

Meu short é arrancado rapidamente, sem nem mesmo ser desabotoado, e minha calcinha é simplesmente arrebentada. Seus dedos exploram meu sexo, espalhando minha umidade por todo ele.

Nicholas me encara intensamente, narinas dilatadas, olhos vidrados e uma veia pulsando em seu pescoço. Eu fico temerosa, visto o tempo que

PERIGOSAS ACHERON

estou sem sexo, mas, assim que ele entra em mim, tudo o que faço é gemer.

Ele não tem controle, e eu percebo isso pela maneira intensa com que soca dentro de mim, rápido, profundo, beijando meus lábios a todo o momento.

Eu deliro sob ele, arranhando suas costas com as unhas, mordendo seu pescoço enquanto ele suga o lóbulo da minha orelha ou enfia a língua dentro dela.

Está quente, eu estou espremida no sofá, e o suor começa a me fazer deslizar no couro. Nicholas levanta minhas pernas, apoiando-as uma no seu ombro são e, a outra, enganchada na dobra do seu cotovelo, olhando seu pau saindo e entrando dentro de mim.

— Parece um sonho... — murmura de repente. — Parece um sonho!

Eu fecho os olhos quando ele se movimenta

PERIGOSAS ACHERON

mais rápido, saindo de supetão e se ajoelhando entre minhas pernas.

Sua boca não é paciente e nem sutil ao encontrar meu sexo. Não! Tudo o que ele fazia com seu membro repete com a língua, fodendo-a dentro de mim, lambendo-me como um louco, bebendo da minha excitação.

Quando, por fim, começa a sugar meu clitóris, eu já não posso esperar mais. Sinto meu corpo se retesar, e uma onda de prazer me consome, fazendo-me gemer gostoso.

Escuto suas risadas e suas mãos tentam tapar minha boca, mas o prazer que sinto é tão intenso e a saudade é tão grande que não posso me conter.

Ele sobe em cima de mim de novo, mas não me penetra novamente.

— (...) *Será que tem como uma moça gritar baixinho?*^[14](...) — cantarola, mas eu não conheço essa canção, apenas rio de sua expressão divertida.

PERIGOSAS ACHERON

— Fiquei tenso achando que pudesse acordar a Mia.

Eu rio.

— Ela dorme pesado! — Pisco e aponto para a babá eletrônica em completo silêncio.

Nós estamos ofegantes. Eu espero que ele continue, mas Nicholas apenas fecha os olhos e me abraça.

— Eu gozei enquanto te chupava... — admite desanimado, e eu rio. — Não consegui resistir ao sentir seu gosto e, quando você gozou, acabei indo junto. — Faz careta para mim. — E nós estávamos sem camisinha, também.

Eu fico séria e concordo. Essa última frase me mostra a loucura do que nós acabamos de fazer. Toda a alegria e excitação vão embora, e eu me sinto gelada por dentro e por fora, embora seja uma noite quente de verão.

Remexo-me debaixo de Nicholas, e ele vai

para o lado, embora não tire o braço de cima de mim. Eu me levanto, e ele se senta.

— Aonde vai? — Não consigo encará-lo e apenas vou recolhendo minhas roupas. — Gio?

— Eu preciso de um tempo sozinha, Nicholas. — Sinto a primeira lágrima descer e a limpo rápido. — Eu vou subir para o meu quarto.

— O quê? — Ele me segura pela cintura, e eu sinto sua barba por fazer roçar em meu pescoço. — O que houve? Eu te machuquei?

Nego, esforçando-me para não derramar mais nenhuma lágrima perto dele. Eu conheço Nicholas, sei como ele é com seu senso de dever e, se me vir chorar, sofrer pelo que aconteceu entre nós, ele me dirá coisas que realmente não quer dizer.

— Foi um erro, Nicholas. — Sinto-o se afastar. — Isso aqui não é real, você não entende? — Desespero-me e o encaro. — Há uma aliança em seu dedo e nenhuma no meu; embora estejamos

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui brincando de família feliz, nós não somos uma!

— Eu sei. — Fecha os olhos e bufa.

— Vamos esquecer isso tudo! Ontem eu expus a você que não devíamos misturar as coisas, principalmente por causa da nossa filha. Sei que, quando um não quer, dois não brigam, por isso vamos esquecer, ok?

Seu olhar é de desespero e vejo lágrimas brilharem em seus olhos.

— Não sei se posso, Gio. — Eu paro de respirar por um momento. — Desde que você voltou, bagunçou tudo dentro de mim, todas as minhas certezas, todos os meus planos.

— Foi por causa do sequestro e da descoberta sobre Mia...

— Não! — Ele ri. — Não foi. Eu soube que você tinha voltado, Giovanna, antes mesmo de saber sobre Mia. Eu fui atrás de você.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não consigo acreditar no que ele está me falando. Estou parada, parcialmente nua, tremendo da cabeça aos pés, sem nenhuma reação que não a de ficar boquiaberta.

Nicholas toca meu rosto.

— Eu fiquei horas dentro do meu carro, estacionado perto do prédio da sua família, querendo ver você. — Ele seca uma lágrima que eu nem senti descer em meu rosto. — Quando você apareceu, estava com o Guido e comia um sonho! — revela como se isso fosse inacreditável. — Eu pensei que você tivesse seguido em frente e encontrado alguém...

— Nicholas, do que você está falando?

— Eu tive vontade de descer do carro e amassar a cara dele, Gio! Fiquei lá, como um babaca, olhando o homem a pegar no colo, ouvindo suas risadas e tentando me convencer de que estava tudo bem — aproxima seu rosto do meu,

PERIGOSAS ACHERON

encostando sua testa na minha, ainda me olhando —, tentando me convencer de que você não significava mais nada para mim.

Ele me beija, e eu sinto meu coração derretendo.

— Você vai se casar, Nicholas, em poucas semanas!

— Eu sei! — ele quase grita e se afasta. — Eu estou me sentindo um filho da puta por estar fazendo isso com a Carol! Ela esteve comigo quando eu mais precisei, é minha amiga de infância, e eu... — fecha os olhos e respira fundo — eu não posso fazer isso com ela!

A dor corta meu peito ao entender que ele, embora admita que ainda sente algo por mim, não pode deixá-la.

Lembro-me de Isabella e Marina me dizendo para lutar por ele e penso que, se eu disser que Carol sabia que eu o havia procurado, que ela me

PERIGOSAS ACHERON

viu passar mal e que escondeu isso dele, tanto quanto eu o fiz, talvez ele possa começar a perceber que sua noiva não é tão perfeita quanto imagina. Contudo, eu não vou fazer isso! Não vou usar das mesmas armas que ela para tê-lo. Se Nicholas me quiser de volta, terá de demonstrar para mim que o faz pelo que sente, e não por qualquer outro motivo.

— Boa noite, Nicholas. — Terminei de pegar minhas coisas e subo, vendo-o sentado no sofá com as mãos na cabeça.

Capítulo XVI

Giovanna

Não preguei os olhos o resto da noite depois que abandonei Nicholas na sala. Aquele jantar, o sexo depois, tudo só contribuiu para me deixar ainda mais nervosa e ansiosa.

Ouvi quando ele subiu e, mais tarde, o barulho de um helicóptero ao longe. Senti minhas lágrimas rolando até o som desaparecer. Ele estava indo para São Paulo para se encontrar com Caroline e dar andamento aos preparativos do casamento.

Eu não posso fazer isso com ela, a voz de desespero dele ecoa em minha mente, machucando-me mais uma vez. Nicholas nunca irá deixá-la, não depois de todo o apoio que recebeu dela e por achar que ela é uma mulher sincera e sem defeitos.

Eu poderia lhe ter contado sobre o que
PERIGOSAS ACHERON

aconteceu entre nós duas quando fui contar sobre a gravidez, mas preferi não o fazer, porque não o quero comigo só porque se decepcionou com ela. Não vou fazer esse papel! Se ele ainda me amasse e não só sentisse tesão por mim, teria percebido o quão errado era prosseguir com aquele relacionamento. Entretanto, não, ele não me ama mais, embora ainda sinta aquela atração explosiva.

Confiro as horas e resolvo me levantar, pois Mia costuma acordar cedo e eu quero já estar pronta para ficar com ela sem a presença de Nicholas.

Dou uma espiada em seu quarto percebendo que ela continua a dormir e desço para a cozinha a fim de preparar seu lanche da manhã. Minha surpresa é enorme ao me encontrar com Sônia. Ela sorri para mim quando eu a cumprimento e olho curiosa para Célia.

— O Nick me pediu para vir te ajudar, caso

PERIGOSAS ACHERON

precise, enquanto ele está fora — explica. — Eu estou louca de vontade de conhecer a pequena Mia!

Célia me entrega uma xícara de café.

— Ela ainda está dormindo. — Mostro a babá eletrônica. — Mas não deve tardar a acordar.

— O Nick me pediu para vir e fazer amizade com ela, para que se acostume a mim.

Eu apenas assinto enquanto bebo o café. Ele já pensou em tudo! Sônia vai estabelecer uma relação com minha filha para que, quando Mia vier ficar com eles, não a estranhe. Talvez, ainda antes do casamento, ele traga Caroline para fazer o mesmo.

Escuto a voz da minha filha me chamando e ponho a xícara sobre a mesa. Sônia se levanta ansiosa.

— Posso ir também? — Eu concordo, e ela me segue. — Nick me disse que ela é a criança mais doce e mais linda do mundo.

— Nós somos suspeitos, mas ela é, sim!

Mia está sentada na cama, abraçada ao seu gatinho de pelúcia com os olhos sonolentos e cabelinhos bagunçados.

— Bom dia! — Eu a beijo e noto que ela olha desconfiada para Sônia.

— Essa aqui é tia Sônia, Mia. — Eu a chamo para que se aproxime. — Ela trabalha com o papai.

— Ela vai me levar? — Segura em mim com força.

Isso parte meu coração, e Sônia também percebe o medo na vozinha dela.

— Não, minha linda. Ninguém vai tirar você de perto da mamãe e do papai. — Sorri. — Eu vim só te conhecer porque me disseram que você é uma princesinha, e eu nunca tinha conhecido uma antes.

Mia sorri, mas ainda parece desconfiada.

Célia entra com o lanche dela em uma bandeja, e eu agradeço-lhe a ajuda. Enquanto Mia

PERIGOSAS ACHERON

come, escuto Sônia e Célia conversando, parecendo encantadas com minha filha.

Depois de escovar os dentes e lavar o rosto de Mia, Sônia me ajuda a vesti-la e penteá-la e a chama para brincar de bonecas. A senhora me surpreende positivamente ao mostrar grande facilidade em lidar com ela, então me explica que tem duas netas, mas ambas moram fora do estado e ela quase não as vê.

Eu fico brincando com as duas até próximo ao horário do almoço. Todavia, quando Sônia se levanta para oferecer ajuda a Célia, eu me disponho a ir para deixá-la mais tempo com Mia. Deixar que minha filha se sinta mais próxima de Sônia e que essa estabeleça um laço com ela é o melhor que eu posso fazer, pois Mia sempre terá alguém para zelar por ela quando estiver junto a Caroline e Nicholas.

Não vou mentir e dizer que não me preocupo com o tratamento que a futura esposa de Nicholas

irá dispensar à minha filha, porque sei que Caroline Nogueira tem duas caras, a de boazinha quando a família Novak está perto e a verdadeira. Para a proteção da minha filha, eu espero que Sônia fique de olho em tudo e que cuide dela, porque tenho medo do que Caroline será capaz de fazer quando Nicholas não estiver por perto.

Eu fico pensando se não estou sendo complacente demais com aquela megera. Talvez, por eu ter passado por tantas coisas ao longo desses últimos anos, eu tenha ficado mais passiva, pois em outros tempos eu já teria dado umas porradas naquela vaca dissimulada. Contudo, eu não o fiz e não o farei, porque sei que ela conseguirá virar a mesa e me fazer passar por vilã, principalmente para dona Cecília, que parece estar muito magoada comigo por eu não lhe ter contado sobre Mia.

Eu preciso manter uma boa relação com todos para que possa estar inteirada sobre Mia

PERIGOSAS ACHERON

mesmo sem ter contato com Nicholas. Definitivamente, eu não posso, depois da noite que tivemos, manter um relacionamento de amizade com ele, pois isso só me fará sofrer.

— Almoço? — Célia me pergunta assim que entro. — Aquela uma não vai largar do pé da pequena, não? — Eu rio de seu ciúme. — Está é correndo do serviço pesado e usando minha menina como desculpa!

— Célia! A Mia te adora, não precisa ficar com ciúmes.

Ela resmunga algo e mexe em suas panelas.

— Fiz purê de batata e um peixinho para ela. — Aponta. — Tomara que goste, pois o frango ontem foi uma decepção. — Eu concordo, pois Mia cuspiu o frango, mesmo estando desfiado e misturado no meio do arroz. — Eu só estou terminando de temperar o feij....

Ouvimos uma discussão do lado de fora e

ficamos paradas, ouvindo.

— Você só pode estar louco! — uma voz de mulher grita. — Não, não vai, e se o fizer, considere-se na rua! — Célia me olha curiosa, mas eu não falo nada, mesmo reconhecendo a voz. — Sai!

Célia passa por mim como um foguete, indo em direção à porta principal. Eu a sigo apenas para constatar aquilo que meus ouvidos já detectaram.

Caroline Nogueira entra na sala.

— Lugarzinho horroroso! — Bate os sapatos no chão. — Ah, você deve ser Célia! — ela a cumprimenta e sorri, mas logo depois me avista e fica séria.

— O patrão não se encontra. Eu posso ajudar a...

— Doutora Caroline Nogueira, sou a noiva do seu patrão. Eu sei que ele não está! — Seu olhar em minha direção solta faíscas de ódio. — Eu
PERIGOSAS ACHERON

gostaria de um copo de água. — Célia assente, mas, antes de sair, Caroline completa: — Mineral e engarrafada, de preferência!

Eu dou um sorriso sem graça quando Célia passa por mim em direção à cozinha.

— Como vai, Caroline?

Ela levanta a sobrancelha e olha tudo ao redor.

— Eu consigo entender por que o Nicholas nunca me trouxe a esse lugar! — Faz careta. — É bem o nível de uma... — olha-me de cima até embaixo — *mulher* como você.

Eu bufo, impaciente com esse tipo de conversa e insinuação.

— Como a Célia informou, o Nicholas não está. — Franzo o cenho. — Na verdade, ele foi se encontrar com você em São Paulo.

— Eu sei, mas não se preocupe com isso. — Passa a mão numa poltrona de couro. — Não vou
PERIGOSAS ACHERON

me demorar por aqui.

Célia volta com a água e pergunta se ela deseja algo mais.

— Privacidade. — Sorri. — Eu preciso trocar duas palavrinhas com a Gio.

Célia me olha, e eu aquiesço. Logo em seguida, ela nos deixa a sós.

— O que você quer conversar comigo? — indago com os braços cruzados.

— Gio, Gio... — Balança a cabeça. — Eu não sei o que me causa mais pena de você, sabe? Você se arrastar atrás de um homem que já te esqueceu ou usar sua filha para manter uma ligação com ele. — Rola os olhos. — Mulheres como você me dão pena!

Eu sorrio e levanto a sobrancelha.

— Mesmo? — Caminho até ela. — É pena ou medo, *Carol*? Porque sua atitude de irromper aqui mesmo sabendo que Nicholas não está me

parece um pouco de desespero.

— Vadia! É o que você é! — ela cospe as palavras na minha cara, mas eu gargalho. — Deu mole para seu próprio irmão, pulou na cama de Nicholas num estalar de dedos e, depois, mesmo sabendo o quanto ele a desprezava, arreganhou as pernas para ele e aproveitou para dar o golpe da barriga!

— Desespero... — cantarolo para ela. — Se eu sou tão vadia assim, por que o medo? Olha só para você, *doutora* Caroline! Uma dama, recatada, amiga, sincera... pelo menos a casca é assim!

— Eu devia tê-la deixado sangrar até a morte quando tive oportunidade! — O ódio em suas palavras me assusta, principalmente porque o sangramento poderia ter levado à perda de Mia. — Foi uma pena eu ter pedido socorro para você! Hoje, pelo menos, eu não teria que criar a sua *bastarda*!

Meu sangue ferve, e eu não consigo me conter. No instante seguinte ao que ela disse, eu já estou desferindo um tapa de mão cheia nessa sua cara falsa.

— Você não presta para criar nem um filhote de cobra! — grito para ela e avanço para lhe dar algumas porradas a mais, porém, sou contida por Joaquim, que veio da cozinha enquanto um dos seguranças contratados pelo Nicholas a segurava. — Você é um bicho peçonhento, nojento e asqueroso, que passou a vida inteira mendigando o amor de um homem que nunca a quis!

Ela ri, embora sua face esquerda esteja bem vermelha, e levanta o dedo com o anel de noivado.

— São três anos juntos, vagabunda! Três anos inteiros! Enquanto você paria a sua cria, ele estava ao meu lado, dormindo comigo, dizendo que sou o amor da vida dele e que você não passou de empolgação!

Mais uma vez, suas palavras me machucam, mas eu não demonstro, pois não vou lhe dar esse gostinho.

— Senhoras... — Joaquim tenta intervir.

Caroline mostra a face para ele.

— Ela me atacou! Eu vim conversar, saber como elas estão, e ela me bateu!

— *Troia bugiada*^[15]!

— Ei, acalmem-se! — o segurança grita.

Joaquim tenta me tirar da sala, mas eu me recuso a ir, encarando-a, louca para descobrir se ainda lembro alguns golpes de boxe para lançar nesse rosto falso.

— Ele nunca vai me trocar por você, Giovanna. — Eu rio em deboche. — Ele me conhece, confia em mim... Você só está aqui com ele por causa da menina! Se não fosse por ela, Nicholas nunca olharia de novo para você. — Ela se remexe nos braços do segurança. — Pode me

PERIGOSAS ACHERON

soltar! Eu não vou me sujar e me rebaixar ao nível dela. — Entrega o copo, cuja água se derramou toda no chão, para o segurança e vira as costas. — Faça seu jogo sujo, Giovanna. Conte a ele que estive aqui. Eu só vim defender o que é meu! — Ela olha principalmente para Joaquim. — Nicholas é meu noivo, nós nos amamos.

Vira as costas e sai da casa como se nada tivesse acontecido.

— O que foi isso, meu Deus?! — ouço a voz de Célia.

— Vamos esquecer isso, gente. — Olho para o segurança. — Não reporte nada disso ao Nicholas, é desnecessário.

— Mas eu a ouvi te insultando e falando coisas horríveis sobre Mia... — Célia murmura.

Eu balanço a cabeça cansada disso tudo, arrependida por ter ficado no Brasil, por ter vindo para o haras com Nicholas. Eu terei de suportar

PERIGOSAS ACHERON

aquela mulher perto da minha filha, porém vou deixar umas coisas bem claras para Nicholas sobre isso. Definitivamente, Mia não pode ficar a cargo daquela louca.

— Eu vou resolver isso com ele — digo. Célia concorda. — Deixe que eu mesma vou conversar com Nick. — Respiro fundo. — Eu preciso levar o almoço da minha filha, Célia.

Ela volta com uma bandeja, e eu subo até a suíte de Mia. Ao chegar lá, noto que o som está ligado tocando as músicas infantis que ela adora, e Sônia me olha curiosa.

Eu arrumo a pequena mesa de madeira e fico assistindo a minha filha comer.

— Eu preciso que você a proteja — peço a Sônia, emocionada. — Eu não posso impedir Nick de estar com a filha, mas isso significa a deixar muito próxima a...

— Era a doutora Caroline lá embaixo? —

Faço que sim com a cabeça. — Uau, mostrando as garras! — Olho-a surpresa. — Aquela mulher é uma cobra! Quando Nick está perto, parece um carneirinho, mas basta que vire as costas, começa com seus desmandos. Você acredita que ela fez um porteiro amigo meu ser despedido?

— Quando?

— Há alguns anos, logo no começo do namoro deles. — Olha-me triste. — Eu fiquei tão chateada quando vocês dois brigaram. Eu nunca tinha visto o Nick tão contente e apaixonado por alguém, e olha que eu o conheço desde menino!

— Me prometa, Sônia, que irá cuidar da minha filha quando ela for ficar com vocês.

Ela pega minha mão e a aperta.

— Eu acho que você deve contar ao Nicholas o que aconteceu, Giovanna. — Seguro a vontade de chorar por causa de Mia, mas concordo com ela. — Esse casamento é o maior erro da vida dele! Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca me meti, nunca me queixei dela, mas o que fez hoje foi imperdoável!

Fecho os olhos, pois a situação toda me incomoda. Eu sou orgulhosa e sei que, se ele acabar terminando com Carol por causa do que aconteceu hoje, nunca terei certeza dos sentimentos dele em relação a mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVII

Nicholas

Mal o dia amanheceu, eu já estava no heliponto à espera de Eliandro. Não consegui dormir depois da noite intensa — em todos os sentidos — que tive com Giovanna. Tê-la novamente em meus braços foi melhor do que qualquer sonho que eu tive sobre isso ao longo desses anos. Nossa relação foi quente, desesperada e muito gostosa. No entanto, o que se seguiu depois me deixou completamente fora do eixo.

Eu disse a ela como me sentia, que eu não superei os sentimentos que tive por ela, mas, mesmo assim, a senti tensa e distante. Claro! Eu sou um homem comprometido agora, um homem comprometido do tipo que trai. Merda! Nunca pensei que um dia iria me tornar essa espécie de

PERIGOSAS ACHERON

homem. Eu enganei a minha noiva praticamente às vésperas do casamento e ainda disse a outra mulher que a queria. Isso é tudo que eu sempre abominei, tudo que sempre disse que nunca iria acontecer comigo.

Eu preciso tomar uma atitude, e não há mais volta! Eu amo Giovanna Villazza, sempre amei e, pelo jeito, sempre vou amar. Prosseguir com os preparativos de casamento com a Carol é, no mínimo, uma maldade exorbitante de minha parte. Eu não posso fazer isso com ela! Eu não posso prosseguir iludindo-a, enganando-a. Embora me doa como a própria morte saber que irei lhe causar tamanha dor e humilhação, não posso me casar com ela.

O que Giovanna me disse sobre eu estar brincando de família feliz aqui no haras me fez acordar, porque é exatamente o que eu estou fazendo. Eu me esqueço completamente de Carol e

PERIGOSAS ACHERON

do nosso compromisso e sinto, em todos os momentos, que essa é minha família: Giovanna e Mia.

Vejo o helicóptero se aproximar e pousar. Abro um sorriso ao ver Sônia junto com mais dois seguranças que já trabalharam na minha escolta anteriormente, quando eu estava na África.

— Nick, bom dia! — Ela me abraça. — Eu estou louca para conhecer a Mia! Nem pude acreditar quando você me pediu para vir!

Espero Eliandro desligar a aeronave e cumprimento os dois seguranças, passando-lhes instruções básicas sobre como guardar Giovanna e Mia durante as horas em que precisarei ficar fora e só então puxo Sônia de lado e converso com ela.

— Sônia, a Giovanna consegue dar conta dos cuidados da minha filha e aprecia isso. — Ela sorri e assente. — Eu pedi que viesse mais para auxiliar a Célia e também para que a Mia se acostume com

PERIGOSAS ACHERON

você. Mas, pelo amor de Deus, nada de rixa com a Célia na cozinha, lá é o espaço dela!

Sônia levanta a sobrancelha, e eu xingo ao reconhecer a expressão, pensando ter feito loucura ao trazê-la para cá de novo, pois, assim que a casa ficou pronta, Sônia me acompanhou, e faltou pouco para eu ter de separar uma briga entre minhas duas funcionárias.

— *Eu* sei me comportar, Nick!

Respiro fundo, pensando ser melhor não insistir no assunto.

— Caroline estava em casa quando...

— Sim, e me encheu de perguntas, mas eu disse apenas que iria me encontrar com você. — Eu lhe agradeço a descrição. — Mas eu acho que ela sabe que você está aqui, Nick.

Respiro fundo e dou de ombros, pois era óbvio que Caroline se lembraria do haras, mesmo nunca tendo visitado o local.

Eu me despeço de Sônia e embarco, nervoso e ansioso pela decisão que tomei e, durante os minutos em que voamos de volta para a capital, fico repassando tudo o que aconteceu entre mim e Giovanna na noite de ontem e tentando prever a reação da Carol hoje.

Desço no heliponto do Castellani e sigo direto para a cobertura, porém, ela se encontra vazia. Entro no meu quarto e confiro que todos os itens de Carol ainda estão no armário, bem como sua maleta e outros petrechos de sua profissão.

Pego uma mala grande e separo minhas peças de roupa, pois já vou me instalar de vez no haras. O apartamento já está vendido, pois eu me mudaria no próximo mês para a casa que comprei a fim de morar depois do casamento com a Carol, então, eu não terei onde morar aqui na capital. Arrumo tudo o melhor que posso, pois Sônia irá terminar de empacotar minhas coisas e as enviar para o haras

depois.

Penso na casa, aqui próximo, cujo projeto a empresa contratada para a decoração está terminando. Eu decidi que irei deixá-la para Carol, quase como uma indenização, e ela depois irá escolher o que fazer com o imóvel.

Fico até próximo ao horário do almoço esperando-a, insistindo em ligar para o celular dela algumas vezes, mas encontrando-o desligado. Em seguida, sigo até o Cidade Jardim, para a casa dos meus pais.

— Nick! — Minha mãe me abraça quando chego. — E minha neta?

Sorrio ao pensar em Mia.

— Está ótima, e eu estou completamente apaixonado por ela!

Gilberto desce as escadas e, assim que me vê, abre um sorriso de satisfação.

— Bom dia, filho! — Abraça-me. — Como
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estão minha filha e minha neta?

Eu sorrio, percebendo a estranheza disso tudo.

— Vocês dois já se deram conta de que são avós de Mia? — Eles me olham como se eu estivesse dizendo o óbvio. — Avós de sangue, os dois!

Gilberto gargalha, e minha mãe põe a mão no coração.

— Eu iria considerar sua filha minha neta mesmo que ela não tivesse meu sangue, Nicholas — Gilberto diz. — Mas você tem razão! Esse era o único elo que nós dois não tínhamos, o sangue, mas agora, por causa de Mia, nós o temos.

— Ah, meu Deus! Vocês dois vão me fazer chorar antes do almoço! — Eu gargalho, e Gil aperta mamãe contra o peito. — Vamos almoçar todos juntos! O Bernardo foi para Santos ver algo relacionado a alguma competição.

PERIGOSAS ACHERON

— E a Carol? — indago indo em direção à sala de jantar. — Vocês têm notícias dela?

— Nós a vimos ontem. — Minha mãe me olha preocupada. — Ela está uma pilha de nervos, Nick. Nem tem ido trabalhar!

Sinto minha consciência doer ao ouvir isso.

— Eu estou lhe fazendo muito mal...

— O que significa isso? — Dona Cecília não é boba e me conhece como ninguém. — O que está havendo, Nicholas?

— Eu não posso prosseguir, mãe. — Ela arregala os olhos. — Não é justo com ela, nem comigo!

— Oh, meu Deus! — ela exclama. Gilberto a ampara, vendo-a visivelmente nervosa. — Falta menos de um mês para o...

— É melhor que seja agora, meu amor — Gilberto concorda comigo, o que me alivia. — E eu, sinceramente, estava esperando para ver quanto

tempo Nicholas ia demorar para nos comunicar isso.

Pego nas mãos da minha mãe, sentindo-as frias, sabendo do apreço que ela tem pela minha noiva e da decepção que estou lhe causando.

— Mãe, a senhora se casou sem estar completamente apaixonada uma vez, se lembra? — Ela faz que sim e tenta me interromper. — Sei que a senhora não se arrepende, por minha causa, mas pode dizer que foi feliz ao lado do meu pai?

Ela não me responde, mas eu já conheço a resposta e vejo seus olhos brilharem com lágrimas represadas.

— Imagina, mãe, se eu me caso com Carol amando outra pessoa? — Gil não disfarça seu sorriso, mas logo fica sério, pois minha mãe começa a chorar. — Me perdoe por isso, mas eu não posso fazer sofrer a nós dois, a nós três!

— Giovanna ainda sente alguma coisa por

PERIGOSAS ACHERON

você, Nicholas? — Eu digo que sim, embora não tenha ouvido de sua boca. — Eu não entendo por que ela escondeu Mia de nós durante todos esses anos! Isso não é atitude de quem ama, Nicholas!

Eu não tenho a resposta para isso. É um assunto ao qual nós dois ainda não chegamos ao fim, mas, independentemente disso, eu amo Giovanna e, se ela sentir o mesmo por mim, quero viver com ela daqui em diante e esquecer os erros do passado, mesmo porque eu errei muito também.

— Nós devemos aceitar e apoiar nosso filho, Cecília. — Ele sorri, mostrando estar contente. — Não só por ele amar minha filha, mas porque os dois estando juntos significa Mia perto de nós para sempre.

Eu sempre soube que Gil era inteligente, mas devo reconhecer sua sagacidade ao dizer isso a ela, pois, na mesma hora, os olhos de minha mãe param de brilhar de consternação e passam a reluzir de

PERIGOSAS ACHERON

alegria. Sim, Mia já conquistou o coração dela, e ele sabe disso!

— Eu tenho medo de que ela o magoe novamente!

— Mãe, eu a magoei muito. Não estive ao seu lado quando mais precisou de mim. Ainda não sei os motivos que a levaram a não me dizer sobre Mia, mas isso já não me importa.

— Você vai precisar conversar com a Carol, e essa conversa não será nada fácil ou bonita! — Ela me aponta o óbvio, pois sei que, a partir do momento em que contar tudo a ela, não estarei perdendo uma noiva somente, mas também a amiga de toda uma vida.

Depois do almoço na casa dos meus pais, decidi ir até o apartamento da família Nogueira, no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Morumbi, mas não havia ninguém em casa. Provavelmente, estão viajando, coisa que os pais dela adoram fazer.

Passei pela Novak e lá conversei com o Rodrigo sobre questões do trabalho, pois, como iria viajar em lua de mel, ele está tomando ciência de todos os pormenores dos projetos que eu estou acompanhando. Eu não disse a ele sobre o cancelamento do casamento, embora sejamos muito amigos, pois eu quero conversar com Carol primeiro. Além disso, os planos permanecerão inalterados, e eu irei aproveitar as semanas de férias com minha família.

Saio da Novak sorrindo, pensando em Giovanna e Mia comigo, nós três sendo uma família de verdade.

Decido ir até o prédio dos Villazzas, embora saiba que Giovanna tem se comunicado com eles todos os dias.

PERIGOSAS ACHERON

Frank me recebe em sua sala na sede da Rede, na parte comercial do prédio.

— Minha esposa foi trabalhar. — Serve-me uma dose de uísque. — Marina, Henrique, Guido e minha mãe estão indo para Roma hoje, e Tony foi acompanhá-los ao aeroporto, onde nosso avião os espera.

— Eu não sabia que já estavam indo embora.

— Não estavam, iam passar o aniversário do Tony aqui comigo, mas meu irmão achou mais sensato que eles fossem de uma vez, pois ainda não tivemos nenhuma pista do Baden.

— Ele não vai junto? — Frank nega. — O mais sensato era Giovanna e Mia estarem indo também.

— Sim, mas minha irmã quer que você fique com sua filha enquanto não se casa. — Noto ainda uma ranço de desprezo na voz dele. — Por mim, você que se virasse para ir vê-la.

Eu gargalho, imaginando sua cara ao saber que nunca mais vou me separar de nenhuma das duas.

— Eu sei que, *por você*, eu nem saberia da existência dela!

— Se engana, *franguinho*. — Eu rolo os olhos ao ouvir o apelido pelo qual ele insiste em me chamar. Frank pode até ser dez anos mais velho que eu, mas dificilmente eu sou um franguinho! — Quando soube que você era o pai, insisti que ela lhe contasse, mas concordei com ela que uma humilhação só bastava. Se você estava feliz sem saber, que continuasse, então!

Eu franzo o cenho.

— Do que você está falando?

— A primeira coisa que Giovanna fez quando soube que estava grávida foi vir ao Brasil para lhe contar. — Eu arregalo os olhos, sentindo minha boca seca e minhas mãos geladas. — Ela

entrou em um avião comercial, viajou mais de dez horas e seguiu direto para o seu apartamento. — Eu me sinto pregado na cadeira, com o copo de uísque congelado na mesma posição desde que ele começou a falar. — Mas tudo o que conseguiu foi ser humilhada por sua noiva no hall do seu prédio! Ah! E ela quase perdeu o bebê, *coglione*!

Eu me levanto nervoso, imaginando se Carol sabia...

— Ela contou a Carol sobre a gravidez?

— Não. Ela queria dizer a você, mas desmaiou na frente dela e perdeu sangue, porém, quem a levou até o pronto-socorro foi seu porteiro!

Eu balanço a cabeça, processando essas informações. Talvez Carol não soubesse da gravidez, pois Giovanna não lhe contou, mas ela também nunca me disse sobre aquela visita. Por quê? Carol era a única pessoa com quem eu conversava sobre Giovanna, inclusive foi para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem eu contei sobre a recaída que tivemos. Ela não tinha desculpas para não me falar sobre isso!

Despeço-me de Frank e saio de lá disposto a encontrar Caroline. Ligo para ela, deixo inúmeros recados na caixa postal, mas ela não liga o aparelho e nem retorna as ligações.

Já está anoitecendo, quando eu volto para o Castellani, sigo direto para a administração do prédio para pesquisar algo antes de subir até a cobertura. Pretendo voltar para o haras ainda esta noite.

Entretanto, quando entro no apartamento, surpreendo-me com Carol na suíte, usando um conjunto de calcinha e sutiã sexy e com um champanhe num balde com gelo.

— Bem-vindo! — Ela me estende uma taça.

— Onde você esteve, Carol? — Eu pego o champanhe, mas não o tomo. — Eu te liguei mais de...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu esqueci o celular no consultório ontem.
— Franzo o cenho, pois minha mãe me disse que ela não estava indo trabalhar. — Saí para resolver umas questões, mas depois te conto! — Dá uma volta completa. — Gostou da surpresa?

Eu nunca vou poder dizer que ela não é uma mulher bonita. Carol é bem-proporcionada, no estilo mignon, com belas curvas, um rosto bonito e cabelos castanho-escuros brilhantes. Entretanto, definitivamente, não está me causando nenhum tipo de reação neste momento.

— Precisamos conversar — digo sério, indo até o banheiro jogar uma água no rosto para tentar me acalmar e notando a banheira cheia, com pétalas de rosas e velas perfumadas à sua volta.

— Não quer tirar sua roupa? — Ela põe a mão em meu ombro. — Você está tenso e...

— Por que você não me contou que Giovanna esteve aqui?

PERIGOSAS ACHERON

Olhamo-nos pelo espelho.

— Aqui?! Claro que não esteve! Pelo menos, não enquanto eu estive em casa. — Dá de ombros. — Tem que perguntar a Sônia ou aos porteiros.

— Há quase três anos, Carol. — Viro-me para encará-la. — Quando ela soube que estava grávida de Mia.

Ela ri, na verdade, gargalha.

— A mentirosa te disse isso? Ela é louca! — Segue andando para o quarto, e eu vou atrás dela. — Se quiser, pode conferir os registros de visitantes.

— Eu já o fiz, e não há o nome dela lá. — Ela sorri vitoriosa. — Porém, descobri que o porteiro do dia foi demitido por uma reclamação feita pela cobertura. — Ela fica pálida. — E sabe o quê, Carol? Eu não tive nada contra o porteiro, nunca!

— Deve ser um equívoco...

— Não, não foi. Eu pedi para ver a reclamação, e ela foi feita por você, alegando que ele deixou a portaria por quase duas horas.

— Eu não me lembro disso, mas o que tem...

— Foi um porteiro que socorreu Giovanna quando *você* se negou a ajudá-la! — Ela nega. — Câmeras, Carol! Tem câmeras para todo o lado no prédio, sabia?

Vejo os lábios dela tremorem.

— Você sabia sobre Mia, Carol? — questiono devagar, mas ela não me responde. — Você sabia sobre minha filha, porra?! — grito, perdendo a paciência.

— Nicholas, como eu poderia saber que a criança era sua? — Ela chora. — Ela é uma mentirosa, dissimulada...

— Eu não posso acreditar nisso! — Rio como um louco, percebendo que estive ao lado de uma pessoa que não conheço. Minha melhor amiga,
PERIGOSAS ACHERON

minha amiga de toda a vida, e eu não a conheço! — Como você pôde deixá-la caída no corredor e virar as costas? Ela podia ter perdido minha filha! Você é médica...

— Eu pedi socorro, sabia?! — ela grita. — O porteiro só subiu porque eu chamei, mas depois o desgraçado quis registrar o motivo pelo qual tinha se ausentado, e eu não podia deixar que isso acontecesse! Fiz a reclamação, e ele foi demitido! — Caroline corre até onde estou e me abraça. — Eu fiz isso porque não queria te perder, Nicholas. E ainda não quero!

Eu a afasto de mim.

— Como você soube sobre Mia?

— Nicholas, eu não quero... — Ela me encara e engasga ao perceber minha fúria contida. — Eu perguntei à plantonista que a atendeu, e ela me contou da gravidez.

Put a que pariu! Ela sabia desde o começo

que Giovanna esperava um bebê, que eu tinha uma filha e nunca me contou nada!

— Nicholas, me perdoe!

Eu assinto. Não quero carregar nenhum tipo de sentimento por ela nunca mais!

— Eu vim até aqui para conversar com você.

— Ela não se move, aqui, parada à minha frente, usando somente um conjunto de lingerie. — Eu não estou fazendo isso por causa do que acabei de descobrir, embora isso seja motivo mais do que suficiente. — Ela tenta falar, mas eu não deixo. — Me escuta, Caroline! Eu não posso mais continuar com os planos de casamento. — Ela desaba, chorando. — Eu não posso me casar com você porque eu ainda amo a Giovanna, e isso não seria justo contigo.

— Nicholas, por favor, não faz isso!

Eu sinto o coração doído pelo seu choro, pois, embora eu esteja puto por causa das suas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mentiras e omissões, sei que ela me ama de verdade.

— Eu sinto muito, Carol. — Eu pego minha mala. — Eu espero que você fique bem, sinceramente.

— Não faz isso! — Ela se ajoelha.

Eu a pego pelo braço e a faço se levantar.

— O apartamento continua vendido, e a casa nova vai ser transferida para o seu nome...

— Eu não quero nada disso, Nick. Eu só quero você!

Eu balanço a cabeça.

— Adeus, Carol.

Saio da cobertura tremendo de raiva, mas preocupado com ela, pois todo esse amor que Carol me professa parece ser algo doentio. Ligo para minha mãe e lhe peço que venha até a cobertura com Gilberto, pois os pais de Caroline não estão na cidade.

PERIGOSAS ACHERON

Não conto sobre ela saber sobre Mia, pois Carol precisa de ajuda nesse momento, e revelar isso para minha família seria como deixá-la sozinha e desamparada.

O helicóptero levanta voo em direção ao haras, mas eu sinto um gosto amargo em minha boca e a sensação de que algo ruim possa, ainda, acontecer.

Capítulo XVIII

Nicholas

— Boa noite! — cumprimento Célia e Sônia ao entrar na cozinha. — Minha filha já dormiu?

Noto a troca de olhares entre as duas e enrugando a testa, percebendo que algo ocorreu.

— Boa noite, Nick! — Sônia me responde. — Já, sim. Ela é um amor, sabia?

Eu encaro Célia, que parece incomodada.

— O que houve?

Sônia continua com um sorriso forçado no rosto, mas Célia balança a cabeça negativamente, como se estivesse discordando de seus próprios pensamentos.

— Sua noiva esteve aqui!

Arregalo os olhos e encaro Sônia, pois minha outra funcionária não conhece a Carol.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta que pariu! — Não me contenho quando ela confirma. — O que aconteceu?

— Elas discutiram, Nick. Eu, felizmente, estava com a Mia lá em cima e, assim que ouvi as vozes alteradas, liguei o som do quarto para distraí-la.

— Mas eu vi e ouvi tudo, patrão! — Célia parece furiosa. — Aquela sua noiva entrou aqui discutindo com o segurança, que queria ligar para você, mas ela o ameaçou e lhe jogou na cara que era a sua futura esposa! — Eu fecho os olhos, descobrindo mais essa situação envolvendo a Carol. — A Giovanna nos pediu para não lhe dizer nada, mas, patrão, sua noiva lhe disse coisas horríveis e ainda chamou a pequena Mia de bastarda.

Meu sangue ferve ao ouvir isso, e eu saio da cozinha o mais rápido possível, subindo os degraus de dois em dois, chegando à porta do quarto de minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

Giovanna está lá com ela, deitada na cama ao lado. Eu me aproximo e confirmo que Mia dorme bem, serena e confortável.

— Nicholas? — Gio se levanta ao me ver ao lado da Mia. — Que horas são?

— Passa um pouco das 9h da noite, Giovanna. — Dou um beijo na testa de Mia. — Transcorreu tudo bem aqui hoje?

Ela suspira.

— O que ela disse? Que eu lhe dei um belo de um tapa na cara? — Eu arregalo os olhos, não sabendo que as duas tinham chegado às vias de fato. — Sim, eu dei e não me arrependo!

Eu a pego pelo braço e saio do quarto de Mia, indo até minha suíte.

— Carol não me contou nada, Giovanna. Nunca! — Eu rio amargo. — Eu pensava que ela era a pessoa mais sincera que conheci na vida, mas percebi que não a conhecia absolutamente. —

Passo a mão pelo seu rosto. — Eu sei de tudo! — Ela parece não entender. — Sei que você voltou para me contar do bebê e que ela sempre soube da existência de Mia.

Gio fecha os olhos.

— Quem te contou, senão ela? — Encara-me. — Frank? — Eu assinto. — Ele era o único que sabia sobre isso.

— Eu pesquisei na administração do condomínio e descobri que um porteiro a socorreu e que, depois que você desmaiou, ela virou as costas e entrou no apartamento como se nada houvesse acontecido.

— Eu tive um sangramento, mas nada preocupante, graças a Deus!

— Por que você não me procurou mais? Por que não me ligou?

— Eu não queria estragar sua vida, Nicholas. Eu sabia que você iria querer assumir a

PERIGOSAS ACHERON

responsabilidade e... você disse que nunca me perdoaria.

Eu a abraço, sentindo-me um idiota por todas as palavras que lhe havia dito.

— Não vai mais haver casamento. — Sinto-a ficar tensa em meus braços. — Foi por isso que eu fui até São Paulo hoje, para conversar e pôr um fim no meu compromisso com Caroline.

Giovanna se afasta de mim.

— Você me disse ontem que não podia fazer isso. — Eu nego, mas ela não me deixa falar. — Você tem conversado com ela todos os dias sobre os planos de casamento, Nicholas!

— Eu sei! — Ponho a mão na cabeça e bufo. — Eu estava com pena, Giovanna! Eu achava que seria uma sacanagem, depois desse tempo todo juntos, eu terminar com ela!

— E o que mudou de ontem para hoje?

— Não foi de ontem para hoje! — Pego suas

mãos. — Começou a mudar desde que eu soube que você havia voltado. Eu...

— Se você não tivesse descoberto a verdade sobre ela, sobre minha vinda ao Brasil para lhe contar, você teria terminado com ela, Nicholas?

— Sim. — Olho no fundo dos seus olhos. — Eu fui para lá com esse propósito hoje! Eu não posso continuar me enganando, Giovanna. — Volto a tocá-la. — Eu nunca deixei de te amar. Não sabia disso, pois o sentimento estava sufocado pelo meu orgulho e minha mágoa, mas ele sempre esteve aqui — toco meu peito —, intacto. Forte e verdadeiro.

Ela balança a cabeça.

— Eu sou louco por você! — Abraço-a. — Sempre fui louco por você!

— Isso tudo é muito... confuso.

Sinto meu corpo gelar.

— Você não sente o mesmo por mim? — Ela

fecha os olhos, e eu me desespero. — Eu sinto que você ainda me quer, Giovanna! Senti ontem, sinto agora mesmo...

— Nicholas, não é isso! É só que você não pode ficar substituindo uma pela outra cada vez que descobre algo que te decepçiona! — Eu nego. — Me diz que você nunca disse a ela que a amava. — Eu fico paralisado. — Você a pediu em casamento, Nicholas!

— Gio...

— Não! Me escuta. — Ela respira fundo. — Você precisa ter certeza de que...

— Eu tenho! — grito. — Eu tenho, porra! Eu não sabia de nada quando decidi romper com ela! Eu não estava decepcionado, magoado, nada! — Sinto que a estou sacudindo, então paro e me acalmo. — Eu apenas parei de me enganar e assumi que eu amo você! Eu amo você, entende?

Giovanna chora, e eu sinto meu coração

batendo em desespero com medo de perdê-la.

— Eu não sei, Nicholas. — Ela se solta. — Eu não quero me ferir de novo, principalmente por causa de Mia!

Fico mudo por um momento, processando se ela disse que não sabe se eu a amo ou se ela me ama. A possibilidade de Giovanna não me amar mais nunca passou pela minha cabeça, mas talvez eu estivesse sendo muito presunçoso. Talvez o que ela sente por mim seja apenas atração e nada mais.

— Você me ama, Giovanna? — Eu a encaro sério, mas, por dentro, estou desesperado, com medo da resposta.

— Nunca deixei de te amar, Nicholas. — Sinto um alívio crescente, mas, ainda assim, sei que não posso me alegrar ainda. — A questão não é essa! Eu sou cheia de defeitos, não sou perfeita como a mulher que você idealiza. Posso mentir se necessário, posso omitir também. Eu não quero

estar em um relacionamento onde eu precise andar em ovos com medo de te perder!

— Eu sempre quis uma mulher perfeita, sincera e autêntica, é verdade. — Caminho até ela. — Mas me apaixonei por você, e eu, naquela época, nunca pensei que você tivesse qualquer uma dessas qualidades. — Rio. — Você mesma há de convir que era bem difícil, mas, ainda assim, me apaixonei, a quis e ainda quero. — Seguro-a pelo rosto. — Eu não quero mais uma mulher com todos esses atributos, Giovanna! Eu quero você, assim, do jeito que é! — Ela sorri pela primeira vez, e eu sinto que ainda há uma esperança. — Eu também posso mentir, omitir, na verdade, eu posso até matar se for preciso. Deus sabe o quanto eu queria me livrar de Hans Baden quando ele estava com vocês! Eu também não sou perfeito, Giovanna.

— Eu amo você, Nicholas! — Eu abro um sorriso enorme ao ouvi-la admitir. — Amo você

PERIGOSAS ACHERON

demais!

Sorrio novamente, olhando-a como se fosse a primeira vez. Em minha mente, passam todas as lembranças que temos juntos desde quando nos encontramos ainda crianças em Londres, na apresentação de balé em Roma e, por fim, quando a revi no baile da FIN.

— Você é minha, Giovanna, e eu sou e sempre serei seu. — Beijo-a com carinho, sentindo o sabor de saber que, mais forte que toda a atração, é o sentimento que nos mantém unidos, que nos aproxima a todo tempo.

Sinto a face dela úmida, como a minha própria está, e a seco com beijos, fazendo-a rir no percurso. Eu amo essa mulher como nunca imaginei amar ninguém, e saber que estamos juntos de novo sem nada entre nós a nos impedir, é libertador.

Pego-a no colo, e ela solta um gritinho e

PERIGOSAS ACHERON

muitas risadas. Deito-a onde eu queria que ela estivesse desde nossa primeira noite aqui, no lugar que sempre foi dela e exclusivamente dela, minha cama. Olhamo-nos, sérios e apaixonados, e ela desliza um dedo sobre meus lábios, provocante e quente.

Seguro esse dedo safado entre os dentes enquanto minha língua vai brincando com a pontinha dele dentro da minha boca. Giovanna fecha os olhos e geme, e eu aproveito a oportunidade para sugá-lo com força.

As mãos dela, em minhas costas, vão descendo até alcançar o cócs da minha calça, retirando a camisa de dentro dela, para então raspar a minha pele com suas unhas.

— Eu estou com tanta vontade de te ter em mim... — sussurra, e a cada palavra, minha pele se arrepia e meu pau se contorce. — A noite de ontem foi só um lembrete. — Ela abre os olhos. — Hoje

eu quero tudo!

Ela retira o dedo da minha boca, e eu, imediatamente, ataco seu pescoço, sem freio, sem amarras, mordendo-o e beijando-o como eu sempre gostei de fazer. Giovanna se contorce embaixo de mim, pressionando seu quadril contra o meu, gemendo e arranhando minhas costas.

Não penso duas vezes: afasto-me, levantando o vestidinho fino e solto que ela usa, colocando sua calcinha de lado e abrindo a braguilha da minha calça jeans. Quando me enterro nela, encontro-a molhada, quente e pulsante. Agarro seus punhos e os coloco acima de sua cabeça, segurando-os, enquanto meto com força, fazendo-a se balançar inteira.

Libero uma das minhas mãos e a uso para abaixar o decote do vestido, fitando esses peitos incríveis que sempre me levaram à loucura. Abaixo a cabeça e abocanho um dos mamilos cor-de-rosa,

chupando-o com força, intercalando com mordidas.

— Isso, Nicholas... — ela delira. — Eu quero você muito duro... com força, sem pena... — Eu levanto meu olhar para vê-la sem tirar meus dentes de seu mamilo. — Eu quero você inteiro!

Saio de dentro dela e me afasto, arrancando minha roupa como um louco enquanto ela assiste entre risadas. Subo na cama novamente, mas dessa vez não a penetro de novo, posiciono-me sobre seus seios, passando a ponta do meu pau em sua boca.

— Abra a boca e sinta seu gosto! Sinta como você fica deliciosa sobre minha pele, como é perfeito!

Ela não se faz de rogada, colocando-o com vontade na boca, deliciando-se, levando-me à loucura. Quando estou a ponto de explodir novamente, saio de cima dela e a viro, colocando-a de quatro sobre a cama.

— Eu já te achava linda antes... agora... —

passo a mão sobre sua bunda e retiro sua calcinha — é quase irresistível querer te foder em todos os lugares possíveis.

Ela geme, e rio, passando minha língua pelo vale de seu traseiro, brincando com o único local onde meu pau ainda não esteve, até alcançar sua boceta encharcada. Demoro-me pouco na degustação de seu prazer, pois tudo o que quero é tê-la encaixada em mim como uma só carne.

Pressiono seus ombros, fazendo-a arriar até sua cabeça estar sobre as almofadas, e me posiciono em pé na cama, com os joelhos levemente curvados, esfregando-me nela de cima para baixo, insinuando a entrada, mas recuando, fazendo-a rebolar para me ter dentro de si. Quando acontece... *puta que pariu!* Quando acontece, eu não consigo me conter, apenas seguro-a pelos quadris e me movo tão rápido quanto meu prazer me ordena, sentindo meu pau socar dentro dela sem

dó nem piedade.

Giovanna adora isso tanto quanto eu e se agita contra meu corpo, querendo mais e mais.

— Eu amo você! — grito me sentindo já à beira do precipício. Respiro fundo e me ajoelho, ainda dentro dela, e a faço enlaçar minhas coxas com suas pernas com Gio ainda de bruços.

Dessa vez, é ela quem dita o ritmo, moendo contra minha virilha, enquanto, com uma das mãos, seguro seu seio esquerdo e, com a outra, massajeio seu clitóris.

— Continua! — ela delira, já sentindo o prenúncio do seu orgasmo. — Continua, Nick!

Quando ela goza em mim, sinto meu pau sendo apertado, sugado, e o corpo dela inteiro tremendo. Giovanna joga sua cabeça para trás, e eu deito a minha entre seu ombro e pescoço, sentindo meu prazer jorrar dentro dela.

Gio se deixa cair sobre o colchão, exausta e

PERIGOSAS ACHERON

ainda tremendo, mas eu continuo parado no mesmo lugar, ainda sentindo o coração a mil por hora e um prazer gigante atravessar meu corpo.

— O que foi... isso? — ela inquire com o rosto colado na cama.

Sorrio satisfeito ao ver sua pele suada, o vestidinho embolado em sua cintura, os braços abertos e os cabelos revoltos. Ela nunca esteve tão perfeita! Vê-la aqui comigo, senti-la dessa forma é como estar de volta ao lar depois de anos de exílio.

Deito-me ao seu lado, afastando seu cabelo para o lado a fim de ver seu rosto. Ela sorri de olhos fechados. Um sorriso felino, satisfeito e muito feminino.

— Eu nunca mais vou te deixar ir, Giovanna.
— Ela levanta a cabeça e me olha. — Eu nunca mais quero te perder.

— Você não vai, Nicholas! — Ela se arruma na cama, deitando-se sobre meu braço, jogando
PERIGOSAS ACHERON

suas pernas sobre meus quadris. — Eu sou sua para sempre!

Porra! Tem como não amar essa mulher? Abraço-a com força, agradecendo aos céus pela segunda chance, a minha chance de fazê-la feliz.

Capítulo XIX

Giovanna

— Bom dia, *principessa!*

Eu abro um sorriso ao ouvir a voz e o apelido e rolo na cama para abraçar Nicholas, porém, encontro-a vazia.

Abro os olhos e o vejo à porta do quarto, vestido com uma bermuda de pijama e com Mia no colo. Sorrio com a cena, vendo minha filha no colo do seu pai vindo me acordar de manhã.

— Nossa princesinha acordou cedo e estava resmungando lá no quarto dela — ele diz assim que deposita Mia na cama.

— *Mamma...* — Ela me abraça como se não me visse há séculos.

— Oi, *piccola!* Bom dia!

Nicholas põe uma camiseta enquanto eu
PERIGOSAS ACHERON

continuo debaixo das cobertas. Eu nunca tinha vivido essa situação antes, ter minha filha na cama comigo enquanto eu estou nua e exausta de tanto fazer sexo.

Olho para Nicholas, que sorri cúmplice, provavelmente supondo o que eu estou pensando.

Nossa noite foi incrível! Depois do amor, nós tomamos banho e descemos juntos e de mãos dadas para a cozinha, onde encontramos Sônia, Célia e Joaquim jantando.

Célia se pôs de pé assim que nos viu, porém, ao ver nossas mãos entrelaçadas, não se conteve e veio nos abraçar.

— Ah, meu Deus! Eu estou tão feliz! — Nicholas mexeu com ela, mandando-a tirar o Santo Antônio de dentro do poço. — Joaquim!

O homem estava visivelmente contente, embora só balançasse a cabeça positivamente. Quanto a Sônia, estava literalmente se debulhando

PERIGOSAS ACHERON

em lágrimas e sorrindo ao mesmo tempo.

— Eu estava tão preocupada de você deixar elas irem no final desse mês... — Sônia nem conseguia falar. — Eu via a burrada que você estava cometendo ao se casar com a doutora Caroline, mas não podia fazer nada, afinal... sou só uma empregada...

— Ah, Sônia! — Nicholas a abraçou com força. — Você sabe que é bem mais do que isso, não é? Você me viu crescer, curou meus machucados com aquele negócio que ardia como fogo. — Ela gargalhou. — Você faz parte da minha família!

— Eu estou tão feliz. — Ela pegou minha mão. — Eu quero ver Mia crescer também, Giovanna.

— Você vai, Sônia!

Ela sorriu e me abraçou também.

Sentamo-nos para jantar junto a todos,
PERIGOSAS ACHERON

conversando animados, fazendo planos para o haras e para a nossa vida aqui juntos.

Eu pensei muito sobre o que fazer, pois Tony conta comigo lá em Nova Iorque trabalhando com ele, porém, sei que meu irmão irá entender que eu quero ser feliz aqui, neste lugar, com Nicholas e Mia. Penso nos sonhos da minha primeira visita ao haras, de ter uma família, de criar nossos filhos aqui, neste lugar. É isso o que eu quero, ficar aqui com eles.

— ...viajar por umas semanas até que consigam prendê-lo — escutei Nicholas dizer a Joaquim.

Eu olhei assustada em sua direção.

— Viajar?

Nicholas assentiu sem sorrir, parecendo preocupado.

— Eu não tenho mais nada que me faça ficar aqui, Giovanna. Acho que seria, sim, a melhor

PERIGOSAS ACHERON

coisa a fazer.

Concordei com ele, pois, a cada dia que se passa, a falta de notícias sobre o paradeiro de Baden está nos deixando loucos.

— Para onde vamos?

— Para a Itália, junto da sua família. — Eu sorri, animada. — Podemos passar as festas de fim de ano por lá e depois retornarmos. Minha cobertura da capital foi vendida, mas estou pensando em comprar uma casa em um dos condomínios...

— Não vamos morar aqui? — Estranhei, pois ele sempre pensou em morar no haras e só não o fez porque terminamos.

Nicholas segurou minha mão e sorriu.

— Você gostaria de morar aqui? Pensei na capital porque...

— Eu vou adorar criar nossa filha aqui, Nicholas, pelo menos enquanto ela ainda é

PERIGOSAS ACHERON

pequeninha. Depois, por causa da escola, podemos pensar em ficar na capital, mas continuando a vir aqui sempre nos fins de semana.

Nem preciso dizer que Célia e Joaquim apoiaram a minha ideia imediatamente. E Nicholas, bem, ele parecia completamente encantado com a possibilidade de realizar seu sonho de viver aqui.

Depois que todos se foram, ele e eu subimos juntos para a suíte principal, onde eu dormiria, a partir daquela noite, para sempre. É gostosa essa sensação do durável, do eterno, e isso me deixa segura e tranquila.

Ouvi um barulho estranho vindo de dentro de um dos bolsos da bermuda de Nicholas, mas ele não falou nada, apenas ficou ali com cara de gato que comeu o pássaro.

Eu retirei minha roupa devagar, peça por peça, até estar completamente nua e à sua mercê, porém, em vez de sentir Nicholas me abraçando

como sempre fazia, senti uma coisa melada e gelada sendo passada do meu cóccix até o pescoço.

— O quê? — Não consegui terminar a pergunta, pois ele foi deslizando sua língua de cima para baixo em minha pele até ficar ajoelhado aos meus pés. Novamente a coisa gelada, que eu presumi ser sorvete, foi passada em mim, dessa vez entre minhas nádegas, e ele lambeu e chupou até não restar mais nada.

— Nicholas? — Eu me virei e o peguei no flagra com um potinho de vidro nas mãos com o chantilly que Célia havia feito para cobrir um bolo. Gargalhei ao vê-lo com a boca suja, lambendo os lábios e com os olhos brilhando de desejo.

— Não consegui resistir quando vi isso na geladeira — confessou, se colocando de pé com o dedo cheio da cobertura, depositando-a sobre meus seios. — Adoro o sabor da sua pele, mas docinha assim... — Lambeu um de cada vez.

— Não tem o suficiente para nós dois aí! —
Aponte para o creme entre gemidos.

— A degustação de hoje é só minha... —
Deu-me uma mordiscada. — Você é minha
sobremesa.

— Fui seu aperitivo também, antes do jantar.
Ele espalhou o doce sobre minha orelha. Eu
conseguiu ouvir sua respiração, sentir sua língua
quente encontrando a iguaria gelada, seus dentes
passando pelo lóbulo.

Nicholas introduziu a outra mão no meio das
minhas coxas, estimulando meu clitóris, deixando-
me louca com sua boca em minha orelha e sua mão
habilidosa em meu sexo.

— Agora nada de você escapar, Giovanna. —
Senti o sabor do chantilly em meus lábios quando
ele o espalhou. — Eu vou devorar você inteira,
degustar cada pedacinho seu.

Beijamo-nos com fúria. Nicholas caminhou
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo até a beirada da cama e me fez deitar com as pernas abertas para seu deleite total. Senti meu corpo se arrepiar inteiro quando ele passou a sobremesa gelada sobre meu sexo quente, criando um contraste incrível. Porém, nada disso conseguiu me esfriar ou diminuir meu tesão, pois, assim que completou a tarefa, sua língua removeu cada bocado. Ele me torturou assim durante tanto tempo que eu já estava agarrando o lençol da cama, implorando-lhe que me fizesse gozar. No entanto, Nicholas estava disposto a realmente me devorar.

Senti sua língua no meu ânus para logo depois o doce ser passado lá também. Eu estava tão excitada, tão enlouquecida de tesão que gemia alto e lhe implorava que continuasse.

— Você se lembra daquela noite do presente?
— Eu sorri e assenti. — Eu sou louco para te provar aqui. — Inseriu a língua de novo. — Louco por você inteira.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem, então! — respondi o encarando. Eu estava com saudades do seu sorriso diabólico e satisfeito.

Nicholas caminhou até o armário e regressou de lá com camisinhas, o que me surpreendeu, porque, nas duas primeiras vezes, ele nem esboçara algum gesto para pegar uma. Eu iria lhe dizer que não era preciso usá-las, mas ele não me deu tempo, logo ordenando:

— Deite-se de lado, Gio.

Eu lhe obedeci, sorrindo. Ele se pôs à minhas costas, massageando meu corpo, beijando meu pescoço.

— Se toca para mim. — Eu lhe obedeci. — Eu amo quando você se dá prazer assim, sem vergonha, gemendo e gostando.

Nicholas introduziu um dedo em minha boca, e o deixei bem molhado. Logo depois, senti-o entrando em mim devagar, explorando pouco a

PERIGOSAS ACHERON

pouco.

Eu estava delirante de prazer, já sentindo indícios de um gozo maravilhoso, então ele retirou o dedo e começou a entrar com seu pau.

— Se ficar desconfortável... — Ele gemeu ao se colocar todo. — Porra, Gio, é um sonho estar aqui!

Ele começou a se mover segurando uma de minhas pernas no alto enquanto eu ganhava ainda mais liberdade para me masturbar. No início foi um tanto incômodo e dolorido, mas, como eu — confesso — utilizei algumas vezes o *plug* que ele me deu, foi ficando mais fácil e cada vez mais gostoso. De acordo com o aumento do meu tesão, suas estocadas acompanhavam o ritmo, e eu, sem nenhum aviso, gozei tão forte e tão gostoso que pegou tanto a ele quanto a mim de total surpresa. Foi diferente de tudo, de todas as vezes em que gozamos juntos. Gritei, bufei e não parei a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão enquanto ainda sentia um pouquinho da sensação.

Quando, por fim, relaxei, Nicholas já havia saído, colocado a camisinha e estava pronto para me comer inteira novamente.

— Você está completamente molhada... — disse ao me penetrar. — Quente... — Sorriu e se abaixou, ficando quase com os lábios colados nos meus. — Adorei comer sua bunda...

E me montou como um touro bravo, desesperado, fazendo-me gozar de novo, só que, daquela vez, foi junto comigo.

Nós ainda fizemos amor mais uma vez durante aquela noite, mas de forma contida, mais romântica e sonolenta, até que, exauridos, desmaiamos um nos braços do outro.

— Vou descer com ela para lhe dar o café da manhã enquanto você se apronta — ele fala, trazendo-me de volta à realidade.

PERIGOSAS ACHERON

Eu agradeço, e Nicholas sai do quarto com Mia. Estico meu corpo lânguido e satisfeito e me levanto da cama, indo direto para o banho.

Passo as mãos pelo pescoço de Eclipsim, sentindo seus pelos e seus músculos fortes. Nicholas se aproxima com a escova, sorrindo ao me ver acariciando o cavalo.

— Precisamos conversar com sua família — diz. Eu o olho escovando o animal. — Eu pretendo ir embora daqui com você e Mia o mais rápido possível.

Suspiro, entristecida por ter de deixar este lugar. O haras traz tanta paz para nós dois, além da alegria de Mia, que pode correr e brincar como qualquer outra criança. Todavia, eu entendo que Nicholas só quer nos proteger, pois ainda não

PERIGOSAS ACHERON

acharam nenhum rastro do Hans.

— Vou ligar para o Frank...

— Eu o chamei para passar esse final de semana conosco. — Arregalo os olhos. — Eles chegam amanhã de manhã.

Gargalho balançando a cabeça, imaginando Nicholas ligando para o meu irmão e lhe pedindo para vir.

— Finalmente fizeram as pazes? — Cruzo os braços sobre os seios.

— Não, ele me xingou bastante, mas faz parte de sua família, e eu sei o quanto é importante para você. — Eu balanço a cabeça, concordando. — Tony também vem, além de Isabella e as crianças.

É uma pena que o restante de minha família já tenha ido para a Itália, mas meu coração se enche de alegria ao constatar que nós iremos nos encontrar na próxima semana.

— Meus pais e o Bê vêm também...

Franzo o cenho.

— Vamos ter uma festa? — Ele dá de ombros e não me responde, o que me causa estranheza. — Nicholas?

Ele para de escovar e me encara.

— No primeiro ano, quando a casa ficou pronta, eu vim até o haras e fiz uma festa em comemoração a São Estevão, e isso virou tradição. — Ainda continuo sem entender, e ele percebe. — São Estevão é o santo protetor dos cavalos, o que fica em todos os pavilhões...

— Não é São Jorge?

Ele ri, e eu jogo um pouco de água nele, pegando-a do balde ao lado de Eclipsim.

— Não, Gio. São Jorge protege os cavaleiros. — Gargalha de novo. — É um pouquinho diferente, sabe? Um fica em cima, e o outro...

— *Coglione!* — xingo-o, e ele corre até onde

PERIGOSAS NACIONAIS

estou para me abraçar.

Sinto seu beijo apaixonado e não resisto a enlaçar seu pescoço e tocar sua língua com a minha.

— Então... — Ri, e eu dou um tapa em sua cabeça. — A comemoração é no dia 26 de dezembro, mas não estaremos aqui. Joaquim me disse que o pessoal já estava animado com a possibilidade da festa, e eu, bem... decidi adiantá-la.

Sinto-me animada com a perspectiva de ter uma festa como aquela que tivemos há três anos. Olho para ele encantada, lembrando-me do nascimento dos potros, da música que ele cantou para mim e, principalmente, de sua declaração de amor.

— Vou adorar! — Resolvo provocar um pouquinho: — Vamos ter boi no rolete de novo? — Faço careta.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, dessa vez, estamos com a estrutura completa, então estamos pensando em fazer alguns outros tipos de comida, mas, é claro, que o churrasco não vai faltar! — Chega bem pertinho de minha orelha. — E Mia irá te deixar impressionada de novo!

Eu rolo os olhos, pensando no almoço de hoje e de como fiquei surpresa ao ver minha pequena comendo um bife com ele. Fazer Mia comer qualquer tipo de carne sempre foi uma tarefa difícil para mim, mas Nicholas conseguiu na primeira tentativa, e minha filha pareceu um filhotinho de leão.

— Eu estou animado por outra coisa também... — Seu olhar diabolicamente sexy está de volta, junto com seu sorriso que ilumina os olhos. — Eu sempre tive a fantasia de te comer em uma daquelas baías.

Eu rio nervosa, embora excitada, com a

PERIGOSAS ACHERON

imagem que se passa pela minha mente.

— Nas baías? Sêrio? — Passo a língua pelos lábios, e ele geme, atacando minha boca de novo, insinuando sua mão dentro do meu short jeans.

— Não me provoca, porque senão realizo aqui e agora, Giovanna. — Eu chupo seu lábio inferior com os olhos fixos nos dele. — Diaba!

Eu rio do apelido, e ele se afasta, voltando à sua tarefa de cuidar de Eclipsim.

— Como será? Iremos *rolar no feno* como nos filmes de caubói?

— Surpresa, Giovanna... — Pisca para mim. — Surpresa...

Ai, droga! Agora vou ficar o tempo todo pensando e querendo esse encontro erótico no meio dos cavalos.

— Não pode ser hoje à noite? — Minha ansiedade fala mais alto.

— Não. — Ri sexy. — Amanhã, durante a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

festa, vai ser mais emocionante.

Eu bufo impaciente, embora saiba que o que ele irá aprontar comigo será maravilhoso!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XX

Giovanna

As noites de sexta-feira são agitadas aqui no haras, eu percebi. A maioria dos peões aproveita para ir para a cidade, procurando companhia ou mesmo diversão.

Depois que Nicholas e eu cuidamos de Mia e a colocamos na cama, descemos para a cozinha e encontramos o casal de caseiros, a Sônia e o Roberto — o administrador do haras — jogando baralho na maior animação.

— Opa! — Nicholas comemora. — O casal que perder sai para que eu e Giovanna entremos.

Eu arregalo os olhos, não conhecendo esse jogo.

— Não sabe jogar truco? — Nicholas me pergunta ante meu assombro.

— Não. — Todo mundo ri e balança a cabeça. — Sei jogar buraco!

Nicholas me abraça, beijando minha testa, indo em seguida até o pequeno alambique e se servindo de uma dose de pinga.

— Giovanna, quer que eu arrume seu jantar?
— Célia se oferece, pondo-se de pé.

— Não! Pode continuar jogando. — Eu caminho até a geladeira. — Já que não sei jogar, vou preparar uns petiscos para todos.

Nicholas engasga com a bebida, e Joaquim ri.

— Vai preparar petiscos? — Os dois homens se olham, obviamente debochando do que eu disse.
— Gio, meu amor, eu sei que você aprendeu a cozinhar... mas, cá entre nós — aproxima-se e fala baixinho — o pessoal aqui gosta de comida de verdade, amor. Seus matinhos são deliciosos, mas...

— Quem disse que vou fazer *matinhos*? —
Pego alguns frios na geladeira. — Fique
PERIGOSAS ACHERON

observando e aprenda!

Nesta noite, sou consagrada a petisqueira oficial das sextas-feiras. Depois que Sônia e Roberto perdem a rodada, Nicholas substitui sua funcionária, que se junta a mim no preparo das comidinhas.

— Você foi a primeira pessoa que tentou me ensinar a cozinhar, lembra? — indago contente.

— Claro! E eu aprendi muito com suas comidas naturais também. — Ela pica o queijo de búfala. — Como quer preparar isso?

Nós duas fazemos espetinhos capresi, brusquetas e uma tábua de frios com salame, presunto de Parma, salame copa e queijos — gorgonzola, emmenthal e muçarela de búfala —, além, é claro, dos meus legumes.

Preparo caipirinha de limão para os homens, enquanto nós, mulheres, dividimos uma deliciosa garrafa de vinho. Eu rio das conversas, divirto-me

PERIGOSAS NACIONAIS

como nunca, com Nicholas sempre dando um jeito de me tocar e me beijar. Eu nunca me senti tão amada, tão segura, tão feliz!

Olho em volta, para a cozinha rústica, com fogão a lenha, para as pessoas sentadas à mesa comigo, imaginando quando a antiga Giovanna Villazza se veria nesta situação. Quando a mulher que não gostava nem de cumprimentar as pessoas estaria sentada com funcionários, rindo, bebendo e se sentindo em família?

Pego a mão de Nicholas e a aperto com força, reconhecendo que tudo isso aqui começou depois que nós nos aproximamos. A mulher que sou hoje começou a nascer através do amor dele.

Quando, por fim, subimos para o nosso quarto, fazemos amor devagar. Nicholas me tortura como pode com suas mãos e sua língua, para só então me penetrar com cuidado, saboreando cada centímetro que se abre para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É tão intenso quanto quando fazemos em desespero, cheios de tesão. Ele repete que me ama tantas e tantas vezes que eu sinto meu prazer aumentando a cada declaração.

O dia amanhece mais agitado que o costume neste lugar tão tranquilo. Eu consigo ouvir a movimentação no entorno da casa, além da voz de Célia gritando com algum peão.

Visto um roupão e me aproximo da janela, olhando a imensidão de piquetes e o brilho do sol no lago, prenunciando um dia quente.

Nicholas já não está no quarto, provavelmente já foi até Mia e está lhe dando o café da manhã. Troco de roupa, animada com a proximidade da chegada dos meus irmãos aqui, no meu lar, pela primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

Estou descendo as escadas quando escuto um xingamento em italiano bem alto. Saio correndo em direção à entrada e vejo Frank olhando estarrecido para o chão, inconformado por ter enfiado seu sapato de couro italiano em cocô de cachorro.

Isabella tenta conter a risada enquanto coloca seus filhos para fora do carro, mas Tony gargalha com vontade, caminhando até onde estou para me cumprimentar.

— Gio! — Abraçamo-nos. — O lugar é lindo!

Eu sorrio, orgulhosa.

— Acho que alguém aí não está achando! — Aponto para o Frank. — Ei, *padulo!* Parece que as merdas ainda te perseguem! — Tony gargalha. — Eu me lembro de você com cocô de ovelha até nas orelhas lá na fazenda do *zio* Guilherme.

— *Vaffanculo*, Giovanna!

— Lembra, Giovanna? Ele vinha todo se

mostrando com aquela moto e... — Tony quase chora de tanto rir ao lembrar — caiu de cabeça...

— *Stronzo!* — ele xinga de novo, mas começa a rir também, lembrando-se de suas doideiras de juventude.

Ele abandona o sapato e caminha só com um pé calçado.

— É maravilhoso ver esse sorriso em seu rosto! — Beija-me a testa. — Parece que o *franguinho* está fazendo o trabalho dele direito!

— Frank! — Isabella o repreende antes de me cumprimentar. — Oi, Gio!

Eu me abaixo para falar com os meus sobrinhos, que só estão contidos porque Laura parece um tanto sonolenta, mas eu sei que, no momento em que sua energia se restabelecer, os dois correrão como loucos por toda a propriedade.

— Onde está Mia? — Isabella pergunta.

— Estamos aqui! — Nicholas vem andando

de dentro da casa com Mia no colo e me abraça pela cintura. — Bem-vindos! — Olha para o pé de Frank e gargalha. — Eu não poderia ter tramado melhor! Grande Kalel!

Eu lhe dou uma cotovelada enquanto meu irmão o fuzila com os olhos.

Entramos todos na casa, e eu os apresento a Célia, que já os espera com seu café da manhã especial cheio de guloseimas.

— Oh, meu Deus! — Isabella parece encantada. — Me lembrou até de Genebra, Frank!

Meu irmão sorri, mas depois olha sério para o Nicholas, e eu me lembro que os três se encontraram por lá.

— Vai devagar, Isabella! — Ele retira a xícara de café da mão da esposa, e eu franzo o cenho, pois sei o quanto os dois são viciados em café.

— Algum problema? — questiono a ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isabella sorri e cochicha em meu ouvido:

— Acabamos de saber que vem mais um Villazza por aí!

Eu abro um sorriso gigante e a abraço com força.

Meu irmão vê a cena com um sorriso superior nos lábios, mas os olhos brilhando de emoção.

— Não se surpreenda se vierem mais dois! —
Dá de ombros e aponta para os filhos. — Vocês sabem que eu não brinco em serviço!

— Frank! — Isabella o repreende, consternada.

Tony balança a cabeça, e Nicholas revira os olhos, mas todos estão visivelmente felizes pelos dois.

— Além disso, temos outra novidade! —
Frank mastiga um pedaço de pão de milho antes de contar. — Resolvemos passar as festas na Itália com a família! Vamos levar meus sogros também!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa, *mamma* ficará enlouquecida com todos por lá — comento. — Nós vamos também!

— Na verdade, vamos depois de amanhã — Nicholas informa, pegando-me de surpresa, pois eu não sabia que seria tão já. — Não quero de maneira alguma facilitar as coisas para o Baden, se ele ainda pretende algo, por isso acho mais indicado.

— É o sensato a se fazer — Frank concorda.
— Tony, Isabella e as crianças poderiam acompanhar vocês também.

— Eu não saio daqui enquanto não encontrar aquele bandido, Frank! — Tony brada. — Não vou te deixar aqui sozinho, mas acho ótima a ideia de mandar Isabella e as crianças.

— Meus compromissos de trabalho acabaram hoje, e a Justiça entra em recesso na semana que vem, mas eu não ficaria tranquila por lá sabendo que você está aqui sozinho... — Isabella olha para o marido.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Isa, eles têm razão — digo. — Ainda mais agora. — Ponho minha mão em sua barriga. — Eu acredito que irão achá-lo em breve, e aí poderemos voltar para cá tranquilas.

— Eu tenho raiva ao pensar que ele poderia estar atrás das grades desde aquela época! — Ela se irrita, e Frank se aproxima para tocá-la nos ombros. — Às vezes, a Justiça me enoja!

— Dessa vez, ele não tem salvação, Bella.

Ficamos conversando por mais um tempo até que Tony quis ir conhecer o haras. Saímos todos juntos, e o encantamento do meu irmão mais novo dava para ser visto no seu olhar, pois Tony sempre foi mais ligado aos animais e à vida na natureza do que Frank.

Andamos pelos pavilhões com suas baias

PERIGOSAS ACHERON

cheias de matrizes, pelo dos garanhões e o dos potros já separados. Eles conheceram o laboratório de embriões e a área onde acontece a inseminação das éguas.

Isabella ficou encantada ao ver os treinamentos, a doma e os exercícios que os cavalos faziam. Entretanto, o que me deixou mais encantada naquela visita foi ver Nicholas interagindo com meus irmãos, contando-lhes a parte técnica do haras, bem como a econômica.

As crianças ficaram na casa, brincando na piscina com Sônia e as duas babás dos gêmeos. Frank e Tony trouxeram com eles, além das babás, mais quatro seguranças, que Isabella me contou que os seguem para onde vão, sempre. Ela parece estar irritada com isso, mas eu entendo a preocupação dos meus irmãos, pois Nicholas fez o mesmo aqui no haras. A festa e toda essa comitiva de convidados que estamos recebendo, tudo isso só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está sendo possível porque vamos embora, porque a ideia de Nicholas sempre foi manter nossa localização em segredo.

Para a segurança da festa, ele reforçou a segurança e exigiu que somente participem os empregados do haras, sendo proibida a entrada de pessoas que não têm vínculo com o empreendimento. A festa está sendo montada próxima ao refeitório, onde o boi foi assado no rolete da outra vez. A única diferença é que o local está mais espaçoso e conta com mais equipamentos, como churrasqueiras.

Agora é hora do almoço, e voltamos para casa. Ao chegarmos, nós nos encontramos com dona Cecília, Gil e Bernardo.

— Nicholas, isso aqui é lindo, meu filho! —
Ela o cumprimenta com um abraço.

Gil vem falar comigo parecendo constrangido, mas feliz.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou muito contente que vocês tenham se acertado, Giovanna. — Eu sorrio para ele, agradecendo. — Posso te abraçar?

Meu coração dispara com o pedido, e eu concordo, recebendo um abraço carinhoso e um beijo na bochecha.

— Maninha! — Bernardo me dá beijinhos ao me cumprimentar. — Essa coisa toda é muito louca, você não acha? Sou cunhado e irmão dos dois!

Eu gargalho ao perceber que ele tem razão. Converso por um momento com ele, querendo saber dos seus torneios e para qual lugar do mundo ele irá nesse verão.

— Austrália! — diz animado, com sua pele bronzeada e seu jeito de menino. — Há uma certa sereia me esperando por lá, além das ondas!

Pois bem, tenho mais um irmão *padulo*! Bernardo não se prende a ninguém e só quer curtir

PERIGOSAS ACHERON

a vida.

Almoçamos na área externa da casa, perto da piscina, onde as crianças ainda brincavam. O clima realmente parecia de festa, e eu vi Nicholas muito orgulhoso por todos estarem aqui, no nosso lar.

Quando ele foi fazer um tour com sua família pela propriedade, eu acompanhei meus irmãos até a casa de hóspedes, uma construção pertinho da nossa casa, composta por uma grande área comum, com sala e cozinha, e várias suítes.

Depois que eles se instalaram, Isabella e eu nos juntamos às crianças na piscina enquanto dona Cecília conversava com Sônia e Célia na cozinha e os homens foram andar a cavalo.

— Foi um pequeno escândalo — Isabella comenta comigo sobre a repercussão do PERIGOSAS ACHERON

cancelamento do casamento de Nicholas. — Algumas revistas especializadas no ramo noticiaram a história com detalhes.

— Você sabe como ela está?

— Parece que viajou, não sei bem. — Dá de ombros. — Ouvi dizer que irá processar o Nick.

Nicholas e eu já esperávamos por isso. Depois que ele me contou como foi o término, eu sabia que ela não nos daria trégua por muito tempo.

— Falaram de mim nas revistas? — indago fazendo careta.

— Em uma delas. E de Mia também. Deixaram a entender que ele mantinha um caso contigo há muito tempo.

Eu bufo de raiva, entendendo por que Nicholas não quis conversar sobre a repercussão daquilo tudo comigo. Todavia, depois de tudo o que passei, fofoca na imprensa, embora me chateie, não me magoa mais.

— Vocês fizeram o certo, Gio! Era mais do que óbvio o quanto Nick te amava, percebi isso durante os dias em que te procurou como um louco.

Eu sorrio sabendo disso. Sinto-me amada por ele a cada dia mais e o amo na mesma medida.

Capítulo XXI

Giovanna

— Mia já acordou? — Nicholas entra no banheiro, e eu lhe pergunto.

Depois de passar um tempo na piscina, minha filha tombou na cama, tamanho o cansaço por brincar com os primos na água. Aproveitei aquele momento para conversar com dona Cecília, que quis me ajudar a colocá-la na cama.

— Eu sei o quanto a senhora apreciava a...

— Sim, Gio, apreciava muito! — Ela se sentou na cama de babá, visivelmente nervosa. — Mas eu te devo desculpas pela nossa última conversa. Você é mãe e entende que queremos proteger nossos filhos, evitar-lhes o sofrimento. Mas eu confesso que fui um pouco influenciada ao longo desses anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por ela?

— Sim. — Suspirou. — Eu achava que Carol era perfeita para o Nicholas, afinal, os dois eram amigos desde a infância e ela o amava há muitos anos. Mas meu filho, verdadeiramente, nunca foi apaixonado por ela. Ele só amou uma vez e uma só mulher: — me olhou e sorriu — você.

— Eu o amo também, dona Cecília.

— Eu sei, Gio! E fico muito feliz ao ver a linda família que vocês estão se tornando. — Olhou para Mia com os olhos cheios de lágrimas. — Eu fui visitar Caroline assim que soube do término, mas ela me recebeu de um jeito... — Balançou o corpo. — Eu fiquei preocupada com ela. Era como se estivesse desequilibrada.

Um arrepio de medo passou pelo meu corpo, mas eu logo o descartei, pois, apesar de ser uma cobra, ela não seria capaz de fazer nada contra nós.

— Eu sinto muito por tudo isso...

PERIGOSAS ACHERON

— Não, Gio! — ela me interrompeu, levantou-se e pegou minha mão. — Eu sinto muito pelo que ela fez com você e peço desculpas por ter me deixado influenciar por ela.

Eu aceitei as desculpas e recebi um abraço antes de me despedir dela e entrar na minha suíte para tomar um banho e me arrumar para a festa.

— Que palhaçada é aquela em cima da cama, Giovanna? — reconheço o tom ciumento da voz de Nicholas, que não me responde sobre Mia, e abro um sorriso debaixo da ducha.

— Minha roupa para a festa!

Escuto o boxe ser aberto e me viro para encará-lo. Nicholas entra com roupa e tudo, e seus olhos azuis brilham de raiva.

— Você só pode estar louca ao pensar que vai usar aquilo!

— Não vejo motivo para tanto esparramo...

Ele me agarra e me beija com desespero, e eu

PERIGOSAS ACHERON

me agarro a ele na mesma hora, molhando sua camisa polo e sua bermuda.

Nicholas me levanta, e eu passo minhas pernas em volta de seu quadril e depois sinto as minhas costas batendo contra os azulejos gelados do banheiro. Ele se esfrega contra o meu corpo. Seu pênis duro, aprisionado pela bermuda e cueca, fricciona-se contra meu clitóris de forma inclemente e deliciosa.

Sua língua roça contra a minha, e eu posso ouvi-lo gemer mesmo com nossas bocas unidas. Retiro uma das minhas mãos de seus ombros e vou direito até o botão da bermuda, apertado entre nossos corpos, e o desabotoo. Em seguida desço o zíper parcialmente, porém, o bastante para poder acessar o que quero.

Seguro seu pau quente e duro e o encaminho para dentro de mim, não sem antes usá-lo para me excitar ainda mais, passando sua cabeça sobre meu

PERIGOSAS ACHERON

clitóris em movimentos circulares. Quando o posiciono, Nicholas dá somente uma estocada até o fundo, e nossas bocas se separam para que possamos gemer de prazer.

— Você não vai vestir aquele short curto e aquele pedaço de blusinha! — ordena metendo em mim como um louco.

— Eu... — Gemo. — Eu...

Ele ri por eu não conseguir completar a frase e desliza uma de suas mãos para minha bunda, enterrando um dedo dentro do meu ânus. Eu gemo mais alto, e ele, safado como o capeta, sorri.

— É isso que você quer, não é? Me provocar a ponto de eu ser rude...

Eu rio, pois ele caiu na armadilha certinho. Eu separei a roupa mais curta que tenho, roupa essa que só costuma ser usada dentro de casa e a coloquei em cima da cama, pois sabia que, como da última vez, ele iria pirar e ficar todo ciumento. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aí... Ele soca com mais força, meu corpo imprensado contra a parede e sua virilha batendo contra a minha.

— Eu gosto quando você faz amor comigo — digo ao seu ouvido —, mas amo quando você me fode.

Ele geme enlouquecido e se curva para morder um dos meus mamilos. Seus movimentos são constantes, fortes e rápidos, e a fricção causada em meu clitóris logo me acende, e eu já me sinto inundar de prazer.

— Goza para mim, Giovanna! — ele manda e volta a chupar meu peito com força.

Eu deixo vir o gozo, sentindo o delicioso libertar que o prazer confere. Assim que paro, ele sai de dentro de mim, pondo-me no chão.

— Ajoelha!

Eu sorrio, obedeço e abocanho seu pau todo enquanto ele estoca rápido até gozar em minha

PERIGOSAS ACHERON

boca. Depois de satisfeito, ele me puxa para um abraço.

— Ponha um vestidinho. — Lambe minha orelha, fazendo-me arrepiar. — Nós vamos dar uma voltinha pelas baías durante a madrugada.

A festa está incrível, e todos estão se divertindo, mesmo o Frank, que eu pensei que pudesse ficar deslocado por causa do seu jeitão fino, mas depois que ele viu o pessoal com o equipamento de som, o músico dentro dele despertou.

Eu rio, levantando minha bebida, cumprimentando-os. Nick está com um banjo, Frank, com um violão, Bê tem um contrabaixo, e Tony está na percussão.

Isabella sorri da música country que eles

PERIGOSAS ACHERON

estão tocando juntos.

— Quem diria! — Eu concordo com ela. —
Os dois mal conversavam, e agora veja só!

Eu estou ainda mais emocionada por ver Tony tocando novamente. Eu me lembro de que, quando ainda era bem pequena, gostava de ouvi-lo tocando bateria em seu quarto. Mais tarde, Frank e ele tocaram juntos, lá nos Estados Unidos, durante a faculdade, e eu algumas vezes os acompanhei no teclado.

Há anos não vejo meu irmão tocar nada, nem bateria ou qualquer instrumento de percussão, e hoje está sendo uma grata surpresa.

— Mia parece já adorar a Sônia! — Isabella comenta.

— Ah, sim! Minha filha está encantada com ela, e você sabe o quanto é difícil fazê-la se desgrudar de mim.

Assim que ficou tarde, as babás levaram os
PERIGOSAS ACHERON

gêmeos para a casa de visitas, e Mia quis ir com eles para dormir lá. Sônia resolveu ir junto com ela, o que me deixou mais aliviada, pois, mesmo sendo duas, as babás cortam um dobrado com os filhos de Frank.

Aponto para dona Cecília e Gilberto, dançando coladinhos, e Isabella ri, lembrando-me de meus pais e dos pais dela.

— Vocês estão bem? — Faz sinal na direção de Gil.

— Sim. — Respiro fundo. — Não o vejo como um pai, pois esse lugar foi e sempre será de Andreas Villazza, mas sinto um carinho por ele, como também o sinto por dona Cecília.

— Isso é muito bom, Gio! Você sabe que minha relação com meu pai também foi bem conturbada, mas tudo ficou melhor depois que resolvemos.

Eu assinto, pois sei o quão bom é saber

PERIGOSAS ACHERON

perdoar e ser perdoado. Olho para Nicholas e lhe mando um beijo.

Quando, por fim, eles devolvem os instrumentos aos donos, ele vem caminhando para mim com um sorriso enigmático, e eu já sei o que está pensando.

— Daqui a pouco... — sussurra no meu ouvido.

— Toma juízo!

Ele ri e me dá um tapa na bunda antes de pegar um copo de cerveja com um dos rapazes que estão servindo.

— Ei, Tony! — chamo-o e o abraço. — Adorei te ver tocar de novo!

— Estou um pouco enferrujado! — Pega uma bebida. — Marina ia adorar essa festa!

Eu me lembro da discussão que os dois tiveram antes de deixar Nova Iorque.

— Você tem certeza de que irá deixá-la ficar

na Itália até o bebê nascer?

— Tenho mais certeza do que nunca, agora com você vindo morar no Brasil. — Eu fico sem graça, pois nem conversei com ele ainda. — Você sabe o quanto eu trabalho por lá! Eu ficaria muito mais preocupado com Marina sozinha com Henrique naquele apartamento do que com ela na Itália com a mamãe e o papai.

— Ela já aceitou isso?

— Já! É claro que é o melhor! — Bufa. — Não gosto tanto quanto ela, mas sempre irei vê-los e, quando ela for dar à luz, estarei lá e depois os levarei de volta a Nova Iorque. Só acho que ela se sentirá menos sozinha com nossos pais a lhe mimar.

Eu noto seu olhar triste e o conforto, sabendo o quanto deve estar sendo duro para ele.

— São só três meses! — digo, e ele sorri. — E a *mamma* está irradiando de felicidade com isso!

Lembra que ela se instalou na casa do Frank quando a Isa engravidou?

Ele ri e assente.

— Ela só não fez isso conosco porque se preocupa em deixar o pai sozinho por muito tempo.

Ficamos mudos ao pensar em nosso pai, nosso amado e protetor pai, com quase oitenta anos de idade e muito ativo, porém, não é um juvenzinho mais.

— É, meu irmão, o tempo passa rápido! Os gêmeos já vão fazer seis anos, e o Henrique faz três anos em fevereiro.

Ele sorri.

— Você acha que o Nicholas vai querer outro bebê para já?

Eu arregalo os olhos, pois não pensei nisso em nenhum momento. Eu estou usando contraceptivo, mas ele nunca me perguntou sobre o assunto e eu nunca lhe falei, porém, Nicholas tem

PERIGOSAS NACIONAIS

gozado dentro de mim sem camisinha na maioria das vezes em que transamos.

Olho para ele, animado, conversando com Bernardo e Frank. Será?!

— Ele não acompanhou a gestação de Mia, então deve estar querendo saber como é — Tony continua.

— Nós não conversamos sobre isso ainda — revelo divagando, com o pensamento longe ainda.

Ter outro bebê com Nicholas seria incrível e maravilhoso, mas eu ainda quero curtir mais nosso relacionamento. Além disso, não temos pressa. Temos uma filha juntos, e Nick ainda tem muitas experiências para viver com Mia.

Todavia, sim, quando for o momento, eu vou querer tê-lo ao meu lado quando minha barriga voltar a crescer e durante o parto. Nicholas é um pai fabuloso, e eu tenho certeza de que irá querer muitos filhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou dar uma volta e depois vou dormir.
— Tony me dá um beijo na testa. — Até amanhã!

Despeço-me dele e vou para junto dos outros.
Nicholas me abraça e me dá um beijo sensual e provocativo.

— Estão todos olhando! — eu digo sem graça. — Onde está seu juízo hoje?

Ele parece animadinho demais, talvez por causa da bebida, o que é estranho, pois não o vi beber mais do que o normal.

— (...) *Pra que juízo, se eu já perdi o meu?*
Eu tô querendo é que também perca o seu^[16]*(...) —*
canta ao pé do meu ouvido, e eu fico excitada. —
Vamos dar uma volta?

— Sossega, Nick!

Ele ri e pega mais uma bebida.

— Nós já vamos dormir! — os pais dele anunciam, e nós nos despedimos.

— É uma festa boa, Nickito, mas cadê a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulherada? — Bernardo olha em volta. — Só vejo macho para tudo o que é lado!

Nicholas lhe dá um tapa na cabeça e lhe explica que há somente funcionários por ali, por isso as mulheres são poucas.

Eu enrugo minha testa ao ouvi-lo falar embolado, e Bernardo ri, fazendo-me sinal para suspender a bebida.

— Nicholas, vamos dormir! — eu o chamo preocupada, pois só o vi bêbado uma única vez, na noite do festival da CCCN.

Ele assente, termina de beber sua cerveja e me acompanha, porém, quando passamos em frente a um dos pavilhões, ele ri e me arrasta para dentro.

Eu fico surpresa, pensando que ele estava se fingindo de bêbado para que tivéssemos uma desculpa para deixar o local e vir fazer suas sacanagens num local público e cercado de animais.

PERIGOSAS ACHERON

Nick abre a portinha de uma das últimas baias, e eu vejo, deslumbrada, uma colcha sobre um monte de feno, um champanhe num balde e um lampião a gás.

— Não botei velas... — ele tem dificuldade de falar, bêbado de verdade — é perigoso... — Balança a cabeça.

— Nicholas, você está bem?

Ele assente e ri.

— Gostou da surpresa?

Beijo-o, agarrando-o pela camisa, e ele me deita no feno. Eu rolo com ele, ficando por cima, beijando seu pescoço e o ouvindo gemer.

— Eu não acendi o lampião e quero te ver.

Saio de cima dele e o vejo executar a tarefa, então o puxo de volta para mim, louca e excitada pela situação tão diferente, sentindo o cheiro dos cavalos, ouvindo o som da festa ao longe. Arranco sua camisa e arranho seu peito, descendo por esse

abdômen perfeito, abrindo sua calça, distribuindo beijos pela sua barriga. Toco-o por cima da cueca, mas, para minha surpresa, seu pênis não está nem um pouco duro.

— Nicholas...

Ele desaba na minha frente, completamente apagado.

— Nicholas! — Tento sacudi-lo e o acordar, mas não consigo. — Ai, merda! Você tinha que me excitar bastante e depois beber desse jeito?

— Se quiser, posso resolver seu problema!

Paraliso ao ouvir a voz, fechando os olhos de medo enquanto todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Olho para um dos cantos da baia e o vejo lá, vestido como peão, com um bigode e um chapéu na cabeça. Em seu rosto, algumas manchas levemente amareladas e esverdeadas denotam a surra que levou de Nicholas há duas semanas.

— Quando esse aí levantar, já será tarde

demais para você. — Ele sai das sombras.

Hans Baden retira luvas de couro do bolso e as põe, para, então, sorrir como o próprio demônio.

— Vão pensar no que aconteceu aqui, por que ele a matou! Louco! — Ele dá um chute de leve em Nicholas. — Provavelmente, quis se vingar de você por lhe ter escondido a filha. — Ele ri. — Não! Não vou honrar meu compromisso com *ela*! — Ele pega o lampião. — Vou adorar colocar fogo nisso tudo aqui com vocês dois juntos! E então, Giovanna, fica para morrer com ele ou vai abandoná-lo para morrer sozinho? — Escuto fogos explodirem ao longe. — Com certeza, ninguém aqui irá escutá-la pedir socorro e, até que você encontre alguém, ele já terá virado churrasco!

Sinto meu corpo tremer e começo a gritar em desespero.

Hans se aproxima de mim como um louco, pressionando-me contra a cama improvisada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai ter jeito mesmo! — Eu me debato contra ele, tentando arranhá-lo, mas ele está com uma jaqueta de couro que o protege. — Eu quis te dar escolha, mas você abriu mão dela, não foi? Tudo bem! Primeiro, vou fazer o serviço sujo pelo qual fui pago para fazer. — Ele aperta meu pescoço com força. — Com os cumprimentos da doutora Nogueira!

Arregalo os olhos tentando respirar, mas não consigo, e tudo começa a rodar. Agarro sua roupa e tento tirá-lo de cima de mim, mas o desgraçado é forte demais. Minha consciência começa a ficar embolada, e eu sinto lágrimas descenderem dos meus olhos.

Olho para o Nicholas, aqui, deitado ao meu lado, completamente inconsciente e penso no quanto fui feliz com ele durante esses dias.

Tento puxar ar desesperadamente, mas nada acontece, e meus olhos se fecham.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXII

Hans Baden

Porra! Eu olho a minha conta bancária, em nome de um laranja, e percebo que meus recursos estão chegando ao fim. Eu investi muito naquela merda daquele sequestro, e tudo o que consegui foi ficar no prejuízo, levar uma surra e ser perseguido pela polícia.

Jogo minha cabeça para trás, tentando achar um meio de sair dessa pocilga onde me encontro e sumir desse país imundo. Porém, sem grana...

Levanto-me e retiro meu laptop dessa ridícula mesa de granito vagabundo e tubos de ferro e sigo em direção ao cubículo de 2X3 metros que no momento me serve de quarto. Eu nunca pensei que fosse cair tão baixo! Nunca pensei que um dia iria precisar estar aqui!

Olho para a fotografia pendurada na parede, e nela há uma mulher na casa dos seus sessenta anos, com seus cabelos malcuidados e sorriso de dentes amarelados. Bufo de raiva mais uma vez, ouvindo nitidamente a voz de Caroline Nogueira me chamando de rato de esgoto. Vadia desgraçada!

— Hans, meu filho...

— Não me chame assim! — grito, e ela se encolhe na soleira do quarto. — E, por favor, me deixe sozinho!

— O almoço... — Não aguento mais ouvir sua voz chorosa.

— Não vou comer aquela lavagem que você faz! — Pego uma das últimas notas em meu bolso e a jogo em sua direção. — Vá comprar algo decente, de um restaurante limpo, se possível!

Ela resfolega e engole o choro, recolhendo o dinheiro no chão.

Guardo o computador na minha mochila,
PERIGOSAS ACHERON

mais uma vez pensando em uma saída, mas sem sucesso algum. Caminho até a minúscula janela de ferro e, olho ao longe, as toscas casas construídas de qualquer jeito, sem pintura, sem emboço e sem telhado. Um emaranhado de construções penduradas umas nas outras.

Olho mais adiante, ao longe, e vejo os grandes prédios do Morumbi, com seus condomínios com quadras de tênis e muitas piscinas, cujos banheiros são maiores que essa porra de barraco onde estou. Respiro fundo, tentando conter minha raiva, sabendo que eu não tenho para onde ir e que o local onde nunca irão me procurar é exatamente este.

Sento-me na beirada da cama, nervoso, pensando que já se passaram quase duas semanas do meu encontro com o filho da puta do Nicholas, e eu estou aqui entocado, esperando a poeira baixar. Sei que o desgraçado não morreu, afinal, eu assistia

aos noticiários dos canais abertos todos os dias. Acompanhei a repercussão do sequestro, a notícia de que a polícia resgatou primeiro a mãe e, no dia seguinte, a filha, mas não noticiaram nada sobre o Nicholas, sinal de que eu errei o tiro.

— Maldição! — berro, sozinho neste quarto minúsculo e escuro, passando as mãos pelos meus cabelos mais longos e sem o meu penteado característico.

Eu sempre senti orgulho de minhas madeixas loiras, mas, por força do que aconteceu, a partir do momento em que minha foto estampou os jornais, eu resolvi escurecê-las e fiz um procedimento chamado *permanente* para encaracolá-las, uma coisa fedida e muito incômoda.

Deixei minha barba e meu bigode crescerem e os pinteí também. Isso também ajudou a esconder um pouco os hematomas que ganhei com os socos que recebi do Nicholas, no princípio, manchas

PERIGOSAS ACHERON

vermelhas, depois, roxas e azuis e então, amarelas e verdes. Agora estão prestes a desaparecer. Se eu pudesse sair deste lugar, teria procurado algum local que fizesse bronzeamento artificial para ficar o mais distante possível da minha figura, mas não deu, e eu tive de me contentar com lentes castanhas vagabundas, compradas por Élida.

Élida! Arrepio-me ao pensar em seu nome, agradecendo mentalmente aos meus avós paternos por esse nome ridículo não constar em minha certidão de nascimento. Não há qualquer ligação entre mim e a senhora acabada e velha que mora em um barraco de três cômodos em Paraisópolis, e é por isso que estou aqui. Ela nunca me denunciaria para a polícia e, além disso, me daria abrigo e apoio pelo tempo que eu precisasse, afinal, é minha mãe biológica. Quem poderia fazer a ligação?

Um arrepio passa pelo meu corpo ao pensar em Caroline Nogueira, mas eu descarto a

PERIGOSAS ACHERON

possibilidade, pois dificilmente ela se lembrará do local ou falará algo para ajudar os Villazzas. Não! Fora ela, ninguém mais sabe sobre o parentesco entre mim e Élida. Eu sou Hans Baden, filho de um médico de uma tradicional cidade do interior catarinense e de uma dona de casa exemplar. Pelo menos, é o que todos acham. Meus pais, que na verdade são meus avós, estão mortos, assim como meu pai biológico, filho deles, Wagner Baden, um viciado que não soube parar e morreu sufocado no próprio vômito. Assim, não há quem possa denunciar ou apontar o nome da mulher que me abriga.

A não ser a vadia da Caroline Nogueira! Aquela vaca detonou minha vida! Quando eu a conheci, há quase 15 anos, ela me pareceu doce, confiável e muito simples. Era uma moça estudiosa, cursava medicina, era filha de um político da cidade com uma socialite. Contudo, Carol parecia

PERIGOSAS ACHERON

não ligar para nada daquilo.

Quando começamos a sair, ela me convidou para comer pastel do Mercado Municipal. Passeávamos pelo Ibirapuera e assistíamos a espetáculos de teatro e dança de pequenas companhias.

Eu sempre fui muito educado, estudei fora do país, já havia viajado boa parte do mundo, mas nunca tinha feito nenhuma daquelas coisas tão simples e, com ela ao meu lado, foi tudo perfeito. Eu estava apaixonado por ela, loucamente apaixonado, infelizmente. Comecei a frequentar as reuniões da Fundação da Novak, jantava com a família, conheci melhor o Gilberto de Toledo, e ela me apresentava como seu namorado.

Eu não percebi, na época, mas tudo não passara de um jogo para causar ciúmes em Nicholas, que estava passando as férias no Brasil, e mostrar a ele que ela já era uma mulher. Porém, o

PERIGOSAS ACHERON

idiota não percebeu, continuou a sair com outras mulheres, ignorando Caroline.

Nosso *namoro* — que para mim era real, mas para ela, não — durou apenas mais duas semanas depois que ele retornou aos Estados Unidos, e então ela veio com a balela de que não estava pronta, de que não combinávamos e outras mentiras.

Eu fiquei meses correndo atrás dela como um cachorro até que novamente ela aceitou sair comigo e retomar a relação. Achei que ela estava mais carinhosa, mais íntima e lhe contei a verdade sobre mim, sobre a minha mãe biológica e como fui concebido. Erro fatal!

A família Novak havia marcado mais um baile anual da Fundação. Eu doei e recebi duas entradas, porém, *minha namorada* já iria acompanhar Nicholas Smythe. Discutimos, e eu joguei na cara dela que ele nunca a olhara duas vezes, que não a amava como eu — que queria ser PERIGOSAS ACHERON

seu companheiro pelo resto da vida. Foi aí que a verdadeira Caroline Nogueira apareceu.

Fecho os olhos ao me lembrar de suas palavras cheias de veneno e desprezo, seu olhar debochado e sorriso arrogante.

— Você realmente pensou que teria alguma chance de se casar comigo e se dar bem na vida? — Riu. — Você é louco, bonitinho, mas louco! Hans *Baden*... — eu senti o sangue congelar nas veias — filho de médico do Sul, pois sim! Achava mesmo que eu ia correr o risco de misturar meu sangue ao seu? — Fez cara de nojo. — Você não passa de um rato de esgoto travestido de homem de boa família! Fruto de um estupro, de um drogado com uma empregadinha... — Ela cuspiu no chão. — Eu tenho nojo ao pensar que deixei você me beijar, encostar em mim...

— Carol... — Eu quase implorei para que ela parasse a brincadeira, então vi em seus olhos que

PERIGOSAS ACHERON

era sério. Tudo aquilo que ela acabara de dizer era o que sentia sobre mim.

— Eu nunca gostei de você, Hans, se toca! Você era conveniente para que Nick me notasse como mulher. Eu nunca te quis, e aquele papo sobre querer esperar o casamento para ter minha primeira vez... — Gargalhou. — Você não é ele! Meu corpo, minha virgindade e meu coração são de um só homem, Nicholas!

Ela virou as costas para sair da sala onde estávamos, mas, num rompante de raiva, eu a agarrei pelos cabelos e a beijei à força. A vadia ainda tentou lutar, me arranhar, me morder, mas eu a fiz engolir cada uma daquelas palavras.

— Não tenho o sangue de um drogado estuprador? — Olhei dentro dos seus olhos depois que acabei com ela. — Eu sou pior, Caroline, e agora sou parte da sua vida para sempre. Sem presentes para seu precioso *Nick*. — Levantei-me.

— Agora ele pode usufruir do resto!

Assim que fechei a porta, deixando-a lá, nas dependências da FIN, rasgada e destroçada, sabia que tinha feito merda, mas, ao mesmo tempo, me senti poderoso, excitado e satisfeito.

Preparei-me para a visita da polícia, mas nunca aconteceu uma. Gilberto de Toledo não queria um escândalo envolvendo um jovem diretor que ele mesmo promovera dentro de sua adorada empresa e fez um acordo comigo. Saí impune e me sentindo um deus.

Porém, depois de um tempo, percebi que todas as portas de São Paulo se fecharam para mim, e eu tive de ir procurar emprego em outro local. Foi assim que acabei conhecendo os Villazzas e, por cinco anos, trabalhei e fui o braço direito dos dois irmãos.

Conheci Giovanna quando ela estava de férias da faculdade e foi passar o verão em Roma,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com os pais. Eu a achei bonitinha, mas extremamente patricinha, com suas avaliações de desfile de moda e compras, além, é claro, daquela chatice de ficar fazendo rabiscos do meu rosto.

Quando ela se formou e foi trabalhar durante algumas semanas na Rede em Curitiba, nós ficamos pela primeira vez. Foi uma noite longa, e eu, acostumado a tratar minhas parceiras como escravas, tive de me submeter aos não me toques daquela patricinha chata.

No entanto, eu tinha grandes planos e, se fosse preciso aturá-la para concluí-los, eu aguentaria. Entretanto, Giovanna desistiu do cargo em Curitiba e foi morar com os pais.

Então, numa festa na casa de Rhodes, o diretor de produtos da Rede que estava se aposentando naquele ano, o velho, que viera da gestão de Andreas Villazza, acabou falando demais sobre Giovanna, expondo a mim sobre a adoção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu permaneci calado, disposto a só usar aquela informação caso fosse necessário. Então Frank me convidou a passar uns dias com eles na casa da família na Sardenha, e eu aproveitei para me reaproximar de Giovanna, mas, na oportunidade, ela me tratou como lixo.

Não pensei duas vezes e, diferente do que fiz com Carol, não a machuquei fisicamente, mas sim direto no coração. A patricinha que enchia a boca para dizer seu sobrenome ficou sabendo que era apenas uma vira-lata acolhida por pena.

— Idiota! — Rio de mim mesmo ao me lembrar. Eu deveria ter guardado o trunfo, pois com certeza o velho Andreas Villazza, que escondeu por tantos anos aquilo da filha, iria querer continuar mantendo o segredo, e, quando a situação com a Marina aconteceu e Tony me surrou e me expulsou da empresa, seria a hora de eu fazer uma pequena chantagem com o chefe do Grupo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então nada daquilo teria acontecido! —
Gargalho. — Se eu não tivesse sido demitido, não
haveria processos contra mim, conseqüentemente,
minha reputação estaria ótima, e eu não estaria
desesperado por grana!

Porra!

Escuto batidas à porta e penso se a idiota da
Élida trancou o barraco e esqueceu de levar a
chave. Levanto-me e abro a porta, porém, logo
tento fechá-la de novo.

— Não, Hans! — Caroline grita. — Eu vim
para um acordo!

— Está tentando bancar a heroína como seu
querido noivinho fez? — questiono forçando a
porta, porém, ela está bloqueando-a com os pés
calçados com botas de couro.

— Não! — Olha-me séria. — Ele me deixou,
Hans.

Eu paro de fazer força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele te trocou pela vadia? — Gargalho, adorando ver a dor em seus olhos. — Quer dizer que eu ajudei a juntar os dois pombinhos?

Ela respira fundo, e eu noto sua tristeza, rancor e despeito.

— Agora você tem que consertar isso! — Noto a raiva em suas palavras. — Eu pago o que você quiser, Hans. Eu te tiro de São Paulo, desse *muquifo*, e você vai para qualquer lugar do mundo!

— Como terei a certeza de que não é uma armadilha?

Ela joga uma revista dessas de celebridades e fofoca, e vejo a reportagem de seu término às vésperas do casamento. Abro a porta rindo, saboreando a dor dela.

— Eu te arranjo documentos, passaporte, dinheiro e um meio de sair daqui. — Ela é direta.

— E o que tenho que fazer em troca?

— Matá-la. Fazer o que você deveria ter feito

PERIGOSAS ACHERON

quando teve a *brilhante* ideia de um sequestro. — Ela ri debochada. — Hans, Hans... Você é sempre uma pedra em meu caminho, não é? Por que não matou a vagabunda e ficou só com a criança? Ele teria dado todo seu dinheiro por essa menina!

Eu reconheço que ela tem razão, mas não dou o braço a torcer.

— Eu sei onde eles estão e sei como entrar.
— Ri. — Há alguém disposto a me ajudar lá dentro. Eu já o conheço há algum tempo, e ele sempre recebeu dinheiro meu para ficar de olho em Nick e me manter ciente dos passos dele.

— Você é doente... — afirmo com orgulho.
— Pior do que eu!

Ela nega com a cabeça.

— Eu sou obstinada, Hans. Conheço minha meta e prossigo até ela nem que para isso precise passar por cima de todos ou me livrar de alguns.

— Eu não tenho certeza...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem, sim. — Sorri e me olha de cima a baixo. — A maquiagem certa em seu rosto, com esses hematomas, cabelos, barba e lentes... ninguém diz que é você! — Ela tira um envelope da bolsa. — Eles darão uma festa no haras que Nicholas mantém em segredinho, e você será apenas mais um peão no meio deles. Preciso que Nicholas beba o conteúdo do frasco e, depois disso, você se livra daquela mulher. — Levanta as sobrancelhas em desafio. — Consegue fazer isso?

— Como vou entrar?

Ela bufa impaciente.

— Nelson irá esperar você próximo à propriedade e te colocar para dentro. Eu não sei se durante a festa você conseguirá a oportunidade para exterminar aquela praga da face da Terra, mas você não irá embora depois que a festa terminar. Se esconda por lá, parece haver muito espaço para isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você mesma não a executa?

Ela gargalha.

— Não! O erro que cometi com Nicholas foi pequeno demais e, assim que aquela mulher sair do meu caminho, ele voltará rastejando para mim.

— Acha mesmo?

Ela faz que sim com a cabeça.

A ideia não me parece a melhor, mas eu preciso da grana e das coisas que ela prometeu para mim.

— Quero tudo adiantado. — Ela sorri. — Grana, passaporte, tudo! Quero sair daquele lugar e já partir para minha nova vida!

— É difícil, mas não impossível! Amanhã você terá tudo em mãos, então se prepare para se hospedar com as éguas.

Ela sai com uma pose de rainha, e eu fico imaginando se, para mim, Caroline Nogueira representa a salvação ou a perdição.

PERIGOSAS ACHERON

O segurança que me colocou para dentro do haras me garantiu que Nicholas estava aprontando algo de especial para sua nova mulher. Eu não perdi tempo ao procurar saber o que era e encontrei um cenário romântico sendo preparado em uma das baías.

A festa está acontecendo, e há bastantes pessoas, inclusive os desgraçados dos irmãos Villazzas, bem como Gilberto de Toledo. Tenho de ser muito cauteloso; mesmo estando moreno e de lentes escuras, com a barba cobrindo boa parte do meu rosto, eles poderão me reconhecer.

Porém, eu nunca me intimidei ante um desafio, e cada vez que vejo o copo de bebida de Nick vazio, faço questão de substituí-lo, de cabeça baixa e com o chapéu enfincado na cabeça até os

PERIGOSAS ACHERON

olhos.

Noto que o efeito do remédio começou a aparecer, pois ele começou a ficar um tanto zonzo e está falando enrolado. Corro até a baia e me escondo em um canto escuro, à espera do casal de pombinhos.

Capítulo XXIII

Giovanna

Eu respiro fundo, sugando de uma vez todo o ar que meus pulmões precisam, aliviada e temerosa ao mesmo tempo. Hans me olha de forma febril, como se estivesse tomado por um prazer tão grande que o está inebriando.

— Não tão rápido, Giovanna. — Escuto-o dizer ao longe, pois minha mente ainda está nublada enquanto eu respiro de novo.

Meu pescoço queima e minha garganta dói, mas tudo o que eu consigo fazer é respirar. Sinto as mãos dele deslizando por baixo do meu vestido, mas não me movo, apenas respiro. Começo a tossir desesperadamente, o que aumenta ainda mais a sensação de dor em meu pescoço.

— Hum... — Hans respira no meu ouvido. —

Calcinha de renda... era uma surpresa? Ou ele quem pediu?

É nesse instante que eu tomo conhecimento do que está acontecendo, do que ele pretende fazer comigo, e uma força vinda de dentro de mim toma meu corpo, e eu começo a socá-lo, a agitar minhas pernas e a gritar por socorro.

Ele ri, segurando minhas mãos com uma das suas enquanto a outra tenta me calar.

— Se tentar resistir, ficarei ainda mais excitado, Giovanna. — Ri. — Eu estou te fazendo um favor, não percebe? Não vai morrer sem antes dar uma boa foda...

De repente, ele é afastado de cima de mim de uma só vez, num só puxão, para então receber um soco em seu rosto e desabar no chão, com um filete de sangue escorrendo pela boca.

Eu olho apavorada para Tony, em pé à minha frente, bufando como um cavalo bravo, com os

PERIGOSAS ACHERON

punhos fechados e em posição de ataque. Ele me dá uma olhadinha, mas não relaxa.

— Eu devia ter matado você de porrada daquela vez, Hans. — Sua voz é muito baixa e contida, e, conhecendo-o como conheço, sei que está completamente enraivecido.

— Tony... — chamo-o aliviada, tremendo da cabeça aos pés.

— Sai daqui, Giovanna! — Eu balanço a cabeça negativamente e olho para o Nicholas, ainda apagado ao meu lado. — Sai daqui agora!

Hans se levanta de repente e se lança contra ele, jogando um pouco do material da cama de cavalo em seus olhos. Eu grito quando Hans acerta um soco em Tony e começo a balançar o Nicholas, implorando que ele acorde, pois sinto as pernas bambas e não consigo me levantar para ajudar meu irmão.

Tony revida o soco mais uma vez, e os dois

PERIGOSAS ACHERON

acabam caindo no chão. Meu irmão está segurando Hans pelo colarinho da jaqueta enquanto soca o seu rosto com uma só mão. Ele parece não querer parar nunca, e Hans já aparenta estar bem machucado e até mesmo desacordado. Eu queria muito que ele sumisse da face da Terra, mas não posso permitir que meu irmão carregue o fardo de ter tirado a vida de alguém mesmo sendo a desse monstro.

— Tony, para! — Forço-me a me levantar e corro na direção dele, tocando-lhe o ombro. — Tony, por favor, não vale a pena. — Todavia, ele continua como se estivesse cego pela raiva, e eu sei que, além de toda a situação envolvendo o sequestro, meu irmão tem contas a acertar com Hans por causa da Marina. — Tony! — eu grito, e ele para. — Ele está desacordado, Tony. Chega...

Começo a chorar, nervosa com tudo o que está acontecendo, e ele se levanta, abraçando-me forte.

— Eu pedi para você sair...

— Você não pode pensar em matá-lo, Tony.
Você não é como ele.

Ele concorda e me aperta contra si.

— Vamos tirar o Nick daqui e chamar alguém para levar esse *porco* para a cadeia. — Ele está cansado e suado, com serragem nos cabelos e um hematoma se formando no rosto.

Olho para o chão e vejo Hans lá, parado, mas ainda respirando.

Tony levanta o Nicholas, e eu o ajudo com o outro lado, mas então, quando nos viramos para sair, a primeira coisa que vejo é uma arma apontada contra meu peito.

— Ainda... não acabou! — Hans está bambo, mas de pé, segurando a maldita arma. Eu sinto meu coração gelar. — Caminhe até onde estou, Giovanna. Sem gracinhas, só caminhe...

Eu olho para o Tony com os olhos cheios de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lágrimas e faço o que ele manda, sentindo cada uma delas descer pelo meu rosto. Hans parece não estar conseguindo se manter em pé, com os olhos vidrados como acontece quando um lutador está pronto a bater na lona e parar a luta.

É a minha oportunidade! Quando chego bem próximo, num movimento rápido, dou-lhe uma rasteira que o leva ao chão, e um tiro é disparado a esmo.

— Giovanna, não! — Escuto Tony gritar em desespero enquanto eu me jogo no chão junto com Hans e tento tirar a arma de sua mão.

O revólver por sorte precisa ter o cão acionado e, como está, não irá disparar mais, porém, eu preciso urgentemente tirá-lo da mão de Baden. Lutamos e, claro, mesmo estando zozzo, ele é mais forte que eu, então aplico-lhe um golpe baixo, acertando meu joelho contra suas bolas, e ele solta a pistola, que cai longe de onde nós estamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Filha da puta! — ele grita e me acerta um tapa que me faz cair para o lado.

Hans aproveita a oportunidade e me monta no intuito de me bater, mas Tony novamente o arranca de cima de mim.

— Dessa vez, não vou parar! Você não vai sair daqui vivo! — Ele o golpeia no nariz, provavelmente quebrando-o, mas Hans apenas ri, com o sangue a escorrer por cima de seu sorriso.

— Ninguém vai sair daqui vivo, Tony louco! — Pega o lampião e o atira no chão, na entrada da baia, e parte para cima de meu irmão de novo.

Ao cair no chão, o objeto libera todo o querosene de dentro, que se junta à serragem e à palha da cama, formando enormes labaredas. Eu olho para Nicholas, desacordado, completamente dopado, muito próximo ao fogo. Corro até ele tentando levantá-lo, mas ele é pesado demais.

Olho para Hans e Tony atracados numa luta

PERIGOSAS ACHERON

sem fim e então vejo a arma caída. Nós precisamos sair daqui agora, e eu não vou deixar nenhum dos dois para trás!

Corro até a arma, destravo-a, engatilho-a e a aponto para Hans.

— Solta o meu irmão! — grito, mas ele continua segurando Tony pela camisa. — Solta o Tony agora!

— Você não teria coragem...

Eu não tenho tempo a perder discutindo com ele, pois as chamas estão se espalhando muito rapidamente, e, em instantes, será impossível sair com vida deste local, pois ficaremos presos. Puxo o gatilho, e ele cai de joelhos com a mão no abdômen.

— Vamos embora! — grito para o Tony, que está imóvel, vendo-o no chão a sangrar. — Tony!

Ele me olha e vai em direção ao Nicholas, apoiando-o em seu ombro e o arrastando para fora

da baia. Eu olho para Hans, ainda consciente, com sangue a lhe manchar a mão, pingando no chão. Eu não posso deixá-lo queimar vivo, embora ele mereça.

— Vem comigo, Hans! — Ele se nega, e eu vou até ele, segurando-o pelo braço, tentando fazê-lo se levantar. — Vamos sair!

— Não! — ele grita comigo, gemendo de dor, porém, segura minha mão e a aperta. — Nem você vai!

Eu me desespero, ouvindo Tony gritar do lado de fora, vendo que o fogo tomou completamente a entrada da baia. Não há como sair mais. Fecho os olhos, pensando em minha filha, em Nicholas e pedindo a Deus que, a partir deste momento, nenhuma outra tragédia se abata sobre eles.

Hans desmorona no chão de vez, em choque, sem se mover ou emitir som, apenas respirando

PERIGOSAS NACIONAIS

ofegante. Eu corro até a entrada da baia, mas o fogo já tomou conta até mesmo das vigas de madeira do telhado.

— Tony! — Começo a tossir por causa da fumaça.

— Gio, eu vou entrar...

— Não, Tony! — Desespero-me. — Não dá mais... — Choro, sentindo meus olhos arderem. — Diga a eles que eu sempre vou amá-los, por favor...

Caio de joelhos, sentindo o calor do fogo e inalando a fumaça, que me deixa completamente zozza.

— Eu amo todos vocês... — digo baixinho, olhando a arma ao meu lado, pensando se não será mais fácil acabar com tudo antes de sofrer com as chamas consumindo meu corpo.

Então, como se um anjo tivesse me ouvido, ouço o barulho de água e, em seguida, uma sombra coberta com um cobertor corre em minha direção e

PERIGOSAS ACHERON

me segura nos braços enquanto desfaleço.

Está tudo escuro, então de repente olho para o lado e vejo Hans Baden com uma tocha na mão e Nicholas amarrado no centro de uma grande fogueira.

— Nicholas! — Levanto-me gritando, sendo imediatamente enlaçada por braços fortes que me trazem consolo e esperança.

— Foi só um pesadelo, meu amor — Nick fala. — Tudo está bem, não se preocupe!

Eu choro em seus braços, sentindo o cheiro familiar de seu perfume e o calor de seu abraço.

— Eu sonhei que ele tentava colocar fogo...
— Olho para uma atadura em meu braço esquerdo.
— Não foi sonho, não é?

Ele me aperta mais contra si.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Descanse, Giovanna! — Deita-me na cama. — Você precisa se recuperar.

Eu olho novamente para o curativo e, em seguida, o encaro.

— O que houve com ele, Nicholas?

Ele fecha os olhos e respira fundo.

— Descanse...

— Eu não quero descansar! — grito em desespero. — Ele foi preso? Está hospitalizado? — Ele nega, e eu começo a chorar, lembrando-me de seu olhar quando lhe acertei o tiro. — Eu tinha que pará-lo, Nick... Todos nós íamos morrer...

— Eu sei, meu amor. — Nicholas passa a mão sobre meus cabelos.

Só quando uma enfermeira entra é que eu me dou conta de que estou num hospital. Ela aplica uma injeção no soro e sai.

— Nick... o que aconteceu?

Mais uma vez, a escuridão me toma.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não acho sensato conversar com ela sem a presença de um profissional. — Escuto a voz do meu irmão ao longe. — *Cazzo!* Ela tem tido pesadelos horríveis durante esses dias!

Dias?! Abro os olhos devagar, vendo Frank, Tony e Nicholas conversando.

— Não podemos mantê-la sedada para sempre, Frank! — Nicholas rebate. — Ela agiu em defesa...

— Ele morreu, não foi? — pergunto, me sentando na cama.

Nicholas se aproxima da cama e me beija enquanto Frank e Tony pegam em minhas mãos. Eu tento me manter lúcida e calma para ouvir as notícias que eles têm para me dar.

— Sim, Gio. Hans Baden está morto. Mas foi
PERIGOSAS ACHERON

mais pela fumaça do incêndio que ele mesmo começou que pelo tiro. — Eu fecho os olhos e choro, sentindo um misto de tristeza, afinal ele era um ser humano, e de alívio, pois ele era também um monstro. — Acabou.

Eu nego e olho para meus irmãos.

— Ele não agiu sozinho, Nick. — Ele assente. — Ele me disse o nome de alguém enquanto estava tentando me estrangular.

Sinto Tony apertar minha mão mais forte e Nicholas respirar fundo.

— Quem do haras, Giovanna?

— Não sei, mas ele disse o nome de Caroline.

Ele arregala os olhos e olha para Frank.

— Você tem certeza, Gio? — Frank indaga.
— Você pode estar confusa...

— Não. Ele me disse que ela o pagou para me matar. — Encaro Nick. — Eu sinto muito, mas
PERIGOSAS ACHERON

foi ela.

Ele se levanta da cama, nervoso, andando de um lado para o outro.

— Alguém facilitou para ele entrar, Gio — Tony me informa. — Estamos com um pessoal vasculhando imagem por imagem das câmeras do haras para saber quem foi.

Olho na direção de Nicholas, que está parado me olhando.

— Você tem certeza, Giovanna? — Eu reafirmo, e ele xinga, batendo o punho contra a mesa de madeira do quarto. — A não ser que estivesse mentindo, mas como então iria saber onde estávamos?

Frank concorda, mas não diz nada, pois no momento seguinte Mia entra no colo de Isabella, e eu choro ao ver meu bebê saudável e protegido. Aperto-a contra o peito, sentindo gratidão por poder estar junto dela, por poder tê-la assim, tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pertinho de mim. Nicholas se junta a nós em um abraço em conjunto e beija minha boca.

— Eu te amo, *piccola!* — Beijo os cabelos de Mia. — Eu te amo, Nicholas.

Ele me beija e esfrega o nariz contra o meu.

— Eu amo você demais, Gio! Obrigado por ter salvado minha vida.

Eu sorrio para ele, beijando-o novamente e recebendo mais um abraço carinhoso de minha filha. Parece um milagre! Obrigada, Deus!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXIV

Nicholas

Estou sentado há horas ao lado de Giovanna, pensando em como tudo isso aconteceu. Uma sucessão de acontecimentos sinistros se abateu sobre nossas vidas num curto espaço de tempo de forma que parece ser coisa de filme.

Primeiro, descobri que a mulher que eu amo é filha do homem que me criou e que ela se uniu a mim — ao menos no começo — para concretizar uma vingança contra ele. Depois da nossa separação, eu achei que a vida tinha voltado ao normal, então, pela segunda vez, encontrei-me envolvido em uma situação tensa, o sequestro. E agora...

Respiro fundo, tentando entender todas as informações que Tony me passou, pois estive

PERIGOSAS ACHERON

desacordado na maior parte do tempo. A última recordação que tenho é de estar com Giovanna na baia, animado por uma madrugada de sexo sobre o feno. Depois disso, tudo sumiu.

Quando acordei, estava deitado em minha cama, fedendo a fumaça e ainda vestido. Sentia-me zozinho, com a cabeça doendo muito. Levantei-me rapidamente, sabendo que, pelo estado em que eu me encontrava, algo de grave tinha acontecido.

Encontrei Joaquim à minha porta.

— Ah, patrão, que bom que acordou! — Ele estava sem seu chapéu de estimação, e eu estranhei isso, pois o objeto nunca saía de sua cabeça.

— O que houve, Joaquim? Onde está todo mundo?

Ele parecia tenso e olhava para o corredor a todo momento, como que em busca de ajuda. E ela veio! Minha mãe apareceu, e, quando vi seus olhos cheios de lágrimas, meu coração disparou.

— Nicholas! — Ela me abraçou forte. —
Você precisa de um banho! — Riu nervosa. — A
Célia está preparando algo para você comer...

— Mãe, o que está havendo?

Ela respirou fundo e me levou de volta para o
quarto com ela.

— Hans Baden esteve aqui ontem à noite.

— O quê?! — Eu senti o temor tomar conta
do meu corpo e logo pensei em minha filha. —
Onde está Mia?!

Ela não respondeu, e eu tencionei sair do
quarto, mas ela não deixou.

— Mia está bem, Nick! — Senti alívio, para
depois sentir receio de perguntar por Giovanna. —
Ela está com Isabella Villazza em São Paulo.

Tentei recordar o que acontecera durante a
noite, mas não havia nada em minha mente.

— Mãe, o que houve? Onde está Giovanna?

— Ela está bem, Nicholas, se acalme. —

Célia entrou com uma bandeja, e minha mãe me entregou uma xícara de chá. — Beba isso enquanto te conto tudo e, em seguida, vá para o banho.

Durante e após a narrativa da minha mãe, que enfim me disse que Gio estava no hospital, eu fiquei apavorado pelos momentos que Giovanna passou, sozinha com aquele louco, enquanto eu estava desacordado. Senti-me culpado por ter organizado a festa, por ter sido descuidado com a segurança e, principalmente, por ter sido dopado.

— Não há mais com o que se preocupar, Nick. Ele não resistiu.

Senti alívio, mas, ao mesmo tempo, temi que Giovanna carregasse o trauma do que aconteceu naquela noite.

— Mãe, eu preciso ir até o hospital! Eu preciso estar ao lado dela!

— Ela aspirou muita fumaça, Nick, por isso a estão mantendo sedada até que se recupere. Mas

está bem!

Eu corri para o banheiro, tomei o banho mais rápido de todos os tempos e, depois de arrumado, entrei no helicóptero junto com minha mãe e Bernardo e fomos rumo à capital.

Agora, ao chegar ao hospital, encontro-me com Gilberto sentado na sala de espera conversando com Tony. Olho para a face esquerda de meu cunhado, inchada e roxa, e reconheço o quanto ele se arriscou.

— Ei, Nick! — Recebo um abraço apertado dele.

— Obrigado por ter ido até nós! — agradeço emocionado.

Tony fica um tempo me olhando com aquele seu jeito sério e avaliador e depois sorri.

— Eu saí para andar um pouco, pois estava sem sono. Passei por todos os estábulos, olhando para as baias, vendo os cavalos e então ouvi o grito

de Giovanna pedindo socorro. — Engulo em seco ao pensar no terror que ela passou nas mãos de Baden. — Não tive muito o que pensar, apenas fui, e hoje tenho certeza de que a inquietação que eu sentia já era um sinal de que algo iria acontecer na noite de ontem.

— Obrigado!

Gilberto passa os braços pelos meus ombros, consolando-me.

— Ele te dopou, filho! — Meu pai me conhece bem e sabe que eu me sinto culpado por não a ter protegido. — Mas o importante é que todos estão bem e que aquele crápula deve estar acertando suas contas com o capeta!

— Como está Giovanna?

— Ela precisou ser entubada por causa da fumaça que inalou, mas está se recuperando muito bem! — Eu me sinto aliviado ao saber disso. — Ela está na UTI e deve ficar lá por, pelo menos, 36

horas, das quais 12 já se passaram. Os médicos querem garantir que o edema encontrado se desfaça.

— Ela se queimou? — inquiri ao ver o braço de Tony com um curativo.

— Pouco, e foi no braço, como o meu. — Tony respira fundo. — Quando eu saí e deixei você bem longe do incêndio, achei uns extintores, peguei uma manta de sela e voltei para buscá-la. As chamas estavam altas e tomaram toda a entrada da baia e, bem, a manta era pequena para nós dois.

Eu agradeço mentalmente a algum peão desorganizado que deixou a manta nos estábulos ao invés de guardá-la na selaria. Pequenas coisas fizeram a grande diferença entre a morte e a vida ontem.

Frank vem andando pelo corredor, provavelmente vindo da UTI, e eu fico ansioso por saber notícias de Gio. Contudo, antes que eu possa

falar, ele me surpreende com um abraço e um choro sentido.

— Ainda bem que todos estão bem! — Eu concordo. — Quando vimos a fumaça, fomos correndo para o local e ao longe ouvimos os gritos de Tony por socorro. Você estava deitado no chão, desacordado, e ele segurava a Gio no colo. Eu fiquei sem chão, pensando que os dois estavam mortos...

— Como ela está, Frank? — pergunto por Giovanna, querendo vê-la.

— Estável e se recuperando. — Sorri. — Minha irmã é uma lutadora, Nick! — Eu concordo novamente. — E ela te ama muito, por isso não a magoe nunca mais.

— Eu não vou, Frank — prometo olhando em seus olhos. — Giovanna e Mia são as pessoas mais importantes da minha vida! — Ele sorri e me dá um tapinha nas costas. — Eu posso entrar para

PERIGOSAS ACHERON

vê-la?

— É claro! Tenho certeza de que sua companhia a fará melhorar mais rápido.

Durante 24 horas, eu estive praticamente na cabeceira de Giovanna, mesmo com ela sedada. Quando a desentubaram e a levaram para um quarto de tratamento semi-intensivo, passei a primeira noite com ela, ouvindo-a murmurar durante seus pesadelos quando a sedação estava diminuindo.

Quando Gio acordou horas depois gritando meu nome, eu sabia que tinha sonhado com aquela noite e que eu, invariavelmente, teria de contar a ela que Hans Baden morreria.

Contudo, o pior de tudo foi ontem, quando ela finalmente acordou sem pesadelos ou desespero

PERIGOSAS NACIONAIS

e nos contou sobre Caroline ser a mandante de Hans Baden naquela covardia conosco.

Confesso que fiquei por um momento duvidando do que ela dissera, pensando que, talvez por Carol ter ido até o haras e as duas terem discutido, Giovanna pudesse estar confusa com os eventos, mas então ela reafirmou que o próprio Hans disse que foi Caroline quem o pagara.

Olho no relógio e confirmo que o dia já está amanhecendo. Preciso esperar que Tony chegue para fazer companhia a Giovanna e para que eu possa resolver o último assunto sobre esse caso: Caroline.

Ontem à noite, assim que Giovanna dormiu, Joaquim me ligou dizendo que a polícia foi buscar o material das câmeras. Entretanto, Danilo já havia achado o traidor, Nelson Varandas. O homem foi meu segurança por mais de três anos, e eu nunca notei nenhuma falha por parte dele.

PERIGOSAS ACHERON

Contudo, as imagens não mentem! Primeiro, ele facilitou a entrada da Carol no haras no outro dia, e depois os dois armaram aquele pequeno circo na varanda da casa apenas para disfarçar. Por fim, as filmagens pegaram uma imagem dele num dos lados menos usados da propriedade minutos antes de Hans invadi-la.

A polícia imediatamente levou o material para análise, e depois fui informado que o juiz do caso emitiu mandado de prisão em nome de Nelson e que iriam em busca dele hoje, na Novak. A essa hora, o homem já deve estar prestando depoimento.

Caroline não imagina, mas ela será a próxima a ser recolhida pela polícia, pois o homem, com certeza, irá confessar a mando de quem facilitou a entrada de Baden, mas, antes, eu preciso estar frente a frente com ela e olhar em sua cara quando disser tudo o que tenho a lhe dizer.

Saio do quarto por um tempo, esperando

PERIGOSAS ACHERON

Tony, e vejo as mensagens que ela me mandou pelo aplicativo de celular enquanto Giovanna ainda estava sendo mantida sedada e eu não sabia do envolvimento de Carol na tragédia. Eu, ingênuo, respondi a todas, informando sobre o haras, que não houve perda de nenhum cavalo, que eu estava bem e que Giovanna se recuperava. Ela ainda quis saber de Baden, de como ele sabia que nós estávamos lá, mas eu apenas disse que a polícia estava investigando. Eu tinha achado que ela já havia aceitado meu relacionamento com a Gio e que tentava seguir em frente, mas agora sei que foi só mais uma de suas dissimulações.

— Bom dia, Nick! — Tony me cumprimenta. Seus hematomas já estão ficando esverdeados. — Minha irmã já acordou hoje?

— Não — respondo seco, e ele parece notar que estou ansioso.

— Soube que prenderam o safado que

PERIGOSAS ACHERON

facilitou a vida do Baden! — Eu assinto, mandando uma mensagem para Caroline. — Acha que ele irá confessar?

— Eu espero que sim e o mais breve possível. — Ela visualiza a mensagem e começa a digitar. — Eu preciso resolver uns assuntos...

— Tudo bem! — Ele ri. — Gio irá receber alta hoje, então estará mais animada.

Despeço-me dele, andando rapidamente para fora do hospital em direção ao estacionamento, esperando a resposta de Carol ao meu pedido para encontrá-la para conversar um pouco.

Estou no apartamento dos meus pais. Você conhece o caminho!

Piso fundo no acelerador, querendo chegar lá antes da polícia. Estaciono em fila dupla na rua do prédio e cumprimento o porteiro, que me conhece

PERIGOSAS ACHERON

bem e libera minha subida sem me anunciar. Toco a campainha, e é Carol quem me atende, muito bem-vestida e com um sorriso no rosto.

— É bom saber que, mesmo depois de tudo o que houve, nós dois conseguimos perdoar e seguir amigos! — Ela me abraça, e a vontade que eu tenho é de arrebentar essa cara falsa, mas não vim aqui para isso, não sou esse tipo de homem.

— Eu preciso desabafar um pouco com você...

Ela ri e me leva até o escritório de Rildo.

— Eu fiquei apavorada quando vi o que aconteceu! — Oferece-me uma bebida, mas eu nego. — Nick, isso foi loucura! É uma pena Giovanna ter matado aquele homem, ele merecia sofrer mais um pouco!

— Giovanna se defendeu dele, Carol. — Ela assente. — Não o matou e ainda tentou salvá-lo, tirá-lo de lá, e ele morreu asfixiado pela fumaça,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não pelo tiro, ela nunca teria coragem de tal ato tão abominável.

Ela fica tensa, mas tenta disfarçar com um sorriso.

— Eu soube que você estava desacordado...

— Sim. Ele me dopou, por isso não me lembro de nada do que aconteceu lá.

— Hum... e a Giovanna? Ela consegue se lembrar?

Eu me aproximo dela.

— Ah, sim. Giovanna se lembra de tudo. Sabia que ele tentou matá-la esganada? — Ela nega, já tremendo. — E sabe o mais interessante da história? Ele deixou *os seus* cumprimentos a ela.

Carol faz cara de surpresa e depois nega.

— Eu nunca teria deixado recado ou ajudado Baden em nada! De onde tirou essa ideia, Nick? — Ela parece acuada e perigosa. — Você esqueceu que ele me...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, ele violentou você, e por isso mesmo me foi tão difícil acreditar que você se uniu a ele. — Ela sorri. — Mas Giovanna afirma que ele citou seu nome...

— Bem, ela estava numa situação difícil, não é? Pode ter confundido as coisas. — Dá outro sorriso. — Nunca iremos saber se ele disse algo para ela ou não, pois está morto!

Minha paciência com ela se esgotou! Eu nunca poderia imaginar que Caroline fosse essa criatura dissimulada e cruel que está se mostrando para mim neste momento, revelando um sorriso vitorioso ao falar da morte de Baden, achando que irá sair impune da situação.

Meu celular vibra no meu bolso, e eu o pego, vendo a mensagem do advogado que está acompanhando o caso na delegacia, informando-me que o meu ex-segurança confessou o crime e entregou Caroline.

PERIGOSAS ACHERON

— Algum problema? — ela me pergunta. — É do hospital?

Meu sangue ferve ao perceber que ela ainda espera que Giovanna morra.

— Não. — Encaro-a. — É meu advogado, o doutor Freitas, lembra-se dele? — Ela enruga a testa, mas afirma. — Ontem, o segurança que facilitou a entrada de Baden no haras foi preso. — Ela arregala os olhos. — Sabe quem é? O Nelson, aquele que me acompanhava nas viagens para o exterior.

— Ah, sim! — Sua voz está tremendo. — Ele nunca gostou muito de mim.

— Soube que ele tentou impedir sua entrada no haras no dia em que você foi até lá.

Caroline fica visivelmente nervosa e vai até o aparador de bebidas, serve-se de uma dose de uísque e volta a me olhar.

— Eu perdi a cabeça naquele dia, Nick —
PERIGOSAS ACHERON

declara como se estivesse arrependida. — Ele foi um bruto comigo, e eu ameacei seu emprego.

— Mesmo? — Cruzo os braços. — Sabe que todas as câmeras do haras tiveram suas imagens analisadas e que, numa delas, você aparece conversando calmamente com ele?

Sua mão está tremendo, e seu olhar de arrependimento some, dando lugar a um raivoso e frio.

— O que você veio fazer aqui, Nicholas?

— Eu queria olhar sua cara falsa mentindo para mim mais uma vez. — Minha voz sai baixa e ameaçadora. — Eu não sei quem você é, Caroline. A amiga de infância de quem eu guardo boas recordações não existe mais, não é? No lugar dela está essa víbora maliciosa e mentirosa, que manipula, ofende e dissimula. — Ela aperta o copo tão forte que posso ver as juntas de seus dedos ficando esbranquiçadas. — Acabaram as mentiras, PERIGOSAS ACHERON

Caroline. Sua máscara caiu, e eu acho bom você começar a aprender a representar o papel de presidiária, porque é isso que você será!

Ela não diz nada, apenas fica parada, olhando-me com ódio enquanto lágrimas escorrem por sua face.

— Tudo o que eu fiz foi por você! — sussurra. — Eu amei você a minha vida inteira, e tudo o que tive de volta foi desprezo!

— Você é louca, Caroline! Eu não sei como não percebi isso antes.

Ela gargalha.

— Porque para você era conveniente ter uma mulher apaixonada, disposta a estar ao seu lado em todos os momentos...

— Eu sempre deixei claro para você que te via como amiga!

— Mesmo? Então, quando Giovanna o usou daquela forma e você veio correndo ficar comigo,

estava pensando em mim como amiga? Você me usou a vida inteira, Nicholas!

— Eu lamento, Caroline. Mas nada disso justifica suas atitudes! — Viro as costas para ir embora. — Espero que, durante esse tempo em que passará na cadeia, você possa repensar sua vida.

Abro a porta do escritório e vejo Rildo me olhando como se tivesse ouvido essa última frase e estivesse sem entender.

— Eu sinto muito, Rildo. Mas ela terá que arcar com as consequências...

— Carol! — ele grita em desespero, e eu me viro para olhá-la.

Ela está com uma arma, provavelmente de seu pai, e a aponta para mim.

— Eu não vou para a cadeia, Nick! O meu crime foi só te amar demais! — Chora. — Eu espero que você consiga lidar com isso!

Aponta a arma para sua própria cabeça e

PERIGOSAS ACHERON

dispara.

Rildo grita por socorro e vai até ela correndo, mas eu não consigo me mover, lembrando-me de seu olhar e de suas palavras.

— Nick, chame uma ambulância! — Rildo grita, segurando-a nos braços.

Eu ligo para a emergência ainda em choque com o que acabou de acontecer.

— Ela ainda está viva! — Rildo a segura nos braços. — Carol, eles já estão vindo, aguenta.

Sou atendido, informo o que houve e o endereço do apartamento temendo que ela morra antes do atendimento. Caroline aprontou muito, mas isso não significa que eu a queira morta, e tê-la visto cometer tal ofensa contra a própria vida me deixou estarecido por nunca ter percebido a dimensão da obsessão que ela sentia por mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XXV

Giovanna

Chegar a casa depois de tudo o que vivi desde que voltei ao Brasil é como encerrar um ciclo. Olho para o meu apartamento, tão pouco usado, no prédio da minha família, sentindo que finalmente as coisas vão se acertar.

— Eu pedi a Isabella que descesse com Mia, mas se você quiser subir...

— Não, Tony — nego, pegando a foto de Mia ainda bebê equilibrando-se em minhas pernas. — Eu vou tomar banho e tirar esse cheiro de hospital antes de ver minha filha. — Sorrio. — Notícias do Nick?

Ele nega, levando minhas malas, que estavam no haras, para o meu quarto.

Desde que acordei e não o vi ao meu lado no

PERIGOSAS ACHERON

quarto do hospital, como aconteceu em todos os outros dias, eu estranhei. Perguntei a Tony, mas meu irmão só me disse que Nicholas precisou sair para resolver alguns assuntos importantes.

Ao longo do dia, esperei pelo retorno dele, mas a cada visita que recebia, ficava mais e mais intrigada com o seu sumiço.

— Eu remarquei nossa ida para a Itália para daqui a três dias — Tony avisa ao voltar do quarto. — Eu queria muito chegar antes do Natal, ainda que poucos dias antes.

Eu assinto.

— Eu sei que você quer esse tempo com sua esposa e seu filho, Tony. — Suspiro. — Eu estraguei suas férias!

— Para com isso, Gio! — Abraça-me. — Eu estou aliviado por ter ficado aqui. É só porque eu volto para Nova Iorque depois do Ano Novo, então... — Ele ri. — Eu estou morrendo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saudades da Marina e do Henrique.

Eu sei o quanto meu irmão é louco por sua família, e, sim, sinto-me um tanto culpada por ter tumultuado tanto o final de ano de todos eles. Em pensar que tivemos a ideia de vir ao Brasil para curtirmos alguns dias juntos, com Frank, pois ele não iria passar as festas conosco...

Uau! Menos de um mês, e tudo mudou de novo! Há menos de 30 dias, eu estava em Nova Iorque, nervosa por voltar ao Brasil, sofrendo por saber que Nicholas iria se casar com Caroline e temerosa que ele descobrisse sobre Mia.

Se tudo o que se passou não tivesse acontecido, nós dois teríamos uma segunda chance? Será que o destino iria achar outra forma de nos unir que não essa, tão dolorosa? Eu não sei e, apesar de tudo, estou grata por ter tido essa oportunidade de recomeçar com o homem que eu amo.

PERIGOSAS ACHERON

Os acontecimentos da noite da festa no haras vêm à minha mente, principalmente os últimos momentos em que eu ainda estava consciente. O desespero ao perceber que eu não tinha mais como sair da baia, e Hans Baden me prendendo lá para morrer com ele.

Hoje eu conversei com um psicólogo no hospital. O atendimento foi solicitado pelo Frank, que achou melhor que eu conversasse com um profissional sobre tudo o que vivi nesses últimos dias. Depois de chorar, de contar como me senti ao saber que Hans havia morrido, eu me senti mais leve.

Parece fácil pensar que, por ele ter feito tudo o que me fez, eu não me sentiria culpada por isso. No entanto, não é. Independentemente de quem ele era, do que fez, continuava sendo uma pessoa, e isso tem um peso enorme para mim.

Eu vi uma pessoa morrer! Senti essa verdade

PERIGOSAS ACHERON

com mais força quando, no meio da tarde, alguns minutos antes de o médico assinar minha alta, recebi a visita dos investigadores do caso.

Prestei meu depoimento ali mesmo, contando tudo o que havia acontecido, todos os detalhes que eu lembrava, inclusive que Hans citou Caroline Nogueira.

Respiro fundo ao pensar que, se tudo isso não tivesse acontecido e Nicholas se casasse com ela, Mia estaria à mercê de uma madrasta completamente desequilibrada. Também me sinto mais tranquila por saber que ele morreu asfixiado pela fumaça e não em decorrência do tiro que dei nele.

— Gio? — Tony me chama. — Você precisa de ajuda?

Nego, sorrindo e saindo da sala, local onde estou parada desde que entramos no apartamento.

— Eu vou para o banho. Você poderia ir

PERIGOSAS ACHERON

buscar minha filha?

Ele assente e se despede, e eu sigo para o chuveiro, não sem antes ligar pela quinta vez seguida para o Nicholas. O telefone novamente está na caixa postal.

— Amor, eu já cheguei em casa. Quando pegar esse recado, me retorna! — Ouço o bipe do fim da gravação e deixo o telefone em cima do móvel do closet antes de entrar no banheiro.

No banho, sentindo o jato forte do chuveiro em minha cabeça, dou vazão às minhas lágrimas, como o psicólogo me orientou a fazer. Eu não posso guardar o que estou sentindo, tenho de colocar tudo para fora e seguir em frente. Eu fiz o que tinha de ser feito para preservar minha vida e a das pessoas que eu amava.

Penso em como será retornar ao haras, coisa que o profissional que conversou comigo hoje disse que eu devo fazer. Retornar ao local, encarar o PERIGOSAS ACHERON

trauma de frente é a maneira ideal de resolver esses sentimentos dentro de mim. Segundo ele, se eu ficar guardando, escondendo ou fingindo que não existe, irá se transformar em um ímã de negatividade, crescendo como um câncer a cada coisa ruim que me acontecer ao longo da vida.

Saio do banho e visto meu roupão, tentando manter a mesma rotina que tenho, tentando superar. Um dia de cada vez, foi o que o doutor me aconselhou. Posso chorar e ficar triste, mas não posso me abater.

Escuto uma batida à minha porta e guardo o hidratante antes de pedir que o visitante entre. Frank aparece com Mia no colo, sorrindo como um bobo quando ela se joga em meu colo.

— Saudades, *mamma*! — ela diz agarrada ao meu pescoço.

— Eu também, princesa! Mas agora estamos aqui juntinhas! — Aperto-a em meus braços. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Você já jantou?

Ela responde que sim.

— A Bella já deu banho nela, e ela também já está com os dentes escovados. — Frank bagunça seu cabelo. — Mas Mia não via a hora de te ver.

Eu a beijo e agradeço ao meu irmão com uma piscadinha.

— Você está bem? — pergunta-me preocupado.

— Sim. Obrigada pelo psicólogo, gostei muito dele e amanhã o verei novamente.

— Que bom, Gio! Eu amo você e quero que seja feliz!

Eu o chamo para um abraço coletivo, e Mia gargalha ao ser feita de sanduíche.

— Oba! Acho que falta alguém nesse abraço!
— Tony corre e nos aperta um pouco mais.

PERIGOSAS ACHERON

Depois desse momento incrível com eles, eu fiquei um tempo conversando com minha filha e a coloquei na cama, deitando-me junto a ela e cantando até ela pegar no sono.

Agora, ao sair de seu quarto e caminhar para o meu, vejo Tony no corredor.

— Eu vou dormir aqui com vocês.

Franzo a testa.

— Nicholas não vem? — Sinto que algo está errado. — Tony, o que você sabe?

Ele nega saber de algo, mas percebo que é mentira por sua expressão.

— Tony...

— Gio, vá descansar, você já passou por muita coisa e...

Fico ainda mais desesperada com essas palavras e penso em Caroline.

— Deus, Tony! Você está me assustando!

Onde está o Nicholas? Foi a Caroline? Me conta!

— Vamos sentar um pouco e...

— *Cazzo*, Tony! Para de me enrolar e conta!

— Já estou em desespero, temendo que algo tenha acontecido ao Nicholas.

Ele respira fundo.

— Prenderam o segurança que facilitou a entrada do Baden, e ele entregou a Caroline. — Eu sinto alívio ao saber que aquela cobra vai ser presa.

— Mas o Nick resolveu ir conversar com ela antes que a polícia a prendesse...

— Oh, meu Deus! Ele está bem? O que ela fez?

Ele põe as mãos em meus ombros.

— Eu estou tentando contar, Gio. — Eu assinto e fico quieta. — Ela se sentiu encurralada e atirou...

— Não! — Começo a chorar. Meu Deus, não pode ser verdade! Por favor, que Nicholas esteja

bem!

— Ela atirou contra sua própria cabeça, Giovanna. — Arregalo os olhos. — Na frente do Nick e do pai dela.

Eu fico sem palavras, com o coração disparado e o estômago embrulhado. Eu nunca pensei que ela chegaria a um extremo desses! E na frente do Nicholas!

— Como ele está? Ela morreu?

— Ela está no hospital. Seu estado é crítico, mas ainda está viva. — Suspira. — Quando eu falei com o Nick, ele estava na delegacia, depondo, e depois ia seguir para o hospital.

— Como ele estava, Tony?

Ele dá de ombros, e eu desabo, sabendo que ele deve estar se culpando por tudo isso.

— Eu preciso ir até...

— Não, Gio. Você acabou de receber alta, precisa pensar na Mia, além disso, eu acho que sua

PERIGOSAS ACHERON

presença lá não ajudaria muito. Ele precisa de um tempo.

Mais uma vez, faço uma prece, uma que eu nunca poderia imaginar fazer: que Caroline fique bem.

Capítulo XXVI

Nicholas

A ambulância e a polícia chegaram quase ao mesmo tempo ao prédio dos Nogueiras, e tudo se transformou ainda mais numa tragédia grega quando Sandra apareceu. Ela gritou comigo, ameaçou-me e, quando soube o motivo pelo qual sua filha fez o que fez, gritou que eu era um mentiroso.

Eu nem preciso dizer que os investigadores do caso ficaram furiosos comigo por eu ter ido procurá-la antes que a prendessem. Acompanhei-os até a delegacia e lá relatei tudo o que aconteceu nessa manhã.

Falei com Tony e Frank ao telefone e pedi que eles não deixassem Giovanna saber por enquanto, pois eu queria que ela tivesse pelo menos

PERIGOSAS ACHERON

uma noite tranquila após a alta.

Não segui direto para o hospital, fui até o antigo colégio onde estudava, onde conheci Carol e construímos nossa amizade. O que eu disse a ela é verdade: eu não reconhecia mais a menina que era minha melhor amiga. A Carol companheira, doce e divertida deixou de existir a partir do momento em que ela transformou o sentimento amigável no amoroso, e só eu não vi — ao menos no começo — essa transformação acontecer.

Eu pensava que ela iria superar, mas confesso que piorei tudo quando decidi dar-nos a chance de tentar ser um casal e levei isso adiante, enganando a mim e a ela.

Sim, sou culpado por não ter percebido sua obsessão, principalmente depois que Nelson confessou que ela o pagava para tomar conta de mim durante todos os anos em que ele me acompanhou em obras. Caroline sabia de cada

PERIGOSAS ACHERON

passo que eu dava, mesmo sem que eu lhe contasse.

Isso, com certeza, não foi nada perto de atirar em si mesma em nome do amor que sente por mim, perto de ter mandado matar Giovanna, de ter comprado documentos falsos e uma viagem à Alemanha para o Baden. Ela usou o dinheiro da venda de seu apartamento para financiar aquele louco.

Como eu pude ser tão cego? Como não percebi que ela não estava bem, que o amor que sentia por mim não era normal?

Cheguei ao hospital e encontrei meus pais na sala de espera.

— Nick, o que aconteceu? — Minha mãe parecia desesperada.

— É uma longa história, mãe! — Sentei-me cansado. — Alguma notícia dela?

— A Sandra e o Rildo foram conversar com a equipe médica que a está atendendo. Ela está em PERIGOSAS ACHERON

cirurgia, Nick.

— Por que há policiais aqui no hospital? —
mamãe sussurrou.

Então eu contei aos meus pais tudo o que aconteceu desde quando Giovanna acordou e disse o que o Baden falou sobre Caroline até o momento em que essa atirou contra sua própria cabeça.

— Oh, meu Deus! — Gilberto abraçou minha mãe com força enquanto ela chorava em seu peito.
— Eu nunca pensei que ela pudesse...

— Ninguém pensou, Cecy! — meu pai afirmou. — Nós não conhecíamos a verdadeira Caroline.

— Eu me sinto tão culpado, mãe! — Solucei ao dizer isso, chorando pela primeira vez. — Eu devia ter notado. Eu devia tê-la ajudado a se tratar...

— Não fique assim, Nicholas. Meu filho, como eu disse à sua mãe, ela escondia isso muito bem.

— Giovanna sabe?

— Não, e nem quero que saiba disso hoje, mãe. Ela já tem os próprios fantasmas para afastar.

Ficamos na sala de espera conversando por longos minutos, até que os pais de Caroline retornaram. Sandra quis me atacar, mas Rildo a conteve.

— Eu sinto muito, Rildo, por tudo isso — Gilberto foi o primeiro a quebrar o gelo.

— Eu também sinto, Gil. — Ele olhou para a esposa. — Como está a Giovanna?

Eu me surpreendi com a pergunta, mas sabia que Rildo sempre fora o membro mais lúcido e normal daquele casal, tanto que eu pensava que Caroline houvesse puxado essas características dele.

— Ela está bem, se recuperando — fui eu quem respondeu.

Sandra começou a chorar, e minha mãe foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

até ela para consolá-la.

— Eu vi o mandado e conversei com os policiais. Pelo que consta ali, minha filha armou um plano terrível. — Rildo suspirou. — Eu sabia que algo errado estava acontecendo com ela!

— O que os médicos disseram? — perguntei temeroso.

— Estão a operando e depois vão acompanhar o edema cerebral. — Ele pareceu mais velho e cansado quando disse isso. — Só o tempo dirá.

Fiquei ali durante horas, esperando o fim da cirurgia, e quando os médicos apareceram para conversar com a família, respirei aliviado ao saber que ela tinha resistido e que estava sendo encaminhada para a UTI. Aparentemente, a bala não atingira nenhuma parte de alto valor do cérebro, passando pela parte direita e saindo do crânio.

PERIGOSAS ACHERON

Carol atirou assim que virou a arma, sem mirar ou encostar o cano na cabeça, por isso tem grandes chances de sobreviver. Ela ter sido socorrida imediatamente fez toda diferença.

Quando o casal Nogueira saiu da sala para ver sua filha, meus pais me ofereceram carona para casa, mas eu neguei, pois pensava em ir direto ao apartamento de Giovanna, porém, não consegui ir.

Fui até a cobertura do Castellani, e Sônia me recebeu de braços abertos. Entrei na minha suíte, mas não consegui ficar, pois muita coisa ali dentro me lembrava de Caroline, fazendo-me sentir um misto de raiva e culpa.

Não posso perdoá-la pelo que nos fez, pelo que tentou fazer a Giovanna, mas isso também não é suficiente para que a imagem dela atirando em si mesma deixe de me perturbar.

— Fiz um chá para você. — Sônia me entrega a xícara. Estou há algum tempo sentado em

PERIGOSAS ACHERON

meu escritório, já que não consegui ficar no quarto.

— Sônia, eu sei que é tarde, mas você me ajuda a guardar minhas coisas? — Ela assente. — Eu vou fechar o apartamento. — Olho tudo em volta. — Amanhã, você vai para o prédio Villazza.

Ela sorri e começa sua tarefa, pegando as malas no armário e as abrindo em cima da cama. Eu tomo o chá e começo a recolher minhas coisas de trabalho e objetos pessoais, como livros e CDs, já que já levei as roupas.

Já passa das 10h da noite quando pego meu celular e constato que Giovanna me ligou várias vezes ao longo do dia.

— Nicholas! — Ela atende. — Onde você está? Você está bem?

— Estou no Castellani, mas já estou indo para aí. — Suspiro. — Está muito cansada? Se estiver, pode dormir...

— O Tony me contou da Caroline, Nicholas.

— Fecho os olhos não querendo me lembrar do que aconteceu. — Eu vou esperá-lo sempre, meu amor, nunca se esqueça disso!

— Eu amo você, Gio! — declaro, sentindo lágrimas em meus olhos. — Amo muito você!

— Eu também te amo! Venha em segurança, por favor. Sua filha e eu estamos aqui te esperando.

Sônia fecha a última mala, e eu peço ajuda aos porteiros para descer toda a bagagem até o carro.

— Arrume suas coisas e vá para o edifício Villazza. — Sônia assente. — Obrigado por tudo, Sônia.

Quando chego ao Villazza, deixo a maioria das malas dentro do carro, subindo apenas com duas. Aperto a campainha do apartamento de Giovanna, lembrando que ela precisará me dar uma cópia da chave, já que estou me mudando para cá.

Tony atende, vestindo um roupão de seda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

azul.

— Nick! — Cumprimenta-me com um abraço. — Como você está?

— Bem, obrigado. — Dou de ombros, e ele me ajuda a entrar com as malas. — Caroline foi operada e está viva.

— Sei que era sua noiva, mas eu não consigo ter pena dela. — Eu compreendo isso. — Mas que bom que está viva.

Giovanna chega à sala usando aquele roupão que eu gosto, de seda negra, e com o cheiro de seu hidratante chegando até minhas narinas.

Sorrio triste para ela, que vem até mim e me abraça.

— Eu estava tão preocupada...

— Me desculpe por não ter visto suas ligações, mas é que eu ainda estava tentando assimilar tudo o que aconteceu. — Beijo-a. — Mia está bem?

PERIGOSAS ACHERON

Ela assente, e Tony se despede de nós dois.

Conversamos um pouco, e depois vou para o banho. Encosto minha cabeça no azulejo, pensando em tudo novamente, sentindo meu corpo gelar ao me lembrar do que Caroline foi capaz de fazer.

Então sinto as mãos de Giovanna deslizarem pela minha cintura e recebo seu abraço forte e beijos em minhas costas.

— Não se prenda, Nicholas. — Eu balanço a cabeça, liberando o choro. — Eu imagino que não deve ter sido fácil, mas a escolha não foi sua, e sim dela! Deixe ir, chore, desabafe.

Viro-me para abraçá-la e a beijo com todo meu amor.

— Obrigado por estar ao meu lado. — Encosto minha testa na sua. — Obrigado por me entender.

— Eu amo você.

Sorrio, sentindo meu coração se acalmar e

uma deliciosa sensação de paz.

— Obrigado por isso também!

Beijo-a novamente, sentindo meu corpo implorar pelo dela, mas me contendo, pois Giovanna acabou de sair do hospital.

Entretanto, quem disse que ela se importa com isso? Saímos do chuveiro e fazemos amor devagar e cheios de carinho. Dissemos a todo momento o quanto amamos um ao outro, e eu adormeço com ela em meus braços, seguro e feliz por ter tido uma nova chance de ser feliz.

Capítulo XXVII

Giovanna

Está frio, e eu ajeito o casaco de Mia antes que Nicholas a coloque na cadeirinha de segurança do carro que veio nos buscar no aeroporto. A viagem até a Itália foi tranquila, junto aos meus irmãos, minha cunhada Isabella, meus sobrinhos, Nicholas e Mia.

As crianças, já acostumadas ao trajeto e ao longo tempo dentro do avião, levaram jogos e se divertiram juntas, enquanto nós, adultos, conversamos sobre os últimos acontecimentos antes de deixarmos o Brasil.

Felizmente, conseguimos resolver tudo com a polícia rapidamente, e com a estabilidade no quadro de Caroline, nós nos sentimos prontos para poder viajar, o que me deixou muito feliz, pois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tony estava impaciente para estar com a Marina e o filho.

Eu tenho visto Nicholas lidando muito bem com o que presenciou, ainda mais por saber que ela já está fora de perigo. Eu sei que ele está muito magoado, penso que até mesmo com ódio dela, mas notei que o ato que ela cometeu na sua frente o deixou um pouco sem chão, e saber que ela sobreviveria o deixou mais tranquilo.

No dia seguinte em que eu recebi alta do hospital e que houve todo aquele alvoroço por conta de Caroline, meu pai biológico, Gilberto, foi me visitar no apartamento. Ele chegou com uma cesta de guloseimas para Mia, a maioria confiscada por mim, e fez a alegria da minha menina.

Eu senti, ali, vendo os dois juntos, brincando como avô e neta, o quanto ele ama minha filha. De vez em quando, o pegava olhando para mim, sorrindo como um bobo e lhe retribuía o sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Nicholas, que tinha ido à polícia mais uma vez, retornou quando nós três estávamos sentados no chão do quarto de Mia e Gilberto lhe contava uma história.

— Eu não acredito que você ainda se lembra dessa história, pai! — Nicholas nos surpreendeu, parado à porta do quarto. Estávamos tão entretidos com o jeito que Gilberto narrava a história de como o leão do Mágico de Oz conseguiu realizar seu sonho de ser corajoso que não o havíamos notado. — Nós passamos toda a nossa infância tentando encontrar essa coragem igual à do leão! — Riu. — Acho que foi assim que nasceu essa loucura de apostas entre mim e o Bê!

Ele se senta ao meu lado, e eu passo a mão em seus cabelos curtos, provenientes de mais um desses desafios loucos em que os dois ficam se provando.

Nicholas pegou Mia no colo e terminou de

PERIGOSAS ACHERON

escutar conosco a história, muito bem contada, com direito a vozes diferentes e sonoplastia bucal.

Mais tarde, quando Sônia, que se mudara para meu apartamento mais cedo, levou Mia para o banho, nós três nos sentamos no sofá colorido de minha menina, cheio de bichinhos e bonecas, e finalmente pudemos conversar.

— Eu soube notícias de Caroline, Nick — Gilberto começou o assunto. — Sua mãe está acompanhando o caso por causa da Sandra e do Rildo, mas eu não pude, apesar dos anos de amizade e de ter visto aquela menina crescer.

Ele pegou minha mão e a apertou contra a sua, transmitindo-me apoio e demonstrando que o que Caroline fez ao atentar contra minha vida o tinha magoado muito.

— Eu também não quero mais ir ao hospital, mas não quero que ela morra, pai. O que Caroline fez conosco não tem perdão!

— Nem o que tentou fazer a si mesma, meu filho! — lamentou Gilberto. — Ela não deu um tiro em sua própria cabeça para se livrar da cadeia, mas sim para deixar você infeliz e sentindo culpa. Caroline tentou te manipular e prejudicar até o último instante.

Eu concordei com o Gilberto, sabendo que, se ela tivesse tido êxito, Nicholas estaria carregando essa culpa dentro de si, ainda mais sabendo como ele é com relação ao próximo, preocupado com as pessoas, em fazer o bem. Aquele tiro acertou-a, mas foi direcionado a prejudicar o Nicholas. Eu agradeço por ela só ter cometido essa loucura quando ele já estava de partida e com seu próprio pai a assistir, porque senão a louca poderia querer ainda incriminar o homem que amo.

Suspirei inconformada com as atitudes daquela mente doentia de Caroline. Eu pensei que

PERIGOSAS ACHERON

ela fosse apenas uma mulher despeitada e falsa, mas conseguiu surpreender até a mim por ser uma pessoa fria e desequilibrada.

— Ao que parece, ela tem suportado bem essas horas após a cirurgia e, daqui a mais um pouco, já estará fora do risco crítico, mas os médicos não sabem dizer a extensão do dano causado ao cérebro. — Gilberto bufou. — Eu estou lhes contando isso para que esqueçam um pouco esse assunto e sigam em frente com o plano de vocês de viajarem e ficarem juntos. O destino de Caroline só compete a ela mesma agora.

Eu encarei o Nicholas, que concordou com as palavras de seu pai.

— Ontem eu fiquei muito abalado com tudo isso — Nicholas continuou. Gilberto lhe disse que seria impossível não ter ficado. — Mas, hoje, ao acordar e abraçar a Giovanna e ouvir as risadas de Mia conosco na cama, eu dimensionei o que ela

PERIGOSAS ACHERON

tentou fazer ao mandar Baden para o haras. Eu perderia tudo, pai, ou minha filha perderia. — Eu engoli em seco ao ouvi-lo dizer isso com a voz cortada de dor. — Eu não posso ter pena de uma pessoa que tentou destruir minha família! Eu lamento que tudo tenha chegado a esse extremo e, de verdade, não quero o mal dela, apenas que arque com as consequências do que fez.

Nós dois concordamos com ele.

Em momento algum desde que eu soube que ela tentara tirar a própria vida, eu desejei que ela morresse, pelo contrário. Meu desejo é que se recupere da melhor forma possível para que tenha consciência do que fez e pague por seus crimes. A morte de Caroline só facilitaria a coisas para ela, que não iria sofrer nenhuma consequência de seus atos e ainda iria fazer Nicholas se sentir culpado.

— Acho que é hora de vocês dois serem felizes, meus filhos. — Meu coração disparou ao

PERIGOSAS ACHERON

ouvi-lo nos chamar assim. — É tudo que desejo para vocês, que sejam felizes, que cuidem de minha neta e que façam mais alguns para eu poder mimar.

Nicholas sorriu e me deu uma piscadinha, e eu lembrei, mais uma vez, que ainda não lhe contara do anticoncepcional. Ainda precisamos conversar sobre isso e planejar, dessa vez, o melhor momento para termos mais uma criança.

— Eu prometo, pai, que vou fazer sua filha feliz! — Gilberto riu ao notar quão estranha era essa nossa situação familiar. — E prometo me esforçar para expandir a família... — Eu ri, sem graça. — Confesso que não é nenhum sacrifício.

Gilberto gargalhou, e eu dei um tapa no ombro de Nicholas, que me agarrou e beijou.

Almoçamos juntos, com um clima muito mais leve e divertido dentro do meu apartamento. Gilberto, que é louco por doces, confessou estar esperando a sobremesa, mas então eu lhe informei

que era aniversário do meu irmão Tony e que nós tínhamos comprado um bolo para fazer uma surpresa para ele.

Subimos todos ao apartamento de Frank, e Isabella, assim que me viu, arrastou-me juntamente com Mia para a cozinha.

— Ele não está de bom humor hoje — informou-me.

— Tony? — Ela negou. — Ah... o que houve com o *padulo*?

Ela gargalhou com o apelido.

— Vai mesmo continuar chamando-o assim? — Eu afirmei, mas perguntei se lhe incomodava, e ela negou: — Não, mas ele fica sem graça, principalmente quando estamos na Itália.

— Frank pentelhou nossa existência quando erámos crianças e adolescentes, então, nada mais justo que lhe dar um pouco de retribuição!

— Eu amo o jeito como vocês convivem,
PERIGOSAS ACHERON

com tanto amor, tanta intimidade... É lindo, e espero que meus filhos sejam assim, tão unidos quanto vocês três!

Eu fiquei emocionada ao constatar que ela tinha razão. Nós três sempre tivemos nossas rugas, mas sempre fomos unidos e parceiros.

— Mas, voltando ao assunto... — Ela deu uma risada matreira. — Bem, eu ando bem indisposta nesta gravidez, então as coisas estão meio devagar... — Fez um gesto, e eu gargalhei, imaginando meu irmão desesperado. — Ele está cuspiendo maribondo hoje, e eu queria te pedir para controlar o Nick um pouco, porque, se aqueles dois começarem a se provocar, o Frank vai querer aliviar sua *tensão* dando umas porradas nele.

— Pode deixar, Isa. Eu fiquei sabendo que os dois fizeram as pazes durante esses dias em que eu estive no hospital, então acho...

— *Vaffanculo, frangote!* — escutamos a voz

de Frank.

Nós duas caímos na gargalhada e fomos juntas ver o que os dois estavam aprontando. Ficamos surpresas ao notar que estavam no salão de jogos, jogando bilhar.

— Ferrou! — eu disse a Isabella.

— Ele é bom nisso?

— Não sei, mas, pelo xingamento do Frank, acho que sim. Além do mais, Nicholas é competitivo e adora um desafio. — Mal terminei de falar e Gilberto se aproximou de nós.

— Nick achou mais um que gosta de uma aposta! — Eu revirei os olhos. — Mas acho que seu irmão não vai achar engraçado quando perder, como o Bernardo faz.

Isabella negou com a cabeça, e eu suspirei.

— Foi bom enquanto durou! Adeus, trégua!

Tony, que tinha ido até a empresa para conversar com o seu Diretor de Operações de Nova PERIGOSAS ACHERON

Iorque, chegou à cobertura de Frank e foi surpreendido por nossa festa. Meu irmão, sempre fechado, mas muito sensível, segurou o choro e agradeceu a homenagem, mas eu sabia que ele gostaria de estar com a Marina e o Henrique naquele dia.

— Falta pouco para a gente ir, Tony!

Ele sorriu para mim.

— Estou morrendo de saudades, Gio! Essa história de vídeo-chamadas era legal quando nós começamos a namorar, mas agora aumenta ainda mais minha vontade de estar perto deles.

E não demorou muito mais, pois hoje pela manhã — o aniversário do Tony foi ontem —, nosso piloto já estava com o plano de voo aprovado e nos esperando para embarcar.

E aqui estamos nós!

Enquanto o motorista dirige, eu vou sentada ao lado de Mia, vendo as paisagens que eu tanto

amo e o trânsito caótico de Roma, que eu tanto odeio.

Meus pais vivem em Pinciano, um bairro nobre e tradicional de Roma. O trajeto do aeroporto até lá, neste horário, no meio da tarde, leva cerca de uma hora, por causa do trânsito pesado.

Nicholas vai conversando com o motorista, treinando seu italiano, enquanto Mia cochila na cadeirinha ao meu lado. Em outro carro estão Isabella, Tony e as crianças, porque Frank pediu que deixassem uma de suas motos amadas no aeroporto e seguiu matando a saudade da máquina.

Eu penso que essa situação, de Nicholas estar indo finalmente conhecer meus pais e minha casa, deveria ter acontecido há três anos, mas acredito que há motivo para tudo e que nada acontece por acaso.

Quando finalmente avisto o portão do condomínio onde fica nossa casa, sorrio com as

PERIGOSAS ACHERON

lembranças boas, sabendo que Mia irá ficar muito feliz de volta à casa dos *nonni*, lugar em que ela passou o primeiro ano de sua vida.

— Bem-vindos! — Minha mãe está à nossa espera na frente da casa, com os braços abertos. — *Dio Santo, piccola mia!* — Ela me aperta em seus braços e faz uma inspeção geral de mim antes de sorrir. — Agora que o *stronzo* do teu irmão me contou o que houve! — Olha feio para Frank, que está com Isabella e os filhos, enquanto Tony beija Marina como se estivesse morrendo.

— Ei, Tony! — eu grito quando minha mãe vai apertar minha filha. — Deixa a Marina respirar!

Frank gargalha, e Tony me mostra o dedo do meio, sendo imediatamente repreendido pela *mamma*.

Ah, sim, minha mãe xinga como um marujo, mas diz que, em sua casa, isso é privilégio dela!

— Nicholas! — Ele a cumprimenta. — Bem-

PERIGOSAS ACHERON

vindo à família! — Ela o abraça. — Eu sempre soube que esse momento iria acontecer.

— Eu também, dona Silvia. — Olha-me intensamente. — Por mais que eu negasse ou tentasse me enganar, eu sabia!

Sorrio para ele, e nós dois entramos juntos, pela primeira de muitas vezes, eu espero, na casa da minha família.

Meu pai, como todo viciado em trabalho, está na Villazza. Embora ele seja presidente do conselho, gosta de acompanhar de perto o trabalho feito em seus hotéis, e a poucos dias do Natal, ele ainda não diminuiu o ritmo.

Seguimos direto para nosso quarto, que até então era o *meu* quarto, e acomodamos Mia no berço.

— Será que ela não irá estranhar dormir no berço? — Nicholas fica preocupado.

— Quando nos mudamos para Nova Iorque,
PERIGOSAS ACHERON

ela ainda dormia nele. — As lembranças da minha filha quando era bebê inundam minha mente. — Você vai poder ver milhares de fotos dela, pois minha mãe...

— É fanática por fotos de família — complementa me abraçando pela cintura. — Eu ainda me lembro de todos os detalhes de todos os momentos de quando estávamos juntos. — Ele toca, por baixo da manga de minha blusa, na minha tatuagem. — Eu quis tirar a minha assim que você foi embora, mas não consegui — dito isso, arranca seu suéter e se vira de costas. — Você estava tatuada no meu coração, Giovanna, então do que adiantava eu tentar tirar essa aí? — Eu sorrio e passo os dedos pelo desenho do cavalo. — Além disso, eu adoro essa tatuagem.

Minhas mãos começam a deslizar pelas suas costas, sentindo seus músculos, a maciez de sua pele, o que começa a me deixar bem excitada.

— Vamos para o banho? — convido-o.

Nicholas me prende em seus braços e devora minha boca, sua língua se enroscando na minha, seus lábios molhando os meus.

— Seu pedido é uma ordem!

Sem avisar, ele me levanta em seus braços e me leva para o banheiro, de onde nós só saímos quando ouvimos nossa filha nos chamando muito tempo depois.

Os dois dias que antecederam o Natal foram mágicos. Nicholas e meu pai se deram tão bem que Andreas Villazza já o está chamando de filho. Claro que houve uma certa conversa a portas fechadas no escritório dele, mas depois foi só amor entre os dois.

Nicholas se nega a me dizer o conteúdo da

PERIGOSAS ACHERON

conversa, mas eu posso imaginar que meu pai deve ter feito um discurso sobre um homem e a responsabilidade com sua família e depois comprovado que Nicholas cumpria os requisitos por ele estabelecidos.

Entretanto, emoção mesmo eu senti quando meu pai me viu. Já era de noite, e eu estava na cozinha com a *mamma* e a Giulia, nossa cozinheira desde que voltamos a morar na Itália. Eu confesso a vocês que Andreas Villazza, para mim, é sinônimo de fortaleza, então vê-lo chorar da maneira como fez, segurando-me em seus braços tão forte que me fez lembrar de quando eu me machucava e ele me colocava em seu colo, emocionou-me.

Choramos todos ali, tamanha a emoção que o reencontro nos trouxe. Minha mãe se preocupou com ele, mas, além de forte e viciado em trabalho, meu pai é orgulhoso e não ouviu nenhuma das recomendações sobre cuidado com a pressão e o

PERIGOSAS ACHERON

coração.

Eu só tenho a agradecer por esta família, por ter tido a oportunidade, mesmo em meio a tanta tragédia que me cerca desde meu nascimento, de ser parte dela, de ser uma Villazza.

— Gio! — minha mãe me grita pela sétima vez, tirando-me dos meus pensamentos e recordações.

Todo ano, as festas de final de ano da família são um evento. Meus pais têm uma pequena *villa* em Nápoles, perto do mar, e todo Natal nós passamos aqui, com todos os membros da família reunidos, e no Ano Novo, mamãe faz a festa no salão do Villazza Roma.

— Eu preciso da estrela de cristal este ano!
— Olho para essa senhora distinta e idosa pendurada em uma escada, tentando alcançar o topo de uma árvore de Natal de mais de dois metros de altura. — Esta aqui ficou horrorosa. *Giovanna!*

— grita-me de novo, e eu corro para pegar a tal estrela que ela quer, fazendo careta para a decoração que ela bolou nesse ano. Não consigo entender como uma pessoa pode ter tanto senso de estilo e fazer um negócio desses!

Olho para uma das bolinhas da árvore — estão estampadas com fotos nossas — e faço careta novamente.

— Agora, sim! — ela diz satisfeita depois de ter colocado a tal estrela no lugar da outra.

— Posso ir agora? — indago ansiosa para me juntar aos meus irmãos na cozinha, pois sei que estão lá fazendo o controle de qualidade da comida, ou seja, beliscando tudo.

— Ainda não. — Pelo sorriso, sei que aí vem coisa! — Tenho uma coisa para você.

Entrega-me uma caixinha, e eu a olho com curiosidade, pois ela sempre proibiu *expressamente* que algum presente seja entregue antes da manhã

de Natal.

— Posso abrir mesmo?

Ela confirma, e eu puxo a tampa da caixa, vendo mais uma daquelas bolinhas bregas. Então, quando percebo quem são as pessoas ali estampadas, sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Pego a esfera e a giro, vendo aparecer Nicholas e Mia sorrindo, e, em seguida, aparecem Gilberto, Cecília e Bernardo.

— Ai, mãe! — Não seguro o choro e a abraço. — Ficou lindo!

Ela me chama para pôr o enfeite, e eu vejo, ao lado do local que ela indicou, mais uma bolinha com uma foto de Nicholas, mas, dessa vez, comigo.

— Eu sempre tento um jeito de manter essa família grande e unida, mas vocês sempre acham um meio de reclamar das minhas fotos, dos meus murais... — Olho de esguelha para um dos famosos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“murais da vergonha” cobrindo toda a parede do corredor que leva a esta sala. — Foi por isso que esse ano decidi fazer de um jeito que simbolizasse o verdadeiro espírito do Natal: a família. Sem vocês, não há Natal perfeito, não importe o quanto eu enfeite esta casa.

Mais uma vez eu a abraço, chorando. Dona Silvia, durona como sempre, me dá alguns tapinhas nas costas e me despacha para a cozinha.

— Eu sei que o grupo do controle de qualidade já está por lá! — comenta voltando a colocar mais enfeites na sala.

Quando entro no recinto, ponho as mãos na cintura e olho com cara feia para o grupo ali reunido. Nosso controle sempre foi composto apenas por mim, Frank e Tony, mas esse ano começou a ganhar reforço, pois Marina e Isabella estão aqui, lambendo vasilhas em que algumas sobremesas foram preparadas.

PERIGOSAS ACHERON

— Epa! A única mulher integrante era eu! —
reclamo com meus irmãos.

— E nós dois os únicos homens! — Frank
faz sinal para o lado, e eu vejo Nicholas ajudando
Giulia com uma panela, mas com uma mancha de
chocolate no canto da boca.

Nicholas sorri para mim, fazendo depois uma
careta para o Frank.

— Pelo menos, eu ajudo a cozinhar! —
retruca, e eu concordo, mandando meu irmão ficar
quieto.

— Hum... o cheiro está delicioso! — Estico-
me um pouco e cheiro seu pescoço. — Há um
pouquinho de chocolate no canto da sua boca —
cochicho ao seu ouvido.

— Limpa para mim. — E fecha os olhos.

Eu deslizo a ponta da minha língua e retiro o
bocado de chocolate.

— *Porca miseria!* — Frank resmunga, e eu
PERIGOSAS ACHERON

gargalho.

— Deixe-o reclamar, Gio, eu tenho bastante escondido para mais tarde! — Eu me arrepio ao me lembrar da última vez em que ele apareceu com um doce, no quarto lá no haras. — Quero te lambuzar inteira com ele e depois passar a noite te limpando.

— Eu não vejo a hora!

Os convidados da festa começaram a chegar por volta das 8h da noite. Nicholas está lindo, vestindo um terno azul-marinho e com uma gravata vermelha da cor do meu vestido.

Mia parece um anjo, com um vestidinho de veludo azul-celeste e uma coroa de flores na cabeça. Meus sobrinhos maiores se juntaram aos filhos dos meus primos e estão fazendo uma algazarra no salão onde *mamma* colocou os jogos.

Frank, reconhecidamente o pé de valsa oficial da família, já dançou com todos as nossas tias e algumas primas e finalmente tem Isabella nos braços.

Tony e Marina conversam com Guido, que apareceu com uma namorada esta noite, Antonella.

Tudo está lindo e perfeito, eu estou feliz ao lado do homem mais incrível do mundo, meus irmãos também irradiam felicidade com suas esposas e filhos, e meu pais são só sorrisos com os netos.

Não falta mais nada... Eu escuto o tintilar de um cristal e vejo Nicholas perto da árvore de Natal batendo com uma colherzinha em sua taça de champanhe.

— Eu gostaria da atenção de todos! — fala em perfeito italiano.

Os sons da festa cessam, e o silêncio é tão grande que eu posso ouvir as batidas do meu

PERIGOSAS ACHERON

coração.

— Como todos aqui sabem, eu sou o pai da Mia, essa menina linda e doce que todos adoram. — Ela sai correndo na direção do pai, que a pega no colo. — Porém, apesar de achar isso um enorme privilégio, penso não ser o suficiente, pelo menos não para o que sinto. — Aproxima-se de mim. — Eu quero ser mais do que o pai de Mia, Giovanna. Eu quero ser seu parceiro, seu amigo, seu amor e, mais do que tudo, quero ser seu por inteiro. — Ele entrega sua taça à minha mãe, que também pega Mia. Nicholas tira do bolso uma caixinha, e eu sinto meus olhos umedecendo. — Eu quero te devolver uma coisa. — Ele a abre, e eu vejo o anel que usei há mais de três anos. — Ele esteve guardado, escondido, durante todos esses anos em que ficamos separados. Fiz com ele o que tentei fazer com o amor que sentia por você, porém, nem mesmo as paredes frias de um cofre ou da mágoa e

PERIGOSAS ACHERON

da teimosia puderam conter o que sinto. — Ele tira o anel da caixa e põe um dos joelhos no chão. — Quero que o aceite de volta, porque ele nunca pertenceu a ninguém mais, assim como o meu coração. Sempre foi seu e sempre vai ser, Giovanna. Eu amo você e ficaria ainda mais feliz e completo se puder te chamar de minha, minha esposa, minha companheira, meu amor.

Eu passo os olhos pelos convidados, vendo muitos rostos conhecidos e alguns amados. Minhas cunhadas estão limpando as lágrimas dos rostos, e, embora disfarcem, noto que meus irmãos também estão emocionados.

Meu pai tem um sorriso enorme pregado no rosto, e minha mãe aperta Mia contra o peito enquanto tenta segurar o choro também.

— Giovanna Maria Andretti Villazza, você me daria a honra de a chamar de minha para sempre?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu respiro fundo, olhando para o anel, lembrando-me da primeira vez em que o usei, da felicidade que senti, da transformação que o amor daquele homem me proporcionou.

— Sim, Nicholas. Desde que você seja meu para sempre, eu aceito ser sua!

Ele se levanta, pega minha mão e devolve o anel ao lugar do qual ele só deveria ter saído para trocar de dedo, juntando-se à aliança de casamento.

— Eu amo você, Gio!

E me beija suave e contido, com carinho, fazendo-me sentir cada letra dessa declaração de amor.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Nicholas

— Vinte minutos! — Helena Santorini aparece com a cara na porta do local onde estou.

Minha mãe vem caminhando em minha direção com um cravo natural em sua mão e um alfinete, grudando a flor na lapela do meu terno.

— Você está lindo, meu filho!

Eu lhe agradeço e lhe beijo a testa. Escuto uma risada animada e vejo Frank contando alguma coisa para Rodrigo Braga enquanto suas esposas conversam. Num outro canto, noto Elton Simplício ao telefone e meu irmão conversando com Tony, Marina e Isabella.

— Nervoso? — Lori me pergunta ao me entregar uma taça de champanhe. — Calmante *rosè*!

Eu sorrio e bebo o líquido devagar, porém, estou louco para virar a taça de uma só vez, tão nervoso quanto um garoto prestes a ter sua primeira experiência sexual.

— Eu só quero tê-la de uma vez, Lori! — Ele sorri. — Enquanto eu não deslizar aquela aliança pelo seu dedo, vou continuar nervoso, e nem todo o calmante — de que cor seja — irá conseguir me deixar tranquilo.

Ele me dá um tapinha nas costas, dizendo que falta pouco.

Mas não falta! Cada segundo que passo longe de Giovanna é como uma eternidade, assim como foi a espera por esse dia. Quando eu a pedi em casamento no Natal, Giovanna me avisou que não iria frustrar o sonho da mãe de lhe preparar um grande casamento, e eu acabei concordando com ela.

Tolo!

Dona Silvia é a pessoa mais detalhista, perfeccionista e pirada que eu conheci na vida. Antes mesmo da festa do Ano Novo, ela apareceu com uma *pequena* lista de coisas para fazer em um cronograma de dar inveja a qualquer projetista.

Quando eu olhei aquilo, numa planilha com um tema e vários desdobramentos, incluindo tempo de execução para cada tarefa, senti minha cabeça zozza e olhei para Giovanna como se tudo fosse brincadeira, uma pegadinha comigo.

Mas não era!

Duas semanas depois, estávamos sentados no salão de uma imponente casa, com uma organizadora de casamento tão louca quanto minha sogra, falando de um evento para milhares de convidados, com estrutura quase de show sertanejo: telões de LED em alta resolução, fogos de artifício, câmeras espalhadas em cada canto do local, pegando a reação dos convidados e dos noivos, e

PERIGOSAS ACHERON

uma equipe por trás, organizando tudo, trabalhando como um relógio suíço.

— Oito meses! — exclamei sem poder entender aquilo tudo. — Oito meses de uma rotina louca preenchendo todos os nossos dias! É realmente isso que você quer, Gio?

Ela deu de ombros e respondeu que era o sonho de sua mãe.

— Nenhum dos meus irmãos a deixaram preparar o evento do século, mas eu sinto que devo realizar esse sonho dela.

Eu concordei, sabendo do quanto Giovanna é grata aos pais por tudo, mas exigi que ela ficasse comigo nesses meses, morando juntos, pois eu não ia ficar namorando como um adolescente. Ela aceitou, e foi isso que atenuou a demora da oficialização da nossa união.

Nós voltamos ao Brasil e ficamos morando por um tempo no seu apartamento, no prédio de sua

PERIGOSAS ACHERON

família em São Paulo. Enquanto isso, eu ia fazendo pequenas modificações no haras, além de consertar o estrago causado pelo incêndio, que destruiu metade das baias do estábulo central. Reformei também uma sala em nossa casa e a transformei num estúdio com espelhos e barras para Giovanna poder dançar seu balé com nossa filha.

Eu me lembro da primeira vez em que Giovanna voltou lá após a obra ter sido concluída. Eu vi a mulher que amo tremer e chorar, mas também a vi superar aquele trauma causado por Hans Baden e Caroline.

Caroline se recuperou do tiro que dera em si própria, embora tenha ficado com as sequelas daquele ato. Ela ainda não consegue movimentar as pernas, embora já tenha conseguido recuperar parte de sua fala. O julgamento pela tentativa de homicídio de Giovanna ainda não foi marcado, e um advogado contratado por mim acompanha o

PERIGOSAS ACHERON

processo.

Nós nos mudamos para o haras faltando cinco meses para o casamento. Giovanna aceitou o convite dos seus amigos Elton e Lori e voltou a trabalhar na Ello, porém, na parte criativa, sem o compromisso de ser diretora geral, como era antes.

Duas vezes na semana, ela ia comigo para São Paulo para trabalhar e participar das reuniões de criação. Nos outros três dias, ela ficava no haras, ajudando-me com o negócio, fazendo campanhas de divulgação dos nossos cavalos e promovendo leilões e competições.

Giovanna é incrível, competente, com um feeling inacreditável para bons negócios e, principalmente, é uma mãe extraordinária. Mia é o maior presente que ela poderia ter me dado, e quando ela me contou que achava melhor continuar tomando anticoncepcional, eu concordei com ela, pois nossa filha precisava que eu me dedicasse só a

PERIGOSAS ACHERON

ela durante um tempo, uma vez que nós dois perdemos dois anos de nossa relação de pai e filha.

Nossa agenda de casamento, com tarefas a serem executadas até o grande dia, estava cheia, o que acabava muitas vezes nos exaurindo. Helena Santorini, a sobrinha da organizadora de casamentos que dona Silvia nos fez ver na Itália, ficou responsável por acompanhar do Brasil toda a nossa agenda, bem como acertar questões da viagem dos convidados e organização das festas e listas de presentes.

Os meses se arrastaram; embora estivéssemos sempre ocupados com o planejamento, eles custaram a passar, aumentando ainda mais a expectativa e também a frustração.

O nascimento de Luíza, filha de Tony e Marina, ocorreu bem, na Itália, e nós viajamos para lá a fim de conhecer o novo membro da família. Depois foi a vez do nascimento do bebê de Isabella,

PERIGOSAS ACHERON

o pequeno Andreas, e finalmente o dia tão esperado e suado — o do meu casamento com Giovanna — se aproximou.

Voltamos para a Itália com duas semanas de antecedência para o casamento, e quase tive um ataque quando dona Silvia nos informou que havia mudado o local da cerimônia, alegando que a casa na Toscana não teria capacidade para suportar tantas pessoas, pois sua lista infinita de convidados aumentara ainda mais.

Giovanna estava uma pilha de nervos, cansada com as atividades e estarrecida com a disposição de sua mãe para executar todas as tarefas da lista, coisa que minha sogra fazia questão, mesmo tendo uma enorme equipe de cerimonial para isso.

Uma semana antes do casamento, os hóspedes começaram a chegar. Primeiro, os familiares, meus e dela, e, dias antes do

PERIGOSAS ACHERON

matrimônio, vieram nossos amigos.

O local escolhido para o evento, a casa da família na Sardenha, é um local de acesso complicado, somente por barco ou helicóptero, mas, em compensação, a vista é esplêndida.

A estrutura começou a ser montada três dias antes da cerimônia, com a armação de enormes tendas, colocação de um piso de vidro sobre a piscina, um enorme palco para a banda e, por fim, a decoração do casamento com suas flores, tecidos e velas.

A cerimônia vai acontecer no entardecer do dia de hoje — um sábado de agosto —, de frente para o mar.

Antes de ir me arrumar, eu passei por lá e reconheci o maravilhoso trabalho coordenado pela minha sogra. O altar foi montado sobre um observatório suspenso em uma rocha, com o mar se estendendo à frente, no lado oeste da casa, ou seja,

PERIGOSAS ACHERON

durante a cerimônia, poderemos ver o pôr do sol.

Um pergolado de madeira com tecidos brancos e flores é o único detalhe ali, além do púlpito. Giovanna irá passar por um caminho cheio de flores, com um belo tapete vermelho no chão, entre os convidados sentados embaixo de tendas de tecido.

O local da festa, um gramado enorme ao sul da propriedade, foi todo coberto por tendas de teto transparente, com luminárias de cristal com velas dentro, além de muitas tochas espalhadas no lado externo.

Na frente do enorme palco, foi montada uma pista de dança sobre a piscina, que ficará iluminada, e no outro extremo, vi a mesa do bolo, ainda não decorada.

Passei hoje o dia inteiro sem ver minha esposa, que está numa área restrita da casa juntamente com as suas madrinhas, fazendo um dia

PERIGOSAS ACHERON

de SPA. Além disso, estamos a semana inteira dormindo separados; uma exigência de dona Silvia.

Há meia hora, as madrinhas começaram a se reunir com seus pares, aqui nessa sala, onde estou confinado até o momento em que Helena vier nos buscar para o começo do casamento.

Vejo Mel Boldani e seu marido, Adam, chegando finalmente. Os dois se atrasaram por causa de algum compromisso de trabalho, mas conseguiram estar aqui a tempo. Eu os cumprimento, e Mel me dá um abraço apertado, desejando-me felicidades. Em seguida, vai até a irmã, e Bernardo vem correndo até onde estou.

— Eu já combinei tudo! — ele me fala. — A tal de Helena é bem linha dura, mas com jeitinho a convenci a mudar o planejado pela dona Silvia.

— Obrigado por isso! — Respiro fundo. — Gostou da sua companheira? — Olho para a prima de Giovanna, irmã do Guido, que irá acompanhá-

lo.

— Gata! Mas aquele irmão dela... — Bernardo faz careta — O homem é ciumento como uma galinha choca! — Eu gargalho. — Ele trata a Chiara como se ela ainda fosse criança!

— Ela só tem 18, Bernardo! — aviso-o. — Recém-completados!

Bernardo dá um sorriso de lobo mau, e eu temo que, até o fim da noite, ele irá ter um pequeno embate com Guido.

— *Show time!* — Helena aparece, organizando os padrinhos, repassando pela milésima vez a posição de cada um. — Seu irmão me convenceu, mas eu espero não ser morta pela dona Silvia!

— Não vai! — Pisco para ela. — Ele te passou a tradução para que os convidados italianos possam entender?

— Sim. — Sorri. — Colocamos legenda em PERIGOSAS ACHERON

inglês também!

A porta dupla da sala de música é aberta, e eu escuto sons de um quarteto de cordas. Entro com minha mãe ao meu lado, passando por este corredor sem fim, lotado de pessoas, algumas amigas de minha família, e outras, da família de Giovanna.

Posiciono-me no altar, cumprimentando o ministro que irá celebrar o matrimônio. Então assisto à entrada dos nossos padrinhos: Frank e Isabella; Tony e Marina; Rodrigo e Sarah; Adam e Mel; Bernardo e Chiara; e, inovando completamente, Lori e Elton.

A espera por Giovanna foi incrivelmente longa, mas quando vejo Lucca e Laura seguidos por Henrique e Mia se posicionando na entrada, sinto o coração disparar, a boca secar e os olhos ficarem marejados.

Bernardo aparece atrás de mim, entrega-me um violão, instala um microfone de cabeça e toma

PERIGOSAS ACHERON

assento ao piano, ao lado do quarteto de cordas. Na programação oficial, Giovanna entraria com a marcha nupcial, mas meu irmão conseguiu convencer a nossa cerimonialista da mudança e fez um pequeno ensaio escondido com os músicos.

Escuto as primeiras notas do arranjo, sentindo-me nervoso, mas sabendo que tudo que vou cantar aqui expressa exatamente o que sinto neste momento.

Giovanna aparece, linda em seu vestido de noiva, ao lado de meu pai, o que por si só me surpreende, fazendo-me perder a entrada da música, obrigando os músicos a tocarem a introdução mais uma vez.

Ela sorri curiosa para mim, vendo-me com o violão e o microfone. Dessa vez, entro no momento exato cantando *Duas Metades* de Jorge e Mateus:

— (...) *Pra falar do amor de verdade, vou começar pela melhor metade e te mostrar tudo de*

bom que tenho. E se for preciso, desenho que eu amo você. Que eu quero você (...)

Noto seu sorriso aumentar, e ela começa a andar pelo corredor florido. Enquanto canto, percebo minha mãe limpando os olhos disfarçadamente, assim como dona Silvia.

— (...) O que de um grande amor se espera, é que tenha fogo, que domine o pensamento e traga sentido novo. Que tenha paixão, desejo. Que tenha abraço e beijo. E seja a melhor sensação (...)

Não consigo continuar cantando, deixando Bernardo sozinho quando, quase na metade do caminho, Gilberto entrega Giovanna para Andreas Villazza, que beija sua testa e continua o caminho até o altar.

Ela sorri para mim emocionada, e eu volto a cantar, olhando intensamente em seus olhos, querendo que ela sinta que essa não é uma música qualquer, mas uma que expressa exatamente o que

PERIGOSAS ACHERON

sinto por ela.

— (...) *É você que preenche a vida vazia, manda embora a agonia e que trouxe paz pro coração. Que preenche a vida vazia, manda embora a agonia e que é dona do meu coração. É você, é você (...).*

Na última repetição do refrão, entrego meu violão e o microfone para um dos colaboradores do cerimonial e desço do altar para buscar a mulher da minha vida. Cumprimento Andreas e ofereço meu braço a Giovanna, levando-a para o altar comigo.

— Adorei a surpresa! — ela comenta no meu ouvido, e eu sinto vontade de beijá-la já, porém sei que há um protocolo sobre isso. Ah, mas quer saber? Já quebrei um dos protocolos de dona Silvia, por que não quebrar mais um?

Paro no meio da escada e seguro seu rosto antes de beijá-la carinhosamente. Escuto a gargalhada dos convidados e pisco o olho para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha sogra, que balança a cabeça me recriminando, mas não para de sorrir.

A cerimônia começa formalmente. Um profissional vai acompanhando o juiz italiano, traduzindo suas palavras para o português enquanto nós dois trocamos nossos votos no altar.

Trocamos nossas alianças com promessas de amor eterno, e, assim que somos declarados marido e mulher, beijo-a tão profundamente que nossos amigos começam a assoviar e o ministro pigarreja para que nos separemos.

Caminhamos para fora do local da cerimônia enquanto arroz e pétalas de rosas são atirados em nossas cabeças, e eu, com Mia no colo, puxo Giovanna e começo a correr, gargalhando sem parar dos gritos de “viva!” dos convidados.

PERIGOSAS ACHERON

A festa está sendo monumental como minha sogra queria, mas eu confesso que estou contando os minutos para poder sair de fininho e ter minha esposa somente para mim, pois estou enlouquecido de saudade por ter ficado essa semana inteira dormindo separado dela, conforme dona Silvia nos fez ficar.

— Depois da valsa! — cochicho em seu ouvido.

Giovanna ri faceira, e eu sinto vontade de levá-la neste momento.

— Os noivos irão abrir a pista de dança! — é anunciado, e eu dou graças a Deus.

Danço com Gio a primeira música que dançamos juntos, no baile da FIN há quase quatro anos. *Strangers in the night* é a música dos meus pais, mas nós dois a escolhemos porque foi nosso primeiro contato, embora, naquela época, eu estivesse intrigado pela aproximação dela, e ela,

PERIGOSAS ACHERON

puta comigo por ter dito que ela era uma Villazza.

Na metade da música, Andreas toca no meu ombro, e eu lhe cedo sua filha, pegando minha mãe para dançar comigo. Quando a pista está lotada, sei que é a hora do sumiço dos noivos.

Vamos de fininho rumo ao quarto onde Giovanna esteve isolada de mim.

— Sua mãe sabe ser bem tirânica quando quer! — comento enquanto ela abre a porta. — Com aquele rosto e aquela voz doce, a mulher dá ordens como um general!

Assim que vejo o quarto, com pétalas de rosas na cama, velas prontas para serem acesas em todos os cantos e um champanhe no gelo ao lado de duas taças e morangos maduros, faço um lembrete de agradecer à minha sogra por ser tão eficiente e sensível.

— Vou me trocar — Giovanna anuncia.

— Não quer que eu tire seu vestido? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunto piscando para ela.

— Não. Acenda as velas! — Sai correndo para o banheiro enquanto eu executo a tarefa.

Ela demora e, por causa disso, vou adiantando meu lado, tirando meu terno e ficando somente com uma cueca preta. Então, quando minha esposa volta, eu só posso me definir como de queixo caído! Seus cabelos, antes artisticamente presos com flores, agora estão soltos, um pouco abaixo dos ombros, cheios de cachos. E, no lugar do vestido branco de seda, há um espartilho também branco todo de renda com ligas e meias e uma calcinha minúscula.

Gio fica um tempo me olhando, parecendo esperar que eu diga algo, mas eu me encontro completamente sem palavras para elogiá-la, então falo apenas o que sinto agora:

— Eu te amo!

Ela sorri e caminha sedutora até onde estou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai estourar o champanhe?

— Depois. — Deslizo meus dedos pelo seu cabelo. — Agora preciso fazer uma coisa que nunca fiz antes.

— O quê? — Sorri.

— Amor com minha esposa! — Abraço-a, aspirando seu perfume, depositando beijos em seu pescoço. — É nossa primeira vez como marido e mulher, e eu quero que seja especial.

— Já está sendo — ela sussurra.

— Obrigado por não ter deixado de me amar, Giovanna. Obrigado por me dar mais uma chance, me dar Mia, me dar uma família.

— Eu amo você, Nicholas. E seu amor foi capaz de me fazer crescer como pessoa e descobrir um sentimento único, que foi ser mãe.

Eu a pego nos braços, levando-a para nossa cama, deitando-a sobre as pétalas vermelhas, beijando-a dos pés à cabeça, passando minhas mãos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo seu corpo, excitando-a, provocando-a, completamente apaixonado pela entrega dela.

Nós dois fomos unidos bem antes de nos conhecer. Unidos pelo segredo de Gilberto, unidos por amigos em comum, por encontros inesperados. Não foi fácil chegar a este momento, pois tivemos de passar por muitas coisas, inclusive por nós mesmos. Eu ainda não sei se acredito em almas gêmeas, nunca fui muito místico ou religioso, mas com certeza era o nosso destino ficarmos juntos.

Retiro a pequena peça de renda com os dentes e em seguida beijo seu sexo, fazendo-a se contorcer em minha boca. A mulher que geme, cujo sabor eu tenho na língua neste instante, foi destinada a mim desde o princípio.

Sinto-a me puxando para cima, e nos beijamos com ferocidade. Giovanna me toca, tirando meu pau de dentro da cueca, acariciando-o, fazendo-me gemer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela é a primeira e a única mulher por quem me apaixonei. Desde quando nos conhecemos, quando crianças, ela nunca mais saiu da minha cabeça, e, por mais adversidades que tenhamos enfrentado, o sentimento só cresceu e ficou mais forte.

Penetro-a sentindo seu calor, sua umidade, e eu sei que esse é o primeiro de muitos momentos emocionantes que teremos pela frente. Eu sei que, como qualquer outro relacionamento, o nosso terá ainda algumas turbulências, mas creio que depois de tudo que passamos, estamos prontos para enfrentar o que vier juntos.

Para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Bônus

Três anos depois.

Frank

Oitenta anos!

Olho para a foto do meu pai, emoldurada e pendurada na parede, junto a centenas de outras de toda a família no famoso *mural da vergonha* dos Villazzas — como meus irmãos e eu apelidamos este lugar —, vendo o sorriso do patriarca da família, o filho mais velho de Agnello Villazza, o homem que me ensinou a ter integridade, a ser responsável e, acima de tudo, a colocar a família em primeiro lugar.

Oitenta anos!

Minha mãe, Silvia Villazza, é uma entusiasta da fotografia, colecionadora, amante e

completamente louca pela eternização de momentos. E, pela quantidade de fotos aqui dispostas, o que não faltaram foram momentos especiais em nossa família.

Meus olhos passam, imagem por imagem, vendo a nossa história sendo contada e, pela primeira vez, entendendo o propósito da minha mãe ao fazer isso. Cada fotografia aqui me traz uma sensação diferente, ora de alegria, saudade, ora de tristeza e de dor. Contudo, todas elas remetem a um só sentimento: amor.

Cheguei há algumas horas a Nápoles, lar ancestral da minha família, onde eu nasci, onde passei alguns anos antes de ir para o Brasil e me tornar um brasileiro também. Sinto-me emotivo por estar comemorando essa idade tão especial do meu pai, mas, acima de tudo, sinto-me abençoado por fazer parte dessa família.

Sinto um braço enlaçar meus ombros e olho

para o lado, vendo meu irmão, dois anos mais novo, porém um pouco mais alto, mais forte e 10 vezes mais sério que eu, Tony.

— Eu me sinto assim também! — ele comenta. — Quando chego aqui, fico horas parado olhando as fotos. — Ele ri e aponta para a mais nova de todas, tirada há apenas dois meses. — E sempre tem uma nova!

— Isso é bom, não é? — Respiro fundo. — Sinal de que a família continua.

— Falando em continuação... Marina disse que quer continuar com os murais mesmo depois que *mamma* se for. — Ele geme. — Ela até já começou um no nosso apartamento em Nova Iorque.

— *Cazzo!* Espero que sejam só fotos de vocês. — Olho-o, mas, pela sua expressão, sei que não são. — *Cazzo!*

— Por que você pragueja tanto? — Ouço a
PERIGOSAS ACHERON

voz de minha cunhada. — Achei que, agora que as crianças começaram a imitar, você iria diminuir! — Eu rolo os olhos para ela e levo um soquinho no ombro. — *Coglione!*

— Quem está praguejando agora? — provoco-a. — Além disso, seu sotaque ainda está ruim!

Tony começa a rir, e Marina mostra a língua como uma criança, arrancando-me um sorriso e me fazendo abraçá-la.

Olho para a foto do casamento deles, não sem antes ver a foto do casamento anterior de Tony, com Margie. Viro-me para ele e noto que ele faz a mesma coisa, avalia a foto, olha-a com saudades, afinal, os dois tiveram uma história longa de amor e amizade, interrompida prematuramente de uma forma trágica, deixando-o sem chão por anos.

— *Mamma* é a pessoa mais sábia deste mundo! — Marina comenta, passando a mão sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a fotografia de seus pais, há muito falecidos. — Consegue reunir em uma parede fria tantos sentimentos, tantas lembranças.

Eu concordo com ela. Meus avós, maternos e paternos, aparecem logo nas primeiras fotografias, ambos os casais no dia de suas bodas, sorridentes. Após isso, eles aparecem com os filhos, todos ainda crianças, enfileirados por ordem de nascimento, os Villazzas e os seus três filhos homens, e os Andrettis com uma sucessão de filhos e filhas, oito no total. Depois, aparece meu pai em sua graduação, seguido de minha mãe também recebendo seu diploma, e, finalmente, os dois em seu casamento. Então vem dona Silvia ostentando uma enorme barriga e, na foto seguinte, eu apareço ainda bebê com um chocalho na boca.

— Eles deveriam saber aí que você seria fumante! — Tony ri, apontando para a fotografia, e Marina o segue no deboche.

PERIGOSAS ACHERON

— Parei há bastante tempo, *stronzo!*

Pulo as fotografias em que *mamma* estava grávida de Tony e aponto para uma foto dele com uns dois anos de idade todo arrumadinho e com cabelo penteado com gel.

— E o que essa foto já diz sobre você?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Que eu seria um homem muito organizado, ao contrário de você!

— E lindo também! — Marina o beija, e eu rolo os olhos, mesmo tendo um sorriso no rosto.

Comentamos sobre as nossas fotos da infância no Brasil, a maioria em Curitiba e, quando chegamos à foto de Giovanna, linda, parecendo um anjo com seus cabelos cacheados e loiríssimos e seus enormes olhos azuis é como se a evocássemos, pois ela se junta a nós.

— Estou exausta! — Para onde estamos e suspira. — O que vocês estão aprontando agora? —

Sorri para mim. — Vamos dar prosseguimento àquele plano de sumir com as fotos, *padulo*?

— Não! — gritamos os três — eu, Tony e Marina — em uníssono, e Gio arregala os olhos, levantando as mãos.

— Ei, o que está rolando? Pensei que todos odiassem o *mural da vergonha*!

— Olha direito, *bambina*! — digo a ela. — Tente entender o que a *mamma* esteve fazendo nesses anos todos e diga o que acha.

Giovanna se aproxima do mural e, involuntariamente, toca a foto de sua mãe biológica. Eu sinto meu coração apertar ao pensar que, durante anos, escondemos dela a adoção e que isso a fez sofrer calada quando descobriu. Isso fez com que um monstro a usasse para atingir nossa família, mas também a aproximou do homem que ela ama.

— É toda a nossa história! — Eu sorrio,
PERIGOSAS ACHERON

concordando, quando ela se dá conta com os olhos cheios d'água. — Ai, meu Deus! Eu fico emotiva à toa!

Ela segura os seios, e eu bufo, odiando isso. Toda vez que ela fica brava ou muito sentimental segura os seios como se eles fossem jorrar leite e, piá, isso é como um filme de terror em minha mente.

— Mateus dormiu? — Marina indaga.

— Graças a Deus! — Ela quase suspira, e eu percebo as olheiras sob seus olhos. Minha irmã acabou de ser mãe pela segunda vez: Mateus Villazza Smythe-Fox. Eu sei que o nome é bem estranho e deveria ser apenas Villazza. É um garotinho lindo, detentor de enormes olhos azuis e uma careca branca com alguns fios loiros. Vejo sua foto na parede, a mais nova colocada ali, o Villazza mais novo. — Não me lembro de Mia ter dado tanto trabalho assim! — Giovanna continua a falar,

PERIGOSAS ACHERON

respirando fundo. — Nick e eu temos nos revezado, mas a única a ter os seios cheios de leite sou eu, então...

— Poupe-me! — Faço careta, e ela fica indignada.

— Qual é, Frank?! Eu me lembro muito bem de que, quando a Isabella teve o Andreas, você ficava dizendo que vê-la amamentar era a coisa mais linda do mundo!

— *Mia spoza!* Você é...

— *Il Sole*, Gio! A *bambina* dele! — Tony debocha. — Ele nunca consegue entender que você cresceu, por isso não se dá com o Nick até hoje!

— Ouvi meu nome?

Madonna Santa! Estava bom aqui, só com a família, por que o *maledetto* tinha de aparecer?! Eu tento disfarçar o sorriso, porque, embora seja quase uma tradição familiar a minha implicância com o *stronzo*, sei quão feliz ele faz minha irmã e que é

um ótimo pai para meus sobrinhos. Olho para ele, e meu sorriso se expande, pois vejo a minha *principessa*, Mia, em seus ombros.

— Vem com o *zio*, Mia!

Nick a põe no chão, e ela vem correndo para os meus braços.

Giovanna me olha com cara feia enquanto Tony e Marina riem.

O *franguinho* abraça minha irmã e a beija, falando algo em seu ouvido que a faz sorrir, e eu bufo, desviando meus olhos para a *piccola* em meus braços.

— Cadê a Isabella, Frank? — Nicholas me questiona, e eu o olho apertando os olhos, pois ele sabe que ainda não esqueci que, antes de Bella e eu assumirmos nosso relacionamento, ele andou arrastando as asinhas para ela. — Ainda não a vi desde que chegaram!

— Estou aqui! — Olho para minha esposa,
PERIGOSAS ACHERON

baixinha, mas linda! Ela cumprimenta a todos e vem para o meu lado. — O que vocês estão aprontando aqui? Se tocarem em uma só foto, chamo a *mamma*!

Todos gargalhamos, e eu a beijo, sentindo-me o homem mais feliz sobre a face da Terra. Tem como a vida ser mais perfeita?

A resposta à minha pergunta vem em tom de algazarra, risadas e palavrões — sim, palavrões — ditos pela matriarca desta família e seus netos.

Meus filhos, Laura e Lucca, ambos com nove anos, e Andreas, *il mio figlio minori*, de três anos, entram na sala junto com a *nonna*, que, como sempre, está distribuindo doces antes do almoço e brigando com Laura por querer ganhar mais do que os outros. Mia desce do meu colo para se juntar aos primos no justo momento em que meu pai aparece com os filhos de Tony, Henrique, de seis anos, e Luiza, de quase quatro.

PERIGOSAS NACIONAIS

A cena à minha frente é digna de ser fotografada, e penso que Nicholas poderia ser útil a essa família pelo menos uma vez em sua existência e registrar essa linda imagem com seus equipamentos fotográficos: meus pais já idosos rodeados de netos e felizes, tanto quanto eram quando nós éramos as crianças desta família.

Olho para cada um dos meus irmãos, cada qual ao lado da pessoa que ama, e penso em nossas vidas há uma década, sem nenhum desses meninos aqui para arrancar essas gargalhadas dos *nonni*. Mais uma vez, encaro o mural de lembranças de dona Silvia, fixando-me na foto do dia em que fugi com Isabella para Paris após nos casarmos escondidos em um cartório, notando como meus cabelos ainda estavam escuros e, agora, prestes a fazer cinquenta anos, eu pareço cada vez mais com o homem que me gerou e me ensinou tudo para que eu fosse o que sou hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Família. Essa palavra significa mais do que convivência sob um mesmo teto ou ligação sanguínea. Família é isso que sinto agora junto a todos: cada um tem sua característica, sua personalidade, seus defeitos, suas qualidades, mas, quando nos juntamos, tornamo-nos perfeitos, completos.

Passo as mãos em meus cabelos, bem mais grisalhos do que na fotografia que olho, e penso que, daqui a alguns anos, os sete primos estarão aqui, cada um com sua família, relembrando esses bons momentos, rindo e provocando um ao outro. Talvez, isso aconteça no meu próprio aniversário de 80 anos, se eu conseguir chegar lá como meu pai o fez, saudável e lúcido, e eu recorde de como estou me sentindo hoje.

Isabella parece perceber minha emoção e me abraça forte.

— Tudo bem?

Jogo mais uma olhada para as fotos na parede e para o grupo falante e escandaloso à minha frente e sorrio.

— Tudo ótimo! — Sorrio satisfeito. — *Tutto meraviglioso*, Bella!

FIM.

[1] *Mixed Martial Arts*: Artes Marciais Mistas

[2] *Métier*: Área de trabalho, de atuação; profissão.

[3] *Canard*: Peito de pato.

[4] Música: *Tears and Rain*; James Blunt; 2004

[5] Nota da Autora: “Como gostaria de poder redimir minha alma. Tirar as roupas que se tornaram minha pele. Ver o mentiroso que arde em minha carência” em italiano.

[6] MIT: Instituto de Tecnologia de Massachusetts é uma universidade privada de pesquisa localizada em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos.

[7] Música: *Te Assumi Para o Brasil*; Matheus e Kauan; 2016;

PERIGOSAS NACIONAIS

[8] Nota da autora: Coritiba e Corinthians, respectivamente.

[9] Trechos da música *Dio Come Ti Amo*; Gigliola Cinquetti; 1966.

[10] Nota da autora: *Deus Santo, ela sabe!* (em italiano)

[11] Nota da Autora: “Não é possível dividir assim, a vida de nós dois. Suplico-lhe: espere-me, meu amor.

Guarde nossa ilusão” em italiano.

[12] Parque Estadual Villa-Lobos, localizado em Alto de Pinheiros, às margens do rio Pinheiros, na cidade de São Paulo.

[13] Nota da Autora: “nos ajudar” em italiano.

[14] Trecho da música *Acordando o Prédio*; Luan Santana; 2017.

[15] Nota da Autora: “Putá mentirosa” em italiano.

[16] Trecho da música *Pra Que Juízo?*; Henrique e Juliano; 2015.

PERIGOSAS ACHERON